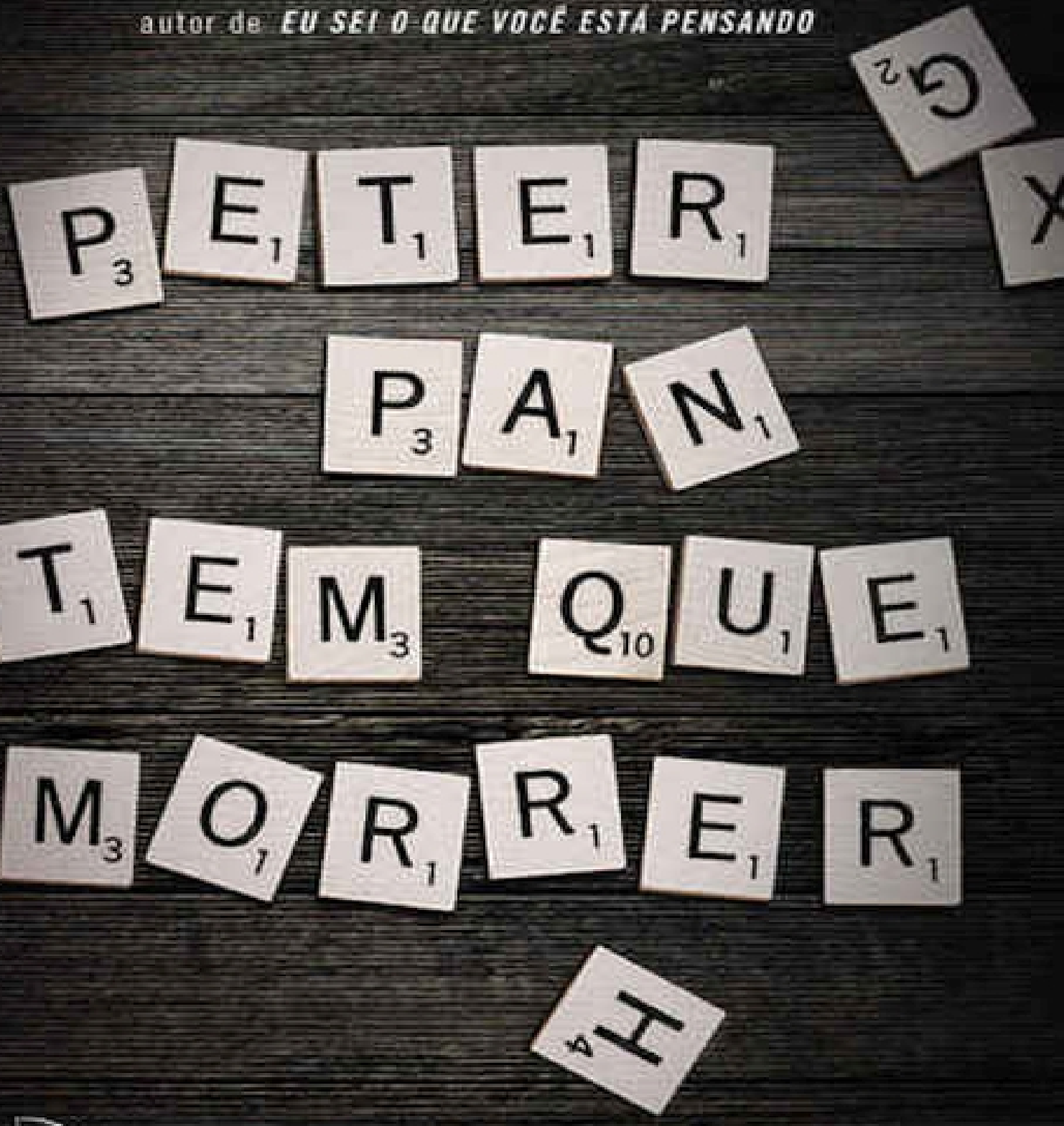
JOHN VERDON

autor de *EU SEI O QUE VOCÊ ESTÁ PENSANDO*



ARQUEIRO

Um crime chocante, um assassino infalível:
o caso perfeito para o detetive David Gurney


PETER
PAN
TEM QUE
MORRER



O Arqueiro

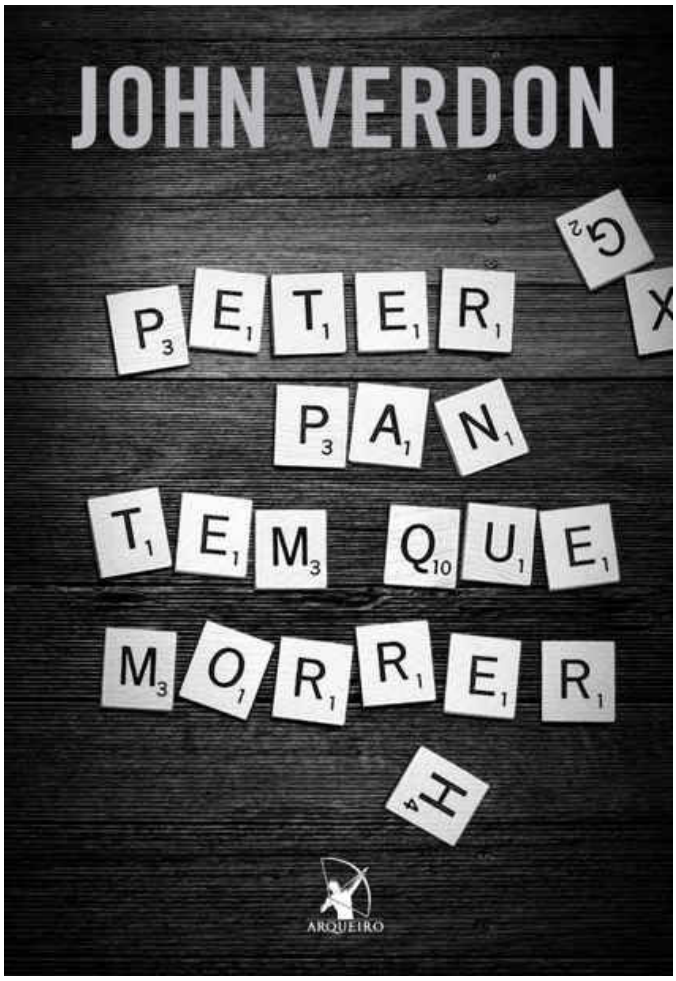
GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.


JOHN VERDON
PETER
PAN
TEM QUE
MORRER
ARQUEIRO

Título original: *Peter Pan Must Die*
Copyright © 2014 por John Verdon
Copyright da tradução © 2015 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Ivanir Calado

preparo de originais: Taís Monteiro

revisão: Cristhiane Ruiz e Hermínia Totti

diagramação: Abreu's System

capa: Raul Fernandes

adaptação para ebook: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

V595p

Verdon, John

Peter Pan tem que morrer [recurso eletrônico] / John Verdon [tradução de Ivanir Calado]; São Paulo: Arqueiro, 2015.

recurso digital

Tradução de: Peter Pan must die

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-439-4 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Calado, Ivanir, 1953-. II. Título.

15-23348

CDD: 813

CDU: 821.111(73)

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para Naomi

Prólogo

Muito tempo antes do início da matança

Houve um tempo em que ele sonhava ser o chefe de uma grande nação. Um poderio nuclear.

Como presidente, teria o dedo no gatilho das bombas. Com um simples movimento, poderia lançar mísseis nucleares. Destruir grandes cidades. Pôr fim à escória humana. Limpar a podridão.

Mas, com a maturidade, havia alcançado outra perspectiva, uma noção mais realista de suas possibilidades. Sabia que o gatilho nuclear jamais estaria a seu alcance.

Havia outros gatilhos disponíveis, porém. Um dia de cada vez, um disparo de cada vez, e muita coisa poderia ser realizada.

Enquanto pensava nisso – e durante a adolescência ele mal havia conseguido pensar em outra coisa –, um plano para seu futuro aos poucos tomou forma. Ele descobriu qual seria sua especialidade – sua arte, sua habilidade, seu campo de excelência. E isso não era pouco, já que antes não sabia praticamente nada sobre si mesmo, não tinha a menor ideia de quem, ou do quê, ele era.

Tinha muito poucas lembranças de qualquer coisa anterior a seus 12 anos.

Só lembrava do pesadelo.

O pesadelo que vinha a todo momento.

O circo. Sua mãe, menor do que as outras mulheres. A gargalhada terrível. A música do carrossel. O rosnado profundo, constante, dos animais.

O palhaço.

O enorme palhaço que lhe ofereceu dinheiro e o machucou.

O palhaço que chiava e cujo hálito fedia a vômito.

E as palavras. Tão nítidas, no pesadelo, que cortavam como navalha. “Este é o nosso segredo. Se você contar a alguém, eu dou sua língua para o tigre comer.”

Primeira parte

Um assassinato impossível

Capítulo 1

A sombra da morte

Na área rural das montanhas Catskill, no interior do estado de Nova York, agosto era um mês instável, cheio de guinadas entre as glórias luminosas de julho e as tempestades cinzentas do longo inverno que viria.

Era um mês capaz de corroer a sensação de tempo e espaço. Parecia alimentar a confusão de Dave Gurney em relação ao ponto em que ele se encontrava na vida: uma confusão que havia começado com sua aposentadoria do Departamento de Polícia de Nova York, três anos antes, depois de 25 de serviço, e se intensificara quando ele e Madeleine se mudaram para o campo, deixando a cidade onde ambos tinham nascido e vivido.

Naquele momento, um fim de tarde nublado na primeira semana de agosto, com trovões resmungando a distância, eles estavam subindo a colina Barrow, seguindo o que tinha sobrado de uma estrada de terra que ligava três pequenas pedreiras de arenito, abandonadas muito tempo antes e cheias de espinheiros de framboesas. Ele caminhava atrás de Madeleine enquanto ela se dirigia à pedra em que costumavam parar para descansar, esforçando-se ao máximo para obedecer ao frequente conselho dela: *Olhe em volta. Você está num lugar lindo. Relaxe e absorva.*

– Isso é um lago montanhoso? – perguntou ela.

Gurney piscou.

– O quê?

– Isso.

Ela inclinou a cabeça na direção do buraco fundo e largo, formado anos antes pela remoção do arenito. Quase redondo, estendia-se da pedra em que estavam, perto da trilha, até uma

fileira de salgueiros do lado oposto – uma superfície vítrea com cerca de 60 metros de diâmetro que refletia os galhos das árvores com tanta nitidez que o efeito parecia um truque fotográfico.

– Lago montanhoso?

– Eu estava lendo um livro maravilhoso sobre caminhadas nas Terras Altas da Escócia – disse ela, séria. – E o escritor vivia encontrando lagos montanhosos. Tive a impressão de que esse aí era um deles.

– Hum.

A não resposta levou a um longo silêncio, rompido finalmente por Madeleine:

– Está vendo lá embaixo? Pensei que a gente poderia construir o galinheiro ali, perto do canteiro de aspargos.

Gurney fitava, inexpressivo, o reflexo dos salgueiros. Levantou a cabeça e acompanhou o olhar de Madeleine, que descia por uma encosta suave através de uma entrada na floresta aberta por uma estrada de madeireiros agora abandonada.

O motivo pelo qual aquela rocha junto à velha pedreira tinha se tornado o lugar habitual de parada dos dois era o fato de ser o único ponto da trilha de onde a propriedade deles ficava visível – a antiga casa de fazenda, os canteiros, as macieiras crescidas demais, o lago, o celeiro recém-reconstruído, os pastos nas colinas ao redor (descuidados havia muito tempo, e nessa época do ano cheios de capitães-de-sala e margaridas amarelas), a parte do pasto perto da casa, que eles cortavam e chamavam de gramado, a faixa que atravessava o pasto baixo, que eles aparavam e chamavam de entrada de veículos –, e Madeleine, agora empoleirada na pedra, sempre parecia satisfeita com a visão de tudo aquilo, emoldurada de modo especial.

Gurney não sentia a mesma coisa. Sua mulher descobrira o local

pouco depois de terem se mudado, e desde a primeira vez que estivera ali, tudo em que ele conseguia pensar era que aquele era o lugar perfeito para um atirador de elite mirar em alguém que estivesse entrando ou saindo da casa. (Havia tido o bom senso de não dizer nada. Madeleine trabalhava três dias por semana na clínica psiquiátrica local e Gurney não queria que ela pensasse que ele precisava de um tratamento contra paranoia.)

A necessidade de construir um galinheiro, o tamanho, a aparência e o local onde ele deveria ser erguido haviam se tornado um assunto diário de conversa – obviamente empolgante para ela, ligeiramente irritante para ele. Tinham comprado três galinhas e um galo no fim de maio, por insistência de Madeleine, e estavam abrigando-os no celeiro, mas a ideia de levá-los para um novo alojamento perto da casa havia ganhado contornos.

– Poderíamos construir um galinheirozinho bonito, com uma passagem fechada entre o canteiro de aspargos e a macieira – disse ela, toda animada – de modo que nos dias quentes as galinhas tivessem sombra.

– Certo.

A palavra saiu mais tediosa do que ele havia pretendido.

A conversa poderia ter se deteriorado a partir daí, caso a atenção de Madeleine não tivesse sido captada por outra coisa. Ela inclinou a cabeça.

– O que foi? – perguntou Gurney.

– Escute.

Ele esperou – algo que fazia com frequência. Sua audição era normal, mas a de Madeleine era extraordinária. Alguns segundos depois, quando a brisa que agitava as folhas parou, ele ouviu algo a distância, em algum lugar abaixo do morro, talvez na estrada que vinha da cidade e terminava na parte baixa da “entrada de veículos”

no pasto. À medida que o som ficava mais alto, ele reconheceu o rosnado característico de um motor V8 grande demais e silencioso de menos.

Conhecia alguém que tinha um carro antigo e possante que soava exatamente daquela maneira – um Pontiac GTO 1970 vermelho e parcialmente restaurado –, uma pessoa para quem aquele ruído espalhafatoso do cano de descarga era o cartão de visita perfeito.

Jack Hardwick.

Gurney sentiu o maxilar se contrair diante da perspectiva de uma aparição do detetive com quem tinha um histórico bizarro de experiências de quase morte, sucessos profissionais e choques de personalidade. Não que não estivesse prevendo a visita. Na verdade soubera que isso aconteceria desde o momento em que ouvira falar da saída forçada de Hardwick do Departamento de Investigações Criminais da polícia do estado. E percebeu que a tensão que experimentava agora tinha muito a ver com o que ocorrera antes disso. Existia uma dívida a ser quitada, e algum tipo de pagamento teria de ser feito.

Uma formação de nuvens baixas e escuras movia-se rapidamente por cima da cordilheira distante como se estivesse fugindo do som violento do carro – agora visível de onde Gurney estava sentado – que subia pela faixa de pasto aparado em direção à casa. Por um instante, ele se sentiu tentado a ficar no mesmo lugar até que Hardwick fosse embora, mas sabia que isso não mudaria nada – só iria estender o período de desconforto antes do encontro inevitável. Com um pequeno grunhido de determinação, levantou-se da pedra.

– Você o estava esperando? – perguntou Madeleine.

Gurney olhou encosta abaixo. O GTO parou junto ao seu Outback empoeirado no pequeno estacionamento improvisado ao

lado da casa. O grande motor Pontiac rugiu mais alto por alguns segundos enquanto era acelerado antes de ser desligado.

– Mais ou menos, não necessariamente hoje.

– Você quer falar com ele?

– Eu diria que ele quer falar comigo, e eu gostaria de acabar logo com isso.

Madeleine assentiu e se levantou, afastando o cabelo curto e castanho da testa.

Enquanto se viravam para descer a trilha, a superfície espelhada do laguinho tremeluziu sob uma brisa súbita, dissolvendo a imagem invertida dos salgueiros e o céu em milhares de cacos irreconhecíveis de verde e cinza.

Se Gurney fosse o tipo de homem que acreditava em presságios, talvez considerasse a imagem despedaçada um sinal da destruição que viria.

Capítulo 2

A escória da terra

Quando Gurney estava na metade da descida da colina Barrow, no meio da floresta e com a casa fora da vista, seu telefone tocou. Ele reconheceu o número de Hardwick.

– Olá, Jack.

– Seus dois carros estão aqui. Vocês estão escondidos no porão?

– Estou ótimo, obrigado. E você?

– Onde você está?

– Descendo pelo bosque de cerejeiras, 400 metros a oeste de você.

– O morro com aquela praga de folhas amarelas?

Hardwick tinha uma capacidade especial de irritar Gurney. Não eram só as pequenas cutucadas ou o prazer que o sujeito parecia sentir em dá-las; era o eco espantoso de uma voz da sua infância: a voz implacavelmente irônica de seu pai.

– É, o da praga. O que posso fazer por você, Jack?

Hardwick pigarreou com um entusiasmo repulsivo.

– A questão é: o que podemos fazer um pelo outro? Toma lá, dá cá. Por sinal, notei que sua porta está destrancada. Posso esperar lá dentro? Tem moscas pra cacete aqui fora.

Hardwick, um sujeito de constituição sólida e cara rosada, cabelo prematuramente grisalho cortado à escovinha e olhos desconcertantemente azuis de husky siberiano, estava de pé no meio do grande cômodo aberto que compunha metade do andar térreo. Numa extremidade ficava a cozinha. Uma mesa de café da manhã redonda, de pinho, ocupava um nicho perto de uma porta

dupla de vidro. Na outra extremidade havia uma área de estar disposta ao redor de uma gigantesca lareira de pedras e um fogão a lenha à parte. No centro ficava uma mesa simples de jantar e meia dúzia de cadeiras com encosto de ripas.

A primeira coisa que atraiu o olhar de Gurney ao entrar foi algo ligeiramente estranho na expressão de Hardwick.

Até a zombaria de sua primeira pergunta – “E onde estaria a agradável Madeleine?” – parecia estranhamente forçada.

– Estou bem aqui – disse ela, vindo do quartinho dos casacos e indo para a bancada da pia com um sorriso meio de boas-vindas, meio ansioso. Estava carregando um punhado de flores silvestres, que tinha acabado de colher no pasto próximo à casa. Colocou-as perto do escorredor de pratos e olhou para Gurney. – Vou deixar isto aqui. Mais tarde acho um vaso para elas. Preciso subir e praticar um pouco.

Enquanto o som dos passos dela se afastava até o andar de cima, Hardwick riu e sussurrou:

– A prática leva à perfeição. O que ela está praticando?

– Violoncelo.

– Ah. Claro. Sabe por que as pessoas gostam tanto de violoncelo?

– Porque tem um som bonito?

– Ah, Davey, meu garoto, esse é o tipo de pensamento direto, sensato, pelo qual você é famoso. – Hardwick lambeu os lábios. – Mas sabe *o que* exatamente torna esse som específico tão bonito?

– Por que não diz logo, Jack?

– E privá-lo de um enigmazinho fascinante para resolver? – Ele balançou a cabeça com firmeza teatral. – Eu nem sonharia em fazer

isso. Um gênio como você precisa de desafios. Caso contrário, degringola.

Enquanto encarava Hardwick, Gurney percebeu o que estava errado, o que estava *deslocado*. Por trás da fanfarronice irritante, que era o modo como o sujeito abordava tudo no mundo, parecia haver uma tensão não habitual. Ser mordaz fazia parte da personalidade de Hardwick, mas o que Gurney detectou na expressão dele era mais nervosismo do que mordacidade. Isso o fez pensar no que viria em seguida. A inquietude do homem era contagiosa.

Não ajudou em nada o fato de Madeleine escolher uma peça agitada para seu estudo de violoncelo.

Hardwick começou a andar pelo cômodo comprido, tocando o encosto das cadeiras, os cantos das mesas, as plantas em vasos, as tigelas, as garrafas e os candelabros decorativos que Madeleine havia escolhido nos antiquários baratos da região.

– Adoro este lugar! Simplesmente adoro! Tem uma puta de uma *autenticidade*! – Ele parou e passou as mãos pelo cabelo curto. – Entende o que eu quero dizer?

– Que tem uma puta de uma autenticidade?

– Tudo aqui é *rústico*. Olhe aquele fogão de ferro fundido: feito nos Estados Unidos, americano da gema. Olhe para você: esguio, totalmente americano, tipo Robert Redford. Olhe essas tábuas do chão, largas, retas e puras como as árvores de onde elas vieram.

– Piso.

– O quê?

– Tábuas do *piso*. Não do *chão.*

Hardwick parou de andar.

– De que diabo você está falando?

– Há algum objetivo nesta visita?

Hardwick fez uma careta.

– Ah, Davey, Davey... direto ao ponto como sempre. Desconsidera minhas tentativas de falar amenidades, meus esforços de civilidade, meus elogios amigáveis sobre a simplicidade puritana da sua decoração...

– Jack...

– Certo. Fodam-se as amenidades. Onde vamos nos sentar?

Gurney indicou a mesinha redonda perto da porta de vidro.

Quando estavam acomodados frente à frente, Gurney se recostou e esperou.

Hardwick fechou os olhos e massageou o rosto ferozmente, como se tentasse erradicar alguma coceira profunda embaixo da pele. Depois cruzou as mãos na mesa e começou a falar:

– Você perguntou se minha visita tem algum objetivo. Tem, sim. Uma oportunidade. Sabe aquela passagem na peça *Júlio César*, sobre uma maré nos assuntos dos homens?

– O que é que tem?

Hardwick se inclinou para a frente, como se as palavras contivessem o segredo definitivo da vida. A zombaria crônica desaparecera de sua voz.

– “Os negócios dos homens têm uma maré/ Que, aproveitada na montante, leva à fortuna./ Uma vez perdida, toda a viagem da vida/ encalha em baixios e perigos.”

– Você decorou isso só para mim?

– Aprendi na escola. Ficou na memória.

– Nunca ouvi você mencionar.

– O momento oportuno nunca apareceu.

– Mas agora...?

Um tique nervoso fez o canto da boca de Hardwick repuxar.

– Agora chegou o momento certo.

– Uma maré nos seus negócios...?

– Nos *nossos* negócios.

– Nossos?

– Exato.

Durante um tempo Gurney não disse nada, apenas olhou o rosto empolgado, ansioso, à sua frente. Sentiu-se muito mais desconfortável com essa versão subitamente crua e séria de Jack Hardwick do que já se sentira com a versão cínica.

Durante alguns instantes o único som na casa era a melodia nítida de uma peça de violoncelo do início do século XVIII com a qual Madeleine vinha lutando havia uma semana.

De forma quase imperceptível, a boca de Hardwick se repuxou de novo.

Ver isso pela segunda vez, e esperar que acontecesse de novo, estava irritando Gurney. Porque, para ele, sugeria que o pagamento exigido pela dívida contraída meses antes seria substancial.

– Você planeja me explicar sobre o que está falando?

– Estou falando do caso de assassinato Spalter.

Hardwick enunciou as últimas quatro palavras com uma combinação peculiar de importância e desprezo. Seus olhos estavam fixados nos de Gurney, como se procurasse a reação adequada.

Gurney franziu a testa.

– A mulher que atirou no marido, um político rico, em Long Falls?

Tinha sido algo muito comentado nos noticiários no início do ano.

– Isso mesmo.

– Pelo que me lembro, foi uma condenação óbvia. A mulher foi soterrada por uma avalanche de provas e testemunhas. Sem falar naquele extrazinho dramático: o marido dela, Carl, morto durante o julgamento.

– Exatamente.

Os detalhes começaram a voltar:

– Ela atirou nele no cemitério, quando ele estava perto da sepultura da mãe, certo? A bala o deixou paralítico, o transformou num vegetal.

Hardwick assentiu.

– Um vegetal numa cadeira de rodas. O vegetal que a promotoria empurrava para dentro do tribunal todo dia. Uma visão medonha. Uma lembrança constante ao júri enquanto a mulher era julgada por ter feito aquilo com ele. Até, claro, que ele morreu na metade do julgamento e não pode mais ser levado lá. Continuaram com o julgamento, só mudaram a acusação de “tentativa de homicídio” para “homicídio”.

– Spalter era um cara rico, do ramo imobiliário, certo? Tinha acabado de anunciar a candidatura a governador pelo partido da oposição, não é?

– É.

– Contra o crime. Contra a Máfia. Tinha um slogan agressivo, “É hora de nos livrarmos da escória da terra”, ou algo do tipo.

Hardwick se inclinou para a frente.

– Exatamente essas palavras, Davey, meu garoto. Em cada discurso ele conseguia falar da “escória da terra”. Absolutamente todas as vezes. “A escória da terra chegou ao topo da fossa de corrupção política de nossa nação.” A escória da terra isso, a

escória da terra aquilo. Carl gostava de ser persistente com a mensagem.

Gurney assentiu.

– Parece que a mulher estava tendo um caso e que teve medo que ele pedisse o divórcio, o que acabaria lhe custando milhões, a não ser que ele por acaso morresse antes de mudar o testamento.

– Isso, você sacou – falou Hardwick, sorrindo.

– Saquei? – Gurney parecia incrédulo. – Esta é a maré de oportunidade de que você falou? O caso Spalter? Caso não tenha percebido, o caso Spalter está acabado, encerrado, já era. Se não me falha a memória, Kay Spalter vai cumprir de 25 anos a prisão perpétua na penitenciária de segurança máxima de Bedford Hills.

– Tudo isso é verdade.

– Então de que diabo estamos falando?

Hardwick deu um sorriso lento, sem humor – o tipo de pausa dramática de que ele gostava e que Gurney odiava.

– Estamos falando do fato de que... aprontaram para cima da mulher. O processo contra ela foi uma tramoia total, do começo ao fim. Tramoia pura e simples. – De novo, no canto do sorriso, o tique nervoso. – Resumindo: estamos falando de anular a condenação.

– Como você sabe que o caso foi uma tramoia?

– Ela foi sacaneada por um policial corrupto.

– Como sabe disso?

– Eu simplesmente sei. Além do mais, as pessoas me contam coisas. O policial corrupto tem inimigos, com bons motivos. A história dele é mais suja que pau de galinheiro, o cara é um merda.

Agora havia uma nova ferocidade nos olhos de Hardwick.

– Certo – falou Gurney. – Digamos que ela tenha sido sacaneada

por um policial corrupto. Vamos mais longe que isso, inclusive, e supor que ela é inocente. O que isso tem a ver com você? Ou comigo?

– Além da pequena questão da justiça?

– Essa expressão nos seus olhos não tem nada a ver com justiça.

– Claro que tem. Tem tudo a ver com justiça. A instituição me sacaneou, por isso vou sacanear a instituição. De forma honesta, legal e totalmente do lado da justiça. Eles me forçaram a sair porque sempre quiseram isso. Eu fui meio relapso com relação a uns documentos do caso do Bom Pastor, uns papéis que entreguei a você, babaquice burocrática, e isso deu a desculpa que os escrotos queriam.

Gurney assentiu. Ele estivera se perguntando se a dívida seria mencionada – a vantagem entregue a Gurney ao custo do fim da carreira de Hardwick. Agora ele não precisava mais se perguntar.

Hardwick continuou:

– Então agora estou entrando no ramo da investigação particular. Detetive desempregado oferece seus serviços. E minha primeira cliente vai ser Kay Spalter, por intermédio do advogado responsável pela futura apelação dela. De modo que minha primeira vitória vai ser das grandes.

Gurney fez uma pausa, pensando no que tinha acabado de escutar.

– E eu?

– O quê?

– Você disse que era uma oportunidade para nós dois.

– E é exatamente isso. Para você, pode ser o maior caso de toda a sua vida. É só pegá-lo, desmembrá-lo em pedaços menores e

montar de novo do modo certo. O caso Spalter foi o crime da década, seguido pela armação do século. Você precisa deduzir, corrigir e, no meio-tempo, distribuir joelhadas nas bolas de algumas figuras asquerosas.

– Você não veio até aqui só para me dar uma oportunidade de distribuir joelhadas nas bolas de algumas figuras asquerosas. Por que quer me envolver nisso?

Hardwick deu de ombros e respirou fundo.

– Por um monte de motivos.

– E o mais importante seria...?

Pela primeira vez pareceu que Hardwick estava com dificuldade para desembuchar.

– Para ajudar a fechar o negócio.

– O negócio ainda não foi fechado? Achei que você tivesse dito que Kay Spalter era sua cliente.

– Eu disse que ela *vai ser* minha cliente. Alguns detalhes jurídicos precisam ser resolvidos antes.

– Detalhes?

– Acredite, está tudo nos conformes. É só questão de cuidar dos últimos detalhes.

Gurney viu o tique de novo e sentiu os músculos do maxilar se retesando.

Hardwick continuou rapidamente:

– Kay Spalter foi defendida por um babaca indicado pelo tribunal, que tecnicamente ainda é o advogado dela, o que enfraquece um conjunto de argumentos que, se não fosse isso, seria poderoso o suficiente para reverter a condenação. Um ponto crucial na apelação seria a defesa incompetente, mas o advogado atual não pode levantar esse argumento. Você não pode dizer ao juiz: “O

senhor precisa libertar minha cliente porque eu sou um idiota.” Outra pessoa precisa chamar você de idiota. É assim que funciona. Então, resumindo...

Gurney interveio:

– Espera um segundo. Aquela família deve nadar em dinheiro. Como ela acabou com um defensor público?

– Sim, a família *nada* em dinheiro. O problema é que estava tudo no nome de Carl. Ele controlava tudo. Isso já dá uma ideia sobre o tipo de cara que ele era. Kay vivia como uma rainha, mas sem ter um centavo sequer em seu nome. Tecnicamente, ela é uma indigente. E recebeu o tipo de advogado que os indigentes costumam receber. Isso sem falar no orçamento apertado para despesas extras. Então, como eu estava dizendo: ela precisa de um novo advogado. E eu tenho o homem perfeito no gatilho, só esperando. Um filho da puta inteligente, feroz, sem princípios... sempre ávido. Ela só precisa assinar umas coisinhas para oficializar a mudança.

Gurney se perguntou se estava escutando direito.

– Você espera que *eu* a convença?

– Não. De jeito nenhum. Não é preciso convencê-la. Eu só gostaria que você fizesse parte da equação.

– Que parte seria essa?

– Figurão detetive de homicídios da cidade grande. Investigações de assassinato bem-sucedidas e condecorações até no rabo. O sujeito que virou pelo avesso o caso do Bom Pastor e deixou todos os idiotas totalmente sem graça.

– Está dizendo que você quer que eu sirva de testa de ferro para você e esse seu “filho da puta feroz e sem princípios”?

– Na verdade ele não é sem princípios. Só é... agressivo. Sabe atacar. E não, você não seria só um testa de ferro. Seria parte da

equipe. Parte do motivo para Kay Spalter nos contratar para reinvestigar o caso, estruturar a apelação e reverter a condenação fajuta.

Gurney balançou a cabeça em negativa.

– Não estou entendendo. Para início de conversa, se não havia dinheiro para um advogado bom, como é que agora há?

– Para começar, olhando por alto o ponto forte do processo da promotoria, não havia muita esperança de Kay vencer. E, se não podia vencer, ela não teria como arcar com honorários jurídicos altos.

– Mas agora...?

– Agora a situação é diferente. Você, eu e Lex Bincher vamos garantir isso. Acredite, ela vai vencer. E quando isso acontecer, terá direito a uma bela quantia em dinheiro como principal beneficiária do Carl.

– O que significa que esse tal de Bincher aceitou participar de um acordo de taxa de contingência num caso criminal? Isso não é meio ilegal ou, no mínimo, antiético?

– Não esquenta. Não há cláusula de contingência no contrato que ela vai assinar. Acho que você poderia dizer que o pagamento do Lex vai depender do sucesso da apelação, mas não há nada por escrito que faça essa conexão. Se a apelação fracassar, tecnicamente Kay só vai lhe dever uma grana preta. Mas esqueça tudo isso. É problema do Lex. Além disso, a apelação vai dar certo!

Gurney se recostou e olhou pela porta para o canteiro de aspargos no lado oposto do velho pátio de arenito. Os aspargos haviam crescido muito mais do que nos dois verões anteriores. Ele achava que um homem alto poderia ficar no meio deles e não ser visto. Normalmente de um verde-azulado suave, agora, sob um céu

cinzento e instável, pareciam sem cor. Inclinavam-se de um lado para o outro ao sopro das brisas esporádicas e imprevisíveis.

Ele piscou, esfregou o rosto com as mãos e tentou se concentrar, para reduzir aos pontos essenciais a enorme confusão que Hardwick tinha disposto diante dele.

De seu ponto de vista, Hardwick estava pedindo que ele o lançasse em seu novo negócio de investigações particulares – ajudando a garantir o compromisso de sua primeira cliente importante. E esse seria o pagamento pelos favores que Hardwick fizera para ele no passado violando os regulamentos, o que lhe custara a carreira na polícia do estado. Isso estava claro. Mas havia muito mais a considerar.

Uma das características notáveis de Hardwick era uma independência ousada de quem não pensa nas consequências, proveniente do fato de não se ligar demais a nada, a ninguém, a nenhum objetivo predeterminado. Mas sem dúvida o sujeito estava ligado a esse novo projeto e a seu objetivo, e a mudança não pareceu totalmente positiva a Gurney. Imaginou como seria trabalhar com Hardwick nesse estado alterado – com sua grosseria intacta, mas agora a serviço de uma obsessão baseada em ressentimento.

Voltou a atenção dos aspargos oscilantes para o rosto de Hardwick.

– Então, Jack, o que significa fazer “parte da equipe”? O que, especificamente, você quer que eu faça, além de parecer inteligente e exibir minhas condecorações?

– Qualquer coisa que você queira fazer. Preste atenção no que estou dizendo: o processo da promotoria era corrompido do início ao fim. Se depois de tudo o investigador-chefe não acabar na prisão de Attica, eu... eu viro vegetariano. Garanto que todos os fatos e narrativas desse caso vão estar cheios de incoerências. Até a porra

da transcrição do julgamento está repleta de incoerências. E, Davey, meu garoto, admitindo ou não, você sabe muito bem que nenhum policial jamais teve um olho e um ouvido mais afiados para descobrir incoerências do que você. Então é isso, essa é a história. Quero você na equipe. Vai fazer isso por mim?

Vai fazer isso por mim? O pedido ecoou na cabeça de Gurney. Ele não se sentia capaz de recusar. Pelo menos por ora. Respirou fundo.

– Você tem a transcrição do julgamento?

– Tenho.

– Aqui?

– No meu carro.

– Eu... vou dar uma olhada. Depois veremos.

Hardwick se levantou da mesa, agora com o nervosismo se parecendo mais com empolgação.

– Vou deixar uma cópia do dossiê oficial do caso, também. Tem um monte de merdas interessantes. Pode ser útil.

– Como você conseguiu o dossiê?

– Ainda tenho uns amigos.

Gurney sorriu, desconfortável.

– Não estou prometendo nada, Jack.

– Tudo bem. Sem problema. Vou pegar as coisas no carro. Pode ficar com elas o tempo que quiser. Veja o que acha. – Na saída, ele parou e se virou de volta. – Você não vai se arrepender, Davey. O caso Spalter tem tudo: horror, ódio, gângsteres, política, muita grana, muita mentira e talvez até um pouquinho de incesto. Você vai adorar essa porra!

Capítulo 3

Alguma coisa na floresta

Madeleine preparou um jantar simples e eles comeram razoavelmente rápido, sem falar muito. Gurney ficou esperando que ela o envolvesse numa discussão exaustiva sobre seu encontro com Hardwick, mas ela só fez uma pergunta:

– O que ele quer de você?

Gurney descreveu a situação com alguns detalhes – a natureza do caso Kay Spalter, a nova condição de Hardwick como investigador particular, seu investimento emocional evidentemente gigantesco na anulação da condenação de Kay e o pedido de ajuda.

A única reação de Madeleine foi uma pequena confirmação com a cabeça e um quase inaudível “Hum”. Ela se levantou, tirou os pratos e talheres da mesa e levou-os à bancada da pia, depois os lavou, enxugou e empilhou no escorredor. Em seguida pegou uma jarra grande no armário e molhou as plantas que ficavam no aparador de pinho abaixo das janelas da cozinha. Cada minuto em silêncio era uma provocação a Gurney, um desafio para que ele acrescentasse mais algumas palavras de explicação, de tranquilização, de justificativa. Quando ele estava para fazer isso, ela sugeriu que os dois fossem dar um passeio no lago.

– A tarde está bonita demais para ficar dentro de casa – disse.

“Bonita” não era uma palavra que ele usaria para descrever o céu instável e nublado, mas Gurney resistiu ao impulso de debater isso. Acompanhou-a até o quartinho dos casacos próximo à cozinha, onde ela vestiu um de seus casacos de náilon com colorido tropical. Ele colocou um cardigã verde-oliva desbotado que tinha quase vinte anos.

Ela franziu os olhos para o casaco, em dúvida, como costumava

fazer.

– Você está tentando ser confundido com o avô de alguém?

– Quer dizer: seguro, confiável e adorável?

Ela ergueu uma sobrancelha, irônica.

Nada mais foi dito até descerem ao pasto baixo e se sentarem no velho banco de madeira junto ao lago. Ela parecia, como acontecia com frequência, estar numa posição estática, não exatamente relaxada. Era como se seu corpo esguio, atlético por natureza, ansiasse por movimento, assim como alguns corpos anseiam por açúcar.

A não ser por um trecho de grama entre o banco e a água, o lago era cercado por juncos altos, nos quais melros construíam ninhos e afastavam os intrusos com voos agressivos e pios esganiçados durante todo o fim da primavera e o início do verão.

– Precisamos começar a tirar um pouco desses juncos gigantes – disse Madeleine. – Caso contrário, eles vão tomar conta de tudo.

A cada ano a faixa de juncos ao redor do lago ficava mais densa, penetrando mais na água. Na única vez em que havia tentado arrancá-los, Gurney descobriu que era uma tarefa lamacenta, cansativa e frustrante.

– Certo – disse de forma vaga.

Os corvos, acomodando-se no topo das árvores ao longo da borda do pasto, estavam agora em polvorosa: uma algaravia aguda, contínua, que a cada tarde chegava ao ápice na hora do pôr do sol, depois diminuía até o silêncio enquanto a noite caía.

– E realmente precisamos fazer alguma coisa com aquilo – continuou ela, apontando para a treliça torta e inclinada que um proprietário anterior havia posto no início do caminho que circundava o lago. – Mas vai ter de esperar até construirmos o galinheiro com um belo caminho cercado. As galinhas devem poder

correr ao ar livre, e não só ficar paradas naquele celeiro escuro e pequeno o tempo todo.

Gurney não disse nada. O celeiro tinha janelas – não era tão escuro lá dentro –, mas esse era um argumento fadado ao fracasso. *Era* menor do que a construção original, que fora destruída num incêndio misterioso vários meses antes, no meio do caso do Bom Pastor, mas sem dúvida tinha espaço suficiente para um galo e três galinhas. Porém Madeleine achava que os lugares fechados eram, na melhor das hipóteses, áreas de descanso temporário, e que o ar livre era o paraíso. Estava claro que ela sentia empatia pelas galinhas que imaginava prisioneiras, e seria impossível convencê-la de que o celeiro era um lar razoável para as aves.

Além disso, os dois não tinham ido ao lago para debater o futuro dos juncos, das treliças ou das galinhas. Gurney tinha certeza de que ela retornaria ao assunto de Jack Hardwick e começou a preparar uma linha de argumentação para defender seu envolvimento potencial no caso.

Ela perguntaria se ele estava planejando aceitar outra investigação de assassinato em tempo integral apesar da sua suposta aposentadoria, e, nesse caso, por que ele havia se dado ao trabalho de se aposentar?

Ele explicaria de novo que Hardwick fora obrigado a sair da polícia como consequência da ajuda que lhe dera no caso do Bom Pastor, a pedido de Gurney, e ajudá-lo agora era uma simples questão de justiça. Dívida contraída, dívida paga.

Ela diria que Hardwick tinha prejudicado a si mesmo – não havia sido a entrega de alguns documentos sigilosos que o fizera ser demitido, mas seu longo histórico de insubordinação e desrespeito, seu prazer adolescente em desinflar o ego das figuras de autoridade. Esse tipo de comportamento implicava riscos óbvios, e a guilhotina finalmente havia caído.

Ele responderia com um argumento sobre as exigências indistintas da amizade.

Ela afirmaria que ele e Hardwick nunca haviam sido amigos de fato, apenas companheiros desconfortáveis com ocasionais interesses comuns.

Ele a lembraria do elo especial que fora formado com a parceria dos dois no caso Peter Piggert, anos antes, quando num mesmo dia, em jurisdições separadas por 150 quilômetros, cada um deles havia encontrado uma metade do corpo da Sra. Piggert.

Ela balançaria a cabeça e descartaria o “elo” como uma coincidência grotesca que ficara no passado, o que era um motivo insuficiente para qualquer ação no presente.

Gurney se recostou nas ripas do banco e olhou o céu cinza. Sentia-se pronto, ainda que não totalmente ansioso, para o troca-troca que esperava começar a qualquer momento. Alguns passarinhos, sós ou em pares, passavam voando depressa, como se atrasados para os compromissos nos ninhos.

Mas, quando Madeleine enfim falou, seu tom e a abordagem do assunto não foram o que ele esperava.

– Você sabe que ele está obcecado – disse ela, olhando por cima do lago.

Era meio uma afirmação, meio uma pergunta.

– Sei.

– Obcecado por se vingar.

– Possivelmente.

– *Possivelmente?*

– Certo. Provavelmente.

– É um motivo terrível.

– Estou consciente disso.

– E você também sabe que isso torna duvidosa a versão dele dos fatos?

– Não tenho a intenção de aceitar a versão dele de nada. Não sou tão ingênuo assim.

Madeleine o examinou, depois olhou de volta na direção do lago. Ficaram em silêncio por algum tempo. Gurney sentiu um ar frio, úmido, com cheiro de terra.

– Você precisa falar com Malcolm Claret – disse ela, em tom casual.

Ele piscou, virou-se e encarou-a.

– O quê?

– Antes de se envolver nisso, você precisa falar com ele.

– Por que diabo eu preciso falar com ele?

Os sentimentos de Gurney com relação a Claret eram ambíguos, não porque ele tivesse alguma coisa contra o sujeito ou duvidasse de sua capacidade profissional, mas as lembranças das ocasiões que haviam provocado os encontros dos dois ainda eram cheias de dor e confusão.

– Talvez ele possa ajudar... ajudá-lo a entender por que você está fazendo isso.

– Entender por que estou fazendo isso? Como assim?

Ela não respondeu de imediato. E ele não pressionou, momentaneamente pasmo com a súbita irritação na própria voz.

Os dois já haviam conversado sobre isso, e mais de uma vez: por que ele fazia o que fazia, por que havia se tornado detetive, para começo de conversa, por que era atraído pelos homicídios em particular e por que eles continuavam a fasciná-lo. Pensou em como

sua reação fora defensiva, já que este era um caminho bastante conhecido.

Outro par de passarinhos, no alto do céu que ia escurecendo, passou voando a toda a velocidade para algum lugar mais familiar, talvez mais seguro – mais provavelmente o local que consideravam seu lar.

Ele falou numa voz mais suave:

– Não sei bem o que você quer dizer com “por que você está fazendo isso”.

– Você chegou perto demais de ser morto muitas vezes.

Ele recuou um pouco.

– Quando a gente lida com assassinos...

– Por favor, agora não – interrompeu ela, levantando a mão. – Não venha com o discurso do Trabalho Perigoso. Não é disso que estou falando.

– Então o que...

– Você é o homem mais inteligente que eu conheço. O mais inteligente. Todos os ângulos, todas as possibilidades... ninguém consegue deduzir melhor nem mais depressa do que você. E, no entanto... – Ela parou de falar, subitamente abalada.

Ele esperou por longos dez segundos antes de incitá-la de forma delicada:

– E no entanto...?

Passaram-se outros dez segundos antes que ela continuasse:

– E no entanto... de algum modo... você acabou cara a cara com um lunático armado em três ocasiões diferentes nos últimos dois anos. Em cada uma delas, ficou a um passo da morte.

Ele não disse nada.

Ela olhou com tristeza por cima do lago.

– Há alguma coisa errada com esse cenário.

Gurney demorou um tempo para responder:

– Você acha que eu quero morrer?

– *Você* acha?

– Claro que não.

Ela continuou com o olhar fixo para a frente.

O pasto na colina e a floresta do outro lado do lago estavam ficando mais escuros. Na borda da floresta os trechos dourados de ambrósias e os brotos lilases de jacintos já apresentavam tons desbotados de cinza. Madeleine teve um pequeno tremor, fechou o zíper do casaco até o queixo e cruzou os braços no peito, pressionando os cotovelos contra o corpo.

Ficaram sentados em silêncio por um longo tempo. Era como se a conversa tivesse chegado a um estranho ponto de parada, um declive escorregadio do qual não havia uma saída clara.

Quando um trêmulo ponto de luz prateada apareceu no centro do lago – reflexo da lua que nesse momento havia emergido por uma fresta nas nuvens –, um som veio das profundezas da floresta por trás do banco, fazendo os pelos dos braços de Gurney se arrepiarem. Uma nota plangente, um grito de desolação que não era totalmente humano.

– Que diab...?

– Já ouvi isso antes – disse Madeleine. – Cada noite parece vir de um lugar diferente.

Ele prestou atenção, esperando. Um minuto depois o som veio de novo, estranho e lamentoso.

– Deve ser uma coruja – sugeriu ele, sem muita convicção.

O que estava evitando dizer era que aquilo lhe parecia uma criança perdida.

Capítulo 4

Maldade pura

Passava da meia-noite, e Gurney estava tão desperto que parecia ter tomado dez xícaras de café.

A lua, após ter aparecido brevemente quando eles estavam no lago, havia sumido atrás de um novo cobertor de nuvens densas. As duas janelas estavam abertas na parte de cima, deixando um frio úmido entrar no quarto. A escuridão e o toque da umidade noturna na pele formavam uma espécie de barreira, dando uma sensação arrepiante de claustrofobia. Naquele espaço pequeno e opressivo, Gurney achava impossível deixar de lado os pensamentos agitados sobre a conversa que tivera com Madeleine a respeito de seu desejo de morrer, que estava suspensa, mas nem de perto finalizada. Mas os pensamentos não evoluíam para lugar nenhum, não levavam a qualquer conclusão. A frustração convenceu-o a abandonar a cama.

Levantou-se e tateou até encontrar a cadeira na qual havia deixado a camisa e a calça.

– Já que se levantou, você poderia fechar as janelas do andar de cima.

A voz de Madeleine, no outro lado da cama, soou surpreendentemente desperta.

– Por quê? – perguntou ele.

– A tempestade. Não escutou os trovões se aproximando?

Ele não tinha escutado. Mas confiava na audição dela.

– Fecho essas perto da cama também?

– Por enquanto, não. O ar parece feito de cetim.

– De cetim molhado, quer dizer?

Ouviu-a suspirar, dar alguns tapinhas no travesseiro e se reacomodar.

– Terra molhada, capim molhado, maravilhoso...

Ela bocejou, fez um sonzinho de satisfação e não disse mais nada. Gurney ficou maravilhado ao pensar em como ela conseguia encontrar um poder tão restaurador nos mesmos elementos da natureza dos quais ele fugia instintivamente.

Vestiu a calça e a camisa, subiu para o segundo andar e fechou as janelas nos dois quartos extras e na sala que Madeleine usava para costurar, fazer crochê e estudar violoncelo. Desceu, foi até o escritório, pegou a sacola de plástico que continha o material do caso Spalter que Hardwick havia deixado e levou para a mesa de jantar.

O peso da sacola o incomodou. Parecia um aviso grosseiro.

Começou espalhando o conteúdo na mesa. Depois, lembrando-se da reação infeliz de Madeleine na última vez em que ele havia ocupado aquela mesa com os documentos referentes a um caso de assassinato, pegou tudo e levou para a mesa de centro, na frente da lareira, na outra extremidade do cômodo.

Dentre os itens avulsos estavam uma transcrição completa do julgamento do *Estado de Nova York contra Katherine R. Spalter*; o dossiê do Departamento de Investigações Criminais da polícia do estado de Nova York sobre o homicídio de Spalter (incluindo o relatório original do incidente, feito a partir de várias seções da polícia, com fotos e esboços, inventários da cena do crime, relatórios do laboratório forense, relatórios de entrevistas e interrogatórios, relatórios de progresso da investigação, relatório e fotos da autópsia, relatório de balística e um apanhado de memorandos e relatórios de telefonemas); uma lista de moções pré-julgamento (todas superficiais, tudo cortado e colado do manual de moções para casos capitais) e suas disposições (todas negadas);

uma pasta com artigos, impressões de páginas de blogs, transcrições de noticiários de TV e rádio e uma lista de links para matérias sobre o crime, a prisão e as fases da audiência; um envelope pardo contendo um conjunto de DVDs do julgamento propriamente dito, fornecido pela emissora de TV a cabo local que aparentemente tivera acesso aos procedimentos no tribunal; e, por fim, um bilhete de Jack Hardwick.

Era uma espécie de mapa com o caminho que Hardwick sugeria que ele seguisse através da desencorajadora pilha de informações espalhadas pela mesa de centro.

Gurney teve uma boa e uma má sensação a respeito daquilo. Boa porque saber a direção a seguir e a ordem de prioridades podia poupar um tempo enorme. Má porque essas diretrizes também podiam ser manipuladoras. Em geral eram as duas coisas. Mas eram difíceis de ignorar – assim como as primeiras frases do bilhete de Hardwick.

“Siga a sequência que eu estabeleci aqui. Se você se afastar do caminho vai se afogar num pântano de merda cheio de informações.”

O resto do bilhete de duas páginas consistia numa série de passos ordenados.

“Número um: Tenha uma ideia do processo contra Kay Spalter. Pegue o DVD marcado com ‘A’ no envelope e veja a declaração de abertura do promotor. É um clássico.”

Gurney pegou o laptop no escritório e inseriu o disco.

Como algumas outras gravações feitas em tribunal que ele vira, aquela começava com uma imagem do promotor de pé no espaço diante da bancada do juiz, virado para a bancada do júri, pigarreando. Era um homem pequeno, de uns 45 anos, com o cabelo preto cortado à escovinha.

Havia ruídos de fundo: papéis farfalhando, cadeiras se arrastando, uma confusão de vozes indistinguíveis, alguém tossindo – a maior parte desses sons parou depois de algumas pancadas fortes do martelo do juiz.

O promotor olhou para o juiz, um negro corpulento com expressão austera, que assentiu. O homem respirou fundo e fitou o chão durante vários segundos antes de encarar o júri.

– *O mal* – anunciou finalmente em voz formal e forte. Esperou o silêncio absoluto antes de continuar: – Todos achamos que sabemos o que é o mal. Os livros de história e os noticiários estão cheios de ações más, homens maus, mulheres más. Porém a trama a que vocês serão expostos e a predadora implacável que vocês condenarão no fim deste julgamento irão expor a realidade do mal de um modo que jamais esquecerão.

Ele lançou um olhar furioso para o piso, depois continuou:

– Esta é a história verdadeira de uma mulher e um homem, esposa e marido, predadora e vítima. A história de um casamento envenenado pela infidelidade. A história de uma trama homicida, uma tentativa de assassinato que provocou um resultado que os senhores poderão concluir que é pior do que o próprio assassinato. As senhoras e os senhores me ouviram bem. *Pior do que o assassinato.*

Depois de uma pausa em que parecia estar tentando fazer contato visual com o maior número possível de jurados, ele se virou e foi até a mesa da promotoria. Diretamente atrás da mesa, diante da área designada para os espectadores, estava um homem em uma grande cadeira de rodas – um equipamento elaborado que lembrou a Gurney o tipo de máquina em que Stephen Hawking, o famoso físico com esclerose lateral amiotrófica, fazia suas raras aparições públicas. A coisa parecia fornecer apoio para todas as partes do corpo do ocupante, inclusive a cabeça. Havia tubos de

oxigênio no nariz e sem dúvida outros tubos em lugares fora de vista.

Ainda que o ângulo da imagem e a iluminação deixassem muito a desejar, a imagem na tela revelava o suficiente da situação de Carl Spalter para levar Gurney a fazer uma careta. Ficar paralisado daquele jeito, preso a um corpo entorpecido, que não respondia, incapaz até mesmo de piscar ou tossir, dependendo de uma máquina para não se afogar na própria saliva... Por Deus! Era como ser enterrado vivo, tendo o próprio corpo como sepultura. Ficar preso dentro de uma massa semimorta de carne e ossos lhe parecia o auge do horror claustrofóbico. Estremecendo com o pensamento, ele viu que o promotor voltara a se dirigir ao júri, com a mão estendida na direção do homem na cadeira de rodas.

– A trágica história cujo clímax terrível nos trouxe a este tribunal hoje começou exatamente há um ano, quando Carl Spalter tomou a ousada decisão de se candidatar a governador, com o objetivo idealista de livrar nosso estado de uma vez por todas do crime organizado. Uma meta louvável, mas à qual sua esposa, a ré, se opôs desde o início, como consequência de influências corruptas que vocês ficarão conhecendo durante este julgamento. Desde o instante em que Carl pôs os pés no caminho do serviço público, ela não somente o ridicularizou na frente de todos, fazendo o possível para desencorajá-lo, como também se afastou de todo o contato matrimonial com ele e começou a traí-lo com seu suposto personal trainer. – Ele ergueu uma sobrancelha ao dizer a expressão, compartilhando um amargo sorrisinho afetado com o júri. – A ré se revelou uma mulher totalmente decidida a obter o que desejava, a qualquer custo. Quando os boatos sobre sua infidelidade chegaram a Carl, ele não quis acreditar. Mas enfim precisou confrontá-la. Disse que ela teria que escolher. Bom, senhoras e senhores, ela escolheu, sem dúvida. Vocês ouvirão testemunhos convincentes relativos a essa escolha, que foi recorrer a uma figura do submundo,

Giacomo Flatano, mais conhecido como “Jimmy Flats”, e oferecer-lhe 50 mil dólares para matar o marido.

Ele parou e olhou acintosamente para cada membro do júri.

– Ela decidiu que desejava sair do casamento, mas sem perder o dinheiro de Carl, por isso tentou contratar um pistoleiro. Mas o matador recusou a oferta. Então o que a ré fez em seguida? Tentou convencer o amante, o personal trainer, a cometer o crime em troca de uma vida de prazeres com ela numa ilha tropical, uma vida financiada pela herança que ela receberia depois da morte de Carl. Porque, senhoras e senhores, Carl ainda acreditava na relação e ainda não havia mudado o testamento.

Ele estendeu as mãos numa espécie de súplica pela empatia do júri.

– Ele tinha esperanças de salvar o casamento. Esperanças de ficar com uma esposa que ainda amava. *E o que essa esposa estava fazendo?* Estava tramando, primeiro com um gângster, depois com um Romeu barato, para matá-lo. Que tipo de pessoa...?

Uma outra voz, lamurienta e impaciente, foi ouvida, fora de quadro:

– Protesto! Meritíssimo, a conjectura emocional do Sr. Piskin vai além de qualquer coisa que...

O promotor interrompeu calmamente:

– Cada palavra que eu direi será sustentada por testemunhos sob juramento.

O juiz com uma papada enorme, visível num canto superior da tela, murmurou:

– Negado. Prossiga.

– Obrigado, Meritíssimo. Como eu estava dizendo, a ré fez tudo o que podia para convencer o jovem amante a matar seu marido.

Mas ele se recusou. Bom, adivinhem o que ela fez em seguida. O que os senhores acham que uma aspirante a assassina, cheia de determinação, faria?

Ele olhou interrogativamente para o júri durante uns bons cinco segundos antes de responder à própria pergunta:

– O gangsterzinho tinha medo de atirar em Carl Spalter. O personal trainer tinha medo de atirar em Carl Spalter. *Então Kay Spalter começou a fazer aulas de tiro!*

A voz fora de quadro foi ouvida outra vez:

– Protesto! Meritíssimo, a ligação causal no uso que a promotoria faz da palavra “então” implica uma admissão de motivo por parte da ré. Não existe essa admissão em qualquer parte...

O promotor interveio:

– Vou alterar a narrativa, Meritíssimo, de um modo totalmente apoiado pelos testemunhos. O gângster se recusou a atirar em Carl. O treinador se recusou a atirar em Carl. *E nesse ponto* a ré começou a fazer aulas de tiro.

O juiz remexeu o corpanzil com aparente desconforto físico.

– Que se registre a alteração feita pelo Sr. Piskin. Prossiga.

O promotor se virou para o júri.

– Não somente a ré fez aulas de tiro, como chegou a um nível notável de habilidade, de acordo com o que os senhores ouvirão no testemunho de um instrutor de armas de fogo. O que nos leva ao apogeu trágico de nossa história. Em novembro passado a mãe de Carl, Mary Spalter, faleceu. Morreu sozinha, num tipo de acidente bastante banal: uma queda na banheira no lar para idosos onde passara os últimos anos de vida. Durante o velório realizado no cemitério Willow Rest, Carl se levantou para fazer um discurso diante da sepultura. Os senhores ouvirão como, depois de um ou dois passos, ele de repente tombou para a frente e caiu de rosto no

chão. Não se mexeu. Todo mundo *pensou* que ele havia tropeçado e que a queda o deixara inconsciente. Passaram-se alguns instantes até que alguém visse o fio de sangue na lateral da cabeça, um fio de sangue vindo de um buraco minúsculo na têmpora. Um exame médico subsequente confirmou o que a equipe de investigação inicial havia suspeitado: Carl fora atingido por uma bala de fuzil de alta potência e calibre baixo. Vocês ouvirão os especialistas da polícia que fizeram a reconstituição do crime afirmarem que a bala foi disparada da janela de um apartamento a cerca de 500 metros do ponto de impacto. Verão mapas, fotografias e desenhos ilustrando exatamente como isso foi feito. Tudo ficará claro como água – disse ele com um sorriso tranquilizador.

Olhou seu relógio antes de continuar:

– Aquele apartamento, senhoras e senhores, era de propriedade da Imobiliária Spalter. – Enquanto falava, ele andava para trás e para a frente diante do júri. – Estava vazio, esperando para ser reformado, assim como a maioria dos apartamentos daquele prédio. A ré tinha fácil acesso às chaves. Mas isso não é tudo. Os senhores ouvirão um testemunho condenatório de que Kay Spalter... – Ele parou e apontou para uma mulher sentada à mesa da defesa, de perfil para a câmera. – … De que Kay Spalter não só esteve naquele prédio na manhã do crime, como estava no mesmo apartamento de onde a bala foi disparada no momento exato em que Carl Spalter foi atingido. Além disso, os senhores ouvirão testemunhos de que ela entrou naquele apartamento sozinha e saiu também sozinha.

Ele parou e deu de ombros, como se os fatos e a condenação que esses fatos exigiam fossem tão óbvios que não houvesse mais nada a dizer. Mas então continuou:

– A acusação é de *tentativa de assassinato*. Mas o que significa na verdade esse termo jurídico? Pensem no seguinte: um dia antes de levar o tiro, Carl estava cheio de vida, saúde, energia e ambição.

No dia depois de levar o tiro... Bom, apenas olhem. Deem uma boa olhada no homem preso a essa cadeira de rodas, sustentado e mantido por braçadeiras de metal e tiras de velcro porque os músculos que deveriam estar cumprindo essa função se tornaram inúteis. Olhem nos olhos dele. O que os senhores veem? Um homem tão maltratado pela mão do mal que talvez deseje estar morto? Um homem tão devastado pela traição de um ente querido que talvez deseje jamais ter nascido?

De novo a voz fora de quadro interveio:

– Protesto!

O juiz pigarreou.

– Mantido. – Sua voz era um ribombar cauteloso. – Sr. Piskin, o senhor passou dos limites.

– Peço desculpas, Meritíssimo. Eu me deixei levar pela empolgação.

– Pois sugiro que se controle.

– Sim, Meritíssimo. – Depois de parecer que estava colocando os pensamentos em ordem por um instante, ele se virou para o júri. – Senhoras e senhores, é triste o fato de Carl Spalter não poder mais se mexer nem se comunicar conosco, mas o horror dessa expressão fixa em seu rosto me diz que ele tem toda a consciência do que lhe aconteceu, que sabe quem fez isso com ele e que não tem dúvida de que neste mundo existe a Maldade Pura. Lembrem-se, quando declararem Kay Spalter culpada de tentativa de homicídio, como sei que farão, de que este... o que os senhores estão vendo aqui... este é o verdadeiro significado daquela expressão jurídica vaga, “tentativa de assassinato”. Esse homem nessa cadeira de rodas. Essa vida esmagada para além de qualquer esperança ou reparação. A felicidade extinta. Essa é a realidade, pavorosa além das palavras.

– Protesto! – gritou a voz.

– Sr. Piskin... – resmungou o juiz.

– Encerrei, Meritíssimo.

O juiz pediu meia hora de recesso e convocou o promotor e o advogado de defesa a seu gabinete.

Gurney reproduziu o vídeo outra vez. Nunca tinha visto uma declaração de abertura assim. Pelo tom emocional e pelo conteúdo, parecia mais um argumento final. Mas ele conhecia a reputação de Piskin, e o sujeito não era nenhum amador. Então qual era o seu objetivo? Agir como se a condenação de Kay Spalter fosse inevitável, como se o jogo estivesse terminado antes de começar? Será que estava tão seguro de si? E se aquilo era apenas a sua abertura, como ele iria conseguir superar uma acusação de “Maldade Pura”?

Por falar nisso, Gurney queria ver a expressão de Carl Spalter para a qual Piskin chamara a atenção do júri, mas que o vídeo do tribunal deixara de capturar. Imaginou se poderia haver alguma foto no volumoso material fornecido por Hardwick. Pegou o bilhete dele, procurando alguma dica.

Talvez não por acaso, era o segundo item da lista.

“Número dois: verifique os danos. Dossiê do caso do Departamento de Investigações Criminais, terceira pasta de material gráfico. Está tudo naqueles olhos. Jamais quero ver o que colocou aquela expressão no rosto dele.”

Um minuto depois Gurney estava segurando a impressão de página inteira de uma foto que mostrava a cabeça e os ombros de Carl Spalter. Mesmo que ele já estivesse esperando algo terrível, o horror nos olhos era chocante. O discurso inflamado com que Piskin terminara sua abertura não fora exagerado.

Havia de fato, naqueles olhos, o reconhecimento de uma

verdade terrível – uma realidade, como dissera Piskin, pavorosa além das palavras.

Capítulo 5

Doninhas com sede de sangue

O guincho da aba esquerda da porta de vidro sendo puxada do ponto em que estava presa à soleira acordou Gurney de um sonho surreal que se esvaiu assim que ele abriu os olhos.

Pegou-se largado numa das duas poltronas junto à lareira na extremidade do cômodo principal da casa, com os documentos do caso Spalter espalhados na mesinha de centro à sua frente. O pescoço doeu quando ele levantou a cabeça. A luz que entrava pela porta aberta era fraca como a do alvorecer.

Ele viu a silhueta de Madeleine ali de pé, respirando o ar frio e parado.

– Está ouvindo? – perguntou ela.

– Ouvindo o quê?

Gurney esfregou os olhos, empertigando-se na poltrona.

– Horace. Lá vai ele outra vez.

Gurney prestou atenção, meio desanimado, esperando o canto do galo novo, mas não escutou nada.

– Venha até a porta e você vai ouvir.

Ele quase respondeu que não tinha interesse em escutá-lo, mas percebeu que seria uma péssima maneira de começar o dia. Levantou-se da poltrona e foi até lá.

– Aí está – disse Madeleine. – Dessa vez você escutou, não foi?

– Acho que sim.

– Vai ser muito mais fácil de ouvir assim que a gente construir o galinheiro ali – retrucou ela, toda animada, apontando para o gramado entre o canteiro de aspargos e a macieira grande.

– Sem dúvida.

– Eles fazem isso para marcar território.

– Hum.

– Para afastar outros galos, para avisar: “Este quintal é meu, eu cheguei primeiro.” Adoro isso, você não?

– Adora o quê?

– O som, o canto dele.

– Ah. É. Bem... rural.

– Não sei se eu gostaria de ter muitos galos. Mas um é bem legal.

– Certo.

– *Horace*. A princípio eu não tinha certeza, mas agora parece o nome perfeito para ele, não acha?

– Acho que sim. – A verdade era que o nome Horace, sem qualquer motivo que fizesse sentido, o fazia se lembrar do nome Carl. E o nome Carl, no instante em que lhe veio à mente, chegou completo, com os olhos abalados na fotografia, olhos que pareciam estar vendo um demônio.

– E as galinhas? Huffy, Puffy e Fluffy; acha esses nomes idiotas demais?

Gurney demorou alguns segundos para recobrar a atenção.

– Idiotas demais para galinhas?

Ela riu e deu de ombros.

– Assim que a gente construir a casinha deles, com um belo cercado ao ar livre numa ponta, todos vão poder se mudar daquele celeiro apertado.

– Certo.

A falta de entusiasmo dele era palpável.

– E você vai fazer o cercado à prova de predadores?

– Vou.

– O diretor da clínica perdeu uma de suas galinhas de Rhode Island na semana passada. A coisinha estava lá num minuto, no outro tinha sumido.

– É o risco de deixá-las sair.

– Não se a gente construir o cercado certo. Então elas podem sair, correr, ciscar no capim, que elas adoram, e continuar em segurança. E vai ser divertido olhá-las, bem ali – falou Madeleine apontando de novo, com um movimento enfático do indicador, para a área que havia escolhido.

– E o que ele acha que aconteceu com a galinha desaparecida?

– Alguma coisa agarrou a coitada e carregou para longe. Provavelmente um coiote ou uma águia. Ele tem quase certeza de que foi uma águia, porque quando acontece o tipo de seca deste verão elas começam a procurar outras coisas para comer além de peixes.

– Hum.

– Ele disse que, se íamos fazer um cercado, deveríamos garantir que a tela de arame passasse por cima do galinheiro e fosse enterrada no chão a uma profundidade de pelo menos 15 centímetros. Caso contrário, coisas podem se enfiar por baixo.

– *Coisas?*

– Ele falou em doninhas. Parece que elas são medonhas.

– Medonhas?

Madeleine fez uma careta.

– Disse que se uma doninha entrar no galinheiro, ela... arranca as cabeças. De todas.

– Não come? Só mata?

Ela assentiu, os lábios apertados com força. Mais do que uma careta, era uma expressão triste.

– Ele explicou que a doninha entra em uma espécie de frenesi... assim que sente gosto de sangue. Ela não para de morder até que todas as galinhas estejam mortas.

Capítulo 6

Formigas

Pouco depois de o sol nascer, sentindo que tomara uma atitude importante a fim de solucionar o problema das galinhas – desenhando o diagrama de um galinheiro com um cercado externo –, Gurney guardou o bloco e se acomodou à mesa do café da manhã com uma segunda xícara de café.

Quando Madeleine se juntou a ele, Gurney decidiu mostrar a ela a foto de Carl Spalter.

Graças ao trabalho de triagem e aconselhamento no centro de saúde mental da região, ela estava acostumada a presenciar sentimentos negativos extremos: pânico, fúria, angústia, desespero. Mesmo assim, arregalou os olhos diante da vividez da expressão de Spalter.

Ela colocou a foto na mesa, depois a empurrou alguns centímetros para longe.

– Ele sabe de alguma coisa – disse ela. – Alguma coisa que não sabia antes que a esposa lhe desse o tiro.

– Talvez ela não tenha dado. Segundo Hardwick, o caso contra ela foi forjado.

– Você acredita nisso?

– Não sei.

– Talvez ela tenha dado, talvez não. Mas Hardwick não se importa realmente com a verdade, não é?

Gurney ficou tentado a discutir, porque não gostava da posição em que isso o colocava. Em vez disso, apenas deu de ombros.

– O que importa para ele é anular a condenação.

– O que *realmente* importa para ele é *se vingar*, e ver os ex-

patrões se darem mal.

– Eu sei.

Ela inclinou a cabeça e o encarou como se perguntasse por que ele se permitia ser tragado para uma situação daquela.

– Não prometi nada. Mas devo admitir – disse Gurney, apontando para a foto na mesa – que estou curioso com relação a *isso*.

Ela franziu os lábios, virou-se para a porta aberta e olhou a névoa fina, iluminada pelos raios do sol matinal. Então alguma coisa atraiu sua atenção na beira do pátio de pedras logo depois da soleira da porta.

– Elas voltaram – disse.

– Quem? O quê?

– As formigas-carpinteiras.

– Onde?

– Em toda parte.

– *Em toda parte?*

Ela respondeu num tom tão ameno quanto o dele era impaciente:

– Lá fora. Aqui. Nos parapeitos das janelas. Junto aos armários. Em volta da pia.

– Por que diabo você não falou isso?

– Acabei de falar.

Gurney já ia direcionar a discussão por um caminho cheio de indignação, mas o bom senso prevaleceu e ele disse apenas:

– Odeio essas porcarias.

E odiava mesmo. As formigas-carpinteiras eram os cupins das Catskill e de outros lugares frios: mastigando as fibras internas dos caibros e vigas, no silêncio e na escuridão, convertendo as

estruturas de suporte de casas sólidas em serragem. Uma empresa de dedetização borrifava inseticida em volta dos alicerces mês sim, mês não, e às vezes parecia estar vencendo a batalha. Mas então as formigas batedoras voltavam, e depois... batalhões.

Por um momento esqueceu o que ele e Madeleine estavam conversando antes da digressão das formigas. Quando se lembrou, foi com a sensação incômoda de que estivera se esforçando para justificar uma decisão questionável.

Decidiu ser o mais sincero possível:

– Olha, eu entendo o perigo, a motivação problemática da situação. Mas acredito que devo algo ao Jack. Talvez não muito, mas certamente alguma coisa. E uma mulher inocente pode ter sido condenada a partir de provas forjadas por um policial corrupto. Não gosto de policiais corruptos.

Madeleine interrompeu-o:

– Hardwick não se importa se ela é inocente. Para ele, isso é irrelevante.

– Eu sei. Mas eu não sou Hardwick.

Capítulo 7

Mick Cacete

– Então todo mundo achou que ele tinha tropeçado, até que encontraram uma bala no crânio? – perguntou Gurney.

Estava sentado no banco do carona do estrondoso GTO de Hardwick – não era uma opção que ele faria normalmente, mas a viagem de Walnut Crossing até a Instituição Correcional Feminina de Bedford Hills demoraria quase três horas, segundo o Google, e parecia uma boa oportunidade para fazer algumas perguntas.

– O pequeno ferimento redondo foi meio que uma dica – respondeu Hardwick. – Mas a tomografia não deixou dúvida. Mais tarde um cirurgião tirou a maior parte dos fragmentos da bala.

– Era uma Swift calibre 220?

Gurney tinha conseguido ler metade da transcrição do julgamento e um terço do dossiê do Departamento de Investigações Criminais antes que Hardwick chegasse para pegá-lo, e queria ter certeza dos fatos.

– Era. A bala mais rápida que já foi feita. A trajetória mais reta que existe. Se usá-la no fuzil certo, com a mira telescópica certa, você pode estourar a cabeça de um camundongo a meio quilômetro de distância. Definitivamente, um item de precisão. Não há nada igual. Se acrescentar um silenciador ao pacote, você tem...

– *Um silenciador?*

– Um silenciador. Por isso ninguém ouviu o tiro. Por isso e por causa das explosões de traques.

– *Traques? Bombinhas?*

Hardwick deu de ombros.

– Testemunhas ouviram algo entre cinco e dez sequências de

explosões de bombinhas naquela manhã. Na direção do prédio de onde partiu o tiro. A última mais ou menos na hora em que Spalter foi atingido.

– Como elas sabiam qual era o prédio?

– Reconstituição no local do crime. Descrições das testemunhas sobre a posição da vítima no momento em que foi atingida. Uma busca de porta em porta das possíveis fontes.

– Mas ninguém foi capturado logo depois que ele levou o tiro, certo?

– As pessoas só o viram caindo. Enquanto andava na direção de um pódio na cabeceira da sepultura, ele foi atingido na têmpora esquerda e caiu para a frente. No momento do tiro, o lado esquerdo de seu corpo estava exposto para um trecho vazio do cemitério, o rio, uma estrada movimentada e, para além disso, uma fileira de prédios residenciais parcialmente destruídos, de propriedade da família Spalter.

– Como eles identificaram de que apartamento o atirador disparou?

– Foi fácil. Ela... quero dizer, o atirador, quem quer que fosse... deixou a arma para trás, montada num belo tripé.

– Com mira telescópica?

– De última geração.

– E o silenciador?

– Não. O atirador o removeu.

– Então como você sabe...

– A ponta do cano era confeccionada para receber um. E só as explosões dos traques não poderiam cobrir o som de uma Swift calibre 220 se ela não estivesse com um abafador. É um cartucho poderosíssimo.

– E o silenciador sozinho só abafaria o estouro do cano, o que deixaria um estalo supersônico audível, o que explicaria a necessidade das bombinhas como distração. Portanto, abordagem cautelosa, planejamento meticuloso. É assim que a situação está sendo entendida?

– É assim que *deveria* ser entendida, mas quem é que sabe a forma como eles entendem as coisas? Essa questão nem foi citada no julgamento. Muitas merdas nunca foram citadas no julgamento. E deveriam ter sido.

– Mas por que deixar a arma e levar o silenciador?

– Não faço a menor ideia. A não ser que fosse um daqueles equipamentos supersofisticados de 5 mil dólares, bom demais para deixar para trás.

Gurney achou difícil de acreditar.

– De todos os modos pelos quais uma mulher vingativa poderia matar o marido, a teoria da promotoria é que Kay Spalter optou por usar a mais complicada, cara, de alta tecnologia...

– Davey, meu garoto, não precisa me convencer de que a teoria é uma bosta. Eu sei que é. Tem mais furos do que o braço de um viciado em heroína. Foi por isso que eu escolhi esse como o meu primeiro caso. Tem um potencial enorme de anulação.

– Certo. Então havia um silenciador, mas o silenciador foi levado embora. Presumivelmente pelo atirador.

– Isso.

– Não foi encontrada nenhuma digital?

– Nenhuma digital, nem qualquer outra pista. Trabalho com luvas de látex.

– Esse detetive corrupto... não plantou nada no apartamento para incriminar a mulher do Slater?

– Na época ele não a conhecia. Só resolveu colocá-la em cena quando a conheceu e decidiu que a odiava, e que o atirador só podia ser ela.

– Esse cara é o investigador-chefe citado no dossiê? Investigador Sênior Michael Klemper?

– Mick Cacete. Esse mesmo. Cabeça raspada, olhos pequenos, peito grande. Temperamento de rottweiler. Fanático por artes marciais. Gosta de quebrar tijolos com os punhos, especialmente em público. Um cara *muito* raivoso. O que nos leva de novo à questão do timing. Mick Cacete tinha se divorciado alguns anos antes. Divórcio supercomplicado. O Mick... Bem, a partir daqui vamos entrar no campo dos boatos, tudo sem provas. Território da calúnia, difamação, processos... entendeu?

Gurney suspirou.

– Vá em frente, Jack.

– Segundo rumores, a mulher de Mick estava pulando a cerca com uma certa figura influente do crime organizado que ela acabou conhecendo porque Mick recebia propinas da tal figura criminosa. – Hardwick fez uma pausa. – Está vendo o problema?

– Vejo vários.

– Mick descobriu que ela estava trepando com o chefão, mas isso o deixava em um dilema. Quero dizer, esse não é o tipo da coisa que você vai querer levar para um tribunal, nem para lugar nenhum. Por isso ele não podia agir de acordo com os passos jurídicos normais. Mas ele costumava falar, à boca pequena, que queria estrangular a desgraçada, arrancar a cabeça dela e dar para o cachorro comer. Parece que ele também dizia isso a *ela* de vez em quando. Numa dessas vezes ela fez um vídeo dele falando detalhadamente, depois de alguns drinques, que iria alimentar o pit bull dele com as partes delicadas do corpo dela. Adivinha o que aconteceu então?

– Diga.

– No dia seguinte ela ameaçou botar o vídeo no YouTube e acabar com a carreira e a aposentadoria dele se Mick não concordasse com um divórcio discreto segundo as exigências dela, com um acordo bem generoso.

O riso fino de Hardwick revelava uma espécie de admiração perversa.

– Foi então que o ódio homicida começou a sair feito pus pelos poros do velho Mick Cacete. Nesse ponto ele poderia matá-la com todo o prazer, com ou sem ligação com o mafioso, se ela não tivesse garantido que o vídeo se tornaria viral caso alguma coisa acontecesse com ela. Por isso ele foi obrigado a concordar com o divórcio. E com o acordo financeiro. E desde então ele vem pegando pesado com toda mulher que lembre a ex dele, mesmo que seja só remotamente. Mick sempre foi meio sensível. Mas depois que teve que engolir o acordo do divórcio ele se transformou em 110 quilos de pura vingança, procurando alvos.

– Está me dizendo que ele armou para Kay Spalter só porque ela andava pulando a cerca, como a mulher dele?

– Pior que isso. Mais maluco que isso. Acho que o ódio cego dele por quem quer que se parecesse com a mulher o fez acreditar que Kay Spalter *de fato* assassinou o marido, e que era seu dever garantir que ela pagasse por isso. Na mente fodida dele, ela era culpada, e ele estava decidido a colocá-la em cana a qualquer custo. Ele não deixaria mais uma piranha infiel ficar numa boa. Se isso significava comprar um pouquinho de perjúrio aqui e ali pelo bem da justiça, qual era o problema?

– Você está dizendo que ele é um psicopata.

– Esse é um modo delicado de dizer.

– E como exatamente você sabe de tudo isso?

– Eu já falei. Ele tem inimigos.

– Dá para ser mais específico?

– Alguém suficientemente próximo do sujeito me contou os detalhes do ódio e das sacanagens dele nesse serviço, trechos de conversas telefônicas, comentários aqui e ali, o que ele dizia sobre as mulheres em geral e em particular sobre a mulher dele e Kay Spalter. O Cacete se empolgou algumas vezes, não teve tanto cuidado quanto deveria.

– Esse “alguém” tem nome?

– Não posso revelar.

– Pode, sim.

– De jeito nenhum.

– Escuta, Jack. Se você guardar segredos, não há acordo. Eu preciso saber tudo o que você sabe. Todas as minhas perguntas têm de ser respondidas. O trato é esse. Ponto final.

– Meu Deus, Davey, você não está facilitando nada.

– Nem você.

Gurney olhou para o velocímetro e viu que estava se aproximando dos 130 por hora. O maxilar de Hardwick estava tenso. Assim como suas mãos no volante. Um bom minuto se passou antes que ele dissesse simplesmente:

– Esti Moreno. – Outro minuto se passou antes que ele continuasse: – Ela trabalhou subordinada ao Mick desde a época do divórcio até o fim do julgamento de Carl Spalter. Por fim conseguiu ser transferida. Para o mesmo lugar, mas se reportando a outro superior. Precisou aceitar um serviço burocrático, só papelada, que ela odeia. Mas odeia menos a papelada do que Mick. Esti é uma boa policial. Inteligente. Atenta. E honesta. Esti tem princípios. Sabe o que ela disse sobre o Mick?

– Não, Jack, o que ela disse?

– “Se você faz alguma merda, o carma vai voltar para morder a sua bunda.” Adoro a Esti. É uma tremenda gozadora. Além disso, eu falei que ela é uma porto-riquenha muito gostosa? Mas consegue ser discreta, também. Uma gostosa discreta. Você deveria vê-la usando um quepe de policial.

Hardwick estava dando um sorriso largo, os dedos batucando um ritmo latino no volante.

Gurney ficou em silêncio por um longo tempo, tentando absorver do modo mais objetivo possível o que estava escutando. Queria entender tudo e ao mesmo tempo manter o distanciamento, como alguém analisando uma cena de crime e pensando nas diversas interpretações possíveis.

Pensou na forma estranha que o caso estava começando a assumir em sua mente, inclusive o paralelo irônico entre a condenação a qualquer custo almejada por Klemper e a anulação a qualquer custo almejada por Hardwick. Os dois esforços pareciam fornecer mais provas de que o homem não é fundamentalmente uma espécie racional, e que nossa suposta lógica não passa de uma fachada bonita que esconde motivos sombrios.

Ocupado com esse pensamento, Gurney estava apenas parcialmente consciente da paisagem repleta de morros e vales por onde eles passavam – campos ondulados cobertos de mato alto e pequenas árvores destruídas, vastidões de verdes e amarelos desbotados pela seca, o sol indo e vindo através de uma névoa pálida e intermitente, as fazendas pouco lucrativas com seus celeiros e silos sem receber pintura havia décadas, os povoados tristemente expostos à ação do tempo, antigos tratores laranja, arados e ancinhos enferrujados, o vazio rural, antiquado e calmo que era o orgulho e a maldição do condado de Delaware.

Capítulo 8

Escrota insensível

Longe dos condados de beleza ultrapassada, economicamente abalados e despovoados da região central do estado de Nova York, o de Westchester, no norte, tinha o encanto despreocupado do dinheiro do campo. Mas no meio da paisagem de cartão-postal a Penitenciária de Bedford Hills parecia tão deslocada quanto um porco-espinho num zoológico onde as crianças podem fazer carinho nos bichos.

Gurney se lembrou outra vez de que a parafernália das prisões de segurança máxima abarca um amplo espectro de sofisticação e visibilidade. Numa ponta estão os sensores e sistemas de controle de última geração. Na outra estão as torres de vigia, cercas de tela com 4 metros de altura e arame-navalha.

Sem dúvida, um dia a tecnologia tornaria o arame-navalha obsoleto. Mas por enquanto essa era a demarcação mais nítida entre o interior e o exterior. Sua mensagem era simples, violenta e visceral. Sua presença suplantava com facilidade qualquer esforço em criar uma atmosfera de normalidade – não que fosse feito qualquer esforço sério nesse sentido nas instituições prisionais. De fato, suspeitou Gurney, o arame-navalha poderia muito bem sobreviver à sua função prática de contenção, apenas com base em seu valor de mensagem.

Dentro, a prisão de Bedford Hills era semelhante à maioria dos locais de encarceramento que ele visitara no correr dos anos. Parecia tão monotonamente institucional quanto seu objetivo. E, apesar dos milhares e milhares de páginas escritas sobre o tema da aplicação moderna de penas, esse objetivo – essa essência – se resumia a uma coisa.

Era uma jaula.

Uma jaula com muitas trancas, pontos de verificação de segurança e procedimentos destinados a garantir que ninguém entre ou saia sem prova adequada do direito de fazê-lo. O escritório de Lex Bincher garantira que os nomes de Gurney e Hardwick estivessem na lista de visitantes aprovados para Kay Spalter, e os dois foram admitidos sem dificuldade.

A longa sala de visitas sem janelas, aonde foram levados para o encontro, se parecia com recintos do mesmo tipo em todo o sistema prisional. A principal característica estrutural era uma divisória comprida, parecendo um balcão, separando a sala em duas seções: o lado do prisioneiro e o lado do visitante, com cadeiras dos dois lados e uma barreira da altura do peito no centro. Guardas ficavam nas duas extremidades, com visão clara de toda a extensão da barreira, postados para impedir qualquer ação não autorizada. A sala fora pintada, não recentemente, numa não cor institucional.

Gurney ficou aliviado ao ver que só havia poucas prisioneiras presentes, o que permitia um espaço mais do que suficiente e a possibilidade de um nível satisfatório de privacidade.

A mulher que foi trazida à sala por uma guarda negra e atarracada era baixa e magra, com cabelo preto curto num corte desfiado. Tinha o nariz bonito, malares proeminentes e lábios carnudos. Os olhos eram de um verde espantoso, e abaixo de um deles se insinuava um pequeno hematoma arroxeado. Havia uma intensidade dura em sua expressão, que tornava a fisionomia mais interessante do que bonita.

Gurney e Hardwick se levantaram quando ela se aproximou. Hardwick foi o primeiro a falar, olhando para o hematoma.

– Meu Deus, Kay, o que aconteceu com você?

– Nada.

– Não me parece que seja nada.

– Isso já foi resolvido – disse ela, sem dar importância.

Estava falando com Hardwick mas olhando para Gurney, examinando-o com franca curiosidade.

– Resolvido como? – insistiu Hardwick.

Ela piscou com impaciência.

– Crystal Rocks. Minha protetora.

Ela lançou um sorriso rápido e sem humor.

– A lésbica traficante de metanfetamina?

– É.

– Grande fã sua?

– Fã de quem ela acha que eu sou.

– Ela gosta de mulheres que matam os maridos?

– Adora.

– Como ela vai se sentir quando anularmos a condenação?

– Bem, desde que não pense que eu sou inocente.

– É, bom... isso não deve ser problema. A inocência não é o tema da apelação. A apelação é o processo devido, e nós queremos provar, no seu caso, que o processo não foi justo. Por falar nisso, eu gostaria de lhe apresentar ao homem que vai nos ajudar a mostrar ao juiz como ele foi injusto. Kay Spalter, Dave Gurney.

– Sr. Supertira. – Ela disse isso com um toque de sarcasmo, depois fez uma pausa como se quisesse ver como ele reagiria. Quando Gurney não demonstrou qualquer reação, ela continuou: – Li tudo sobre você e suas condecorações. Muito impressionante.

Ela não parecia impressionada.

Gurney se perguntou se aqueles olhos verdes que avaliavam friamente já teriam se impressionado com alguma coisa.

– Prazer em conhecê-la, Sra. Spalter.

– Kay. – Não havia nada de cordial em sua voz. Aquilo mais parecia uma correção objetiva, um modo de revelar a aversão pelo nome de casada. Continuou a examiná-lo, como se ele fosse uma mercadoria que ela estivesse pensando em comprar. – Você é casado?

– Sou.

– Feliz?

– Sou.

Ela pareceu considerar essa informação antes de fazer a pergunta seguinte:

– Você acredita que eu seja inocente?

– Eu acredito que o sol nasceu hoje de manhã.

A boca de Kay se retorceu em algo que parecia uma fração de segundo de sorriso. Ou talvez fosse apenas um tremor criado por toda a energia contida naquele corpo compacto.

– O que isso quer dizer? Que você só acredita no que vê? Que é um cara que não curte papo furado e baseia tudo em fatos concretos?

– Quer dizer que eu acabo de conhecê-la e não sei o suficiente para ter uma opinião formada, quanto mais uma crença.

Hardwick pigarreou, nervoso.

– Que tal a gente se sentar?

Enquanto os três se acomodavam junto à mesinha, Kay Spalter manteve o olhar fixo em Gurney.

– E de que você precisa para ter uma opinião sobre minha inocência?

Hardwick interveio, inclinando-se para a frente:

– Ou sobre você ter tido ou não um julgamento justo, que é a verdadeira questão.

Ela ignorou isso, permanecendo concentrada em Gurney.

Ele se recostou na cadeira e examinou aqueles olhos verdes notáveis, que não piscavam. Algo lhe disse que o melhor preâmbulo seria não haver preâmbulo.

– Você atirou em Carl Spalter, ou fez com que atirassem nele?

– Não.

A palavra saiu dura e rápida.

– É verdade que você estava tendo um caso extraconjugal?

– É.

– E o seu marido descobriu?

– É.

– E ele estava pensando em se divorciar de você?

– É.

– E um divórcio nessas circunstâncias teria um tremendo efeito negativo no seu status econômico?

– Sem dúvida.

– Mas, na época em que sofreu o ferimento fatal, seu marido ainda não tinha tomado uma decisão definitiva sobre o divórcio, e não tinha mudado o testamento, de modo que você ainda era a principal beneficiária. Certo?

– Certo.

– Você pediu ao seu amante para matá-lo?

– Não.

Uma expressão de nojo surgiu e sumiu num instante.

– Então a história dele no julgamento foi totalmente inventada?

– Foi. Mas não pode ter sido inventada por *ele*. Darryl era salva-vidas na piscina do nosso clube e suposto personal trainer, corpo de 1 milhão de dólares e cérebro de 2 centavos. Ele só disse as merdas que o Klemper o mandou dizer.

– Você pediu a um ex-presidiário chamado Jimmy Flats que matasse seu marido?

– Não.

– Então a história dele no julgamento também foi inventada?

– Foi.

– Por Klemper?

– Imagino que sim.

– Você esteve no tal prédio de onde o tiro partiu, tenha sido no dia do tiro ou em qualquer outro, antes?

– Definitivamente não no dia do tiro.

– Então o testemunho de que você esteve no prédio, no apartamento onde a arma do crime foi achada, também é invenção?

– É.

– Se não esteve lá naquele dia específico, quanto tempo antes?

– Não sei. Meses? Um ano? Talvez eu tenha ido lá duas ou três vezes no total, para supervisionar o trabalho, dar uma olhada nas coisas, algo assim.

– A maioria dos apartamentos estava vazia?

– Sim. A Imobiliária Spalter pagava uma ninharia na compra de prédios que precisassem de grandes reformas.

– Os apartamentos ficavam trancados?

– Em geral, sim. Às vezes invasores conseguiam entrar.

– Você tinha as chaves?

– Não comigo.

– Como assim?

Kay Spalter hesitou pela primeira vez.

– Havia uma chave-mestra para cada prédio. Eu sabia onde ela ficava.

– Onde?

Ela pareceu balançar a cabeça – ou, de novo, talvez fosse apenas um tremor quase imperceptível.

– Sempre achei uma coisa idiota. Carl andava com sua própria chave-mestra, que servia para todos os apartamentos, mas mantinha uma escondida em cada prédio. No depósito de cada porão. No chão, atrás da fornalha.

– Quem sabia sobre essas chaves escondidas, além de você e Carl?

– Não faço ideia.

– E elas ainda estão lá, atrás das fornalhas?

– Imagino que sim.

Gurney ficou em silêncio durante vários segundos, pensando nesse fato curioso, antes de prosseguir:

– Você alegou que estava com seu namorado na hora do tiro?

– É. Estava na cama com ele.

Seu olhar, fixo em Gurney, era neutro; ela não piscava.

– Então quando ele testemunhou que estava sozinho naquele dia foi mais uma invenção?

– Foi – disse ela, contraindo os lábios.

– E você acredita que o detetive Klemper forjou e direcionou essa elaborada teia de perjúrio... por quê? Só porque você lembrava a ex-mulher dele?

– Essa é a teoria do seu amigo – respondeu ela, indicando Hardwick – não minha. Eu não duvido que Klemper seja um babaca que odeia mulheres, mas tenho certeza de que há mais alguma coisa.

– Tipo o quê?

– Talvez minha condenação fosse conveniente para alguém além dele.

– Quem, por exemplo?

– A Máfia, por exemplo.

– Você está dizendo que o crime organizado foi responsável por...?

– Pela pistolagem contra Carl. É. Estou dizendo que isso faz sentido. Mais sentido do que qualquer outra coisa.

– *Pela pistolagem contra Carl*. Isso não é um modo meio frio...

– Um modo meio frio de me referir à morte do meu marido? O senhor está absolutamente certo, Sr. Supertira. Não vou derramar doces lágrimas em público para provar minha inocência a um júri, a você ou a quem quer que seja. – Ela olhou-o com astúcia. – Isso torna a situação um pouquinho mais difícil, não é? Não é tão fácil provar a inocência de uma escrota insensível.

Hardwick tamborilou os dedos na mesa para atrair a atenção dela. Depois se inclinou para a frente e reiterou devagar e com veemência:

– Nós não precisamos provar que você não fez isso. *A questão não é a inocência*. Só precisamos provar que o julgamento foi sacaneado seriamente, de propósito, pelo investigador-chefe. E é exatamente isso que vamos fazer.

De novo Kay ignorou Hardwick e manteve o olhar fixo em Gurney.

– E então? Em que pé você está? Já tem alguma opinião?

Gurney só respondeu com outra pergunta:

– Você fez aulas de tiro?

– Fiz.

– Por quê?

– Porque achei que poderia ter de atirar em alguém.

– Em quem?

– Talvez nuns caras da Máfia. Eu tinha uma sensação ruim sobre a ligação de Carl com aquelas pessoas. Pressenti alguma encrenca chegando e queria estar preparada.

Formidável, pensou Gurney, procurando uma palavra que descrevesse a criatura pequena, ousada, inabalável, sentada à sua frente. E talvez até um pouco *amedrontadora.*

– Encrenca com a Máfia porque Carl estava começando um partido político contra o crime? E fazendo aqueles discursos do tipo "Essa é a escória da terra"?

Ela deu uma fungadela, ridicularizando a ideia.

– Você não sabe absolutamente nada sobre o Carl, sabe?

Capítulo 9

Viúva Negra

Kay Spalter mantinha os olhos fechados em aparente concentração. Os lábios carnudos estavam comprimidos numa linha estreita e a cabeça, abaixada, apoiada nas mãos cruzadas com força embaixo do queixo. Ficara sentada assim diante de Gurney e Hardwick, sem dizer uma palavra, durante uns bons dois minutos. Gurney supôs que ela estivesse se debatendo com a questão de até que ponto confiar em dois homens desconhecidos, cujo verdadeiro objetivo poderia estar oculto – mas que, por outro lado, poderiam ser sua última chance de liberdade.

O silêncio parecia incomodar Hardwick. O tique reapareceu no canto de sua boca.

– Olha, Kay, se você tem alguma preocupação, vamos colocar tudo na mesa para podermos...

Ela levantou a cabeça e olhou-o, irritada.

– *Preocupação?*

– O que eu quis dizer foi que, se você tem alguma pergunta...

– Se eu tiver alguma pergunta, eu farei. – Ela voltou a atenção para Gurney, examinando o rosto e os olhos dele. – Quantos anos você tem?

– Quarenta e nove. Por quê?

– Não é cedo demais para se aposentar?

– Sim e não. Vinte e cinco anos no Departamento de Polícia de Nova York...

Hardwick interveio:

– O negócio é que ele nunca se aposentou de verdade. Só se mudou para o interior do estado. Ainda está fazendo o que sempre

fez. Resolveu três grandes casos de assassinato desde que deixou o departamento. Três grandes casos nos últimos dois anos. Eu não chamaria isso de *se aposentar*.

Gurney estava achando difícil engolir a conversa de vendedor desesperado de Hardwick.

– Olha, Jack...

Desta vez foi Kay quem interrompeu Gurney:

– Por que você está fazendo isso?

– O quê?

– Envolvendo-se no meu caso.

Gurney teve dificuldade em encontrar uma resposta que estivesse disposto a dar. Finalmente, disse:

– Curiosidade.

Hardwick interveio de novo:

– Dave é um solucionador inato de quebra-cabeças. Obsessivo. Brilhante. Vai montando uma peça após a outra até chegar à verdade. Quando fala “curiosidade”, ele quer dizer muito mais do que...

– Não me diga o que ele quer dizer. Ele está aqui. Eu estou aqui. Deixe que ele fale. Na última vez, eu escutei o que você e seu amigo advogado disseram. – Ela se remexeu na cadeira, explicitamente focalizando a atenção em Gurney. – Agora quero ouvir o que *você* tem a dizer. Quanto estão lhe pagando para trabalhar neste caso?

– Quem?

Ela apontou para Hardwick.

– Ele e o advogado, Lex Bincher, da Bincher, Fenn e Blaskett.

Ela disse isso como se fosse um remédio de gosto horrível, mas

necessário.

– Não estão me pagando nada.

– Você não está sendo pago?

– Não.

– Mas espera ser pago em algum momento no futuro, se o seu esforço produzir o resultado desejado?

– Não, não espero.

– Não? Então, tirando essa babaquice sobre montar quebra-cabeças, por que você está fazendo isso?

– Eu devo um favor ao Jack.

– Por quê?

– Ele me ajudou no caso do Bom Pastor. Estou ajudando-o neste.

– Curiosidade. Pagamento de dívida. O que mais?

O que mais? Gurney se perguntou se ela saberia da existência de um terceiro motivo. Recostou-se na cadeira, pensando por um momento no que diria. Depois falou baixinho:

– Eu vi uma foto do seu ex-marido na cadeira de rodas, acho que foi tirada alguns dias antes de ele morrer. A foto era principalmente do rosto.

Kay enfim demonstrou algum sinal de reação emocional. Arregalou os olhos verdes e pareceu um pouquinho mais pálida.

– O que que tem?

– A expressão nos olhos dele. Quero saber o motivo daquilo.

Ela mordeu o lábio inferior.

– Talvez fosse só... como uma pessoa fica quando sabe que está prestes a morrer.

– Não creio. Já vi muita gente morrer. Levando tiros de traficantes de drogas. De estranhos. De parentes. De policiais. Mas nunca vi aquela expressão no rosto de ninguém.

Ela respirou fundo, soltou o ar com um tremor.

– Você está bem? – perguntou Gurney.

Em sua carreira ele havia observado centenas, talvez milhares de tentativas de fingir emoção. Mas aquilo parecia real.

Ela fechou os olhos por alguns segundos e depois os abriu.

– O promotor disse ao júri que o rosto de Carl refletia o desespero de um homem traído por uma pessoa amada. É isso que você está pensando? Que podia ser a expressão de um homem cuja mulher queria que ele morresse?

– Acho que é uma possibilidade. Mas não a única.

Ela reagiu assentindo de leve com a cabeça.

– Uma última pergunta: seu coleguinha aqui fica dizendo que o sucesso da minha apelação não tem nada a ver com o fato de eu ter atirado ou não no Carl. Só depende de mostrar “uma falha substancial no processo devido”. Então me diga uma coisa: importa a você, *pessoalmente*, se eu sou culpada ou inocente?

– Para mim é a *única* coisa que importa.

Ela sustentou o olhar de Gurney pelo que pareceu um longo tempo antes de pigarrear, virar-se para Hardwick e falar numa voz diferente, mais nítida, mais leve.

– Certo. Trato feito. Peça ao Bincher que me mande o contrato.

– Pode deixar – disse Hardwick com um movimento de cabeça rápido, enfático, que mal escondia a empolgação.

Ela olhou para Gurney com desconfiança.

– Por que você está me olhando desse jeito?

– Estou impressionado pelo modo como você toma decisões.

– Eu tomo decisões assim que minha intuição e meu cérebro concordam. Qual é o próximo item da nossa lista?

– Você disse antes que eu não sabia absolutamente nada sobre o Carl. Me conte.

– Por onde devo começar?

– Por qualquer coisa que pareça importante. Por exemplo, Carl estava envolvido em alguma coisa que poderia ter levado ao assassinato dele?

Ela deu um sorriso rápido e amargo.

– Não é surpresa ele ter sido assassinado. A única surpresa foi não ter acontecido antes. O motivo da morte de Carl foi a vida dele. Carl era ambicioso. Louco de ambição. Doente de ambição. Herdou esse gene do pai, um réptil nojento que engoliria o mundo inteiro se pudesse.

– Quando você diz que Carl era “doente”, o que quer dizer?

– A ambição estava destruindo-o. Mais, maior, melhor. Mais, mais, mais. E o *como* não importava. Para conseguir o que queria, ele estava lidando com pessoas perto de quem você não gostaria de estar. Quando você brinca com cascavéis... – Ela fez uma pausa, os olhos brilhando de raiva. – É tão absurdo que eu esteja trancada neste *zoológico*! Fui *eu* que avisei que ele estava passando do ponto, que ia acabar sendo assassinado. Bom, ele não deu atenção ao que eu disse e foi assassinado. E *eu* é que fui condenada por isso.

Ela olhou Gurney como quem parecia dizer: *A vida é uma puta piada de mau gosto ou não é?*

– Você tem alguma ideia de quem atirou nele?

– Bom, essa é outra pequena ironia. O cara que aprova tudo o

que acontece no norte do estado de Nova York, a serpente que ordenou a pistolagem contra Carl, ou pelo menos deu o ok... esse cara esteve na nossa casa em três ocasiões. Eu poderia ter acabado com ele em qualquer uma dessas vezes. Na verdade, na terceira vez cheguei bem perto disso. Sabe de uma coisa? Se eu tivesse feito isso na época, quando tive vontade, o Carl não estaria morto agora e eu não estaria sentada aqui. Está entendendo? Eu fui condenada por um assassinato que não cometi, por causa de um assassinato que deveria ter cometido, mas não cometi.

– Qual é o nome dele?

– De quem?

– Da serpente que você deveria ter matado.

– Donny Angel. Também conhecido como Grego. Também conhecido como Adonis Angelidis. Por três vezes tive a chance de acabar com ele. Deixei passar todas as três.

Gurney observou que esse rumo da conversa havia evidenciado outra parte de Kay Spalter. Dentro da criatura inteligente, impressionante, de estrutura frágil, havia algo bem frio.

– Vamos voltar um pouquinho – disse Gurney, querendo uma ideia mais clara do mundo habitado pelos Spalter. – Fale mais sobre os negócios do Carl.

– Só posso falar do que eu sei. A ponta do iceberg.

Na meia hora seguinte, Kay abordou não somente os negócios de Carl e sua estranha estrutura corporativa, mas também sua família esquisita.

Seu pai, Joe Spalter, havia herdado uma empresa imobiliária do pai *dele*. A Imobiliária Spalter acabou adquirindo uma grande fatia do número total de propriedades para aluguel no norte do estado de Nova York, inclusive metade dos prédios residenciais em Long Falls

– tudo isso na época em que Joe, perto da morte, transferiu a empresa para os dois filhos, Carl e Jonah.

Carl era igual a Joe: tinha a mesma ambição e fome de dinheiro do pai. Jonah era mais parecido com a mãe, Mary, defensora ferrenha de muitas causas sem esperança. Era um sonhador utópico, um carismático espiritualista da Nova Era. Como disse Kay: “Carl queria ser dono do mundo e Jonah queria salvar o mundo.”

Na opinião de Joe, Carl tinha o necessário para “ir até o final”: ser o homem mais rico dos Estados Unidos, ou talvez do mundo. O problema era que Carl era tão incontrolável quanto implacável. Não havia nada que não fosse capaz de fazer para obter o que desejava. Quando criança tinha ateado fogo ao cachorro do vizinho como distração para roubar um videogame. E esse não foi o único episódio de loucura. Coisas assim aconteciam regularmente.

Por mais implacável que o próprio Joe fosse, ele via essa característica como um problema potencial – não que se importasse com cachorros incendiados ou roubos. Era a falta de *prudência*, a falta de um cálculo adequado de risco e recompensa, que o incomodava. Sua solução definitiva foi unir Carl e Jonah nos negócios da família. Jonah deveria ser uma influência moderadora, uma fonte da cautela que faltava em Carl.

O veículo para essa combinação supostamente benéfica das personalidades foi um contrato jurídico impossível de ser rompido, que os dois assinaram quando Joe passou a corporação para eles. Todas as determinações eram projetadas para garantir que nenhum negócio pudesse ser feito, nenhuma decisão pudesse ser tomada e nenhuma mudança pudesse ser realizada na companhia sem a aprovação *conjunta* de Carl e Jonah.

Mas a fantasia de Joe, de fundir as personalidades opostas de seus filhos numa força única para o sucesso, jamais se transformou em realidade. Tudo o que surgiu foi conflito, a estagnação da

Imobiliária Spalter e uma animosidade sempre crescente entre os irmãos. Isso empurrou Carl na direção da política como uma rota alternativa para o poder e o dinheiro, com uma ajuda secreta do crime organizado, enquanto empurrava Jonah na direção da religião e do estabelecimento de seu grande empreendimento, a Catedral do Ciberespaço, com ajuda secreta de sua mãe, que Joe deixara tremendamente bem de vida. A mãe em cujo enterro Carl recebera um ferimento fatal.

Quando Kay enfim terminou de contar a saga da família Spalter, Gurney foi o primeiro a falar:

– Então o Partido Anticrime do Carl e seus discursos sobre a "escória da terra", falando em esmagar o crime organizado no estado de Nova York, não passavam de...

Ela completou o raciocínio dele:

– Mentira, disfarce. Para um político que estava secretamente na cama com a Máfia, que disfarce seria melhor do que a imagem de lutador implacável contra o crime no estado?

Gurney assentiu, tentando deixar que a tortuosa narrativa de novela de TV se assentasse em seu cérebro.

– Então sua teoria é que Carl acabou tendo algum tipo de discordância com esse tal de Angel? E que esse foi o motivo para ele ser morto?

– Angel sempre foi o jogador mais perigoso na sala. Carl não deve ter sido o primeiro, nem mesmo o décimo, a fazer negócios com ele e terminar na vala. Há um ditado, em certos círculos, de que o Grego só coloca duas opções na mesa de negociação: "Faça do meu jeito ou eu estouro a porra da sua cabeça." Eu apostaria qualquer coisa em que houve algo que o Carl se recusou a fazer do jeito do Donny. Ele acabou mesmo tendo a cabeça estourada, não foi?

Gurney não respondeu. Estava tentando deduzir quem diabo era de fato aquela mulher brutalmente fria.

– Por sinal – acrescentou ela –, você deveria olhar algumas fotos do Carl tiradas antes de tudo isso acontecer.

– Por quê?

– Para entender no que ele estava metido. Carl era feito para a política. Vendeu a alma ao diabo, com um sorriso feito no céu.

– Por que você não o largou quando as coisas ficaram feias?

– Porque eu sou uma interesseirazinha fútil, viciada em poder e dinheiro.

– É mesmo?

A resposta dela foi um sorriso brilhante e enigmático.

– Você tem mais alguma pergunta?

Gurney pensou por um instante.

– Tenho. O que é a Catedral do Ciberespaço?

– Só mais uma religião sem Deus. Digite esse nome num site de buscas e vai descobrir mais do que você queria saber. Mais alguma coisa?

– Carl ou Jonah tiveram algum filho?

– Jonah, não. Está ocupado demais em ser espiritual. Carl tem uma filha, do primeiro casamento. Uma piranha desvairada.

A voz de Kay soou tão casual quanto se ela estivesse descrevendo a garota como “estudante universitária”.

Gurney piscou diante dessa desconexão.

– Quer me falar mais sobre isso?

Ela pareceu em vias de falar, depois balançou a cabeça em negativa.

– Melhor você ver por si mesmo. Nesse assunto não sou objetiva.

Depois de mais algumas perguntas e de marcar hora para um telefonema, Hardwick e Gurney se levantaram para sair. Hardwick fez menção de olhar de novo o hematoma no rosto de Kay.

– Tem certeza que está bem? Eu conheço uma pessoa aqui que pode ficar de olho em você, talvez separá-la das outras detentas durante um tempo.

– Eu já disse, isso está resolvido.

– Tem certeza que não está contando demais com a ajuda da Crystal?

– Crystal dá conta. E meu apelido ajuda, já falei? Aqui no zoológico é uma expressão que produz muito respeito.

– Que apelido?

Ela mostrou os dentes num sorriso rápido e gelado.

– Viúva Negra.

Capítulo 10

A piranha desvairada

Assim que deixaram para trás a Penitenciária de Bedford Hills a caminho da ponte Tappan Zee, Gurney puxou o assunto que o vinha consumindo:

– Tive a impressão que você sabe algumas coisas importantes sobre esse caso e não me contou.

Hardwick acelerou e ultrapassou uma minivã lenta, com uma expressão de repulsa.

– Pelo visto ele não tem mais o que fazer e pode andar nessa velocidade ridícula. Seria ótimo ter um trator e empurrar esse molenga numa vala.

Gurney esperou.

Hardwick finalmente respondeu:

– Você captou a linha geral, ás: pontos-chave, atores principais. Que mais você quer, porra?

Gurney pensou nisso, pensou no tom.

– Agora você está parecendo mais o Jack que eu conheço.

– Como assim?

– Coloque essa cabeça para pensar. Lembre-se, eu ainda posso cair fora, o que vou fazer se não tiver a certeza de que sei tudo o que você sabe sobre o assassinato do Spalter. Não vou bancar o testa de ferro só para aquela mulher assinar o contrato com seu advogado. Como foi que ela disse que era o nome dele?

– Pega leve. Não esquenta. O nome dele é Lex Bincher. Você vai conhecê-lo.

– Olha, Jack, esse é o problema.

– Que problema?

– Você está presumindo coisas.

– Presumindo o quê?

– Que eu já embarquei nessa.

Hardwick fixou uma expressão concentrada, de testa franzida, na estrada vazia à frente. O tique voltou.

– E não embarcou?

– Talvez sim, talvez não. O ponto é: eu aviso a você.

– Certo. Bom.

Baixou entre eles um silêncio que durou até terem atravessado o Hudson e acelerarem para oeste pela I-287. Gurney havia passado esse período refletindo no que o tinha deixado tão contrariado, e chegara à conclusão de que o problema não era Hardwick. Era sua própria desonestidade.

De fato, ele *já tinha embarcado*. Havia aspectos do caso – além da foto espantosa de Carl Spalter – que o deixavam intrigado. Mas ele estava fingindo indecisão, e o fingimento tinha mais a ver com Madeleine do que com Hardwick. Estava fingindo – e fazendo de conta para ela – que esse era um processo racional que ele estava conduzindo segundo algum critério objetivo, quando, na verdade, não era nada disso. Seu envolvimento era uma questão de escolha racional tanto quanto a ideia de que ele poderia *escolher* ser afetado ou não pela força da gravidade.

A verdade era que um caso complexo de assassinato atraía sua atenção e sua curiosidade mais do que qualquer coisa no mundo. Ele podia inventar motivos para isso. Podia dizer que era uma questão de justiça. Corrigir um desequilíbrio terrível no esquema das coisas. Defender os que tinham sido injustiçados.

Mas havia outras ocasiões em que considerava que isso não

passava da vontade de solucionar quebra-cabeças de alto risco, um impulso obsessivo-compulsivo de encaixar todas as peças soltas. Um jogo intelectual, uma disputa de mente e vontade. Um tipo de jogo em que ele podia ser excelente.

E havia a sugestão sombria de Madeleine: a possibilidade de que, de algum modo, ele se sentisse atraído pelo próprio *risco* terrível, que alguma parte de sua psique, que odiava a si mesmo, ficava atraindo-o cegamente para a órbita da morte.

Sua mente rejeitou essa possibilidade ao mesmo tempo que seu coração ficava congelado por ela.

Mas em última instância ele não confiava em nada que pensava ou dizia sobre o *motivo* de sua profissão. Eram apenas ideias, rótulos com os quais ele às vezes ficava confortável.

Será que algum dos rótulos captava a essência da força da gravidade?

Não sabia dizer.

O resumo da ópera era o seguinte: por mais que racionalizasse e contemporizasse, não conseguiria dar as costas a um desafio como o caso Spalter, assim como um alcoólatra não conseguiria se afastar de um martíni depois do primeiro gole.

Exausto de repente, fechou os olhos.

Quando enfim os abriu, captou um vislumbre do Reservatório Pepacton bem à frente. Isso significava que tinham passado por Cat Hollow e estavam de volta ao condado de Delaware, a menos de vinte minutos de Walnut Crossing. A água no reservatório estava a níveis deprimentes, resultado de um verão seco, o tipo de verão capaz de produzir um outono opaco, apagado.

Seus pensamentos voltaram para o encontro em Bedford Hills.

Olhou para Hardwick, que parecia perdido nos próprios pensamentos desagradáveis.

– Então me diga, Jack: o que você sabe sobre a filha “piranha desvairada” de Carl Spalter?

– Obviamente você ignorou essa página na transcrição do julgamento. Ela testemunhou que ouviu Kay ao telefone com alguém na véspera do atentado contra Carl, dizendo que estava tudo combinado e que em 24 horas os problemas dela estariam resolvidos. O nome da adorável jovem é Alyssa. Pense positivo sobre ela. A piranhice insana daquela garota pode ser a chave que vai libertar nossa cliente.

Hardwick estava a 105 quilômetros por hora numa estrada sinuosa cujo limite oficial era 70 quilômetros. Gurney verificou o cinto de segurança.

– Quer me contar por quê?

– Alyssa tem 19 anos, é linda como uma estrela de cinema e é puro veneno. Me contaram que ela tem a expressão “Sem Limites” tatuada num lugar especial. – Hardwick explodiu num riso maníaco. – Além disso, é viciada em heroína.

– E como isso ajuda a Kay?

– Me deixe terminar de falar. Parece que o Carl era muito generoso com a pequena Alyssa. Ele a estragou com mimos enquanto estava vivo. Na verdade, talvez tenha feito mais do que estragar. Mas o testamento dele é outra coisa. Talvez ele tenha se dado conta do que a filhinha viciada poderia fazer com alguns milhões à disposição. Por isso o testamento dizia que tudo iria para a Kay. E ele não tinha mudado o testamento na ocasião do tiro, talvez porque não tivesse se decidido quanto ao divórcio, ou simplesmente não tivesse tido tempo, um ponto que o promotor vivia enfatizando como o principal motivo de Kay para o assassinato.

Gurney assentiu.

– E depois do tiro ele não foi mais capaz de mudá-lo.

– Isso. Mas tem outro lado. Assim que fosse condenada, Kay não poderia herdar nem um centavo, porque a lei impede que um beneficiário receba os bens de uma pessoa falecida cuja morte seja facilitada por esse beneficiário. Os bens que iriam para a pessoa culpada são distribuídos pelos parentes mais próximos. Neste caso, Alyssa Spalter.

– Ela ficou com o dinheiro do Carl?

– Não exatamente. Essas coisas na melhor das hipóteses andam devagar, e a apelação vai impedir qualquer distribuição até que haja uma decisão final.

Gurney estava começando a ficar impaciente.

– Então como a Srta. “Sem Limites” é a chave para o caso?

– Obviamente ela possuía uma motivação forte para garantir que Kay fosse considerada culpada. Você até pode dizer que ela própria tinha um motivo poderoso para cometer o assassinato, desde que Kay levasse a culpa.

– E daí? O dossiê do caso não menciona qualquer prova que possa ligá-la ao atentado. Será que deixei passar alguma coisa?

– Absolutamente nada.

– Então aonde você quer chegar com isso?

O sorriso de Hardwick se alargou. Aonde quer que ele fosse chegar, obviamente estava adorando o passeio. Gurney olhou a agulha do velocímetro e viu que agora pairava em 110. Estavam descendo uma colina depois da extremidade oeste do reservatório, aproximando-se da curva fechada perto do Aluguel de Canoas do Barney. O maxilar de Gurney se retesou. Os carros antigos de alta performance tinham potência suficiente, mas a manobra em curvas rápidas podia ser implacável.

– Aonde eu quero chegar com isso? – Os olhos de Hardwick brilhavam com deleite. – Bom, deixe-me fazer uma pergunta. Você

diria que pode haver uma pequena questão de conflito de interesses... uma pequena questão processual... uma pequena questão de investigação maculada... se uma suspeita potencial num caso de assassinato estivesse trepando com o investigador-chefe?

– O quê... Klemper? E Alyssa Spalter?

– Mick Cacete e a própria Piranha Desvairada.

– Meu Deus. Você tem prova disso?

Por um momento o sorriso ficou maior e mais brilhante do que nunca.

– Sabe, Davey, meu garoto, acho que essa é uma daquelas coisinhas com as quais você pode nos ajudar.

Capítulo 11

Passarinhos

Gurney ficou em silêncio, e continuou assim pelos dezessete minutos seguintes, o tempo que levaram para ir do reservatório até Walnut Crossing, depois subir pela estrada de terra e cascalho desde a rodovia do condado até seu lago, seu pasto e sua casa.

Sentado no GTO que roncava em ponto morto perto da casa, ele sabia que precisava dizer alguma coisa, e queria que não fosse ambígua.

– Jack, tenho a sensação de que estamos em dois caminhos diferentes com esse seu projeto.

Hardwick parecia ter algo azedo na boca.

– Como assim?

– Você fica me empurrando na direção das questões da investigação fraudada, as falhas processuais etc.

– É disso que tratam as apelações.

– Eu sei. Eu vou *chegar* lá. Mas não posso *começar* lá.

– Mas se Mick Klemper...

– Eu sei, Jack, eu sei. Se você puder mostrar que o investigador-chefe ignorou um caminho de investigação porque...

– Porque estava trepando com uma suspeita potencial, poderíamos ter a condenação revertida simplesmente a partir daí. Bingo! O que há de errado com isso?

– Nada. Meu problema é saber como chegar daqui até lá.

– Um primeiro passo inteligente seria bater um papo com a estonteante Alyssa, entender com quem estamos lidando, descobrir

os pontos que podem fazê-la vir para o nosso lado, os ângulos que...

– Veja bem, é exatamente isso que eu quero dizer com caminhos diferentes.

– De que porra você está falando?

– Para mim esse papo com ela poderia ser, talvez, o décimo, décimo primeiro passo inteligente, não o primeiro.

– Porra! Você está levando isso mais a sério do que o necessário.

Gurney olhou pela janela lateral do carro. Um falcão circulava devagar por cima do morro depois do laguinho.

– Além de conseguir que Kay Spalter ponha o nome na linha pontilhada, qual deve ser minha contribuição para esse grupo?

– Eu já disse.

– Repita.

– Você é parte do time estratégico. Parte do poder de fogo. Parte da solução definitiva.

– É mesmo?

– O que há de errado com isso?

– Se você quer que eu contribua, precisa deixar que eu faça isso do meu modo.

– Você está achando que é a porra do Frank Sinatra?

– Não posso ajudar se você quiser que eu ponha o décimo passo à frente do primeiro.

Hardwick soltou o que pareceu um suspiro mal-humorado de resignação.

– Certo. O que você quer que eu faça?

– Preciso começar pelo início. Em Long Falls. No cemitério. No

prédio onde estava o atirador. Preciso estar onde a coisa aconteceu. Preciso *ver.*

– Que porra é essa? Você quer reinvestigar a porra toda?

– Não parece uma ideia tão ruim.

– Você não precisa fazer isso.

Ele já ia dizer a Hardwick que havia uma questão maior do que o objetivo pragmático da apelação: a verdade. Verdade com V maiúsculo. Mas o tom pretensioso desse sentimento o impediu de começar.

– Preciso de um embasamento, é isso.

– Não sei que diabo você está querendo. Nosso foco é nas sacanagens do Klemper, não na porra do cemitério.

Ficaram discutindo por mais dez minutos.

No fim, Hardwick capitulou, balançando a cabeça exasperado.

– Faça o que quiser. Só não fique perdendo tempo, certo?

– Não pretendo perder tempo *nenhum*.

– Como quiser, Sherlock.

Gurney saiu do carro. A porta pesada se fechou com um som mais alto do que ele ouvira em um carro em décadas.

Hardwick se inclinou em direção à janela do carona.

– Vai me manter informado, certo?

– Sem dúvida.

– Não passe tempo demais naquele cemitério. É um lugar seriamente peculiar.

– Como assim?

– Você vai descobrir logo. – Com uma expressão carrancuda, Hardwick deu marcha a ré em seu motor terrivelmente barulhento,

fazendo-o passar de um ronco brônquico para um rugido feroz. Então soltou a embreagem, virou o GTO vermelho devagar ao redor do capim amarelado e desceu pela trilha do pasto.

Gurney olhou de novo para o falcão pairando com facilidade e elegância sobre a montanha. Depois entrou em casa, esperando ver Madeleine ou ouvi-la tocando violoncelo no andar de cima. Chamou-a pelo nome, mas no interior da casa só pairava aquele estranho sentimento de vazio que ela sempre parecia deixar quando estava fora.

Pensou em que dia da semana estavam – se era algum dos três em que ela trabalhava na clínica de saúde mental. Mas não. Revirou a mente em busca de alguma menção que ela tivesse feito sobre as reuniões comunitárias, aulas de ioga, sessões de trabalho voluntário na horta comunitária ou passeios para fazer compras em Oneonta. Mas nada lhe veio à mente.

Voltou para fora, olhou de alto a baixo a encosta suave nos dois lados da casa. Três cervos o observavam do topo do pasto alto. O falcão continuava voando, agora num círculo amplo, fazendo apenas pequenos ajustes no ângulo das asas estendidas.

Gurney chamou o nome de Madeleine, desta vez bem alto, e pôs as mãos em concha nas orelhas para escutar uma resposta. Nada. Mas, enquanto se concentrava em ouvir, algo atraiu seu olhar: depois do pasto baixo, por entre as árvores, um vislumbre de fúcsia no canto de trás do pequeno celeiro.

Só havia dois objetos fúcsia em que ele podia pensar e que pertencessem àquele recluso mundo no fim da estrada: o casaco de náilon de Madeleine e o selim da bicicleta nova que ele tinha dado de aniversário para ela – para substituir a que fora perdida no incêndio que destruíra o celeiro original.

Enquanto descia pelo pasto, cada vez mais curioso, chamou-a mais uma vez – agora com a certeza de que estava olhando de fato

para o casaco. Mas de novo não houve resposta. Passou pela fileira de árvores novas que cercavam o pasto e, quando entrou na área de grama aparada em volta do celeiro, viu Madeleine sentada no chão, no canto mais distante da construção. Parecia concentrada em alguma coisa fora da visão de Gurney.

– Madeleine, por que você não... – começou ele, em um tom de voz claramente irritado pelo silêncio dela.

Sem olhar para ele, ela ergueu uma das mãos num gesto que significava que ele deveria parar de se aproximar ou de falar.

Quando ele obedeceu, ela sinalizou para que ele avançasse. Gurney chegou atrás dela e espiou pelo canto do celeiro. Então viu as três galinhas e o galo, sentados placidamente na grama, cabeça baixa, pés enfiados embaixo do peito. O galo estava acomodado ao lado de uma das pernas estendidas de Madeleine e as três galinhas do outro. Enquanto observava essa cena estranha, Gurney ouviu as galinhas emitindo os mesmos arrulhos pacíficos que faziam no poleiro quando estavam prontas para dormir.

Madeleine olhou para Gurney.

– Elas precisam de uma casinha e de um cercado seguro, para correr. Para ficarem ao ar livre à vontade, felizes e seguras. É só isso que elas querem. Então precisamos fazer isso por elas.

– Certo. – A lembrança do projeto de construção irritou-o. Ele olhou as aves na grama. – Como você vai colocá-las de volta no celeiro?

– Isso não é problema. – Ela sorriu, mais para as aves do que para ele. – Isso não é problema – repetiu num sussurro. – Vamos entrar logo no celeiro. Só queremos ficar na grama por mais uns minutos.

Meia hora depois, Gurney estava sentado diante de seu computador no escritório, navegando pelo site da Catedral do

Ciberespaço, “O seu Portal para uma Vida Cheia de Júbilo”. Talvez previsivelmente, dado o nome da organização, ele não conseguiu encontrar um endereço físico, nem foto alguma de qualquer sede de tijolo e argamassa.

A única opção oferecida na página de contato era por e-mail. Quando Gurney clicou no endereço fornecido, a caixa de e-mail que apareceu tinha como destinatário o próprio Jonah.

Gurney pensou nisso por um tempo – a sugestão franca, quase íntima, de que qualquer comentário, reclamação ou pedido de ajuda iria direto ao fundador. Isso, por sua vez, o fez imaginar que tipo de comentário, reclamação ou pedido de ajuda o site poderia estar gerando; a busca por respostas o fez navegar por mais vinte minutos.

A conclusão a que acabou chegando foi de que a prometida vida cheia de júbilo era um estado mental vagamente Nova Era, rico em pílulas de filosofia de fácil digestão, imagens em tons pastel e dias ensolarados. Todo o empreendimento parecia oferecer a suavidade e a proteção de um talco de neném. Era como se a Hallmark, a marca de cartões de felicitações mais famosa dos Estados Unidos, tivesse decidido fundar uma religião.

O que manteve a atenção de Gurney por mais tempo foi uma foto de Jonah Spalter na página de boas-vindas. Em alta resolução e aparentemente sem retoques, tinha um ar direto e uma honestidade que contrastavam fortemente com as frescuras ao redor.

Havia algo que remetia a Carl na forma do rosto de Jonah, no cabelo escuro e farto, levemente ondulado, no nariz reto, no maxilar forte. Mas qualquer semelhança terminava aí. Enquanto os olhos de Carl, no fim da vida, estavam cheios do desespero mais extremo, os de Jonah pareciam fixos num futuro de sucesso infinito. Como as máscaras clássicas da tragédia e da comédia, as duas fisionomias eram notavelmente semelhantes e totalmente opostas. Se aqueles

irmãos haviam travado o tipo de batalha pessoal citada por Kay, e se a foto de Jonah representava de fato sua aparência atual, não havia dúvida de qual irmão emergira vitorioso.

Além da foto de Jonah, a página de boas-vindas incluía um longo menu de assuntos. Gurney escolheu o que estava no topo da lista: “Somente Humano”. Enquanto uma página com borda de margaridas entrelaçadas surgia na tela, ele escutou a voz de Madeleine chamando-o do outro cômodo.

– O jantar está pronto!

Ela já se encontrava sentada à mesinha redonda perto da porta de vidro – aquela em que eles faziam todas as refeições, a não ser quando tinham convidados e usavam a outra mesa comprida, de jantar. Gurney sentou-se à frente dela. Em cada um dos pratos havia porções generosas de hadoque salteado, cenoura e brócolis. Ele cutucou um pedaço de cenoura, cravou o garfo nele e começou a mastigá-lo. Descobriu que não estava com tanta fome, mas continuou comendo mesmo assim. Não gostou muito do hadoque. Lembrava os peixes sem gosto que sua mãe costumava servir.

– Colocou as galinhas de volta no celeiro? – perguntou, com mais irritação do que interesse.

– Claro.

Ele percebeu que perdera a noção da hora e olhou o relógio na parede oposta. Seis e meia. Virou a cabeça para olhar pela porta de vidro e viu o sol encarando-o de volta logo acima do morro a oeste. Longe de qualquer ideia romântica de um pôr do sol bucólico, aquilo o fez se lembrar do clichê cinematográfico de uma lâmpada de interrogatório.

A associação levou-o de volta às perguntas que havia feito em Bedford Hills apenas algumas horas antes, e àqueles olhos incríveis, firmes e verdes que pareciam mais adequados a um gato numa pintura do que a uma mulher na prisão.

– Quer me falar sobre isso?

Madeleine estava observando-o com aquela expressão sagaz que às vezes o fazia imaginar se estivera sussurrando inconscientemente os próprios pensamentos.

– Sobre...?

– O seu dia. A mulher que você foi ver. O que Jack quer. O seu plano. Se você acredita que ela é inocente.

Não lhe ocorrera que desejava falar sobre isso. Mas talvez desejasse. Pousou o garfo.

– Resumindo, eu não sei no que acredito. Se ela é mentirosa, é muito boa. Talvez a melhor que já vi.

– Mas você não acha que ela seja mentirosa?

– Não tenho certeza. Parece que ela quer que eu acredite que é inocente, mas não está se esforçando para me convencer. É como se quisesse dificultar as coisas.

– Inteligente.

– Inteligente ou... honesta.

– Talvez os dois.

– É.

– O que mais?

– Como assim?

– O que mais você viu nela?

Ele pensou por um momento.

– Orgulho. Força. Força de vontade.

– Ela é interessante, atraente?

– Não acho que “atraente” seja a palavra certa.

– Qual, então?

– Impressionante. Intensa. Obstinada.

– Implacável?

– Ah. Essa é difícil. Se você quer dizer implacável a ponto de matar o marido em troca de dinheiro, ainda não sei.

Madeleine ecoou a palavra “ainda” tão baixinho que ele mal escutou.

– Pretendo dar pelo menos mais um passo – disse Gurney, mas ao mesmo tempo que falava percebeu a desonestidade sutil.

Se o lampejo de ceticismo no olhar de Madeleine era alguma indicação, ela também tinha percebido.

– E esse passo seria...?

– Quero olhar o local do crime.

– Não havia fotos no material que o Jack deixou com você?

– As fotos e os desenhos do local do crime captam talvez dez por cento da realidade. É preciso ir lá, andar, olhar, ouvir, cheirar, absorver a sensação do lugar, a sensação das possibilidades e limitações, o bairro, o tráfego, uma sensação do que a vítima pode ter visto, do que o assassino pode ter visto, como ele pode ter chegado, para onde pode ter ido, quem pode tê-lo visto.

– Ou tê-*la* visto.

– Ou tê-la visto.

E quando você vai fazer tudo isso? Olhar, ouvir, cheirar e sentir?

– Amanhã.

– Você se lembra do nosso jantar?

– Amanhã?

Madeleine deu um sorriso sofrido.

– O pessoal do clube de ioga. Aqui. Para o jantar.

– Ah, certo, claro. Tudo bem. Sem problema.

– Tem certeza? Você vai estar aqui?

– Sem problema.

Ela olhou-o longamente, depois interrompeu o olhar como se o assunto estivesse encerrado. Levantou-se, abriu a porta dupla de vidro e respirou fundo o ar fresco.

Um instante depois, da floresta do outro lado do lago, veio aquele grito estranho e distante que os dois tinham ouvido antes, como uma nota fantasmagórica numa flauta.

Gurney se levantou da cadeira, passou por Madeleine e saiu para o pátio de pedras. O sol havia mergulhado atrás da montanha e a temperatura parecia ter caído uns dez graus. Ele ficou imóvel e tentou escutar uma repetição daquele som irreal.

Tudo o que conseguiu ouvir foi um silêncio tão profundo que provocou um arrepio em seu corpo.

Capítulo 12

Willow Rest

Quando chegou à cozinha na manhã seguinte, Gurney estava faminto.

Madeleine encontrava-se junto à bancada da pia, picando pão num grande prato de papel, metade do qual já estava coberto com morangos cortadinhos. Uma vez por semana ela dava às galinhas algo especial além da ração comprada na loja de produtos agropecuários.

Gurney lembrou, ao vê-la com uma roupa mais formal do que as que usava normalmente, que era um dos dias de trabalho de Madeleine na clínica. Olhou o relógio.

– Você não está atrasada?

– O Hal vem me pegar, então não tem problema.

Se Gurney não estava enganado, Hal era o diretor da clínica.

– Por quê?

Ela o encarou.

– Ah, certo, sim, o seu carro está na oficina. Mas por que o Hal...?

– Eu comentei sobre meu problema com o carro um dia desses no trabalho, e o Hal disse que passa de qualquer jeito pela estrada. Se eu perder a hora porque ele se atrasou, ele não vai poder reclamar. Aliás, falando nisso, você não vai se atrasar, vai?

– Me atrasar? Para quê?

– Hoje à noite. O pessoal da ioga.

– Não, está tudo certo.

– E você vai pelo menos considerar ligar para Malcolm Claret?

– *Hoje?*

– É um dia como qualquer outro.

Ao ouvir o som de um carro subindo pela trilha do pasto, ela foi até a janela.

– Ele chegou – disse Madeleine, animada. – Preciso ir.

Foi rapidamente até Gurney, deu-lhe um beijo e depois pegou a bolsa no aparador com uma das mãos e o prato de pão e morangos com a outra.

– Quer que eu leve isso para as galinhas para você? – perguntou Gurney.

– Não. O Hal pode parar dois segundos no celeiro. Deixe comigo. Tchauzinho!

Ela seguiu pelo corredor que passava pelo quartinho dos casacos e saiu pela porta dos fundos.

Gurney olhou pela janela enquanto o reluzente Audi preto de Hal descia lentamente até o celeiro e circulava para o lado oposto, onde ficava a porta. Observou até o carro reaparecer atrás do celeiro, um ou dois minutos depois, e começar a descer a estrada.

Eram apenas oito e quinze da manhã e seu dia já estava tomado por pensamentos e emoções que ele preferiria não ter.

Sabia, por experiência, que o melhor remédio para uma inquietação era tomar alguma atitude, ir em frente.

Foi ao escritório, pegou o material do caso Spalter e o grosso pacote de documentos que descreviam a jornada de Kay pelo sistema jurídico depois do indiciamento: as moções pré-julgamento, a transcrição do julgamento, cópias do material visual usado pela promotoria e itens de prova, e a apelação rotineira pós-condenação feita pelo advogado original. Levou tudo para o carro, porque não

fazia ideia de quais itens específicos seriam necessários como referência no correr do dia.

Entrou de novo em casa e pegou no armário um blazer cinza, o mesmo que tinha usado centenas de vezes no trabalho, mas talvez apenas três vezes desde a aposentadoria. Aquele blazer, junto com a calça escura, a camisa azul e os sapatos simples de estilo militar, berravam “policial” tão alto quanto qualquer uniforme. Imaginava que a imagem poderia ser útil em Long Falls. Deu uma última olhada ao redor, foi para o carro de novo e digitou o endereço do cemitério Willow Rest no GPS portátil em cima do painel.

Um minuto depois estava a caminho, e já se sentindo melhor.

Como tantas cidades antigas junto a rios e canais cuja utilidade comercial estava desaparecendo, Long Falls parecia lutar contra uma persistente onda de declínio.

Havia sinais de tentativas de revitalização por aqui e ali. Uma fábrica abandonada fora convertida em vários escritórios de profissionais liberais; um agrupamento de pequenas lojas ocupava agora uma antiga fábrica de caixões; um prédio do tamanho de um quarteirão feito de tijolos cheios de fuligem da cor de uma casca de ferida, com o nome LATICÍNIOS CLOVER-SWEET gravado num lintel de granito sobre a entrada, fora rebatizado como ARTE DO NORTE, ESTÚDIOS E GALERIAS, numa placa maior e mais luminosa, fixada sobre o lintel.

Mas enquanto seguia pela rua principal, Gurney contou pelo menos seis prédios de uma época mais próspera abandonados. Havia muitas vagas de estacionamento livres, muito pouca gente nas ruas. Um adolescente magro, usando o uniforme dos fracassados – calça jeans larga e um boné grande demais virado de lado –, estava numa esquina deserta com um cachorro musculoso numa coleira curta. Enquanto Gurney diminuía a velocidade num sinal vermelho, pôde ver que os olhos ansiosos do rapaz

examinavam os carros de passagem com a típica combinação de esperança e distanciamento de um viciado.

Às vezes parecia a Gurney que alguma coisa nos Estados Unidos tinha dado terrivelmente errado. Um grande segmento de uma geração havia se infectado com ignorância, preguiça e vulgaridade. Não parecia mais incomum uma jovem ter, digamos, três filhos pequenos de pais diferentes, e que dois deles estivessem agora na prisão. E lugares como Long Falls, que antes podiam ter sustentado uma vida mais simples, tinham atualmente uma aparência depressiva parecida com todos os outros.

Esses pensamentos foram interrompidos por seu GPS anunciando em uma voz autoritária: “Chegando ao destino à sua direita.”

A placa, perto de uma entrada de veículos de asfalto impecável, dizia apenas WILLOW REST – sem especificar a natureza do empreendimento. Gurney virou o carro e seguiu por ela, passando por um portão aberto de ferro fundido numa parede de tijolos amarelos. Jardins bem cuidados dos dois lados da passagem davam a impressão não de um cemitério, mas de um condomínio de alto nível. A entrada levava direto a um pequeno estacionamento vazio diante de um chalé de estilo inglês.

Jardineiras transbordando com amores-perfeitos roxos e amarelos sob janelas antiquadas, com caixilhos pequenos, fizeram-no se lembrar da estética esquisita e reconfortante de uma pintora famosíssima cujo nome ele jamais conseguia recordar. Havia uma placa dizendo INFORMAÇÕES AOS VISITANTES ao lado de um caminho de pedras que se estendia do estacionamento até a porta do chalé.

Enquanto Gurney subia pelo caminho, a porta se abriu e uma mulher que não pareceu notá-lo emergiu num largo degrau de pedra. Vestia-se de modo casual, como se fosse cuidar das plantas, uma ideia enfatizada pela pequena tesoura de jardinagem na mão.

Gurney supôs que ela teria 50 e poucos anos. Sua característica mais notável era o cabelo curto, de um branco puro e cortado em camadas, terminando em pontinhas de tamanhos irregulares na testa e nas bochechas. Gurney lembrou que sua mãe tinha aquele mesmo corte de cabelo na infância dele, na época em que estava na moda. A recordação provocou-lhe um fugaz sentimento de inquietação.

A mulher olhou com surpresa para Gurney.

– Desculpe, não ouvi seu carro chegar. Eu estava saindo para cuidar de umas coisas. Meu nome é Paulette Purley. Em que posso ajudá-lo?

Durante a viagem a Long Falls, Gurney havia pensado em vários modos de responder a perguntas sobre sua visita, e se decidira por uma abordagem que ele rotulou, na mente, como “honestidade mínima” – o que significava dizer a verdade apenas o suficiente para não ser apanhado numa mentira, mas também evitando suscitar desconfianças desnecessárias.

– Ainda não sei bem. – Ele abriu um sorriso inocente. – Será que posso dar um passeio por aí?

Os olhos castanhos comuns da mulher pareceram avaliá-lo.

– O senhor já veio aqui antes?

– Primeira vez. Mas tenho um mapa de satélite que imprimi do Google.

Uma nuvem de ceticismo cruzou o rosto da mulher.

– Espere só um momento. – Ela se virou e entrou no chalé. Alguns segundos depois, retornou com um panfleto colorido. – Se esse seu mapa do Google não for totalmente claro, isto poderá ser útil. – Ela fez uma pausa. – Precisa que eu lhe ensine a chegar ao local de repouso de algum amigo ou parente específico?

– Não. Mas obrigado. O dia está lindo, acho que prefiro encontrar

o caminho sozinho.

Ela lançou um olhar preocupado para o céu, que estava meio azul e meio nublado.

– Estão falando sobre a possibilidade de chuva. Se o senhor me disser o nome...

– A senhora é muito gentil – interrompeu ele, recuando. – Mas vou ficar bem. – Em seguida se afastou na direção de um pequeno estacionamento e viu, do lado oposto, um caminho de pedras que passava por uma treliça coberta de rosas, ao lado da qual havia uma placa em que estava escrito ENTRADA DE PEDESTRES. Enquanto seguia, olhou para trás. Paulette Purley ainda estava parada diante do chalé, observando-o com um ar de curiosidade ansiosa.

Gurney não demorou muito para perceber o que Hardwick dissera ao se referir ao Willow Rest como “seriamente peculiar”. O lugar tinha pouca semelhança com qualquer cemitério que ele já vira. No entanto, havia também algo familiar. Algo que ele não conseguiu definir com exatidão.

O projeto básico consistia num caminho calçado de pedras, ligeiramente sinuoso, paralelo ao muro baixo de tijolos que cercava a propriedade. Caminhos menores se ramificavam na direção do centro do cemitério a intervalos regulares, em meio a uma profusão de rododendros, lilases e pinheiros. Esses caminhos, por sua vez, se ramificavam em trilhas mais estreitas ainda, e cada qual terminava como uma entrada de veículos, num gramadinho do tamanho de um pequeno quintal, separado dos vizinhos por fileiras de espireias que chegavam até a cintura e canteiros de hemerocales. Em cada um desses gramadinhos em que ele entrava existiam várias lápides de mármore deitadas no chão. Além do nome do morto, cada lápide tinha apenas uma data, em vez das datas tradicionais, de nascimento e morte.

Perto de cada “entrada de veículos” havia uma caixa de

correspondência simples, preta, com um nome de família pintado na lateral. Gurney abriu algumas dessas caixas enquanto seguia pelas trilhas, mas não encontrou nada em nenhuma delas. Cerca de vinte minutos depois do início da exploração ele chegou a uma que tinha o nome Spalter pintado, e que demarcava a entrada para o maior lote que Gurney já havia encontrado até o momento. O lote ocupava o que parecia ser um dos pontos mais altos do Willow Rest, uma colina suave, da qual o rio estreito era visível depois do muro do perímetro. Do outro lado do rio ficava a autoestrada estadual que dividia Long Falls ao meio. Do lado de lá da estrada havia um quarteirão de prédios de três andares voltados para o cemitério.

Capítulo 13

Morte em Long Falls

Gurney já estava familiarizado com os aspectos básicos da topografia, da estrutura, dos ângulos e distâncias. Tudo isso fora documentado no dossiê do caso. Mas ver *o* prédio, e depois identificar *a* janela de onde a bala fatal foi disparada – em direção à área onde ele estava agora – tinha um efeito chocante. Era o efeito da realidade colidindo com a preconcepção. Uma experiência que ele tivera em incontáveis locais de crimes. Era essa diferença entre uma imagem mental e o impacto sensorial verdadeiro que tornava tão importante *estar ali.*

Uma cena de crime era concreta e pura de um modo que nenhuma foto ou descrição jamais poderia ser. Tinha respostas que você poderia encontrar caso observasse de olhos e mente bem abertos. Se você a analisasse com atenção, a cena podia contar uma história. Era, literalmente, um local de onde você poderia examinar as possibilidades reais.

Depois de realizar um exame preliminar do ambiente ao redor, Gurney se concentrou nos detalhes do lote dos Spalter. Mais de duas vezes maior que o maior que ele encontrara durante sua caminhada até ali, Gurney imaginou que a área central de grama aparada teria 15 por 20 metros. Uma borda baixa de roseiras bem cuidadas a cercava.

Ele contou oito lápides de mármore planas deitadas logo abaixo da altura da grama, com um espaço de cerca de 1,80 metro a 3,5 metros para cada sepultura. A data mais antiga, 1899, aparecia numa lápide que tinha o nome de Emmerling Spalter. A mais recente, 1970, estava na de Carl Spalter. As bordas das letras na superfície de mármore eram nitidamente afiadas e recém-

esculpidas. Mas era claro que a data não era da morte dele. Do nascimento, então? Era provável que sim.

Enquanto olhava para a lápide, Gurney viu que ela ficava ao lado da de Mary Spalter, a mãe de Carl, em cujo enterro ele recebera o ferimento fatal. Do outro lado da sepultura de Mary havia uma lápide com o nome de Joseph Spalter. Pai, mãe e o filho assassinado. Uma peculiar reunião de família naquele cemitério também peculiar. Três parentes – incluindo o filho que esperava ser governador – reduzidos a absolutamente nada.

Enquanto pensava na triste pequenez da vida humana, Gurney ouviu um pequeno zumbido mecânico atrás. Virou-se e viu um carrinho elétrico de golfe se aproximar até parar perto da cerca de roseiras do lote dos Spalter. Quem dirigia era Paulette Purley, que sorria de modo inquisitivo.

– Olá de novo, Sr...? Desculpe, não sei o seu nome.

– Dave Gurney.

– Olá, Dave. – Ela saiu do carrinho. – Eu estava indo fazer minha ronda quando notei aquelas nuvens de chuva se juntando. – Ela fez um gesto vago na direção de algumas nuvens cinzentas a oeste. – Achei que talvez o senhor fosse precisar de um guarda-chuva. Não vai querer ficar aqui, embaixo de um aguaceiro, sem guarda-chuva. – Enquanto falava, ela pegou um guarda-chuva azul no chão do carrinho e o entregou a ele. – É bom ficar molhado quando a gente está nadando, mas afora isso não é tão agradável.

Ele pegou o guarda-chuva, agradeceu e esperou que ela passasse para o objetivo real de sua aparição, que certamente nada tinha a ver com mantê-lo seco.

– Quando estiver saindo, é só deixá-lo no chalé. – Ela começou a voltar para o carrinho, depois parou como se outro pensamento tivesse acabado de lhe ocorrer. – O senhor conseguiu encontrar o caminho?

– Sim, consegui. Claro, este lote em particular seria...

– Esta propriedade – exclamou ela.

– Perdão?

– No Willow Rest preferimos não usar o vocabulário habitual dos cemitérios. Nós oferecemos “propriedades” às famílias, e não pequenos “lotes” deprimentes. Vejo que o senhor não faz parte da família, não é?

– Não, não faço.

– Amigo, talvez?

– De certa forma, sim. Mas posso perguntar por que a senhora quer saber?

Ela pareceu procurar no rosto dele uma pista de como deveria prosseguir. Então algo na expressão de Gurney pareceu tranquilizá-la. Sua voz baixou para um tom confidencial.

– Desculpe. Eu não tinha nenhuma intenção de ofendê-lo. Mas o senhor entende, tenho certeza, que a propriedade Spalter é um caso especial. Às vezes temos problema com... como posso dizer?... caçadores de sensações. São mais como *vampiros*, pensando bem. – Ela retorceu os lábios em sinal de desgosto. – Quando acontece alguma coisa trágica, elas vêm olhar, tirar fotos. É nojento, não é? Quero dizer, é uma *tragédia.* Uma *tragédia* familiar terrível. Dá para imaginar? Um homem leva um tiro no enterro da própria mãe? Um tiro no cérebro! Fica aleijado! Completamente paralítico! Um vegetal! Depois morre! E a assassina é a própria esposa! É uma *tragédia* terrível, terrível! E o que as pessoas fazem? Aparecem aqui com máquinas fotográficas. *Máquinas fotográficas*. Algumas até tentam roubar as roseiras. Como lembrança! Dá para imaginar? Claro, como gerente residente, tudo acaba sendo *minha* responsabilidade. Fico enjoada só de falar. Enjoada! Não posso nem... – Ela balançou a mão num gesto de impotência.

A mocinha está protestando demais, pensou Gurney. *Parece tão empolgada pela "tragédia" quanto as pessoas que está condenando.* Mas, refletiu ele, isso não era incomum. Poucos comportamentos de outras pessoas são tão irritantes quanto aqueles que mostram nossas falhas de um modo pouco atraente.

Seu pensamento seguinte foi que a aparente atração dela pelo drama poderia lhe dar uma abertura útil. Olhou nos olhos dela como se os dois estivessem em um profundo encontro de almas.

– A senhora se importa mesmo com isso, não é?

Ela piscou.

– Se me importo? Claro que sim. Não é óbvio?

Em vez de responder, ele se virou com uma expressão pensativa, andou até a cerca de roseiras e cutucou distraidamente a terra com a ponta do guarda-chuva que ela lhe dera.

– Quem é o senhor? – perguntou ela, enfim.

Ele pensou ter ouvido um toque de animação na pergunta.

Gurney continuou cavucando a terra.

– Eu já lhe disse, meu nome é Dave Gurney.

– Por que está aqui?

De novo ele falou sem se virar:

– Vou lhe dizer em um minuto. Mas primeiro deixe-me lhe fazer uma pergunta. Qual foi a sua reação, a primeira coisa que a senhora sentiu, quando descobriu que Carl Spalter tinha levado um tiro?

Ela hesitou.

– O senhor é repórter?

Ele se virou para ela, pegou a carteira e levantou-a, mostrando seu distintivo dourado do Departamento de Polícia de Nova York. Ela estava suficientemente longe para que a palavra "Aposentado"

embaixo do distintivo não fosse legível, e não chegou mais perto para examinar. Ele fechou a carteira e colocou-a de volta no bolso.

– O senhor é detetive?

– Isso mesmo.

– Ah... – Ela pareceu alternar confusão, curiosidade, empolgação. – O que... o que o senhor quer aqui?

– Preciso entender melhor o que aconteceu.

Ela piscou rapidamente várias vezes.

– O que há para entender? Achei que tudo estivesse... resolvido.

Ele deu alguns passos para perto dela e falou como se estivessem compartilhando informações privilegiadas:

– Há uma apelação da condenação em curso. Existem algumas questões em aberto, possíveis lacunas nas provas.

Ela franziu a testa.

– Todas as condenações de assassinato não recebem apelação automaticamente?

– Sim. E a maioria das condenações é mantida. Mas este caso pode ser diferente.

– Diferente?

– Deixe-me perguntar de novo. Qual foi a sua reação, *a primeiríssima coisa que a senhora sentiu*, ao descobrir que Carl levou um tiro?

– Descobri? Quer dizer, quando eu percebi.

– *Percebeu?*

– Eu fui a primeira a ver.

– Ver o quê?

– O buraquinho na têmpora dele. A princípio não tive certeza de

que era um buraco. Só parecia um ponto vermelho redondo. Mas então um fiozinho vermelho começou a escorrer pela lateral da testa. E eu soube. Eu simplesmente *soube.*

– A senhora disse isso aos primeiros policiais que chegaram?

– Claro.

– Fascinante. Me conte mais.

Ela apontou para o chão a pouco mais de 1 metro de onde Gurney estava.

– Foi ali, bem ali, onde a primeira gota de sangue da lateral da testa caiu na neve. Quase posso ver agora. O senhor já viu sangue na neve? – Os olhos dela pareceram se arregalar com a lembrança. – É a coisa mais vermelha que se pode imaginar.

– O que faz a senhora ter tanta certeza de que foi nesse lugar exato...

Ela respondeu antes que ele terminasse:

– Por causa *daquilo*.

Ela indicou outro ponto no chão, cerca de 30 centímetros mais distante.

Só quando Gurney deu um passo na direção em que a mulher apontou, viu um pequeno disco verde abaixo do nível da grama. Havia perfurações minúsculas ao redor da circunferência.

– É um sistema de irrigação?

– Ele estava com o rosto para baixo a alguns centímetros dali. – Ela passou por cima do local e pôs o pé ao lado do irrigador. – Bem ali.

Gurney ficou pasmo com a frieza, com a hostilidade do gesto.

– A senhora comparece a todos os enterros aqui?

– Sim e não. Como gerente residente, nunca estou longe. Mas

sempre mantenho uma distância discreta. Acredito que os enterros são para a família e os amigos. Claro, no caso do enterro do Spalter, eu estava mais presente.

– Mais presente?

– Bem, eu não achei que fosse adequado ficar sentada com a família e as pessoas que tinham ligação pessoal com o Sr. Spalter, por isso fiquei um pouco afastada, mas sem dúvida estava mais presente do que em outros enterros.

– Por quê?

Ela pareceu surpresa com a pergunta.

– Por causa do meu relacionamento.

– E qual era?

– A Imobiliária Spalter é minha empregadora.

– Os Spalter são donos de Willow Rest?

– Achei que isso fosse de conhecimento comum. O Willow Rest foi fundado por Emmerling Spalter, avô do... recém-falecido. O senhor não sabia?

– A senhora terá de ser paciente comigo. Sou novo no caso e sou novo em Long Falls. – Ele viu algo crítico na expressão dela e acrescentou em um leve tom conspiratório: – Veja bem, fui mandado aqui para ter uma perspectiva completamente nova. – Ele lhe deu alguns instantes para absorver as implicações dessa declaração, depois continuou: – Agora voltemos à minha pergunta sobre sua sensação ao *perceber* o que havia acontecido.

Ela hesitou, com os lábios se comprimindo.

– Por que isso é importante?

– Já explico num minuto. Enquanto isso, permita-me fazer outra pergunta. O que a senhora sentiu ao saber que Kay Spalter foi presa?

– Ah, meu Deus. Incredulidade. Choque. Choque total.

– A senhora conhecia bem a Kay?

– Obviamente não tanto quanto pensava conhecer. Uma coisa assim faz a gente pensar em até que ponto conhece alguém. – Depois de uma pausa, a expressão dela assumiu uma espécie de curiosidade astuta. – De que se trata tudo isso? Essas perguntas... o que está acontecendo?

Gurney lançou-lhe um olhar longo e duro, como se estivesse avaliando se ela era de confiança. Depois respirou fundo e falou com o que esperava ser interpretado como um tom de confissão:

– Acontece uma coisa esquisita com os policiais, Paulette. Nós esperamos que as pessoas nos contem tudo, mas não gostamos de revelar nada. Eu entendo os motivos para isso, mas há ocasiões... – Ele fez uma pausa, depois respirou fundo e falou devagar, olhando-a nos olhos: – Tenho a impressão de que Kay era muito mais agradável do que o Carl. Que não era o tipo de pessoa capaz de cometer um assassinato. Estou tentando descobrir se estou certo ou errado, mas não posso fazer isso sozinho. Preciso das ideias de outras pessoas. Tenho uma forte sensação de que talvez você possa me ajudar.

Ela o encarou durante vários segundos, depois teve um pequeno tremor e envolveu o corpo com os braços.

– Acho que o senhor deveria voltar para a casa comigo. Tenho certeza de que vai chover a qualquer minuto.

Capítulo 14

O irmão do diabo

O chalé não era nem de longe tão cafona quanto Gurney havia esperado. Apesar da fachada de livro de histórias, o interior era bastante discreto. A porta da frente dava para um saguão modesto. À esquerda ele viu uma sala de estar, com lareira e várias gravuras tradicionais de paisagens nas paredes. Através de uma porta à direita vislumbrou o que parecia um escritório com escrivaninha de mogno e uma grande pintura do Willow Rest atrás. Isso o fez se lembrar daquelas paisagens amplas do século XIX, mostrando uma fazenda ou uma aldeia. Diretamente à frente, à esquerda, havia uma escada para o andar de cima e à direita uma porta que presumivelmente levava a outros cômodos na parte de trás da casa. Era aonde Paulette Purley havia ido, para fazer um café, depois de levar Gurney para a sala de estar e guiá-lo até uma poltrona junto à lareira. No console havia uma fotografia emoldurada de um homem magro com o braço ao redor de uma Paulette mais jovem. Na época o cabelo dela estava um pouco mais comprido, alvoroçado como se tivesse apanhado uma brisa, e era de um louro-mel.

Ela reapareceu com uma bandeja com duas xícaras de café preto, uma jarrinha de leite, um açucareiro e duas colheres. Colocou a bandeja numa mesa baixa diante da lareira e sentou-se numa poltrona igual, diante de Gurney. Nenhum dos dois falou enquanto colocavam leite e açúcar, tomavam um primeiro gole e depois se recostavam em seus assentos.

Paulette, notou ele, segurava a xícara com as duas mãos, talvez para firmá-la, talvez para aquecer os dedos. Seus lábios estavam comprimidos, mas com minúsculos espasmos nervosos.

– Agora pode chover à vontade – disse ela com um sorriso

repentino, como se tentasse afastar a tensão com o som da própria voz.

– Estou curioso em relação a este lugar – observou Gurney. – O Willow Rest deve ter uma história interessante.

Não era uma história que lhe interessasse, mas achou que levá-la a falar sobre um assunto fácil poderia criar uma ponte para algo mais difícil.

Nos quinze minutos seguintes ela explicou a filosofia de Emmerling Spalter, que pareceu a Gurney uma bobagem escapista vendida com astúcia. O Willow Rest era o *lar* final das pessoas, e não um cemitério. Só a data de nascimento, e não a de morte, era gravada na lápide, porque depois que nascemos, vivemos para sempre. O Willow Rest não fornecia sepulturas, mas lares, um pedaço da natureza com grama, árvores e flores. Cada propriedade tinha espaço para acomodar uma família de várias gerações, e não apenas um indivíduo. A caixa de correspondência em cada propriedade era um encorajamento para os familiares deixarem cartões e cartas para os entes queridos. (Estes eram recolhidos uma vez por semana, queimados num pequeno braseiro em cada propriedade e espalhados no solo.) Paulette explicou, séria, que o Willow Rest era um lugar que privilegiava a vida, a continuidade, a beleza, a paz e a privacidade. Pelo que Gurney via, tinha a ver com qualquer coisa, menos com a morte. Mas ele não iria dizer isso. Queria que ela continuasse falando.

Emmerling e Agnes Spalter tiveram três filhos, dois dos quais morreram de pneumonia antes de saírem do berço. O sobrevivente foi Joseph, que se casou com uma mulher chamada Mary Croake.

Joseph e Mary tiveram dois filhos, Carl e Jonah.

Gurney percebeu que a menção a esses nomes teve um efeito imediato no tom e na expressão de Paulette, trazendo de volta a seus lábios um tremor quase imperceptível.

– Disseram-me que não poderia haver dois irmãos mais diferentes – disse ele, em tom encorajador.

– Ah, sim! Preto e branco! Caim e Abel! – exclamou ela, depois ficou em silêncio, os olhos fixos com raiva em alguma lembrança.

Gurney incitou-a:

– Imagino que Carl fosse uma pessoa difícil com quem trabalhar.

– *Difícil*? – Uma risada curta e amarga irrompeu da garganta de Paulette. Ela fechou os olhos por alguns segundos, pareceu chegar a uma decisão, e então as palavras saíram num jorro: – *Difícil?* Deixe-me explicar uma coisa. Emmerling Spalter ficou muito rico comprando e vendendo grandes lotes de terra no norte do estado de Nova York. Ele passou ao filho as empresas, o dinheiro e o talento para ganhá-lo. Joe Spalter era uma versão maior e mais dura do pai. Não era uma pessoa que você iria querer ter como inimigo. Mas era racional. Era possível conversar com ele. Do seu modo rígido, ele era justo. Não era gentil nem generoso. Mas era justo. Foi o Joe que contratou meu marido como gerente residente do Willow Rest. Isso foi... – Ela pareceu perdida durante alguns instantes. – Ah, nossa, o passar do tempo está tornando as coisas difíceis demais. Isso foi há quinze anos. Quinze.

Ela olhou para a xícara de café, pareceu surpresa ao vê-la ainda nas mãos e pousou-a com cuidado na mesa.

– E Joe era o pai de Carl e Jonah? – incitou Gurney.

Ela assentiu.

– Todo o lado negro do Joe foi para o Carl, e tudo o que era decente e razoável foi para o Jonah. Dizem que há algo de bom e de mau em todos nós, mas não no caso dos irmãos Spalter. Jonah e Carl. Anjo e demônio. Acredito que o Joe tenha visto isso, e o modo como ligou os dois como condição para herdar os negócios foi sua

tentativa de resolver o problema. Talvez esperando algum tipo de equilíbrio. Claro que não deu certo.

Gurney deu um gole no café.

– O que aconteceu?

– Depois que o Joe faleceu eles passaram de opostos a inimigos. Não conseguiam concordar em nada. Carl só se interessava por dinheiro, dinheiro, dinheiro, e fazia o que quer que fosse para ganhar. Jonah achava essa situação insuportável, e foi então que criou a Catedral do Ciberespaço e desapareceu.

– Desapareceu?

– Praticamente isso. Era possível contatá-lo através do site da Catedral, mas ele não tinha endereço de verdade. Havia um boato de que estava sempre em trânsito, vivendo num trailer, administrando o projeto da Catedral e tudo o mais na vida por meio de um computador. Quando apareceu aqui em Long Falls para o enterro da mãe, foi a primeira vez em três meses que alguém o viu. Acho que ele queria se afastar de qualquer coisa ligada ao Carl. – Ela fez uma pausa. – Talvez ele até sentisse medo do Carl.

– Medo?

Paulette se inclinou para a frente e pegou seu café, segurando-o de novo com as duas mãos. Pigarreou.

– Não digo isso de forma leviana. *Carl Spalter não tinha consciência.* Se ele quisesse alguma coisa, acho que não haveria limite para o que poderia fazer.

– Qual é a pior coisa...

– A pior coisa que ele já fez? Não sei, e não quero saber. Mas sei o que ele fez *comigo*, ou o que *tentou* fazer comigo.

Seus olhos brilharam de raiva.

– O que foi?

– Meu marido, Bob, e eu moramos nesta casa durante quinze anos, desde que ele aceitou o cargo aqui. O andar de baixo sempre serviu como escritório do Willow Rest, e o apartamentinho em cima acompanhava o cargo. Nós nos mudamos assim que o Bob foi contratado. Era a nossa casa. E, de certa forma, nós dois fazíamos o serviço. Fazíamos juntos. Nós achávamos que era mais do que um emprego; era um compromisso. Um modo de ajudar a pessoas que estavam passando por um momento terrível. Não era só um meio de vida, *era a nossa vida.*

Lágrimas começaram a encher seus olhos. Ela piscou com força e continuou:

– Há dez meses, Bob teve um infarto fulminante. Naquele corredor. – Enquanto olhava para a porta, ela fechou os olhos por um instante. – Estava morto quando a ambulância chegou. – Ela respirou fundo. – Um dia depois do enterro, eu recebi um e-mail da secretária do Carl na Imobiliária Spalter. *Um e-mail.* Dizendo que uma *empresa de administração de cemitérios...* dá para imaginar uma coisa dessas? Que uma *empresa de administração de cemitérios* assumiria a responsabilidade pelo Willow Rest. E que, para uma transição eficiente, seria necessário que eu liberasse o chalé em sessenta dias.

Ela encarou Gurney, empertigada em sua poltrona, cheia de fúria.

– O que acha disso? Depois de quinze anos! No dia depois do enterro do meu marido! Um e-mail! Uma porcaria de um e-mail maldito, nojento, insultuoso! *Seu marido morreu, dê o fora daqui*. Diga, detetive Gurney: que tipo de homem faz uma coisa dessas?

Quando pareceu que a emoção dela tinha dado uma trégua, ele disse baixinho:

– Isso foi há dez meses. Fico feliz por ver que a senhora ainda está aqui.

– Estou aqui porque Kay Spalter fez a mim, e a todas as pesssoas no mundo, um favor gigantesco.

– Quer dizer, porque Carl levou um tiro antes que seus sessenta dias terminassem?

– Isso mesmo. O que prova que existe algo de bom no mundo, afinal de contas.

– Então você ainda trabalha para a Imobiliária Spalter?

– Na verdade, para o Jonah. Quando o Carl foi incapacitado, o controle total da Imobiliária Spalter foi para o Jonah.

– Os cinquenta por cento de Carl não foram para o espólio dele?

– Não. Acredite, o espólio de Carl já era suficientemente grande sem isso; ele estava envolvido em muitas outras coisas. Mas com relação à Imobiliária Spalter, o contrato corporativo que Joe fez os dois assinarem incluía uma provisão transferindo tudo para o irmão sobrevivente caso um deles morresse.

Isso parecia a Gurney um fato importante o suficiente para ter entrado no dossiê do processo, mas ele não vira qualquer menção. Fez uma anotação mental para perguntar se Hardwick estava ciente disso.

– Como você sabe disso, Paulette?

– Jonah me explicou no dia em que assumiu. Ele é muito aberto. A gente fica com a impressão de que ele realmente não tem nenhum segredo.

Gurney assentiu, tentando não parecer cético. Nunca conhecera alguém que não tivesse segredos.

– Imagino, então, que Jonah tenha abortado o plano do Carl, de terceirizar a administração do Willow Rest.

– Com certeza. Na mesma hora. Na verdade, ele logo se manifestou e me ofereceu o mesmo cargo que era do Bob, e o

mesmo salário. Até me disse que o emprego e a casa seriam meus enquanto eu quisesse.

– Parece um homem generoso.

– Sabe aqueles apartamentos vazios do outro lado do rio? Ele mandou os seguranças da Imobiliária Spalter pararem de expulsar os sem-teto de lá. Até mandou ligar a eletricidade de volta para eles. A eletricidade que o Carl tinha desligado.

– Parece que ele se importa com as pessoas.

– *Se importa*? – Um sorriso de outro mundo mudou a expressão dela completamente. – Jonah não se *importa*, apenas. Jonah é um *santo.*

Capítulo 15

Uma sugestão cínica

A menos de 500 metros do encrave bem cuidado de Willow Rest, a Avenida Axton dava uma ideia da realidade econômica do norte do estado. Metade das lojas de rua estava em ruínas, a outra metade fechada com tábuas. As janelas dos apartamentos acima delas apresentavam condições lastimáveis, quando não totalmente abandonadas.

Gurney parou diante de uma empoeirada loja de material eletrônico que, segundo o dossiê do caso, ocupava o térreo do prédio de onde a bala fora disparada. Um logotipo que aparecia por baixo de um letreiro mal pintado acima da vitrine indicava que o lugar já fora uma franquia da RadioShack.

Ao lado da loja, a porta para os andares residenciais estava entreaberta. Gurney empurrou-a e entrou num saguão pequeno e sujo. A iluminação precária provinha de uma única lâmpada numa luminária de teto com aramado. Ele sentiu o odor padrão dos prédios urbanos em más condições: urina com toques de álcool, vômito, fumaça de cigarro, lixo e fezes. E havia os familiares estímulos auditivos. Em algum lugar acima, duas vozes masculinas discutiam, música hip-hop tocava, um cachorro latia e uma criança pequena berrava. Tudo o que faltava para transformar o local num clichê de cena de cinema era a batida de uma porta e o som de pés na escada. Nesse momento Gurney ouviu um grito de “Vá se foder, sua escrota!” num andar de cima, seguido pelo som de alguém descendo a escada. A coincidência poderia fazê-lo sorrir se o fedor de urina não o estivesse deixando nauseado.

Os passos ficaram mais altos e logo apareceu um rapaz no topo do lance de escada que dava no saguão. Ao ver Gurney ele hesitou por um segundo, depois desceu correndo, passou por ele e saiu na

rua, onde parou de repente para acender um cigarro. Era magro, de rosto estreito, feições bem marcadas e cabelo liso na altura dos ombros. Deu dois tragos desesperados no cigarro e se afastou rapidamente.

Gurney pensou em descer ao porão para procurar a chave-mestra que Kay tinha dito que ficava escondida atrás da fornalha. Mas em vez disso decidiu dar uma olhada geral no prédio e pegar a chave mais tarde, se precisasse. Pelo que sabia, o apartamento pelo qual mais se interessava poderia estar destrancado. Ou ocupado por traficantes. Não costumava mais carregar a arma que havia usado durante o caso do Bom Pastor – e não queria trombar, sem convite e desarmado, com um sujeito doidão de metanfetamina com um AK-47.

Subiu rápido e em silêncio os dois lances de escada até o piso superior. Cada andar tinha quatro apartamentos – dois de frente e dois de fundos. No terceiro andar um rap *gangsta* soava atrás de uma porta e uma criança chorava atrás de outra. Ele bateu nas duas portas silenciosas e não teve resposta além de uma sugestão de vozes abafadas atrás de uma delas. Quando bateu nas outras duas, o volume do rap baixou um pouco, a criança continuou a chorar, mas ninguém veio atender. Pensou em bater com força, mas descartou rapidamente a ideia. As abordagens mais gentis tendiam a levar a uma variedade maior de opções mais à frente. Gurney gostava de opções e queria manter o maior número possível delas em aberto.

Desceu um lance de escada até o corredor do segundo andar, cuja iluminação, como nos outros andares, provinha de uma luminária de uma lâmpada só, no meio do teto. Gurney orientou-se de acordo com a lembrança da foto no dossiê e se aproximou do apartamento de onde o tiro fatal fora disparado. Enquanto encostava o ouvido na porta, escutou um passo suave – não no apartamento, mas atrás dele. Virou-se depressa.

No topo do lance de escada que vinha do saguão estava um homem atarracado, de cabelos grisalhos, imóvel e alerta. Numa das mãos segurava uma lanterna de metal preta. Estava desligada – e posicionada na mão dele como se fosse uma arma. Gurney reconheceu o modo de segurar ensinado nas academias de polícia. A outra mão estava pousada em algo fixo no cinto, à sombra de uma jaqueta de náilon escura. Gurney apostava que a palavra SEGURANÇA estaria escrita nas costas.

Nos olhos pequenos do sujeito havia uma expressão que beirava o ódio. No entanto, enquanto examinava Gurney com mais atenção – e percebia o traje de detetive-a-trabalho: paletó esporte barato, camisa azul e calça escura –, o olhar se transformou numa espécie de curiosidade ressentida.

– Está procurando alguém?

Gurney tinha ouvido exatamente aquela voz – com a maldade e a suspeita tão presentes nela quanto o cheiro de urina fazia parte do prédio – em tantos policiais que tinham se tornado amargos com o correr dos anos que achou que conhecia o sujeito pessoalmente. Não era uma sensação boa.

– Estou. O problema é que não sei o nome. Mas gostaria de dar uma olhada nesse apartamento.

– É? Uma “olhada nesse apartamento”? Poderia dizer quem diabo você é?

– Dave Gurney. Ex-detetive do Departamento de Polícia de Nova York. Assim como você.

– O que você sabe sobre mim?

– Não é preciso ser um gênio para reconhecer um policial irlandês de Nova York.

– É mesmo? – retrucou o sujeito, lançando-lhe um olhar inexpressivo.

Gurney acrescentou:

– Houve um tempo em que a polícia estava cheia de gente como nós.

Aquele era o gatilho perfeito.

– Gente como nós? Aquele tempo já está ultrapassado, meu chapa! Totalmente ultrapassado!

– É, eu sei. – Gurney assentiu com simpatia. – Era um tempo melhor, muito melhor, na minha humilde opinião. Quando você saiu?

– Quando você acha?

– Me diga.

– Quando começaram a ir fundo naquela babaquice de diversidade. *Diversidade.* Dá para acreditar? Não dava para ser promovido, a não ser que você fosse uma lésbica nigeriana com uma avó navajo. Era hora de os brancos espertos darem o fora. Uma pouca vergonha o que este país está virando. Uma porra de uma piada. *Estados Unidos.* Antes isso significava alguma coisa. Orgulho. Força. E agora? Me diga. O que significa, agora?

Gurney balançou a cabeça com tristeza.

– Vou dizer o que *não* é. Não é mais o que era.

– Eu vou dizer o que é. *A porra da ação afirmativa.* É isso. Babaquice de serviço social. Viciados em maconha, em pílulas, em coca, em crack. E quer saber por quê? Vou dizer por quê. *Por causa da porra da ação afirmativa.*

Gurney grunhiu, esperando transmitir uma confirmação mal-humorada.

– Parece que algumas pessoas deste prédio podem fazer parte do problema.

– Falou e disse.

– Você tem um trabalho dificílimo aqui, Sr... Desculpe, não sei o seu nome.

– McGrath. Frank McGrath.

Gurney deu um passo na direção dele e estendeu a mão.

– Prazer em conhecê-lo, Frank. Em que delegacia você trabalhou?

Eles trocaram um aperto de mão.

– Fort Apache. Aquela sobre a qual fizeram o filme.

– Bairro barra-pesada.

– Era uma porra de uma loucura. Ninguém acreditaria na loucura que aquela porra era. Mas isso não era *nada* comparado com a babaquice da diversidade. Dava para aguentar o Fort Apache. Num período de dois meses, nos anos oitenta, lembro que a média era de um assassinato por dia. Num dia só nós tivemos cinco. Uma loucura fodida. Éramos *nós* contra *eles.* Mas quando começou a babaquice da diversidade não havia mais *nós*. O Departamento virou um poço de merda. Entende o que estou dizendo?

– Entendo, Frank, entendo exatamente o que você está dizendo.

– Uma vergonha fodida.

Gurney deu uma olhada no pequeno corredor onde estavam.

– E aí, o que você deveria fazer aqui?

– *Fazer*? Nada. Porra nenhuma. Não é uma sacanagem?

Uma porta no andar acima deles se abriu e o som de hip-hop triplicou de volume. A porta bateu e o som diminuiu de novo.

– Porra, Frank, como você aguenta?

O sujeito deu de ombros.

– O dinheiro dá pro gasto. Eu faço meu próprio horário. Não tenho nenhuma vaca sapatona olhando por cima do meu ombro.

– Você tinha uma assim, no trabalho?

– Tinha. A capitã Lambe-Xota.

Gurney forçou uma risada.

– Trabalhar para o Jonah deve ser uma tremenda melhoria.

– É diferente. – Ele fez uma pausa. – Você disse que queria dar uma olhada nesse apartamento. Pode me dizer o que...

O telefone de Gurney tocou, então o sujeito foi obrigado a parar no meio da frase.

Ele verificou o identificador de chamada. Paulette Purley. Gurney e ela haviam trocado números de telefone, mas ele não esperava ter notícias da mulher tão cedo.

– Desculpe, Frank, preciso atender. Já falo com você em dois segundos. – Apertou o botão de atender. – Gurney falando.

A voz de Paulette parecia perturbada.

– Eu deveria ter perguntado antes, mas fiquei com tanta raiva pensando no Carl que acabei esquecendo. O que eu estava pensando é... eu posso falar sobre isso?

– Sobre o quê?

– A sua investigação, o fato de você estar atrás de uma "perspectiva nova". Isso deve ser mantido em segredo? Posso comentar algo desse assunto com o Jonah?

Gurney percebeu de imediato que o que quer que dissesse teria de servir a seus propósitos com relação tanto a Paulette quanto a Frank. Isso complicava a escolha das palavras certas. Por outro lado, também apresentava uma oportunidade.

– Vou colocar do seguinte modo: a cautela é sempre uma virtude. Numa investigação de assassinato, isso pode salvar sua vida.

– O que exatamente o senhor está dizendo?

– Se não foi Kay que fez aquilo, outra pessoa fez. Pode ser alguém que você conhece. Se não disser nada a ninguém, não vai correr o risco de dizer a coisa errada à pessoa errada.

– O senhor está me amedrontando.

– Meu objetivo é esse.

Ela hesitou.

– Certo. Entendi. Nenhuma palavra a ninguém. Obrigada.

Paulette desligou.

Gurney continuou falando como se ela não tivesse desligado:

– Certo... mas eu preciso dar uma olhada no apartamento... Não, tudo bem, posso conseguir uma chave com a polícia local ou no escritório da Imobiliária Spalter... Claro... sem problema. – Gurney soltou uma gargalhada. – É, certo. – Mais risos. – Não é engraçado, eu sei, mas ora essa. A gente precisa rir.

Muito tempo atrás ele descobrira que nada faz uma conversa falsa parecer mais autêntica do que um riso não explicado. E nada torna alguém mais disposto a lhe dar alguma coisa do que a crença de que você pode consegui-la facilmente com outra pessoa.

Gurney fingiu encerrar o telefonema e anunciou, quase pedindo desculpas, enquanto ia decidido na direção da escada:

– Preciso ir à delegacia. Eles têm uma chave extra para mim. Volto daqui a pouco.

Começou a descer rápido os degraus. Quando estava quase lá embaixo, ouviu Frank dizendo as palavras mágicas:

– Ei, não precisa fazer isso. Eu tenho uma chave aqui. Deixo você entrar. Só diga que diabo está acontecendo.

Gurney subiu de volta ao pequeno corredor escuro.

– Você pode abrir a porta pra mim? Tem certeza que não tem

problema? Precisa confirmar com alguém?

– Tipo quem?

– Jonah?

Ele tirou um pesado molho de chaves do cinto e abriu a porta do apartamento.

– Por que ele se importaria? Desde que todos os vagabundos de Long Falls que adoram uma mamata estejam felizes, ele fica feliz.

– Ele tem uma reputação de ser muito generoso.

– É, outra porra de Madre Teresa.

– Você não acha que ele é melhor do que o Carl?

– Não me entenda mal. Carl era um escroto. Só se importava com dinheiro, negócios, política. Um escroto da cabeça aos pés. Mas era o tipo de escroto previsível. Sempre dava para entender o que o Carl queria.

– Um escroto previsível?

– Isso. Mas o Jonah é um tipo completamente diferente. Não dá para entender aonde ele quer chegar. É uma porra de um maricas. Tipo isto aqui. É um exemplo perfeito. Carl queria que todos os vagabundos fossem chutados para fora, mantidos do lado de fora. Faz sentido, certo? Aí vem o Jonah e diz que não. Que é preciso dar abrigo a eles. É preciso tirar os vagabundos da rua. Algum tipo de novo princípio espiritual, saca? *Honrar os vagabundos.* Deixe que eles mijem no chão.

– Você não engole a visão dos irmãos Spalter como anjo e demônio, não é?

Ele lançou um olhar astuto a Gurney.

– O que eu ouvi você dizer no telefone é verdade?

– O quê?

– Que talvez a Kay não tenha matado o Carl?

– Meu Deus, Frank, eu não percebi que estava falando alto. Preciso que você mantenha isso em segredo.

– Sem problema, mas só estou perguntando: é uma possibilidade verdadeira?

– Possibilidade verdadeira? É.

– Então isso abre as coisas para um segundo olhar?

– Um segundo olhar?

– Em tudo o que aconteceu.

Gurney baixou a voz.

– Pode-se dizer que sim.

Um sorrisinho especulativo, sem humor, revelou os dentes amarelos de Frank.

– Ora, ora, ora. Então Kay talvez não tenha dado o tiro. Não é incrível?

– Sabe, Frank, parece que talvez você tenha alguma coisa para me dizer.

– Talvez.

– Eu agradeceria muito qualquer ideia sua sobre essa história toda.

Frank pegou um maço de cigarros no bolso da jaqueta, acendeu um e deu uma tragada longa e pensativa. Algo cruel e pequeno se insinuou em seu sorriso.

– Já pensou que o Sr. Perfeito pode ser um pouquinho perfeito demais?

– Jonah?

– Isso. O Sr. Generosidade. O Sr. Seja-gentil-com-os-vagabundos. O Sr. Ciber-Catedral-do-Caralho.

– Parece que você viu outro lado dele.

– Talvez eu tenha visto o mesmo lado que a mãe dele viu.

– A mãe? Você conheceu Mary Spalter?

– Ela costumava visitar o escritório principal de vez em quando. Na época em que o Carl estava no comando.

– E ela tinha algum problema com o Jonah?

– Tinha. Ela não gostava muito dele. Você não sabia disso, sabia?

– Não, mas adoraria ouvir mais.

– É simples. Ela sabia que o Carl era um escroto e aceitava isso. Entendia os homens rudes. Jonah era bonzinho demais para o gosto dela. Acho que a velha não confiava em toda aquela *bondade.* Sabe o que eu acho? Que ela pensava que ele era um poço de falsidade.

Capítulo 16

Tipo o facão

Após destrancar o apartamento e se assegurar de que Gurney ainda estaria ali quando ele voltasse uma hora depois, o rancoroso Frank prosseguiu com sua ronda – que, segundo ele, incluía todas as propriedades da Imobiliária Spalter em Long Falls.

O apartamento era pequeno mas relativamente claro, comparado com o corredor pavoroso. A porta da frente dava num saguão apertado, com piso de madeira com manchas de líquido. À direita ficava uma cozinha aberta, à esquerda um armário fechado e um banheiro. Logo adiante havia uma sala de tamanho médio com duas janelas.

Gurney abriu as duas janelas para que entrasse um pouco de ar puro. Olhou na direção da Avenida Axton, do rio estreito que corria ao lado dela e do baixo muro de tijolos do Willow Rest. Ali, numa encosta suave ladeada por árvores e arbustos, ficava o local onde Carl Spalter levara um tiro e mais tarde fora enterrado. Cercado por folhagem de três lados, parecia um palco aos olhos de Gurney. Havia até uma espécie de arco, ilusão criada pelo braço horizontal de um poste de luz que ficava na avenida junto ao rio e que, pela linha de visão de Gurney, parecia se curvar por cima da cena.

A aparência de palco enfatizava os outros aspectos teatrais do caso. Havia algo operístico na vida de um homem terminando junto à sepultura da mãe, um homem caindo ferido no chão onde ele próprio seria enterrado em breve. E algo novelístico na narrativa de adultério e cobiça que acompanhava tudo isso.

Gurney estava fascinado pelo cenário, sentindo aquele entusiasmo que sempre experimentava quando achava estar no local de um assassinato, vendo boa parte do que o assassino tinha visto. Mas naquele dia fatídico o chão estava coberto com uma leve

camada de neve e, segundo as fotos do dossiê, duas fileiras de cadeiras dobráveis, dezesseis no total, tinham sido postas para os acompanhantes do lado oposto da sepultura aberta de Mary Spalter. Para ter certeza de que estava visualizando direito, Gurney precisaria saber a posição dessas cadeiras, do púlpito e de Carl. Paulette fora muito específica com relação à posição do corpo de Carl ao bater no solo, mas Gurney precisava visualizar o conjunto, tudo em seus devidos lugares no momento do disparo. Decidiu descer e pegar no carro as fotos da cena do crime.

Quando estava para sair do apartamento, o toque de seu celular o interrompeu.

Era Paulette de novo, mais agitada do que antes.

– Olhe, detetive Gurney, talvez eu esteja entendendo mal, mas isso está realmente me incomodando. Preciso perguntar... O senhor sugeriu que de algum modo o Jonah...? Quero dizer, o que o senhor queria dizer de fato?

– Eu quis dizer que o caso pode não estar tão *fechado* quanto todo mundo pensa. Talvez Kay tenha atirado no Carl. Mas se ela *não atirou...*

– Mas como o senhor pode pensar que o Jonah, logo o Jonah... – A voz de Paulette estava subindo de tom.

– Espere. A esta altura, a única coisa que eu sei é que preciso saber mais. Nesse meio-tempo, gostaria que você tivesse cuidado. Quero que fique em segurança. Só isso.

– Certo. Entendi. Desculpe. – O som da respiração dela ficou mais calmo. – Posso fazer alguma coisa para ajudar?

– Na verdade, pode. Estou aqui no apartamento de onde o tiro foi disparado. Quero visualizar o que o atirador viu a partir desta janela. Seria bastante útil se você voltasse até onde nós estivemos antes, quando me mostrou a posição da cabeça do Carl no chão.

– E a gota de sangue na neve.

– Isso. A gota de sangue na neve. Você poderia ir até lá agora?

– Acho que sim. Claro.

– Ótimo, Paulette. Obrigado. Leve aquele guarda-chuva azul. Vai ser bom para chamar a atenção. E leve o seu celular, para poder me ligar quando chegar lá. Está bem?

– Está.

Esse progresso lhe deu um novo ânimo, e ele foi rapidamente pegar a pasta no carro. Voltou minutos depois com um grande envelope pardo embaixo do braço – bem a tempo de ver alguém entrando no apartamento vizinho.

Gurney correu até a porta e enfiou o pé no portal antes que ela pudesse ser fechada.

Um homem baixo e magro, com os cabelos pretos presos num rabo de cavalo comprido, encarou-o. Depois de um momento, ele começou a sorrir de modo meio louco, mostrando vários dentes de ouro, como um bandoleiro mexicano num faroeste politicamente incorreto. Havia em seu olhar uma intensidade que Gurney achou que poderia ser causada pelo uso de drogas ou por um distúrbio mental.

– Posso ajudar?

A voz do homem era rouca, mas não inamistosa.

– Desculpe me intrometer assim – respondeu Gurney. – Isso não tem nada a ver com você. Só preciso de informações sobre o apartamento ao lado do seu.

O homem olhou para o pé em sua porta.

Gurney sorriu e deu um passo para trás.

– Desculpe de novo. Estou meio com pressa e tendo dificuldade para encontrar alguém com quem possa falar.

– Sobre o quê?

– Coisas simples. Quem é o morador mais antigo deste prédio, por exemplo.

– Por quê?

– Estou procurando pessoas que já morassem aqui há oito, nove meses.

– Oito, nove meses. Hum. – Ele piscou pela primeira vez. – Mais ou menos na época do Big Bang, certo?

– Se está falando do tiro, é.

O homem coçou o queixo como se tivesse um cavanhaque.

– Está procurando o Freddie?

A princípio o nome não significava nada. Então Gurney se lembrou de ter visto o nome Frederico não-sei-das-quantas na transcrição do julgamento.

– Quer dizer, o Freddie que disse que Kay Spalter esteve neste prédio na manhã do tiro?

– E o único Freddie que já pôs os pés aqui.

– Por que eu o estaria procurando?

– Porque ele está sumido. Por que mais seria?

– Está sumido desde quando?

– Tipo, você não sabe isso? Isto é alguma piada? Cara, quem é você afinal, porra?

– Só um cara que está dando uma segunda olhada em tudo.

– Parece um trabalho grande para “só um cara”.

– Na verdade é um trabalho que é um grande pé no saco.

– Engraçado. – Ele não sorriu.

– E aí, quando foi que o Freddy sumiu?

– Depois que recebeu o telefonema. – Ele inclinou a cabeça e deu um olhar de lado para Gurney. – Cara, estou achando que você já sabe essa merda.

– Fale sobre o telefonema.

– Não sei nada sobre o telefonema. Só sei que alguém ligou para o Freddie e ele deu a entender que foi um de vocês.

– Um policial?

– Isso.

– E depois ele sumiu?

– É.

– E quando foi isso?

– Logo depois que a moça foi pra cadeia.

O celular de Gurney tocou. Ele não atendeu.

– Freddie disse que o telefonema era de um policial chamado Klemper?

– Pode ser.

O telefone continuou tocando. O identificador de chamadas dizia que era Paulette Purley. Ele recolocou-o no bolso.

– Você mora nesse apartamento?

– Na maior parte do tempo.

– Vai estar por aí mais tarde?

– Talvez.

– Será que a gente pode conversar de novo?

– Talvez.

– Meu nome é Dave Gurney. Pode me dizer qual é o seu?

– Machete.

– Por causa do instrumento musical?

– Não, cara, não por causa do instrumento musical. – Ele riu, mostrando os dentes de ouro de vez. – Por causa do facão.

Capítulo 17

Um tiro impossível

Gurney estava parado junto à janela com o telefone na mão, olhando além da avenida e do rio na direção do local do crime e do enterro de Spalter. Podia ver Paulette parada mais ou menos no meio da área, com um guarda-chuva azul na mão, um celular na outra.

Ele recuou vários passos para longe da janela até o ponto do cômodo onde, segundo a foto da perícia, o fuzil fora encontrado no tripé. Ajoelhou-se para baixar a linha de visão até aproximadamente a altura da mira telescópica do fuzil, e falou ao telefone:

– Certo, Paulette, abra o guarda-chuva e coloque-o onde você lembra que o corpo do Carl tombou.

Ficou observando enquanto ela seguia as instruções, desejando ter levado seu binóculo. Depois olhou o desenho da polícia mostrando o local do crime, que estava no chão à sua frente. O desenho indicava duas posições para Carl: o ponto onde ele estava de pé antes de ser alvejado e o ponto onde caiu no chão. As duas posições ficavam entre a sepultura aberta da mãe, à frente, e duas fileiras de cadeiras dobráveis, atrás. Havia um número escrito no desenho para cada uma das dezesseis cadeiras, presumivelmente associando-os a uma lista dos presentes que as haviam ocupado.

– Paulette, por acaso você se lembra onde cada uma das pessoas estava sentada?

– Claro. Ainda posso ver, como se tivesse acontecido hoje de manhã. Cada detalhe. Como aquele fio de sangue na lateral da cabeça dele. Aquela gota de sangue na neve. Meu Deus, será que isso nunca vai passar?

Gurney tinha lembranças assim. Todo policial tinha.

– Talvez não por completo. Mas você vai lembrar cada vez menos. – Ele não mencionou que algumas recordações desse tipo se desbotavam na mente porque iam sendo substituídas por outras mais terríveis. – Mas fale sobre as pessoas sentadas nas cadeiras, principalmente as da primeira fila.

– Antes de se levantar, o Carl estava na ponta. Do lado direito da fila, visto de onde você está. Ao lado dele estava a filha, Alyssa. Ao lado dela havia uma cadeira vazia e depois três primas de Saratoga de Mary Spalter, todas com mais de 70 anos. Na verdade são trigêmeas, e ainda se vestem igual. É uma coisa bonitinha, ou esquisita, dependendo do seu ponto de vista. Depois outra cadeira vazia. E na oitava cadeira, Jonah, o mais longe possível do Carl. Nenhuma surpresa.

– E na segunda fileira?

– A segunda fileira foi ocupada por oito senhoras da comunidade de idosos onde Mary Spalter morava. Acho que todas faziam parte de uma organização por lá. Ah... o que era, mesmo? Alguma coisa estranha. Força não sei das quantas... Força Idosa, isso.

– Força Idosa? Que tipo de organização é essa?

– Não sei muito bem. Falei brevemente com uma das senhoras. Algo sobre... só um instantinho... É. Elas têm um lema, ou ditado, se me lembro bem: “Força Idosa: Nunca É Tarde Demais Para Fazer o Bem”. Algo assim. Tive a impressão de que elas estavam envolvidas em algum tipo de trabalho de caridade. Mary Spalter tinha feito parte do grupo.

Gurney fez uma anotação mental para pesquisar sobre a Força Idosa na internet.

– Você sabe se alguém esperava que Kay fosse estar no enterro, ou se alguém expressou surpresa por ela não estar?

– Não ouvi ninguém perguntar. A maioria das pessoas que

conheciam os Spalter sabia que estava acontecendo algum problema. Que Kay e Carl estavam separados.

– Certo. Então o Carl estava numa ponta da fila e Jonah na outra?

– Isso.

– Carl levou o tiro quanto tempo depois de se levantar da cadeira?

– Não sei. Quatro ou cinco segundos. Posso vê-lo se levantando... virando-se para ir até o pódio... dando um, dois passos... e foi então que aconteceu. Como eu disse, todo mundo pensou que ele tinha tropeçado. Mas é isso que qualquer um *pensaria*, não é? A não ser que ouvisse um tiro, mas ninguém ouviu.

– Por causa das bombinhas?

– Ah, Deus, é, as bombinhas. Algum idiota ficou estourando traques a manhã inteira. Era uma tremenda chatice.

– Certo. Então você lembra que o Carl deu um ou dois passos. Poderia ir até o lugar onde ele estava no momento em que começou a cair?

– Isso é fácil. Ele estava passando diretamente na frente de Alyssa.

Gurney pôde vê-la se movendo 2 a 3 metros à direita do guarda-chuva que estava no chão.

– Aqui – disse ela.

Ele forçou a vista, certificando-se de que estava enxergando a posição com clareza.

– Tem certeza?

– Certeza se é este o lugar? Absoluta!

– Você confia tanto assim na sua memória?

– Confio, mas não é só isso. É o modo como nós sempre arrumamos as cadeiras. Elas são postas em fileiras da mesma largura da sepultura, de modo que todo mundo possa olhar para ela sem se virar. Nós acrescentamos quantas fileiras forem necessárias, mas a posição das cadeiras em relação à sepultura é sempre a mesma.

Gurney não disse nada, só tentando absorver o que ouvia e via. Então passou-lhe pela cabeça uma pergunta que lhe ocorrera desde sua primeira leitura do relatório do incidente.

– Eu estava pensando uma coisa. A família Spalter era muito importante. Presumo que tivessem boas conexões sociais. Então...

– Por que o funeral foi tão modesto? É isso que o senhor está imaginando?

– Catorze pessoas, se estou contando direito, não é muita gente, pensando bem.

– Foi escolha da falecida. Me disseram que Mary Spalter havia acrescentado um codicilo ao testamento, citando os indivíduos que queria que estivessem com ela no final.

– Quer dizer, no enterro?

– Isso. As três primas, dois filhos, a neta e as oito mulheres da Força Idosa. Acho que a família, na verdade o Carl, estava planejando um evento memorial muito maior para ser realizado mais tarde, mas... bem... – A voz de Paulette ficou no ar. Depois de um momento de silêncio ela perguntou: – Mais alguma coisa?

– Uma última pergunta. Qual era a altura do Carl?

– Altura? Um e oitenta e cinco, talvez um e oitenta e oito. Carl podia parecer intimidante. Por quê?

– Só estou tentando visualizar a cena do modo mais exato possível.

– Certo. Então é só isso?

– Acho que sim, mas... se não se importa, fique aí onde está mais um minuto. Quero verificar uma coisa.

Tentando manter o olhar fixo em Paulette, Gurney se levantou da posição ajoelhada – onde o fuzil fora encontrado no tripé. Moveu-se lentamente para a esquerda, o mais longe que pôde ir ainda mantendo Paulette na linha de visão através de uma das duas janelas do apartamento. Depois repetiu o processo, indo até o mais longe possível à direita. Em seguida foi até as janelas e subiu em um parapeito de cada vez, para enxergar o máximo que pudesse.

Quando desceu, agradeceu a ajuda a Paulette, disse que falaria com ela de novo em breve, desligou e guardou o celular no bolso. Depois ficou parado por um longo tempo no meio da sala, tentando entender uma situação que de repente não fazia sentido algum.

Havia um problema com o poste de luz do outro lado da Avenida Axton. O braço transversal ficava no caminho. Se Carl Spalter tivesse a altura que Paulette tinha dito e estivesse parado em qualquer lugar próximo do ponto indicado por ela, não havia nenhuma possibilidade de um tiro fatal em sua cabeça ter sido disparado daquele apartamento.

O apartamento onde a arma do crime fora encontrada.

O apartamento onde a perícia do Departamento de Investigações Criminais havia encontrado resíduos de pólvora que correspondiam à carga de um cartucho Swift calibre 220 – consistente com o fuzil recuperado e os fragmentos de bala extraídos do cérebro de Carl Spalter.

O apartamento onde uma testemunha tinha visto Kay Spalter na manhã do atentado.

O apartamento onde Gurney estava agora, perplexo.

Capítulo 18

Uma questão de gênero

A perplexidade tem o poder de fazer alguns homens empacarem. Em Gurney tinha o efeito oposto. Uma contradição aparente – o tiro não poderia ter sido disparado pela janela através da qual se acreditava que tinha sido disparado – o afetava como anfetamina.

Havia algumas coisas que ele queria verificar imediatamente no dossiê do processo. Em vez de ficar no apartamento vazio, levou o grande envelope pardo de volta para o carro, abriu-o no banco da frente e começou a folhear o relatório original do incidente. Ele era estruturado em duas partes, segundo a localização dividida da cena do crime – o local da vítima e o local do atirador –, com conjuntos separados de fotos, descrições, entrevistas e relatos de coleta de provas em cada local.

A primeira coisa que o impressionou foi uma omissão peculiar. Não havia menção no relatório do incidente, e em nenhum relatório posterior, à obstrução do poste de luz. Havia uma fotografia com teleobjetiva do terreno dos Spalter no cemitério, tirada pela janela do apartamento, mas na ausência de um marcador de referência com escala para a posição de Carl no momento em que levou o tiro, o problema da linha de visão não era tão óbvio.

Em pouco tempo Gurney encontrou outra omissão igualmente curiosa. Não havia menção a vídeos de segurança. Sem dúvida alguém teria procurado a existência deles no cemitério e ao redor, além da Avenida Axton. Era difícil acreditar que um procedimento tão rotineiro como esse fosse ignorado, e mais difícil ainda acreditar que tivesse sido conduzido e o resultado não houvesse sido registrado no dossiê.

Enfiou o documento embaixo do banco da frente, saiu do carro e

trancou as portas. Olhando pelo quarteirão, só viu três lojas que pareciam funcionar: a ex-RadioShack, que agora parecia não ter nome, o River Kings Pizza e algo chamado Dizzy Daze, que tinha uma vitrine repleta de balões cheios mas nenhuma outra indicação do que era vendido ali.

A mais próxima dele era a loja de material eletrônico sem nome. Enquanto se aproximava, Gurney viu duas placas escritas à mão na vitrine: “Tablets restaurados a partir de 199 *dólares*” e “Volto às 14h”. Gurney olhou seu relógio. Eram 14h09. Testou a maçaneta. A porta estava trancada. Estava começando a ir na direção da River Kings, com o objetivo extra de comprar uma Coca-Cola e duas fatias de pizza, quando um Corvette novo em folha parou junto ao meio-fio. O casal que saiu do automóvel era menos impecável. O homem beirava os 50 anos e era atarracado, com mais pelos nos braços do que cabelos na cabeça. A mulher era um pouco mais nova, com cabelos espetados pintados de azul e louro, rosto largo de aparência eslava e peitos enormes pressionando os botões de um suéter rosa meio aberto. Enquanto ela lutava para sair do banco baixo, o homem foi até a porta da loja de material eletrônico, destrancou-a e olhou para Gurney.

– Quer alguma coisa?

A pergunta gutural, com sotaque forte, era tanto um desafio quanto um convite.

– Quero. Mas é meio complicado.

O sujeito deu de ombros e fez um sinal para a mulher, que finalmente havia se livrado do carro.

– Fale com a Sophia. Preciso fazer uma coisa.

Ele entrou, deixando a porta aberta.

Sophia passou por Gurney e entrou na loja.

– Sempre tem alguma coisa fazer. – O sotaque era tão eslavo

quanto as maçãs do rosto. – Posso ajudar em alguma coisa?

– Há quanto tempo vocês têm essa loja?

– Tempo. Ele tem ela anos, anos, anos. O que você quer?

– Vocês têm câmeras de segurança?

– Segurança?

– Câmeras que fotografam as pessoas na loja, na rua, entrando, saindo, talvez roubando.

– Roubando?

– Roubando de vocês.

– De mim?

– Roubando da loja.

– Da loja. É. Sacanas filhos da puta tenta rouba loja.

– Então vocês têm câmeras de vídeo vigiando?

– Vídeo. Sim.

– Vocês estavam aqui há nove meses, quando aconteceu o famoso atentado contra Carl Spalter?

– Claro. Famoso. Bem aqui. Mulher sacana filha da puta lá em cima atirou lá nele. – Sophia fez um gesto amplo na direção do Willow Rest. – Enterro da mãe. *Da própria mãe.* Você pensa nisso?

Ela balançou a cabeça como a dizer que uma ação ruim no enterro de uma mãe deveria merecer o dobro da dor no inferno.

– Por quanto tempo vocês mantêm as fitas ou os arquivos digitais de segurança?

– Tempo?

– Isso. Semanas, meses... Vocês guardam o que é gravado por algum tempo ou apagam tudo periodicamente?

– Quase sempre a gente apaga. Não a porra da mulher sacana.

– Vocês têm cópias dos vídeos de segurança do dia em que Spalter levou o tiro?

– Polícia levou tudo, não ficou nada. Podia ter dado um bom dinheiro. Policial grande filho da puta.

– Um policial levou seus vídeos de segurança?

– Claro.

Sophia estava parada atrás de um mostruário de celulares que formava uma espécie de U em torno dela. Atrás do U havia uma porta entreaberta que, pelo que Gurney podia ver, levava a um escritório bagunçado. Conseguia ouvir a voz de um homem ao telefone, mas não era capaz de entender o que ele dizia.

– Ele nunca trouxe o material de volta?

– Nunca. No vídeo o homem levou um tiro no cérebro. Sabe quanto dinheiro a TV dá para isso?

– Seu vídeo mostrava o homem levando o tiro no cemitério do outro lado do rio?

– Claro. A câmera da frente vê tudo. Alta definição. Até o fundo. Melhor qualidade. Toda função automática. Custou muito.

– O policial que pegou...

A porta atrás dela se escancarou e o homem peludo saiu para a área do balcão. As linhas de suspeita e indignação estavam se aprofundamento em sua expressão.

– Ninguém levou nada – disse ele. – Quem é você?

Gurney lançou um olhar inexpressivo para o sujeito.

– Investigador especial examinando o modo como a polícia do estado cuidou do caso Spalter. Você teve algum contato direto com um detetive chamado Mick Klemper?

A expressão do sujeito permaneceu firme. Firme demais, por

tempo demais. Depois ele balançou a cabeça devagar.

– Não tenho lembrança disso.

– Mick Klemper era o “policial grande filho da puta” que a moça aqui disse que levou seus vídeos de segurança e nunca devolveu?

Ele olhou para ela com uma expressão de confusão exagerada.

– Que merda é essa que você está falando?

Ela devolveu seu olhar dando de ombros com exagero.

– Policiais não levaram nada? – Ela deu um sorriso inocente para Gurney. – Então acho que não levaram. Errada de novo. Acontece toda hora. Acho que bebi demais. Harry sabe, lembra melhor do que eu. Certo, Harry?

Harry Peludo riu para Gurney, os olhos como bolas de gude pretas e reluzentes.

– Viu só? Como eu disse, ninguém levou nada. Agora vá embora. A não ser que queira comprar uma TV. Com acesso à internet. Bons preços.

Gurney riu de volta.

– Vou pensar nisso. Qual seria o bom preço?

Harry virou as palmas das mãos para cima.

– Depende. Oferta e demanda. A vida é um maldito leilão, sabe como é? Mas sempre tenho um bom preço para vocês. Sempre tenho um bom preço para os policiais.

Mais adiante na rua, sob uma inspeção mais atenta, a loja com os balões não parecia estar funcionando, afinal. O sol oblíquo havia iluminado a vitrine de um modo que a fazia parecer cheia de luzes brilhantes. E o alcance da única câmera de vídeo na pizzaria River Kings se limitava a um quadrado de 3 metros ao redor da caixa registradora. Assim, a não ser que o assassino tivesse sentido fome, não havia nada a descobrir ali.

Mas a situação da loja de eletrônicos havia posto o cérebro de Gurney em alerta máximo. Se ele tivesse de escolher uma hipótese, diria que Klemper havia descoberto algo inconveniente no vídeo de segurança e decidido fazer com que ele desaparecesse. Nesse caso, poderia haver vários modos de manter Harry com a boca fechada. Talvez Klemper soubesse que a loja de eletrônicos servia de fachada para alguma outra atividade. Ou talvez soubesse coisas sobre Harry que o homem não queria que outras pessoas descobrissem.

Mas Gurney lembrou a si mesmo que as melhores hipóteses ainda eram apenas hipóteses. Decidiu partir para a pergunta seguinte: se a bala não tinha saído daquele apartamento específico, de onde poderia ter vindo? Olhou por cima do riacho, para o guarda-chuva azul de Paulette, ainda aberto para marcar o ponto onde Carl havia caído.

Examinando as fachadas dos prédios ao longo da avenida, viu que a bala poderia ter sido disparada praticamente de qualquer uma das quarenta ou cinquenta janelas que davam para o Willow Rest. Sem um modo de priorizá-las, elas representavam um tremendo desafio investigativo. Mas de que adiantava? Se resíduos de pólvora consistentes com uma bala Swift calibre 220 tinham sido encontrados no primeiro apartamento, o fuzil devia ter sido disparado ali. Será que ele deveria acreditar que fora disparado contra Carl Spalter de outro apartamento, depois levado para o apartamento “impossível”, disparado de novo e deixado ali no tripé? Nesse caso o outro apartamento precisaria ser muito próximo.

O mais próximo, claro, seria o do lado. O apartamento ocupado pelo homenzinho que se apresentara como Machete. Gurney entrou no saguão do prédio, subiu a escada de dois em dois degraus, foi direto à porta de Machete e bateu baixinho.

Ouviu o som de pés se movendo com agilidade, algo deslizando – talvez uma gaveta se abrindo ou fechando –, uma porta sendo

fechada, depois pés se movendo de novo perto da porta à frente da qual Gurney estava parado. Instintivamente ele ficou de lado, procedimento-padrão para quando suspeitava de uma recepção inamistosa. Pela primeira vez desde que chegara a Long Falls, questionou a sensatez de estar desarmado.

Estendeu a mão e bateu de novo, de leve.

– Ei, Machete, sou eu.

Ouviu os estalos agudos de duas trancas e a porta se abriu uns 8 centímetros – só a distância permitida pelas duas correntes.

O rosto de Machete apareceu atrás da abertura.

– Puta que pariu. Você voltou. O cara que veio dar uma olhada em tudo. *Tudo* é um monte de merda muito grande, cara. O que foi agora?

– Uma longa história. Posso dar uma olhada pela sua janela?

– Muito engraçado.

– Posso?

– É sério? Sem brincadeira? Você quer olhar pela minha janela?

– É importante.

– Já ouvi um monte de frases fajutas, cara, mas essa é boa. – Ele fechou a porta, soltou as correntes, abriu-a de novo, mais um pouco dessa vez. Usava uma camiseta de basquete amarela que chegava aos joelhos e talvez nada mais. – "Posso dar uma olhada pela sua janela?" Preciso me lembrar dessa. – Ele recuou para deixar que Gurney entrasse.

O apartamento parecia igual ao do lado. Gurney olhou para dentro da cozinha, depois pelo curto corredor do outro lado, onde ficava o banheiro. A porta estava fechada.

– Você está recebendo visitas? – perguntou ele.

Os dentes de ouro apareceram de novo.

– Uma visita. Ela não quer ser vista por ninguém. – Ele apontou para as janelas do lado oposto do cômodo principal. – Quer dar uma olhada lá fora? Vá.

Gurney estava desconfortável com a porta do banheiro fechada; não queria ter esse tipo de variável atrás de si.

– Talvez mais tarde. – E recuou pela porta aberta, posicionando-se num ângulo que lhe permitia ficar igualmente atento a qualquer movimento no apartamento ou no topo da escada.

Machete assentiu com uma piscadela de admiração.

– Claro. É preciso ser cuidadoso. Nada de beco escuro para você, cara. Esperto.

– Me fale sobre o Freddie.

– Já falei. Ele sumiu. Se você anda com canalhas, vai acabar sendo sacaneado. Quanto maior o canalha, mais sacaneado você vai ser.

– Freddie testemunhou no julgamento de Kay Spalter dizendo que ela esteve no apartamento ao lado do seu no dia em que o marido dela levou o tiro. Você soube que ele disse isso, certo?

– Todo mundo soube.

– Mas *você* não viu a Kay?

– Achei que *talvez* tivesse visto alguém *parecido* com ela.

– Como assim?

– Já falei sobre isso com o outro policial.

– Quero saber de você.

– Eu vi uma... uma *pessoa* pequena, parecia muito uma mulher. Pequena, magra. Como uma dançarina. Tem uma palavra para isso,

mignon, conhece? Uma palavra grã-fina. Está surpreso por eu saber essa palavra?

– Você disse que “parecia muito uma mulher”? Mas não tem certeza de que *era* uma mulher?

– Na primeira vez eu achei que fosse. Mas era difícil ter certeza. Óculos escuros. Faixa grande na cabeça. Uma echarpe enorme.

– Na *primeira* vez? Quantas vezes...

– Duas. Eu contei ao outro policial.

– Ela esteve aqui *duas vezes*? Quando foi a primeira?

– No domingo. O domingo antes do enterro.

– Você tem certeza do dia?

– Só podia ser domingo. Era o meu único dia de folga. Da porra do lava a jato. Eu estava indo ao Quik-Buy comprar cigarros, e enquanto descia a escada a tal pessoa *mignon* vinha subindo e passou por mim, certo? Quando cheguei lá embaixo lembrei que estava sem dinheiro e voltei para pegar. Aí ela estava parada ali, do lado de fora da porta, atrás de onde você está agora. Entrei direto no meu apartamento para pegar o dinheiro.

– Você não perguntou o que ela estava fazendo ali, quem ela estava procurando?

Um risinho explodiu nele.

– Porra, cara, não. Aqui é melhor não se meter com ninguém. Todo mundo cuida da própria vida. Ninguém gosta de perguntas.

– Ela entrou naquele apartamento? Como? Com uma chave?

– É. Com uma chave. Claro.

– Como você sabe que ela usou uma chave?

– Eu ouvi. Paredes finas. Baratas. Uma chave abrindo a porta. Um som fácil de identificar. Ei, isso me lembra que só podia ser

domingo mesmo. Blim-blom. A igreja rio abaixo, meio-dia todo domingo. Blim-blom, blim-blom. Doze porras de blim-blons.

– Você viu essa pessoa pequena outra vez?

– Vi. Não naquele dia. Só no dia do tiro.

– O que você viu?

– Dessa vez era sexta-feira. De manhã. Dez horas. Antes de eu ir para a porra do lava a jato. Eu tinha saído e estava voltando com uma pizza.

– Às dez da manhã?

– É, é um bom café da manhã. Estava voltando e vi aquela pessoa pequena entrar aqui no prédio. A mesma pessoinha. Mignon. Entrou bem depressa, com uma caixa, ou alguma coisa brilhante, embrulhada. Quando entrei, a tal pessoa estava no topo da escada. Agora eu tenho certeza que era uma caixa embrulhada, tipo pro Natal. Caixa comprida: 1 metro ou talvez 1,20 metro. Papel de natal. Quando cheguei ao topo da escada ela já estava dentro do apartamento, mas a porta ainda estava aberta.

– E?

– Pensei: a pessoa deve estar no banheiro. Por isso a pressa, talvez a porta de entrada ainda esteja aberta por causa disso.

– E?

– E era verdade, a pessoa estava no banheiro dando uma baita de uma mijada. Então eu tive certeza.

– De quê?

– Do som.

– Como assim?

– Não estava certo.

– O que não estava certo?

– Homens e mulheres, o som é diferente quando eles mijam. Você sabe.

– E o que você ouviu foi...?

– Com certeza era o som de um homem mijando. Pequeno, talvez, mas um homem, sem sombra de dúvida.

Capítulo 19

Crime e castigo

Depois de anotar o nome verdadeiro de Machete (Estavio Bolocco), além do número do celular e a descrição mais detalhada que ele pôde fornecer do “ele ou ela” mignon, Gurney voltou ao carro e passou mais meia hora examinando o dossiê em busca de algum registro da conversa com o sujeito, alguma observação relativa à aparição de um possível suspeito no apartamento no domingo anterior ao tiro ou alguma pergunta sobre o gênero do atirador.

O resultado das três buscas foi zero.

Suas pálpebras estavam começando a ficar pesadas e o estímulo de energia que sentira antes tinha praticamente se exaurido. Fora um dia longo em Long Falls e era hora de ir para Walnut Crossing. Quando ia se afastar do meio-fio, um Ford Explorer preto parou bem à frente dele. O atarracado Frank McGrath saiu e foi até a janela do carro de Gurney.

– Terminou por aqui?

– Por hoje, ao menos. Preciso ir para casa antes de cair no sono. Por sinal, você se lembra de um cara chamado Freddie que morava aqui na época do atentado?

– Morava, não, invadia um apartamento.

– É, acho que é isso.

– *Fre-de-ri-co*. – O arrastado sotaque espanhol de McGrath fedia a desprezo. – O que é que tem?

– Você soube que ele desapareceu?

– Talvez tenha ficado sabendo. Faz muito tempo.

– Já ouviu alguma coisa sobre isso?

– Sobre o quê?

– Sobre o *porquê* de ele ter desaparecido?

– Por que diabo eu iria me importar com isso? Eles vêm e vão. Menos um saco de merda para eu lidar. Seria bom se todos sumissem. Faça isso acontecer e eu fico lhe devendo uma.

Gurney arrancou meia folha de seu caderno, escreveu o número do celular e entregou-a a McGrath.

– Se ficar sabendo alguma coisa sobre o Freddie, qualquer boato sobre onde ele possa estar, eu agradeceria um telefonema. Enquanto isso, Frank, pega leve. A vida é curta.

– Obrigado meu Deus pelos pequenos favores!

Durante a maior parte da viagem para casa, Gurney teve a sensação de que havia aberto uma caixa de quebra-cabeça e descoberto que faltavam várias peças importantes. A única coisa da qual tinha certeza era que nenhuma bala disparada do apartamento em questão poderia ter atingido Carl Spalter na têmpora sem passar primeiro pelo grosso braço de metal daquele poste de luz. E isso era inconcebível. Sem dúvida as peças que faltavam acabariam resolvendo a aparente contradição. Se ao menos ele soubesse que tipo de peças estava procurando, e quantas...

A viagem de duas horas para Walnut Crossing era feita principalmente por estradas secundárias, através da colcha de retalhos de campos e florestas da qual Gurney gostava e que Madeleine amava. Mas ele prestou muito pouca atenção à paisagem.

Estava imerso no mundo do assassinato.

Imerso até que, no fim da estradinha municipal, passou pelo laguinho e pegou a trilha do pasto. Então foi puxado com violência de volta ao presente pela visão de quatro carros – três Prius e um Range Rover – parados na área gramada ao lado da casa. Parecia

uma miniconvenção de amantes da natureza preocupados com o meio ambiente.

Ah, meu Deus. A porcaria do jantar do pessoal da ioga!

Olhou a hora – 18h49 – no painel do carro. Quarenta e nove minutos atrasado. Balançou a cabeça, frustrado com o esquecimento.

Quando entrou no espaçoso cômodo que servia como cozinha, sala de jantar e de estar, estava em curso uma conversa enérgica ao redor da mesa. Os seis convidados eram conhecidos – pessoas às quais tinha sido apresentado em concertos e exposições de arte na região –, mas ele não se lembrava dos nomes. (Embora, segundo Madeleine havia observado certa vez, ele jamais esquecesse o nome dos assassinos.)

Todos pararam de falar e ergueram os olhos do prato, a maioria sorrindo ou parecendo agradavelmente curiosa.

– Desculpe o atraso. Tive um pequeno contratempo.

Madeleine deu um sorriso de desculpas.

– Dave tem contratempos com mais frequência do que as pessoas param em postos para abastecer.

– Na verdade ele chegou na hora certa! – exclamou uma mulher agitada e volumosa que Gurney reconheceu como uma das colegas de Madeleine que trabalhava como conselheira no centro de crise. Tudo o que Gurney se lembrava do nome dela era que era curioso. Ela continuou, entusiasmada: – Estávamos falando de crime e castigo. O que poderia ser mais oportuno? – Ela apontou para uma cadeira vazia à mesa, com o ar de uma anfitriã recebendo o convidado de honra de sua festa. – Junte-se a nós! Madeleine disse que você estava fora, numa de suas aventuras, mas foi muito lacônica nos detalhes. Será que tinha algo a ver com crime e/ou castigo?

Um dos convidados afastou a cadeira para o lado, dando mais espaço para Gurney chegar à que estava vazia.

– Obrigado, Scott.

– Skip.

– Skip. Certo. Quando vejo você, o nome Scott sempre me vem à mente. Trabalhei anos com um Scott que se parecia bastante com você.

Gurney optou por usar essa mentirinha como um gesto de gentileza social. Sem dúvida era preferível à verdade: que ele não tinha interesse no sujeito e menos ainda em lembrar seu nome. O problema da desculpa, que Gurney não havia imaginado, era que Skip tinha 75 anos e tinha uma aparência exaurida, com uma explosão de cabelos brancos revoltos estilo Einstein. Era curioso pensar que aquele cadavérico membro dos Três Patetas poderia lembrar um detetive de homicídios em atividade.

Antes que alguém fizesse alguma pergunta, a mulher volumosa avançou feito um trator:

– Enquanto Dave se serve, vamos colocá-lo a par da nossa discussão?

Gurney olhou ao redor, concluindo que a votação a essa proposta poderia ser ignorada, mas – bingo! O nome dela lhe veio: Filomena, Mena para os íntimos – a mulher era sem dúvida uma líder, e não uma seguidora. E ela continuou:

– Skip observou que o único objetivo da prisão é o castigo, já que a reabilitação... Como foi que você disse, Skip?

Ele parecia desconfortável, como se o chamado de Mena para falar trouxesse de volta algum pavoroso momento constrangedor de seus anos de escola.

– Não estou conseguindo lembrar.

– Ah, já sei! Você falou que o único objetivo da prisão é o castigo, já que a reabilitação não passa de uma fantasia liberal. Mas então Margo disse que, se for adequadamente conduzido, o castigo é indispensável para a reabilitação. Mas não sei se Madeleine concordou com isso. E aí o Bruce disse...

Uma mulher séria e grisalha interrompeu:

– Eu não disse “castigo”. Eu falei “consequências negativas claras”. As conotações são bem diferentes.

– Certo, então, Margo é a favor das consequências negativas claras. Mas aí o Bruce... Ah, meu Deus, Bruce, *o que* você disse?

Um sujeito na cabeceira da mesa, com bigode escuro e paletó de tweed, deu um risinho condescendente.

– Nada profundo. Só fiz uma pequena observação de que nosso sistema prisional é um tremendo desperdício de dinheiro dos impostos, uma instituição absurda, um sistema que produz mais crimes do que coíbe.

Ele parecia um homem muito educado, porém raivoso, cuja alternativa preferível ao encarceramento seria a execução. Era difícil visualizá-lo numa meditação de ioga, respirando fundo, unificado com toda a criação.

Gurney sorriu com esse pensamento enquanto tirava um pouco do resto de lasanha vegetariana da travessa no centro da mesa e colocava no seu prato.

– Você faz parte do clube de ioga, Bruce?

– Minha mulher é uma das instrutoras, o que acho que me torna membro honorário.

Seu tom era mais sarcástico do que amigável.

A duas cadeiras de distância, uma mulher pálida e de cabelo louro-acinzentado, cujo único cosmético parecia ser um creme facial

brilhante e translúcido, falou numa voz que mal passava de um sussurro:

– Eu não diria que sou instrutora, só faço parte do grupo. – Ela lambeu discretamente os lábios sem cor, como se quisesse remover migalhas invisíveis. – Voltando ao nosso assunto, todo crime não é, na verdade, uma forma de doença mental?

Seu marido revirou os olhos.

– Na verdade, Iona, há uma pesquisa nova e fascinante sobre isso – comentou uma mulher de aparência gentil, com o rosto suave e redondo, sentada à frente de Gurney. – Mais alguém leu aquele artigo científico sobre os tumores? Parece que havia um homem de meia-idade, bastante normal, sem problemas incomuns, até que começou a sentir uma urgência avassaladora, fora de controle, de fazer sexo com crianças pequenas. Resumindo, testes médicos revelaram um tumor cerebral crescendo rapidamente. O tumor foi removido e a obsessão sexual destrutiva desapareceu também. Interessante, não é?

Skip pareceu incomodado.

– Está dizendo que o crime é um subproduto do câncer cerebral?

– Só estou contando o que li. Mas o artigo fornecia referências para outros exemplos de distúrbios de comportamento ligados diretamente a anormalidades cerebrais. E faz sentido, não é?

Bruce pigarreou.

– Então devemos presumir que o esquema Ponzi, de Bernie Madoff, foi gerado num pequeno cisto maligno em seu córtex cerebral?

– Bruce, pelo amor de Deus! – retrucou Mena. – Patty não está dizendo isso.

Ele balançou a cabeça, sério.

– Esse caminho me parece escorregadio, pessoal. Leva à responsabilidade zero, não é? Primeiro era “Satã me levou a fazer isso”. Depois foi “Minha infância com privações me levou a fazer isso”. Agora temos esta novidade: “Meu tumor me obrigou a fazer isso.” Quando essas desculpas vão parar?

Sua veemência criou um silêncio incômodo. Mena, no que Gurney supôs que fosse seu papel habitual de diretora social e pacificadora, tentou distrair a atenção de todos para um assunto menos controverso:

– Madeleine, ouvi um boato de que vocês estão criando galinhas. É verdade?

– É mais do que um boato. Estamos com três galinhazinhas lindas e um galo novo arrogante e charmoso morando temporariamente no nosso celeiro. Cantando, cacarejando e emitindo todo tipo de som maravilhoso que os galináceos fazem. É incrível assisti-los.

Mena inclinou a cabeça com curiosidade.

– Morando *temporariamente* no celeiro?

– Estão esperando que o lar permanente seja construído, no fundo do nosso quintal.

Ela apontou para a área do lado de fora da porta dupla de vidro.

– Certifique-se de que o galinheiro seja seguro – disse Patty com um sorriso preocupado. – Porque todo tipo de criaturas caça galinhas, e as coitadas são praticamente indefesas.

Bruce se inclinou para a frente.

– Vocês sabem do problema das doninhas?

– Sim, sabemos – respondeu Madeleine com rapidez, como se quisesse evitar qualquer descrição de como as doninhas matam as galinhas.

Ele baixou a voz, aparentemente para causar efeito dramático.

– Os gambás são piores.

Madeleine piscou.

– Gambás?

Iona se levantou no mesmo instante, pediu licença e foi para o banheiro do corredor.

– Gambás – repetiu ele de modo agourento. – Parecem criaturinhas fofas, destinadas a terminar seus dias mortas na estrada. Mas deixe um deles entrar num galinheiro e vai ver um animal totalmente diferente, alucinado pelo gosto de sangue. – Ele olhou ao redor da mesa, como se estivesse contando uma história de horror para crianças em volta de uma fogueira de acampamento. – Aquele gambazinho inofensivo vai despedaçar todas as galinhas do galinheiro. Como se seu verdadeiro objetivo de vida fosse rasgar cada criatura viva em retalhos sangrentos.

Houve um silêncio atônito, que Skip por fim rompeu:

– Claro, os gambás não são o único problema. – Essa afirmação, talvez devido ao timing ou ao tom da voz do homem, provocou uma explosão de gargalhadas. Mas Skip continuou, sério: – Vocês precisam estar atentos a coiotes, raposas, gaviões, águias, texugos. Um monte de coisas por aí gosta de comer galinhas.

– Ainda bem que há uma solução simples para todos esses problemas – comentou Bruce com um estranho prazer. – Uma espingarda calibre doze!

Aparentemente sentindo que o desvio da conversa para o mundo das galinhas fora um erro, Mena tentou retomar o fio da conversa.

– Eu gostaria de voltar aonde estávamos quando Dave entrou na sala. Adoraria ouvir a perspectiva dele sobre crime e castigo na sociedade de hoje.

– Eu também – disse Patty, entusiasmada. – Gostaria especialmente de saber o que ele tem a dizer sobre o mal.

Gurney engoliu uma garfada de lasanha e encarou o rosto de querubim de Patty.

– Mal?

– Você acredita que isso existe? – perguntou ela. – Ou é um conceito ficcional, como bruxas e dragões?

Ele achou a pergunta irritante.

– Acho que “mal” pode ser uma palavra útil.

– Então você acredita – falou Margo na outra ponta da mesa, parecendo um debatedor apontando uma questão adversa.

– Sei de uma experiência humana comum para a qual “mal” é uma palavra útil.

– E que experiência seria essa?

– Fazer algo que você sabe, no fundo do coração, que é errado.

– Ah – retrucou Patty com uma luz de aprovação nos olhos. – Houve um iogue famoso que disse: “O cabo da navalha do mal corta mais fundo que a lâmina.”

– Para mim isso parece frase de biscoito da sorte – observou Bruce. – Tente dizer isso às vítimas dos chefões do tráfico no México.

Iona olhou-o sem emoção discernível.

– É como um monte daqueles ditados. “O mal que faço a você, faço em dobro a mim.” Existem muitos modos de falar sobre o carma.

Bruce balançou a cabeça.

– Para mim essa história de carma é papo furado. Se um assassino já causou a si mesmo o dobro de dano que causou ao

assassinado, o que parece um truque bem legal, isso quer dizer que a gente não deveria se dar ao trabalho de condená-lo e executá-lo? Isso nos coloca numa posição ridícula. Se você acredita em carma, não há sentido em prender e punir os assassinos. Mas se você quer que eles sejam encarcerados e castigados, precisa concordar que carma é papo furado.

Mena interveio alegremente:

– Então voltamos ao tema do crime e castigo. Minha pergunta para Dave é a seguinte: nos Estados Unidos, parece que estamos perdendo a fé no sistema de justiça criminal. Você trabalhou nessa área durante vinte anos, não foi?

Ele assentiu.

– Conhece os pontos fortes e fracos desse sistema, o que funciona e o que não funciona. Então deve ter boas ideias sobre o que precisa mudar. Eu adoraria ouvir suas opiniões.

A pergunta era quase tão atraente para ele quanto um convite para dançar em cima da mesa.

– Não acho que a mudança seja possível.

– Mas há muita coisa errada – disse Skip, inclinando-se para a frente. – Muitas oportunidades para melhoria.

Patty, em outra sintonia, disse de modo agradável:

– Swami Shishnapushna costumava dizer que os detetives e os iogues são irmãos usando vestes diferentes, buscando igualmente a verdade.

Gurney pareceu em dúvida.

– Eu gostaria de pensar em mim como alguém que busca a verdade, mas provavelmente sou apenas um revelador de mentiras.

Patty foi arregalando os olhos, parecendo encontrar na afirmação algo mais profundo do que Gurney pretendera dizer.

Mena tentou trazer as coisas de volta ao rumo.

– Então, se pudesse comandar o sistema amanhã, Dave, o que você mudaria?

– Nada.

– Não acredito nisso. O sistema é uma confusão enorme.

– Claro que é. Cada parte da confusão beneficia alguém que está no poder. E é uma confusão em que ninguém quer pensar.

Bruce acenou com a mão, descartando o comentário.

– Olho por olho, dente por dente. É simples! Pensar não é a solução, é o problema.

– Um chute nos bagos por um chute nos bagos! – exclamou Skip com um sorrisinho confuso.

Mena persistiu no assunto com Gurney:

– Você disse que não mudaria nada. Por quê?

Ele odiava essas conversas.

– Sabe o que eu *realmente* acho sobre nosso deplorável sistema de justiça criminal? Acho que a verdade terrível é que é o melhor que vamos ter.

Isso criou o silêncio mais longo da noite. Gurney se concentrou em sua lasanha.

A pálida Iona, com um ligeiro franzido da testa disputando espaço com seu sorriso de Mona Lisa, foi a primeira a falar:

– Tenho uma pergunta. Uma pergunta que me incomoda. Nos últimos tempos isso não me sai da cabeça, e não consegui chegar a nenhuma conclusão. – Ela estava olhando seu prato quase vazio, guiando lentamente uma única ervilha pelo centro, com a ponta da faca. – Pode parecer bobo, mas é sério. Porque acho que uma resposta totalmente honesta revela muito sobre uma pessoa. Por

isso me incomoda não conseguir chegar a uma resposta. O que esse tipo de indecisão diz sobre mim?

Bruce batucou com os dedos na mesa, impaciente.

– Pelo amor de Deus, Iona, vá direto ao ponto.

– Certo. Desculpe. Aqui vai: suponha que você tivesse de escolher. Você preferiria ser um assassino... ou a vítima?

Bruce ergueu as sobrancelhas imediatamente.

– Você está perguntando a *mim*?

– Não, querido, claro que não. Já sei qual seria a sua resposta.

Segunda parte

Peter
Pan

Capítulo 20

Discrepâncias perturbadoras

Depois que os visitantes partiram – Bruce e Iona em seu enorme Range Rover, os outros em seus silenciosos Prius –, Madeleine começou a limpar e arrumar as coisas e Gurney foi para o escritório com o dossiê do caso Spalter. Pegou o relatório da autópsia, depois ligou o fino *tablet* com ótima definição que seu filho, Kyle, havia lhe dado no dia dos pais.

Passou a meia hora seguinte numa sucessão de sites de neurologia tentando entender a desconexão entre a natureza do ferimento na cabeça de Spalter e a distância de 3 a 3,5 metros que Paulette afirmou que ele cambaleou antes de desmoronar.

Gurney tinha a vantagem infeliz de ter testemunhado, mais de perto do que gostaria, dois disparos semelhantes na cabeça durante seus anos na divisão de homicídios do Departamento de Polícia de Nova York; nos dois casos a vítima havia caído como uma árvore derrubada por um machado. Por que o mesmo não acontecera com Carl?

Duas explicações lhe ocorreram.

Uma era que o legista tinha se enganado quanto à extensão do trauma cerebral e que o centro motor não tinha sido destruído por completo pela bala fragmentada. A segunda explicação era que Carl tinha levado não um, mas dois tiros. A primeira bala o teria feito cambalear até cair. A segunda, na têmpora, teria causado o sério dano neurológico encontrado na autópsia. O problema óbvio dessa teoria era que o legista havia encontrado apenas um ferimento. Supostamente uma bala Swift calibre 220 podia fazer uma perfuração muito exata, ou uma linha de raspão muito estreita – mas sem dúvida nada sutil o suficiente para que um patologista deixasse

passar, a não ser que estivesse com muita pressa. Ou distraído. Distraído por quê?

Enquanto Gurney pensava nisso, outro aspecto da pequena reconstituição de Paulette o estava incomodando: o fato de a situação que acabou sendo fatal ter acontecido muito perto de dois indivíduos que poderiam se beneficiar tremendamente da morte de Carl: Jonah, que obteria o controle total da Imobiliária Spalter, e Alyssa, a drogada mimada que herdaria o espólio do pai – presumindo que Kay fosse tirada do caminho, como acontecera de fato.

Jonah e Alyssa. Ele sentia um interesse crescente em conhecer os dois. E Mick Klemper. Precisava ficar cara a cara com o sujeito, e logo. E talvez Piskin, o promotor, também, para sentir qual era o posicionamento dele em meio àquela névoa de contradições, provas frágeis e possível perjúrio.

Houve um estardalhaço na cozinha. Ele fez uma careta.

Havia algo curioso nos estardalhaços de cozinha. Antigamente ele os considerava indicadores do estado emocional de Madeleine, até perceber que sua interpretação dos ruídos era na verdade um indicador de seu próprio estado emocional. Quando acreditava que tinha dado a ela um motivo para estar irritada com ele, ouvia o som de pratos quebrando como manifestação da raiva dela. Mas quando achava que estava se comportando com consideração à esposa, os mesmos pratos quebrando pareciam um mero acidente.

Nessa noite ele não estava confortável por ter se atrasado quase uma hora para o jantar, ou com a incapacidade de lembrar os nomes dos amigos dela, ou por tê-la deixado na cozinha e ido correndo para o escritório assim que os últimos faróis dos automóveis se afastaram morro abaixo.

Percebeu que essa última falha ainda era passível de correção. Depois de fazer algumas anotações finais a partir do site de

neurologia mais detalhado que havia encontrado, desligou o *tablet*, guardou o relatório da autópsia junto com o dossiê e foi para a cozinha.

Madeleine estava fechando a porta da máquina de lavar. Ele foi até a cafeteira na bancada da pia, ligou-a e apertou o botão para fazer café. Madeleine pegou uma esponja e uma toalha e começou a limpar as bancadas.

– Pessoal estranho – disse ele em tom ameno.

– "Pessoal interessante" talvez fosse um modo mais gentil de dizer.

Ele pigarreou.

– Espero que não tenham ficado chateados com o que eu falei sobre o sistema de justiça criminal.

A cafeteira emitiu a série de chiados com que terminava o ciclo.

– Não foi tanto *o que* você disse. Seu tom conseguiu passar muito mais do que suas palavras.

– Mais? O que, por exemplo?

Ela não respondeu de imediato. Estava inclinada sobre a bancada, esfregando uma mancha recalcitrante. Ele esperou. Madeleine se empertigou e afastou alguns fios de cabelo para longe do rosto com as costas da mão.

– Às vezes você parece irritado por ter de passar algum tempo com pessoas, ouvir o que elas dizem, falar com elas.

– Não é que eu fique exatamente irritado. É... – Ele suspirou, deixando a frase no ar. Pegou sua xícara na cafeteira, pôs açúcar e mexeu o café por muito mais tempo do que precisava antes de completar a explicação: – Quando estou envolvido em algo intenso, acho difícil voltar para a vida comum.

– E *é* difícil – retrucou ela. – Eu *sei*. Às vezes acho que você

esquece que tipo de trabalho eu faço na clínica, o tipo de problemas com os quais eu lido.

Ele estava prestes a observar que esses tipos de problema em geral não envolviam assassinato, mas conteve-se a tempo. Ela tinha aquela expressão que indicava um pensamento inacabado, por isso Gurney apenas ficou em silêncio, segurando a xícara, esperando que ela continuasse, que descrevesse algumas das realidades espantosas de um centro de crise na área rural.

Mas ela fez uma abordagem diferente.

– Talvez eu consiga me desligar com mais facilidade do que você porque não sou tão boa no que faço.

Ele piscou.

– Como assim?

– Quando alguém tem um grande talento para alguma coisa, há uma tentação de se concentrar nela a ponto de excluir todo o resto. Não acha que é verdade?

– Imagino que sim – respondeu ele, pensando em onde aquilo iria dar.

– Bom, eu acho que você tem um grande talento para deduzir as coisas, para revelar mentiras, resolver crimes complicados. E talvez seja tão bom nisso, esteja tão confortável com esse modo específico de pensar, que o resto da vida pareça uma interrupção indesejada.

Ela examinou seu rosto em busca de reação.

Gurney sabia que parte do que ela dizia era verdade, mas só conseguiu dar de ombros, sem se comprometer.

Ela continuou em uma voz suave:

– Não acho que eu tenha um talento enorme para meu trabalho. Já me disseram que sou boa, mas ele não é a soma e a razão da

minha vida. Não é a única coisa que importa. Tento dar importância a *tudo* na vida. Porque é tudo importante. Principalmente você.

Ela olhou em seus olhos e deu aquele sorriso estranho que parecia vir mais de alguma fonte de brilho interno do que da boca.

– Às vezes, quando falamos de como você se envolve num caso, acabamos discutindo, talvez porque você sinta que estou tentando transformá-lo de detetive num andarilho, ciclista, remador de caiaque. Talvez essa tenha sido uma esperança ou fantasia minha quando nos mudamos para as montanhas, mas não é mais. Entendo quem você é e estou contente com isso. Mais do que contente. Sei que às vezes não parece. Parece que estou pressionando, forçando, tentando mudar você. Mas não é isso.

Ela fez uma pausa, parecendo ler os pensamentos e sentimentos de Gurney com mais clareza do que ele mesmo poderia.

– Não estou tentando transformá-lo em algo que você não é. Só acho que você ficaria mais feliz se deixasse um pouco de luz, alguma coisa diferente, entrar na sua vida. Parece que está sempre rolando a mesma pedra morro acima, sem nenhum alívio duradouro nem recompensa no final. A impressão é que você só quer continuar empurrando, lutando, colocando-se em perigo. Quanto mais perigo, melhor.

Ele já ia questionar o argumento dela sobre o perigo, mas decidiu ouvi-la.

Ela o encarou com tristeza nos olhos.

– Parece que você mergulha tão fundo na escuridão que a luz do sol fica bloqueada. Tudo fica bloqueado. E aí eu continuo com minha vida do único modo que sei. Faço meu trabalho na clínica. Ando na floresta. Vou aos meus concertos e exposições. Leio. Toco violoncelo. Passeio de bicicleta. Cuido do jardim, da casa e das galinhas. No inverno, saio para caminhar com sapatos de neve.

Visito os amigos. Mas fico pensando, desejando, que poderíamos fazer mais dessas coisas juntos. Que poderíamos ficar juntos ao sol.

Ele não sabia o que responder. Em algum nível reconhecia a verdade no que ela estava dizendo, mas nenhuma palavra se ligava ao sentimento que isso gerava nele.

– É isso – concluiu ela com simplicidade. – É isso que me passa pela cabeça.

A tristeza nos olhos dela foi substituída por um sorriso: caloroso, aberto, esperançoso.

Pareceu que ela estava totalmente *presente*, *inteira* à frente dele, sem obstruções, sem evasões, sem qualquer tipo de artifício. Ele pousou a xícara, que estivera segurando sem perceber durante o tempo todo em que ela havia falado, e foi na direção dela. Abraçou-a, sentindo o calor do corpo contra o seu.

Ainda sem palavras, pegou-a no colo, aderindo ao clichê de carregar a esposa recém-casada na porta de casa – o que a fez rir –, e levou-a para o quarto, onde fizeram amor com uma combinação maravilhosa de urgência e ternura.

Madeleine foi a primeira a acordar no dia seguinte.

Depois que Gurney tomou banho, fez a barba e se vestiu, encontrou-a à mesa do café da manhã com uma xícara fumegante, uma fatia de torrada com creme de amendoim e um livro aberto. Creme de amendoim era uma das coisas prediletas de Madeleine. Ele foi até ela e deu-lhe um beijo no topo da cabeça.

– Bom dia! – disse ela alegremente, com a boca cheia.

Estava vestida para o trabalho na clínica.

– Dia cheio hoje? – perguntou ele.

– Não sei. – Ela engoliu a torrada, tomou um gole de café. – Depende de quem mais estiver lá. O que *você* tem marcado?

– Hardwick. Deve chegar aqui às oito e meia.

– Hum.

– Kay Spalter vai nos ligar às nove, ou o mais perto disso que conseguir.

– Algum problema?

– *Só* problemas. Cada fato neste caso tem uma contradição anexada a ele.

– Não é assim que você gosta dos seus fatos?

– Totalmente emaranhados, para que eu possa desemaranhá-los, é o que você quer dizer?

Ela assentiu, deu uma última mordida na torrada, levou o prato e a xícara à pia e deixou a água correr em cima. Depois voltou e beijou-o.

– Estou atrasada. Preciso ir.

Gurney preparou um pouco de bacon e torrada e se acomodou numa cadeira perto da porta de vidro. Suavizada pela névoa fina da manhã, a paisagem vista de sua cadeira era o velho pasto, um muro de pedras meio caindo aos pedaços do lado oposto, uma plantação crescida demais de um vizinho e, mais adiante, quase invisível, a colina Barrow.

Justo quando estava colocando o último pedaço de bacon na boca, ouviu o ronco agressivo do GTO de Hardwick na estrada abaixo do celeiro. Dois minutos depois, a fera vermelha e angulosa tinha sido estacionada junto ao canteiro de aspargos e Hardwick estava parado junto à porta de vidro, usando camiseta preta e calça de moletom cinza e suja. A porta estava aberta, mas com as telas deslizantes fechadas.

Gurney se esticou e abriu uma das telas.

Hardwick entrou.

– Sabe que tem uma porra de um porco gigante subindo pela sua estrada?

Gurney assentiu.

– Acontece com bastante frequência.

– Eu diria que tem uns 130 quilos.

– Por acaso você tentou levantar o bicho?

Hardwick ignorou a pergunta, só olhou ao redor, avaliando o ambiente.

– Eu já falei antes e vou falar de novo. Este lugar esbanja charme bucólico.

– Obrigado, Jack. Quer se sentar?

Hardwick limpou o dente da frente com a unha, pensativo, depois se acomodou na cadeira diante de Gurney e olhou-o desconfiado.

– Antes de falarmos com a sofrida Sra. Spalter, você tem alguma coisa em mente que precisemos discutir, Ás?

– Na verdade, não, a não ser o fato de que nada neste caso faz o menor sentido.

Os olhos de Hardwick se estreitaram.

– Essas coisas que não fazem sentido... funcionam a nosso *favor* ou *contra nós*?

– “Nosso”, “nós”?

– Você entendeu. Contra ou a favor do nosso objetivo de garantir uma reversão de pena.

– Provavelmente *a favor* do objetivo. Mas não tenho certeza. Tem muita coisa esquisita na história.

– Esquisita? Tipo o quê?

– Tipo o apartamento indicado como o local do disparo fatal.

– O que é que tem?

– Não foi lá. Não pode ter sido.

– Por quê?

Gurney explicou que havia usado Paulette para fazer uma reconstituição informal, e a descoberta da obstrução causada pelo poste.

Hardwick pareceu confuso, mas não preocupado.

– Mais alguma coisa?

– Uma testemunha que diz que viu o atirador.

– Freddie? O cara que identificou Kay na delegacia?

– Não. Um cara chamado Estavio Bolocco. Não há registro de ele ter sido ouvido, mas ele diz que foi. Também diz que viu o atirador, mas que era um homem, e não uma mulher.

– Viu o atirador onde?

– Esse é outro problema. Ele diz que o viu no apartamento, o apartamento de onde o tiro supostamente foi disparado, mas de onde não pode ter sido dado.

Hardwick fez sua cara de desgosto.

– Isso gera uma mistura de coisas boas e pura merda. Gosto da ideia de o tal cara ter dito que o atirador era um homem, e não uma mulher. Gosto especialmente da ideia de que Klemper não fez um registro do testemunho. Isso revela má conduta policial, possível adulteração de provas, ou pelo menos um grande desleixo, e tudo isso ajuda. Mas essa merda sobre o apartamento em si, essa merda torna todo o resto inútil. Não podemos apresentar uma testemunha que diz que o atirador usou um local sobre o qual mudamos de ideia depois e dizemos que não pode ter sido usado. Quero dizer, aonde a gente vai chegar com essa merda?

– Boa pergunta. E há outra coisa estranha. Estavio Bolocco diz

que viu o atirador *duas vezes*. Uma no dia do acontecimento, que foi uma sexta-feira, mas também cinco dias antes. No domingo. Diz que tem certeza de que era domingo, porque era seu dia de folga.

– Onde ele viu o atirador?

– No apartamento.

O mal-estar de Hardwick parecia estar crescendo.

– Fazendo o quê? Reconhecimento de terreno?

– É o que eu imaginaria. Mas isso levanta outra questão. Vamos presumir que o atirador tenha ficado sabendo da morte de Mary Spalter, descoberto o local do lote da família no cemitério e decidido que Carl estaria na frente, durante o enterro. O próximo passo seria analisar os arredores, ver se a vizinhança oferecia um local seguro para o disparo.

– Então qual é a questão?

– O timing. Se o atirador estava procurando um local no domingo, presumivelmente a morte de Mary Spalter ocorreu no sábado ou antes disso, dependendo do grau de proximidade do atirador com a família para ter recebido a informação direto deles ou ter ficado sabendo por um obituário publicado um ou dois dias depois. Minha questão é: se o enterro só aconteceu no mínimo sete dias depois da morte... o que provocou essa demora?

– Quem sabe? Talvez algum parente não tenha conseguido chegar antes. Por que você se importa com isso?

– É incomum adiar tanto um enterro. O *incomum* me deixa curioso, só isso.

– Certo. Claro. Tudo bem. – Hardwick balançou a mão como se estivesse espantando uma mosca. – Podemos perguntar a Kay quando ela ligar. Só não acho que os arranjos para o enterro da sogra dela irão despertar o interesse do tribunal de apelações.

– Talvez não. Mas, por falar nessa condenação, você sabia que Freddie, o cara que identificou Kay no julgamento, desapareceu?

Capítulo 21

Uma franqueza inquietante

Estava mais perto de nove e meia do que das nove quando receberam o telefonema de Kay Spalter pela linha fixa de Gurney.

– Oi, Kay – cumprimentou Hardwick. – Como vão as coisas na bela Bedford Hills?

– Maravilhosas. – A voz dela estava áspera, seca, impaciente. – Você está aí, Dave?

– Estou.

– Você disse que teria mais perguntas para mim.

Ele pensou se o jeito brusco de Kay era um modo de sentir-se no controle ou só um sintoma da tensão de estar presa.

– Tenho meia dúzia delas.

– Vá em frente.

– Na última vez em que falamos você mencionou um mafioso, Donny Angel, como alguém que deveríamos investigar com relação ao assassinato do Carl. O problema é que o atentado contra Carl é complicado demais para isso.

– Como assim?

O tom era mais de curiosidade que de desafio.

– Angel o conhecia, sabia muito sobre ele. Poderia ter armado um atentado com mais facilidade do que mandar um atirador de elite a 500 metros de distância de um enterro. Então, vamos presumir, por um minuto, que o culpado não seja o Angel. Se você tivesse de pensar numa segunda opção, quem seria?

– Jonah – respondeu ela, sem emoção nem hesitação.

– Para assumir o controle da empresa da família?

– O controle permitiria que ele hipotecasse propriedades suficientes para expandir a Catedral do Ciberespaço no maior projeto de exploração religiosa do mundo.

– O que você sabe sobre isso?

– Nada. Estou supondo. O que quero dizer é que o Jonah é mais trambiqueiro do que todo mundo imagina, e o controle da companhia significa muita grana para ele. *Muita.* Sei que ele perguntou ao Carl se poderia hipotecar alguns prédios e o Carl o mandou se foder.

– Belo relacionamento fraterno. Algum outro candidato a assassino em mente?

– Talvez uma centena de outras pessoas em quem o Carl pisou.

– Quando perguntei no outro dia por que você ficou com ele, você me respondeu com uma espécie de piada. Pelo menos acho que foi uma piada. Preciso saber o motivo real.

– A verdade é que não sei qual é o motivo real. Eu costumava tentar descobrir o que me ligava a ele, mas nunca consegui saber. Então talvez eu seja mesmo uma interesseira de quinta categoria.

– Você lamenta a morte dele?

– Talvez um pouco.

– Como era o relacionamento cotidiano de vocês?

– Generoso, paternalista e controlador da parte dele.

– E da sua?

– Tinha amor, admiração, submissão. A não ser quando ele foi longe demais.

– E então?

– Então as portas do inferno se abriram.

– Você chegou a ameaçá-lo?

– Cheguei.

– Diante de testemunhas?

– É.

– Dê um exemplo.

– Há um bocado de exemplos.

– Me dê o pior.

– Quando fizemos dez anos de casamento, o Carl convidou alguns casais para jantar com a gente. Ele bebeu demais e começou com seu tema predileto de bebedeira: “Você pode tirar uma garota do Brooklyn, mas não pode tirar o Brooklyn da garota.” E naquela noite isso avançou até uma babaquice enorme sobre como ele ia se candidatar a presidente depois de virar governador de Nova York, e que eu iria ser o elo dele com o homem comum. Disse que ele iria ser igual ao Juan Perón na Argentina, e que eu seria sua Evita. Minha função seria fazer com que todos os trabalhadores humildes o amassem. Acrescentou algumas sugestões sexuais sobre como eu poderia conseguir isso. E então disse uma coisa idiota de verdade. Que eu poderia comprar mil pares de sapato, como Evita.

– E?

– Por algum motivo, isso foi demais. Por quê? Não faço ideia. Mas foi. Idiota demais.

– E?

– E eu gritei com ele, dizendo que a dona dos mil pares de sapato não era Evita Perón, era Imelda Marcos.

– Só isso?

– Na verdade, não. Também disse que, se ele falasse de mim daquele jeito outra vez, eu cortaria o pau dele e enfiaria no cu dele.

Hardwick, que não havia pronunciado uma única sílaba desde a

pergunta sobre a bela Bedford Hills, explodiu numa gargalhada, que ela ignorou.

Gurney mudou de direção:

– O que você sabe sobre silenciadores para armas?

– Sei que a polícia chama de supressores, e não de silenciadores.

– O que mais?

– Que são ilegais neste estado. São mais eficazes com munição subsônica. Os baratos são bons; os caros são muito melhores.

– Como sabe de tudo isso?

– Perguntei no clube de tiros onde fiz aulas.

– Por quê?

– Pelo mesmo motivo pelo qual fui lá, para começo de conversa.

– Porque achou que talvez tivesse de atirar em alguém para proteger o Carl?

– É.

– Você chegou a comprar ou pegar emprestado um silenciador?

– Não. Eles pegaram o Carl antes que eu conseguisse.

– Com “eles” você quer dizer a Máfia?

– É. Ouvi o que você disse, que a hipótese do atirador de elite era um modo estranho de eles fazerem isso. Mas ainda acho que foram eles. É mais provável do que o Jonah.

Gurney não viu nenhuma vantagem em discutir esse ponto. Decidiu pegar outro caminho.

– Tirando o Angel, havia mais alguma figura mafiosa de quem ele fosse próximo?

Pela primeira vez na conversa, ela hesitou.

Depois de alguns segundos, Gurney achou que a ligação havia caído.

– Kay?

– O Carl costumava falar de alguém que fazia parte de um grupo de pôquer do qual ele participava.

Gurney notou uma inquietação na voz dela.

– Ele mencionou algum nome?

– Não. Só comentou o que o cara fazia para viver.

– E o que era?

– Arranjava assassinos. Era uma espécie de corretor, intermediário. Se você quisesse que uma pessoa fosse morta, podia procurá-lo e ele conseguiria alguém para fazer o serviço.

– Você parece incomodada em falar sobre ele.

– Fiquei incomodada porque o Carl queria participar de um jogo de apostas altas com alguém que ganhava a vida assim. Um dia eu disse a ele: “Você quer mesmo jogar pôquer com um cara que arma assassinatos da Máfia? Um cara que não pensa duas vezes antes de mandar matar alguém? Não é maluquice?” Ele respondeu que eu não entendia. Falou que o jogo tinha a ver com o risco e o barato, e que essas coisas eram muito maiores quando se estava sentado à mesa com a Morte do outro lado. – Ela fez uma pausa. – Olha, não tenho muito tempo. Já terminamos?

– Só mais uma coisa. Por que houve uma demora tão grande entre a morte e o enterro de Mary Spalter?

– Que demora?

– Ela foi enterrada numa sexta-feira, mas parece que deve ter morrido uma semana antes, ou pelo menos antes do domingo anterior.

– Do que você está falando? Ela morreu numa quarta-feira e foi

enterrada dois dias depois.

– Dois dias? Só *dois*? Tem certeza?

– Claro que tenho. Olhe o obituário. Que história é essa?

– Eu lhe digo quando descobrir. – Gurney olhou para Hardwick. – Jack, você precisa perguntar alguma coisa a Kay, aproveitando que ela está na linha?

Hardwick balançou a cabeça em negativa, depois falou de um jeito caloroso demais:

– Kay, vamos fazer contato em breve, certo? E não se preocupe. Estamos no caminho certo para o resultado que queremos. Tudo o que estamos descobrindo tem um ponto positivo para nós.

Ele falava com muito mais segurança do que aparentava.

Capítulo 22

O segundo buquê

Depois do telefonema de Kay Spalter, Hardwick manteve um silêncio prolongado, pouco característico. Ficou de pé olhando pela janela do escritório, parecendo perdido numa série de cálculos de possibilidades.

Gurney estava sentado atrás da escrivaninha, observando-o.

– Desembuche, Jack. Você vai se sentir melhor.

– Precisamos falar com Lex Bincher. Quero dizer, logo. Tipo agora. Temos um monte de merdas para esclarecer. Acho que essa é a prioridade número um.

Gurney sorriu.

– E eu acho que a prioridade número um é visitar a casa de repouso onde Mary Spalter morreu.

Hardwick deu as costas para a janela para encarar Gurney.

– Está vendo? Esse é meu ponto. Nós precisamos nos sentar com o Lex, raciocinar sobre o que fazer, antes de gastar sola de sapato indo atrás de cada pista falsa que encontrarmos.

– Esta pode ser mais do que uma pista falsa.

– É? Como assim?

– Quem estava examinando aquele apartamento no domingo, três dias antes da morte de Mary Spalter, devia saber que ela iria morrer logo. O que significa que a morte acidental dela não foi um acidente.

– Opa, Sherlock, calma aí! Tudo isso depende de colocarmos a mão no fogo pela história mais idiota que eu ouço há muito tempo.

– A história de Estavio Bolocco?

– Isso. Acreditar que um operador de lava a jato que invadiu um prédio meio abandonado sob o efeito de sei lá que substâncias é capaz de lembrar o dia exato da semana em que viu alguém entrar num apartamento há nove meses.

– Admito que há uma questão de falta de confiabilidade de testemunha. Mas mesmo assim acho...

– Você chama isso de *questão de falta de confiabilidade de testemunha*? Eu chamo de piração, porra!

Gurney falou baixinho:

– Eu sei. Não discordo. Mas se, e sei que é um grande "se", *se* o Sr. Bolocco estiver certo com relação ao dia da semana, a natureza do crime foi completamente diferente da teoria proposta pelo promotor no julgamento de Kay. Meu Deus, Jack, pense. Por que a mãe de Carl teria sido morta?

– Isso é perda de tempo.

– Talvez sim, talvez não. Só digamos, de forma hipotética, que a morte dela não tenha sido um acidente. Posso pensar em duas abordagens para o motivo para ela ter sido assassinada. Uma: ela e Carl eram alvos primários, estavam igualmente no caminho do objetivo do assassino, qualquer que tenha sido. Duas: ela era apenas um ponto de partida, um modo de garantir que Carl, o alvo principal, estaria ao ar livre, naquele cemitério, numa hora previsível.

O tique havia retornado com força total ao canto da boca de Hardwick. Ele tentou falar duas vezes e parou. Na terceira tentativa, disse:

– Era isso que você queria desde o início, não era? Jogar a porra toda para o alto e ver o que aconteceria quando tudo caísse no chão? Pegar um exame objetivo de desvio de conduta policial, algo simples como Mick Cacete, investigador-chefe, trepando com a potencial suspeita Alyssa Spalter, e transformar na maldita

reinvenção da roda? Você já quer transformar um assassinato em dois! Amanhã vai ser meia dúzia! Que diabo está tentando fazer?

Gurney falou mais baixo ainda:

– Só estou seguindo o fio da meada, Jack.

– Foda-se o fio da meada! Meu Deus! Olha, tenho certeza de que eu falo pelo Lex, e não só por mim. A questão é que nós precisamos focar, focar, focar. Vou deixar isso claro de uma vez por todas. Só há algumas perguntas que precisam ser respondidas sobre a investigação do assassinato de Carl Spalter e o julgamento de Kay Spalter. Um: o que Mick Klemper deveria ter feito e não fez? Dois: o que Klemper *não* deveria ter feito e *fez*? Três: o que Klemper escondeu do promotor? Quatro: o que o promotor escondeu do advogado de defesa? Cinco: o que o advogado de defesa deveria ter feito e *não* fez? Cinco perguntas, porra. Basta conseguir as respostas certas e a condenação de Kay Spalter é revertida. É isso, pura e simplesmente. Então me diga: nós estamos na mesma página, aqui?

O rosto de Hardwick mostrava claros sinais de tensão.

– Calma, meu amigo. Tenho quase certeza que podemos *vir a estar* na mesma página. Só não torne impossível que eu chegue lá.

Hardwick lançou um olhar longo e intenso para Gurney, depois balançou a cabeça, frustrado.

– Lex Bincher está adiantando a grana para os custos da investigação. Se você vai gastar dinheiro com alguma coisa que não seja as respostas a essas cinco questões, ele vai ter de aprovar antes.

– Sem problema.

– Sem problema – ecoou Hardwick com ar vago, olhando de novo pela janela. – Eu gostaria de acreditar nisso, Ás.

Gurney não disse nada.

Depois de um tempo, Hardwick suspirou, cansado.

– Vou colocar o Bincher a par de tudo o que você me contou.

– Ótimo.

– Pelo amor de Deus, só não... não deixe isso...

Ele não terminou a frase, apenas balançou a cabeça de novo.

Gurney sentia a tensão inerente à situação de Hardwick: desesperado para chegar ao destino desejado, horrorizado pelas incertezas do caminho proposto.

Dentre os vários adendos ao dossiê do processo havia o endereço da última residência de Mary Spalter – um lar para idosos na Estrada Twin Lakes em Indian Valley, não muito longe de Cooperstown, na metade do caminho entre Walnut Crossing e Long Falls. Gurney digitou o endereço no GPS e uma hora depois o aparelho anunciou que ele estava chegando ao destino.

Virou em uma bem cuidada entrada de veículos calçada de macadame, que passava por um alto muro de pedras e depois se separava numa bifurcação com placas que indicavam: “Moradores” para um lado e “Visitantes e Entregas” para o outro.

Esta última direção levou-o a um estacionamento em frente a um bangalô de madeira. Uma placa elegante e discreta perto de um pequeno canteiro de rosas tinha a inscrição: EMMERLING OAKS. COMUNIDADE SEGURA PARA IDOSOS. INFORMAÇÕES.

Ele parou e bateu à porta.

Uma agradável voz feminina respondeu de imediato:

– Pode entrar.

Ele entrou num escritório luminoso e arejado. Uma mulher atraente, com 40 e poucos anos e bronzeado artificial, estava sentada atrás de uma escrivaninha polida com várias poltronas

confortáveis arrumadas ao redor. Nas paredes havia fotos de bangalôs de vários tamanhos e cores.

Depois de avaliá-lo rapidamente, a mulher sorriu.

– Em que posso ajudá-lo?

Ele devolveu o sorriso.

– Não sei muito bem. Vim até aqui num impulso. Provavelmente numa busca inútil.

– Ah, é? – Ela pareceu interessada. – O que o senhor está procurando?

– Não tenho certeza nem mesmo disso.

– Bom, então... – disse ela, franzindo a testa, insegura. – O que o senhor quer? E quem é o senhor?

– Ah, desculpe. Meu nome é Dave Gurney. – Ele pegou a carteira meio desajeitadamente e deu um passo à frente para mostrar o distintivo. – Sou detetive.

Ela examinou a identificação.

– Aqui diz “aposentado”.

– Eu *estava* aposentado. E agora, por causa desse caso de assassinato, parece que me tornei *desaposentado*.

Os olhos dela se arregalaram.

– Está se referindo ao caso Spalter?

– A senhora sabe sobre ele?

– Se sei? – Ela pareceu surpresa. – É claro.

– Por causa da cobertura da imprensa?

– Por isso e pelo elemento pessoal.

– Porque a mãe da vítima morava aqui?

– Até certo ponto, mas... O senhor poderia me dizer de que se

trata tudo isso?

– Fui chamado para analisar alguns aspectos do caso que nunca foram resolvidos.

Ela deu-lhe um olhar astuto.

– Chamado por alguém da família?

Gurney assentiu e sorriu, como se reconhecesse alguma perspicácia especial da parte dela.

– Quem? – perguntou a mulher.

– Quais deles a senhora conhece?

– Todos.

– Kay? Jonah? Alyssa?

– Kay e Jonah, claro. Carl e Mary, quando eram vivos. Alyssa só de nome.

Gurney já ia perguntar como ela os conhecia quando a resposta óbvia lhe ocorreu. Por algum motivo ele não havia ligado imediatamente o nome do lugar, Emmerling Oaks, à lembrança de ter visto no Willow Rest que Emmerling era o nome do avô de Carl. Pelo jeito, a família era dona de mais do que prédios residenciais e cemitérios.

– A senhora gosta de trabalhar para a Imobiliária Spalter?

Os olhos dela se estreitaram.

– Primeiro o senhor terá que responder à *minha* pergunta. Por que está aqui?

Gurney precisava tomar uma decisão rápida, baseado no que sua intuição dizia sobre aquela mulher, enquanto avaliava os riscos e recompensas potenciais do que poderia revelar. Tinha pouca coisa para usar. Na verdade, apenas um minúsculo vislumbre de algo que ele poderia ter identificado muito mal. Tinha apenas a sensação

fugaz de que, quando a mulher havia pronunciado o nome “Carl”, fizera isso com a mesma aversão de Paulette.

Tomou a decisão.

– Deixe-me colocar do seguinte modo – começou, baixando a voz para lhe dar um tom de confidencialidade. – Há alguns aspectos questionáveis na condenação de Kay Spalter.

A reação da mulher foi súbita, entusiasmada, boquiaberta.

– Quer dizer que, afinal de contas, não foi ela? Meu Deus, eu sabia!

Isso o encorajou a avançar um pouquinho mais:

– A senhora não achou que ela fosse capaz de matar o Carl?

– Ah, ela seria capaz, sem dúvida. Mas nunca teria feito desse modo.

– Quer dizer, com um fuzil?

– Quero dizer, de tão longe.

– Por quê?

Ela inclinou a cabeça e lhe deu um olhar cético.

– Até que ponto o senhor conhece Kay?

– Provavelmente não tanto quanto a senhorita... senhora...?

– Carol. Carol Blissy.

Ele estendeu a mão por cima da mesa.

– Prazer em conhecê-la, Carol. E agradeço de verdade por você estar conversando comigo. – Ela segurou a mão dele brevemente, mas com firmeza. Seus dedos e a palma eram quentes. Ele continuou: – Estou trabalhando com a equipe jurídica dela. Tive um encontro cara a cara com Kay e um longo telefonema. Nosso encontro me deu uma boa ideia dela como pessoa, mas tenho a sensação de que você a conhece muito melhor do que eu.

Carol Blissy pareceu satisfeita. Ajeitou de forma distraída a gola da blusa de seda preta que usava. Tinha anéis brilhantes em todos os cinco dedos.

– Quando eu disse que ela jamais teria feito aquilo daquele modo, quis dizer que o estilo dela não é esse. Se o senhor a conhece, sabe que ela é do tipo de pessoa que diz tudo na cara. Não há nada esquivo nem distante em Kay. Se ela fosse matar o Carl, não teria atirado de quase 1 quilômetro de distância. Teria ido direto até ele e aberto sua cabeça com um machado.

Ela fez uma pausa, como se estivesse ouvindo as próprias palavras, e fez uma careta.

– Desculpe, isso foi nojento. Mas o senhor entende o que eu quero dizer, não é?

– Entendo *exatamente* o que você quer dizer. Tenho a mesma sensação com relação a ela. – Ele fez uma pausa, admirando a mão dela. – Carol, esses anéis são lindos.

– É? – Ela olhou-os. – Obrigado. Acho que são mesmo bem interessantes. É que tenho um olho bom para joias. – Ela umedeceu os cantos da boca com a ponta da língua e olhou para Gurney. – Sabe, o senhor ainda não disse por que está aqui.

Ele precisava fazer uma escolha, uma que viera adiando, com relação ao que revelar. Havia riscos e recompensas significativos para vários níveis de sinceridade. Nesse caso, a imagem de Carol Blissy que ele estava desenvolvendo o convenceu a avançar um pouquinho mais do que faria normalmente. Tinha a sensação de que a sinceridade seria recompensada com a cooperação.

– É uma questão delicada. Não é algo que eu poderia dizer sem saber com quem estou falando. – Ele respirou fundo. – Temos algumas evidências novas sugerindo que a morte de Mary Spalter pode não ter sido acidental.

– Pode não ter sido... acidental?

– Eu não deveria dizer isso, mas quero sua ajuda, e preciso ser honesto com você. Acho que o caso Spalter foi de assassinato *duplo*. E não creio que Kay tenha tido nada a ver com isso.

Ela pareceu demorar alguns segundos para absorver a ideia.

– O senhor vai tirá-la da prisão?

– Essa é a minha esperança.

– Que maravilha!

– Mas preciso da sua ajuda.

– Que tipo de ajuda?

– Imagino que vocês tenham câmeras de segurança aqui.

– Claro.

– Por quanto tempo guardam os arquivos?

– Muito mais do que precisaríamos. Antigamente tínhamos aqueles videocassetes gigantes, e precisávamos reciclar as fitas com frequência. Mas a capacidade do sistema novo é enorme, e nós nunca encostamos sequer um dedo nele. Ele apaga os arquivos antigos de forma automática quando falta espaço, mas acho que isso não acontece há cerca de um ano, ao menos com os arquivos das câmeras ativadas por movimento. É diferente com os arquivos criados pelas câmeras que funcionam continuamente na academia de ginástica e na unidade de enfermagem. Aí eles são deletados mais depressa.

– E você é a pessoa encarregada de ver se tudo está funcionando como deveria?

Ela sorriu.

– Sou a pessoa encarregada de *tudo*.

Os dedos cheios de anéis alisaram uma ruga imaginária na

frente da blusa de seda.

– Aposto que você é muito boa no que faz – disse ele.

– Tento ser. Mas o que há nesses vídeos que possa interessar ao senhor?

– Pessoas que tenham visitado Emmerling Oaks no dia em que Mary Spalter morreu.

– Os visitantes *dela* especificamente?

– Não. Todos os visitantes: entregadores, prestadores de serviço, equipes de manutenção, qualquer um que possa ter entrado na propriedade naquele dia.

– Para quando o senhor precisa disso?

– Quando você quer ver Kay fora da prisão?

Gurney sabia que estava sugerindo um resultado imediato que era no mínimo um exagero, ainda que os arquivos de vídeo contivessem o tipo de prova irrefutável que ele esperava encontrar.

Carol acomodou-o diante de um computador numa sala que ocupava os fundos do bangalô. Depois foi a outro prédio e mandou por e-mail vários arquivos de vídeo para Gurney. Quando voltou, deu-lhe algumas orientações de navegação, inclinando-se por cima do ombro dele de um modo que tornava difícil a concentração.

Quando ela já ia voltar ao escritório na frente, ele perguntou de novo, do modo mais casual que conseguiu:

– Você gosta de trabalhar para a Imobiliária Spalter?

– Eu provavelmente não deveria dizer nada sobre isso.

Ela deu a Gurney o tipo de olhar brincalhão sugerindo que talvez pudesse ser convencida a fazer diversas coisas que não deveria.

– Para mim ajudaria muito saber o que você acha da família Spalter.

– Eu quero ajudar. Mas... isso é só entre nós, certo?

– Sem dúvida.

– Bom... a Kay era maravilhosa. Esquentada, mas maravilhosa. Já o Carl era medonho. Frio como gelo. Só queria saber dos lucros. E era o chefe. O Jonah ficava longe, porque não queria ter nenhum contato com o Carl.

– E agora?

– Agora, sem o Carl, o Jonah está no comando. – Ela olhou cautelosamente para Gurney. – Ainda não o conheço muito bem.

– Eu não o conheço *nem um pouco*, Carol. Mas vou dizer as coisas que ouvi. Ele é um santo. É uma fraude. É uma pessoa fantástica. É um pirado religioso. Você pode acrescentar alguma coisa a isso?

Ela enfrentou o olhar inquisitivo de Gurney e sorriu.

– Acho que não. – E lambeu os cantos da boca outra vez. – Realmente eu sou a pessoa errada para falar sobre homens assim. Não sou do tipo que você poderia chamar de religioso.

Nas três horas seguintes, Gurney examinou os arquivos de vídeo das três câmeras de segurança que considerava ter mais chances de encontrar algo útil – as posicionadas para cobrir o estacionamento, o interior do escritório de Carol Blissy e os veículos que usavam o portão automático dos residentes.

Os vídeos do estacionamento e do escritório eram os mais interessantes. Havia um pintor empreiteiro que atraiu a atenção de Gurney porque parecia um personagem de desenho animado, chegando quase ao ponto de enfiar o pé num balde de tinta e cair de cara no chão. Havia um entregador de pizza com olhar lunático que parecia estar fazendo teste para o papel de psicopata num filme para adolescentes. E havia também um entregador de flores.

Gurney repassou meia dúzia de vezes os dois curtos segmentos

de vídeo em que o sujeito aparecia. O primeiro mostrava uma minivan azul-escura entrando no estacionamento – um veículo comum, a não ser por um letreiro na porta do motorista: FLORES DE FLORENCE. O segundo, com áudio, mostrava o motorista entrando no escritório de Carol, anunciando uma entrega de flores – crisântemos – para uma tal de Sra. Marjorie Stottlemeyer, e pedindo e recebendo orientações para a residência dela.

O motorista era pequeno e de aparência frágil – era difícil dizer até que ponto ia essa fragilidade, por causa do ângulo alto da câmera, que distorcia a imagem. Usava uma calça jeans justa, jaqueta de couro, echarpe, bandana e óculos esportivos. Apesar de assistir várias vezes, Gurney não conseguiu ter certeza se a pessoa pequena e magra era homem ou mulher. Mas outra coisa ficou clara a cada vez: apesar de mencionar apenas um nome, *dois* buquês de crisântemos estavam sendo entregues.

Ele chamou Carol Blissy no escritório da frente e passou o trecho de vídeo para ela, que ficou boquiaberta com a surpresa.

– Ah, *esse*! – Ela puxou uma cadeira e sentou-se perto de Gurney. – Passe de novo.

Quando ele obedeceu, ela assentiu.

– Eu me lembro *desse.*

– Você se lembra *dele?* Ou seria *dela*?

– Engraçado você perguntar. É exatamente disso que eu me lembro, dessa pergunta na minha mente. A voz, os movimentos não pareciam ser de homem *nem* de mulher.

– Como assim?

– Era mais como um duende... *miúdo*. É isso, um *duende*. É o mais perto que posso chegar.

O eco da palavra *mignon*, usada por Machete, impressionou Gurney.

– Você mandou essa pessoa para um apartamento específico, não foi?

– Sim, para o de Marjorie Stottlemeyer.

– Sabe se as flores foram entregues a ela?

– Sei, porque mais tarde ela me ligou para falar sobre isso. Havia um problema, mas não lembro qual era.

– Ela ainda mora aqui?

– Ah, mora. As pessoas vêm para cá para ficar. A única mudança é quando alguém morre.

Gurney se perguntou quantos deles teriam ido parar no Willow Rest. Mas tinha questões mais urgentes para resolver.

– Você conhece bem essa tal de Stottlemeyer?

– O que o senhor quer saber sobre ela?

– A memória dela é boa? E ela estaria disposta a responder a algumas perguntas?

Carol Blissy pareceu intrigada.

– Marjorie tem 93 anos, é totalmente lúcida e adora uma fofoca.

– Perfeito – comemorou Gurney, virando-se para ela. O perfume de Carol era sutil, com uma levíssima sugestão de rosas. – Seria de grande ajuda se você pudesse ligar para ela, dizer que um detetive andou fazendo perguntas sobre a pessoa que entregou aquelas flores a ela em novembro, e que ele adoraria falar com ela por alguns instantes.

– Posso fazer isso.

Ela se levantou, a mão apenas roçando as costas dele enquanto passava a caminho do escritório.

Três minutos depois, Carol voltou com o telefone.

– Ela falou que vai entrar no banho daqui a pouco, e que depois

vai tirar um cochilo, e que depois disso vai se preparar para o jantar, mas pode falar com o senhor pelo telefone agora.

Gurney fez um sinal de positivo com o polegar para Carol e pegou o telefone.

– Olá, Sra. Stottlemeyer.

– Pode me chamar de Marjorie. – A voz era aguda e forte. – Carol disse que o senhor quer saber sobre aquela criaturinha peculiar que me trouxe o buquê misterioso. Por quê?

– Pode não ser nada, ou pode ser uma coisa bem séria. Quando a senhora diz que ele trouxe um “buquê misterioso”, o que...

– Assassinato? É isso?

– Marjorie, espero que você entenda que neste ponto eu preciso ter cuidado com o que digo.

– Então *é* assassinato. Ah, meu Deus! Eu sabia que havia algo estranho desde o início.

– Desde o início?

– Aqueles crisântemos. Eu não pedi nada. Não havia cartão. E qualquer pessoa que me conhecesse a ponto de me mandar flores já está senil ou morta.

– Havia só um buquê?

– Como assim, só *um*?

– Só um buquê de flores ou dois?

– Dois? Por que, em nome dos céus, eu receberia dois? Um já era bastante ridículo. Quantos admiradores mortos você acha que eu tenho?

– Obrigado, Marjorie, isso ajuda muito. Mais uma pergunta: a “criaturinha peculiar”, como você disse, que entregou as flores... era homem ou mulher?

– Sinto vergonha de admitir, mas não sei. Esse é o problema da velhice. No mundo em que eu cresci havia uma diferença palpável entre homens e mulheres. *Vive la différence!* Já ouviu isso? É francês.

– A criatura lhe fez alguma pergunta?

– Sobre o quê?

– Não sei. Qualquer pergunta.

– Nenhuma. Não disse praticamente nada. “Flores para a senhora.” Algo assim. Uma vozinha guinchada. Um nariz estranho.

– Estranho como?

– Afilado. Como um bico.

– Mais alguma coisa estranha que você lembre?

– Não. Só isso. Nariz parecendo um bico, adunco.

– Qual a altura?

– Minha altura, no máximo. Talvez até um pouco menor que eu.

– E sua altura seria...?

– Exatamente 1,57 metro. Olhos azuis. Os meus, não os dele. Os dele estavam escondidos atrás de óculos escuros. Naquele dia não havia nem um resquiciozinho de sol, veja bem. O dia estava bem cinzento. Mas os óculos escuros não são mais para proteger os olhos do sol, certo? São um item de moda. Sabia? Um item de *moda.*

– Obrigado por falar comigo, Marjorie. Você ajudou muito. Vou manter contato.

Gurney desligou o telefone e o entregou a Carol.

Ela piscou.

– Agora lembro qual foi o problema.

– Que problema?

– Por que Marjorie me ligou naquele dia. Era para perguntar se o entregador teria deixado um cartão, por engano, na mesa. Porque não havia nenhum cartão com as flores. Mas que pergunta foi aquela que você fez sobre os buquês, se era um ou dois?

– Se você olhar o vídeo com atenção, vai ver que os crisântemos estavam em dois invólucros separados. Dois buquês foram entregues aqui, e não um.

– Não entendi. O que isso quer dizer?

– Quer dizer que a "criaturinha" fez uma segunda parada na propriedade, depois de ver a Sra. Stottlemeyer.

– Ou *antes* de vê-la, porque ela disse que ele tinha só um buquê.

– Eu poderia apostar que o outro buquê tinha sido deixado escondido temporariamente do lado de fora da porta dela.

– Por quê?

– Porque acho que nossa criaturinha veio aqui para matar Mary Spalter, e que trouxe o segundo buquê com o objetivo de ter um disfarce para bater à porta dela e lhe dar um motivo para abri-la.

– Não estou entendendo. Por que não trazer apenas um buquê e dizer que ia entregá-lo à Sra. Spalter? Por que colocar Marjorie Stottlemeyer no meio da história? Não faz sentido.

– Acho que faz. Se houvesse um registro no seu livro de visitas sobre uma entrega feita a Mary Spalter logo antes da morte dela, o caso todo poderia ter sido examinado mais cuidadosamente. Sem dúvida era importante para o assassino que a morte de Mary parecesse acidental. E deu certo. Imagino que nem tenha havido uma autópsia meticulosa.

Carol estava boquiaberta.

– Então... você está dizendo... que realmente tivemos um *assassino* aqui... no meu escritório... e na casa de Marjorie... e...

De repente ela pareceu vulnerável, amedrontada. E também de repente Gurney foi tomado pelo medo de estar fazendo o que havia se alertado para não fazer: estava indo depressa demais. Fazendo uma suposição após outra e confundindo-as com conclusões racionais. E outra pergunta perturbadora lhe veio à cabeça. Por que estava falando sobre sua hipótese de assassinato com aquela mulher? Estava tentando amedrontá-la? Observar sua reação? Ou só queria ter alguém ratificando o modo como ia ligando os pontos, como se isso provasse que estava certo?

Mas e se ele estivesse ligando os pontos errados, criando uma imagem totalmente equivocada? E se os supostos pontos fossem apenas ocorrências aleatórias isoladas? Em ocasiões assim ele sempre lembrava, inquieto, que todos os habitantes do planeta, numa latitude específica, veem as mesmas estrelas no céu, mas não há duas criaturas que vejam as mesmas constelações. Ele vira evidências desse fenômeno repetidamente: os padrões que percebemos são determinados pelas histórias em que desejamos acreditar.

Capítulo 23

Clique

Sentindo-se inseguro e desconfortável, Gurney parou na primeira loja de conveniências que viu depois de sair de Emmerling Oaks.

Comprou um café grande e forte, além de duas barras de granola para compensar o almoço que não tivera, e foi para o carro. Comeu uma das barras – dura, sem gosto e pegajosa. Jogou a outra no porta-luvas para algum momento de fome mais desesperada, depois tomou alguns goles de café morno.

Em seguida, partiu para o que interessava.

Antes de sair do escritório de Carol Blissy havia baixado os vídeos do entregador ou entregadora de flores em seu celular, e agora mandou o trecho do escritório para o celular de Machete, com uma mensagem de texto: “A pessoa pequena com as flores o lembra alguém?”

Mandou o mesmo vídeo para Hardwick com a mensagem “O sujeito com as flores pode ser um suspeito no caso Spalter – uma possível ligação entre as mortes de Mary e Carl. Mais coisas virão depois”.

Assistiu de novo ao trecho de vídeo do estacionamento, confirmando a impressão que tivera com relação ao letreiro na porta da minivan, de que não estava pintado direto no veículo, mas era do tipo magnético removível. Além disso, havia só um letreiro, do lado do motorista, e não do carona – uma opção estranha, já que na maior parte das circunstâncias a porta do carona é a mais visível ao público. Mas era uma opção que fazia sentido se o motorista quisesse tirá-lo rapidamente, sem ter de parar.

Não havia número de telefone no letreiro. Gurney fez uma busca

na internet para “Flores de Florence” e encontrou várias empresas com esse nome, mas nenhuma a menos de 150 quilômetros de Emmerling Oaks. Nenhum desses fatos o surpreendeu.

Terminou o café, agora já frio, e foi para Walnut Crossing sentindo-se ao mesmo tempo energizado e frustrado com o que achava serem as duas coisas mais estranhas do caso: a obstrução do poste de luz que parecia transformar a localização do atirador numa impossibilidade e um objetivo de assassinato relativamente simples combinado com um modus operandi que parecia complicado demais.

Carl fora morto do mesmo modo que Oswald assassinara Kennedy. Não como esposas matam maridos. Não como mafiosos resolvem suas pendências. Parecia que o objetivo poderia ser realizado de várias formas mais simples – que teriam implicado muitíssimo menos planejamento, coordenação e precisão do que um tiro de elite disparado a 500 metros de distância na direção de um enterro do outro lado de um rio, com um fuzil com silenciador dentro de um prédio cheio de invasores. Presumindo, claro, que o tiro tivesse saído de algum lugar naquele prédio, para começo de conversa. De uma janela com uma linha de visão limpa até a têmpora de Carl Spalter. E, falando em complicações, por que matar primeiro a mãe dele? O motivo mais óbvio, dado o resultado, seria obrigar Carl a ir ao cemitério. Mas e se o assassinato de Mary tivesse um motivo totalmente diferente?

Pensar nessas questões emaranhadas a caminho de casa fez a viagem de uma hora passar voando. Imerso em possíveis explicações e conexões, ele mal percebeu onde estava até que, no topo da estrada que levava à sua propriedade, o toque de mensagem de texto em seu celular lhe trouxe a atenção de volta para o ambiente ao redor. Gurney continuou subindo pelo pasto até a casa antes de verificar a tela. Era a resposta de Machete, que ele

estava esperando: “sim sim. mesmos óculos, nariz engraçado. o cara da mijada.”

Por mais que a testemunha pudesse ser questionável – Hardwick certamente argumentaria isso de novo –, essa (espécie de) confirmação de que a criaturinha estranha estivera presente nos dois acontecimentos deu a Gurney sua primeira sensação de solidez no caso. Não era mais do que o estalo das primeiras duas peças de um quebra-cabeça de quinhentas peças se encaixando, mas a sensação era boa.

Um clique era um clique. E o primeiro tinha um poder especial.

Capítulo 24

Todos os problemas do mundo

Ao entrar na cozinha, Gurney viu uma sacola de compras de plástico cheia de objetos angulosos e um bilhete de Madeleine no aparador.

> *Amanhã deverá ser um dia agradável. Peguei umas coisas na loja de ferragens para começarmos o galinheiro. Certo? Minha agenda teve algumas mudanças hoje, por isso passei algumas horas em casa, e agora preciso voltar. Só chego à noite, por volta das sete. Você deveria comer primeiro. Tem coisas na geladeira. Te amo – M.*

Ele olhou na sacola, viu uma trena metálica, uma grande bola de cordão de náilon amarelo, dois aventais de carpinteiro, dois lápis de carpinteiro, um bloco de papel amarelo, dois pares de luvas de trabalho, dois níveis de bolha e um punhado de estacas de metal para fazer a marcação do terreno.

Sempre que Madeleine dava um passo concreto para um projeto que precisaria da participação dele, a primeira reação de Gurney era de consternação. Mas devido à discussão recente sobre seu foco implacável no sangue e na violência – ou talvez devido ao momento íntimo que haviam compartilhado depois dessa discussão –, ele tentou enxergar o projeto do galinheiro de forma mais positiva.

Talvez uma chuveirada lhe desse a animação necessária.

Meia hora depois, retornou à cozinha – revigorado, faminto e sentindo-se um pouco melhor com relação à ansiedade de Madeleine para começar a fazer o galinheiro. Na verdade, sentia-se revitalizado a ponto de dar o primeiro passo. Pegou o material da loja de ferragens no aparador, um martelo no quartinho dos casacos, e foi para o quintal. Olhou a área onde Madeleine queria

que fosse construída e a parte ao ar livre – a área entre os aspargos e a macieira grande, onde Horace e seu pequeno bando de galinhas seriam visíveis da mesa do café da manhã. Onde Horace poderia cantar feliz e estabelecer seu território.

Gurney foi até o canteiro de aspargos – um trecho de terra elevada, cercado por estacas de madeira – e pôs as compras de Madeleine na grama ao lado. Pegou o bloco de papel amarelo e um lápis e rabiscou a posição do canteiro, do pátio e da macieira. Depois mediu com passos as dimensões aproximadas do galinheiro e da área ao ar livre.

Enquanto pegava a trena para tirar as medidas mais precisamente, ouviu o telefone de casa tocar. Deixou o bloco e o lápis no pátio e foi ao escritório. Era Hardwick.

– E quem é a porra do anão?

– Boa pergunta. Só posso dizer que ele (pelo menos me disseram que era do sexo masculino) esteve na casa de repouso de Mary Spalter no dia em que ela morreu, naquele apartamento em Long Falls cinco dias antes de Carl Spalter levar o tiro e de novo no dia do tiro.

– Isso é algo que Klemper deveria ter sabido?

– Estavio Bolocco diz que contou a Klemper que viu o sujeito no apartamento nas duas ocasiões. Isso deveria ter deixado Klemper alerta; pelo menos deveria ter suscitado uma pergunta sobre o timing da morte da mãe.

– Mas não há testemunhas dessa conversa entre Klemper e Bolocco, certo?

– Não, a não ser que Freddie, a testemunha do julgamento, tivesse estado lá. Mas, como eu disse, ele sumiu.

Hardwick deu um suspiro.

– Sem nenhuma testemunha, essa suposta conversa entre

Klemper e Bolocco é inútil.

– O reconhecimento que Bolocco fez da pessoa que aparece no vídeo de segurança do Emmerling Oaks liga a morte da mãe à do filho. Sem dúvida isso não é inútil.

– Por si só, não prova desvio de conduta policial, o que torna o fato inútil para o objetivo da apelação, *que é nosso único objetivo*. Isso é algo que eu vivo dizendo a você e você parece não querer ouvir.

– E você parece não querer ouvir...

– Eu *sei*. Não quero ouvir sobre a justiça, sobre a culpa e a inocência. É esse o seu argumento?

– Certo, Jack, preciso desligar agora. Vou continuar deixando-o a par de qualquer coisa inútil que eu encontrar. – Houve um silêncio. – Por sinal, talvez você devesse verificar a situação das outras pessoas que testemunharam contra Kay. Seria interessante saber quantas delas podem ser localizadas.

Hardwick não disse nada.

Gurney desligou.

Quando olhou para o relógio e viu que eram quase seis horas, lembrou que estava com fome. Foi à cozinha e preparou uma omelete de queijo.

Comer acalmou-o. Tirou a maior parte da tensão proveniente das discordâncias constantes entre sua abordagem do caso e a de Hardwick. Gurney deixara claro desde o início que, se o sujeito quisesse sua ajuda, seria de acordo com seus termos. Esse aspecto do combinado não iria mudar. Pelo jeito, o desagrado de Hardwick com relação a isso também não iria mudar.

Parado junto à pia lavando a frigideira da omelete, sentiu os olhos pesarem e a ideia de um cochilo tornou-se muito atraente. Só iria se deitar para uma daquelas sonecas restauradoras de cerca de

quinze minutos que costumava dar nos turnos duplos na época do Departamento de Polícia de Nova York. Enxugou as mãos, entrou no quarto, pôs o telefone na mesinha de cabeceira, tirou os sapatos, espreguiçou-se em cima da colcha e fechou os olhos.

Seu telefone o acordou.

Sentiu imediatamente que o cochilo havia ultrapassado o tempo pretendido. Na verdade, o relógio perto da cama marcava 19h32. Havia dormido mais de uma hora.

O identificador de chamadas dizia que era Kyle Gurney.

– Alô?

– Ei, pai! Você está com uma voz de sono. Não acordei você, acordei?

– Sem problema. Onde você está? O que aconteceu?

– Estou em casa assistindo àquele programa de entrevistas sobre questões jurídicas especiais, *Conflito Criminal*, sabe? Estão entrevistando um advogado, e ele fica mencionando o seu nome.

– O quê? Que advogado?

– Um cara de sobrenome Bincher. Rex, Lex, algo assim.

– Na televisão?

– No seu canal predileto, a RAM-TV. Transmissão simultânea pelo site.

Gurney fez uma careta. Mesmo que não tivesse tido nenhum problema terrível com a RAM-TV durante a investigação do Bom Pastor, a ideia de alguém falando sobre ele no canal de notícias a cabo mais vagabundo e tendencioso da história dos noticiários já seria repulsiva. E que diabo Bincher estava aprontando, afinal?

– Essa coisa com o advogado está passando agora?

– Sim, enquanto falamos. Por acaso um amigo meu estava

assistindo e ouviu mencionarem o nome Gurney, aí ligou para mim e eu liguei a TV. Vá ao site deles e clique no botão de transmissão ao vivo.

Gurney se levantou da cama, correu ao escritório e seguiu as instruções de Kyle em seu laptop – ao mesmo tempo especulando qual seria o jogo de Bincher e revivendo a experiência que tivera com o repugnante chefe de programação da RAM-TV apenas alguns meses antes.

Na terceira tentativa, conseguiu conectar-se ao programa. A tela mostrava dois homens sentados em poltronas ao redor de uma mesa baixa na qual havia uma jarra de água e dois copos. Na base da tela, letras brancas numa tira vermelha diziam *CONFLITO CRIMINAL*. Abaixo, letras móveis numa tira azul corriam exibindo notícias repletas de pânico sobre todo tipo de confusão, desastres e desacordos no mundo: uma ameaça nuclear terrorista, um surto de tilápias venenosas, uma briga de celebridades envolvendo uma batida de Porsches.

Com algumas folhas de papel na mão e parecendo seriamente preocupado, sem expressar emoção, como os entrevistadores de TV de todo o mundo, o homem da esquerda estava inclinado na direção do da direita. Gurney se conectou quando o entrevistador estava no meio de uma frase:

– … é um tremendo *indiciamento* contra o sistema, Lex, se é que posso usar esse termo jurídico.

O homem do outro lado da mesa inclinou-se ainda mais para a frente. Estava sorrindo, mas a expressão parecia não passar de uma amostra superficial e inamistosa de dentes. Sua voz era aguda, nasal e alta.

– Brian, em todos os meus anos de experiência na advocacia criminal, nunca encontrei um exemplo mais notável de um trabalho policial corrompido. Uma completa subversão da justiça.

Brian pareceu consternado.

– Você tinha começado a citar alguns problemas pouco antes do intervalo, Lex. Contradições na cena do crime, perjúrio, falta de registros de entrevistas com testemunhas...

– E agora podemos acrescentar a isso pelo menos *uma testemunha desaparecida.* Acabo de receber uma mensagem de texto de um membro da minha equipe de investigação. Além de desvio de conduta sexual com uma possível suspeita. Além de um fracasso grosseiro em examinar opções alternativas óbvias para o assassinato, como, por exemplo, uma ligação fatal com o crime organizado, outros membros da mesma família que teriam motivos mais sérios para assassinar do que Kay Spalter, ou até mesmo um crime com motivações políticas. De fato, Brian, estou a um passo de requisitar um promotor especial para examinar o que pode ser um grande encobrimento criminoso de um processo corrompido. Para mim é incrível que toda a possibilidade de envolvimento do crime organizado não tenha sido investigada.

O entrevistador, cujo rosto era a imagem da consternação de cabeça oca, fez um gesto com os papéis que tinha na mão.

– Então o que você está dizendo, Lex, é que essa situação perturbadora pode ser muito mais grave do que todo mundo pensou?

– Isso é um eufemismo, Brian! Vejo algumas importantes carreiras na polícia se desfazendo em chamas! Todo mundo, desde a polícia estadual até a promotoria, pode estar caminhando para a guilhotina! E eu não tenho medo de acioná-la!

– Parece que você conseguiu descobrir uma grande quantidade de fatos controversos em muito pouco tempo. Você mencionou antes que havia recrutado um conhecido detetive do Departamento de Polícia de Nova York, Dave Gurney, para trabalhar com você, o mesmo detetive que recentemente despedaçou a versão oficial do

caso do Bom Pastor. Dave Gurney é o responsável por suas novas informações?

– Deixe-me colocar do seguinte modo, Brian: eu estou comandando uma equipe poderosa. Estou pagando para ver e tenho excelentes profissionais executando as jogadas. Gurney detém o recorde de solução de homicídios na história do DPNY, e ele está trabalhando com o parceiro ideal, Jack Hardwick, um detetive que foi obrigado a sair da polícia estadual porque ajudou Gurney a chegar à verdade sobre o Bom Pastor. O material que estamos reunindo é *dinamite pura*, uma *granada* depois da outra. Ouça o que estou dizendo: com a ajuda deles, planejo fazer o caso Spalter em mil pedacinhos.

– Lex, você acaba de dizer a perfeita frase de encerramento. E agora estamos quase sem tempo. Muito obrigado por se juntar a nós hoje. Eu sou Brian Bork em *Conflito Criminal*, seu ponto de observação sobre as batalhas jurídicas mais explosivas da atualidade.

Uma voz atrás de Gurney o surpreendeu:

– O que você está assistindo?

Era Madeleine, parada à porta do escritório.

– Você está parecendo molhada – disse ele.

– Começou a chover agora. Você não notou?

– Fui sugado para isto aqui, em vários sentidos – retrucou ele, fazendo um gesto na direção do computador.

Ela entrou no escritório franzindo a testa para a tela.

– O que estavam falando sobre você?

– Nada de bom.

– Pareciam estar elogiando.

– Nem sempre é bom receber elogios. Tudo depende da fonte.

– Quem estava falando?

– O advogado descontrolado que Hardwick conseguiu para Kay Spalter.

– Qual é o problema?

– Não gosto de ouvir meu nome ser anunciado na TV, especialmente por um egomaníaco, e menos ainda naquele tom.

Madeleine pareceu preocupada.

– Acha que ele está colocando você em perigo?

O que ele estava pensando, mas não disse por medo de assustá-la, era que o jogo ficava muito desequilibrado quando um assassino conhecia a *sua* identidade antes de você conhecer a *dele*. Deu de ombros.

– Não gosto de publicidade. Não gosto de hipóteses de casos sendo alardeadas na mídia. Não gosto de exageros delirantes. E, principalmente, não gosto de advogados falastrões que só querem se promover.

Havia outro aspecto em sua reação que ele não mencionou: um sentimento subjacente de empolgação. Apesar de todos os seus comentários negativos serem verdadeiros, ele precisava admitir, ainda que apenas para si mesmo, que um descontrolado feito Bincher tinha a capacidade de sacudir as coisas, de provocar comportamentos reveladores por parte de pessoas interessadas.

– Tem certeza que é só isso que o está incomodando?

– E não basta?

Ela deu-lhe um olhar longo, preocupado: *Você não respondeu à minha pergunta.*

Gurney tinha decidido esperar até de manhã para ligar para Hardwick e falar sobre o desempenho exagerado de Bincher na TV.

Agora, às oito e meia, decidiu esperar um pouco mais – pelo

menos até tomar o café. Madeleine já estava à mesa. Ele levou sua xícara e sentou-se diante dela. Assim que fez isso, o telefone fixo tocou. Gurney levantou-se de um pulo e entrou no escritório para atender.

– Gurney falando.

Era seu antigo modo de se identificar, na época do Departamento de Polícia, que ele achava que havia superado.

A voz rouca, grave, quase sonolenta do outro lado não era familiar.

– Olá, Sr. Gurney. Meu nome é Adonis Angelidis. – O homem parou, como se esperasse alguma palavra de reconhecimento. Quando Gurney não ofereceu nenhuma, ele continuou: – Soube que o senhor está trabalhando com um homem chamado Bincher. É verdade?

Agora ele tinha toda a atenção de Gurney, carregada pela lembrança eletrizante do que Kay Spalter havia contado sobre o homem conhecido como Donny Angel.

– Por que quer saber?

– Por que quero saber? Por causa daquele programa de TV de que ele participou. Bincher mencionou seu nome com grande destaque. O senhor sabe disso, não sabe?

– Sei.

– Bom. O senhor é investigador, certo?

– Certo.

– É um cara famoso, certo?

– Disso eu não sei.

– Essa foi boa. “Disso eu não sei.” Gostei. É um homem muito modesto.

– O que o senhor quer, Sr. Angelidis?

– Não quero nada. Acho que posso ajudá-lo com coisas que o senhor precisa saber.

– Que tipo de coisas?

– Coisas que deveriam ser discutidas pessoalmente. Eu poderia lhe poupar de uma série de problemas.

– Que tipo de problemas?

– Todos os problemas do mundo. E tempo. Poderia lhe poupar tempo. Muito tempo. O tempo é muito valioso. Nós temos muito pouco. Entende o que eu quero dizer?

– Certo, Sr. Angelidis. Preciso saber de que se trata.

– De que se trata? Do seu caso importante. Quando ouvi o Bincher na TV, falei comigo mesmo: “Isso é papo furado, eles não sabem que diabo estão fazendo.” Algumas merdas que ele disse só vão desperdiçar seu tempo, deixar o senhor maluco. Por isso quero fazer um favor, colocá-lo no caminho certo.

– No caminho certo com relação a quê?

– A quem matou Carl Spalter. O senhor quer saber isso, certo?

Capítulo 25

Gus Gordo

Gurney deu o telefonema que tinha planejado a Hardwick, deixando de fora qualquer ataque ao estilo pessoal de Bincher. Afinal de contas, ele teria um encontro com Donny Angel às duas horas daquele mesmo dia num restaurante em Long Falls – um encontro que poderia mudar tudo – e obviamente isso fora motivado pelo desempenho de Bincher.

Depois de ouvir o resumo de Gurney sobre o telefonema de Angel, Hardwick perguntou sem muito entusiasmo se ele queria algum tipo de suporte, ou se queria levar um gravador escondido, só para o caso de as coisas no restaurante começarem a desandar.

Gurney recusou as duas ofertas.

– Ele vai presumir a possibilidade de suporte, e a suposição é quase tão eficaz quanto a realidade. Quanto ao gravador, ele vai imaginar isso também, e vai tomar qualquer precaução que seja necessária.

– Você tem alguma ideia de qual é o jogo dele?

– Só sei que ele está frustrado com o rumo que acha que estamos tomando e quer desviá-lo.

Hardwick pigarreou.

– Uma preocupação óbvia seria a sugestão de Lex de que Carl pode ter sido morto por ter se encrencado com alguém da Máfia.

– Por falar nisso, a abordagem estilo metralhadora giratória dele para o caso parece muitíssimo mais abrangente do que o conselho de “focar, focar, focar” que você me deu.

– Vá se foder, Sherlock. Você está fugindo da questão, e está fazendo isso de propósito. A questão é que ele está levantando

hipóteses que Klemper deveria ter explorado e não explorou. Tudo o que Lex disse aponta para uma investigação desonesta, incompetente e preconceituosa. Essa é a questão principal. Esse é o objetivo da apelação. Ele não falou que você deveria começar a investigar todo tipo de merda que ele mencionou, só o que *Klemper não investigou.*

– Certo, Jack. Outra coisa: será que Esti Moreno, aquela sua amiga do Departamento de Investigações Criminais, pode dar uma olhada no relatório de autópsia de Mary Spalter?

Hardwick hesitou.

– O que você espera que ela encontre?

– O relatório vai dizer que a causa da morte foi coerente com uma queda acidental, mas aposto que a descrição dos danos aos ossos e tecidos também é coerente com o trauma causado pela força bruta que se esperaria ver em alguém agarrado pelos cabelos e jogado de cabeça contra a borda da banheira.

– O que não vai provar que *não foi* apenas uma queda violenta. E daí?

– Daí que eu só vou continuar seguindo o fio da meada.

Depois de desligar, Gurney verificou o relógio e viu que tinha duas horas livres antes de ter de sair para Long Falls. Sentindo que deveria fazer alguma coisa em relação ao galinheiro, calçou um par de luvas de borracha para jardinagem e saiu pela porta lateral até a área que tinha começado a medir no dia anterior.

Ficou surpreso ao encontrar Madeleine lá, com a trena na mão. Ela havia prendido uma ponta na cerquinha do canteiro de aspargos e estava recuando lentamente na direção da macieira. Quando tinha chegado quase lá, a ponta se soltou e a trena foi se arrastando pelo chão, voltando para o rolo na mão dela.

– Droga! – exclamou. – É a terceira vez!

Gurney foi até lá, pegou a ponta e puxou-a de volta à cerca do canteiro.

– É aqui que você quer?

Ela assentiu, aliviada.

– Obrigada.

Durante uma hora e meia, ele tomou medidas para a construção e a área externa, ajudou a fincar as estacas dos cantos, acertar as diagonais, e apenas uma vez ao longo do processo questionou uma decisão de Madeleine, quando ela marcou a área externa de um modo que um grande arbusto ficaria do lado de dentro da cerca em vez do lado de fora. Ele achou que seria um erro deixar um arbusto ocupar um espaço tão grande do cercado. Mas ela disse que as galinhas *gostariam* de ter um arbusto no quintal porque, apesar de adorarem ficar do lado de fora, também gostavam de sombra e proteção. Isso faria com que se sentissem em segurança.

Enquanto Madeleine explicava isso, ele sentiu quanto ela se importava com o galinheiro. Sentiu um pouco de inveja de sua capacidade notável para se concentrar e se importar de verdade com o que quer que estivesse à sua frente. Muitas coisas pareciam *ter importância* para ela. Gurney teve a ideia aparentemente idiota de que talvez o que mais importasse na vida fosse o fato de que as coisas importavam – um monte delas. Havia algo quase surreal nesse pensamento, que ele atribuiu em parte ao clima estranho. Estava frio demais para um dia de agosto, com uma névoa outonal e uma fragrância terrosa exalando da grama. Isso fazia o que estava acontecendo naquele breve momento parecer mais um sonho delicado do que a realidade espinhosa da vida cotidiana.

Aegean Odyssey, o restaurante onde ele iria se encontrar com Adonis Angelidis, o “Donny Angel”, ficava na Avenida Axton, a menos de três quarteirões do prédio onde a investigação havia se concentrado. A viagem de duas horas de Walnut Crossing até lá não

tivera nenhum contratempo. Estacionar, como na visita anterior, não foi nenhum problema. Ele encontrou uma vaga a 15 metros da porta do restaurante. Chegou exatamente na hora: duas da tarde.

O interior do estabelecimento estava silencioso e quase vazio. Só uma das cerca de vinte mesas estava ocupada, por um velho solitário lendo um jornal grego. A decoração mostrava os típicos azuis e brancos da Grécia. As paredes eram acentuadas por coloridos ladrilhos de cerâmica. Havia um aroma misturado de orégano, manjerona, cordeiro assado e café forte.

Um jovem garçom de olhos castanhos se aproximou dele.

– Em que posso ajudar?

– Meu nome é Gurney. Vim encontrar com o Sr. Angelidis.

– Claro. Por favor, me acompanhe.

O sujeito levou-o até uma área isolada por uma divisória no fundo do salão. Em seguida ficou de lado e indicou um reservado que poderia acomodar seis pessoas, mas tinha apenas uma, um homem corpulento com a cabeça grande e cabelos crespos grisalhos.

Ele tinha um nariz chato e torto de boxeador. Os ombros largos sugeriam que já fora muito forte, e talvez ainda fosse. A expressão era dominada por linhas fundas de amargura e desconfiança. Ele estava contando um maço grosso de dólares e colocando as notas numa pilha bem arrumada sobre a mesa. Usava um Rolex de ouro. Ao erguer os olhos, abriu um sorriso que não tinha perdido nem um pouco da amargura.

– Obrigado por ter vindo. Sou Adonis Angelidis. – A voz era grave e rouca, como se houvesse calos nas cordas vocais devido a uma vida inteira de gritos. – Desculpe se não me levanto para cumprimentá-lo, Sr. Gurney. Minhas costas não estão... cem por cento. Sente-se, por favor.

Apesar da rouquidão, a articulação das palavras era estranhamente exata, como se ele escolhesse cada sílaba com cuidado.

Gurney sentou-se diante dele. Havia vários pratos de comida na mesa.

– A cozinha está fechada, mas pedi que fizessem algumas coisinhas para o senhor escolher. É tudo muito bom. Conhece comida grega?

– *Moussaka*, *souvlaki*, *baklava*. Só isso.

– Ah. Bom. Deixe-me explicar. – Ele pousou a pilha de notas na mesa e começou a apontar e descrever em detalhes o conteúdo de cada prato: *spanakopita*, *salata melitzanes*, *kalamaria tiganita*, *arni yahni*, *garithes me feta*. Também havia uma pequena tigela de azeitonas em conserva, uma cesta de fatias de pão crocante e uma grande tigela de figos frescos.

– Sugiro que você pegue o que lhe atrair, ou coma um pouquinho de cada coisa. Tudo é muito bom.

– Obrigado. Vou experimentar um figo.

Gurney pegou um e mordeu-o.

Angelidis olhou-o com interesse.

Gurney assentiu em aprovação.

– Tem razão. É muito bom.

– Claro que é. Leve o tempo que quiser. Relaxe. Conversaremos quando o senhor estiver pronto.

– Podemos conversar agora.

– Certo. Preciso lhe perguntar uma coisa. Alguém me contou a seu respeito. O senhor é conhecido como um especialista em assassinatos. Isso é verdade? Quero dizer, claro que me refiro a *solucionar* assassinatos, não em *praticá-los*. – Ele sorriu de novo,

mantendo os olhos de pálpebras pesadas atentos. – É isso que o senhor gosta de fazer?

– É.

– Ótimo. Nada daquele papo furado de Força-Tarefa Contra o Crime Organizado, certo?

– Meu foco é em homicídios. Tento não deixar que outras coisas entrem no caminho.

– Bom. Muito bom. Talvez possamos colaborar um com o outro. O senhor acha isso possível, Sr. Gurney?

– Espero que sim.

– Bom. O senhor quer saber sobre o Carl?

– Quero.

– O senhor tem algum conhecimento sobre as tragédias gregas?

– Como assim?

– Sófocles. Conhece Sófocles?

– Até certo ponto. Só o que lembro da época de faculdade.

Angelidis se inclinou para a frente e pousou os braços pesados na mesa.

– As tragédias gregas tinham uma ideia simples. Uma grande verdade: a força do homem também é sua fraqueza. Isso é simplesmente brilhante. Concorda?

– Consigo ver que isso pode ser verdade.

– Ótimo. Porque foi essa verdade que matou o Carl. – Ele fez uma pausa e encarou Gurney com um olhar intenso. – O senhor está se perguntando sobre que diabo estou falando, certo?

Gurney não disse nada, deu outra mordida no figo, sustentou o olhar de Angelidis e esperou.

– Uma coisa simples. Trágica. A grande força do Carl era sua

rapidez de raciocínio para chegar a uma conclusão e a disposição para agir. Entende o que estou dizendo? Muito rápido, destemido. É uma grande força. Um homem assim consegue grandes coisas. Mas essa força também era sua fraqueza. Por quê? Porque não tinha paciência. Porque precisava eliminar os obstáculos imediatamente. Entende?

– Carl queria alguma coisa. Alguém entrou no caminho dele. O que aconteceu então?

– Ele decidiu, claro, eliminar o obstáculo. Esse era o estilo dele.

– O que ele fez?

– Ouvi dizer que ele quis fazer um contrato, através de um certo indivíduo, para eliminar o obstáculo. Eu falei que ele deveria esperar, dar passos menores. Perguntei se poderia fazer alguma coisa. Perguntei isso como um pai a um filho. Ele disse que não, que o problema estava fora da minha... da minha área de atuação... e que eu não deveria me envolver.

– Está dizendo que ele queria mandar matar alguém, mas não queria que o senhor fizesse isso?

– Segundo os boatos, ele procurou um homem que organiza coisas assim.

– Esse homem tem nome?

– Gus Gurikos.

– É um profissional?

– Um empresário. Um agente de talentos. Entende? Você diz ao Gus Gordo o que você quer, vocês combinam o preço, você dá a informação de que ele precisa e ele age a partir daí. Não é mais problema seu. Ele administra tudo, contrata os melhores talentos e você não precisa saber de nada. É melhor assim. Há muitas histórias engraçadas sobre o Gus Gordo. Um dia eu lhe conto.

Gurney tinha ouvido histórias sobre mafiosos suficientes para uma vida inteira.

– Então Carl Spalter contratou o Gus Gordo para arranjar o talento apropriado para eliminar alguém que entrou no seu caminho?

– É o que dizem os boatos.

– Muito interessante, Sr. Angelidis. Como a história termina?

– Carl era rápido demais. E Gus Gordo não foi suficientemente rápido.

– Como assim?

– Só pode ter acontecido uma coisa. O cara que o Carl tinha tanta pressa em eliminar deve ter descoberto sobre o contrato antes que Gus conseguisse arranjar um pistoleiro. O cara agiu antes. Golpe preventivo, sabe como é? Ele resolveu se livrar do Carl antes que o Carl se livrasse dele.

– O que o seu amigo Gus diz sobre isso?

– Não diz porra nenhuma. Gus não pode dizer porra nenhuma. Ele também foi morto, naquela sexta-feira, no mesmo dia que o Carl.

Essa era uma novidade interessante.

– Está dizendo que o alvo descobriu que Carl havia contratado Gus para organizar um atentado, mas antes que Gus pudesse agir, o alvo eliminou os dois?

– Bingo! Golpe preventivo.

Gurney assentiu devagar. Sem dúvida era uma possibilidade. Mordeu outro pedaço do figo.

Angelidis continuou com algum entusiasmo:

– Isso torna o seu trabalho realmente simples. Basta descobrir

quem o Carl queria matar para saber quem matou o Carl.

– Você teria alguma ideia de quem pode ser?

– Não. É importante que você saiba isto, portanto preste atenção no que vou dizer: o que aconteceu com o Carl não teve nada a ver comigo nem com meus interesses empresariais.

– Como o senhor sabe disso?

– Eu conhecia o Carl muito bem. Se fosse alguma coisa que eu pudesse resolver, ele me procuraria. A questão é que ele procurou o Gus Gordo, então, para ele, era uma coisa pessoal, não tinha nada a ver comigo. Nada a ver com os meus negócios.

– Gus Gordo não trabalhava para o senhor?

– Não trabalhava para ninguém. Gus Gordo era independente. Prestava serviço para vários clientes. Era melhor assim.

– Então o senhor não tem absolutamente nenhuma ideia de quem...

– Nenhuma ideia. – Angelidis deu um olhar demorado e direto a Gurney. – Se eu soubesse, lhe contaria.

– Por que me contaria?

– Quem matou o Carl fodeu com os meus negócios. Não gosto quando as pessoas fodem as coisas para mim. Me dá vontade de foder as coisas para elas. Entendeu?

Gurney sorriu.

– Olho por olho, dente por dente, certo?

A expressão de Angelidis tornou-se fria.

– Que porra isso quer dizer?

A pergunta e sua intensidade surpreenderam Gurney.

– É um versículo da Bíblia, um modo de chegar à justiça igualando...

– Eu conheço a porra do ditado. Mas por que o senhor *disse*?

– O senhor perguntou se eu entendia seu desejo de se vingar de quem matou Carl e Gus.

Ele pareceu pensar nisso.

– O senhor não sabe nada sobre o atentado contra o Gus?

– Não. Por quê?

Ele ficou em silêncio por vários segundos, observando Gurney atentamente.

– Foi uma coisa muito doentia. Não ouviu falar nada sobre isso?

– Nada. Não sabia que o sujeito existia nem que ele tinha morrido.

Angelidis assentiu devagar.

– Certo. Vou lhe contar uma coisa que talvez ajude. O Gus organizava um jogo de pôquer todas as sextas à noite na casa dele. Na sexta em que o Carl levou o tiro, os caras apareceram mas ninguém atendeu à porta. Eles tocaram a campainha, bateram. Ninguém veio. Isso nunca acontecia. Eles acharam que talvez o Gus estivesse dando uma cagada. Esperaram. Tocaram, bateram, nada do Gus. Tentaram a porta. Estava destrancada. Entraram. Acharam o Gus. – Ele fez uma pausa, parecendo sentir um gosto desagradável. – Não gosto de falar nisso. É uma merda muito doentia, sabe? Na minha opinião, todos os negócios devem ser razoáveis. Não como aquela maluquice do caralho. – Ele balançou a cabeça e ajeitou alguns pratos na mesa. – Gus estava sentado na frente da TV, de cueca. Tinha uma bela garrafa de vinho grego na mesinha de centro, uma taça pela metade, um pouco de pão, *taramasalata* numa tigela. Um belo almoço. Mas...

– Mas ele estava morto? – instigou Gurney.

– Morto? Estava mortinho da silva. Morto com uma porra de um

prego de 10 centímetros martelado em cada olho, um em cada ouvido, entrando direto na porra do cérebro, e um quinto na porra da garganta. Cinco pregos! – Ele fez uma pausa, examinando o rosto de Gurney. – O que o senhor está pensando?

– Estou me perguntando por que nada disso foi parar nos noticiários.

– Força-Tarefa contra o Crime Organizado. – Angelidis fez uma cara de quem estava prestes a cuspir. – A FTCCO caiu em cima. Nenhum obituário, nenhum aviso fúnebre, nada. Guardaram todos os detalhes. Dá para acreditar? Sabe por que eles mantêm essas coisas em segredo?

Não era de fato uma pergunta, por isso Gurney não respondeu.

Angelidis sugou ruidosamente entre os dentes antes de continuar:

– Eles guardam segredo porque isso lhes dá a sensação de que sabem alguma coisa. É como se soubessem *merdas secretas* que ninguém mais sabe. Faz com que sintam que têm *poder*. Têm informações *sigilosas*. Sabe o que eles têm? Têm merda no lugar dos miolos e palitos de dente no lugar do pau. – Ele olhou para seu grande Rolex de ouro e sorriu. – Certo? Está ficando tarde. Espero que isso o ajude.

– Tudo isso é muito interessante. Tenho uma última pergunta.

– Claro – retrucou Angelidis, olhando de novo para o relógio.

– O senhor se dava bem com o Carl?

– Muito bem. Ele era como um filho para mim.

– Sem problemas?

– Sem problemas.

– O senhor não ficava incomodado com aqueles discursos sobre “a escória da terra” que ele fazia?

– Incomodado? Como assim?

– Nas entrevistas, ele chamava as pessoas da sua área de trabalho de “escória da terra”. E de muitas outras coisas desagradáveis. Como o senhor se sentia a respeito disso?

– Achava que era bem inteligente da parte dele. Um bom modo de se eleger. – Ele apontou para a tigela de azeitonas. – São muito boas. Especiais. Meu primo em Míconos manda para mim. Leve algumas para sua esposa.

Capítulo 26

Não é uma porra de jogo de xadrez

Quando chegou ao fim da estrada rural que levava à sua propriedade, Gurney ficou surpreso ao descobrir um grande utilitário preto parado junto ao celeiro. Baixou o vidro junto à caixa de correspondência e viu que Madeleine já a havia esvaziado. Seguiu lentamente até o brilhante Escalade e parou à frente dele.

A porta do carro se abriu. O homem que emergiu apresentava o físico volumoso de um jogador de futebol americano. Tinha a cabeça raspada, olhos injetados e inamistosos e um sorrisinho forçado.

– Sr. Gurney?

Gurney devolveu o sorriso inexpressivo.

– Posso ajudá-lo?

– Meu nome é Mick Klemper. Isso significa alguma coisa para o senhor?

– Investigador-chefe do caso Spalter?

– Isso.

Ele tirou a carteira, mostrou o distintivo do Departamento de Investigações Criminais. Na foto ele era mais jovem e parecia um capanga obtuso da máfia irlandesa.

– O que está fazendo aqui?

Klemper piscou, o sorrisinho agora hesitante.

– Precisamos conversar, antes que essa situação em que o senhor está envolvido saia do controle.

– Essa *situação* em que estou envolvido?

– Essa palhaçada com o Bincher. O senhor *sabe* sobre ele?

– Sei *o que* sobre ele?

– O escroto que ele é?

Gurney ficou pensativo por um momento.

– Alguém mandou você aqui ou foi ideia sua?

– Estou tentando lhe fazer um favor. Podemos conversar?

– Claro. Fale.

– Quero dizer, amigavelmente. Como se estivéssemos do mesmo lado.

Os olhos do sujeito irradiavam perigo. Mas a curiosidade de Gurney era maior do que sua cautela. Ele desligou o motor e saiu do carro.

– O que você quer me contar?

– Esse advogado judeu para quem você está trabalhando fez carreira manchando a reputação de policiais, sabia disso?

Klemper fedia a balas de hortelã que tentavam disfarçar um cheiro azedo de álcool.

– Não estou trabalhando para ninguém.

– Não foi isso que o Bincher disse na TV.

– Não sou responsável pelo que ele disse.

– Então aquele judeu desgraçado está mentindo?

Gurney sorriu, ao mesmo tempo que se colocava em uma posição melhor para se defender fisicamente, caso fosse necessário.

– Que tal voltarmos a agir como se estivéssemos do mesmo lado?

– O quê?

– Você disse que queria ter uma conversa amigável.

– Meu argumento amigável é que Lex Bincher ganha dinheiro cavando pequenos desvios que possa usar para manter seus clientes vagabundos livres. Já viu a puta casa que ele tem em Cooperstown? É a maior casa do lago, e cada centavo foi ganho de traficantes que ele manteve fora da prisão com uma porra de argumento técnico depois do outro. Sabia dessa merda?

– O Bincher não me interessa. O que me interessa é o caso do assassinato de Spalter.

– Certo, ótimo, vamos falar disso. Kay Spalter matou o marido. Atirou na porra da cabeça dele. Foi julgada, condenada e sentenciada. É uma escrota mentirosa e assassina, e teve a condenação que merece. Só que agora seu amiguinho judeu asqueroso, o Bincher, está tentando soltá-la usando argumentos processuais...

Gurney interrompeu-o:

– Klemper? Me faça um favor. Não estou interessado nos seus problemas com os judeus. Se quer falar do caso Spalter, fale.

Houve um clarão de ódio no rosto do sujeito, e por um momento Gurney achou que o confronto iria se tornar brutalmente simples. Fechou o punho direito fora da linha de visão de Klemper e ajustou o equilíbrio. Mas o sujeito apenas deu um sorriso vazio e balançou a cabeça.

– Certo. O que quero dizer é o seguinte: não existe a menor possibilidade de ela sair por causa de uma porra de argumento técnico. Com a sua experiência, você deveria saber disso. Por que diabos está tentando libertar uma escória daquela?

Gurney deu de ombros e perguntou em tom casual:

– Você notou o problema do poste de luz?

– Sobre o que você está falando?

– O poste de luz que impossibilita uma linha de tiro direta a partir

do apartamento.

Se Klemper tinha pretendido fingir ignorância, o tempo que passou pensando tornou essa posição insustentável.

– Não era impossível. Aconteceu.

– Como?

– Fácil: se a vítima não estivesse no local exato onde algumas testemunhas disseram que estava e se a arma não fosse disparada do local exato em que foi encontrada.

– Quer dizer, se o Carl estivesse pelo menos a 3 metros de onde todo mundo o viu levar um tiro e se o atirador estivesse em cima de uma escada?

– É possível.

– O que aconteceu com a escada?

– Talvez ela tenha subido numa cadeira.

– Para acertar um tiro na cabeça a 500 metros de distância? Com um tripé de 2,5 quilos acoplado à arma?

– Quem sabe? O fato é que Kay Spalter foi vista no prédio, naquele apartamento. Temos uma testemunha ocular. Temos pegadas de sapatos do tamanho do pé dela no apartamento. Temos resíduos de pólvora no apartamento. – Ele parou e deu um olhar astuto para Gurney. – Quem foi que disse a você que havia um tripé de 2,5 quilos?

– Isso não importa. O que importa é que existem contradições na sua hipótese sobre o atirador. Foi por isso que você se livrou do vídeo de segurança da loja de material eletrônico?

De novo a hesitação de Klemper durou um segundo a mais do que o necessário.

– Que vídeo?

Gurney ignorou a pergunta.

– Encontrar uma prova que não se encaixa na sua teoria significa que a sua teoria está errada. Livrar-se da prova tende a criar um problema maior mais à frente, como o que você tem agora. O que havia naquele vídeo?

Klemper não respondeu. Os músculos de seu maxilar estavam se retesando visivelmente.

Gurney continuou:

– Deixe me fazer uma suposição. O vídeo mostrava Carl sendo atingido num local que não combinaria com a linha de visão a partir do apartamento. Estou certo?

Klemper não disse nada.

– E há outro probleminha. O atirador foi visto examinando aquele apartamento três dias *antes* de Mary Spalter morrer.

Klemper piscou mas permaneceu em silêncio.

Gurney continuou:

– A pessoa que sua testemunha no julgamento identificou como Kay Spalter era na verdade um homem, segundo outra testemunha. E esse mesmo homem foi gravado em vídeo perto da residência de Mary Spalter duas horas antes de ela aparecer morta.

– De onde vem essa merda toda?

Gurney ignorou a pergunta.

– Parece que o atirador era um profissional com um contrato duplo. Deveria matar a mãe e o filho. Alguma ideia a respeito, Mick?

Isso provocou um tremor na bochecha de Klemper. Ele se virou e andou lentamente pelo espaço aberto diante do celeiro. Quando chegou à caixa de correio na lateral da estradinha, começou a seguir na direção do lago, depois se virou e fez o caminho de volta.

Parou na frente de Gurney.

– Vou dizer o que eu acho. Acho que nada disso significa porra nenhuma. Uma testemunha diz que é uma mulher, outra diz que é um homem. Isso acontece o tempo todo. Testemunhas cometem erros, se contradizem. E daí? Grande coisa. Freddie identificou a esposa que não valia nada entre várias mulheres. Algum outro vagabundo doidão de cocaína não identificou. E daí? Provavelmente tem mais alguém naquele pardieiro que acha que a vagabunda era uma alienígena do espaço. E daí, porra? Alguém acha que viu a mesma pessoa em outro lugar. Talvez estejam mentindo. Mas digamos que estejam certos. Por acaso você descobriu que Kay, a esposa vagabunda, odiava a sogra mais ainda do que odiava o marido que ela matou? Não sabia disso, sabia? Então talvez o que deveríamos ter feito era prender a vagabunda por dois assassinatos, em vez de um.

Uma saliva pastosa estava se acumulando nos cantos da boca de Klemper.

Gurney falou com toda a calma:

– Eu tenho o vídeo de segurança do Emmerling Oaks mostrando a pessoa que é provável que tenha matado Mary Spalter. O sujeito nesse vídeo definitivamente não era Kay Spalter. E mais alguém que assistiu ao vídeo insiste que a mesma pessoa esteve no prédio da Avenida Axton na ocasião em que Carl levou o tiro.

– E daí, porra? Mesmo que tenha sido um profissional, mesmo que tenha sido um contrato duplo, isso não tira a vagabunda da reta. Só quer dizer que ela pagou alguém para fazer o serviço, em vez de fazer com as próprias mãos. Então ela contratou o pistoleiro, como tentou fazer antes com Jimmy Flats. – De repente Klemper pareceu empolgado. – Sabe de uma coisa? Eu *adoro* sua nova teoria, Gurney. Ela combina com a tentativa da vagabunda de contratar Flats para matar o marido, além da tentativa de convencer o

namorado a fazer isso. Aperta ainda mais o nó na porra do pescoço dela. – Ele encarou Gurney com um riso triunfante. – O que tem a dizer agora?

– Importa quem apertou o gatilho. Importa se a identificação da testemunha está certa ou errada. Importa se a testemunha no julgamento é honesta ou se cometeu perjúrio. Importa se o vídeo que você enterrou apoia ou destrói a opção do local do tiro.

– Esse é o tipo de merda que importa para você? – Klemper sugou um bocado de catarro do nariz e cuspiu no chão. – Eu esperava mais da sua parte.

– Mais o quê?

– Vim aqui hoje porque soube que você trabalhou investigando homicídios durante 25 anos no Departamento de Polícia de Nova York. Vinte e cinco anos na Cidade do Esgoto. Achei que alguém que passou esse tempo todo lidando com o pior da raça humana entenderia a realidade.

– E que realidade seria essa?

– A realidade de que, no fim das contas, o que é *certo* importa mais do que as regras. A realidade de que estamos em guerra, e não numa porra de jogo de xadrez. Os mocinhos contra os vagabundos. Quando o inimigo vem na sua direção, você detém o filho da puta como puder. Você não interrompe a trajetória de uma bala balançando uma porra de livro de regras para ela.

– E se você tiver entendido errado?

– Se eu tiver entendido errado *o quê*?

– Suponha que a morte de Carl Spalter não tenha nada a ver com a mulher dele. Suponha que o irmão mandou matá-lo para assumir o controle da imobiliária. Ou que a Máfia tenha atirado nele porque no fim das contas não queria que ele se elegesse governador. Ou que a filha tenha mandado matá-lo porque estava

de olho na herança. Ou que o amante da mulher tenha mandado matá-lo porque...

Klemper interveio com o rosto vermelho:

– Você só está falando merda. Kay Spalter é uma vagabunda cruel, traidora, assassina. E se houver alguma justiça neste mundo, ela vai morrer na prisão com o cérebro estourado no chão. Fim da história!

Minúsculas bolinhas de cuspe que estavam ao redor da sua boca voaram pelo ar.

Gurney assentiu, pensativo.

– Você pode estar certo. – Era sua resposta predileta que servia para tudo. Para os amigáveis e os furiosos, para os sãos e os insanos. Continuou com toda a calma: – Diga uma coisa. Você chegou a comparar o modus operandi do atirador com o banco de dados de criminosos do FBI?

Klemper encarou-o, piscando repetidamente, como se isso fosse ajudá-lo a entender melhor a pergunta.

– Por que diabo você quer saber?

Gurney deu de ombros.

– Só estava pensando. Há alguns elementos característicos na abordagem do atirador. Seria interessante ver se eles apareceram em alguma outra situação.

– Você está maluco.

Klemper começou a recuar.

– Você pode estar certo. Mas se decidir verificar esse modus operandi, há outra coisa em que seria bom dar uma olhada. Já ouviu falar de um gângster grego do norte do estado chamado Gus Gurikos, o Gus Gordo?

– Gurikos? – Agora Klemper parecia sinceramente confuso. – O

que ele tem a ver com tudo isso?

– Carl pediu a Gus que cuidasse de um negócio para ele. E, por coincidência, Gus foi morto no mesmo dia do atentado ao Carl, dois dias depois de Mary Spalter. De modo que talvez estejamos falando de um atentado triplo.

Klemper franziu a testa e não disse nada.

– Se eu fosse você, daria uma olhada nisso. Fiquei sabendo que a Força-Tarefa contra o Crime Organizado manteve o negócio do Gurikos em sigilo, mas se há uma ligação com o caso Spalter, você tem o direito de saber os detalhes.

Balançando a cabeça em uma negativa, Klemper parecia preferir estar em qualquer outro lugar. Virou-se abruptamente e seguiu na direção de seu enorme utilitário quando notou que o Outback de Gurney o bloqueava.

– Quer tirar essa coisa do meu caminho?

Era uma ordem rosnada, não um pedido.

Gurney afastou o carro e Klemper partiu sem olhar para ele, quase acertando a caixa de correio quando tomou o rumo da estrada rural.

Foi então que Gurney notou Madeleine no canto do celeiro, com o galo e as três galinhas parados em silêncio na grama atrás dela. As aves estavam estranhamente imóveis, cabeças inclinadas, como se percebessem a aproximação de algo que não conseguiam identificar.

Capítulo 27

Um homem desesperado

Depois de um jantar em que nem ela nem Gurney falaram muita coisa, Madeleine começou a lavar os pratos – tarefa que sempre insistia que era dela.

Gurney se aproximou e sentou-se em silêncio numa banqueta junto à bancada da pia. Sabia que, se esperasse o suficiente, ela acabaria dizendo o que estava pensando.

Quando todos os pratos lavados já estavam no secador, ela pegou um pano para enxugá-los.

– Imagino que aquele era o investigador do caso Spalter, certo?

– Era. Mike Klemper.

– Um homem *muito* raivoso.

Sempre que Madeleine dizia o óbvio, Gurney sabia que alguma coisa menos óbvia estava implicada. Nesse caso não estava claro o que era, mas ele sentiu a necessidade de oferecer algum tipo de explicação para o que ela aparentemente entreouvira.

– Deve ter sido um dia difícil para ele.

– Difícil?

Gurney continuou:

– Assim que as acusações do Bincher começaram a circular na internet, muita gente deve ter ligado para o Klemper pedindo esclarecimentos. Os chefões do Departamento de Investigações Criminais, o Departamento Jurídico da Polícia Estadual, a promotoria, a procuradoria da polícia, o procurador geral do estado, isso sem mencionar os abutres da mídia.

Ela estava segurando um prato, franzindo a testa.

– Acho difícil entender.

– É bastante simples. Depois de falar com Kay Spalter, Klemper decidiu que ela era culpada. A questão é: até que ponto essa decisão foi doentia?

– *Doentia?*

– Quero dizer, até que ponto ela foi baseada no fato de Kay lembrar a ex-mulher dele? E também quantas leis ele violou para garantir que ela fosse condenada?

Madeleine ainda segurava o prato.

– Não é isso que eu quero dizer. Estou falando do nível de fúria que eu vi lá embaixo no celeiro, o modo como ele estava à beira de explodir, como...

– Tenho quase certeza de que tudo aquilo se devia ao medo. Medo de que a Kay cruel ficasse livre, medo de que sua visão do caso estivesse para ser destruída, medo de perder o emprego, medo de ir para a cadeia. O medo de se desintegrar, desmoronar, perder a percepção de quem ele é. Medo de virar ninguém.

– Então você está dizendo que ele está desesperado.

– Absolutamente desesperado.

– Desesperado. Desintegrando-se.

– É.

– Você estava armado?

Por um momento a pergunta o deixou pasmo.

– Não. Claro que não.

– Você ficou cara a cara com um lunático furioso, um indivíduo *desesperado, desintegrando-se*. Mas, *claro*, não estava armado? – Seu olhar era de dor. Dor e medo. – Agora você entende por que quero que você fale com Malcolm Claret?

Ele estava prestes a dizer que não sabia que Klemper estaria esperando-o, que jamais gostara de andar armado, e que em geral não fazia isso a não ser que estivesse diante de uma ameaça conhecida, mas percebeu que ela estava falando de algo mais profundo e maior do que aquele incidente, e no momento ele não estava disposto a entrar nesse assunto.

Após enxugar o mesmo prato distraidamente por mais um minuto, ela saiu da cozinha e subiu a escada do corredor. Um minuto depois ele ouviu os primeiros compassos desarmônicos de uma peça para violoncelo.

Gurney tinha evitado discutir o assunto implícito na pergunta dela sobre Malcolm Claret, mas agora não conseguia deixar de visualizar o sujeito: o olhar racional, o cabelo ralo sobre a testa larga e pálida, os gestos tão econômicos quanto a fala, a calça desbotada e o cardigã largo, os modos contidos, modestos.

Gurney percebeu que estava pensando na aparência que o sujeito tinha muitos anos antes. Alterou a imagem na mente como um programa de envelhecimento de computador – aprofundando as rugas, subtraindo cabelos, acrescentando os efeitos desgastantes do tempo e da gravidade no rosto. Desconfortável com o resultado, afastou-o dos pensamentos.

Pensou então em Klemper – em sua obsessão por Kay Spalter, sua certeza de que ela era culpada, sua disposição em subverter a investigação para produzir a conclusão desejada o mais rápido possível.

A abordagem era desconcertante, não por se desconectar completamente dos procedimentos normais, mas por *não* se desconectar. O crime de Klemper pareceu a Gurney não uma questão de tipo, mas de grau. A ideia de que um bom detetive sempre usa a lógica pura e a mente aberta para chegar a conclusões objetivas sobre a natureza do crime e a identidade do

perpetrador é, na melhor das hipóteses, uma fantasia agradável. No mundo real de crime e castigo – como em todas as atividades humanas –, a objetividade é uma ilusão. A própria sobrevivência exige que cheguemos rápido a conclusões. A ação crucial sempre se baseia em provas parciais. O caçador que exige uma declaração do zoólogo de que o cervo que está na sua mira é mesmo um cervo irá passar fome logo. O morador da selva que conta todas as listras do tigre antes de decidir se afastar vai ser morto e comido. Os genes que instigam a certeza tendem a não ser passados para a geração seguinte.

No mundo real, precisamos ligar os poucos pontos disponíveis e chegar a um padrão que faça sentido. É um sistema imperfeito. Assim como a própria vida. O perigo surge não tanto da escassez de pontos a serem conectados, mas do objetivo pessoal inconsciente que prioriza alguns pontos e não outros, um objetivo que *deseja* que o padrão tenha uma certa aparência. Nossas percepções dos acontecimentos são deformadas mais pela força das nossas emoções do que pela fraqueza dos nossos dados.

À luz desse raciocínio, a situação era simples. Klemper *queria* que Kay fosse culpada, por isso acreditou que ela *era*. Os pontos que não se encaixavam no padrão foram desvalorizados ou ignorados. As regras que impediam um final “justo” foram igualmente desvalorizadas ou ignoradas.

Mas havia outro modo de ver a situação.

Como o processo de chegar à conclusão baseado em dados incompletos era natural e necessário, o alerta comum contra fazer isso era apenas um aviso para não chegar à conclusão *errada.* A verdade era que qualquer conclusão podia ser prematura. O veredicto final sobre a validade do salto para chegar a ela seria dado pela validade do resultado.

Esse pensamento levantou uma possibilidade inquietante.

E se a conclusão de Klemper estivesse correta?

E se o Klemper cheio de ódio tivesse chegado à verdade? E se seus procedimentos negligentes e possíveis delitos constituíssem um caminho corrompido levando ao fim certo? E se de falto Kay Spalter fosse culpada de assassinar o marido? Gurney não tinha a menor vontade de ajudar a soltar uma assassina fria, não importava quanto o julgamento dela pudesse ter sido falho.

E havia mais uma possibilidade. E se a determinação inflexível de Klemper para prender Kay não tivesse nada a ver com percepções limitadas ou conclusões falhas? E se fosse um esforço cínico e corrupto, comprado e pago por alguém que quisesse que o caso fosse encerrado o mais depressa possível?

E se, e se, e se. Gurney estava achando esse eco irritante e improdutivo – e a necessidade de mais fatos era avassaladora.

Os acordes dissonantes da peça de violoncelo de Madeleine estavam ficando mais altos.

Capítulo 28

Como o estalo de um chicote

Depois de ouvir Gurney contar pelo telefone o que tinha acontecido em seu encontro com Adonis Angelidis, inclusive os aspectos grotescos do assassinato de Gus Gurikos, Jack Hardwick ficou num silêncio pouco característico. Depois, em vez de criticá-lo outra vez por ter se afastado das questões que impeliriam o processo de apelação, ele pediu que Gurney fosse à sua casa para discutirem a situação mais detalhadamente.

– Agora?

Gurney olhou para o relógio. Eram quase sete e meia e o sol já havia baixado sobre a montanha a oeste.

– Agora seria bom. Tudo isso está ficando esquisito demais.

Por mais que o convite fosse uma surpresa, Gurney não iria questionar. Uma conversa meticulosa, com todos os detalhes às claras, era totalmente necessária.

Teve outra surpresa quando chegou, 35 minutos depois, à casa de fazenda alugada por Hardwick – no fim solitário de uma estrada de terra que levava ao alto dos morros que iam escurecendo, perto do minúsculo povoado de Dillweed. Com a luz do farol, viu outro carro parado junto ao GTO vermelho – um Mini Cooper azul brilhante. Estava claro que o sujeito tinha visita.

Gurney sabia que Hardwick tivera vários relacionamentos no passado, mas não imaginara nenhuma daquelas mulheres tendo uma aparência tão dramática quanto a que abriu a porta para ele.

Se não fossem os olhos inteligentes e agressivos que pareceram avaliá-lo desde o primeiro instante, Gurney ficaria facilmente distraído pelo restante de seu corpo – algo entre o atlético e o voluptuoso, usando um ousado short jeans cortado e uma camiseta

de gola frouxa. Estava descalça, com as unhas dos pés pintadas de vermelho, a pele bronzeada em um tom de caramelo e o cabelo preto curto, enfatizando os lábios grossos e os malares proeminentes. Não era exatamente bonita, mas tinha uma *presença* nítida, o que não era diferente do próprio Hardwick.

Um instante depois o sujeito apareceu ao lado dela, com um sorrisinho de proprietário.

– Pode entrar. Obrigado por ter vindo.

Gurney passou pela porta e chegou à sala. O que ele recordava de suas visitas anteriores como um espaço espartano em forma de caixa recebera alguns toques mais calorosos: um tapete colorido, uma gravura emoldurada mostrando papoulas laranja se dobrando à brisa, um vaso com galhos de salgueiro, uma planta exuberante num enorme vaso de cerâmica, duas poltronas novas, um belo aparador de pinho e uma mesa redonda pequena com três cadeiras com encosto de ripas no canto da sala próximo à cozinha. Aquela mulher evidentemente havia inspirado algumas mudanças.

Gurney examinou o lugar com um olhar de aprovação.

– Muito bonito, Jack. Uma melhora nítida.

Hardwick assentiu.

– É, concordo. – Em seguida pôs a mão no ombro meio despido da mulher e disse: – Dave, gostaria de lhe apresentar Esti Moreno, investigadora do Departamento de Investigações Criminais.

A apresentação pegou Gurney desprevenido, e isso ficou evidente, o que provocou uma gargalhada em Hardwick.

Gurney se recuperou depressa, estendendo a mão.

– Prazer em conhecê-la, Esti.

– É um prazer, Dave.

Seu aperto de mão era forte, a palma surpreendentemente

calejada. Ele se lembrou de Hardwick ter mencionado o nome dela como fonte de informação sobre a investigação original do assassinato e também sobre as falhas de Mick Klemper. Imaginou até que ponto ela estaria engajada no projeto Hardwick-Bincher e de que modo o enxergava.

Como a demonstrar que pressentia o que ele estava pensando, ela foi direto ao ponto:

– Estava ansiosa para conhecer você. Venho tentando convencer este homem aqui a olhar para além das questões da apelação jurídica de Kay Spalter e prestar mais atenção ao assassinato propriamente dito. Agora são *assassinatos*, não é? Pelo menos três? Talvez mais?

Sua voz era gutural, com uma leve sugestão de sotaque hispânico.

Gurney sorriu.

– Está conseguindo algum progresso com ele?

– Sou persistente. – Ela olhou para Hardwick, depois de volta para Gurney. – Acho que o seu telefonema de hoje à tarde sobre os pregos nos olhos finalmente mexeu com ele, não foi?

Os lábios de Hardwick se contraíram numa expressão de nojo.

– É, definitivamente foram os pregos nos olhos – repetiu ela, com uma piscadela conspiratória para Gurney. – Todo mundo tem alguma sensibilidade especial, algo que atrai a atenção, não é? Então talvez agora possamos deixar Lex, “o advogado”, cuidar do tribunal de apelações, enquanto nós cuidamos do crime: do que aconteceu de verdade, e não do papo furado do *Klemper*. – Ela articulou o nome com nojo evidente. – A questão é descobrir o que aconteceu de fato. Juntar tudo. É isso que você acha que precisa ser feito, não é?

– Parece que você conhece muito bem meus pensamentos.

Ele se perguntou se ela sabia que tipo de pensamentos aquela camiseta reveladora estava inspirando.

– Jack me contou algumas coisas sobre você. E eu sou boa ouvinte.

Hardwick estava começando a ficar inquieto.

– Talvez a gente devesse fazer um café, se sentar e ir ao ponto principal.

Uma hora depois, sentados à mesa do canto, com a segunda dose de café servida nas xícaras e blocos de papel cheios de anotações diante deles, os três davam voltas ao redor dos pontos-chave.

– Então concordamos que os três assassinatos estão relacionados? – disse Esti, batendo com a ponta da caneta no seu bloco.

– Presumindo que a autópsia da mãe seja consistente com assassinato – retrucou Hardwick.

Esti olhou para Gurney.

– Um pouco antes de você chegar, eu falei com uma pessoa do escritório de medicina legal. Ela deve me dar um retorno amanhã. Mas o fato de o atirador ter ido fazer um reconhecimento do terreno no cemitério em Long Falls antes do “acidente” de Mary Spalter é bem sugestivo. Então concordemos, por enquanto, que estamos falando de três assassinatos relacionados.

Hardwick estava olhando sua xícara de café como se ela contivesse alguma substância não identificável.

– Não estou bem certo em relação a isso. Segundo o coleguinha da máfia grega do Gurney, Carl procurou o Gus Gordo para armar um atentado contra alguém que ninguém sabe quem é. O alvo descobre isso e, para evitar que aconteça, sai na frente e ataca o Carl. Depois mata o Gus, para garantir. Entendi certo?

Gurney assentiu.

– A não ser pela parte do “coleguinha”.

Hardwick ignorou a objeção.

– Certo, então o que isso significa é que o Carl e o alvo dele estavam numa verdadeira corrida de alto risco para apagar um ao outro. Resumindo, quem desse o primeiro golpe venceria, certo?

Gurney assentiu de novo.

Hardwick continuou:

– Então por que um cara nessa situação escolheria um modo tão demorado e difícil para matar o Carl? Quero dizer, saber que sua cabeça está a prêmio cria uma certa urgência. Não faria mais sentido simplesmente colocar uma touca ninja, entrar no escritório da Imobiliária Spalter e apagar o filho da puta? Eliminar o inimigo em algumas horas, e não em uma semana? E toda a ideia de matar a mãe primeiro? Só para ter certeza de que o Carl estaria no cemitério? Tudo isso me soa estranho demais.

Também não parecia certo para Gurney.

– A não ser – interveio Esti – que a morte da mãe não tenha sido só um modo de obrigar Carl a estar em determinado local num momento previsível. Talvez a mãe fosse alvo por outro motivo. Na verdade, talvez ela fosse o alvo *principal* e Carl fosse o alvo secundário. Já pensaram nisso?

Os dois pararam para raciocinar.

– Tenho outro problema – disse Hardwick. – Entendo que há uma conexão entre o assassinato de Mary e o de Carl. Tem de haver. E entendo que há algum outro tipo de conexão entre o assassinato do Carl e o do Gus; talvez o que Donny Angel disse, talvez não. Então, eu concordo com uma ligação entre o um e o dois e entre o dois e o três, mas de algum modo a sequência um-dois-três não me convence por completo.

Gurney sentia um desconforto semelhante.

– Aliás, nós temos certeza de que o Carl foi o número dois e Gus o número três?

Esti franziu a testa.

– Como assim?

– Pelo modo como Angelidis falou, eu presumi que essa foi a sequência, mas não há motivo para *ter sido* necessariamente assim. A única coisa que sei com certeza é que Carl e Gus foram alvejados no mesmo dia. Eu gostaria de confirmar o momento exato.

– Como?

– Nós temos o horário exato da morte do Carl no dossiê do caso. Mas, com base no que Angelidis me disse, não tenho certeza com relação ao Gus. Há duas fontes em que posso pensar, mas vai depender do tipo de contato que tivermos: ou no Departamento de Medicina Legal, onde a autópsia de Gurikos foi feita, ou com quem tenha acesso a esse dossiê na FTCCO.

– Deixe que eu cuido disso – ofereceu Esti. – Acho que conheço alguém.

– Ótimo. – Gurney fez um aceno com a cabeça em agradecimento. – Além da hora estimada da morte, veja se consegue cópias das primeiras fotos da sequência da autópsia.

– As fotos tiradas antes de ele ser aberto?

– Isso. O corpo na mesa, além de qualquer foto de detalhe da cabeça e do pescoço.

– Você quer ver exatamente como ele foi pregado?

Um sorriso esquisito revelou mais prazer com esse tipo de coisa do que a maioria das mulheres teria. Ou até mesmo a maioria dos homens, por sinal.

O em geral insensível Hardwick fez uma careta de nojo. Depois

se virou para Gurney.

– Você acha que aquela coisa horrorosa era algum tipo de recado?

– Tudo o que tem a ver com algum tipo de ritual normalmente é, a não ser que seja uma distração intencional.

– E qual das duas opções você acha que era? – perguntou Esti.

Gurney deu de ombros.

– Não sei bem. Mas a mensagem parece bastante clara.

Hardwick fez uma cara de dor de dente.

– Quer dizer, tipo... “Odeio tanto você que quero cravar pregos no seu cérebro”? Algo assim?

– Não esqueça o pescoço – lembrou Esti.

– A laringe – corrigiu Gurney.

Os dois olharam para ele.

Ela falou primeiro:

– O que você quer dizer?

– Eu apostaria que o alvo do quinto prego era a laringe de Gus.

– Por quê?

– É o instrumento da fala.

– E daí?

– Olhos, ouvidos, laringe. Visão, audição, fala. Tudo destruído.

– E o que isso significa para você? – perguntou Hardwick.

– Posso estar errado, mas o que me vem à mente é: “Não ver nenhum mal, não ouvir nenhum mal, não falar nenhum mal.”

Esti assentiu.

– Faz sentido! Mas para quem era a mensagem? Para a vítima?

Ou para outra pessoa?

– Depende do nível de loucura do assassino.

– Como assim?

– Um psicopata que mata para ter alívio emocional costuma deixar uma mensagem simbólica que reflete a natureza de sua própria patologia, com frequência mutilando alguma parte da vítima. A mensagem contribui para a sensação de alívio. É, em primeiro lugar, uma comunicação entre ele e a vítima. Provavelmente também é uma comunicação entre ele e alguém da infância, alguém envolvido na raiz da patologia, em geral um dos pais.

– Você acha que o negócio dos pregos na cabeça do Gurikos era isso?

Gurney balançou a cabeça em uma negativa.

– Se o assassinato do Gurikos estava ligado aos assassinatos dos Spalter, mãe e filho, eu diria que foi impelido mais por um objetivo prático do que por uma compulsão.

Esti ficou perplexa.

– Um objetivo prático?

– Me parece que o assassino estava avisando a alguém para não se meter, para ficar quieto com relação a alguma coisa, e ao mesmo tempo mostrando o que aconteceria caso a pessoa não o obedecesse. As principais questões são: quem era o *alguém* e o que era a *coisa*.

– Você tem alguma ideia sobre isso?

– Apenas suposições. A *coisa* pode ter sido algum fato sobre os dois primeiros assassinatos.

Hardwick interveio:

– Como a identidade do atirador?

– Ou a motivação – respondeu Gurney. – Ou algum detalhe incriminador.

Esti se inclinou para a frente.

– Quem você acha que era o *alguém* que estava sendo avisado?

– Não conheço o suficiente sobre as conexões de Gus para saber. Segundo Angelidis, Gus organizava um jogo de pôquer todas as sextas-feiras. Depois do crime naquele dia, o assassino deixou a porta do Gus aberta. Pode ter sido um descuido, mas pode ter sido de propósito, para que alguém do grupo de pôquer encontrasse o corpo quando chegasse para o jogo naquela noite. Talvez a mensagem do "Não ver nenhum mal, não ouvir nenhum mal, não falar nenhum mal" fosse destinada a alguém do grupo ou ao próprio Angelidis. A FTCCO deve saber mais detalhes sobre os indivíduos envolvidos. Talvez até estivesse vigiando a casa do Gus.

Esti franziu a testa.

– Vou descobrir o que puder com minha amiga, mas... talvez ela não tenha acesso a tudo. Não quero colocá-la numa posição desconfortável.

Os músculos do maxilar de Hardwick se retesaram.

– Seja cuidadosa com aqueles babacas da força-tarefa. Se você acha que o FBI é ruim, saiba que não é nada comparado com os caras de *elite* do crime organizado.

Ele enfatizou a palavra com um nível de desprezo cômico. Mas não havia humor em seus olhos.

– Sei como eles são e sei o que estou fazendo – retrucou Esti. Ela encarou Hardwick com um olhar de desafio por um momento. – Vamos voltar ao princípio. O que achamos da explicação do "ataque preventivo"? De que o Carl foi morto pela pessoa que seria sua vítima?

Hardwick balançou a cabeça em uma negativa.

– Pode ser verdade, mas provavelmente é besteira. Uma bela história, mas pensem na fonte. Por que deveríamos acreditar em alguma coisa dita pelo Donny Angel?

Ela olhou para Gurney.

– Dave?

– Não acho que a *crença* tenha a ver com isso. O que Angelidis *disse* que aconteceu *pode* ter acontecido. É uma hipótese bastante razoável. De fato, nós ouvimos outra história que é consistente com ela. Kay Spalter mencionou que Carl costumava jogar pôquer com um cara que cuidava de assassinatos para a máfia.

Hardwick balançou a mão, descartando a ideia.

– Isso não prova nada. Certamente não prova que o Carl contratou Gus para mandar matar alguém.

Esti olhou de volta para Gurney.

Gurney apenas deu de ombros.

– Certo. Não há prova. Mas mesmo assim é uma possibilidade. Uma ligação crível.

– Bem – disse Esti –, se achamos que a história do Angelidis é possível, que o alvo de Carl acabou sendo o assassino, não deveríamos fazer uma lista das pessoas que Carl poderia querer mortas?

Hardwick soltou um grunhido incrédulo.

Ela se virou para ele.

– Você tem alguma ideia melhor?

Ele deu de ombros.

– Vá em frente, faça uma lista.

– Certo, vou fazer. – Ela pegou a caneta, segurou-a acima do bloco. – Dave, alguma sugestão?

– Jonah.

– O irmão do Carl? Por quê?

– Porque se Jonah saísse de cena, Carl teria o controle total da Imobiliária Spalter e de todos os bens, que ele poderia converter em dinheiro para financiar em grande estilo seus planos políticos. Jonah teria o mesmo motivo para se livrar do Carl: para obter o controle dos bens da Imobiliária Spalter, que ele poderia usar para financiar a expansão de sua Catedral do Ciberespaço.

Esti levantou uma sobrancelha.

– Do Ciber...?

– É uma longa história. Resumindo, Jonah é bastante ambicioso e um monte de dinheiro viria a calhar para seus planos.

– Certo, vou anotar o nome dele. Quem mais?

– Alyssa.

Ela piscou, parecendo ter algum pensamento desagradável antes de fazer outra anotação.

O canto dos lábios de Hardwick se repuxaram.

– A filha dele?

Esti respondeu primeiro:

– Eu entreouvi Klemper falando ao telefone com Alyssa o suficiente para ter a impressão de que o relacionamento dela com o pai não era... o que chamaríamos de relacionamento normal entre pai e filha. Parece que o Carl tinha forçado Alyssa a fazer sexo com ele.

– Você já tinha me falado isso – disse Hardwick. – Não gosto de pensar nesse tipo de merda.

O silêncio que se seguiu foi rompido por Gurney:

– Veja isso de uma perspectiva prática. Alyssa era viciada em

drogas sem interesse em se recuperar. Carl queria ser governador de Nova York. Ele tinha muita coisa a perder. Se teve mesmo um relacionamento incestuoso com Alyssa, que presumivelmente remontava à infância dela, isso criaria uma tremenda oportunidade para chantagem, uma tentação forte para um viciado. Suponha que as exigências de Alyssa tenham ficado exorbitantes. Suponha que Carl tenha passado a vê-la como uma ameaça insuportável a tudo o que ele queria. Já ouvimos algumas pessoas dizendo que ele era um homem de ambição obsessiva e capaz de qualquer coisa.

Hardwick estava com sua contumaz expressão de desgosto.

– Está dizendo que Alyssa pode ter descoberto que ele estava querendo acabar com ela e que contratou alguém para eliminá-lo primeiro?

– Algo do tipo. Pelo menos seria coerente com a teoria do Angelidis. Uma versão mais simples seria a iniciativa ter partido dela e Carl jamais ter tentado agir contra a filha. Ela poderia estar atrás do dinheiro, pura e simplesmente, e ter mandado matá-lo.

– Mas segundo o testamento dele, Kay era a única beneficiária. Alyssa não iria receber nada. Então de que adiantaria...

Gurney interveio:

– Alyssa não receberia nada *a não ser* que Kay fosse acusada do assassinato. Assim que Kay fosse condenada, a lei de Nova York bloquearia a herança para ela e todo o espólio de Carl passaria para Alyssa.

Hardwick sorriu à percepção das possibilidades.

– Isso poderia explicar tudo. Explicaria por que ela estava trepando com o Klemper, para fazer com que ele corrompesse o caso. Ela podia até estar trepando com o namorado da madrasta, para convencê-lo a cometer perjúrio no julgamento. Ela é uma porra

de viciada, seria capaz de trepar com um macaco em troca de droga.

Esti pareceu incomodada.

– Talvez o pai *não estivesse* fazendo sexo com ela, afinal de contas. Talvez fosse só uma história que ela contou ao Klemper. Para despertar a compaixão dele.

– Compaixão porra nenhuma! Ela provavelmente deduziu que isso deixaria o cara com tesão.

A expressão de Esti foi aos poucos se transformando de repulsa em concordância.

– Merda. Tudo o que eu penso sobre aquele sujeito vai ficando ainda pior. – Ela fez uma pausa, anotou outra coisa no bloco. – Então Alyssa é uma possível suspeita. E Jonah também. E o namorado de Kay?

Hardwick balançou a cabeça.

– Não na teoria de ataque preventivo de que estamos falando. Não vejo o Carl contratando a morte dele. Não creio que ele desperdiçaria o dinheiro. Haveria modos mais fáceis de se livrar dele. E sem dúvida não consigo ver o jovem Darryl em condições de descobrir que é alvo de um atentado potencial e reagir organizando um ataque mais rápido.

– Certo, mas esqueça por um minuto a teoria de ataque preventivo – disse Esti. – Darryl não poderia ter matado o Carl esperando que seu relacionamento com Kay ficasse melhor para ele uma vez que ela colocasse as mãos em todo aquele dinheiro? O que *você* acha, Dave?

– No vídeo do julgamento ele não parece inteligente ou corajoso o suficiente para isso. Um pequeno perjúrio, talvez. Mas um assassinato triplo bem planejado? Duvido. O cara era um salva-vidas com salário mínimo no clube de campo dos Spalter, não era

exatamente o tipo de assassino de *O dia do Chacal.* Além disso, tenho dificuldade para vê-lo quebrando a cabeça de uma velha ou martelando pregos nos olhos de alguém.

Hardwick estava balançando a cabeça em negativa.

– Isso tudo é muito esquisito. Nada me parece certo. Os três assassinatos têm métodos e estilos completamente diferentes. Não vejo uma linha reta ligando todos eles. Está faltando alguma coisa. Alguém aqui tem a mesma sensação?

Gurney assentiu de leve com a cabeça.

– Está faltando *muita* coisa. Sobre a questão do modus operandi, não há registro no dossiê de que ele tenha sido comparado com o banco de dados do programa de apreensão de criminosos violentos. Estou certo?

– Segundo a visão de Klemper – disse Esti –, Kay matou Carl. Ponto final. Por que ele preencheria um formulário para o programa ou procuraria em qualquer outro banco de dados? O cara não tem a mente nem um pouco aberta.

– Eu sei. Mas seria bastante útil se pudéssemos comparar os dados fundamentais agora, pelo menos no banco de dados de criminosos violentos. E seria bom saber se o Centro Nacional de Informações Criminais tem algum dado sobre qualquer um dos indivíduos-chave mortos ou vivos. E a Interpol também, pelo menos no caso de Gus Gurikos. – Gurney olhou de Esti para Hardwick, e de volta. – Algum de vocês pode fazer qualquer coisa dessas sem chamar a atenção?

– Talvez eu possa cuidar do banco de dados de criminosos violentos e do Centro Nacional de Informações Criminais – respondeu Esti depois de um momento. O modo como disse “talvez” significou que poderia fazer isso, mas usando um caminho que não iria revelar. – No caso do banco de dados, em que tipo de informações você está mais interessado?

– Para não ficarmos atolados nos resultados, concentre-se nas estranhezas, nos elementos mais peculiares de cada local de assassinato, e use isso nos termos de busca.

– Tipo “Swift calibre 220”, como a arma em Long Falls?

– Isso. E “supressor” ou “silenciador” combinado com “fuzil”.

Ela fez algumas anotações rápidas.

– Certo, o que mais?

– “Bombinhas”.

– O quê?

– Testemunhas no cemitério ouviram sequências de explosões de traques mais ou menos na hora em que o Carl levou o tiro. Se era uma tentativa de esconder o som residual da arma com silenciador, pode ter sido uma técnica usada antes pelo atirador, e uma testemunha pode ter mencionado isso a um investigador, e este pode ter colocado a informação em seu formulário do banco de dados.

– Meu Deus – disse Hardwick. – Isso é um tremendo tiro no escuro.

– Vale a pena tentar.

Esti estava batendo com a caneta no bloco.

– Você está presumindo que o atirador era profissional?

– É o que me parece.

– Certo. Mais algum termo de busca?

– “Cemitério” e “enterro”. Se o atirador se deu ao trabalho de matar alguém só para ter certeza de que a vítima principal estaria no cemitério, talvez a mesma coisa tenha dado certo para ele antes.

Enquanto ela anotava, Gurney acrescentou:

– Todos os sobrenomes ligados ao caso deveriam ser

investigados também: Spalter, Angelidis, Gurikos. Além disso, precisamos pesquisar o sobrenome de Darryl, das outras testemunhas do julgamento e o nome de solteira de Kay. Você pode encontrar tudo isso na transcrição do julgamento.

Hardwick falou com a voz cheia de ódio:

– Não se esqueça de incluir “pregos”, “pregos nos olhos”, “pregos nos ouvidos”, “pregos na garganta”.

Esti assentiu, depois perguntou a Gurney:

– Alguma coisa sobre a localização da mãe?

– Essa não é tão fácil. Você pode buscar homicídios encenados como se fossem quedas em banheiras, mortes envolvendo entregas de flores, até o nome falso da floricultura, Flores de Florence, mas isso parece uma hipótese ainda mais remota do que a das bombinhas.

– Acho que já basta para me ocupar durante um tempo.

– Jack, pelo que me lembro do caso Jillian Perry, talvez você conheça alguém da Interpol. Isso ainda procede?

– Até onde sei, sim.

– Talvez você pudesse ver o que eles têm sobre o Gurikos.

– Posso tentar. Não prometo nada.

– Você acha que também pode tentar localizar as principais testemunhas do julgamento?

Ele assentiu devagar.

– Freddie, que testemunhou que Kay esteve no prédio na ocasião do tiro... Jimmy Flats, o mafioso que disse que Kay tentou contratá-lo para apagar o Carl... e Darryl, o namorado que afirmou que ela tentou o mesmo papo com ele?

– Pelo menos esses três.

– Verei o que posso fazer. Você acha que podemos arrancar uma confissão de perjúrio de um deles?

– Seria ótimo. Mas eu gostaria principalmente de saber se estão vivos e se podem ser localizados.

– Vivos?

Parecia que Hardwick estava pensando o mesmo que Gurney. Se no centro do mistério havia alguém capaz de fazer o que fora feito com Gus Gurikos, qualquer coisa era possível. As possibilidades eram terríveis.

A ideia de possibilidades terríveis trouxe Klemper à mente.

– Quase me esqueci de mencionar – comentou Gurney –, mas o seu investigador predileto do Departamento de Investigações Criminais estava me esperando quando cheguei em casa hoje à tarde, vindo do encontro com Angelidis.

Os olhos de Hardwick se estreitaram.

– Que diabo ele queria?

– Que eu entendesse que Kay é uma vagabunda cruel, mentirosa e assassina; que Bincher é um judeu safado, mentiroso e que não vale nada; e que ele, Mick Klemper, é um justiceiro na luta épica de Deus contra o Mal. Admitiu que pode ter cometido um ou dois erros, mas nada que mude o fato de que Kay é totalmente culpada e merece morrer na prisão, de preferência logo.

Esti pareceu empolgada.

– Ele devia estar em pânico para aparecer na sua casa com esse discurso.

Hardwick pareceu desconfiado.

– Tem certeza que era só isso que ele queria? Dizer que Kay era culpada?

– Ele parecia desesperado para me convencer de que tudo o que

tinha feito era legítimo em algum contexto mais amplo. Também podia estar tentando, em seu estilo nada sutil, fazer com que eu revelasse quanto eu sei da história toda. Pelo que vejo, a questão não solucionada sobre Klemper é: quão *obcecado* versus quão *corrupto* ele é.

Esti acrescentou:

– Ou quão *perigoso* ele é.

Hardwick mudou de assunto:

– Então eu fico com o trabalho de localizar as três testemunhas, que podem acabar sendo três pessoas desaparecidas ou Deus sabe o quê. E vou implorar outro pedido ao meu coleguinha da Interpol. Esti vai solicitar alguns favores na FTCCO e conseguir que alguém faça buscas no Centro Nacional de Informações Criminais e no banco de dados de criminosos violentos. O que *você* vai fazer, Sherlock?

– Primeiro vou falar com Alyssa Spalter. Depois com Jonah Spalter.

– Ótimo. Mas como vai fazer com que *eles* falem com você?

– Charme. Ameaças. Promessas. O que funcionar.

Esti soltou um riso cínico.

– Ofereça 30 gramas de pó do bom a Alyssa e ela vai com você até a lua. Quanto ao Jonah, você vai ter que descobrir sozinho.

– Sabe onde posso encontrar Alyssa?

– Segundo minha última informação, na mansão da família em Venus Lake. Com Carl e Kay fora do caminho, a garota ficou com a casa só para ela. Mas cuidado com o Klemper. Minha impressão é que ele ainda se encontra com ela. Ele ainda fica todo mole na frente do monstrinho.

Hardwick riu.

– Você não quer dizer que ele fica *duro*?

– Seu nojento! – Ela se virou de novo para Gurney. – Eu lhe mando um torpedo com o endereço. Ou você pode anotá-lo agora mesmo. Tenho no meu caderno.

Ela se levantou da mesa e saiu da sala.

Gurney se recostou e lançou um olhar especulativo para Hardwick.

– Talvez seja minha imaginação, mas você parece um pouquinho mais perto do meu modo de encarar esse caso.

– De que diabo você está falando?

– Seu interesse parece estar se expandindo para um pouco além das questões técnicas da apelação.

A princípio Hardwick pareceu com vontade de questionar o que Gurney tinha dito. Depois apenas balançou a cabeça lentamente.

– Aqueles pregos malditos... – Ele olhou para o chão. – Sei lá... fazem a gente pensar até que ponto o ser humano pode ser mau. *Como pode ser completamente perverso.* – Ele fez uma pausa, ainda balançando a cabeça, como se estivesse começando a ter uma espécie de paralisia. – Você já se deparou com alguma coisa que... que fizesse você pensar... que porra... quero dizer... se há algum limite para o que o ser humano pode fazer?

Gurney não precisou pensar muito. Lembrou-se de cabeças decepadas, gargantas rasgadas, corpos esquartejados. Crianças queimadas vivas pelos próprios pais. O caso do “Papai Noel Satânico”, no qual um assassino em série embrulhava pedaços dos corpos das vítimas em papel de presente e mandava para a casa dos policiais no Natal.

– Um monte de imagens me vem à mente, Jack, mas a nova, que está me tirando o sono, é o rosto de Carl Spalter, a foto feita no julgamento de Kay, quando ele mal estava vivo. Há uma coisa

terrível naquilo. Talvez o olhar de desespero nos olhos de Carl me afete do mesmo modo que aqueles pregos nos olhos do Gus afetam você.

Nenhum dos dois disse mais nada até que Esti voltou com uma pequena folha de um caderno de anotações e entregou a Gurney.

– Talvez você nem precise desse endereço. Eu poderia dizer simplesmente para procurar a maior casa na Lakeshore Drive.

– Vai ser mais fácil com isto. Obrigado.

Ela sentou-se na cadeira, olhou para um e para o outro com curiosidade.

– O que foi? Vocês dois estão parecendo muito... para baixo.

Hardwick deu uma risada aguda, sem humor, como um latido.

Gurney deu de ombros.

– De vez em quando a gente tem um vislumbre da realidade com a qual está lidando. Sabe como é?

A voz dela mudou.

– Sim, claro que sei.

Seguiu-se um momento de silêncio.

– Precisamos nos concentrar no fato de estarmos progredindo – disse Gurney. – Estamos tomando as atitudes adequadas. Dados precisos e uma lógica sólida farão...

Seu comentário foi interrompido pelo som de um impacto súbito e agudo contra a lateral de ripas de madeira da casa.

Esti se retesou, parecendo alarmada.

Hardwick piscou.

– Que porra foi essa?

O som se repetiu, como o estalo da ponta dura de um chicote contra a casa, e todas as luzes se apagaram.

Capítulo 29

Mudanças no jogo

Num reflexo, Gurney se jogou da cadeira para o chão. Hardwick e Esti o seguiram de imediato, com um jorro de palavrões.

– Não estou armado – disse Gurney rapidamente. – O que vocês têm em casa?

– Glock nove no armário do quarto – respondeu Hardwick. – SIG calibre 38 na mesinha de cabeceira.

– Kel-Tec 38 na minha bolsa – disse Esti. – A bolsa está atrás de você, Jack, no chão. Pode empurrar para mim?

Gurney ouviu Hardwick movendo-se do outro lado da mesa, depois algo deslizando pelo chão na direção de Esti.

– Peguei! – exclamou ela.

– Volto num segundo – falou Hardwick.

Gurney ouviu-o se arrastar para fora da sala, praguejando, depois o som de uma porta interna se abrindo com um guincho, em seguida uma gaveta se abrindo e fechando. Uma lanterna se acendeu e depois se apagou. Também pôde ouvir a respiração de Esti, bem perto.

– A lua está encoberta hoje, não está? – perguntou ela, meio sussurrando.

Por um momento insano, tomado por um medo primitivo e pelo jorro de adrenalina, ele achou a voz baixa e próxima tão intensamente erótica que se esqueceu de responder.

– Dave?

– Oi. Sim. Está encoberta.

Ela chegou mais perto, o braço tocando o dele.

– O que você acha que está acontecendo?

– Não sei bem. Nada de bom.

– Acha que estamos reagindo com exagero?

– Espero que sim.

– Não consigo ver absolutamente nada. E você?

Ele forçou a vista na direção da janela perto da mesa.

– Não. Nada.

– Merda. – O magnetismo da voz ansiosa, sussurrando na escuridão, estava ficando surreal. – Você acha que aqueles sons eram balas acertando a casa?

– Pode ser.

Na verdade ele tinha certeza. Já estivera sob fogo mais de uma vez durante a carreira.

– Não ouvi nenhum tiro.

– A arma podia estar com um silenciador.

– Ah, merda. Você acha mesmo que o atirador está lá fora?

Gurney tinha quase certeza, mas, antes que pudesse responder, Hardwick voltou.

– Peguei a Glock e a SIG. Gosto da Glock. E você, Ás? Tudo bem ficar com a SIG?

– Sem problema.

Hardwick tocou o cotovelo de Gurney, encontrou a mão dele, colocou a pistola.

– Pente cheio, uma na câmara, travada.

– Ótimo. Obrigado.

– Talvez seja hora de chamar a cavalaria – sugeriu Esti.

– Porra nenhuma! – reagiu Hardwick.

– Então o que vamos fazer? Ficar aqui parados a noite toda?

– Vamos pensar num modo de pegar o filho da puta.

– *Pegar*? Isso é o que a SWAT faz. Nós fazemos *a ligação*. *Eles* vêm. *Eles* pegam o cara.

– Eles que se fodam. Eu mesmo vou colocar as mãos nele. Ninguém atira contra a porra da minha casa. Porra!

– Jack, pelo amor de Deus, o sujeito acertou uma bala no fio de eletricidade. No escuro. É um tremendo atirador. Como é que você vai *pegá-lo*? Pelo amor de Deus, Jack, raciocine!

– Ele que se foda! Ele não é tão superfodão assim: precisou de dois tiros para acertar o fio. Vou enfiar minha Glock no supercu dele.

– Talvez ele não tenha precisado de dois tiros – disse Gurney.

– Como assim? As luzes se apagaram no segundo tiro, não no primeiro.

– Verifique sua linha fixa.

– O quê?

– Me pareceu que os impactos foram em lugares diferentes na parede do andar de cima. Os fios de eletricidade e de telefone entram juntos ou separados?

Hardwick não respondeu, o que era resposta suficiente.

Gurney ouviu-o se arrastando da mesa para a cozinha... depois o som de um telefone sendo tirado do gancho, e após um instante sendo recolocado... em seguida escutou-o arrastar-se de volta à mesa.

– Está morto. Ele acertou a porra do fio do telefone.

– Não entendi – disse Esti. – Qual é o objetivo de cortar uma linha fixa quando todo mundo tem celular? Ele deve saber quem o Jack é, provavelmente sabe quem todos nós somos, precisa

presumir que todos temos celular. Vocês já viram um policial sem celular? Por que cortar a linha fixa?

– Talvez ele goste de se mostrar – respondeu Hardwick. – Bom, esse escroto está mexendo com o cara errado.

– Você não é o único aqui, Jack. Talvez ele esteja mexendo com o Dave. Talvez esteja mexendo com todos nós.

– Estou cagando para saber com quem ele acha que está mexendo. Mas é na porra da minha casa que ele está atirando.

– Isso é maluquice. Acho que a gente precisa chamar uma equipe da SWAT. Agora.

– Nós não estamos na maldita Albany. Eles não estão parados em Dillweed esperando receber uma ligação. Vai levar uma hora até que cheguem aqui.

– Dave?

A expressão dela implorava apoio.

Gurney não podia dar.

– Talvez seja melhor nós mesmos cuidarmos disso.

– Melhor? Como diabo pode ser melhor?

– Se nós recorrermos aos meios oficiais, a situação vai virar uma confusão enorme.

– Confusão... o que você está falando?

– A sua carreira.

– *Carreira*?

– Você é detetive do Departamento de Investigações Criminais, e o Jack está prestes a lançar um ataque total contra o departamento. Como eles vão interpretar sua presença aqui? Acha que não vão deduzir em dois segundos como ele está tendo acesso às informações internas? Informações que pode usar para arruinar a

vida de todos eles? Acha que você vai sobreviver a isso, legalmente ou de outra forma? Acho que eu preferiria lidar com um atirador na floresta do que ser considerado um traidor pelas pessoas com quem preciso trabalhar.

A voz de Esti estava meio trêmula:

– Eles não podem provar nada. Não há motivo... – Ela parou de forma abrupta. – O que foi isso?

– O que foi o quê? – perguntou Gurney.

– Naquela janela... no morro de frente para a casa... na floresta... um clarão de luz.

Hardwick passou em volta da mesa e seguiu na direção da janela.

Espiando na escuridão, Esti sussurrou:

– Tenho certeza que vi alguma...

De novo ela parou no meio da frase.

Desta vez Gurney e Hardwick viram.

– Ali! – gritou Gurney.

– É uma das minhas câmeras de trilha – disse Hardwick. – Ativadas por movimento. Tenho meia dúzia na floresta, principalmente para a temporada de caça. – Outro clarão no morro, parecendo mais alto que o primeiro. – O filho da puta está subindo pela trilha principal. Indo embora. Puta que pariu!

Gurney ouviu Hardwick se levantar, correr para a cozinha, depois voltar com duas lanternas acesas numa das mãos e a Glock na outra. Colocou uma lanterna de pé no meio da mesa, apontada para o teto.

– Acho que sei para onde o desgraçado está indo. Depois que eu sair, entrem nos seus carros, deem o fora, esqueçam que estiveram aqui.

A voz de Esti aumentou de volume, alarmada:

– Aonde você vai?

– Vou até onde aquela trilha vai dar, a Scutt Hollow, do outro lado da montanha. Se eu conseguir chegar antes dele...

– Nós vamos com você!

– Não! Vocês dois precisam sair daqui, na direção oposta, agora! Se você for flagrada nisso, se for interrogada pela polícia local... pior, pelo Departamento de Investigações Criminais... vai ser uma porra de uma confusão sem fim. Tomem cuidado. Preciso ir.

– Jack!

Hardwick saiu correndo pela porta da frente. Alguns segundos depois, eles ouviram o rugido do GTO, as rodas patinando, cascalho voando contra a lateral da casa. Gurney pegou a outra lanterna na mesa, correu para a varanda, viu as luzes traseiras do carro acelerando para fazer uma curva na estradinha de terra que serpenteava pelo morro coberto de árvores até a Rota 10.

– Ele não deveria ir sozinho. – A voz de Esti, ao seu lado, estava tensa e rouca. – Nós deveríamos segui-lo, deveríamos ajudar.

Ela estava certa. Mas Hardwick também estava.

– Jack não é idiota. Já o vi em situações mais difíceis do que essa. Ele vai ficar bem.

A afirmação de Gurney parecia vazia.

– Ele não deveria estar perseguindo aquele maníaco sozinho!

– Ele pode telefonar pedindo apoio. Ele que sabe. Desde que não estejamos lá, ele pode moldar a história como quiser. Se nós estivermos, a situação sai do controle dele. E sua carreira acaba.

– Meu Deus. Meu Deus! Que merda! – Ela andou num círculo apertado, frustrada. – E agora? Vamos embora, simplesmente? Assim? Vamos para casa?

– É. Você primeiro. Agora!

Ela encarou Gurney à luz móvel da lanterna.

– Está bem. Está bem. Mas isso não está certo. Não está nada certo.

– Concordo. Mas precisamos preservar as opções do Jack. Há alguma coisa sua na casa?

Ela piscou várias vezes, aparentemente tentando se concentrar na pergunta.

– Minha sacola de lona, minha bolsa... acho que só.

– Certo. Pegue tudo o que você tiver aí e dê o fora daqui.

Ele lhe entregou a lanterna e esperou do lado de fora enquanto ela entrava na casa.

Dois minutos depois, Esti colocava as bolsas no banco do carona do Mini Cooper.

– Onde você mora? – perguntou ele.

– Oneonta.

– Sozinha?

– É.

– Tenha cuidado.

– Claro. Você também.

Ela entrou no carro, deu marcha a ré, pegou a estrada de terra e foi embora.

Ele desligou a lanterna e ficou parado no escuro, aguçando os ouvidos. Não conseguia detectar nenhum som, nenhum vestígio de brisa, nenhuma sugestão de movimento. Ficou um longo minuto tentando ouvir alguma coisa, esperando ver algo. Tudo parecia estar numa imobilidade que não era natural.

Com a lanterna numa das mãos e a SIG na outra, destravada,

Gurney fez uma varredura de 360 graus no terreno ao redor. Não viu nada alarmante, nada fora de lugar. Apontou o facho para a lateral da casa, correu-o para um lado e para o outro até encontrar um fio cortado saindo de um suporte de eletricidade ao lado de uma janela do segundo andar e, a uns 3 metros de distância, um segundo fio saindo de um suporte diferente próximo a outra janela. Afastou a luz para longe da casa, em direção à estrada, até localizar o poste e os dois fios soltos que esperava encontrar ali, pendendo até o chão.

Chegou mais perto da casa, abaixo das duas pontas de fio cortadas. Nas tábuas atrás de cada um, viu um pequeno buraco escuro a alguns centímetros de cada suporte. De sua posição, não tinha como avaliar os diâmetros com precisão, mas estava quase certo de que não poderiam ter sido feitos com uma bala menor do que um calibre 30 nem maior do que um calibre 35.

Se era o mesmo atirador que havia atingido Carl no Willow Rest, parecia que era flexível na escolha de armas – um homem que optava pela ferramenta mais adequada às circunstâncias. Um homem prático. Ou uma mulher.

A pergunta de Esti lhe veio à mente mais uma vez. *Qual é o sentido de cortar uma linha fixa quando todo mundo tem celular?* De uma perspectiva prática, cortar as linhas de força e comunicação seria o preâmbulo para um ataque. Mas nenhum ataque havia acontecido. Então qual era o sentido?

Um aviso?

Como os pregos na cabeça de Gus?

Mas por que o fio telefônico?

Por Deus!

Poderia ser?

Eletricidade e telefone. Eletricidade significava luzes, que

significava ver. E o telefone? O que você fazia com um telefone, especialmente um telefone antigo de linha fixa? Você ouvia e falava.

Sem eletricidade e sem telefone.

Sem ver, sem ouvir, sem falar.

Não ver o mal, não ouvir o mal, não falar o mal.

Ou será que ele estava ficando criativo demais, apaixonado demais por sua teoria da “mensagem”? Sabia muito bem que se apegar à própria hipótese poderia ser fatal. Mesmo assim, se aquilo não era uma mensagem, que diabo era?

Depois de desligar a lanterna, ficou parado de novo no escuro, segurando a pistola SIG Sauer ao lado do corpo, aguçando os olhos e os ouvidos. O silêncio absoluto lhe causou um arrepio. Disse a si mesmo que era simplesmente porque a temperatura estava baixando e o ar ficando mais úmido. Mas isso não o deixou nem um pouco mais confortável. Era hora de dar o fora dali.

Na metade do caminho para Walnut Crossing, Gurney parou numa loja de conveniências 24 horas para comprar um copo de café. Sentado no estacionamento enquanto tomava a bebida, repassava o que havia acontecido na casa de Hardwick – o que ele poderia ou deveria ter feito – e tentava organizar alguma sequência razoável para os próximos passos, veio-lhe o pensamento de ligar para Kyle.

Preparado para deixar um recado, ficou surpreso ao escutar a voz do filho.

– E aí, pai, o que há de novo?

– Na verdade, coisas de mais.

– É? Mas, bem, você gosta disso, não é?

– Você acha?

– Tenho certeza. Se não está sobrecarregado, você acha que

não está fazendo nada.

Gurney sorriu.

– Espero não estar ligando tarde demais.

– Tarde demais? Não são nem dez da noite. Isto aqui é Nova York. A maioria dos meus amigos está indo para a rua agora.

– Você não?

– Decidimos ficar em casa hoje.

– “Decidimos”?

– É uma longa história. Quais são as novidades?

– Me responda uma coisa, baseado na sua experiência em Wall Street. Na verdade nem sei bem como formular a pergunta; passei toda a carreira enterrado em casos de homicídio, e não em assuntos de executivos. O que quero saber é: se uma empresa estivesse procurando um grande financiamento, digamos que para uma expansão, seria algo que todos do meio ficariam sabendo?

– Depende.

– De quê?

– Do tamanho do “grande” a que você se refere. E que tipo de financiamento. E de quem está envolvido. Um monte de fatores diferentes. Para cair nos ouvidos de todos, a coisa teria de ser grande. Ninguém em Wall Street fala de coisas pequenas. De que empresa estamos tratando?

– Um negócio chamado Catedral do Ciberespaço, criação de um cara chamado Jonah Spalter.

– O nome não me é estranho.

– Alguma lembrança concreta?

– CatCiber*...*

– *CatCiber?*

– O pessoal da área de finanças adora abreviações, nomes de bolsa de valores, papo rápido, como se estivessem ocupados demais para usar palavras inteiras.

– A Catedral do Ciberespaço está listada na bolsa de valores?

– Acho que não. É só o modo como o pessoal fala. O que você quer saber sobre ela?

– Qualquer coisa que as pessoas estejam falando e que eu não encontraria no Google.

– Sem problema. Está trabalhando num caso novo?

– Uma apelação de condenação por assassinato. Estou começando a esquadrinhar melhor alguns fatos que a investigação original provavelmente ignorou.

– Que bacana. E como está?

– Interessante.

– Sabendo como você fala dessas coisas, eu diria que isso significa que atiraram em você, mas não acertaram.

– Bom... mais ou menos.

– O quêêêê? Quer dizer que eu acertei? Você está bem? Alguém tentou atirar em você?

– A pessoa só atirou na casa onde eu estava, por acaso.

– Meu Deus! Isso é parte do caso em que você está trabalhando?

– Acho que sim.

– Como pode estar tão calmo? Eu estaria surtando se alguém atirasse contra uma casa em que eu estivesse.

– Eu ficaria mais incomodado se ele estivesse mirando em mim especificamente.

– Uau! Se você fosse um herói de histórias em quadrinhos, se

chamaria Doutor Tranquilo.

Gurney sorriu, sem saber o que dizer. Não falava com Kyle com muita frequência, apesar de estarem mais próximos desde o caso do Bom Pastor.

– Existe alguma chance de você aparecer por aqui um dia desses?

– Claro. Por que não? Seria ótimo.

– Ainda tem a moto?

– Claro. E o capacete que você me deu. O seu antigo. Eu o uso em vez do meu.

– Ah... bem... que bom que coube.

– Acho que devemos ter a cabeça exatamente do mesmo tamanho.

Gurney riu, não sabia direito por quê.

– Bom, quando você puder dar uma escapada, nós adoraríamos que você viesse. – Ele fez uma pausa. – Como está a faculdade?

– Uma loucura, toneladas de coisas para ler, mas basicamente vai bem.

– Então você não se arrepende de ter saído de Wall Street?

– Nem por um minuto. Bom, talvez em algum minuto ocasional. Mas aí eu me lembro de toda a merda daquele lugar... Wall Street é pavimentada com bosta... e fico feliz de verdade por não fazer mais parte daquilo.

– Ótimo.

Houve um silêncio, por fim rompido por Kyle:

– Bom... vou dar uns telefonemas, ver se alguém sabe alguma coisa sobre a CatCiber, e ligo para você.

– Ótimo, filho. Obrigado.

– Eu te amo, pai.

– Te amo também.

Depois de desligar, Gurney sentou-se com o celular ainda na mão, pensando no curioso padrão de suas comunicações com o filho. O rapaz tinha... o quê? Vinte e cinco anos? Vinte e seis? Ele jamais conseguia lembrar de imediato. E durante a maior parte da vida de Kyle, sobretudo na última década, os dois tinham ficado... o quê? Não exatamente isolados – esse era um termo pesado demais. Distantes? Sem dúvida separados por alguns períodos sem comunicação. Mas quando se falavam, a conversa era sempre calorosa, em especial por parte de Kyle.

Talvez a explicação fosse tão simples quanto o resumo oferecido pela namorada de Gurney da época de faculdade na ocasião em que rompera com ele, décadas atrás: “Você não é uma pessoa de pessoas, David.” O nome dela era Geraldine. Os dois estavam parados do lado de fora da estufa do jardim botânico do Bronx, onde as cerejeiras estavam em flor. Começava a chover. Ela se virou e foi embora, e não parou nem quando a chuva aumentou. Nunca mais se falaram.

Ele olhou para o celular na mão. Ocorreu-lhe que deveria ligar para Madeleine e avisar que estava a caminho.

Quando atendeu, ela pareceu sonolenta.

– Onde você está?

– Desculpe, não queria acordar você.

– Não acordou. Eu estava lendo. Talvez cochilando um pouco.

Gurney ficou tentado a perguntar se o livro era *Guerra e paz*. Ela vinha lendo-o havia séculos, e era um sonífero poderoso.

– Só queria avisar que estou na metade do trajeto entre Dillweed e Walnut Crossing. Devo chegar em casa em menos de vinte minutos.

– Bom. Por que tão tarde?

– Tive um probleminha na casa do Hardwick.

– Probleminha? Você está bem?

– Estou ótimo. Conto quando chegar.

– Quando você chegar estarei dormindo.

– De manhã, então.

– Dirija com cuidado.

– Certo. Vejo você daqui a pouco.

Ele enfiou o celular no bolso, tomou alguns goles de café frio, jogou o resto na lixeira e voltou para a estrada principal.

Agora estava pensando em Hardwick. Teve a sensação desconfortável de que deveria ter ignorado as instruções do sujeito e ido com ele, afinal. Claro, havia o risco de uma coisa levar a outra: um tiroteio com o atirador, o envolvimento de diversas repartições policiais, a descoberta pelo Departamento de Investigações Criminais do envolvimento de Esti, a necessidade de mentir sobre os fatos da reunião para protegê-la, declarações meio verídicas, confusões e caras feias. Mas, por outro lado, havia a possibilidade de que Hardwick pudesse se ver frente a frente com alguém mais perigoso do que ele poderia enfrentar.

Gurney sentiu uma ânsia poderosa de dar meia-volta e ir até onde a perseguição de Hardwick devia tê-lo levado. Mas havia possibilidades de mais. Cruzamentos de mais. Cada variável multiplicaria as chances de não conseguir seguir o caminho tomado pelo sujeito. E mesmo que, por alguma coincidência notável, ele fizesse uma série de adivinhações precisas e chegasse ao local exato, sua aparição inesperada poderia criar problemas em vez de solucioná-los.

Por isso continuou dirigindo, chegando enfim à estradinha que

levava à sua propriedade no topo da montanha. Seguia em baixa velocidade, porque os cervos costumavam surgir do nada. Havia atropelado um filhote num passado não muito distante, e a sensação nauseante continuava com ele.

No topo da estrada, parou para deixar um porco-espinho passar. Olhou-o bambolear entrando no capim alto da encosta acima do celeiro. Os porcos-espinhos tinham a má reputação de mastigarem praticamente tudo, desde a madeira das casas até cabos de freio dos carros. O fazendeiro que morava mais à frente na estrada havia alertado as pessoas para que atirassem neles assim que os vissem. “Eles só trazem problemas e não servem para nada.” Mas Gurney não tinha estômago para isso, e Madeleine jamais toleraria.

Engrenou o carro de novo e já ia subir pela trilha coberta de capim até a casa quando algo brilhante atraiu seu olhar. Era numa janela do celeiro – um ponto de luz. Ocorreu-lhe que talvez Madeleine tivesse esquecido de apagar alguma luz quando fora alimentar as galinhas pela última vez. Mas a lâmpada do celeiro era relativamente fraca, com um brilho amarelado, e aquela luz na janela era nítida e branca. Enquanto Gurney olhava, ela ficou mais intensa.

Ele desligou os faróis. Depois de ficar mais alguns segundos sentado, perplexo, pegou a pesada lanterna metálica de Hardwick no banco do carona, sem ligá-la, saiu do carro e foi andando na direção do celeiro – guiado na escuridão por aquele estranho ponto de luz, que parecia se mover enquanto ele se mexia. Então percebeu, com um leve arrepio, que a luz não estava no celeiro. Era um reflexo – um reflexo na janela, de uma luz em algum lugar *atrás* dele. Virou-se rapidamente, e ali estava – uma luz forte brilhando através da linha de árvores ao longo do topo da encosta atrás do laguinho. O primeiro pensamento que lhe veio à cabeça foi que era um holofote montado num quadriciclo.

No celeiro atrás dele, talvez em resposta a essa iluminação, o

galo cantou.

Gurney olhou de novo para a montanha – para a luz que aumentava, cada vez mais, atrás das árvores. E então, claro, aquilo ficou óbvio. Como deveria ter sido desde o primeiro instante. Não era um mistério, afinal de contas. Nenhum veículo estranho rondando a floresta. Nada fora do comum. Apenas uma lua cheia nascendo numa noite límpida.

Sentiu-se idiota.

Seu telefone tocou.

Era Madeleine.

– É você que está aí perto do celeiro?

– Sou eu.

– Alguém acabou de ligar para você. Você está subindo?

A voz dela estava nitidamente fria.

– Sim, estava só verificando uma coisa. Quem era?

– Alyssa.

– O quê?

– Uma mulher chamada Alyssa.

– Ela disse qual era o sobrenome?

– Eu perguntei, mas ela disse que você provavelmente sabia qual era, e que, se não soubesse, não havia muito sentido em falar com você. Pareceu drogada ou maluca.

– Ela deixou algum número?

– Deixou, está aqui.

– Já estou subindo.

Dois minutos depois, às 22h12, ele estava parado na cozinha com o celular, digitando o número.

Madeleine encontrava-se junto à bancada da pia, usando um pijama de verão rosa e amarelo, guardando alguns talheres que tinham ficado no escorredor de louça.

A ligação foi atendida ao terceiro toque. Uma voz ao mesmo tempo rouca e delicada disse:

– Será que é o detetive Gurney me ligando de volta?

– Alyssa?

– A primeira e única.

– Alyssa Spalter?

– Alyssa, que foi para a Suíça, brincar de pular carniça.

Ela parecia uma criança de 12 anos que tinha assaltado o armário de bebidas dos pais.

– O que posso fazer por você?

– Você quer fazer alguma coisa por mim?

– Você ligou para cá agora há pouco. O que quer?

– Quero ajudar. Só isso.

– Como você quer ajudar?

– Quer saber quem matou meu curió?

– O quê?

– Em quantos assassinatos você está envolvido?

– Está falando do seu pai?

– De quem você acha?

– Você sabe quem matou seu pai?

– O rei Carl? Claro que sei.

– Diga.

– Não pelo telefone.

– Por que não?

– Venha me visitar, aí eu conto.

– Me dê um nome.

– Vou lhe dar um nome. Quando conhecer você melhor. Aí darei todos os nomes especiais dos meus namorados. Então, quando vou conhecer você?

Gurney não respondeu.

– Ainda está aí?

O tom de voz vagueava de forma fluida entre a clareza e a embriaguez.

– Estou aqui.

– Ah. Esse é o problema. Você precisa vir *aqui*.

– Alyssa... ou você sabe alguma coisa útil ou não sabe. Ou vai me dizer o que é ou não. Isso é com você. Decida agora.

– Eu sei de tudo.

– Certo. Então fale.

– De jeito nenhum. O telefone pode estar grampeado. A gente vive num mundo muito assustador. Eles grampeiam tudo. Plec, plec, plec. Mas você é detetive, então sabe de tudo isso. Aposto até que sabe onde eu moro.

Gurney ficou em silêncio.

– Aposto que sabe onde eu moro, não é?

Ele permaneceu calado.

– É, aposto que sabe.

– Alyssa? Escute. Se você quer contar...

Ela o interrompeu com uma sedução exagerada, engrolada, que em outras circunstâncias poderia ser cômica:

– Bom... eu vou ficar aqui a noite toda. E amanhã o dia todo. Venha assim que puder. Por favor. Vou ficar esperando. Esperando só você.

A ligação foi interrompida.

Gurney pousou o telefone e olhou para Madeleine. Ela observava atentamente um garfo que estava prestes a colocar na gaveta dos talheres. Franziu a testa, abriu a torneira da pia e começou a esfregá-lo com esmero. Depois enxugou, secou, examinou-o de novo. E então pareceu satisfeita e colocou-o na gaveta.

– Acho que você estava certa – disse Gurney.

O franzido na testa voltou, mas agora direcionado para ele.

– Com relação a quê?

– À possibilidade de a moça estar drogada ou ser maluca.

Ela deu um sorriso sem humor.

– O que ela quer?

– Boa pergunta.

– O que ela *disse* que quer?

– Me ver. Contar quem matou o pai.

– Carl Spalter?

– É.

– Você vai se encontrar com ela?

– Talvez. – Ele fez uma pausa, pensativo. – Provavelmente.

– Onde?

– Onde ela mora. Na casa da família em Venus Lake. Perto de Long Falls.

– *Vênus*, tipo a deusa do amor?

– Acho que sim.

– E doença *venérea*?

– Acho que sim.

– Belo nome para um lago. – Ela fez uma pausa. – Você disse "casa da família". O pai dela está morto e a madrasta na prisão. Quem mais faz parte da família?

– Até onde sei, ninguém. Alyssa é filha única.

– Você vai sozinho?

– Sim e não.

Ela olhou-o com curiosidade.

– Talvez com algum eletrônico simples como apoio.

– Quer dizer que você vai com um grampo?

– Não como na TV, com um furgão cheio de nerds e equipamentos de satélite parado na esquina. Estou pensando num substituto de baixa tecnologia. Amanhã você vai estar em casa ou na clínica?

– Vou trabalhar à tarde. Devo ficar aqui na maior parte da manhã. Por quê?

– Estou pensando no seguinte: quando eu chegar a Venus Lake, antes de entrar na casa, eu poderia ligar para o nosso telefone fixo. Quando você atender e confirmar que sou eu, ligue o gravador. Vou deixar meu celular ligado, no bolso da camisa. Talvez não transmita tudo com tanta clareza, mas vai fornecer algum registro do que for dito no meu encontro com ela, e que poderá ser útil.

Madeleine pareceu em dúvida.

– Isso é ótimo para *mais tarde*, para provar o que você precisar, mas não serve muito como proteção enquanto você estiver lá. Nos dois minutos em que Alyssa falou comigo pelo telefone tive uma forte impressão de que ela pode ser maluca. Perigosamente maluca.

– É, eu sei. Mas...

Ela o interrompeu:

– Não me fale da quantidade de pessoas perigosamente malucas com quem você já precisou lidar na cidade. Isso foi naquela época, não agora. – Ela fez uma pausa, como se questionasse a distinção entre o passado e o presente. – O que você sabe sobre essa garota?

Ele pensou. Kay tinha falado bastante sobre Alyssa. Mas quanto daquilo seria verdade era outra questão.

– O que eu sei sobre ela *com certeza*? Quase nada. A madrasta *diz* que ela é viciada em drogas e mentirosa. Ela *pode* ter feito sexo com o próprio pai. *Pode* ter feito sexo com Mike Klemper para influenciar o resultado da investigação. *Pode* ter armado para a madrasta ser acusada de assassinato. *Podia* estar totalmente doidona ao telefone comigo, agora mesmo. Ou *podia* estar fazendo uma representação bizarra, só Deus sabe por que motivo.

– Você tem alguma informação positiva sobre ela?

– Não posso dizer que sim.

– Bom... a decisão é sua. – Ela fechou a gaveta dos talheres com um pouco mais de firmeza que o necessário. – Mas acho que se encontrar com Alyssa na casa dela, sozinho, é uma ideia terrível.

– Eu não faria isso se não pudéssemos arranjar o negócio do telefone, para proteção.

Madeleine assentiu ligeiramente, de algum modo conseguindo passar uma mensagem clara com esse gesto contido: *É arriscado demais, mas sei que não posso impedi-lo.*

Então acrescentou em voz alta:

– Você já marcou aquela consulta?

Ele percebeu que ela havia mudado de assunto e que a própria

mudança era repleta de significados, que ele fingiu não captar.

– Que consulta?

Ela ficou parada junto à pia, as mãos pousadas na borda, encarando-o com um olhar paciente e incrédulo.

– Está falando de Malcolm Claret? – perguntou ele.

– É. De quem você achou que fosse?

Ele balançou a cabeça numa espécie de gesto impotente.

– Há um limite para o número de coisas que posso manter na mente ao mesmo tempo.

– A que horas você vai sair amanhã?

Ele sentiu outra mudança de direção.

– Para Venus Lake? Acho que por volta das nove. Duvido que a Srta. Alyssa acorde muito cedo. Por quê?

– Quero trabalhar no galinheiro. Se você tiver alguns minutos, poderia me explicar os próximos passos, para eu adiantar um pouco o processo antes de ir para a clínica. Deve ser uma manhã tranquila.

Gurney suspirou. Tentou se concentrar no projeto do galinheiro – a geometria básica, até onde tinham ido com as medidas, os materiais que precisariam comprar etc. –, mas não conseguiu. Era como se as questões do caso Spalter e as do galinheiro exigissem dois cérebros diferentes. E havia a situação de Hardwick. Cada vez que se lembrava disso, ele se arrependia da decisão de ter obedecido ao sujeito.

Prometeu a Madeleine que cuidaria do assunto do galinheiro mais tarde, entrou no escritório e ligou para o celular de Hardwick.

Como era de esperar – o que não foi menos frustrante por isso –, a ligação caiu direto na caixa postal: “Aqui é Hardwick. Deixe um recado.”

– Olá, Jack, o que está acontecendo por aí? Onde você está? Me avise. Por favor.

Enfim percebendo que seu cérebro havia chegado a um ponto de exaustão inútil, Gurney se juntou a Madeleine na cama. Mas o sono, quando enfim chegou, não foi exatamente sono. Sua mente estava presa numa espiral em que a gravação “Aqui é Hardwick. Deixe um recado” ficava se sucedendo em vários tipos de possibilidades desastrosas.

Capítulo 30

Veneno lindo

Gurney esperou até a manhã seguinte para falar com Madeleine sobre o drama do fio de eletricidade na casa de Hardwick. Quando terminou de contar – de forma bastante resumida, mas essencialmente exata – sobre o incidente, ela ficou sentada observando-o em silêncio, como se esperasse o passo seguinte.

O passo seguinte era o que ele tinha medo de dar, mas achava que era necessário.

– Acho que, por precaução... – começou ele, mas ela terminou seu pensamento.

– Eu deveria passar um tempo fora de casa. Era o que você ia dizer?

– Só por segurança. Só alguns dias. Minha sensação é que o cara deu o recado e provavelmente não vai repetir o que fez, mas mesmo assim... Quero que você fique longe de qualquer perigo até que a situação esteja resolvida.

Prevendo a mesma reação raivosa que ela tivera diante de sugestões semelhantes que ele fizera um ano antes, durante o enervante caso Jillian Perry, Gurney foi pego de surpresa com a evidente falta de objeção por parte dela. A primeira pergunta foi bem prática:

– De quantos dias estamos falando?

– Seria apenas um chute, mas... talvez três, quatro? Depende do tempo que levarmos para eliminar o problema.

– Três ou quatro dias começando quando?

– Que tal amanhã à noite? Eu estava pensando que você poderia se convidar para ir à casa da sua irmã em...

– Vou estar com os Winklers.

– Vai estar onde?

– Eu sabia que você não iria lembrar. Os Winklers. Na fazenda deles. Em Buck Ridge.

Isso acionou uma luz distante na memória dele.

– O pessoal dos animais estranhos?

– Alpacas. E você lembra que eu me ofereci para ir lá ajudá-los a cuidar de tudo durante a feira?

Uma segunda luz distante.

– Ah. É. Certo.

– E que a feira começa esta semana?

Uma terceira luz distante.

– Certo.

– Então é lá que vou estar. Na feira com eles e na fazenda. Eu iria depois de amanhã, mas tenho certeza que não vão se incomodar se eu chegar um dia antes. Na verdade eles me convidaram para ficar a semana toda. Eu ia tirar uns dias de folga da clínica. Você sabe, nós *falamos* sobre isso quando eles fizeram o convite.

– Tenho uma vaga lembrança. Acho que na ocasião isso pareceu distante demais. Mas tudo bem, é muito mais conveniente do que ir para a casa da sua irmã ou algo assim.

A postura tranquila de Madeleine se enrijeceu.

– Mas e você? Se faz sentido *eu* não ficar aqui...

– Vou ficar bem. Como eu disse, o atirador estava dando um recado. Parece que ele sabe que Hardwick é o responsável por ter bagunçado o caso Spalter, por isso faz sentido ter dado o aviso a ele. Além disso, na probabilidade tremendamente improvável de ele

querer marcar presença mais uma vez, talvez eu possa tirar proveito disso.

A fisionomia de Madeleine ficou ao mesmo tempo confusa e ansiosa, como se ela estivesse lutando com uma grande contradição.

Ele notou a expressão e se arrependeu de ter acrescentado uma reviravolta desnecessária, da qual tentou se afastar:

– Quero dizer que a probabilidade de um problema verdadeiro é mínima, mas mesmo que seja menos de um por cento, eu gostaria que você estivesse o mais longe possível.

– Mas, de novo: e *você*? Mesmo que seja menos de um por cento, coisa em que realmente não acredito...

– Eu? Não precisa se preocupar. Segundo a revista *New York*, sou o policial de homicídios mais bem-sucedido da história da Big Apple.

A brincadeirinha tinha o objetivo de relaxá-la.

No mínimo, pareceu ter o efeito oposto.

O GPS de Gurney levou-o ao encrave de Venus Lake através de uma série de vales ribeirinhos agrários, passando longe da agitação de Long Falls.

A Lakeshore Drive formava um aro de pouco mais de 3 quilômetros ao redor de um lago que, segundo a avaliação de Gurney, teria cerca de 1,5 quilômetro de comprimento e 400 metros de largura. O aro começava e terminava num povoado de cartão-postal ao pé do lago. A casa dos Spalter – uma inflada imitação de sede de fazenda colonial – ficava numa propriedade idealizada por um paisagista, na cabeceira do lago.

Ele fez um circuito completo da estrada antes de parar diante do Empório Mercantil Killington, que – com a meticulosa rusticidade de sua fachada e vitrine com equipamento de pesca, chás ingleses e

casacos campestres de tweed – pareceu a Gurney uma representação quase tão autêntica da vida rural quanto um catálogo de velas perfumadas.

Pegou o celular e ligou para Hardwick pela terceira vez naquela manhã, e pela terceira vez foi atendido pela caixa postal. Depois ligou para o celular de Esti, também pela terceira vez, mas no último toque ela atendeu.

– Dave?

– Alguma notícia do Jack?

– Sim e não. Ele me ligou às 23h45. Não parecia muito feliz. Parece que o atirador tinha uma moto de trilha ou um quadriciclo. Jack disse que num determinado momento pôde ouvi-lo na floresta perto da estrada, mas foi o mais perto que chegou. Então, nenhum avanço nesse assunto. Acho que ele ia passar algum tempo hoje tentando encontrar os caras que testemunharam contra Kay.

– E as fotos?

– As fotos da autópsia do Gurikos?

– Bom, essas também, mas eu estava falando das fotos das câmeras de rastreamento. Está lembrada dos clarões que vimos na floresta, depois dos tiros contra a casa?

– Segundo Jack, as câmeras estavam despedaçadas. Parece que o atirador acertou algumas balas em cada uma. Quanto ao material da autópsia de Gurikos e Mary Spalter, fiz as perguntas por telefone. Talvez tenha respostas logo. Vamos cruzar os dedos.

Em seguida, Gurney ligou para o telefone fixo de sua casa.

A princípio ninguém atendeu, e a ligação caiu na secretária eletrônica. Ele estava começando a deixar uma mensagem em pânico do tipo “Cadê você?” quando Madeleine atendeu.

– Oi. Eu estava lá fora, tentando resolver a coisa da eletricidade.

– Que coisa da eletricidade?

– A gente não concordou que haveria um fio de eletricidade indo até o galinheiro?

Ele conteve um suspiro de exasperação.

– É, acho que sim. Quero dizer... não é uma coisa que a gente precise fazer agora.

– Certo... Mas a gente não deveria saber onde vai passar, para não ter problema depois?

– Olha, não posso me concentrar nisso agora. Estou em Venus Lake e vou entrevistar a filha da vítima. Preciso que você ponha nosso telefone para gravar.

– Eu sei. Você disse. É só deixar a linha aberta e ligar o gravador.

– Isso, basicamente é isso. Só que eu pensei num modo melhor de fazer.

Ela ficou em silêncio.

– Ainda está aí?

– Ainda estou aqui.

– Certo. Preciso que você faça o seguinte: me ligue exatamente daqui a dez minutos. Vou dizer alguma coisa, ignore o que eu disser, depois vou desligar. Me ligue de volta imediatamente. Vou dizer outra coisa e desligar de novo. Me ligue uma terceira vez e, não importando o que eu disser, deixe a linha aberta e ligue o gravador. Certo?

– Por que a complicação extra?

Havia uma nota de ansiedade crescente na voz dela.

– Alyssa pode presumir que eu estou gravando a entrevista com meu celular ou que estou transmitindo para outro gravador. Quero

tirar essa ideia na cabeça dela criando uma situação em que ela irá se convencer de que desliguei o aparelho completamente.

– Certo. Ligo para você daqui a dez minutos. Dez minutos a partir de agora?

– É.

Ele enfiou o telefone no bolso da camisa, pegou um pequeno gravador digital no porta-luvas do carro e prendeu num local bem visível do cinto. Depois dirigiu até a extremidade oposta do Lago Vênus – até o portão de ferro fundido, que estava aberto, e a entrada de veículos que levava à casa dos Spalter. Passou devagar pelo portão e parou onde a entrada de veículos se alargava diante de amplos degraus de granito.

A porta da frente parecia uma antiguidade proveniente de uma casa mais velha porém igualmente próspera. Na parede ao lado havia um interfone. Ele apertou o botão.

Uma voz feminina incorpórea disse:

– Entre, a porta está destrancada.

Ele olhou o relógio. Faltavam seis minutos para o telefonema de Madeleine. Abriu a porta e entrou num grande hall iluminado por uma série de candelabros antigos em cada parede. Uma passagem em arco à esquerda dava numa sala de jantar formal; outra passagem similar à direita levava a uma sala bem mobilhada, com uma lareira de tijolos envelhecidos grande o suficiente para acomodar um homem em pé. No fundo do hall, uma escada de mogno polido, com balaústres elaborados, subia até um patamar no segundo andar.

Uma jovem seminua chegou ao patamar, parou, sorriu e começou a descer a escada. Só usava duas pequenas peças de roupa, claramente destinadas a enfatizar o que supostamente escondiam: uma minicamiseta rosa que mal cobria os seios e um

short branco que não cobria quase nada. Uma sigla não explicada, FCEM, estava impressa em grandes letras pretas no tecido esticado da camiseta.

O rosto parecia mais saudável do que Gurney havia esperado para uma viciada em drogas. O cabelo louro-acinzentado que descia até os ombros estava despenteado e com aparência úmida, como se ela tivesse acabado de sair do banho. Estava descalça. Enquanto ela descia a escada, ele notou que as unhas dos pés eram pintadas de rosa-claro, combinando com a sugestão de rosa nos lábios, que eram pequenos e tinham formas delicadas, como os de uma boneca.

Quando chegou ao pé da escada ela parou, fazendo com ele o mesmo tipo de inspeção visual que ele fizera com ela.

– Olá, Dave.

A voz, como a aparência, era ao mesmo tempo vaidosa e absurdamente sedutora. Os olhos, notou ele com interesse, não eram opacos e cheios de autopiedade, como era comum nos viciados. Eram azul-celeste, límpidos, brilhantes. No entanto, o que fulgurava naqueles olhos não era a inocência da juventude. Longe disso.

Há uma coisa interessante com os olhos, pensou Gurney. *Eles contêm e refletem, mesmo com o esforço de esconder, o resumo emocional de tudo o que já viram*.

Gurney pigarreou e fez uma pergunta superficial, mas necessária:

– Você é Alyssa Spalter?

Os lábios rosa se separaram ligeiramente, mostrando uma fileira de dentes perfeitos.

– Essa é a pergunta que os policiais na TV fazem antes de prender alguém. Você quer me prender?

Seu tom era brincalhão, mas os olhos não eram.

– Esse não é o meu plano.

– Qual é o seu plano, então?

– Não tenho plano nenhum. Estou aqui porque você me chamou.

– E porque está curioso?

– Estou curioso em saber quem matou seu pai. Você disse que sabia quem tinha sido. Sabe?

– Não seja tão apressado. Venha se sentar.

Ela se virou ao pé da escada e passou pelo arco até a sala de estar, movendo-se com a graça de uma dançarina descalça. Não olhou para trás.

Ele a seguiu – pensando que nunca havia encontrado uma combinação tão notável de sexualidade exacerbada e puro cianureto.

A sala em si – com a lareira enorme, as poltronas estofadas em couro e as pinturas de paisagens inglesas – fornecia um contraste bizarro com a Lolita que em breve poderia herdá-la. Ou talvez não houvesse um contraste tão grande, afinal de contas, considerando que a casa provavelmente não era mais velha do que Alyssa e que sua aparência externa não passava de um artifício inteligente.

– Parece um pouco um museu – disse ela. – Mas o sofá é legal e macio. Adoro o toque dele nas minhas pernas. Experimente.

Antes que Gurney pudesse escolher onde se sentar – qualquer lugar que não fosse o sofá –, seu celular tocou. Ele verificou o identificador de chamadas. Era Madeleine, bem na hora. Gurney olhou para a tela com um ar de consternação, como se a pessoa que estava ligando fosse a última com quem gostaria de falar, e apertou o botão para atender.

– Sim? – Ele fez uma pausa. – Não. – Parou de novo antes de

repetir, agora com raiva: – Eu disse que não! – Em seguida apertou o botão de desligar, recolocou o telefone no bolso da camisa, olhou para Alyssa e desfez o franzido da testa. – Desculpe a interrupção. Onde estávamos?

– Estávamos prestes a ficar mais confortáveis.

Ela sentou-se numa ponta do sofá e fez um gesto convidativo para a almofada mais próxima.

Em vez disso, ele se acomodou numa poltrona, separado dela por uma mesinha de centro.

Alyssa fez um beicinho, depois perguntou:

– Quer beber alguma coisa?

Gurney balançou a cabeça em uma negativa.

– Cerveja?

– Não.

– Champanhe?

– Não, estou bem.

– Martíni? Negroni? Tequini? Margarita?

– Nada.

O beicinho de novo.

– Você não bebe?

– Às vezes. Agora, não.

– Você parece muito tenso. Precisa...

O celular dele tocou de novo. Gurney verificou o identificador, confirmou que era Madeleine. Deixou tocar mais três vezes, como se pretendesse deixar que caísse na caixa postal; então, num aparente jorro de impaciência, apertou o botão para atender.

– O que é? – Fez uma pausa. – Agora não é hora... Pelo amor de

Deus... – Fez outra pausa, parecendo cada vez mais irritado. – Olha. Por favor. Estou no meio de um compromisso. É... Não... AGORA NÃO!

Ele apertou o botão de desligar e recolocou o telefone no bolso.

Alyssa deu-lhe um sorriso maroto.

– Problemas com a namorada?

Ele não respondeu, só olhou para a mesinha de centro.

– Você precisa relaxar. É tenso demais, estou sentindo daqui. Posso fazer alguma coisa?

– Poderia ajudar se você se vestisse.

– Me vestir? Eu *estou* vestida.

– Não de modo perceptível.

Os lábios dela se separaram num sorriso lento, deliberado.

– Você é engraçado.

– Certo, Alyssa. Chega. Vamos ao ponto. Por que você queria me ver?

O sorriso foi substituído pelo beicinho.

– Não precisa ser tão brusco. Só quero ajudar.

– Como?

– Quero ajudá-lo a entender a *realidade* da situação – disse ela, séria, como se essa resposta esclarecesse tudo. Quando Gurney apenas a encarou, esperando, ela voltou ao sorriso. – Tem certeza que não quer uma bebida? Que tal um *tequila sunrise*? Eu faço um *fantástico.*

Ele levou a mão ao quadril com uma casualidade óbvia, coçou uma comichão inexistente e ligou o gravador digital fixo no cinto, desajeitadamente escondendo o estalo baixo com uma tosse alta.

O sorriso dela se alargou.

– Se você quer que eu cale a boca, queridinho, esse é o modo.

– Como assim?

– *Como assim?*

Havia um brilho de diversão fria nos olhos dela.

– Qual é o problema?

Gurney fez a melhor expressão que conseguiu de uma pessoa culpada tentando parecer inocente.

– O que é essa coisinha bonitinha no seu cinto?

Ele olhou.

– Ah, isso é... – Pigarreou. – Na verdade, é um gravador.

– Um gravador. Não diga. Posso ver?

Gurney piscou.

– Hã, claro.

Ele soltou-o e o estendeu por cima da mesinha de centro.

Ela pegou-o, examinou-o, desligou-o e colocou-o no sofá ao lado.

Gurney fez uma expressão ansiosa.

– Pode me devolver, por favor?

– Venha pegar.

Ele olhou para ela, para o gravador, de volta para ela, pigarreou outra vez.

– É uma coisa de rotina. Eu faço questão de gravar todas as reuniões que tenho. Pode ajudar muito a evitar questionamentos mais tarde com relação ao que foi dito e combinado.

– É mesmo? Uau! Por que não pensei nisso?

– Então, se não se importa, eu gostaria de gravar esta reunião também.

– É? Bom, como disse o estimado Papai Noel para o menininho ganancioso: foda-se.

Ele pareceu desconcertado.

– Por que tanto estardalhaço?

– Não é estardalhaço. Só não gosto de ser gravada.

– Achei que seria melhor para nós dois.

– Eu discordo.

Gurney deu de ombros.

– Certo. Tudo bem.

– O que você ia fazer com ele?

– Como eu disse, se houver algum questionamento mais tarde...

O celular tocou pela terceira vez. Madeleine no identificador. Ele apertou a tecla para atender.

– Meu Deus, e agora? – falou, parecendo totalmente irritado. Nos dez segundos seguintes imitou uma pessoa a ponto de perder por completo as estribeiras. – Sei... Certo... Certo... Meu Deus, será que a gente pode falar sobre isso MAIS TARDE? Certo... sim... Eu disse que SIM. – Gurney afastou o telefone do ouvido, olhou-o como se ele fosse apenas uma fonte de problemas e colocou-o de volta no bolso da camisa, ainda transmitindo. Em seguida balançou a cabeça e lançou um olhar sem graça para Alyssa. – Meu Deus.

Ela bocejou, como se não houvesse coisa mais chata no mundo do que um homem pensando em algo que não fosse ela. Depois arqueou as costas. O movimento levantou o pouco que havia da camiseta, expondo a parte de baixo dos seios.

– Talvez a gente devesse recomeçar – disse, aninhando-se de novo no canto do sofá.

– Certo. Mas eu gostaria que você me devolvesse meu gravador.

– Vou ficar com ele enquanto você estiver aqui. Você pode levá-lo quando for embora.

– Ótimo. Tudo bem. – Ele deu um suspiro de resignação. – De volta ao começo. Você estava dizendo que queria que eu entendesse a *realidade* da situação. Que realidade?

– A realidade é que você está perdendo seu tempo, tentando virar tudo de cabeça para baixo.

– É isso que você acha que estou fazendo?

– Você está tentando soltar a vagabunda, não é?

– Estou tentando descobrir quem matou seu pai.

– Quem matou? A esposa puta vaca filha da puta matou. Fim da história.

– Kay Spalter, a superatiradora de elite?

– Ela fez aulas. É verdade. Está *documentado*.

Alyssa articulou a última palavra com reverência, como se aquelas letras juntas tivessem poderes mágicos de persuasão.

Gurney deu de ombros.

– Muita gente faz aulas de tiro sem matar ninguém.

Alyssa balançou a cabeça em uma negativa – um movimento rápido, amargo.

– Você não sabe como ela é.

– Me conte.

– É uma desgraçada mentirosa, gananciosa.

– Mais alguma coisa?

– Ela se casou com meu pai por causa do dinheiro. Ponto final. Kay trepa por dinheiro. E é uma vagabunda em termos gerais. Quando meu pai finalmente percebeu isso, disse a ela que queria se

divorciar. A vaca achou que seria o fim da vida boa, por isso acabou com ele. POU! Simples.

– Então você acha que foi tudo por causa do dinheiro?

– Foi tudo para a vagaba conseguir qualquer merda que quisesse. Você sabia que ela estava comprando presentes para o Darryl, o cara da piscina, com o dinheiro do meu pai? Ela deu um brinco de diamante para ele no aniversário dele. Sabe quanto custou? Adivinhe.

Gurney esperou.

– Não. Sério. Adivinhe.

– Mil dólares?

– Mil? Quem dera! *Dez mil*, porra! Dez mil dólares da porra do dinheiro da porra do meu pai! Para a porra do cara da piscina! Sabe por quê?

Gurney esperou de novo.

– Vou dizer por quê. A desgraçada estava pagando para ele trepar com ela. Usando o cartão de crédito do meu pai. Não é nojento? E, por falar em nojento, você deveria ver quando ela se maquia... é arrepiante só de olhar, parece um papa-defunto colocando um rosto sorridente num cadáver.

Aquela fúria, aquele poço de bile e ódio, pareceu a Gurney a parte mais autêntica de Alyssa que ele vira até então. Mas mesmo com relação a isso ele não tinha certeza absoluta. Imaginou até que ponto iria seu talento para representação.

Agora ela estava sentada em silêncio, mordendo o polegar.

– Ela matou sua avó também? – perguntou ele em tom afável.

Alyssa piscou numa confusão aparente.

– Minha... *quem*?

– A mãe do seu pai.

– Que diabo você está falando?

– Há motivos para acreditar que a morte de Mary Spalter não foi um acidente.

– Que motivos?

– No dia em que ela foi encontrada morta, um indivíduo foi gravado entrando em Emmerling Oaks com uma motivação falsa. No dia em que seu pai levou o tiro, o mesmo indivíduo foi visto entrando no apartamento onde o fuzil foi encontrado.

– Isso é algum tipo de papo furado inventado pelo canalha do seu advogado?

– Sabia que, no mesmo dia em que seu pai levou o tiro, um mafioso com quem ele tinha relações foi morto? Acha que Kay fez isso também?

Gurney teve a impressão de que Alyssa estava abalada e tentando não demonstrar.

– Poderia ter feito. Por que não? Se ela foi capaz de matar o marido...

Sua voz ficou no ar.

– Ela é uma máquina de matar, hein? É melhor as presidiárias de Bedford Hills ficarem de olhos bem abertos.

Ao mesmo tempo que soltava a frase sarcástica, Gurney se lembrou do apelido que Kay havia ganhado das colegas de prisão, Viúva Negra, e se perguntou se as mulheres teriam visto nela algo que ele deixara escapar.

Alyssa não respondeu, só afundou um pouco mais no canto do sofá e cruzou os braços. Apesar da aparência muito adulta, por um instante ela pareceu uma adolescente perturbada. Mesmo quando enfim falou, foi com mais bravata raivosa do que confiança:

– Que monte de papo furado! Qualquer coisa para salvar aquela vagabunda, não é?

Gurney avaliou suas opções. Poderia deixar tudo como estava, permitindo que as coisas que havia revelado amadurecessem na mente dela, e ver o que surgia. Ou poderia pressionar, usar toda a munição nesse momento, tentar provocar uma explosão. Havia riscos consideráveis nos dois caminhos. Optou por pressionar. Esperava que seu telefone ainda estivesse transmitindo.

Inclinou-se na direção dela, apoiando os cotovelos nos joelhos.

– Escute com atenção, Alyssa. Parte disso você já sabe. Na verdade, a maior parte. Mas é melhor ouvir tudo. Só vou dizer uma vez. Kay Spalter não matou ninguém. Ela foi condenada porque Mick Klemper ferrou com a investigação. De propósito. A única questão que está em aberto na minha mente é se isso foi ideia sua ou dele. Estou achando que foi sua.

– Você é engraçado.

– Estou achando que a ideia foi sua, porque você é que tem o motivo que faz mais sentido. Com a Kay sendo condenada pela morte de Carl, todo o dinheiro iria para você. Por isso você fodeu com o Klemper, literalmente, para que ele armasse para cima dela. O problema é que Klemper fez um serviço ruim. E agora o castelo de cartas está desmoronando. O caso está cheio de lacunas enormes, problemas com provas, desvio de conduta policial. Sem dúvida a condenação de Kay vai ser revertida na apelação. Ela vai sair daqui a um mês, talvez antes disso. Assim que isso acontecer, o espólio do Carl vai para ela no mesmo instante. De modo que você trepou com o idiota do Klemper em troca de nada. Vai ser interessante ver o que acontecerá no tribunal, ver qual de vocês dois vai cumprir uma pena maior.

– *Cumprir pena?* Por quê?

– Obstrução. Perjúrio. Suborno para perjúrio. Conspiração. E

meia dúzia de outros crimes graves, com longas sentenças de prisão. Klemper vai culpar você, você vai culpar o Klemper. O júri provavelmente não vai gostar muito de nenhum dos dois.

Enquanto Gurney falava, ela dobrou os joelhos na frente do corpo e abraçou-os com força. Seus olhos pareciam focados num ponto invisível.

Depois de um longo minuto ela falou em voz baixa, calma:

– E se eu lhe disser que ele me chantageou?

Gurney se preocupou com a possibilidade de o comentário não ter saído alto o suficiente para o telefone captar.

– Chantageou você? Como? Por quê?

– Ele sabia de uma coisa sobre mim.

– O quê?

Ela deu-lhe um olhar astuto.

– Você não precisa saber.

– Certo. Ele chantageou você para fazer o quê?

– Transar com ele.

– E mentir no tribunal sobre coisas que você ouviu Kay dizer ao telefone?

Ela hesitou.

– Não. Eu ouvi mesmo aquelas coisas.

– Então você admite que fez sexo com Klemper, mas nega que cometeu perjúrio?

– Isso mesmo. Trepar com ele não foi crime. Mas ele *me obrigar* a trepar foi. De modo que, se alguém está encrencado, é ele, não eu.

– Há mais alguma coisa que você queira me contar?

– Não. – Ela baixou os pés graciosamente até o chão. – E você deveria esquecer tudo o que eu falei agora.

– Por quê?

– Pode não ser verdade.

– Por que se deu ao trabalho de me contar, então?

– Para ajudar você a entender. Sabe essa coisa que você disse, que eu vou ser condenada? Isso nunca vai acontecer.

Ela umedeceu os lábios com a ponta da língua.

– Certo. Então acho que terminamos aqui.

– A não ser que você queira mudar de ideia sobre meu *tequila sunrise*. Acredite, vale mudar de ideia sobre isso.

Gurney se levantou, apontou para o minigravador na almofada do sofá.

– Pode me devolver, por favor?

Ela pegou o aparelho e enfiou-o no bolso do short, que estava com uma costura já quase estourando. Sorriu.

– Vou mandar pelo correio. Ou... você pode tentar pegar agora.

– Fique com ele.

– Não vai nem tentar? Aposto que você conseguiria pegar.

Gurney sorriu.

– Klemper não teve nenhuma chance, não é?

Ela sorriu de volta.

– Eu disse: ele me chantageou. Me obrigou a fazer coisas que eu jamais faria por livre e espontânea vontade. Jamais. Você pode imaginar que tipo de coisas.

Gurney passou pelo outro lado da mesa de centro e saiu da sala,

abriu a porta da frente e desceu os largos degraus de pedra. Alyssa seguiu-o até a porta e fez o beicinho de novo.

– A maioria dos homens pergunta o que significa FCEM.

Ele olhou as letras grandes na frente da camiseta.

– Aposto que sim.

– Você não está curioso?

– Certo, estou curioso. O que significa FCEM?

Ela se inclinou para ele e sussurrou:

– Foda comigo e morra.

Capítulo 31

Outra viúva negra

O GTO vermelho estava parado junto à sua porta lateral, como Gurney esperava. Tinha ligado para Hardwick a caminho de casa e deixado uma mensagem dizendo que eles deveriam se encontrar quanto antes, e que se possível Esti também deveria estar presente. Sentia a necessidade de outras perspectivas com relação à entrevista com Alyssa.

Hardwick havia ligado de volta quando Gurney se aproximava de Walnut Crossing e se oferecera para ir imediatamente. Quando Gurney entrou em casa, encontrou o sujeito acomodado numa cadeira junto à mesa do café da manhã, com a porta de vidro aberta.

– Sua adorável esposa me deixou entrar quando estava saindo. Disse que ia fazer terapia com os pirados na clínica – respondeu ele à pergunta não verbalizada por Gurney.

– Duvido que ela tenha falado assim.

– Ela pode ter usado palavras mais bonitinhas. As mulheres adoram a fantasia de que os malucos podem ser desmaluquizados. Como se a única coisa de que Charlie Manson precisasse fosse um toque de carinho.

– Por falar em mulheres boas envolvidas com lunáticos, o que está acontecendo entre você e Esti?

– Difícil dizer.

– Você está levando a sério?

– Sério? É, acho que sim, o que quer que signifique “sério”. Vou dizer uma coisa. O sexo é *seriamente* bom.

– Foi isso que o convenceu a enfim comprar alguns móveis?

– As mulheres gostam de móveis. Ficam excitadas. Os ninhos emplumados lhes dão sensações boas. Os imperativos biológicos começam a se ativar. Camas, sofás, poltronas confortáveis, tapetes aconchegantes, essas merdas fazem diferença. – Ele fez uma pausa. – Ela está a caminho.

– A caminho daqui?

– Repassei o seu convite. Achei que ela já teria ligado para você.

– Não, mas que bom que ela vem. Quanto mais cabeças pensando, melhor.

Hardwick fez uma expressão cética – seu rosto de sempre –, levantou-se da mesa e foi até a porta de vidro. Olhou com curiosidade para fora durante um tempo, antes de perguntar:

– Que diabo você está aprontando ali?

– Como assim?

– Aquela pilha de madeira.

Gurney foi até a porta. Havia mesmo uma pilha de madeira que ele não tinha percebido no caminho até a casa. Sua visão fora bloqueada pelos pés de aspargo. Por um momento, ficou atarantado. Havia montes do que pareciam caibros e tábuas.

Pegou o telefone e ligou para Madeleine.

Surpreendentemente ela atendeu ao primeiro toque.

– Sim?

– Que negócio é esse atrás da casa?

Ao mesmo tempo que perguntava, ele percebeu que a resposta era óbvia e que provavelmente fora um erro ligar para ela.

– Madeira. Para o galinheiro. Entregaram hoje de manhã. As coisas que você disse que a gente iria usar primeiro.

Ele começou a se colocar na defensiva:

– Eu não disse que íamos usar hoje.

– Bom, amanhã, então? Não se preocupe. Se você estiver ocupado demais, só me oriente e eu mesma começo.

Ele se sentiu acuado, mas lembrou-se de um sábio que disse um dia que sentimentos não são fatos. Decidiu que seria prudente disfarçar a irritação.

– Certo.

– É isso? Foi por isso que você ligou?

– Foi.

– Está bem, vejo você hoje à noite. Estou indo para uma sessão.

Ele enfiou o telefone de volta no bolso.

Hardwick o espiava com olhar irônico.

– Problemas no paraíso?

– Nenhum problema.

– É mesmo? Você parecia a ponto de morder o telefone.

– Madeleine é melhor em mudar de foco do que eu.

– Quer dizer que ela quer que você se envolva numa merda para a qual você não liga a mínima?

Era um comentário, e não uma pergunta, e, como muitos comentários de Hardwick, era grosseiramente verdadeiro.

– Ouvi um carro – disse Gurney.

– Só pode ser a Esti.

– Você reconhece o som do Mini?

– Não. Mas quem diabo estaria andando nessa sua estradinha de merda?

Um minuto depois ela estava junto à lateral da casa enquanto Gurney a deixava entrar. Esti estava vestida de forma muito mais

conservadora do que na casa de Hardwick: calça preta, blusa branca e blazer preto, parecendo que vinha direto do trabalho. O cabelo havia perdido um pouco do brilho da noite anterior. Ela segurava um envelope pardo.

– Terminou o turno agora? – perguntou Gurney.

– É. Da meia-noite ao meio-dia. Foi bem cansativo depois de toda aquela loucura de ontem à noite. Mas tive que ficar no lugar de uma pessoa que me substituiu há duas semanas. Depois tive que mandar inspecionar meu carro. Bom, de qualquer modo, estou aqui.

Ela acompanhou Gurney até a cozinha, viu Hardwick de pé junto à mesa e deu-lhe um grande sorriso.

– Oi, querido.

– Ei, bonitinha, como vão as coisas?

– Bem, agora que estou vendo você inteiro. – Ela foi até ele, beijou-o no rosto e passou os dedos pelo seu braço, como a confirmar a observação. – Você está bem de verdade, certo? Não está escondendo nada de mim?

– Meu bem, eu estou cem por cento legal.

– Fico feliz em saber. – Ela deu-lhe uma piscadela charmosa. – Bom – continuou, de repente assumindo um ar profissional –, tenho algumas respostas. Estão interessados?

Gurney indicou a mesa de jantar.

– Podemos nos sentar ali.

Esti escolheu a cadeira na cabeceira. Os dois homens sentaram-se frente a frente. Ela tirou seu caderno de dentro do envelope.

– Primeiro as coisas simples. Sim, segundo a autópsia, bastante básica, os ferimentos de Mary Spalter *poderiam* ter sido infligidos intencionalmente, mas essa opinião não chegou a ser considerada a sério. As quedas, até mesmo fatais, acontecem bastante em

situações geriátricas, de modo que a explicação mais simples costuma ser aceita.

Hardwick grunhiu:

– Então não houve investigação?

– Nenhuma.

– Hora da morte? – perguntou Gurney.

– Estimada entre três e cinco da tarde. É consistente com o cara da entrega de flores no vídeo de segurança?

– Vou verificar de novo – disse Gurney –, mas acho que ele entrou no escritório de Carol Blissy por volta das três e quinze. Alguma coisa no banco de dados sobre os elementos do modus operandi?

– Por enquanto, nada.

– Nenhum relato de furgões de entrega de flores em locais de homicídios?

– Não, mas isso não quer dizer que não houve esse tipo de relato. Só que eles não foram parar nos formulários do banco de dados.

– Certo – retrucou Gurney. – Alguma coisa sobre o Gus Gordo?

– A morte aconteceu entre dez da manhã e uma da tarde. E, sim, como você disse que poderia ocorrer, a palavra “laringe” aparece nas descrições dos ferimentos na autópsia. Porém a morte não foi causada pelos pregos martelados na cabeça e no pescoço. Ele levou um tiro de uma 22 de ponta oca que penetrou no cérebro pelo olho direito.

– Interessante – comentou Gurney. – Isso sugere que os pregos não foram uma forma de tortura.

– E daí? – perguntou Hardwick. – O que você quer dizer com isso?

– Isso apoia a ideia de que os pregos eram um aviso para alguém, e não um modo de punir a vítima. A hora da morte também é interessante. No relatório original sobre o atentado contra Carl, a hora da morte é dez e vinte. O assassinato do Gurikos em sua casa perto de Utica tornaria impossível que o atirador o tivesse matado às dez, feito toda a sujeira com os pregos, se limpasse, fosse até Long Falls e se preparasse a tempo para atirar no Carl às dez e vinte. Então só pode ter acontecido ao contrário: primeiro o Carl, depois o Gus.

– Presumindo que fosse um atirador só – disse Hardwick.

– Certo. Mas essa é uma crença que deveríamos sustentar, pelo menos até que haja evidências de mais do que um. – Ele se virou para Esti. – Já conseguiu alguma coisa sobre o Gurikos?

– Meu contato na FTCCO está procurando. Ela não estava envolvida diretamente, então precisa ser discreta. Não quer fazer nada que chame a atenção do investigador original. É uma situação meio complicada.

– E o modus operandi do atentado contra o Spalter?

– Isso é outra história. Klemper não fez nenhuma busca no banco de dados nem no Centro Nacional de Informações Criminais porque já havia tomado a decisão com relação a Kay. De modo que posso pesquisar isso com mais segurança.

– Ótimo. E, Jack, você está correndo atrás das testemunhas do julgamento e de tudo o que for possível com seu amigo da Interpol?

– Estou. Por enquanto nada da Interpol. E nenhuma testemunha continua no endereço citado no dossiê do caso, o que pode não ser particularmente significativo, dada a natureza básica delas.

Esti o encarou.

– Natureza básica?

Os olhos de Hardwick se iluminaram com a expressão

presunçosa que sempre irritava Gurney.

– A natureza básica é que elas não têm qualidades notáveis. São fundamentalmente vagabundos. É um fato conhecido que os vagabundos que não têm qualidades notáveis costumam não ter endereço permanente. Só estou dizendo que a dificuldade em localizá-los pode não significar grande coisa. Mas vou insistir. Até os vagabundos precisam estar em algum local. – Ele se virou para Gurney. – Que tal nos contar sobre sua entrevista com a herdeira?

– A *suposta* herdeira, *se* Kay continuar na prisão.

– O que está ficando menos provável a cada dia que passa. Essa reviravolta nos acontecimentos deve ter provocado um efeito interessante na Srta. Alyssa, não é? Você poderia compartilhar suas impressões?

Gurney sorriu.

– Vou fazer melhor do que isso. Tenho uma gravação. Talvez não seja da melhor qualidade, mas vocês vão captar o sentido geral.

– *Foda comigo e morra?* Ela disse mesmo "Foda comigo e morra"? – Esti estava inclinada na direção do gravador enquanto terminavam de ouvir pela segunda vez a conversa em Venus Lake. – Que negócio foi esse?

– Provavelmente é o nome da banda de rock predileta dela – sugeriu Hardwick.

– Poderia ser uma ameaça – disse Esti.

– Ou um convite – observou Hardwick. – Você estava lá, Davey, meu garoto. O que lhe pareceu?

– Como todo o resto que ela disse e fez, era uma combinação de sedução de desenho animado e papo furado calculista.

Hardwick levantou uma sobrancelha.

– Parece uma criancinha má tentando chocar os adultos. A

camiseta que você descreveu faz com que ela pareça meio patética. Como se mentalmente tivesse 12 anos.

– A camiseta podia ser inofensiva – respondeu Gurney –, mas os olhos dela não eram.

Esti interveio:

– Talvez a camiseta também não fosse inofensiva. Suponha que fosse uma declaração literal de um fato.

Hardwick fez sua cara de cético.

– Que fato?

– Talvez haja mais de uma “viúva negra” nesse caso.

– Quer dizer que “Foda comigo e morra” significa na verdade “Se você foder comigo eu o mato”? É inteligente, mas não entendo. Como é que...

– Ela contou a Klemper que o pai a coagiu a fazer sexo com ele. Não temos prova, mas poderia ser verdade.

– Então você está sugerindo que Alyssa matou o pai por vingança?

– Não é impossível. E se ela pode convencer um babaca cheio de tesão feito o Klemper a deturpar a investigação para colocar Kay em cana, a “vingança” também incluiria o espólio do pai indo para ela. São dois motivos importantes: vingança e dinheiro.

Hardwick olhou para Gurney.

– O que você acha, Ás?

– Tenho certeza que Alyssa é culpada de alguma coisa. Ela pode ter “persuadido” ou chantageado Klemper para alterar as provas e garantir que Kay fosse condenada. Ou pode ter planejado tudo: o assassinato e a acusação falsa.

– Assassinato premeditado? Acha que ela é capaz disso?

– Há alguma coisa apavorante naqueles olhos azuis reluzentes. Mas tenho dificuldade para vê-la cuidando dos detalhes da execução. Outra pessoa esmagou a cabeça de Mary na lateral daquela banheira e martelou os pregos no Gus Gordo.

– Está dizendo que ela contratou um profissional?

– Estou dizendo que, se Alyssa foi a principal responsável pelos três assassinatos, ela precisaria de ajuda. Mas nada disso responde à pergunta básica que vem me atormentando desde o início: *Por que a mãe do Carl?* Realmente não faz sentido.

Hardwick tamborilava os dedos na mesa.

– Matar o Gus também não faz. A não ser que você engula a história do Donny Angel, de que Gus e Carl foram assassinados por um cara que eles queriam matar. Mas se você engolir isso, e também engolir Alyssa como a principal responsável, você fica preso à conclusão de que ela devia ser o alvo original do Carl, coisa que nunca me pareceu certa, e ainda não parece.

– Mas isso *daria* um terceiro motivo a ela – observou Esti.

Enquanto Gurney pensava mais uma vez na hipótese formulada por Angelidis, com Alyssa na posição do alvo anônimo, isso provocou uma reação nele.

– O que foi? – perguntou Esti, olhando-o com curiosidade.

– Nada muito lógico. Na verdade, absolutamente nada lógico. É só uma sensação e uma imagem.

Ele se levantou e entrou no escritório para pegar aquela foto perturbadora de Carl Spalter, no dossiê. Quando voltou, colocou-a na mesa entre Hardwick e Esti.

Hardwick olhou a fotografia, com a expressão carregada.

– Eu já vi essa aí – disse Esti. – É difícil olhar durante muito tempo.

Hardwick olhou para Gurney, que ainda estava de pé.

– Existe algum argumento que você queira levantar com isso aí?

– Como eu disse, não é nada lógico. Só uma pergunta que me ocorreu.

– Meu Deus, Davey, o suspense está me matando, porra. Fala!

– Poderia ser a expressão de um homem que está esperando para morrer, que sabe que vai morrer, como consequência de ter contratado o assassinato da própria filha?

Todos olharam para a foto.

Ninguém disse nada durante um tempo.

Finalmente Hardwick se recostou na cadeira e soltou uma das suas risadas que pareciam latidos.

– Santa Maria, mãe de Deus, não seria a porra do carma definitivo?

Capítulo 32

Outro jogador desaparecido

Hardwick sugeriu que escutassem mais uma vez a gravação feita em Venus Lake, e fizeram isso. Ele parecia especialmente interessado na parte em que Alyssa afirmava que Klemper a havia chantageado para fazer sexo com ele.

– Lindo! Adoro isso! Aquele escroto está ferrado, fodido, acabado!

Agora Gurney parecia cético.

– A gravação por si só não vai bastar. Você a ouviu: ela estava desorientada, longe de parecer uma cidadã confiável. Você precisaria de uma declaração sob juramento, citando datas, locais, detalhes, que ela provavelmente não vai fornecer. Porque é quase certo que esteja mentindo. Se alguém chantageou alguém, tenho quase certeza de que foi o contrário. Por isso ela não vai querer...

Esti interveio:

– Como assim, o contrário?

– Suponha que Alyssa tenha chantageado Klemper enquanto ele ainda realizava uma investigação objetiva do atentado original. Minha intuição diz que Alyssa poderia ter conseguido isso com bastante facilidade. Suponha que ela tenha gravado em vídeo o... encontro deles. E suponha que o preço que ela tenha exigido para manter a gravação fora das mãos da polícia do estado fosse a ajuda de Klemper para fazer com que o caso tomasse o rumo que ela desejava.

– Não *importa* como eles foram parar na cama – disse Hardwick. – Chantagem, sedução, qualquer coisa. Quem liga para quem estava chantageando quem? Trepar com uma suspeita em potencial

é trepar com uma suspeita em potencial. A carreira de Klemper vai descer pelo ralo.

Gurney se recostou.

– É um modo de ver a situação.

– E qual é o outro modo?

– É uma questão de prioridades. Por um lado, podemos pressionar Alyssa a afundar o Klemper. Por outro, podemos pressionar Klemper a afundar Alyssa.

Esti pareceu interessada.

– Você gosta mais da segunda opção, certo?

Antes que Gurney pudesse responder, Hardwick disse:

– Você acha que Alyssa é manipuladora, mas há um minuto disse que ela estava desorientada, que não parecia nem um pouco de confiança, e eu concordo. Ela ligou para você, armou o encontro, mas naquela gravação ela parece bastante errática, como se não tivesse ideia do rumo que a conversa poderia tomar, como se não tivesse um plano. Isso parece uma grande manipuladora para você?

Esti falou com um sorriso de quem sabia das coisas:

– Talvez uma manipuladora com excesso de confiança. Mas sem dúvida ela tinha um plano.

– Que plano?

– Provavelmente o mesmo que teve para Klemper. O plano dela para hoje era levar Dave para a cama, gravar tudo e fazer com que ele mudasse a abordagem ao caso.

– Dave está aposentado. A pensão está garantida. Ele não tem uma carreira a perder – observou Hardwick. – Qual é a vantagem?

– Ele é casado. – Ela olhou para Gurney. – Um vídeo de você na cama com uma garota de 19 anos poderia criar problemas, certo?

Isso não exigia resposta.

Esti continuou:

– Esse era o plano principal de Alyssa. Quando aquela coisinha doce deixa claro que está disponível, duvido que muitos homens recusem. O fato de Dave não querer entrar no jogo dela provavelmente foi uma grande surpresa. Ela não tinha nenhum plano B.

Hardwick lançou um sorriso maldoso na direção de Gurney.

– O São David aqui é cheio de surpresas. Mas diga uma coisa, Ás. Por que ela admitiu a você que fez sexo com Klemper? Por que simplesmente não negou tudo?

Gurney deu de ombros.

– Talvez mais alguém saiba disso. Ou ela *ache* que alguém sabe. Por isso admite o fato, mas mente sobre o motivo. É um ardil bastante comum. Admitir a ação externa, porém inventar um motivo que a justifique.

– Meu ex era ótimo em inventar justificativas para tudo – disse Esti a ninguém em particular. Em seguida olhou o relógio. – E qual é o próximo passo?

– Talvez uma pequena chantagem da nossa parte – sugeriu Gurney. – Dar umas chacoalhadas no Klemper e ver o que ele deixa escapar.

Isso a fez sorrir.

– Parece ótimo. Qualquer coisa que chacoalhe aquele filho da puta...

– Precisa de apoio? – perguntou Hardwick.

– Não. Klemper pode ser um escroto, mas provavelmente não vai puxar uma arma contra mim. Pelo menos não em um lugar público. Só quero explicar a situação a ele, oferecer uma ou duas opções.

Hardwick olhou com atenção para a mesa, como se os possíveis resultados da conversa entre os três estivessem listados ali.

– Preciso avisar isso ao Bincher, ver o que ele acha.

– Vá em frente – disse Gurney. – Só não o deixe achar que estou pedindo permissão.

Hardwick pegou o telefone e digitou um número. Aparentemente caiu na caixa postal. Ele fez cara de desagrado.

– Que merda! Onde diabo você está, Lex? Terceira tentativa... Me ligue de novo, pelo amor de Deus!

Ele desligou e digitou outro número.

– Abby, meu bem, onde diabo ele se meteu? Deixei recado ontem à noite, outro de manhã cedo, e outro há trinta segundos. – Ele ouviu durante alguns instantes, com a expressão mudando de frustração para perplexidade. – Bom, assim que ele voltar, precisamos conversar. Tem um monte de coisas acontecendo.

Ele escutou de novo, desta vez por mais tempo, com a preocupação começando a substituir a perplexidade.

– Você sabe mais alguma coisa sobre isso?... Foi assim, sem explicação?... Nada desde então?... Não faço ideia... A voz não era familiar para você?... Certo... Por favor, no minuto em que ele aparecer... Não, não, tenho certeza de que ele está bem... Certo... É... Bom.

Ele desligou, pôs o telefone na mesa e olhou para Gurney.

– Lex recebeu um telefonema ontem à tarde. Alguém que dizia ter informações importantes sobre o caso do assassinato de Carl Spalter. Depois do telefonema, saiu do escritório com pressa. Abby não conseguiu falar com ele desde então. O celular está desligado, o telefone de casa toca, toca e ninguém atende. Puta que pariu!

– Abby é a secretária dele?

– É. Bom, na verdade é a ex-mulher. Não sei como isso funciona, mas funciona.

– Quem ligou era homem ou mulher?

– Aí é que está: Abby falou que não sabia dizer. A princípio achou que era uma criança, depois um homem, depois uma mulher. Tinha algum tipo de sotaque estrangeiro, ela não sabia com quem diabo estava falando. Então o Lex atendeu. Uns dois minutos depois, saiu do escritório. Só disse que tinha a ver com o caso do assassinato em Long Falls, que poderia ser uma solução, que ele voltaria em algumas horas. Mas não voltou, pelo menos para o escritório.

– Merda – disse Esti. – Ela não consegue encontrá-lo em lugar nenhum?

– Só cai na caixa postal.

Ela encarou Hardwick.

– Você está tendo a sensação de que há gente de mais desaparecida?

Capítulo 33

Compromissos importantes

Como a ação é o melhor antídoto para a ansiedade e a informação é o único remédio para a incerteza, quando eles se separaram naquela tarde cada um tinha uma tarefa, junto com um sentimento de urgência proveniente dos crescentes riscos e peculiaridades do caso.

Esti pressionaria seus vários contatos para conseguir informações da FTCCO sobre Gurikos, do Centro Nacional de Informações Criminais sobre os principais atores do caso e do modus operandi, a partir do banco de dados de crimes violentos, que pudessem combinar com elementos dos assassinatos.

Gurney teria uma conversa franca com Mick Klemper sobre suas opções cada vez mais escassas, depois tentaria marcar um encontro com Jonah Spalter.

Hardwick faria uma visita à casa de Lex Bincher em Cooperstown, rastrearia as testemunhas do julgamento e pressionaria seu colega da Interpol por qualquer informação sobre Gurikos e/ou o modus operandi do assassinato de Gurikos.

Como muitos policiais, Mick Klemper tinha dois celulares, um pessoal e outro para o trabalho. Esti possuía os dois números, da época sofrida em que trabalhara com ele. Antes do fim da reunião, ela forneceu os dois a Gurney.

Agora, meia hora depois, sentado à escrivaninha do escritório, ele ligou para o número pessoal.

Klemper atendeu ao terceiro toque, mas evidentemente não antes de checar o identificador de chamadas.

– Como diabo você conseguiu esse número?

Gurney sorriu, satisfeito por conseguir a reação que esperava.

– Olá, Mick.

– Eu perguntei como você conseguiu a porra desse número.

– Está em todos os outdoors na via expressa.

– O quê?

– Não existe mais privacidade, Mick. Você deveria saber disso. Os números estão disponíveis por aí.

– De que diabo você está falando?

– Existem informações de mais flutuando por aí. Sobrecarga de informações. É assim que chamam, não é?

– O quê? Que porra é essa?

– Só estou pensando em voz alta. Pensando neste mundo traiçoeiro em que a gente vive. A pessoa pode achar que está tendo uma atividade particular e no dia seguinte vaza um vídeo na internet onde ela aparece dando uma cagada.

– É? Quer saber de uma coisa? Isso é nojento. Nojento! O que você quer?

– Precisamos conversar.

– Então fale.

– Pessoalmente seria melhor. Sem nenhuma intervenção tecnológica. A tecnologia pode ser um problema. Violar a privacidade.

Klemper hesitou – o suficiente para indicar um nível significativo de preocupação.

– Ainda não sei de que diabo você está falando.

Gurney achou que essa era uma declaração para tirar o próprio rabo da reta se a conversa estivesse sendo gravada, e não pura imbecilidade.

– Estou falando que deveríamos conversar sobre umas questões de interesse mútuo.

– Ótimo. O que quer que essa porra queira dizer. Vamos acabar com essa babaquice logo. Onde você quer se encontrar?

– Onde você preferir.

– Estou cagando e andando para o lugar.

– Que tal no Riverside Mall?

Klemper hesitou de novo, desta vez por mais tempo.

– Riverside? Quando?

– Quanto antes, melhor. As coisas estão em curso.

– Onde exatamente no Riverside?

– No corredor principal? Há um monte de bancos lá. Em geral ficam vazios.

Outra hesitação.

– Quando?

Gurney sabia, por meio de Esti, que Klemper saía de seu turno às cinco. Olhou a hora na tela do celular: 16h01.

– Que tal às cinco e meia?

– *Hoje?*

– Com certeza hoje. Amanhã pode ser tarde demais.

Uma última pausa.

– Certo. No Riverside. Às cinco e meia em ponto. É melhor fazer mais sentido lá do que está fazendo agora. Porque tudo isso está parecendo um monte de merda.

Ele desligou.

Gurney achou a bravata do sujeito encorajadora. Parecia medo.

O Riverside Mall ficava a quarenta minutos de Walnut Crossing,

o que lhe dava uns cinquenta minutos antes de sair. Isso não lhe permitia muito tempo para se preparar para um encontro que tinha o potencial de dar um empurrão dramático na investigação para a direção certa. Pegou um bloco amarelo pautado na gaveta da escrivaninha para ajudar a organizar os pensamentos.

Achou a tarefa surpreendentemente difícil. Sua mente estava inquieta, indo de uma questão não solucionada a outra. O fato de Lex Bincher não ser encontrado. A falta de contato com as três testemunhas principais. Os tiros na noite, eliminando as luzes e o telefone de Hardwick. A grotesca mutilação de Gus Gordo – um aviso de que o segredo do assassino deveria ser guardado. Mas que segredo? Seria sua identidade? Ou outra coisa?

E, claro, havia o enigma central do caso, a peça do quebra-cabeça que Gurney achava que levaria todo o resto a fazer sentido – o local contraditório do atentado. Por um lado, havia o apartamento onde estava o fuzil com silenciador e tripé e o resíduo recente de pólvora, com um perfil químico que o ligava a uma bala Swift calibre 220 e os fragmentos de metal extraídos do cérebro de Carl Spalter. Por outro lado, havia o poste de luz que tornava o tiro impossível.

Havia a possibilidade de o assassino ter usado um apartamento diferente naquele prédio para dar o tiro e depois transferido a arma para o apartamento onde ela tinha sido encontrada, disparando um segundo tiro nesse local para produzir o resíduo de pólvora. Mas essa hipótese era mais fácil na teoria do que na prática. Além disso, envolvia um risco muito grande de o atirador ser visto, por exigir que ele carregasse a desajeitada combinação de fuzil, tripé e silenciador através dos espaços públicos do prédio. E por que se dar a esse trabalho? Afinal de contas, havia vários apartamentos desocupados de onde o disparo poderia ser feito. Então por que transportar a arma? Sem dúvida, não para criar um quebra-cabeça intelectual.

Raramente os assassinos são tão brincalhões. E os assassinos profissionais nunca o são.

Esse pensamento o trouxe à questão mais imediata: Klemper. Será que Mick Cacete era o palhaço violento e cheio de tesão que seu apelido parecia sugerir? Ou será que o sujeito seria um agente mais sombrio e calculista?

Gurney esperava que o encontro no shopping levasse a alguma resposta.

Agora precisava se concentrar na gama mais ampla de possibilidades, pensar nelas detalhadamente – ângulos, objetivos. Ajeitou o bloco amarelo na mesa e pegou a caneta. Tentou obrigar os pensamentos a se encaixarem numa estrutura lógica desenhando um diagrama ramificado, começando com quatro possibilidades.

Uma colocava Alyssa como a principal responsável pelo assassinato de Carl e pela condenação de Kay.

A segunda substituía Alyssa por Jonah Spalter.

A terceira colocava um desconhecido como o assassino de Carl, com Alyssa e Klemper como conspiradores oportunistas para a condenação de Kay.

A quarta colocava Kay como culpada.

Acrescentou um segundo nível de possibilidades ramificadas sob cada uma das principais.

– Olá?

Gurney piscou.

– Olá?

Era a voz de Madeleine chamando do lado oposto da casa. Parecia que era do quartinho dos casacos.

Levando o bloco e a caneta, ele foi até a cozinha.

– Estou aqui.

Ela vinha saindo do corredor lateral, carregando seus sacos de supermercado.

– Deixei o porta-malas aberto. Será que você poderia trazer a canjica?

– Trazer o quê?

– Eu li que as galinhas adoram canjica.

Ele suspirou, depois tentou ver isso como uma bem-vinda distração momentânea de suas tarefas mais sombrias.

– E onde você quer que eu coloque?

– No quartinho dos casacos está ótimo.

Ele foi até o carro de Madeleine, tirou do porta-malas o saco de 22 quilos, lutou por alguns segundos com a porta lateral da casa, entrou e largou o saco no canto mais próximo do quartinho dos casacos – com a boa vontade se esvaindo rapidamente.

– Você trouxe um suprimento para a vida toda? – perguntou ao retornar à cozinha.

– Era o único tamanho que eles tinham. Desculpe. Você está bem?

– Ótimo. Acho que um pouco preocupado. Estou me preparando para ir me encontrar com alguém.

– Ah, isso me lembra... – Seu tom era agradavelmente tranquilo. – Você tem uma consulta amanhã de manhã com o Malcolm.

– *Malcolm Claret?*

– Isso mesmo.

– Não entendi.

– Eu liguei para ele antes de sair da clínica. Ele disse que tinha

acabado de ter uma desistência e que tinha uma vaga para amanhã às onze.

– Não... O que não entendi é *por quê.*

– Porque estou com medo por você. Nós falamos sobre isso.

– Não, quero dizer: por que *você* marcou a consulta para *mim.*

– Porque você ainda não tinha marcado, e é importante.

– Então... você simplesmente... decidiu que a escolha era sua?

– Alguém tinha que fazer alguma coisa.

Ele virou as palmas das mãos para cima num gesto de perplexidade.

– Não estou entendendo.

– O que há para *entender*?

– *Eu* não marcaria uma consulta para *você*, a não ser que você pedisse.

– Mesmo que você achasse que isso poderia salvar minha vida?

Ele hesitou.

– Você não acha isso um pouco dramático?

Ela o encarou e respondeu baixinho:

– Não, não acho.

De repente a voz dele se encheu de exasperação:

– Você acredita honestamente que uma consulta com Malcolm Claret vai *salvar minha vida*?

De modo igualmente súbito, a voz dela se encheu de uma tristeza cansada:

– Se você não quiser mesmo ir, é só desmarcar a consulta.

Se ela tivesse dito isso em qualquer outro tom, ele poderia se imaginar discutindo de maneira exaltada sobre de quem era a

responsabilidade de desmarcar uma consulta que ela havia marcado, e depois até poderia falar da pilha de madeira que ela tinha comprado para o projeto do galinheiro e de como ela havia começado a fazer coisas que depois ele tinha que terminar, e de como tudo precisava acontecer sempre segundo a programação dela.

Mas a emoção nos olhos de Madeleine provocou um curto-circuito em tudo isso.

Além do mais, ele estava começando a ter a estranha sensação de que talvez não houvesse mal em se consultar com Claret, afinal de contas.

Mas foi salvo de ter de continuar com a discussão pelo toque do celular em seu bolso. Pegou-o e viu a identificação. “Kyle Gurney” apareceu durante um segundo antes que o sinal se perdesse. Gurney ficou tentado a ligar de volta para ele, mas achou que o filho provavelmente estava em trânsito, passando por uma área fora de cobertura, e que faria mais sentido esperar um pouco.

Olhou o relógio. Era mais tarde do que havia pensado, 16h44.

Era hora de sair para o shopping. Para o encontro crucial para o qual não conseguira se preparar.

Capítulo 34

Um acordo de cavalheiros

Como sempre, o estacionamento do Riverside estava meio vazio.

Na vastidão quase deserta ao lado da loja de departamentos que ancorava uma das extremidades do shopping, um incongruente bando de gaivotas estava parado em silêncio no asfalto.

Entrando no estacionamento, Gurney diminuiu a velocidade para observar melhor. Ele avaliou a quantidade de pássaros em algo em torno de cinquenta ou sessenta. De sua perspectiva no carro, eles pareciam imóveis, todos virados na mesma direção, de costas para o sol poente.

Enquanto passava por eles até uma vaga mais próxima ao corredor principal, não pôde deixar de pensar na migração cada vez mais comum das gaivotas para os shoppings do interior – atraídas, sem dúvida, pelo que os frequentadores das lanchonetes deixavam cair. Será que aquelas aves deslocadas ficavam com as artérias entupidas como as de seus benfeitores, tornando-se sedentárias? Era algo a se pensar. Mas não nesse momento. A urgência de sua missão trouxe-o de volta à realidade. Ele trancou o carro e passou pelo arco da entrada, uma estrutura colorida com estranho ar festivo contendo no alto as palavras RIVERSIDE CENTER iluminadas e num formato curvado.

O shopping não era grande. Havia um corredor principal com alguns corredores transversais. A promessa luminosa da entrada dava lugar a um interior bastante sem graça, que parecia projetado décadas antes e com poucas reformas desde então. Na metade de um dos lados do corredor ele sentou-se num banco diante de uma

loja de esportes, com uma vitrine dedicada a roupas fluorescentes para ciclistas. Uma vendedora estava parada junto à porta, franzindo a testa para a tela de seu celular.

Ele olhou o relógio. Eram 17h33.

Esperou.

Klemper apareceu às 17h45.

O mundo policial, como a prisão, muda as pessoas após algum tempo, alimentando certas características: ceticismo, calculismo, isolamento, frieza. Esses traços podem se desenvolver para o bem ou para o mal, dependendo do caráter do indivíduo – da orientação fundamental da sua alma. Um policial pode acabar calejado, leal aos companheiros e corajoso – decidido a fazer um bom trabalho em circunstâncias difíceis. Outro pode acabar perversamente cínico, arrogante e cruel – determinado a sacanear o mundo que estava escarnecendo dele. Gurney achou que a expressão dos olhos de Mick Klemper enquanto ele se aproximava do banco o colocava nitidamente na segunda categoria.

Ele sentou-se na outra ponta do banco, a mais de 1 metro de Gurney. Não disse nada, apenas abriu uma pequena maleta no colo, inclinando a tampa para obstruir a visão do conteúdo, e começou a mexer em alguma coisa.

Gurney presumiu que fosse um sensor, provavelmente do tipo multifuncional que indicava a presença de qualquer instrumento de gravação ou transmissão.

Depois de cerca de um minuto, Klemper fechou a pasta. Fez uma rápida inspeção visual do corredor, e então falou em voz rouca, meio entre os dentes, com o olhar fixo no chão:

– Que tipo de jogo é esse?

A truculência do sujeito dava a impressão de ser um escudo para o nervosismo, e seu físico maciço parecia não passar de excesso de

bagagem, um fardo responsável pela camada de suor no rosto. Mas seria um erro chegar ao ponto de considerá-lo inofensivo.

– Você pode fazer uma coisa por mim e eu posso fazer uma coisa por você – disse Gurney.

Klemper levantou os olhos do chão com um riso fungado, como se reconhecesse um truque de interrogatório.

A jovem na porta da loja ainda estava franzindo a testa para o telefone.

– Como vai Alyssa? – perguntou Gurney em tom casual, sabendo que estava se arriscando ao dar essa cartada tão depressa.

Klemper lançou-lhe um olhar enviesado.

– O quê?

– A suspeita com quem você se envolveu de um modo que não deveria ter acontecido. – Fez uma pausa. – Ainda são amigos?

– Que palhaçada é essa?

O tom áspero do sujeito deixou claro que Gurney havia acertado num ponto nevrálgico.

– Para você é uma palhaçada bastante cara.

Klemper balançou a cabeça, como se tentasse transmitir incompreensão.

Gurney continuou:

– É incrível a quantidade de coisas que acabam sendo gravadas hoje em dia. Isso pode ser bem embaraçoso. Mas às vezes a gente dá sorte e há um modo de controlar os danos. É sobre isso que quero falar com você: controle de danos.

– Não estou entendendo.

A negativa saiu alta e clara, provavelmente levando em conta

algum equipamento de gravação que o sensor de sua pasta poderia ter deixado passar.

– Eu só queria colocar você a par da apelação de Kay Spalter. – Gurney estava falando num tom inexpressivo, casual. – Primeiro: temos provas suficientes de... vamos chamar de falhas... na investigação original que garantem uma reversão da condenação. Segundo: estamos agora diante de uma bifurcação no caminho, o que quer dizer que podemos escolher o modo como essas falhas podem ser apresentadas ao tribunal de apelações. Por exemplo, a testemunha que identificou Kay como uma pessoa presente no local do tiro pode ter sido coagida a cometer perjúrio... ou pode ter se enganado de boa fé, como costuma acontecer com testemunhas. O mafioso que disse no julgamento que Kay tentou contratá-lo como pistoleiro pode ter sido coagido... ou pode ter inventado a história sozinho, como costuma acontecer com homens na situação dele. Podem ter dito ao amante de Kay que o único modo de ele não ser tratado como suspeito principal era garantir que Kay fosse colocada nessa posição... ou ele pode ter chegado a essa conclusão sozinho. O investigador-chefe do caso poderia ter escondido provas em vídeo e ignorado outras possibilidades de inquérito por causa de um relacionamento impróprio com a filha da vítima... ou pode simplesmente ter se concentrado no suspeito errado cedo demais, como costuma acontecer com detetives.

De novo Klemper estava olhando sério para o chão.

– Tudo isso não passa de uma bobajada hipotética.

– O negócio, Mick, é que cada falha na investigação pode ser descrita em termos criminosos ou inocentes, desde que nenhuma prova definitiva daquele relacionamento caia nas mãos erradas.

– Bobajadas hipotéticas.

– Certo. Hipoteticamente, digamos que eu tivesse a prova definitiva desse relacionamento impróprio, numa forma digital muito

persuasiva. E que eu quisesse algo em troca para mantê-la guardada.

– Por que falar comigo a respeito?

– Porque é a sua carreira, a sua aposentadoria, a sua liberdade que estão na reta.

– O que diabo você está dizendo?

– Quero o vídeo de segurança da loja de produtos eletrônicos da Avenida Axton.

– Não faço ideia do que você está falando.

– Se eu recebesse esse vídeo desaparecido de algum remetente anônimo, estaria disposto a excluir do processo de apelação uma certa prova capaz de enterrar uma carreira. Também estaria disposto a adiar infinitamente meu plano de oferecer esse mesmo item ao procurador geral da polícia do estado de Nova York. Esse é o acordo hipotético. Um simples acordo de cavalheiros, baseado em confiança mútua.

Klemper riu, ou talvez tenha apenas grunhido e estremecido de forma involuntária.

– Isso é uma maluquice gigantesca. Você parece uma porra de um psicopata. – Ele olhou na direção de Gurney, mas não fez contato visual. – Bobajada fantasiosa. Tudo uma bobajada fantasiosa.

Em seguida se levantou abruptamente, sem firmeza, e foi para a saída mais próxima.

Deixou para trás um odor acre de bebida alcoólica e suor.

Capítulo 35

Um caminho misterioso

A volta de Gurney para casa foi uma viagem rumo à ansiedade. Atribuiu isso à tensão emocional que costumava acontecer depois de um encontro desse tipo.

Mas enquanto percorria o último trecho de estrada em direção ao celeiro, percebeu que poderia haver outra causa: a fragilidade de suas suposições, não apenas sobre Klemper, mas também sobre o caso como um todo. Se as falhas de Klemper se devessem a uma ilusão quanto à culpa de Kay, sua própria falha não poderia ser uma ilusão quanto à inocência dela? Será que ele e Klemper não poderiam estar igualmente cegos com relação a alguma hipótese mais complexa que envolvia Kay de um modo que não ocorrera a nenhum dos dois?

E qual era o significado de Klemper estar bebendo? Será que ele estivera bebendo antes naquele dia, quando estava de serviço? Ou será que havia comprado uma bebida para tomar alguns goles rápidos no carro, a caminho do Riverside? Qualquer uma das possibilidades sugeria um juízo terrível, uma grande tensão ou um sério problema com bebida. Qualquer uma dessas hipóteses tinha o potencial de transformar o sujeito numa peça imprevisível e até explosiva no quebra-cabeça.

A primeira coisa que notou ao dar a volta no celeiro foi que o carro de Madeleine não estava em seu lugar habitual perto da casa, o que provocou uma meia lembrança de que naquela noite aconteceria uma de suas reuniões de diretoria, embora ele não soubesse qual.

Ao entrar na cozinha, achou a ausência dela momentaneamente reconfortante – livrando-o da necessidade de decidir de imediato quanto revelar sobre o encontro com Klemper. Também significava

que ele teria um pouco de tempo sem ser perturbado, para colocar as peças emboladas de um longo dia em algum tipo de ordem.

Estava indo até o escritório para pegar um bloco e uma caneta para ajudá-lo na organização dos pensamentos quando seu celular tocou. Tirou-o do bolso e verificou o identificador. Era Kyle.

– Oi, pai. Espero não estar interrompendo nada.

– Nada que não possa esperar. O que há?

– Dei uns telefonemas perguntando sobre Jonah Spalter e a Catedral do Ciberespaço. Nenhum dos meus contatos sabia de nada. Um achou que o nome talvez fosse familiar, que algo relacionado à Catedral poderia estar acontecendo, mas não sabia nada específico. Eu já ia mandar um e-mail para você, dizendo que não tinha descoberto nada, mas aí um cara me ligou de volta. Disse que tinha checado e descoberto que um amigo havia feito uma busca de capital especulativo para Jonah Spalter, e o empreendimento era uma expansão gigantesca da Catedral.

– Que tipo de expansão?

– Ele não entrou em detalhes, só disse que iria custar muito dinheiro.

– Interessante.

– A parte *realmente* interessante é que Spalter encerrou a busca de capital no dia depois da morte do irmão. Ligou para o cara que estivera trabalhando nisso, levou-o para almoçar e interrompeu todo o processo...

Gurney interrompeu-o:

– Isso não me surpreende. Quero dizer, pelo modo como aquela corporação foi estabelecida pelo pai dos dois, a parte de Carl na Imobiliária Spalter iria direto para Jonah, totalmente separada do resto do espólio, que era coberto pelo testamento. Assim Jonah seria dono de um grande número de propriedades, que estaria livre

para vender ou hipotecar. Por isso não precisaria levantar capital especulativo para financiar qualquer expansão em que estivesse pensando.

– Você não me deixou chegar à parte interessante de verdade.

– Ah, desculpe. Diga.

– Jonah Spalter apareceu para almoçar meio bêbado, depois ficou *realmente* bêbado. E citou aquele ditado: “Deus segue caminhos misteriosos para realizar suas maravilhas.” E, segundo esse cara, Spalter ficava dizendo isso e gargalhando, como se achasse engraçado de verdade. Isso arrepiou o cara.

Gurney ficou em silêncio por um tempo, imaginando a cena.

– Você disse que a expansão da Catedral iria custar uma fortuna. Tem alguma ideia do valor?

– A busca de capital devia ser de pelo menos cinquenta milhões. O cara com quem Jonah estava lidando não poria a mão em nenhum negócio com menos do que isso.

– Ou seja – disse Gurney, principalmente para si mesmo –, os bens da Imobiliária Spalter deviam valer pelo menos isso, se Jonah decidiu cancelar a busca.

– O que você está pensando, pai? – perguntou Kyle em tom conspiratório. – Que cinquenta milhões poderiam ser um motivo bastante forte para o assassinato?

– Mais forte do que a maioria. O seu contato tinha mais alguma coisa a dizer sobre o Spalter?

– Só que ele era superinteligente e superambicioso, mas isso não é nada especial, é só a natureza da fera.

– Certo, obrigado. Ajudou muito.

– Sério?

– Sem dúvida. Quanto mais informações eu tenho, melhor meu

cérebro funciona. E eu não teria outro modo de saber sobre essa historinha reveladora. Então, obrigado mais uma vez.

– Fico feliz por ajudar. Mudando de assunto, você está planejando ir à Feira do Verão na Montanha?

– Eu? Não. Madeleine vai estar lá. Está ajudando uns amigos que têm uma fazenda em Buck Ridge. Todo ano eles levam alpacas para a feira e colocam em... não sei... eventos com alpacas, acho.

– Você não parece muito empolgado com isso.

– Pode-se dizer que não.

– Então não está impressionado com a *maior* feira agrícola do nordeste? Puxadas de trator, corridas de demolição, as melhores esculturas, algodão-doce, concursos de porcos, tosquia de ovelhas, fabricação de queijos, música country, parque de diversão, medalha para a maior abobrinha... Como pode não estar impressionado com tudo isso?

– É difícil, mas de algum modo consigo controlar o entusiasmo.

Depois de encerrar o telefonema com Kyle, Gurney ficou sentado à sua mesa durante um tempo, deixando que os poucos fatos do caso Spalter se assentassem e ponderando sobre o significado daqueles versos famosos: “Deus segue caminhos misteriosos para realizar suas maravilhas”.

Pegou a grossa pasta do caso na gaveta da escrivaninha e folheou até chegar a um índice de nomes e endereços importantes. Havia dois endereços de e-mail para “J. Spalter” – um era uma conta do Gmail e a outra era conectada ao site da Catedral do Ciberespaço. Também havia um endereço físico na Flórida, com uma anotação indicando que ele existia para servir a objetivos jurídicos e fiscais, que era o local onde o trailer de Jonah estava registrado e onde a CatCiber era incorporada, mas ele não morava de fato lá. Outra anotação na margem dizia: “Instruções dos correios

redirecionam a correspondência para uma série mutável de caixas postais.” Pelo jeito Jonah ficava na estrada a maior parte do tempo, talvez o tempo todo.

Gurney enviou uma mensagem para os dois endereços de e-mail informando que era provável que a condenação de Kay fosse ser anulada e que ele precisava urgentemente da ajuda de Jonah para avaliar algumas evidências novas.

Capítulo 36

Um assassino incomum

Naquela noite foi mais difícil do que o usual conseguir dormir.

Tentar fazer uma investigação sem o aparato com que ele podia contar no Departamento de Polícia de Nova York era uma fonte persistente de frustração. E o problema se tornara ainda maior pela perda de acesso de Hardwick aos arquivos, sistemas de informática e canais de investigação da polícia. Estar do lado de fora criava uma forte dependência do pessoal interno que se dispusesse a correr riscos. E a experiência recente de Hardwick era prova de que os riscos eram significativos.

Na situação atual, muita coisa dependia não só de Esti, cujo compromisso parecia líquido e certo, mas também da disponibilidade dos contatos dela para ser ao mesmo tempo solícitos e discretos. Da mesma forma, vários fatores dependiam dos conhecidos de Hardwick e de como eles se sentiam com relação a ele e às suas motivações. Seria pouco político pressionar qualquer um desses ajudantes, já que nenhum deles *precisava* de fato ajudar.

Era uma situação que Gurney odiava: ter que contar com a generosidade imprevisível de outras pessoas, e esperar que alguma informação fundamental chegue por meio de fontes fora de seu controle.

O telefonema aconteceu logo antes das cinco da manhã – pouco menos de duas horas depois de seus pensamentos fervilhantes perderem a força e por fim permitirem que ele mergulhasse numa sonolência exausta. Movendo-se desajeitadamente no escuro, derrubando um copo d'água vazio, provocando um murmúrio de protesto de Madeleine, ele enfim localizou o celular na mesinha de

cabeceira. Quando viu o nome de Hardwick na tela, levou o aparelho para o escritório.

– Sim?

– Talvez você esteja achando que é meio cedo para um telefonema, mas na Turquia são sete horas a mais. Lá já é meio-dia. E deve estar quente feito um cagalhão fumegante.

– Que ótima novidade, Jack. Obrigado por avisar.

– Meu contato em Ancara me acordou, aí pensei em acordar você. Achei que estava na hora de o Dave fazendeiro ir jogar um pouco de milho para as galinhas. Na verdade você já deveria ter feito isso há uma hora, seu filho da puta preguiçoso.

Gurney estava acostumado com a abordagem incomum de Hardwick às conversas profissionais, e geralmente ignorava os palavrões.

– O sujeito de Ancara é da Interpol?

– É o que ele diz.

– O que ele tinha para você?

– Algumas coisinhas. A gente aceita o que vier. Bondade do coração dele.

– O que o bom coração dele tinha para você?

– Você está com tempo agora? Tem certeza de que não precisa fazer nada por aquelas galinhas?

– As galinhas são um acréscimo adorável à vida rural, Jack. Você deveria arranjar algumas.

Entrar na onda de Hardwick tinha o estranho efeito de conduzi-lo de volta ao ponto.

– Coisinha número um: há cerca de dez anos, na Córsega, as forças do bem pegaram um figurão fora da lei pelos pentelhos,

ameaçaram-no com vinte anos numa prisão de merda e conseguiram fazê-lo mudar de lado. O trato era que, se ele fornecesse o nome de alguns colegas, as forças do bem iriam colocá-lo no sistema de proteção a testemunhas, em vez de na prisão. O plano não deu muito certo. Cerca de uma semana depois do acordo, o chefe da operação de proteção a testemunhas recebeu uma caixa pelo correio. Quer adivinhar o que havia nela?

– Depende do tamanho da caixa.

– Bem, digamos que era muito maior do que seria necessário para conter o pau do cara. Então o que você acha que era?

– É só um chute, Jack, mas eu diria que, se a caixa era grande o bastante para conter uma cabeça, provavelmente a dele estava ali. Estou certo?

O silêncio do outro lado bastou.

Gurney prosseguiu:

– E isso é só outro chute, mas eu diria que havia alguns pregos cravados na...

– Tudo bem, está certo, Sherlock. Ponto para você. Vamos passar para a história número dois. Está preparado? Não precisa dar uma mijada nem nada?

– Preparado.

– Há oito anos um membro da Duma russa, um multimilionário com muitas conexões, ex-KGB, fez uma viagem a Paris, para o enterro da mãe. Ela morava na cidade porque o terceiro marido era francês, ela adorava o lugar, queria ser enterrada lá. E adivinhe o que aconteceu?

– O cara da Duma foi apagado no cemitério?

– Ao sair pela porta da igreja ortodoxa russa que ficava ao lado do cemitério. Tiro na cabeça. No olho, para ser exato.

– Hum.

– E havia alguns outros detalhes interessantes. Quer adivinhar?

– Diga.

– O cartucho era um Swift calibre 220.

– E...?

– E ninguém ouviu de onde o tiro veio.

– Silenciador?

– Provavelmente.

Gurney sorriu.

– E bombinhas?

– Acertou na mosca, Ás.

– Mas... como a Interpol juntou esses dois casos? Que ligação eles viram?

– Não viram nenhuma ligação, e nunca juntaram os dois.

– Então o que...?

– As suas perguntas, seus termos de busca para os casos Gurikos e Spalter, levaram ao caso da máfia na Córsega e o de Paris...

– Mas o detalhe dos pregos na cabeça só levariam ao dossiê sobre o assassinato na Córsega, e o detalhe do cemitério e das bombinhas só levaria ao cara da Duma. Então o que estamos falando? Baseados apenas nesses dois fatos, poderiam ser dois atiradores diferentes, não é?

– Poderia ser, se não fosse por um detalhezinho. Os dois arquivos da Interpol continham listas de possibilidades, prováveis assassinos profissionais que a polícia local ou as agências nacionais achavam que valia a pena investigar. Quatro nomes no caso da Córsega, cinco no caso do russo em Paris. Pelo que sei, a

polícia corsa e a francesa nunca encontraram nenhum desses caras, nem mesmo para falar com eles. Mas o ponto não é esse. O ponto é que um nome aparece nas duas listas.

Gurney não falou nada. Um elo tão frouxo assim poderia não ter importância.

Como se respondesse à sua dúvida, Hardwick acrescentou:

– Sei que isso não prova nada. Mas é bom dar uma olhada mais atenta.

– Concordo. E quem é esse cara que gosta de explodir bombinhas e de martelar pregos nos olhos das pessoas?

– O único nome que aparece nas duas listas é Petros Panikos.

– Então devemos procurar um assassino de aluguel grego?

– Assassino de aluguel com certeza. Com nome grego com certeza. Mas um nome é só um nome. A Interpol diz que não há passaporte emitido por nenhum país-membro para alguém com esse nome. Portanto, parece que ele tem outros nomes. Mas eles têm um dossiê interessante sobre o cara sob o nome Panikos, que pode valer alguma coisa.

– E o *que* vale? Quanto eles sabem sobre ele?

– Boa pergunta. Meu contato disse que há muita coisa no dossiê, mas que é uma mistura: alguns fatos, algumas informações de terceiros, algumas histórias loucas do submundo que podem ser verdade ou pura baboseira.

– Você está com essa mistura fascinante na mão agora?

– O que tenho é o mínimo: o que meu colega conseguiu lembrar sem pegar o documento inteiro, o que ele disse que faria quanto antes. Aliás, talvez você não precise ir dar uma mijada, Sherlock, mas sem dúvida eu preciso. Espere aí.

A julgar pelos efeitos sonoros, Hardwick não apenas havia

levado o telefone para o banheiro como também conseguira amplificar o volume da transmissão. Às vezes Gurney ficava pasmo ao pensar que o sujeito tinha sobrevivido tanto tempo na rígida cultura da polícia do estado de Nova York. Ele apresentava um amálgama de características irritantes demais. A mente afiada e os excelentes instintos investigativos acabavam ficando ocultos por uma implacável ânsia de ofender. Sua carreira problemática na polícia fora por água abaixo, como muitos casamentos, devido a diferenças irreconciliáveis e a falta de respeito mútuo. Ele fora um iconoclasta ousado numa organização que reverencia a conformidade e o respeito pelas patentes. Agora esse temperamento formidável, porém abrasivo, estava totalmente decidido a envergonhar a organização que se divorciara dele.

Distraído por esses pensamentos, Gurney pegou-se olhando pela janela lateral do escritório enquanto as primeiras luzes cinzentas do alvorecer delineavam a crista da cordilheira distante. Os últimos efeitos sonoros que vinham do telefone sugeriam que Hardwick havia saído do banheiro e estava folheando uma pilha de papéis.

Gurney apertou o botão do viva voz em seu telefone, colocou-o na mesa e se recostou na cadeira. Suas pálpebras estavam pesadas pela falta de sono, e ele deixou que elas se fechassem agradavelmente. O cérebro entrou em queda livre e por alguns segundos ele sentiu-se abençoadamente relaxado, quase anestesiado. O breve intervalo terminou com a voz de Hardwick, tornada mais áspera pelo alto-falante barato do telefone:

– Voltei! Nada como uma boa mijada pra clarear a mente e libertar a alma. E aí, Ás, ainda está entre os vivos?

– Acho que sim.

– Certo, aqui vai o que ele me informou: Petros Panikos, também conhecido como Peter Pan, como o Mágico e por outros nomes que

não sabemos. Deve ter pelo menos um passaporte num nome diferente de Panikos. Ele circula por aí. Nunca foi preso, nunca foi detido, pelo menos com o nome de Panikos. Resumindo, é um agente livre, e estranho. Tem porte de arma, pode viajar por um preço: mais de cem mil por morte, mais despesas. Só é possível encontrá-lo por meio de um pequeno número de pessoas que sabem de seu paradeiro.

– Um mínimo de cem mil definitivamente o coloca no topo da pirâmide no mundo dos pistoleiros.

– Bom, o sujeitinho é uma espécie de celebridade nesse universo. Além disso...

Gurney interrompeu:

– *Sujeitinho*? Ele é pequeno?

– Parece que mede 1,57. No máximo 1,60.

– Como o cara de entregas da Flores de Florence no vídeo do Emmerling Oaks?

– É, como ele.

– Certo. Continue.

– Prefere balas calibre 22 em todos os tipos e tamanhos de cartucho. Mas usa qualquer coisa que sirva para o serviço, qualquer coisa, desde uma faca até uma bomba. Na verdade ele gosta muito de bombas. Deve ter conexões com traficantes russos de armas e explosivos. Pode ter ligação com a máfia russa no Brooklyn. Pode ter se envolvido numa série de explosões de carros que apagaram um promotor e o pessoal dele na Sérvia. São muitas possibilidades. Por sinal, sabe aquelas balas na lateral da minha casa? Eram calibre 35, uma escolha muito melhor para cortar fios do que o 22. Portanto acho que ele é realmente flexível, presumindo que estejamos lidando com o cara. A Interpol acha que Panikos, ou qualquer que seja o nome dele, pode ter se envolvido em mais de

cinquenta assassinatos nos últimos dez ou quinze anos. Mas isso é baseado em boatos do submundo, conversas em prisões, merdas assim.

– Algo mais?

– Estou esperando para saber. Parece haver coisas estranhas no passado dele. Ele pode ter vindo de alguma família de circo de aberrações, depois aconteceu alguma coisa feia num orfanato no Leste Europeu, tudo boato, mas... veremos. Meu colega precisou encerrar a ligação, tinha alguma coisa urgente para resolver. Nesse meio-tempo vou à casa do Bincher, em Cooperstown. É provável que seja uma completa perda de tempo, mas o babaca não está atendendo aos meus telefonemas nem aos de Abby, e ele tem de estar em algum lugar. Falo com você quando chegarem os dados de Ancara. *Se* chegarem.

– Uma última pergunta, Jack. “O Mágico”. Por que isso?

– Simples. O escrotinho gosta de se mostrar, provar que é capaz de fazer o impossível. Provavelmente ele mesmo inventou o apelido. É o tipo de oponente psicopata que você adora, não é, Sherlock?

Hardwick não se despediu, o que não foi nenhuma surpresa; apenas desligou.

Ter mais informações, na opinião de Gurney, era sempre bom, em termos objetivos. Mas informações de mais também podiam acabar desorientando-o. Nesse momento ele tinha a sensação de que, quanto mais descobria, mais complexo ficava o quebra-cabeça.

Aparentemente Carl Spalter fora vítima não apenas de um matador profissional, mas também de um matador incomum – e um investimento incomum fora feito para garantir o resultado. No entanto, considerando o que estava em jogo para as três pessoas mais próximas a ele – a mulher, a filha, o irmão –, o pagamento ao matador seria um investimento razoável para qualquer um deles. À primeira vista, Jonah pareceria ter mais acesso a essa quantidade

de dinheiro, mas Kay e Alyssa podiam ter seus próprios recursos escondidos, ou aliados dispostos a investir em troca de um vantajoso retorno. Então lhe ocorreu outra possibilidade: a de que *mais de um* deles estivesse envolvido. Por que não os três? Ou todos os três e Mick Klemper?

O som dos chinelos de Madeleine vindo na direção da porta do escritório tirou Gurney de suas especulações e o fez focar no ambiente ao redor.

– Bom dia – disse ela em voz sonolenta. – Acordou a que horas?

– Às cinco.

Ela esfregou os olhos e bocejou.

– Quer café?

– Quero. Por que *você* se levantou?

– Turno cedo na clínica. Na verdade parece desnecessário. De manhã cedo tudo parece morto por lá.

– Meu Deus, mal amanheceu. A que horas eles abrem?

– Só às oito, mas não vou direto para lá. Quero ter tempo para deixar as galinhas saírem um pouco antes de eu ir. Adoro olhar para elas. Já notou que elas fazem tudo juntas?

– Tipo o quê?

– Tudo. Se uma se afasta um pouquinho para bicar alguma coisa no capim, assim que as outras notam, todas correm para se juntar a ela. E Horace fica de olho nas três. Se uma se afasta um pouco mais ele começa a cantar. Ou vai até lá e tenta trazê-la de volta. Horace é o guarda. Sempre alerta. Enquanto todas as galinhas estão de cabeça baixa, bicando, ele fica olhando em volta. É o trabalho dele.

Gurney pensou nisso por um momento.

– É interessante a variedade de estratégias de sobrevivência a

que a evolução chega. Parece que o gene que propicia o alto nível de vigilância no galo produz um comportamento que resulta numa taxa maior de sobrevivência das galinhas, o que por sua vez faz com que o galo que tem esse gene cruze com mais galinhas, o que por sua vez propaga o gene mais amplamente em gerações sucessivas.

– Sei – disse Madeleine, bocejando de novo e indo para a cozinha.

Capítulo 37

Desejo de morte

De certa forma acreditando que acabaria desmarcando a consulta com Malcolm Claret, Gurney ficou adiando o telefonema, até que chegou a hora – 8h15 – em que foi obrigado a tomar uma decisão: partir na longa viagem até sua consulta às onze horas ou pegar o telefone e avisar que não iria.

Por motivos que não eram totalmente claros para ele, decidiu no último instante manter o combinado.

O dia estava começando a esquentar, com uma promessa de calor e umidade típicos de agosto. Ele tirou a camisa de trabalho de mangas compridas que estivera usando em casa por causa do frio matinal na montanha, vestiu uma camisa polo leve e uma calça de sarja, barbeou-se, penteou o cabelo, pegou as chaves do carro e a carteira e, apenas dez minutos depois de se decidir, estava a caminho.

O consultório de Claret ficava na casa dele em City Island, um pequeno apêndice do Bronx no Estreito de Long Island. A viagem de Walnut Crossing até o Bronx, o bairro mais ao norte da cidade de Nova York, levava cerca de duas horas e meia. De lá, ir a City Island implicava atravessar o bairro inteiro de oeste a leste – uma viagem que Gurney jamais conseguira fazer sem sentir os resíduos emocionais negativos de sua infância ali.

O Bronx tinha ficado em sua mente como um lugar onde a imundície quase não tinha qualquer charme ou encanto que a redimisse. A desiludida topografia urbana era totalmente desprovida de inspiração. Em seu antigo bairro, as vidas assalariadas mais precárias e as mais bem-sucedidas não ficavam muito distantes. O espectro da prosperidade era bastante estreito.

O bairro em que Gurney fora criado não era de modo algum uma favela, mas essa ausência do aspecto negativo era o mais positivo que o lugar alcançava. O pouco orgulho cívico que existia era resultado de a população ter conseguido manter a distância as minorias indesejáveis. O status quo precário mas seguro era conservado com tenacidade.

Na mistura de pequenos prédios residenciais, casas compartilhadas por mais de uma família e lares particulares modestos – apinhados sem qualquer senso de ordem –, havia apenas duas casas das quais ele se lembrava com nitidez em meio à multiplicidade sem graça, apenas duas que pareciam agradáveis ou convidativas. O dono de uma delas era um médico católico e o da outra um papa-defuntos católico. Os dois eram bem-sucedidos. Era um bairro predominantemente católico, um lugar onde a religião ainda importava – como emblema de respeitabilidade, estrutura de aliança e critério para escolher fornecedores de serviços profissionais.

Esse modo restrito de pensar, de sentir, de tomar decisões, parecia brotar do próprio ambiente tenso, apinhado, sem cor – e havia criado em Gurney uma poderosa ânsia de escapar. Era uma urgência que ele passara a sentir assim que teve idade para perceber que o Bronx e o mundo não eram sinônimos.

Escapar. A palavra trouxe de volta uma imagem, uma sensação, uma emoção do início da adolescência. A rara alegria que ele sentia pedalando o mais rápido possível em sua bicicleta inglesa de dez marchas, com o vento no rosto, o sibilar fraco dos pneus no asfalto – o sutil sentimento de liberdade.

E agora ele estava de volta, atravessando o Bronx para se consultar com Malcolm Claret.

Tinha se deixado convencer. Curiosamente, suas duas

experiências anteriores com o sujeito haviam acontecido de modo semelhante.

Quando tinha 24 anos e seu primeiro casamento estava se deteriorando, na época em que Kyle ainda era um bebê, sua esposa sugerira que os dois se consultassem com um terapeuta. Não era para salvar o casamento. Ela já havia desistido disso ao ver que ele decidira permanecer na insignificante carreira policial que ela considerava um terrível desperdício de sua inteligência e – talvez mais objetivamente, suspeitava Gurney – um desperdício de seu potencial para ganhar mais dinheiro em outra área. Não, o objetivo da terapia, segundo o ponto de vista de Karen, era facilitar a separação, tornar o processo mais administrável. E, de certa forma, foi o que acontecera. Claret havia se mostrado uma influência racional, inteligente e calmante na dissolução de um casamento que já nascera fadado ao fracasso.

O segundo contato de Gurney com o sujeito aconteceu seis anos depois, após a morte de Danny, seu filho com Madeleine, aos 4 anos. Sua reação a esse acontecimento terrível nos meses seguintes – às vezes uma agonia silenciosa, às vezes um entorpecimento, jamais a verbalização de sua dor – levou Madeleine, cujo terrível sofrimento fora expressado mais abertamente, a convencê-lo a fazer terapia.

Sem esperança nem resistência, ele concordara em ver Claret, e se consultara três vezes com ele. Não sentiu que os encontros estivessem resolvendo alguma coisa, e depois do terceiro parou de ir. Mas algumas observações feitas pelo homem permaneceram com ele no correr dos anos. Uma das coisas que Gurney apreciava no sujeito era que ele respondia às perguntas, falava de forma franca o que pensava, não fazia jogos de terapia. Não pertencia àquela tribo enlouquecedora de clínicos cuja resposta predileta ao problema de um cliente é: “Como você se sente em relação a isso?”

Agora, enquanto atravessava a pequena ponte que levava ao

mundo separado de City Island, com suas marinas, docas secas e restaurantes de frutos do mar, pensando em Claret e imaginando como os anos que passaram teriam mudado a aparência dele, uma lembrança enterrada havia muito tempo retornou vividamente.

A lembrança era de ter caminhado por aquela mesma ponte com seu pai numa tarde de sábado, muito tempo antes – na verdade, mais de quarenta anos. Havia homens parados junto ao parapeito da ponte a alguma distância entre si, ao longo da passagem de pedestres, jogando anzóis na corrente – homens sem camisa, bronzeados e suados. Podia ouvir as carretilhas zumbindo enquanto as linhas voavam, grandes anzóis com iscas e pesos levando-as em longos arcos por cima da água. O sol brilhava em alguns pontos – na água, nas carretilhas de aço inoxidável, nos para-choques cromados dos carros que passavam. Os homens estavam sérios, atentos à própria atividade, ajustando as varas e as linhas, olhando as correntes. Para Gurney, eram como criaturas de outro mundo, absolutamente misteriosas e fora do alcance. Seu pai jamais ficava sem camisa ou se bronzeava, jamais se postava numa fileira com outros homens, jamais participava de qualquer atividade em grupo. Não era um homem de vida ao ar livre, nesse sentido; sem dúvida não um pescador.

Ainda que Gurney não pudesse ter articulado isso aos 6 ou 7 anos de idade durante um daqueles passeios de 5 quilômetros aos sábados, desde o apartamento no Bronx até a ponte de City Island, o problema era que ele não sentia que o pai fosse *alguma coisa.* Mesmo naqueles passeios em dupla, o homem era um enigma – quieto, cheio de segredos, sem interesses explícitos –, uma pessoa que jamais falava do passado nem revelava qualquer interesse pelo futuro.

Ao parar na sombreada rua transversal diante da casa antiga de madeira de Malcolm Claret, Gurney se sentiu da mesma forma que

sempre se sentia quando pensava no pai – vazio e solitário. Tentou afastar essa sensação enquanto se aproximava da porta.

Naturalmente, esperava que Claret parecesse mais velho, talvez um pouco mais grisalho ou careca, do que a imagem desatualizada em quase duas décadas que ele levava na memória. Mas não estava preparado para o físico mirrado – diminuído no tamanho, na largura e no peso – do sujeito que o recebeu no saguão sem móveis. A princípio só os olhos pareciam os mesmos – olhos de um azul suave com um ar tranquilo. E o sorriso gentil também era o mesmo. Na verdade, pelo menos esses dois elementos definidores da presença sensata e pacífica de Claret pareciam ter ficado mais nítidos com o passar do tempo.

– Entre, David – disse o sujeito frágil, indicando o mesmo consultório que Gurney visitara anos antes, um espaço que dava a impressão de já ter sido, junto com o saguão, um solário fechado.

Gurney entrou e olhou ao redor, pasmo com a familiaridade instantânea da sala pequena. A poltrona de couro marrom de Claret, mostrando menos sinais de envelhecimento do que o próprio dono, estava na mesma posição que Gurney recordava, de frente para duas poltronas menores, ambas parecendo ter sido reformadas ao longo do tempo. Uma mesa baixa ficava no centro do triângulo formado pelas poltronas.

Sentaram-se nos mesmos lugares em que haviam se acomodado nas conversas depois da morte de Danny, Claret com dificuldade evidente.

– Vamos ao ponto – começou ele, em sua voz direta mas suave, deixando de lado qualquer preâmbulo ou amenidade. – Vou lhe dizer o que Madeleine me contou, e aí você me fala se acha que é verdade. Está bem assim?

– Claro.

– Ela disse que em três ocasiões nos últimos dois anos você se

colocou em situações em que poderia facilmente ter sido morto. Fez isso em plena consciência. Nas três vezes, acabou tendo uma arma apontada para você. Numa delas, levou vários tiros e ficou em coma. Madeleine acha que é provável que você tenha assumido esses riscos muitas vezes antes, mas guardou segredo sobre isso. Ela sabe que o trabalho policial é perigoso, mas acha que, por motivos que ela desconhece, você gosta do perigo.

Ele fez uma pausa, talvez para observar a reação de Gurney, talvez para esperar alguma resposta.

Gurney olhou para a mesa baixa entre os dois, que tinha várias marcas de arranhões, sugerindo que os clientes costumavam usá-la como apoio para os pés.

– Mais alguma coisa?

– Ela não disse, mas pareceu confusa e aterrorizada.

– Aterrorizada?

– Ela acha que você quer ser morto.

Gurney balançou a cabeça em uma negativa.

– Em todas as situações que ela citou, eu fiz todo o possível para permanecer vivo. Eu *estou* vivo. Esta não é uma prova evidente de um desejo de sobreviver?

Os olhos azuis de Claret pareciam enxergar através dele.

Gurney continuou:

– Em toda situação perigosa eu faço todos os esforços...

Claret interrompeu, quase num sussurro:

– Depois que já entrou nela.

– O que disse?

– Depois que você está na situação, depois de ser totalmente exposto ao perigo, aí você tenta permanecer vivo.

– O que você quer dizer?

Claret não respondeu por um longo tempo. Seu tom, quando enfim falou, foi afável e calmo:

– Você ainda se sente responsável pela morte do Danny?

– *O quê?* O que isso tem a ver?

– A culpa tem um poder enorme.

– Mas eu não sou... não sou culpado da morte dele. Danny foi para a rua. Ele estava perseguindo uma porcaria de um pombo e saiu da calçada para a rua. Foi morto por um motorista que fugiu, um bêbado num carro esporte vermelho. Um bêbado que tinha acabado de sair de um bar. Não sou culpado da morte dele.

– Não da morte. Mas de alguma coisa. Você pode dizer do quê?

Gurney respirou fundo, olhando os arranhões na mesa. Fechou os olhos, depois abriu-os e obrigou-se a olhar para Claret.

– Eu deveria estar prestando mais atenção. Com uma criança de 4 anos... Deveria ter prestado mais atenção. Não notei para onde ele estava indo. Quando percebi...

Sua voz ficou no ar, e seu olhar baixou de novo para o tampo da mesa. Depois de um tempo ele ergueu os olhos.

– Madeleine insistiu que eu viesse vê-lo, por isso estou aqui. Mas não entendo realmente por quê.

– Você sabe o que é a culpa?

Alguma coisa na configuração psicológica de Gurney gostou da pergunta, ou pelo menos da oportunidade de escapar para uma abstração.

– A culpa como um *fato* seria a responsabilidade pessoal por ter feito algo errado. A culpa como *sentimento* seria a sensação desconfortável de ter feito algo que não deveria.

– Essa sensação desconfortável... o que exatamente você acha que é?

– Uma consciência perturbada.

– Essa é uma expressão possível, mas não explica o que é de fato.

– Certo, Malcolm, me diga, então.

– A culpa é uma poderosa ânsia por harmonia, uma necessidade de compensar nossa violação, de restaurar o equilíbrio, a coerência.

– Que coerência?

– Entre crenças e comportamento. Quando minhas ações são incoerentes em relação a meus valores, eu crio uma lacuna, uma fonte de tensão. Consciente ou inconscientemente, nós buscamos preencher essa lacuna. Buscamos a paz de espírito que o preenchimento do vazio, a compensação pela violação, irá proporcionar.

Gurney se remexeu na poltrona, sentindo um jorro de impaciência.

– Olha, Malcolm, se você quer dizer que eu estou tentando ser morto para compensar a morte do meu filho, por que não deixei isso acontecer? Para um policial é facílimo ser morto. Mas, como eu disse antes, aqui estou. Bem vivo. Como alguém com um sério desejo de morte consegue estar com uma saúde tão boa? Quero dizer, isso é puro absurdo!

– Concordo.

– Concorda?

– Você não matou o Danny. Por isso, ser morto não seria um objetivo racional. – Um sorriso sutil, quase brincalhão, apareceu. – E você é um homem muito racional, não é, David?

– Não estou entendendo.

– Você disse que seu erro foi a falta de atenção, que você o deixou ir para a rua, onde ele foi atropelado por um carro. Escute o que vou falar e diga se isso descreve a situação de modo exato. – Claret fez uma pausa antes de continuar, de forma lenta e deliberada: – Sem ninguém para protegê-lo, Danny ficou ali, à mercê de um universo cego e indiferente. O destino jogou a moeda, um motorista bêbado apareceu e Danny perdeu.

Gurney ouviu as palavras que o sujeito falava, percebeu a verdade que elas continham, mas não sentiu nada. Era como um facho de luz passando por um vidro inquebrável.

O resto do que Claret disse fluiu de modo igualmente direto:

– Segundo seu ponto de vista, a sua distração, seu foco nos próprios pensamentos, colocou seu filho à mercê do instante, à mercê do destino. Esse foi o seu erro, segundo o que você acredita. E de vez em quando surge uma situação em que você vê uma oportunidade de se colocar no mesmo perigo que o colocou. Você acha que é justo fazer isso, é justo se expor à casualidade da moeda sendo lançada, é justo tratar a si mesmo de modo tão descuidado quanto o tratou. Esse é o seu modo de buscar o equilíbrio, a justiça, a paz de espírito. É a sua busca de harmonia.

Ficaram sentados por um tempo em silêncio – a mente de Gurney vazia, os sentimentos entorpecidos. Então Claret sacudiu-o com uma última reviravolta:

– Claro, sua abordagem não passa de uma ilusão autocentrada.

Gurney piscou.

– Como assim, uma ilusão?

– Você está ignorando tudo o que importa.

– Como o quê?

Claret começou a responder, depois parou, fechou os olhos e

respirou longamente, devagar. Quando pousou as mãos com cuidado nos joelhos, a fragilidade chocante delas ficou óbvia.

– Malcolm?

O sujeito subiu as mãos alguns centímetros, num gesto que parecia destinado a afastar qualquer preocupação. Cerca de um minuto depois, abriu os olhos. Sua voz era pouco mais que um sussurro.

– Desculpe. Minha medicação está longe de ser perfeita.

– O que você tem? O que...

– Um câncer avançado.

– Tratável?

Claret riu baixinho.

– Em teoria, sim. Na realidade, não.

Gurney ficou em silêncio.

– E é na realidade que a gente vive. Até morrer.

– Você sente dor?

– Eu chamaria de desconforto periódico. – Ele pareceu achar divertido. – Você está se perguntando quanto tempo tenho de vida. A resposta é um mês, talvez dois. Vamos ter que esperar para ver.

Gurney tentou dizer algo apropriado:

– Meu Deus, Malcolm. Sinto muito.

– Obrigado. Agora, já que nosso tempo é limitado, tanto o seu quanto o meu, vamos falar sobre o lugar onde vivemos. Ou deveríamos viver.

– Como assim?

– A realidade. O lugar onde precisamos existir para permanecer vivos. Me diga uma coisa sobre o Danny: você tinha algum apelido especial para ele?

Gurney ficou momentaneamente pasmo com a pergunta.

– Como assim, um apelido especial?

– Algo diferente de Danny. Talvez um nome pelo qual você o chamava quando o estava colocando na cama, ou segurando-o no colo?

Gurney já ia dizer que não quando algo lhe veio, algo em que ele não pensava havia anos. A lembrança encheu-o de tristeza. Ele pigarreou.

– Meu ursinho.

– Por que você o chamava assim?

– Havia uma expressão nele... principalmente se estava triste com alguma coisa... uma expressão que, por algum motivo, me fazia pensar num ursinho. Não sei bem por quê.

– E você o abraçava?

– É.

– Porque o amava.

– É.

– E ele amava você.

– Acho que sim. É.

– Você queria que ele morresse?

– Claro que não.

– Ele quereria que você morresse?

– Não.

– Madeleine quer que você morra?

– Não.

– Kyle quer que você morra?

– Não.

Claret fitou os olhos de Gurney, como se avaliasse a compreensão dele, antes de continuar:

– Todo mundo que ama você quer que você viva.

– Acho que sim.

– Então essa sua necessidade obsessiva de expiação pela morte do Danny, de enfrentar a culpa expondo-se ao risco de ser morto... é terrivelmente egoísta, não é?

– É?

A voz de Gurney parecia desprovida de vida para ele próprio, de certa forma desconectada, como se viesse de outra pessoa.

– Você é o único para quem isso parece fazer algum sentido.

– A morte de Danny foi minha culpa.

– E culpa do motorista bêbado que o atropelou. E culpa dele próprio por ter saído da calçada para a rua, coisa que você provavelmente o alertou uma centena de vezes para não fazer. E culpa do pombo que ele estava perseguindo. E culpa de qualquer Deus que tenha criado o pombo, a rua, o bêbado, o carro e cada evento passado que juntou tudo isso naquele momento infeliz. Quem é você para imaginar que *você* fez tudo aquilo acontecer?

Claret fez uma pausa, como se quisesse recobrar o fôlego, juntar as forças, depois falou em voz mais alta:

– Sua arrogância é ultrajante. Sua desconsideração pelas pessoas que o amam é ultrajante. David, escute. Você não deve causar dor às pessoas que o amam. Se seu grande pecado foi a incapacidade de prestar atenção, então preste atenção *agora*. Você tem uma esposa. Que direito você tem de arriscar a vida do marido dela? Você tem um filho. Que direito você tem de arriscar a vida do pai dele?

A energia emocional despendida nesse discurso pareceu exauri-

lo.

Gurney ficou imóvel, sem fala, apenas esperando. A sala pareceu muito pequena. Sentiu um leve zumbido nos ouvidos.

Claret sorriu e disse, agora com a voz mais suave, cuja delicadeza de algum modo revelava uma convicção maior, a de quem está morrendo:

– Escute, David: na vida não há nada mais importante que o amor. Nada.

Capítulo 38

Uma atração pelo fogo

Gurney não tinha lembrança clara de ter saído de City Island, de fazer o caminho de volta pelo Bronx nem de atravessar a ponte George Washington. Só quando estava indo para o norte, pela Palisades Parkway, recuperou uma sensação de normalidade. Junto com esse sentimento veio a descoberta de que não tinha gasolina suficiente para retornar a Walnut Crossing.

Vinte minutos depois, estava sentado no estacionamento de um grande posto de gasolina com uma praça de alimentação. Abasteceu o carro e depois comeu dois pãezinhos com um café grande, que o fizeram sentir que estava restabelecendo contato com a vida cotidiana. Em seguida, pegou o celular – que havia desligado para a consulta com Claret – e verificou as mensagens na caixa postal.

Havia quatro. Na primeira, originada de um número desconhecido, a voz era de Klemper – mais rouca e engrolada do que no dia anterior. “Sobre a nossa conversa no Rivermall... Riverside... verifique sua caixa de correspondência. Lembre-se do que você disse. Não me sacaneie. As pessoas que me sacaneiam... não é boa ideia. Não me sacaneie. Um trato é um trato é um trato. Lembre-se disso. Não esqueça, porra. Cheque sua caixa de correspondência.”

Gurney se perguntou se o sujeito estaria mesmo tão bêbado quanto parecia. Mais importante, perguntou-se se o item deixado para ele seria mesmo o vídeo de segurança que pedira. Não conseguiu evitar a lembrança da vez em que colocaram uma cobra na sua caixa de correspondência. Além disso, era um lugar natural para uma bomba. Mas isso parecia um pouco de exagero.

A mensagem também o lembrou de que precisava colocar

Hardwick e Esti a par do encontro no Riverside e do “trato” ao qual Klemper se referia.

Passou para a segunda mensagem, que era de Hardwick. “E aí, Sherlock? Acabei de falar com o sujeito de Ancara pelo telefone. Parece que o homenzinho que apagou nossas luzes com um tiro é uma tremenda figura. Me ligue de volta.”

A terceira mensagem também era de Hardwick, mais agitado. “Onde diabo você se meteu, Sherlock? Estou perto de Cooperstown, indo para a casa do Bincher. Ainda não tive notícias dele. Estou com uma sensação ruim. E precisamos falar sobre nosso atirador maluco. E quero dizer maluco mesmo. Me ligue, pelo amor de Deus.”

A quarta mensagem era de um Hardwick mais sério, mais raivoso: “Gurney, onde quer que você esteja, atenda à porra do telefone. Estou na casa do Lex Bincher. Ou no que era a casa dele. Foi incendiada ontem à noite. Junto com as casas dos vizinhos. Três casas, porra. Até a porra dos alicerces. Foi um incêndio grande, rápido... começou na casa do Lex... aparentemente foram usados dispositivos incendiários... mais de um. Me liga! Agora!”

Gurney decidiu ligar primeiro para Madeleine. A ligação caiu na caixa postal e ele deixou um recado: “Faça-me o favor de não abrir a caixa de correio hoje. Tenho quase certeza de que não há nenhum problema, mas recebi um telefonema meio agitado do Klemper, e prefiro abrir eu mesmo. Só por precaução. Explico mais tarde. Estou na parada de Sloatsburg. Amo você. Nos vemos daqui a duas horas.”

Pensando no que tinha dito, ele desejou ter falado de modo diferente. Era agourento demais, obscuro demais. Precisava de contexto, explicação. Sentiu-se tentado a ligar de volta e deixar uma mensagem mais longa, mas teve medo de piorar a situação.

Ligou para o número de Hardwick e foi atendido pela caixa

postal. Deixou um recado dizendo que estava indo para Walnut Crossing. Perguntou se houvera alguma morte no incêndio em Cooperstown ou se havia algum sinal do Bincher. E, com relação ao atirador *maluco*, o que ele havia descoberto? Desligou, certificando-se de que o aparelho continuava ligado, e voltou à praça de alimentação para outro café.

Só quando Gurney estava nas montanhas em Barleyville Hardwick enfim ligou de volta.

– Temos uma merda muito séria acontecendo aqui, Ás. Três casas grandes, três grandes pilhas de cinzas. A casa do Lex e uma de cada lado. Seis mortos, nenhum deles o Bincher. Dois corpos na casa da esquerda, quatro na da direita, inclusive duas crianças. Todos presos nos incêndios. Os caras que estão no local dizem que aconteceu depois da meia-noite e se alastrou muito rápido. O cara da unidade de incêndios criminosos está dizendo que provavelmente foram pequenos dispositivos incendiários, quatro, um em cada canto da casa do Bincher. O incendiário não fez qualquer esforço para parecer que não tinha sido uma ação de caso pensado.

– E as outras duas casas foram apenas danos colaterais? Tem certeza?

– Não tenho *certeza* de nada. Estou fora do cordão de isolamento, no meio dos curiosos, só captando o que os policiais locais contam aos amigos. Mas o que dizem é que os testes de cromatografia deram positivo para substâncias químicas incendiárias na casa do Bincher, e não nas outras.

– Mas a casa dele estava vazia? Quero dizer, não havia nenhum corpo nela?

– Até agora, não encontraram nenhum. Mas estou vendo os peritos ainda se arrastando nas cinzas molhadas, uma multidão. Corpo de bombeiros, Departamento de Investigações Criminais, unidade de incêndios criminosos, departamento do xerife,

patrulheiros, polícia uniformizada local. – Ele fez uma pausa. – Meu Deus, Davey, se isso é... um modo de *avisar* ao Lex para sair do caso...

Sua voz ficou no ar.

Gurney ficou quieto.

Hardwick tossiu, depois pigarreou.

– Ainda está aí?

– Estou. Pensando no seu comentário sobre o “aviso”. – Ele fez uma pausa. – Eu diria que cortar os seus fios de eletricidade foi um aviso. Mas isso... essa coisa do Bincher... parece algo mais. Tipo guerra. Com zero de preocupação por quem é morto.

– Concordo. O escrotinho tem um apetite para a destruição vasta. E o incêndio criminoso parece um tema recorrente.

– Tema recorrente? – Gurney diminuiu a velocidade, parou no morro coberto de capim acima do reservatório, desligou o motor e abriu as janelas. – Como assim, tema *recorrente*? O que você ficou sabendo com a Interpol?

– Talvez bastante coisa, talvez nada. É difícil dizer. A questão é que as informações que eles juntaram no banco de dados podem ou não se referir a um único indivíduo. O material atual, dos últimos dez anos, mais ou menos, provavelmente é correto, pelo menos a maioria. Mas no período anterior a esses dez anos, as coisas ficam mais frágeis. E também mais bizarras.

Gurney se perguntou até que ponto as coisas poderiam ficar mais bizarras do que martelar pregos na cabeça de alguém.

Hardwick explicou:

– O sujeito de Ancara decidiu falar comigo pelo telefone para não criar um rastro de e-mails, então eu anotei tudo. O que ele me falou equivale a duas pequenas histórias. Dependendo do ponto de vista,

elas podem parecer muito conectadas ou nem um pouco conectadas. As narrativas remontam ao início da última década, começando com o material reunido sobre o assassino que usa o nome de Petros Panikos. Está preparado?

– Sou todo ouvidos, Jack.

– O nome Panikos, usado como link de busca primário, levou a um acontecimento que ocorreu há 25 anos no povoado de Lykonos, no sul da Grécia, lar da família Panikos, proprietária de uma loja de suvenires. A família tinha quatro filhos, e o mais novo supostamente era adotado. A loja, junto com a casa, foi destruída por um incêndio que matou os dois pais e três filhos. O quarto, o adotado, sumiu. Houve suspeita de incêndio criminoso, mas nada ficou provado. Nenhuma certidão formal de nascimento do filho desaparecido foi encontrada, nem documentos de adoção. A família era muito discreta, não tinha parentes próximos, e houve até alguma discordância no povoado com relação ao nome do filho desaparecido. Mas, saca só, os dois nomes possíveis mencionados foram Pero e Petros.

– Quantos anos ele tinha?

– Ninguém tinha certeza. Segundo a antiga investigação do incêndio, na época ele teria entre 12 e 16 anos.

– Nenhuma informação sobre o nome de nascimento ou sobre a proveniência?

– Nada oficial. Mas no dossiê da investigação do incêndio existe a declaração de um padre da aldeia que achava que o menino vinha de um orfanato búlgaro.

– O que o fez pensar isso?

– Não há indicação no dossiê de que alguém tenha se dado ao trabalho de perguntar. Mas o padre deu o nome do orfanato.

Gurney soltou uma risada curta que não teve nada a ver com

humor. Se precisasse explicar, provavelmente teria chamado de excesso de energia. Havia algo no processo de rastreamento, na evolução de uma informação à outra, nos passos um após o outro, que carregava os circuitos de seu cérebro.

– E imagino que a trilha até o orfanato nos leve a mais um acontecimento relevante, certo?

– Bom, na verdade leva a um orfanato sem graça, da era comunista, do qual não existem mais registros. Adivinhe por quê.

– Outro incêndio criminoso?

– Isso mesmo. Portanto, tudo o que sabemos sobre os residentes na época do incêndio, no qual a maioria deles morreu, vem de uma entrevista com uma enfermeira sobrevivente que consta do antigo dossiê precário da polícia. Aliás, não houve dúvida em classificar o incêndio como criminoso. Além de os quatro prédios do orfanato terem pegado fogo ao mesmo tempo e de terem sido encontradas latas de gasolina nos quatro, as portas externas estavam trancadas e presas com cunhas de madeira.

– Ou seja, o objetivo era o assassinato em massa. Mas parece que o incêndio foi o fim da história. Qual foi o início?

– Segundo a declaração da enfermeira, dois anos antes do acontecimento um menininho estranho foi encontrado numa manhã de inverno, tendo sido deixado nos degraus da frente. O garoto parecia mudo e analfabeto. Mas então descobriram que ele era fluente não apenas em búlgaro, mas também em russo, alemão e inglês. Para você ter uma ideia de como ele era bom, essa enfermeira imaginou que ele tivesse a síndrome do idiota-prodígio ou algo do tipo, com habilidade para línguas. Então ela lhe arranjou alguns livros de gramática e de fato, nos dois anos em que esteve ali, ele aprendeu francês, turco e Deus sabe o que mais.

– Ele chegou a contar de onde tinha vindo?

– Alegou amnésia total, disse que não tinha nenhuma lembrança anterior à chegada ali. Sua única ligação com o passado era um pesadelo recorrente. Algo envolvendo um parque de diversões e um palhaço. Acabaram colocando-o num quarto individual à noite, longe das outras crianças, pela frequência com que ele acordava gritando. Por algum motivo, talvez por haver um palhaço no sonho, a enfermeira teve a ideia de que a mãe dele fazia parte de algum circo mambembe.

– Parece uma criança bastante incomum. Algum sinal suspeito se manifestou antes do incêndio?

– Ah, sim, um bem grande – disse Hardwick, e em seguida fez uma pausa dramática.

Era um dos seus hábitos, com o qual Gurney aprendera a conviver.

– Que tal me contar?

– Algumas crianças zombavam dele, algo relacionado aos pesadelos. – Outra pausa.

– Jack, pelo amor de Deus...

– Elas desapareceram.

– As crianças que zombavam dele?

– Isso. Sumiram da face da terra. A mesma coisa aconteceu com o funcionário que não acreditava na história da amnésia e vivia provocando-o por causa disso. Sumiu. Sem deixar rastro.

– Mais alguma coisa?

– Mais esquisitices. Ninguém sabia estimar qual era a idade dele, porque nos dois anos em que esteve lá ele nunca mudou, nunca cresceu, nunca pareceu mais velho do que no dia da chegada.

– Como o Peter Pan.

– Isso.

– Ele era chamado por esse apelido no orfanato?

– Não há nada sobre isso no dossiê búlgaro.

Gurney repassou rapidamente a história.

– Há uma coisa que não estou entendendo. Como sabemos que o garoto do orfanato é o mesmo que a família Panikos adotou?

– Não temos certeza. A enfermeira disse que ele foi adotado por uma família grega, mas não sabia o nome. O processo foi conduzido por outro departamento. Mas foi no dia em que ele partiu com os pais novos que o lugar pegou fogo e quase todo mundo ficou preso e foi morto.

Gurney ficou em silêncio.

– O que você está pensando, Sherlock?

– Estou achando que alguém pagou 100 mil dólares para soltar esse monstrinho em cima do Carl Spalter.

– E em cima de Mary Spalter, Gus Gurikos e Lex Bincher – acrescentou Hardwick.

– Peter Pan – disse Gurney, pensativo. – O garoto que não cresceu.

– Muito interessante, Ás, mas onde isso nos deixa?

– Eu diria que não nos deixa em lugar nenhum, numa confusão total. Temos algumas histórias curiosas, mas não *sabemos* praticamente nada. Estamos procurando um matador profissional cujo nome pode ser Petros Panikos, Peter Pan ou outra coisa. Nome de batismo desconhecido. Nome de passaporte desconhecido. Data de nascimento desconhecida. Nacionalidade desconhecida. Pais biológicos desconhecidos. Endereço atual desconhecido. Prisões e condenações desconhecidas. De fato, quase tudo o que poderia nos levar a ele é desconhecido.

– Não discordo. E agora?

– Você precisa falar de novo com o seu cara da Interpol e implorar por qualquer migalha que ainda haja no dossiê deles sobre o Panikos, sobretudo qualquer informação a mais sobre a família, os vizinhos, qualquer pessoa no povoado que pudesse saber alguma coisa sobre o pequeno Petros, ou seja lá como diabo ele era chamado. Qualquer coisa que nos forneça uma visão melhor para o que já temos. O nome de alguém com quem possamos falar...

– Porra, cara, isso foi há 25 anos. Ninguém vai se lembrar de nada, mesmo que a gente encontre alguém. Caia na real.

– Provavelmente você está certo. Mas ligue para o cara da Interpol assim mesmo. Quem sabe o que ele pode encontrar?

Depois do telefonema, Gurney ficou sentado com o caderno aberto no colo, olhando por cima do reservatório. O nível baixo da água deixava expostas as encostas rochosas que se estendiam da beira d'água até a linha das árvores. Havia fragmentos de madeira agarrados às pedras. Do outro lado de uma pequena enseada, nas sombras profundas da tarde, um par de galhos nodosos subia da água para a encosta de um modo que provocou em Gurney uma lembrança arrepiante de uma das primeiras cenas de assassinato que ele vira quando era novato na polícia: o corpo de uma criança nua jogada contra uma rocha que aflorava à margem do rio Hudson.

Não era uma recordação que ele queria enfrentar. Pegou o caderno no qual havia anotado boa parte do que Hardwick dissera e repassou tudo mais uma vez.

Estava frustrado consigo mesmo. Frustrado por ter se envolvido no caso, para começo de conversa. Frustrado por não ter feito um progresso mais tangível. Frustrado com a falta de apoio oficial. Frustrado com todos os pontos de interrogação.

Decidiu que precisava de outro copo de café. Ligou o carro e já ia entrar em Barleyville quando Hardwick telefonou de novo, parecendo mais abalado do que antes.

– Temos uma novidade. Se o que acabei de ouvir é verdade, Lex Bincher pode não estar mais desaparecido.

– Ah, meu Deus. O que foi agora?

– Um dos patrulheiros que está com o pessoal do Departamento de Investigações Criminais encontrou um corpo na água embaixo do cais particular do Lex. Só um corpo. Sem cabeça.

– Eles têm certeza de que é o Bincher?

– Não fiquei por lá para descobrir. Tenho uma sensação ruim com a decapitação. Recuei para longe da multidão e voltei ao carro. Preciso sair daqui antes que eu vomite, ou antes que algum cara do Departamento de Investigações Criminais me reconheça e some dois e dois, já que eu e o Bincher estávamos no caso Spalter, e eu acabe numa sala de interrogatório durante as próximas duas semanas. Não posso me dar a esse luxo. Não com esse tipo de merda acontecendo. Preciso poder me movimentar, fazer qualquer porra que a gente considere necessário. Preciso ir. Ligo depois.

Gurney ficou sentado perto do reservatório por mais alguns minutos, refletindo sobre a nova situação. Seu olhar voltou ao pedaço de madeira que o fizera lembrar do cadáver preso nas pedras na beira do Hudson. Agora, olhando a madeira nua e retorcida, pensou não somente num corpo, mas num corpo sem cabeça.

Estremeceu, deu a partida no carro de novo e seguiu para Walnut Crossing.

Capítulo 39

Criaturas terríveis

Pensar sobre a saída ansiosa de Hardwick da cena do crime – com medo de ser reconhecido e tendo um motivo para que sua presença fosse questionada – fez Gurney se lembrar de uma questão que ele estivera evitando: onde termina o direito de realizar uma investigação particular de interesse de um cliente... e onde começa a obstrução da justiça?

Em que ponto ele tinha a obrigação de compartilhar com as forças da lei o que havia descoberto sobre o assassino que se autodenominava Peter Panikos e seu provável envolvimento com o número crescente de homicídios associados ao caso Spalter? Será que o fato de o envolvimento de Panikos ser apenas "provável", e não garantido, fazia diferença? Certamente, concluiu Gurney, sentindo-se um pouquinho desconfortável, ele não tinha obrigação de compartilhar hipóteses especulativas com a polícia, que sem dúvida tinha um monte de teorias próprias. Mas até que ponto esse argumento era mesmo honesto?

Esse debate o deixou inquieto ao longo de sua passagem pela cidadezinha sem graça de Barleyville – onde o pequeno café no qual esperava tomar mais um copo estava fechado. Continuou seguindo pelos morros que separavam a cidadezinha de Walnut Crossing e chegou à estrada rural que levava à sua casa. Seus pensamentos culminaram numa pergunta arrepiante: *E se as mortes em Cooperstown fossem um sinal?* Por quanto tempo seria possível manter em segredo os resultados de uma investigação particular se a guerra que aparentemente fora declarada por Panikos continuasse a causar baixas?

A visão da caixa de correspondência no fim da estrada mudou o foco do seu pensamento de Panikos para Klemper. Será que o

sujeito havia entregado o vídeo requisitado, como a mensagem no telefone sugeria? Ou será que a caixa de correio continha uma surpresa menos agradável?

Passou pela caixa, parou o carro perto do celeiro e voltou andando.

Apostaria mil dólares contra a possibilidade de uma bomba, mas não estava disposto a apostar a vida. Olhou a caixa e decidiu-se por um modo menos arriscado de abri-la. Primeiro precisava achar um galho caído comprido o suficiente com o qual ele pudesse alcançar a tampa posicionado atrás do tronco de um pinheiro afastado da caixa.

Depois de uma busca de cinco minutos e vários movimentos desajeitados com um galho curto demais, conseguiu abrir a portinhola. Gurney esperou alguns segundos, depois foi até a frente da caixa e olhou para dentro. Tudo o que continha era um envelope branco. Tirou-o, espanando para longe uma formiga minúscula.

O envelope era endereçado a ele, em letras de forma pretas. Não tinha selo nem carimbo de correio. Gurney pôde sentir um pequeno objeto retangular através do papel, que ele achou que poderia ser um pen drive. Abriu o envelope com cuidado e viu que estava certo. Pôs o pen drive no bolso, voltou ao carro e foi para casa.

O relógio no painel marcava 16h18. O carro de Madeleine estava no lugar de sempre, o que o lembrou que ela fora trabalhar no turno da manhã e provavelmente havia chegado em casa por volta das duas da tarde. Esperava que ela estivesse lá dentro, lendo, talvez envolvida em seu ataque de Sísifo ao livro *Guerra e paz*. Passou pela porta lateral e gritou:

– Cheguei!

Não houve resposta.

Quando passava pela cozinha a caminho do escritório chamou de novo, e mais uma vez não houve resposta. Seu pensamento seguinte foi que ela estaria dando um de seus passeios.

No escritório, apertou uma tecla qualquer de seu laptop aberto para trazê-lo à vida. Pegou o pen drive no bolso e enfiou na saída USB. O ícone que apareceu era intitulado “02 DEZ 2011 08:00 – 11:59” – a janela temporal em que o tiro contra Spalter fora disparado. Foi ao menu de informações e descobriu que o pequeno pen drive tinha capacidade de 64GB, muito mais do que o suficiente para cobrir as horas específicas, mesmo em alta resolução.

Clicou no ícone do drive e uma janela se abriu imediatamente, com quatro arquivos de vídeo intitulados “CAM A (INT)”, “CAM B (LESTE)”, CAM C (OESTE)” e “CAM D (SUL)”.

Interessante. Uma estrutura de quatro câmeras era um nível incomum de segurança de vídeo para uma loja pequena de produtos eletrônicos numa cidade pequena. Gurney achou que era uma estratégia com o objetivo de vender mais câmeras de segurança – assim como ter uma parede inteira de televisores, todos ligados – ou uma possibilidade que havia passado por sua cabeça antes: Harry Peludo e sua namorada tinham um negócio mais arriscado do que a venda de produtos eletrônicos.

Como a câmera virada para o sul abrangeria o cemitério Willow Rest, foi esse arquivo que Gurney escolheu primeiro. Quando clicou no ícone, apareceu uma janela de vídeo com os comandos PLAY, PAUSA, RETORNAR e FECHAR, além de uma barra deslizante ligada ao cronômetro do arquivo, para acessar pontos específicos do vídeo. Ele clicou no PLAY.

O que viu foi o que havia esperado. Era quase bom demais para ser verdade. Não apenas a resolução do arquivo era fantástica, como a câmera que o produzira evidentemente incluía a tecnologia mais recente de rastreamento de movimento e zoom até a ação. E,

claro, como a maioria das câmeras de segurança, era ativada por movimento – só gravando o vídeo quando algo acontecia – e tinha um indicador de tempo real na base do quadro.

A característica de ativação por movimento implicava que o período de quatro horas de cobertura equivaleria a um tempo gravado muito menor no arquivo, já que os intervalos de inatividade no campo de visão da câmera não estariam representados. Assim, a primeira hora do período havia produzido menos de dez minutos de imagens digitais – mostrando principalmente pessoas corajosas passeando com cães e corredores agasalhados realizando seus rituais matinais num caminho paralelo ao muro baixo do cemitério. A cena era iluminada por um sol pálido de inverno e uma camada leve e irregular de neve.

Só um pouco depois das nove horas a câmera foi ativada por atividades *dentro* do Willow Rest. Um furgão se movia lentamente pelo quadro. Parou diante do que Gurney reconheceu como o lote da família Spalter (ou, para usar o termo de Paulette Purley, a "propriedade"). Dois homens com macacões largos saíram do veículo, abriram a porta traseira e começaram a retirar do veículo objetos escuros, chapados e retangulares. Logo ficou claro que eram cadeiras dobráveis, que eles arrumaram com cuidado em duas fileiras voltadas para uma área comprida de terra escura – a sepultura aberta destinada a Mary Spalter. Depois de alguns ajustes na posição das cadeiras, um dos homens colocou um pódio portátil na extremidade da sepultura, enquanto o outro pegava uma vassoura grande no veículo e começava a varrer parte da neve no espaço gramado entre as cadeiras e a sepultura.

Enquanto esse trabalho avançava, um pequeno carro branco surgiu e parou atrás do furgão. Ainda que Gurney não pudesse ver o rosto com clareza, teve a sensação de que a mulher que saiu do automóvel, enrolada numa jaqueta de pele e usando um chapéu também de pele, gesticulando instruções para os trabalhadores, era

Paulette Purley. Depois de ajeitar algumas cadeiras, os homens voltaram ao furgão e saíram de quadro.

A mulher ficou parada sozinha, olhando o terreno ao redor como se fizesse um exame final, depois voltou para o carro, afastou-se da área gramada e estacionou perto de alguns arbustos murchos por causa da estação. O vídeo continuou durante cerca de um minuto antes de parar. Recomeçou num ponto 28 minutos mais tarde no tempo real – às 9h45 – ativado pela chegada de um carro fúnebre e vários outros veículos.

Um homem com sobretudo preto saiu do lado do carona do carro fúnebre e a mulher que Gurney achava ser Paulette Purley desceu de novo do outro veículo. Eles se encontraram, deram um aperto de mão, trocaram algumas palavras. O homem voltou na direção do carro fúnebre gesticulando. Meia dúzia de homens de terno preto saíram de uma limusine, abriram a porta traseira do carro fúnebre e tiraram lentamente um caixão, que em seguida carregaram com eficiência até a sepultura aberta e colocaram numa estrutura de apoio que o sustentou ao nível do chão.

Seguindo algum sinal que Gurney não detectou, os amigos e familiares começaram a sair dos outros carros parados numa fila atrás do carro fúnebre. Protegidos do frio por casacos grossos e chapéus, foram até as duas filas de cadeiras diante da sepultura e, aos poucos, ocuparam catorze dos dezesseis assentos. As primas trigêmeas de Mary Spalter estavam entre essas duas cadeiras restantes.

O homem alto de sobretudo preto, presumivelmente organizador do funeral, foi posicionar-se atrás dos familiares e amigos. Os seis carregadores, após fazerem alguns ajustes na posição do caixão, postaram-se ao lado do homem. Paulette Purley ficou a pouco mais de 1 metro do último carregador.

A atenção de Gurney se fixou no homem sentado na última

cadeira da primeira fila. A insuspeita futura vítima. O relógio na base da janela de vídeo indicava que eram 10h19 no Willow Rest. O que significava que, naquele momento, restava apenas um minuto para Carl Spalter. Mais um minuto e a vida que ele conhecera até então estaria acabada.

O olhar de Gurney ia e vinha entre Carl e o relógio, sentindo a erosão do tempo e da vida com uma dolorosa clareza.

Restava apenas meio minuto antes que uma bala Swift calibre 220 – a bala mais rápida e mais precisa do mundo – furasse a têmpora esquerda do sujeito, fragmentasse seu cérebro e pusesse um ponto final em qualquer futuro que ele pudesse ter imaginado.

Em sua longa carreira no Departamento de Polícia de Nova York, Gurney havia testemunhado incontáveis crimes em vídeos de segurança – incluindo pancadas na cabeça, surras, latrocínios, homicídios – de postos de gasolina, lojas de bebidas, lojas de conveniência, lavanderias, caixas eletrônicos.

Mas aquilo era diferente.

O contexto humano, com seus relacionamentos familiares complexos e tensos, era mais profundo. O contexto emocional era mais vívido. A aparente tranquilidade da cena – os participantes sentados, a sugestão de um retrato formal em grupo – não tinha qualquer semelhança com o conteúdo de um vídeo típico de câmera de segurança. E Gurney sabia mais sobre o homem que estava prestes a ser alvejado – em apenas mais alguns segundos – do que soubera antecipadamente de qualquer outra vítima gravada em vídeo.

Então chegou o momento.

Gurney se inclinou na direção da tela do computador.

Carl Spalter se levantou e se virou na direção do pódio que fora armado na extremidade mais distante da sepultura. Deu um passo

naquela direção e passou na frente de Alyssa. Então, quando começava a dar outro passo, tombou para a frente e foi catando cavaco por toda a extensão da primeira fila. Bateu com o rosto no chão e ficou imóvel na grama branqueada pela neve, entre o caixão da mãe e a cadeira do irmão.

Jonah e Alyssa foram os primeiros a se levantar, seguidos por duas senhoras da Força Idosa que estavam na segunda fileira. Os carregadores deram a volta nas cadeiras. Paulette correu na direção de Carl, ajoelhou-se e se curvou sobre ele. Depois disso foi difícil identificar o que acontecia, à medida que mais pessoas se apinhavam ao redor do homem caído. Durante os minutos seguintes, pelo menos três pessoas pareciam estar com os celulares na mão, fazendo ligações.

Gurney notou que Carl levou o tiro exatamente às 10h20, como indicava o relatório do incidente. O primeiro policial chegou às 10h28, um agente uniformizado numa viatura de Long Falls. Nos dois minutos seguintes apareceram mais dois, seguidos pouco depois por uma radiopatrulha. Às 10h42 uma unidade de paramédicos chegou numa ambulância grande, bloqueando o campo de visão da câmera de segurança, o que tornou o resto do vídeo inútil para Gurney. Até o primeiro carro à paisana – presumivelmente trazendo Klemper – ficou oculto quando parou do lado oposto da ambulância.

Depois de examinar rapidamente o resto do vídeo, escolhendo trechos aleatórios e não encontrando nenhum dado adicional importante, Gurney se recostou na cadeira para pensar no que tinha visto.

Além da posição infeliz da ambulância, havia outro problema com o material. Apesar da alta resolução da câmera, de suas formidáveis lentes de zoom e suas aptidões de enquadramento automático, a simples distância gerava um resultado com nítidas limitações. Mesmo tendo entendido o que viu acontecer, ele sabia que parte da

compreensão fora fornecida pelo que haviam lhe contado. Muito tempo antes ele aceitara um importante princípio que ia contra a intuição: nós não pensamos o que pensamos porque vemos o que vemos. Nós vemos o que vemos porque pensamos o que pensamos. As ideias preconcebidas podem facilmente suplantar os dados oculares – até fazer com que vejamos coisas que não estão ali.

O que ele queria eram dados oculares mais fortes – para garantir que suas ideias preconcebidas não estavam levando-o na direção errada. Num mundo ideal, ele submeteria o arquivo digital a um sofisticado laboratório de informática para obter o máximo de contraste possível, mas parte do preço da aposentadoria era a falta de livre acesso a esse tipo de recurso. Ocorreu-lhe que Esti poderia ter alguma entrada no laboratório da polícia do estado de Nova York que lhe permitisse usufruir do serviço sem fornecer identidade ou gerar um número de rastreamento que pudesse ser usado depois contra ela, mas Gurney não se sentia confortável em sugerir que ela fizesse isso. Pelo menos até que as opções menos arriscadas tivessem sido excluídas.

Pegou o celular e ligou para Kyle – um ávido depósito de informações sobre tudo o que se relacionasse a computadores: quanto mais complexas, melhor. A ligação caiu na caixa postal, e ele deixou uma mensagem: “Oi, filho. Estou com um problema de tecnologia digital. Não há canais de apoio oficiais disponíveis para isso. O negócio é o seguinte: tenho um arquivo de vídeo em alta resolução que pode ser mais revelador se aplicarmos um efeito de zoom digital sem diluir a nitidez. Isso é meio contraditório, mas acho que existem programas de tratamento de imagem capazes de fazer isso... então, será que você poderia me dar uma luz? Obrigado, filho. Tenho certeza que qualquer coisa que você me diga será muito mais do que eu já sei.”

Depois de encerrar o telefonema ele decidiu voltar ao início do

vídeo e assistir de novo. Mas então, por acaso, notou a hora em tempo real que aparecia no topo superior da tela do laptop. Eram 17h48. Mesmo que Madeleine tivesse pegado a trilha mais longa que costumava usar, pela floresta – a que passava na montanha Carlson –, ela já deveria ter voltado.

Era hora do jantar, e ela nunca... *Ah, meu Deus! Claro!*

Sentiu-se um completo idiota. Aquele era o dia que ela tinha combinado de ir para a casa dos Winkler. Estavam acontecendo coisas de mais, depressa demais. Era como se seu cérebro não conseguisse absorver sequer uma migalha de informação a mais, e cada vez que alguma novidade entrava em seu cérebro, outra coisa saía. Era meio apavorante pensar nisso. O que mais ele poderia ter esquecido?

Foi então que lembrou que, ao chegar, tinha visto o carro dela parado junto à casa.

Se ela está na fazenda dos Winkler, por que diabo seu carro continua aqui?

Confuso, com uma inquietação crescente, ligou para o celular dela.

Ficou surpreso quando, alguns segundos depois, ouviu o telefone tocar na cozinha. Será que ela não fora para a casa dos Winkler, afinal? Será que estava em algum lugar da casa? Chamou-a, mas não houve resposta. Foi do escritório até a cozinha. Seguindo o som do toque, encontrou o celular na bancada junto ao fogão. Isso era realmente estranho. Até onde ele sabia, ela jamais saía de casa sem ele. Perplexo, olhou pela janela, esperando vê-la andando pelo pasto em direção à casa.

Não havia sinal de Madeleine. Só o carro. O que significava que ela *tinha de estar* em algum local próximo – a não ser que tivesse saído com um amigo que fora buscá-la. Ou a não ser, que Deus não

permitisse, que ela tivesse sofrido um acidente e houvesse sido levada de ambulância.

Esforçou-se para lembrar qualquer coisa que ela pudesse ter dito e que...

Nesse momento uma brisa bateu no canteiro de aspargos, agitando-os brevemente, e alguma coisa clara atraiu seu olhar para o lado.

Uma coisa cor-de-rosa.

Então os aspargos balançaram de novo e ele se perguntou se tinha mesmo visto algo.

A curiosidade levou-o para fora, para verificar.

Assim que chegou ao lado oposto do canteiro sua pergunta foi respondida – com outra maior. Madeleine estava sentada na grama usando uma das suas camisetas cor-de-rosa. Ao lado dela, no chão, havia alguns pedaços de arenito cinza posicionados sobre o que parecia ser uma pequena extensão de terra recém-revirada. Do lado oposto das pedras, uma pá repousava na grama. Com a mão direita, Madeleine batia suavemente na terra em volta das bordas das pedras.

A princípio ela não disse nada.

– Maddie?

Ela olhou-o com a boca numa linha apertada e triste.

– O que foi? Qual é o problema?

– Horace.

– Horace?

– Uma daquelas criaturas terríveis o matou.

– O nosso galo?

Ela assentiu.

– Que criatura terrível?

– Não sei. Acho que foi o que o Bruce disse na outra noite, quando esteve aqui. Uma doninha? Um gambá? Não sei. Ele nos avisou. Eu deveria ter prestado atenção.

Ela mordeu o lábio inferior.

– Quando isso aconteceu?

– Hoje à tarde. Quando cheguei em casa, deixei que saíssem do celeiro para pegar um pouco de ar. Estava um dia lindo. Eu tinha um pouco de canjica, que eles adoram, e aí eles me acompanharam até a casa. Estavam aqui mesmo. Correndo por aí. Bicando na grama. Entrei na casa para... alguma coisa, nem sei o que era. Só... – Ela parou por um momento, balançando a cabeça. – Ele só tinha quatro meses. Estava aprendendo a cantar. Parecia tão orgulhoso! Coitadinho do Horace. Bruce nos avisou... ele avisou... o que poderia acontecer.

– Você o enterrou?

– Enterrei. – Ela estendeu a mão e alisou a terra junto às pedras. – Não podia deixar o corpinho dele ficar aí. – Ela fungou, depois pigarreou. – Provavelmente ele estava tentando proteger as galinhas da doninha. Você não acha?

Gurney não tinha ideia do que pensar.

– Acho que sim.

Depois de bater de leve no solo mais algumas vezes, ela se levantou da grama e os dois entraram em casa. O sol já havia começado a se pôr a oeste. A encosta do morro oposto estava banhada por aquela luz dourado-avermelhada que só durava um ou dois minutos.

Foi uma noite estranha. Depois de terem um jantar breve e silencioso composto de sobras, Madeleine se acomodou numa poltrona perto da grande lareira vazia na extremidade da sala,

segurando no colo, distraidamente, uma de suas perenes peças de tricô.

Gurney perguntou se ela gostaria que ele acendesse o abajur atrás da poltrona. Ela balançou a cabeça de forma quase imperceptível. Quando ele ia indagar se ela havia remarcado a ida para a fazenda dos Winkler, ela quis saber sobre a consulta com Malcolm Claret naquela manhã.

Naquela manhã?

Tanta coisa havia ocorrido naquele meio-tempo que sua ida ao Bronx parecia ter acontecido uma semana antes. Ele estava com dificuldade para se concentrar nela, encaixá-la nos acontecimentos do dia. Começou com o primeiro aspecto que lhe veio à mente.

– Quando você marcou a consulta, o Malcolm disse que ele está morrendo?

– Morrendo?

– É. Está com um câncer em estágio terminal.

– E ainda está... Ah, meu Deus.

– O que foi?

– Ele não disse, pelo menos diretamente, mas... Lembro que ele comentou que sua consulta precisava acontecer logo. Só presumi que ele tivesse algum compromisso importante depois, e... Ah, meu Deus, como ele está?

– No geral, o mesmo. Quero dizer, ele parece muito velho, está bem magro, mas está... muito... muito lúcido.

Um silêncio pairou entre eles.

Madeleine foi a primeira a falar:

– Foi sobre isso que vocês falaram? Sobre a doença dele?

– Ah, não, longe disso. Na verdade ele só se referiu a isso no

final. Falamos principalmente sobre... mim... e você.

– Foi útil?

– Acho que sim.

– Ainda está com raiva porque eu marquei a consulta para você?

– Não. Acabou sendo uma coisa boa.

Pelo menos Gurney achava que tinha sido uma coisa boa. Ainda não conseguira traduzir em palavras o efeito provocado nele.

Depois de um breve silêncio, ela sorriu suavemente e disse:

– Bom.

Depois de um silêncio mais longo ele se perguntou se deveria insistir em falar sobre os Winkler e resolver a questão. Ainda estava decidido a afastar Madeleine da casa. Mas achou que haveria tempo para isso de manhã.

Às oito horas ela foi para a cama.

Pouco depois, ele a seguiu.

Não que estivesse especialmente sonolento. Na verdade, estava com dificuldade para classificar toda a gama de sentimentos que estava experimentando. O dia o deixara confuso e sobrecarregado. Para começar, houvera o impacto visceral do que Claret falara. E, para além disso, a imersão incômoda no Bronx da sua infância, seguida pelos horrores crescentes informados por Jack Hardwick em Cooperstown, e enfim o sofrimento de Madeleine com a morte do galo – que ele suspeitava que havia tocado, de forma inconsciente, em outra perda.

Entrou no quarto, tirou a roupa e deitou-se a seu lado. Encostou o braço suavemente no dela e descobriu-se incapaz de conceber qualquer comunicação mais articulada ou apropriada.

Terceira parte

Todo o mal do mundo

Capítulo 40

A manhã seguinte

Gurney acordou com uma forte ressaca emocional.

Atolado em pensamentos e sonhos, seu sono fora leve e intermitente demais para cumprir a função vital de preencher os compartimentos da memória com as experiências vividas durante o dia. Trechos da confusão da véspera ainda estavam vívidos na superfície da mente, obstruindo a visão do momento atual. Só depois de tomar um banho, se vestir, pegar o café e se juntar a Madeleine à mesa para a refeição matinal, ele enfim percebeu que o dia estava claro, sem nuvens.

Mas nem mesmo isso teve efeito estimulante em seus sentimentos.

Uma peça musical estava tocando na estação NPR, algo orquestral. Ele odiava ouvir música de manhã e, no humor que estava, achou aquilo particularmente irritante.

Madeleine olhou-o por cima do livro diante dela.

– O que foi?

– Estou meio perdido.

Ela baixou o livro alguns centímetros.

– É o caso Spalter?

– Principalmente isso... acho.

– O que é que tem?

– As peças não estão se encaixando. A situação só vai ficando mais feia e mais caótica. – Ele contou sobre os dois telefonemas de Hardwick, de Cooperstown, sem falar sobre a cabeça arrancada, que ele não teve estômago para mencionar. Concluiu: – Não sei

direito que diabo está acontecendo, e sinto que não tenho recursos para lidar com isso.

Ela fechou livro.

– Lidar com isso?

– Deduzir o que está acontecendo de verdade, quem está por trás, por quê.

Ela o encarou.

– Você já não conseguiu fazer o que lhe pediram?

– Consegui?

– Eu tinha a impressão de que você havia esmiuçado o processo contra Kay Spalter nos mínimos detalhes.

– Verdade.

– Então a condenação dela vai ser revertida na apelação. Esse era o objetivo, não era?

– Era, sim.

– Era?

– Parece que as portas do inferno estão se abrindo. Essas novas mortes junto com os incêndios criminosos...

Ela o interrompeu:

– É para resolver casos como esses que temos departamentos de polícia.

– Eles não fizeram um serviço muito bom na primeira vez. E acho que não têm a mínima ideia do que estão enfrentando.

– E você tem?

– Na verdade, não.

– Então ninguém sabe o que está acontecendo. De quem é o trabalho de descobrir?

– Oficialmente, é do Departamento de Investigações Criminais.

Ela inclinou a cabeça num desafio.

– Oficialmente, legalmente, logicamente e em todos os outros sentidos.

– Você está certa.

– Mas?

Depois de uma pausa desconfortável, ele disse:

– Mas há uma pessoa louca solta por aí.

– Há muita gente louca solta por aí.

– Esse sujeito vem matando gente desde os 8 anos. Ele *gosta* de matar pessoas. Quanto mais, melhor. Alguém soltou-o em cima do Carl Spalter, e agora ele parece não querer voltar para a caixa.

Madeleine sustentou seu olhar.

– Então o perigo está aumentando. Outro dia você disse que pode haver um por cento de chance de ele vir atrás de você. É óbvio que essa coisa horrível em Cooperstown muda tudo isso.

– Até certo ponto, mas ainda acho...

– David – interrompeu ela. – Preciso dizer isto: sei qual vai ser a sua resposta, mas preciso dizer mesmo assim. Você *tem* a opção de recuar.

– Se eu desistir da investigação, ele vai continuar solto. Simplesmente haverá menos chance de pegá-lo.

– Mas se você não for atrás dele, talvez ele não venha atrás de você.

– A mente dele pode não funcionar de modo tão lógico assim.

Ela adotou uma expressão ansiosa, confusa.

– Pelo que você me disse, ele parece um planejador muito lógico, preciso.

– Um planejador lógico e preciso impelido por uma fúria homicida. Há algo curioso com relação aos assassinos de aluguel. Eles podem parecer frios e práticos cometendo atos que horrorizam a maior parte das pessoas, mas não há nada de frio ou prático na motivação deles, e não estou falando do dinheiro que recebem para fazer o que fazem. Isso é secundário. Já conheci assassinos de aluguel. Já os interroguei. Alguns deles, cheguei a conhecer muito bem. E sabe o que eles são, na maioria? São assassinos em série, impelidos pela fúria, que conseguiram transformar a insanidade num serviço pago. Quer ouvir uma coisa maluca de verdade?

A expressão dela era mais cautelosa do que curiosa, mas mesmo assim ele continuou:

– Quando o Kyle era pequeno eu costumava dizer a ele que o segredo para uma vida feliz, uma carreira feliz, era encontrar uma atividade da qual você goste a ponto de estar disposto a fazê-la de graça, depois encontrar alguém disposto a pagar por ela. Bom, não são muitas as pessoas que conseguem fazer isso. Pilotos, músicos, atores, artistas plásticos e atletas, principalmente. E matadores de aluguel. Não quero dizer que os assassinos profissionais terminam felizes. Na verdade, quase todos eles morrem de forma bastante violenta ou acabam na prisão. Mas eles *gostam* do que fazem. A maioria acabaria matando pessoas ainda que não fosse paga para isso.

Enquanto ele falava, ela ia ficando mais perturbada.

– David, o que você quer dizer, afinal?

Ele percebeu que fora mais longe do que tinha pretendido.

– Só que minha saída do caso não vai resultar em nada positivo.

Ela estava fazendo um esforço aparente para permanecer calma.

– Porque você já está no radar dele?

– É possível.

O autocontrole dela começou a se esvair.

– É por causa da porcaria daquele programa *Conflito Criminal*. Bincher usando seu nome, ligando você ao Hardwick. Aquele idiota do Brian Bork criou o problema. Ele precisa fazer com que o problema acabe. Precisa anunciar que você saiu do caso. Saiu de vez.

– Não sei se isso faria diferença a esta altura.

– O que você está dizendo? Que conseguiu se colocar, de novo, na mira de um assassino lunático? Que agora não há nada a fazer além de esperar algum confronto horrível?

– É isso que estou tentando *evitar*, chegando a ele antes que ele chegue a mim.

– Como?

– Descobrindo tudo o que posso sobre ele. De modo que consiga prever os passos dele melhor do que ele consiga prever os meus.

– Esse é o padrão, não é? *Você e ele.*

– Como assim?

– Você e ele. Um contra um. É a mesma disputa de vida ou morte em que você sempre parece entrar. É o motivo pelo qual eu quis que você se consultasse com o Malcolm.

Gurney sentiu-se entorpecido.

– Desta vez não é a mesma coisa. Não sou só eu. Tenho pessoas do meu lado.

– Ah, verdade? Quem? Jack Hardwick, que arrastou você para essa confusão, para começo de conversa? A polícia do estado, que sua investigação está solapando? Esses são seus amigos e aliados? – Ela balançou a cabeça de um modo que pareceu um tremor, depois continuou: – Mesmo se o mundo inteiro estivesse

disposto a ajudar você, não importaria. Ainda seria só *você contra ele*. Sempre acaba sendo isso.

Ele não disse nada.

Madeleine se recostou na poltrona, observando-o. Gradualmente, um ar de descoberta mudou a expressão dela.

– Acabo de perceber uma coisa.

– O quê?

– Você nunca trabalhou de verdade *para* o Departamento de Polícia de Nova York, não é? Você nunca se enxergou como empregado deles, como uma ferramenta do departamento. Você via o departamento como a *sua* ferramenta, algo para ser usado nos *seus* termos, se e quando você quisesse, para alcançar os *seus* objetivos.

– Meus objetivos eram os deles. Pegar os bandidos. Conseguir as provas. Prendê-los.

Ela continuou como se ele não tivesse falado:

– Para você, o departamento não passava de um *apoio*. A verdadeira disputa era entre você e o bandido. *Você e o bandido* a caminho do confronto final. Às vezes você aproveitava os recursos do departamento, às vezes não. Mas sempre via o caso como *sua* batalha, *sua* função.

Gurney ouviu o que ela dizia. Talvez ela estivesse certa. Talvez sua abordagem às coisas fosse limitada demais, restrita demais ao seu próprio ponto de vista. Talvez esse fosse um grande problema, talvez não. Talvez fosse apenas consequência do modo como seu cérebro funcionava, algo sobre o qual ele jamais teria algum controle. Mas, o que quer que fosse, ele não tinha vontade de ficar falando a respeito. De repente achou todo esse assunto exaustivo.

Não soube direito o que deveria fazer.

Mas precisava fazer alguma coisa. Mesmo que não levasse a nada.

Decidiu ligar para Adonis Angelidis.

Capítulo 41

Uma história para alertar

Quando Gurney ligou para o número de celular dado por Angelidis, o próprio atendeu de imediato. A breve descrição feita por Gurney de uma situação que evoluía rapidamente e poderia ser de interesse mútuo fez com que o homem concordasse em se encontrar com ele no Aegean Odyssey em duas horas.

Não querendo sair antes de garantir que Madeleine estivesse preparada para ir à fazenda dos Winkler em Buck Ridge, ele ficou satisfeito ao encontrá-la no quarto arrumando uma grande bolsa de náilon.

Ela falou enquanto enfiava um par de meias dentro de um tênis:

– As galinhas estão com comida e água suficiente, de modo que você não precisa se preocupar com isso. Mas será que de manhã você poderia levar um pouco de morangos picados para elas?

– Claro – respondeu ele vagamente, mal registrando o pedido.

Estava tendo sentimentos contraditórios em relação ao envolvimento dela no negócio dos Winkler na feira. Achava aquilo ao mesmo tempo irritante e fortuito. Irritante porque jamais havia gostado dos Winkler, e gostava menos ainda agora por terem convencido Madeleine a passar uma semana tomando conta de alpacas, de graça, para tornar a vida deles mais fácil. Mas tinha de admitir que o convite tinha aparecido em boa hora, já que ela teria um local seguro para ficar. E, claro, ela gostaria de interagir com os animais. Madeleine simplesmente *gostava* de ser útil, sobretudo se houvesse criaturas emplumadas ou peludas envolvidas na história.

No meio desses pensamentos ele encontrou-a olhando-o com uma das suas expressões mais gentis e indecifráveis.

De algum modo isso o relaxou e o fez sorrir.

– Eu te amo – disse ela. – Por favor, tenha cuidado.

Ela estendeu os braços e os dois se abraçaram – por tanto tempo e com tanta força que pareceu não restar nada que precisasse ser dito.

Quando chegou a Long Falls, o quarteirão do restaurante estava deserto. Dentro do estabelecimento havia apenas um empregado à vista, um garçom musculoso com olhos inexpressivos. Não havia nenhum cliente sentado. Ninguém no bar mal iluminado. Claro, mal passava das dez e meia, e era bastante improvável que o Aegean Odyssey servisse café da manhã. Ocorreu a ele que o lugar talvez só estivesse aberto naquele horário como uma conveniência para Angelidis.

O garçom conduziu Gurney pelo bar e um corredor escuro, dois banheiros e duas portas sem placas, até uma pesada porta de aço. Empurrou-a com força usando o ombro e ela se abriu com um guincho metálico. Ele ficou de lado e esperou Gurney passar para uma exuberante exuberante horta cercada por muros.

A horta tinha a mesma largura do prédio – cerca de 15 metros –, e o comprimento tinha no mínimo o dobro dessa distância. A única interrupção no muro de tijolos vermelhos que a cercava era um grande portão duplo na extremidade oposta. Estava escancarado, emoldurando o rio, o caminho usado por corredores e a tranquilidade bem cuidada do Willow Rest. A vista dali era semelhante à do problemático apartamento a três quarteirões de distância. Só o ângulo era diferente.

A horta em si era uma combinação agradável de caminhos gramados, canteiros de verduras e ervas aromáticas. O garçom apontou para um canto sombreado onde havia uma pequena mesa branca de café com duas cadeiras de ferro fundido. Adonis Angelidis estava sentado numa delas.

Quando Gurney chegou à mesa, o homem fez um gesto com a cabeça na direção da cadeira vazia.

– Por favor.

Um segundo garçom apareceu e pôs uma bandeja no centro da mesa. Havia duas xícaras de café preto, dois cálices de cordial e uma garrafa quase cheia de *ouzo*, o licor grego com sabor de anis.

– Gosta de café forte? – A voz de Angelidis era grave e rouca, como o ronronar de um gato grande.

– Gosto.

– Você deve gostar com *ouzo*. É melhor do que açúcar.

– Acho que vou experimentar um pouco.

– A viagem até aqui foi boa?

– Sem problemas.

Angelidis assentiu.

– Lindo dia.

– Linda horta.

– É. Alho fresco. Hortelã. Orégano. Muito bom. – Angelidis se remexeu ligeiramente na cadeira. – O que posso fazer por você?

Gurney pegou a xícara de café mais próxima e deu um gole, pensativo. Na viagem até ali havia pensado numa jogada inicial que agora, sentado diante do homem que poderia muito bem ser um dos mafiosos mais inteligentes dos Estados Unidos, pareceu-lhe bastante idiota. Mas decidiu tentar mesmo assim. Às vezes uma ave-maria é tudo o que nos resta.

– Recebi uma informação que talvez lhe interesse.

O olhar de Angelidis era levemente curioso.

Gurney continuou:

– É apenas um boato, claro.

– Claro.

– Sobre a Força-Tarefa contra o Crime Organizado.

– Uns merdinhas corrompidos sem princípios.

– O que eu ouvi – disse Gurney, tomando outro gole de café – é que eles estão pensando em acusar você do negócio do Spalter.

– Do *Carl*? Está vendo o que eu disse? Um bando de merdinhas! Por que eu iria querer perder o Carl? Eu já disse antes, ele era como um filho para mim. Por que eu pensaria em fazer uma coisa dessas? É nojento!

Os grandes punhos de boxeador de Angelidis haviam se fechado.

– A conjectura que eles estão bolando é que você e Carl se desentenderam e...

– Besteira!

– Como eu disse, a conjectura que eles estão bolando...

– Que diabo significa *conjectura*?

– A hipótese, a história que eles estão criando.

– Criando, claro. Escrotos nojentos!

– A hipótese é que você e Carl se desentenderam, então você contratou um pistoleiro por intermédio do Gus Gordo, depois ficou nervoso e decidiu cobrir os rastros se livrando do Gus, talvez fazendo isso com as próprias mãos.

– *Com as próprias mãos?* Eles acham que eu martelei pregos na cabeça dele?

– Só estou lhe contando o que ouvi dizer.

Angelidis se recostou na cadeira, com um olhar astuto substituindo a raiva nos olhos.

– Isso está vindo de onde?

– O plano de acusar você do assassinato?

– É. Está vindo da chefia da FTCCO?

Algo no tom dele deu a Gurney a ideia de que Angelidis poderia ter contato com alguém de dentro da força-tarefa. Alguém que talvez soubesse das iniciativas principais.

– Pelo que eu soube, não. Tenho a impressão de que o movimento contra você vem da periferia. Extraoficial. Uns dois caras que estão meio chateados com você. Isso o remete a alguma coisa?

Angelidis não respondeu. Seu maxilar se contraiu. Ele permaneceu em silêncio por um longo minuto. Quando falou, o tom foi inexpressivo:

– Você veio de Walnut Crossing até aqui para me trazer essa informação?

– E outra coisa, também. Descobri quem é o matador de aluguel.

Angelidis ficou totalmente imóvel.

Gurney observou-o com atenção.

– Petros Panikos.

Algo mudou nos olhos de Angelidis. Se Gurney tivesse de adivinhar, diria que o sujeito estava tentando esconder uma pontada de medo.

– Como você sabe?

Gurney balançou a cabeça numa negativa e sorriu.

– É melhor eu não dizer como sei.

Pela primeira vez desde que Gurney havia chegado, Angelidis olhou ao redor, a horta e seu muro de tijolos, e seu olhar se deteve no portão aberto com vista para o rio e o cemitério.

– Por que está me dizendo isso?

– Achei que você poderia querer me ajudar.

– Ajudar a fazer o quê?

– Quero encontrar Panikos. Quero prendê-lo. Para conseguir um acordo, talvez ele se disponha a contar quem pagou pelo atentado contra Spalter. Como não foi você, a FTCCO pode se foder. Você gostaria disso, não é?

Angelidis pousou os antebraços grossos na mesa e balançou a cabeça em uma negativa.

– Qual é o problema? – perguntou Gurney.

– O problema? – O homem deu uma risada curta, sem humor. – A parte sobre você prendê-lo. Isso não vai acontecer. Confie em mim. Isso não vai acontecer. Você não faz ideia de com quem está lidando.

De novo Gurney deu de ombros, virando as palmas das mãos para cima.

– Talvez eu precise saber um pouquinho mais.

– Talvez muito mais.

– Me conte o que eu não sei.

– O que, por exemplo?

– Como Panikos trabalha?

– Ele atira em pessoas. Principalmente na cabeça. Principalmente no olho direito. Ou explode os alvos.

– E os contratos? Como são feitos?

– Através de um agente.

– Um cara como o Gus Gordo?

– Como o Gus Gordo. Os mais importantes. Ele só lida com poucos caras no mundo. Eles fazem a transação. Transferem o pagamento.

– Ele recebe as instruções desses caras?

– Instruções? – Angelidis soltou uma risada gutural. – Ele pega o nome, o prazo, o dinheiro. O resto é com ele.

– Não tenho certeza se entendi.

– Digamos que você queira apagar alguém. Teoricamente. Só para dar um exemplo. Você paga o preço do Peter Pan. O alvo é apagado. Fim da história. *Como* ele é apagado fica por conta do Peter. Ele não recebe *instruções*.

– Deixe-me ver se eu entendi direito. Os pregos na cabeça do Gus Gordo não faziam parte do trato?

Esse ponto pareceu despertar o interesse de Angelidis.

– Não... Isso *não* fazia parte do trato. Não se o matador fosse o Peter.

– Então essa parte teria sido iniciativa dele, e não uma ordem do cliente?

– Estou dizendo: ele não recebe ordens, só nomes e dinheiro.

– Então a merda asquerosa que ele fez com o Gus... foi ideia *dele*?

– Você me ouviu? Ele não recebe ordens.

– Então por que ele faria aquilo?

– Não tenho a menor ideia, porra. Esse é o problema. Conhecendo Panikos e Gurikos, não faz sentido.

– Não faz sentido Panikos se preocupar achando que Gurikos poderia saber de alguma coisa prejudicial? Ou que ele poderia vir a abrir o bico? Ou que já poderia ter aberto?

– Você precisa entender uma coisa. Gus esteve preso por muito tempo. Doze anos naquela porra de prisão de Attica, quando poderia ter saído em dois. Só precisava entregar um nome. Mas não entregou. E o cara não poderia ter feito nada contra ele. Não haveria vingança. De modo que não era por medo. Sabe por que era?

Gurney tinha ouvido histórias assim antes, e sabia qual era o desfecho:

– Princípios?

– Pode apostar o seu rabo nisso. Princípios! Bolas de aço!

Gurney assentiu.

– O que me faz pensar por que diabo Panikos fez o que fez. Nada disso se encaixa.

– Eu já disse, não faz sentido nenhum. Gus era como a Suíça. Quieto. Não falava com ninguém sobre nada. Esse era um fato conhecido e respeitado. O segredo do sucesso dele. Princípios.

– Certo. Gus era uma rocha. E o Panikos? Qual é a dele?

– Peter? Peter é... especial. Só aceita serviços que pareçam impossíveis. Tem muita determinação. Alta taxa de sucesso.

– E no entanto...?

– No entanto o quê?

– Estou ouvindo uma nota de reticência na sua voz.

– Uma nota de reticência? – Angelidis fez uma pausa antes de continuar com cuidado evidente: – Peter só é usado em... situações *muito* difíceis.

– Por quê?

– Porque junto com as habilidades dele... há alguns riscos.

– Que tipo de riscos?

Angelidis fez uma careta como se estivesse regurgitando o *ouzo* que bebera.

– A KGB costumava assassinar pessoas colocando veneno radiativo na comida. Tremendamente eficaz. Mas você precisa ter muito, muito, muito cuidado para usar essa merda. O Peter é assim.

– Panikos é tão apavorante assim?

– Se você pisar no calo dele, pode ter um problema.

Gurney pensou nisso. A ideia de que pisar no calo de um assassino decidido e louco *poderia* ser um problema lhe deu vontade de gargalhar.

– Você alguma vez ouviu dizer que ele gostava de provocar incêndios?

– Talvez tenha ouvido. É parte do pacote com que você está lidando. Que acho que você não entende de fato.

– Já enfrentei pessoas difíceis ao longo dos anos.

– *Difíceis?* Você é engraçado. Deixe-me contar uma história sobre o Peter, para que você saiba o que é *difícil*. – Angelidis se inclinou para a frente e estendeu as palmas das mãos sobre o tampo da mesa. – Era uma vez duas cidades, não muito longe uma da outra. Havia um homem forte em cada uma delas. Isso criava problemas, principalmente com relação a qual dos dois tinha direito a várias coisas que ficavam entre as cidades. À medida que as cidades cresciam, aproximavam-se mais uma da outra, e os problemas aumentaram. Muita merda aconteceu. Merdas *intensas.* – Ele articulou a palavra com cuidado. – *Intensas*, de um lado e do outro. Por fim, não havia possibilidade de paz. Nenhuma possibilidade de *acordo*. Então um deles decidiu que o outro precisava sumir e contratou o pequeno Peter para cuidar disso. Na época o Peter tinha acabado de entrar no negócio.

– O negócio de matar? – perguntou Gurney com a voz afável.

– É. A profissão dele. De qualquer modo, ele fez o serviço. Limpo, rápido, sem problemas. Depois apareceu na empresa do sujeito que o tinha contratado para receber o pagamento. O homem disse que ele precisava esperar, que estava com problemas de fluxo de caixa. Peter disse: “Não, você me paga agora.” O cara disse: “Não, você precisa esperar.” O Peter disse que isso o deixava

insatisfeito. O homem riu dele. Então o Peter atirou nele. Pou. Simples assim.

Gurney deu de ombros.

– Não é boa ideia sacanear um matador de aluguel.

A boca de Angelidis se retorceu por uma fração de segundo no que poderia ser um sorriso.

– Nunca é boa ideia. Verdade. Mas a história não acaba aí. O Peter foi à casa do sujeito e matou a mulher dele e os dois filhos. Depois andou pela cidade, atirou no irmão e nos cinco primos do sujeito, nas esposas, matou toda a porra da família. Vinte e uma pessoas. Vinte e um tiros na cabeça.

– Isso que é reação.

A boca de Angelidis se alargou, mostrando uma fileira de dentes brilhantes com jaquetas. Depois ele fez um som rosnado que Gurney achou que era provavelmente a risada mais nojenta que já ouvira.

– É. “Isso que é reação.” Você é um cara engraçado, Gurney. “Isso que é reação.” Preciso lembrar dessa.

– Mas parece uma coisa arriscada de fazer, segundo um ponto de vista comercial.

– Como assim, “arriscada”?

– Depois disso, depois de matar 21 pessoas por causa de um atraso no pagamento, eu imaginaria que os clientes em potencial poderiam temer fazer negócio com ele. Poderiam querer lidar com alguém menos... sensível.

– “Sensível”? Estou dizendo, Gurney, você é uma porra de uma piada. “Sensível”, essa é boa! Mas o que você não entende é que o Peter tem uma vantagem especial. Peter é *único*.

– Como assim?

– Peter pega os serviços *impossíveis.* Os que outros caras dizem que não podem ser feitos por serem arriscados demais, por terem o alvo protegido demais, merdas assim. É aí que o Peter entra. Ele gosta de provar que é melhor do que todo mundo. Sacou? Peter é um recurso único. Altamente motivado. Grande determinação. Nove em dez vezes ele cumpre o trato. Mas o negócio é que... há sempre a possibilidade de algum efeito colateral.

– Você pode me dar um exemplo?

– Exemplo? Teve a vez em que ele foi contratado para matar um alvo numa daquelas balsas de alta velocidade gregas, mas não sabia qual era a aparência do cara, só que ele estaria no barco numa hora específica. Então o que ele fez? Explodiu a porra inteira na água, matou umas cem pessoas. Mas vou lhe dizer outra coisa. Não é só que ele produza danos colaterais. O que dizem é que ele gosta disso. Incêndios. Explosões. Quanto maior, melhor.

Isso fez Gurney pensar em um monte de coisas. Mas ficou retornando a uma questão central: exatamente *o que* fizera com que Panikos fosse a escolha certa para o atentado contra Spalter? O que fazia o serviço parecer impossível?

Angelidis interrompeu seu raciocínio:

– Ei, quase esqueci uma coisa, algo de que todo mundo que estava lá ainda fala. Uma coisa que realmente mexeu com as pessoas. Está preparado? – Não era de fato uma pergunta. – Enquanto o pequeno Peter andava pela cidade apagando a porra daquela família da face da terra, adivinha o que ele estava fazendo? – Ele parou, com uma empolgação verdadeira nos olhos. – Adivinhe.

Gurney balançou a cabeça.

– Eu não tento adivinhar nada.

– Não importa. Você não iria conseguir mesmo. – Ele se inclinou

mais alguns centímetros à frente. – Estava cantando.

Antes de sair da horta do restaurante, Gurney olhou de novo pelo portão aberto no muro dos fundos. Podia ver claramente o lote dos Spalter, inteiro, sem nenhum poste de luz obstruindo-o.

Ouviu os dedos de Angelidis batendo inquietos no tampo da mesa.

Gurney se virou para ele e perguntou:

– Você costuma pensar no Carl quando olha para o Willow Rest?

– Claro. Penso nele.

Olhando os dedos do homem batucando na superfície de metal, Gurney perguntou:

– O fato de Panikos ter sido o assassino de aluguel lhe diz alguma coisa sobre quem o contratou?

– Claro. – As batidas pararam. – Diz que a pessoa sabe se virar. Você não pega um catálogo telefônico, procura “Panikos” e diz: “Ei, tenho um serviço para você.” A coisa não funciona assim.

Gurney assentiu.

– Muito poucas pessoas sabem como fazer contato com ele – disse, parecendo que falava consigo mesmo.

– Peter aceita contratos através de meia dúzia de caras no mundo. Você precisa ser muito bem conectado para saber quem são esses sujeitos.

Gurney ficou em silêncio por um momento antes de perguntar:

– Você diria que Kay Spalter era bem conectada?

Angelidis o encarou. Pareceu achar a sugestão surpreendente, mas sua única resposta foi dar de ombros.

Enquanto se virava para ir embora, Gurney teve uma última pergunta:

– O que ele estava cantando?

Angelidis pareceu confuso.

– Panikos, enquanto matava todo mundo – acrescentou Gurney.

– Ah, sim. Uma musiquinha de criança. Como é que vocês chamam? Cantiga de ninar.

– Você sabe qual era?

– Como eu iria saber? Algo sobre rosas, flores, alguma merda assim.

– Ele estava cantando uma cantiga de ninar que falava de flores? Enquanto andava pela cidade atirando na cabeça de pessoas?

– Exatamente. Sorrindo feito um anjo e cantando sua musiquinha com voz de menininha. As pessoas que ouviram aquilo... jamais esqueceram. – Angelidis fez uma pausa. – O que você mais precisa saber sobre ele, a coisa mais importante, é o seguinte: ele é duas pessoas. Uma delas é precisa, exata, faz tudo de um determinado modo. A outra é maluca pra caralho.

Capítulo 42

A cabeça desaparecida

Gurney parou no primeiro posto de gasolina que encontrou no caminho de Long Falls para Walnut Crossing para abastecer, tomar um café, já que mal havia tocado no seu no Aegean Odyssey, e para mandar outro e-mail para Jonah Spalter. Decidiu cuidar primeiro do último item.

Verificou as palavras e o tom da mensagem anterior e deliberadamente redigiu outra de modo mais cortante, definitivamente inquietante, menos claro, com um nível de urgência intensificado – mais como uma mensagem de texto apressada do que um e-mail.

> *Um fluxo crescente de novos dados, corrupção óbvia. A reversão da condenação e novas investigações agressivas acontecerão. A dinâmica familiar é uma questão-chave? Poderia ser tão simples quanto SIGA O DINHEIRO? Como as dificuldades financeiras da CatCiber se encaixam na investigação? Deveríamos nos encontrar o mais rápido possível para discutir novos fatos.*

Leu duas vezes. Se a tensão e a ambiguidade da mensagem não provocassem alguma comunicação por parte de Jonah, ele não tinha ideia do que provocaria. Depois entrou na lojinha de conveniência nojenta para comprar um café e um pãozinho, que se revelou velho e duro. Mas Gurney estava com fome suficiente para comê-lo mesmo assim. No entanto, o café estava surpreendentemente fresco, o que lhe deu um sentimento fugaz de bem-estar.

Já ia se aproximar das bombas de gasolina quando percebeu que ainda não havia contado a Hardwick sobre o encontro com Mick Klemper no Riverside Mall e a chegada subsequente do vídeo de

segurança de Long Falls em sua caixa de correio. Decidiu fazer logo isso.

A chamada caiu na caixa postal e ele deixou uma mensagem: “Jack, preciso colocar você a par de algumas novidades com relação ao Klemper. Tivemos uma pequena discussão sobre os vários modos como a história pode terminar, alguns menos dolorosos para ele do que outros, e como num passe de mágica o vídeo desaparecido surgiu na minha caixa de correio. O sujeito pode estar tentando amortecer a queda, e precisamos falar sobre as implicações. Além disso, você vai querer assistir ao vídeo. Nenhuma consequência óbvia com relação aos relatos das testemunhas, mas sem dúvida vale a pena dar uma olhada. Me ligue assim que puder.”

Isso o lembrou de outra tarefa urgente que ele deixara de lado: assistir aos vídeos das outras três câmeras, principalmente as duas rotuladas com LESTE e OESTE, já que teriam capturado imagens de indivíduos se aproximando do prédio ou saindo dele. Pensar no potencial impulso que esse tipo de prova poderia dar à investigação fez Gurney dirigir bem acima do limite de velocidade pelo resto da viagem até sua casa.

Ficou surpreso, em seguida confuso, depois preocupado ao ver o carro de Madeleine parado no mesmo lugar em que estava quando ele saíra de manhã cedo para Long Falls esperando que ela saísse pouco depois dele para a fazenda dos Winkler.

Ao entrar em casa com a testa franzida em uma expressão ansiosa, encontrou-a junto à pia da cozinha, lavando pratos.

– O que você ainda está fazendo aqui?

Havia em sua voz um tom de acusação que ela ignorou.

– Logo depois que você saiu, quando eu já estava entrando no carro, Mena chegou na minivan.

– Mena?

– Do clube de ioga, lembra? Você jantou com ela.

– Ah. Aquela Mena.

– É, *aquela* Mena, nenhuma das muitíssimas outras Menas que nós conhecemos.

– Certo. Então ela chegou na minivan. Para quê?

– Bom, ostensivamente para nos trazer a colheita da horta dela. Dê uma olhada no quartinho dos casacos: abóbora-amarela, alho, tomates, pimentões.

– Acredito em você. Mas isso foi há horas. E você ainda está...

– Ela chegou há horas, mas só saiu há 45 minutos.

– Meu Deus.

– Mena gosta de conversar. Talvez você tenha notado isso quando jantamos juntos. Mas, para ser justa, ela tem algumas dificuldades sérias na vida, problemas de família, coisas que precisava desabafar. Ela precisava conversar com alguém. Achei que não deveria cortá-la.

– Que tipo de problema?

– Ah, Deus, tudo, desde pais com mal de Alzheimer até um irmão na cadeia por tráfico de drogas, sobrinhas e sobrinhos com todo tipo de distúrbio psiquiátrico conhecido. Não sei... você quer mesmo ouvir sobre isso?

– Talvez não.

– De qualquer modo, eu fiz um almoço para ela, chá, depois mais chá. Não queria deixar os pratos sujos para você, então estou cuidando disso agora. E você? Parece estar correndo para fazer alguma coisa.

– Estava planejando olhar os vídeos de segurança de Long Falls.

– Vídeos de segurança? Ah, meu Deus, quase esqueci! Você

sabia que o Jack Hardwick apareceu na RAM-TV ontem à noite?

– Apareceu *onde*?

– Na RAM-TV. Naquele programa pavoroso, *Conflito Criminal*, com Brian Bork.

– Como você...?

– Kyle ligou há uma hora para perguntar se você tinha visto.

– A última vez que Hardwick falou comigo ele estava em Cooperstown... ontem por volta do meio-dia, eu acho. Ele não me disse que planejava...

Ela o interrompeu:

– É melhor você dar uma olhada. Está na seção de arquivos do site deles.

– Você assistiu?

– Dei uma olhadinha depois que a Mena foi embora. Kyle disse que a gente precisava assistir assim que possível.

– É... alguma coisa problemática?

Ela apontou para o escritório.

– O site da RAM está aberto no computador. Assista, depois me diga se é algo problemático.

A expressão perturbada lhe deu a entender que ela já havia chegado à própria conclusão.

Um minuto depois ele estava sentado à sua mesa, assistindo à preocupação ensaiada e ao cabelo cheio de gel de Brian Bork. O apresentador de *Conflito Criminal* ocupava uma de duas cadeiras posicionadas em lados opostos de uma mesinha. Estava inclinado à frente como se a importância do que iria dizer tornasse impossível relaxar. A segunda cadeira estava vazia.

Ele se dirigiu diretamente à câmera.

– Boa noite, amigos. Bem-vindos ao drama da vida real de *Conflito Criminal*. Esta noite pretendíamos trazer outra entrevista com Lex Bincher, o controverso advogado que nos deixou perplexos há alguns dias com seu ataque sem trégua ao Departamento de Investigações Criminais, um ataque destinado a desmantelar o que ele caracterizou como a condenação cheia de falhas cruciais de Kay Spalter pelo assassinato de seu marido. Desde então aconteceram fatos chocantes nesse caso já sensacional. O último é a história de uma tragédia no povoado idílico de Cooperstown, Nova York. Envolve incêndio criminoso, homicídios múltiplos e o desaparecimento sinistro do próprio Lex Bincher, que deveria estar conosco esta noite. Em vez disso, ouviremos o que tem a dizer Jack Hardwick, um investigador particular que estava trabalhando com Bincher. Ele está neste momento na afiliada da RAM-TV em Albany.

A tela se dividiu ao meio, com Bork à esquerda e Hardwick, num cenário semelhante, à direita. Hardwick, usando uma das camisas polo pretas de sempre, parecia relaxado, o que Gurney reconheceu como a máscara pública estranhamente inversa que às vezes o sujeito punha em sua raiva. A provável fúria que ele sentia em relação ao que acontecera em Cooperstown e seu desprezo pessoal por Bork e pela RAM-TV estavam bem escondidos.

Gurney tinha uma questão em mente: por que Hardwick havia concordado em aparecer num veículo de mídia que odiava?

Bork prosseguiu:

– Em primeiro lugar, obrigado por aceitar meu convite para se juntar a nós tão em cima da hora, num momento de tamanha tensão. Soube que o senhor acaba de vir de uma situação terrível perto do lago Otsego.

– Isso mesmo.

– Pode descrevê-la para nós?

– Três casas à beira do lago foram incendiadas até o alicerce.

Seis pessoas morreram queimadas, inclusive duas crianças pequenas. Uma sétima vítima foi encontrada no lago, embaixo de um pequeno cais.

– A última vítima foi identificada?

– Isso pode levar algum tempo – disse Hardwick em tom inexpressivo. – A cabeça dele está desaparecida.

– O senhor disse que *a cabeça dele está desaparecida*?

– Foi o que eu disse.

– O assassino decapitou a vítima? E depois? Há alguma indicação do que pode ter acontecido com a cabeça?

– Talvez ele a tenha escondido em algum lugar. Ou abandonado. Ou levado com ele. A investigação está em curso.

Bork balançou a cabeça, gesto de um homem que simplesmente não consegue entender o que está acontecendo com o mundo.

– Isso é realmente espantoso. Investigador Hardwick, preciso fazer a pergunta óbvia: o senhor chegou a considerar que o corpo mutilado pode pertencer a Lex Bincher?

– Pode, sim.

– A próxima pergunta óbvia: o que, afinal, está acontecendo? O senhor tem uma explicação que possa compartilhar com nossos espectadores?

– É bastante simples, Brian. Kay Spalter foi falsamente acusada do assassinato do marido por um detetive absolutamente corrupto. Ela é vítima de uma manipulação grosseira de provas e de testemunhas, e de uma defesa totalmente incompetente. Sua condenação, claro, deixou o verdadeiro assassino deliciado, livre para continuar com seu negócio mortal.

Bork começou a fazer outra pergunta, mas Hardwick o interrompeu:

– As pessoas envolvidas nesse caso, não apenas o detetive desonesto que levou uma mulher inocente à prisão, mas toda a equipe que compactuou com essa farsa de julgamento e condenação, são os responsáveis, em última instância, pelo massacre de hoje em Cooperstown.

Bork fez uma pausa, como se estivesse perplexo com o que tinha acabado de ouvir.

– Esta é uma acusação *muito* séria. Na verdade, é o tipo de acusação capaz de deixar a comunidade policial ultrajada. O senhor está preocupado com isso?

– Não estou acusando a *comunidade* policial em geral de nada. Estou denunciando os *membros* específicos dessa comunidade que falsificaram provas e conspiraram para a prisão e o processo indevidos contra Kay Spalter.

– O senhor tem as provas necessárias dessas acusações?

A resposta de Hardwick foi imediata, calma; ele nem piscou.

– Tenho.

– O senhor pode compartilhar essas provas conosco?

– Vamos compartilhá-las na hora certa.

Bork fez várias outras perguntas a Hardwick, tentando em vão obrigá-lo a ser mais específico. Então de repente mudou de rumo e fez as perguntas que obviamente considerava as mais provocativas:

– E se o senhor tiver sucesso? E se envergonhar por completo todos aqueles que o senhor afirma que estavam errados? E se o senhor vencer e conseguir soltar Kay Spalter, e mais tarde descobrir que ela era culpada de assassinato, afinal de contas? Como o senhor vai se sentir?

Pela primeira vez na entrevista o desprezo de Hardwick por Bork começou a surgir em sua expressão.

– Como eu me *sentiria*? *Sentir* não tem nada a ver com isso. O que eu *saberia* seria exatamente o que eu *sei* agora: que o processo jurídico estava corrompido. Corrompido do início ao fim. E as pessoas responsáveis por isso sabem quem são.

Bork pareceu verificar que horas eram, depois olhou para a câmera.

– Certo, amigos, é isso. – A metade da tela dedicada a ele se expandiu até ocupar todo o espaço. Fazendo cara de testemunha corajosa de acontecimentos terríveis, ele convidou os espectadores a prestarem atenção a algumas mensagens importantes dos patrocinadores. E concluiu: – Fiquem conosco. Voltaremos em dois minutos com notícias a respeito de um embate novo e violento sobre direitos reprodutivos que foi parar na Suprema Corte. Eu sou Brian Bork e este é o *Conflito Criminal*, sua tribuna de honra nas batalhas jurídicas mais explosivas da atualidade.

Gurney fechou a janela de vídeo, desligou o computador e se recostou na poltrona.

– Então, o que você acha disso?

A voz de Madeleine, atrás de sua cadeira, assustou-o.

Ele se virou para encará-la.

– Estou tentando deduzir.

– Deduzir o quê?

– Por que ele participou desse programa.

– Quer dizer, além de a aparição ter rendido a ele uma enorme plataforma para dar um golpe grátis contra seus inimigos, as pessoas que o chutaram do trabalho?

– É, além disso.

– Acho que se todas aquelas acusações tinham algum objetivo além de soltar os bichos, poderia ser o de atrair o máximo de

atenção da imprensa, atrair o máximo de repórteres investigativos possível, fazer com que todos eles mergulhem no caso Spalter e o mantenham nas manchetes pelo máximo de tempo. Acha que era isso?

– Ou ele pode querer provocar um processo por injúria e difamação, um processo que ele tem certeza que vencerá. Ou encurralar a polícia do estado de Nova York, sabendo que os indivíduos envolvidos não poderão processá-lo porque ele *vencerá*, sendo que seu objetivo *verdadeiro* é forçar a organização a jogar Klemper aos lobos para minimizar as perdas.

Madeleine pareceu cética.

– Não imagino que a motivação dele fosse tão sutil. Tem certeza que não é apenas a boa e velha raiva procurando alguma coisa para esmagar?

Gurney balançou a cabeça.

– Jack gosta de se apresentar como um sujeito brusco. Mas não há nada que seja brusco na mente dele.

Madeleine continuou cética. Gurney prosseguiu:

– Não quero dizer que ele não esteja motivado pelo ressentimento. Está, sem dúvida, motivado por isso. Ele não suporta a ideia de ter sido obrigado a encerrar uma carreira que amava, por pessoas que desprezava. Agora ele as despreza ainda mais. Está furioso e quer vingança, tudo isso é verdade. Só estou dizendo que ele não é idiota e que sua tática pode ser mais inteligente do que parece.

Esse comentário provocou um breve silêncio rompido por Madeleine:

– Por falar nisso, você não tinha me contado sobre... aquele... último horror.

Ele olhou-a interrogativamente.

Ela imitou sua expressão.

– Acho que você sabe do que estou falando.

– Ah. O negócio da cabeça desaparecida? É... não contei.

– Por quê?

– Pareceu... sinistro demais.

– Você ficou com medo que eu achasse perturbador?

– Algo assim.

– Controle de informações?

– O quê?

– Lembro-me de um político bajulador explicando uma vez que nunca mentia; apenas administrava o fluxo de informações de modo a evitar a confusão por parte do público.

Gurney ficou tentado a argumentar que aquela situação era completamente diferente, que sua motivação era apenas nobre e atenciosa, mas ela abalou seu equilíbrio com uma piscadela surpreendente, como se quisesse livrá-lo do constrangimento. E outra tentação ocupou o lugar no mesmo instante.

As mulheres inteligentes costumavam provocar um efeito erótico nele, e Madeleine era uma mulher muito inteligente.

Capítulo 43

Prova em vídeo

De vez em quando, em sua vida de detetive, Gurney tinha a sensação de que fazia malabares com granadas.

Sabia que não poderia culpar ninguém, além de si próprio, pela situação atual. Desde o início era evidente que aquela missão tinha probabilidade de se desenrolar de maneiras imprevisíveis devido aos objetivos pessoais de Hardwick. Mas mesmo assim ele havia aceitado participar, levado pelos próprios motivos obsessivos – motivos que Madeleine vira com clareza suficiente e agora enfatizava, ao passo que ele optara por insistir que só estava retribuindo um favor. Tendo enganado a si mesmo para participar de um circo de três picadeiros sem mestre de cerimônias, agora ele estava experimentando a desorganização inevitável que havia nesse arranjo.

Tentou se convencer de que a falta de vontade de sair daquela situação – agora que a anulação da sentença de Kay era praticamente certa e que, portanto, sua dívida para com Hardwick fora quitada – era motivada pela nobreza, pela busca da verdade. Mas não conseguiu se obrigar a acreditar nisso. Sabia que seu vício em sua profissão tinha raízes mais profundas do que qualquer aspecto nobre.

Também tentou se convencer de que o desconforto que estava sentindo por Hardwick ter atacado Mick Klemper (não citado nominalmente, mas facilmente identificável) no programa *Conflito Criminal* vinha de outra ideia altruísta, segundo a qual todos os acordos, mesmo com safados coniventes, são sagrados. Mas suspeitou que sua inquietação estava ligada, na verdade, à sua percepção tardia de que prometera a Klemper mais do que poderia dar. A ideia de que seria capaz de amortecer a queda do sujeito

caracterizando seus lapsos como produtos de um erro idiota e não de intenção criminosa parecia agora pouco mais do que uma fantasia conveniente.

Viu que, sem perceber, havia se colocado de novo numa posição perigosa e insustentável, sem saber por onde sair – a não ser seguindo em frente. Madeleine estava certa. O padrão era inegável. Sem dúvida havia algo errado com ele. O único caminho que ainda podia ver era continuar, com o malabarismo de granadas e tudo.

Ligou o computador de novo e abriu os arquivos de vídeo das câmeras de segurança de Long Falls.

Demorou quase uma hora para encontrar o que esperava: a imagem de um indivíduo de estatura diminuta vindo pela Avenida Axton em direção à câmera. Enquanto Gurney olhava, ele, ou *ela*, desapareceu na entrada do prédio. A identificação do gênero era dificultada por um casaco pesado e largo, uma faixa larga de cabelo, como as usadas por esquiadores, que cobria ouvidos, a testa e a linha dos cabelos, óculos escuros grandes e uma echarpe grossa de inverno que escondia não apenas o pescoço, mas também boa parte do queixo e da linha do maxilar. O que restava para ser visto do rosto – um nariz afilado e ligeiramente adunco e a boca pequena – parecia combinar com o rosto do entregador da Flores de Florence, que Gurney vira no vídeo de segurança do Emmerling Oaks. De fato, a faixa de cabelo, os óculos e a echarpe pareciam idênticos aos do vídeo anterior.

Gurney retrocedeu o vídeo em cerca de um minuto e reviu a trajetória do indivíduo pela rua e a entrada no prédio. Ao contrário do vídeo do Emmerling Oaks, não havia flores. Mas havia um pacote estreito, com cerca de 1,20 metro de comprimento, enrolado num papel de presente de Natal, vermelho e verde, com um grande laço decorativo no meio. Gurney sorriu. Provavelmente era o modo mais inocente de transportar um fuzil de atirador de elite pela rua na época das compras natalinas.

Anotou o horário que aparecia no quadro enquanto o indivíduo entrava no prédio. Eram 10h03. Apenas dezessete minutos antes do tiro que derrubara Carl Spalter.

O mesmo indivíduo apareceu de novo na rua às 10h22 – apenas dois minutos depois do disparo –, virou-se e se afastou com toda a calma, seguindo pela Avenida Axton até sair do campo de visão da câmera.

Gurney se recostou na cadeira, contemplando a importância do que vira.

Primeiro, aquilo sugeria fortemente que o disparo fora mesmo feito do apartamento onde a arma tinha sido encontrada mais tarde. O timing de saída do prédio do provável atirador tornaria outros cenários menos prováveis, se não impossíveis – o que enfatizava o problema do poste de luz.

Segundo, era óbvio que a pessoa no vídeo não era Kay Spalter. Gurney experimentou um bem-vindo surto de raiva contra Klemper, assim como a eliminação de qualquer sentimento de culpa por violar o "acordo" dos dois. Aquele vídeo, por si só, encerraria o processo contra Kay Spalter. No mínimo garantiria uma *margem razoável de dúvida* ao sustentar uma teoria e um suspeito alternativos críveis. O vídeo impediria a condenação e o encarceramento dela. Portanto a omissão voluntária dessa prova por parte de Klemper – aparentemente em troca de favores sexuais de Alyssa Spalter – era não apenas criminosa, mas imperdoável.

Terceiro, era hora de parar de pensar no indivíduo dos vídeos da Avenida Axton e do condomínio para idosos simplesmente como "o indivíduo". Era hora de começar a chamá-lo pelo nome que ele escolhera: Petros Panikos.

Não era fácil. Algo em sua mente se recusava a ligar a figura pequena, quase requintada, carregando buquês de crisântemos numa situação e uma caixa colorida de presente de Natal na outra,

ao violento psicopata descrito pela Interpol e por Adonis Angelidis. O psicopata que havia martelado os pregos nos olhos, nos ouvidos e na garganta de Gus Gurikos. O mesmo que pusera bombas incendiárias em três casas em Cooperstown, levando seis pessoas inocentes a arderem até a morte, e decepara a cabeça de um homem.

Ah, meu Deus, será que ele estava cantando quando fez isso, também? Era uma coisa na qual Gurney não queria pensar. O material perfeito para pesadelos. Era hora de pensar em coisas práticas. Hora de uma reunião com Hardwick e Esti. Hora de combinar os próximos passos.

Pegou o celular e telefonou primeiro para Hardwick. Pretendia deixar um recado e se surpreendeu quando a ligação foi atendida imediatamente, e em tom defensivo:

– Está me ligando pra me dar um esporro por causa do negócio com o Bork?

Gurney decidiu adiar essa discussão:

– Acho que precisamos nos encontrar.

– Para quê?

– Planejamento? Coordenação? Cooperação?

Houve uma pausa curta.

– Claro. Sem problema. Quando?

– O mais rápido possível. Tipo amanhã de manhã. Eu, você e Esti, se ela puder. Precisamos colocar os fatos, as perguntas e as hipóteses na mesa. Se juntarmos tudo o que temos, talvez consigamos ver o que está faltando.

– Certo. – Hardwick parecia cético, como sempre. – Onde você quer fazer isso?

– Na minha casa.

– Algum motivo especial para isso?

O motivo verdadeiro era que Gurney queria reaver alguma sensação de controle. Mas o que disse foi:

– Sua casa tem buracos de bala. A minha, não.

Depois de concordar, sem muito entusiasmo, em se encontrarem às nove da manhã do dia seguinte na casa de Gurney, Hardwick se ofereceu para avisar Esti, já que precisava mesmo falar com ela sobre outra coisa. Um assunto pessoal. Gurney preferiria ligar para ela pessoalmente – mais uma vez pela esquiva sensação de estar no controle –, mas não conseguiu pensar num modo razoável de insistir nisso.

Encerraram a ligação sem que qualquer um dos dois falasse sobre o “acordo” com Mick Klemper ou sobre a alusão de Gurney a isso em sua última mensagem telefônica.

Enquanto Gurney saía do escritório, Madeleine emergiu do quarto. Ela levou para o carro a bolsa de viagem que havia arrumado de manhã, depois voltou para lembrá-lo de novo sobre os morangos picados para as galinhas.

– Sabe – respondeu ele –, o Ozzie Baggott, que mora mais à frente na estrada, só joga um balde de restos de comida para as galinhas uma vez por dia, e parece que elas sobrevivem muito bem.

– Ozzie Baggott é um lunático abominável. Ele jogaria o lixo no quintal dos fundos de qualquer maneira, quer tivesse galinhas ali ou não.

Pensando bem, Gurney descobriu que não poderia questionar isso.

Os dois se abraçaram e se beijaram, e ela partiu.

Enquanto o carro sumia por trás do celeiro, a última nesga do sol poente desapareceu atrás da montanha no oeste.

Capítulo 44

A empolgação da caçada

Gurney voltou ao escritório. O crepúsculo que se aprofundava tinha substituído os tons de verde e dourado da montanha por um monocromático cinza-esverdeado. Isso o fez pensar na colina diante da casa de Jack Hardwick, a colina de onde tinham partido os tiros que destruíram os fios de eletricidade e telefone.

Logo seus pensamentos começaram a se organizar em torno dos fragmentos do caso Spalter, em especial os elementos incongruentes. Isso o fez pensar num ditado que um de seus instrutores na academia de polícia enfatizou durante um curso avançado sobre interpretação de provas numa cena de crime: as peças que não parecem se encaixar são as que acabam revelando mais.

Pegou um bloco de papel amarelo na gaveta da escrivaninha e começou a escrever. Vinte minutos depois releu as anatoções, que havia organizado numa lista de oito questões:

1. Testemunhas situaram a vítima, no momento em que ela levou o tiro, numa posição que tornaria impossível ser atingida por uma bala disparada do apartamento onde a arma do crime e resíduos de pólvora foram encontrados.
2. Matar a mãe da vítima para garantir a presença desta no cemitério parece desnecessariamente elaborado. A mãe poderia ter sido morta por outro motivo?
3. O profissional que executou o atentado era conhecido por aceitar apenas as tarefas mais difíceis. O que poderia ter colocado o atentado contra Carl Spalter nessa categoria?
4. Se a própria Kay Spalter não disparou o tiro, será que ela poderia ter contratado o atirador?

5. Será que Jonah poderia ter contratado o atirador para obter o controle dos bens da Imobiliária Spalter?
6. Será que Alyssa poderia ter contratado o atirador – além de conspirar com Klemper depois do atentado para acusar Kay – com o objetivo de herdar o espólio do pai?
7. Gurikos foi morto e mutilado para proteger que segredo?
8. Carl foi morto em retaliação por mandar matar outra pessoa?

Repassando os oito itens e detendo-se em cada um, Gurney ficou indignado com a falta de progresso.

Mas um aspecto positivo de um caso com muitas peculiaridades era que, assim que você elaborasse uma teoria coerente com *todas* as peculiaridades, poderia ter certeza de que ela estaria correta. Com frequência um único aspecto estranho numa investigação podia ser explicado de várias formas. Mas era improvável que houvesse mais de uma hipótese que explicasse o problema da linha de visão com o apartamento, a grotesca mutilação de Gus Gurikos *e* o timing esquisito da morte de Mary Spalter.

Quando olhou pela janela norte do escritório, alguns minutos depois, a floresta parecia desprovida de qualquer verde. As árvores e o morro coberto por elas eram agora uma massa uniformemente escura contra o tom ardósia do céu. A noite que caía sobre a colina o fez se lembrar do ataque à casa de Hardwick e da fuga do atirador motorizado pela floresta.

Nesse momento ele ouviu o som de uma motocicleta que por um segundo interpretou como fruto de sua imaginação. Depois o ruído ficou mais alto e a direção, mais clara. Gurney foi do escritório à cozinha para olhar pela janela, agora com a certeza de que estava escutando um veículo bem real subindo pela estrada. Meio minuto depois, o farol único do veículo rodeou o celeiro e começou a subir a trilha do pasto.

Gurney foi ao quarto, pegou sua Beretta calibre 32 na mesinha de cabeceira, pôs uma bala na câmara, enfiou a arma no bolso e seguiu até a porta lateral. Esperou que a motocicleta parasse ao lado de seu carro, então acendeu as luzes externas.

Uma figura de aparência atlética, com roupa de couro preta e capacete também preto sem a viseira, retirou uma fina pasta preta de uma das bolsas laterais e se aproximou da porta. Bateu firmemente com a mão enluvada.

Foi então que, a ponto de tirar a arma do bolso, Gurney reconheceu o capacete.

Era o seu, de sua época de motociclista, quase três décadas antes. Era o capacete que dera a Kyle alguns meses atrás.

Acendeu as luzes internas e abriu a porta.

– Oi, pai! – exclamou Kyle, então lhe entregou a pasta, tirou o capacete com uma das mãos e passou a outra pelo cabelo preto e curto que era o retrato do cabelo de Gurney.

Os dois trocaram sorrisos parecidos, ainda que no de Gurney houvesse um toque de perplexidade.

– Eu deixei de ver algum e-mail ou mensagem de texto?

– Sobre minha vinda? Não. Decidi de última hora. Achei que poderia cuidar do tratamento de imagem do vídeo com mais facilidade aqui do que em casa, para que você possa ver o que estou fazendo e chegarmos aonde você quer. Foi a principal razão para eu vir. Mas há outro motivo também.

– É?

– O bingo de bosta de vaca.

– O quê?

– O bingo de bosta de vaca, na tal Feira de Verão da Montanha. Sabia que isso existe de verdade? Eles desenham uma cartela de

bingo gigantesca no chão e soltam uma vaca. Ganha quem apostou no quadrado em que ela fizer cocô primeiro. E tem queijo frito. E na tarde de domingo uma corrida de demolição só para mulheres. E um grande campeonato de lançamento de abobrinhas.

– Um o quê?

– Esse último eu inventei. Mas, ora, não é mais estranho que as coisas reais. Nunca fui a uma feira rural de verdade. Com bosta de vaca de verdade. Achei que era hora. Cadê a Madeleine?

– Longa história. Está hospedada com uns amigos dela. Tem a ver com a feira e... uma espécie de precaução. Mais tarde conto. – Ele deu um passo para trás, segurando a porta aberta. – Entre, entre, tire essa roupa de motoqueiro e fique à vontade. Já jantou?

– Um hambúrguer e um iogurte na parada de Sloatsburg.

– Isso foi há mais de 100 quilômetros. Quer comer uma omelete comigo?

– Legal. Obrigado. Vou pegar minha outra bolsa e me trocar.

– E aí, que negócio de “precaução” foi esse que você falou?

Não foi nenhuma surpresa para Gurney esta ter sido a primeira pergunta que Kyle fez quando se sentaram para comer, vinte minutos depois.

Em vez de subestimar a ameaça, o que seria sua inclinação natural, Gurney contou de forma direta o ataque à casa de Hardwick e a atrocidade em Cooperstown. Se quisesse convencer Kyle a ir embora – para casa ou para outro local seguro, pelo menos na manhã seguinte –, não faria sentido minimizar o perigo.

Enquanto Gurney falava, seu filho ouvia com preocupação silenciosa – e também com a empolgação visível que aquela sugestão de perigo costuma provocar nos jovens.

Depois de comerem, Kyle ligou seu laptop na mesa de jantar e

Gurney lhe deu o pen drive com os arquivos de vídeo da Avenida Axton. Localizaram os dois trechos que Gurney queria ampliar. O primeiro era a parte da sequência do cemitério em que Carl se levantava da cadeira e terminava esparramado de cara no chão com uma bala no cérebro. O segundo era a parte da sequência de rua que mostrava a figura diminuta que Gurney acreditava ser Petros Panikos entrando no prédio com a caixa embrulhada para presente que provavelmente continha o fuzil encontrado mais tarde no apartamento.

Kyle estava examinando as imagens.

– Quer que eu amplie o máximo possível com interpolação mínima de software?

– Pode repetir?

– Quando a gente amplia as coisas, espalha os dados digitais. A imagem fica maior, mas também fica mais turva, porque há menos informação real por polegada quadrada. O programa pode compensar isso fazendo suposições, preenchendo os vazios de dados, tornando a imagem mais nítida, suavizando. Mas isso introduz um elemento de irrealidade, porque nem tudo o que foi acrescentado está presente nos pixels originais. Para diminuir o aspecto turvo da ampliação, o programa faz suposições calculadas, baseado mais em probabilidade do que em dados reais.

– E o que você recomenda?

– Eu recomendaria escolher um meio-termo razoável entre a nitidez da ampliação e a confiabilidade dos dados que a compõem.

– Ótimo. Tente o equilíbrio que você achar certo.

Gurney sorriu não apenas pelo conhecimento do filho sobre o processo, mas também pela empolgação na voz dele. Kyle parecia o arquétipo daquela geração com menos de 30 anos nascida com uma afinidade natural por todas as coisas digitais.

– Só me dê um pouco de tempo para fazer uns testes. Aviso quando tiver algo que valha a pena.

Kyle abriu a barra de ferramentas do programa, clicou num dos ícones de zoom, depois parou. Olhou para Gurney, que estava carregando os pratos das omeletes para a bancada da pia, e fez uma pergunta que parecia vir do nada:

– Além de lidar com assassinatos sensacionais e coisas do tipo, como vocês estão indo por aqui?

– Como estamos indo? Bem, eu acho. Por quê?

– Parece que você está envolvido com as *suas* coisas e Madeleine com as *dela*.

Gurney assentiu devagar.

– Acho que é verdade. As minhas coisas e as coisas dela. Em geral separadas, mas na maior parte compatíveis.

– Você gosta que seja assim?

Ele achou a pergunta estranhamente difícil de responder. Por fim, falou:

– Dá certo. – Mas estava desconfortável com o tom mecânico da resposta. – Não quero parecer tão melancólico e pragmático. Nós nos amamos. Ainda sentimos atração um pelo outro. Gostamos de morar juntos. Mas nossas cabeças funcionam de modo diferente. Eu mergulho em alguma coisa e de certa forma *fico* nela. Madeleine tem a capacidade de mudar de foco, de voltar a atenção completamente para tudo o que está diante dela, adaptando-se ao momento. Ela está sempre *presente*, se é que você me entende. E, claro, ela é muitíssimo mais expansiva do que eu.

– A maioria das pessoas é.

Kyle neutralizou o aspecto negativo do comentário com um largo sorriso.

– Verdade. Então, na maior parte do tempo nós acabamos fazendo coisas diferentes. Ou ela *faz* coisas e eu *penso* em coisas.

– Quer dizer que ela fica lá fora dando comida para as galinhas enquanto você fica sentado aqui tentando descobrir quem esquartejou o corpo que apareceu no lixão da cidade?

Gurney riu.

– Não exatamente. Quando está na clínica, ela lida com o que está *lá*, coisas bem graves, e quando está aqui lida com o que está *aqui*. Eu tendo a ficar dentro da minha cabeça, obcecado com algum problema contínuo, não importa onde eu esteja. Essa é uma diferença entre nós. Além disso, Madeleine passa muito tempo olhando, aprendendo, fazendo. Eu passo muito tempo perguntando, criando hipóteses, analisando. – Ele fez uma pausa. – Acho que cada um de nós faz o que nos leva a nos sentir mais vivos.

Kyle ficou sentado por um tempo com a testa franzida, pensativo, como se tentasse alinhar o raciocínio com o do pai, para entender melhor sua mente. Por fim, voltou a atenção para a tela do computador.

– É melhor eu começar logo isso, para o caso de ser mais difícil do que eu pensei.

– Boa sorte.

Gurney foi para o escritório e abriu a caixa de e-mails. Deu uma olhada nas mais de vinte mensagens que haviam chegado desde a manhã. Uma delas atraiu sua atenção. O remetente era identificado simplesmente como “Jonah”.

O texto parecia uma resposta pessoal ao pedido de um encontro para discutir o status da investigação.

> *Estou interessado em ter a conversa proposta o mais rápido possível. Porém o lugar onde estou torna impraticável um encontro presencial. Minha sugestão é fazermos uma*

videoconferência amanhã, às oito horas. Se você concordar, por favor me mande o nome do programa que usa para videoconferências. Se não tiver um, pode baixar o Skype. Aguardo ansiosamente sua resposta.

Gurney aceitou imediatamente a sugestão de Jonah. Eles já tinham o Skype instalado. A pedido da irmã de Madeleine em Ridgewood, ela o havia baixado quando se mudaram para as montanhas. Enquanto clicava para mandar a resposta, sentiu uma pequena onda de adrenalina – a sensação de que alguma coisa estava prestes a mudar.

Precisava se preparar. Faltavam menos de doze horas para a conversa às oito da manhã. E às nove ele, Hardwick e – esperava – Esti se encontrariam para atualizar as últimas informações.

Entrou no site da Catedral do Ciberespaço e nos 45 minutos seguintes mergulhou na filosofia insossa e positiva de Jonah Spalter.

Estava concluindo que o sujeito era uma espécie de gênio meloso – um Walt Disney da autoajuda – quando Kyle o chamou da outra sala.

– Ei, pai? Acho que consegui o máximo que podia com esse vídeo.

Gurney foi à mesa de jantar e sentou-se ao lado do filho. Kyle clicou num ícone e uma visão melhorada da sequência do cemitério teve início – ampliada, mais nítida e com a velocidade diminuída à metade. Tudo era como Gurney recordava da primeira vez que tinha visto – só que mais claro e maior. Carl estava sentado na extremidade mais distante da primeira fila de cadeiras. Ele se levantou e se virou para o pódio na outra ponta da sepultura. Deu um passo na frente de Alyssa, começou a dar o segundo passo e tombou para a frente, cambaleando até cair com o rosto virado para baixo logo depois da última cadeira no fim da fila. Jonah, Alyssa e

as senhoras da Força Idosa se levantaram. Paulette correu para a frente. Os carregadores e o agente funerário rodearam as cadeiras.

Gurney se inclinou mais para perto da tela e pediu que Kyle desse uma pausa no vídeo. Tentou discernir as expressões no rosto de Jonah e de Alyssa, mas os detalhes simplesmente não eram visíveis. Da mesma forma, mesmo naquele nível de ampliação, o rosto de Carl junto ao chão era pouco mais do que um perfil genérico. Havia um ponto escuro junto à linha dos cabelos, na têmpora, que poderia ser o ferimento de entrada da bala – ou poderia ser uma mancha de terra, uma sombra minúscula ou um artefato do próprio programa.

Pediu a Kyle para repassar o trecho, esperando que surgisse alguma revelação.

Não surgiu nenhuma. Pediu uma terceira vez e espiou atentamente a lateral da cabeça de Carl enquanto ele se virava para o pódio, dava um passo, começava a dar outro, tombava para a frente num colapso rápido e cambaleante. Alguma brisa no local ou o próprio movimento brusco de Carl havia desalinhado seu cabelo, tornando impossível ver aquele pontinho escuro e sutil até que sua cabeça batesse no chão e parasse de se mexer, logo depois do pé de Jonah.

– Tenho certeza que o FBI tem algum programa que pode render uma imagem melhor – disse Kyle em tom de desculpa. – Eu fiz o melhor possível sem produzir uma imagem essencialmente fictícia.

– O que você me deu é muito melhor do que o que eu tinha no começo. Vamos dar uma olhada na cena da rua.

Kyle fechou algumas janelas, abriu uma nova e clicou num ícone. Começando com um tema muito mais próximo da câmera, preenchendo uma parte maior do quadro, nesse caso a ampliação era mais clara e mais detalhada. O provável assassino de Mary Spalter, Carl Spalter, Gus Gurikos e Lex Bincher veio andando pela

Avenida Axton e entrou no prédio residencial. Gurney desejou que o sujeitinho tivesse uma parte maior do rosto descoberta. Mas, claro, a ocultação havia sido intencional.

Aparentemente Kyle estava pensando a mesma coisa.

– Não rende muito para um cartaz de “Procura-se”, não é?

– Nem para um cartaz nem para um programa de reconhecimento facial.

– Porque os olhos estão escondidos pelos óculos enormes?

– Isso. A forma dos olhos, a posição das pupilas, os cantos dos olhos. A echarpe esconde a linha do maxilar e a ponta do queixo. A faixa de cabelo esconde as orelhas e a posição da linha dos cabelos. Não resta nada para os algoritmos de medição.

– Mesmo assim, se eu visse de novo, acho que poderia reconhecer esse rosto só pela boca.

Gurney assentiu.

– A boca e a parte visível do nariz.

– É, isso também. Ele parece uma porra de um passarinho, com perdão pela linguagem.

Os dois se recostaram nas cadeiras e olharam para a tela. Para o rosto meio escondido de um dos assassinos mais estranhos do mundo. Petros Panikos. Peter Pan. O Mágico.

E, claro, havia a descrição final feita por Donny Angel: “Maluco pra caralho.”

Capítulo 45

Fora do caminho do perigo

– Então... o que você acha?

Com uma expressão interrogativa, Kyle segurava uma caneca de café com as duas mãos, os cotovelos apoiados na mesa.

– O que eu acho dos vídeos?

Gurney estava sentado do outro lado da mesa, segurando sua caneca de modo semelhante, aproveitando o calor nas palmas das mãos. A temperatura havia caído quase dez graus durante a noite, de vinte e poucos para cerca de doze graus, o que não era incomum no noroeste das Catskill, onde o outono costumava chegar em agosto. O céu estava nublado, escondendo o sol que àquele horário, sete e quinze da manhã, costumava ser visível sobre a cordilheira ao norte.

– Você acha que eles vão ajudá-lo a conseguir... o que você quer?

Gurney bebeu um gole vagaroso do café.

– A sequência do cemitério vai servir para algumas coisas. Ela estabelece o momento em que o Carl levou o tiro, e o ângulo obstruído da janela do apartamento para aquela direção vai solapar a hipótese da polícia para a origem do disparo. E o fato de o vídeo estar nas mãos da polícia desde o início, nas mãos do Klemper, vai sustentar a acusação de ocultação de prova.

Ele ficou em silêncio, inquieto por um momento pela lembrança da conversa com Klemper no Riverside Mall.

Viu Kyle olhando-o com curiosidade e continuou:

– A sequência da rua será útil de algumas formas, pelo que mostra e pelo que não mostra. O simples fato de *não* mostrar Kay

Spalter entrando no prédio poderia torná-lo uma peça importante de prova de inocência para a defesa. Assim, no mínimo, ela permite uma séria acusação de ocultação de prova e desvio de conduta policial.

– E... por que você não parece mais feliz?

– Mais feliz? – Gurney hesitou. – Acho que eu ficarei mais feliz quando chegarmos mais perto do ponto final.

– E qual é o ponto final?

– Eu gostaria de saber o que de fato aconteceu.

– Quer dizer, descobrir quem matou o Carl?

– Isso. É isso que realmente importa. Se Kay é inocente, outra pessoa queria que o Carl fosse morto, planejou isso e contratou Panikos para executar o plano. Quero saber quem foi. E quanto ao pequeno assassino que puxou o gatilho? Até agora ele matou mais nove pessoas no processo, sem contar as que tinha matado antes, sempre conseguindo se livrar e fazer de novo. Eu preferiria que ele não se livrasse dessa vez.

– Você acha que está perto de fazer com que ele pare?

– É difícil dizer.

O olhar inteligente e inquisitivo de Kyle permaneceu fixo nele, evidentemente esperando uma resposta melhor. Enquanto Gurney procurava uma e não conseguia, foi salvo pelo toque de seu celular.

Era Hardwick. Como sempre, ele não perdeu tempo dizendo alô.

– Recebi seu recado sobre a questão da videoconferência com Jonah Spalter. Onde diabo ele está?

– Não faço a menor ideia. Mas a disposição em ter uma conversa dessa forma é melhor do que nada. Quer vir aqui às oito, em vez de às nove, e participar?

– Nove é o melhor que eu consigo. Esti também. Mas nós dois

temos uma confiança profunda e permanente na sua habilidade de entrevistador. Você tem o programa para gravar a conversa?

– Não, mas posso baixar. Quer que eu faça alguma pergunta específica?

– Quero. Pergunte se ele contratou o atentado contra o irmão.

– Ótima ideia. Mais algum conselho?

– Sim. Não estrague tudo. Vejo você às nove.

Gurney enfiou o telefone de volta no bolso.

Kyle inclinou a cabeça com curiosidade.

– O que você precisa baixar?

– Um programa para gravar áudio e vídeo que seja compatível com o Skype. Acha que pode fazer isso para mim?

– Me dê seu login e sua senha do Skype. Vou fazer isso agora.

Enquanto o rapaz entrava no escritório munido dos dados de que precisava, Gurney sorriu diante da ansiedade do filho para ajudar, mas também pelo simples prazer de tê-lo em casa. Isso o fez pensar mais uma vez em por que o tempo que passavam juntos era sempre tão curto e tão espaçado.

Houvera um período em que ele achava que sabia o motivo – uma época que chegara ao auge dois anos antes, quando Kyle estava ganhando uma quantidade obscena de dinheiro em Wall Street, num emprego que conseguira por indicação de um colega de faculdade. Gurney estava convencido de que o Porsche amarelo que viera junto com o trabalho era a prova cabal de que os genes ambiciosos de sua ex-mulher corretora de imóveis, a mãe de Kyle, haviam assumido o controle. Mas agora suspeitava que isso não havia passado de uma racionalização que o absolvia de um fracasso mais profundo e menos explicável em fazer contato com o filho. Costumava dizer a si mesmo que era porque Kyle o fazia se

lembrar da ex-mulher em outros sentidos desagradáveis, também – alguns gestos, entonações, expressões faciais. Mas essa desculpa também era questionável. Havia muito mais diferenças do que semelhanças entre mãe e filho, e mesmo que não houvesse, seria petulante e injusto igualar um ao outro.

Gurney às vezes achava que a verdadeira explicação era simplesmente a defesa de sua própria zona de conforto, que não incluía outras pessoas. Esse era o argumento que sua namorada da época da faculdade, Geraldine, havia enfatizado no dia em que terminara com ele, tantos anos antes. Quando ele interpretava a situação sob esse prisma, via o distanciamento com relação ao filho como apenas mais um sintoma de sua introversão inata. Não era nada de mais. Caso encerrado. Mas assim que aceitava essa explicação, uma dúvida minúscula começava a se imiscuir em sua certeza. Será que a simples introversão explicava *totalmente* o fato de ver Kyle tão pouco? Então a dúvida minúscula virava uma ansiedade voraz. Em seguida, surgia a pergunta impossível de ser respondida: será que a presença de *um* filho o fazia lembrar, de forma inevitável, que ele já tivera *dois* filhos e ainda os teria se...

Kyle reapareceu junto à porta da cozinha.

– Está tudo pronto. Deixei a tela aberta para você. É bem simples.

– Ah, ótimo. Obrigado.

Kyle o observava com um sorriso curioso.

Isso lembrou a Gurney uma expressão que às vezes Madeleine fazia.

– O que está pensando?

– Em como você gosta de deduzir coisas. Como isso é importante para você. Enquanto eu esperava o programa terminar de baixar, pensei... se Madeleine fosse detetive, ela iria querer

resolver o quebra-cabeça para pegar o bandido. Mas acho que você quer pegar o bandido para poder resolver o quebra-cabeça.

Gurney ficou satisfeito, não por sua posição na comparação – que não lhe parecia especialmente elogiável –, mas pela percepção de Kyle. O rapaz tinha bom raciocínio, algo muito importante para Gurney. Sentiu uma pequena onda de camaradagem.

– Sabe o que estou pensando? Acho que você usa a palavra "acho" quase tanto quanto eu.

Enquanto ele falava, o telefone fixo começou a tocar. Gurney entrou no escritório para atender. Como se tivesse sido invocada pela referência feita por Kyle, era Madeleine.

– Bom dia! – Ela parecia animada. – Como vão as coisas?

– Ótimas. O que você está fazendo?

– Deirdre, Dennis e eu acabamos de tomar café da manhã. Suco de laranja, mirtilos, torradas e... *bacon*! – O último item foi verbalizado com a falsa culpa por ter cometido um falso pecado. – Vamos sair daqui a alguns minutos para checar os animais e prepará-los para o transporte até a feira. Na verdade Dennis já está lá fora, perto do curralzinho, acenando para nos apressarmos.

– Parece divertido – respondeu ele numa voz não muito convincente, maravilhado mais uma vez pela capacidade dela de se divertir mesmo inserida em um contexto mais amplo composto de problemas sérios.

– *É* divertido! Como estão nossas galinhazinhas?

– Bem, presumo. Eu já ia descer até o celeiro.

Ela fez uma pausa. Depois, num tom mais baixo, tocou no assunto premente, aquele em que ele estava atolado de forma tão profunda.

– Alguma novidade?

– Bom, o Kyle apareceu aqui em casa.

– O quê? Por quê?

– Eu pedi ajuda a ele com um programa de computador e ele simplesmente decidiu vir aqui e fazer o que fosse necessário. Na verdade foi bastante útil.

– Você o mandou para casa?

– Vou mandar.

Ela fez uma pausa.

– Por favor, tenha cuidado.

– Vou ter.

– Estou falando sério.

– Eu sei.

– Certo. Bem... Dennis está acenando com mais força, então é melhor eu ir. Te amo!

– Também te amo.

Ele colocou o fone no gancho, depois ficou sentado olhando para o aparelho sem realmente ver, os pensamentos voltando ao rosto de Panikos no vídeo e às palavras “maluco pra caralho”.

– Ouvi você dizer que a videoconferência seria às oito?

A voz de Kyle, na porta do escritório, trouxe Gurney de volta à realidade. Ele olhou a hora no canto da tela do computador: 7h56.

– Obrigado. E isso me lembra: eu queria pedir a você que ficasse fora do campo de visão da câmera durante a conversa. Está bem?

– Sem problema. Na verdade, o que eu estava pensando em fazer, já que você tem sua outra reunião aqui às nove e o dia está ideal para isso, era dar um pulinho de moto até Syracuse.

– *Syracuse?*

Houvera um tempo em que o nome daquela cidade cinzenta no cinturão da neve não significava nada para Gurney, mas agora se tornara um repositório mental de todos os acontecimentos terríveis do recente caso do Bom Pastor.

Obviamente o lugar tinha uma associação mais positiva para Kyle.

– É, pensei em dar um pulo até lá, já que eu estou tão no norte do estado, talvez almoçar com a Kim.

– Kim Corazón? Você manteve contato com ela?

– Um pouco. Principalmente por e-mail. Ela foi à cidade uma vez. Semana passada eu comentei com ela que planejava passar uns dias com vocês aqui, e como Walnut Crossing fica na metade do caminho até Syracuse, achei que seria uma boa oportunidade para encontrá-la. – Ele parou, observando o pai com um olhar cauteloso. – Você parece meio chocado.

– A palavra seria “surpreso”. Você nunca falou da Kim depois... depois que o caso foi encerrado.

– Achei que você não iria querer ser lembrado daquela confusão para a qual ela o arrastou. Não que tenha sido de propósito, mas acabou sendo um negócio bem traumático.

Era verdade que aquele era um caso do qual ele não gostava de falar. Não gostava nem de pensar. Muito poucos eram. De fato, raramente ele pensava no passado, a não ser que fosse um caso com pontas soltas que exigissem solução. Mas o do Bom Pastor não era um desses. O mistério tinha sido resolvido, e no fim todas as peças do quebra-cabeça haviam sido encaixadas. Mas era possível dizer que o preço fora alto demais. E o papel que ele exercera no último ato daquele drama se tornara uma das principais provas de Madeleine na argumentação de que ele gostava demais de se expor a níveis de perigo pouco sensatos.

Kyle o olhava agora com uma expressão preocupada.

– Você se incomoda por eu ir visitá-la?

Em qualquer outro momento a resposta honesta seria sim. Gurney havia considerado Kim muito ambiciosa, muito passional, muito ingênua, uma combinação mais problemática do que ele desejaria em qualquer namorada do filho. Mas nas circunstâncias atuais o plano de Kyle lhe pareceu uma coincidência conveniente, assim como a ideia de Madeleine de ir ajudar os Winkler.

– Na verdade – disse Gurney –, parece uma ótima ideia no momento, pelo menos um pouco mais segura.

– Meu Deus, pai, você acha mesmo que alguma coisa ruim vai acontecer aqui?

– Acho que a chance é muito, muito pequena. Mas eu não gostaria que você fosse exposto a ela.

– E *você?*

Era a pergunta que Madeleine tinha feito, repetida no mesmo tom.

– Faz parte do trabalho, parte do que eu assumi quando concordei em ajudar no caso.

– Posso fazer alguma coisa por você?

– Não, filho, no momento não há nada. Mas obrigado.

– Certo – disse ele, em dúvida.

Durante um minuto Kyle pareceu perdido, como se esperasse pensar em alguma outra opção, algum outro plano de ação.

Gurney não disse nada, apenas esperou.

– Certo – repetiu Kyle. – Vou pegar umas coisas e sair. Quando chegar a Syracuse ligo para você.

E deixou o escritório com uma expressão preocupada.

Um toque musical no computador anunciou o início da videoconferência às oito horas.

Capítulo 46

Os irmãos Spalter

Um plano médio de um homem sentado numa poltrona de aparência confortável preencheu a maior parte da tela do laptop. Gurney reconheceu Jonah Spalter pela foto dele que tinha visto no site da Catedral do Ciberespaço. Estava bem iluminado, sem qualquer elemento estranho no enquadramento que distraísse o espectador da forte estrutura óssea de seu rosto. A expressão era de calma ensaiada, temperada com uma leve preocupação. Ele olhava direto para a câmera, parecendo encarar Gurney nos olhos.

– Olá, David. Sou o Jonah. – Se sua voz fosse uma cor, seria em tom pastel. – Posso chamá-lo de David? Ou você prefere detetive Gurney?

– David está ótimo. Obrigado por entrar em contato comigo.

Ele assentiu de leve, com um ligeiro sorriso e a sugestão de preocupação de assistente social nos olhos.

– Seu e-mail tinha um tom urgente, junto com algumas expressões bastante alarmantes. Em que posso ajudá-lo?

– Até que ponto você sabe sobre o esforço de reverter a condenação de sua cunhada?

– Sei que o esforço resultou na morte do principal advogado dela, junto com seis vizinhos dele.

– Mais alguma coisa?

– Sei que o Sr. Bincher havia feito algumas alegações sérias sobre corrupção policial. O seu e-mail também se referiu a corrupção, assim como à “dinâmica familiar”. Isso poderia significar praticamente qualquer coisa. Talvez você possa me explicar.

– É uma área que a investigação oficial provavelmente abordará.

– Investigação oficial?

– O assassinato de Lex Bincher obrigará o Departamento de Investigações Criminais a dar outra olhada no assassinato do seu irmão. É provável que não apenas o DIV, mas o escritório do procurador geral também, já que as acusações de corrupção que aparecem na apelação de Kay são voltadas contra o DIV. Nesse ponto, iremos entregar as novas provas que descobrimos, que indicam que Kay foi acusada falsamente. Assim, não importa quais agências estejam envolvidas, elas irão querer saber quem, além de Kay, poderia se beneficiar com a morte de Carl.

– Bom – disse Jonah, com desapontamento nos olhos arregalados. – Isso sem dúvida me incluiria.

– É verdade que você e seu irmão não se davam bem?

– Não nos dávamos bem? – Jonah deu um riso baixo, pesaroso. – Isso é um eufemismo. – Ele fechou os olhos por um momento, balançando a cabeça, como se esmagado pelos pensamentos que esse assunto provocava. Quando falou de novo, seu tom foi mais cortante: – Sabe onde estou neste momento?

– Não faço ideia.

– Ninguém faz. Este é o ponto.

– Que ponto?

– Carl e eu nunca nos demos bem. Quando éramos mais novos isso não tinha muita importância. Ele tinha os amigos dele e eu tinha os meus. Cada um seguia seu caminho. Então, como você deve saber, já que não é segredo, nosso pai nos uniu naquela monstruosidade conhecida como Imobiliária Spalter. Foi quando “não nos darmos bem” se transformou numa coisa venenosa. Quando fui obrigado a trabalhar com Carl diariamente... percebi que estava lidando com um *monstro*.

Jonah fez uma pausa, como se quisesse dar espaço para essa

palavra se expandir na imaginação de seu interlocutor.

Isso pareceu a Gurney um discurso que Jonah estava acostumado a fazer, uma explicação repetida com frequência sobre um relacionamento terrível.

– Eu vi o Carl se transformar de um empresário egoísta e agressivo num sociopata completo. À medida que sua ambição política aumentava, ele foi se tornando, por fora, mais charmoso, mais magnético, mais carismático. Por dentro ele ia apodrecendo até virar um nada, um buraco negro feito de cobiça e ambição. Em termos bíblicos, ele era o suprassumo do "sepulcro caiado". Unia-se a pessoas de pensamento semelhante. Pessoas implacáveis. Grandes criminosos. Figuras da máfia como Donny Angel. Assassinos. Carl queria tirar quantias enormes da Imobiliária Spalter para financiar suas tramas megalomaníacas com essas pessoas, além de sua candidatura tremendamente hipócrita ao governo. Ele ficava me pressionando para concordar com transações antiéticas com as quais eu não iria, *não poderia*, concordar. "Ética", "moralidade", "legalidade", nenhuma dessas palavras queria dizer nada para ele. Ele começou a me amedrontar. Na verdade essa palavra não é forte o suficiente. A verdade era que ele me *aterrorizava*. Passei a acreditar que não havia nada, *nada*, que ele não faria para alcançar seus objetivos. Às vezes... a expressão dos olhos dele... era completamente satânica. Como se todo o mal do mundo estivesse concentrado naquele olhar.

– Como você lidava com isso?

– Lidava? – De novo surgiu o pequeno sorriso pesaroso, seguido por uma voz baixa, quase em tom de confissão: – Eu fugia.

– Como?

– Estava sempre em movimento. Sempre. Uma das bênçãos da tecnologia atual é que podemos fazer praticamente qualquer coisa de qualquer lugar. Comprei um trailer, instalei nele equipamentos de

comunicação adequados e transformei-o na sede itinerante da Catedral do Ciberespaço. Um processo em que passei a enxergar a mão da Providência. O bem pode vir do mal, se o bem for o nosso objetivo.

– Neste caso o bem seria...?

– Não ter localização geográfica fixa, de certa forma não estar em *lugar nenhum*. Minha localização única tornou-se a internet, e a internet está em *toda parte.* O que acabou sendo o “lugar” ideal para a Catedral. O espaço onipresente, mundial, da Catedral do Ciberespaço. Entende o que estou dizendo, David? A necessidade de me afastar do meu irmão e seus colegas mortais se transformou numa dádiva. Deus atua mesmo por caminhos misteriosos para realizar suas maravilhas. Esta é uma verdade que sempre aparece à nossa frente. Tudo o que é necessário é ter mente e coração abertos.

Jonah parecia cada vez mais radiante.

Gurney se perguntou se a iluminação sofrera uma ligeira alteração. Sentiu uma ânsia de diminuir o brilho da tela.

– Então você conseguiu um segundo presente, e dos grandes, com a morte do Carl.

O sorriso de Jonah ficou mais frio.

– É verdade. Mais uma vez, do mal resultou o bem.

– E, pelo jeito, um bem enorme. Ouvi dizer que os bens da Imobiliária Spalter valem mais de 50 milhões de dólares. É verdade?

A testa do sujeito se franziu enquanto sua boca continuava a sorrir.

– No mercado de hoje, é impossível dizer. – Ele fez uma pausa e deu de ombros. – Mas acho que, com alguma margem de erro, é uma boa estimativa.

– É verdade que antes da morte do Carl você não podia pôr a mão nesse dinheiro, mas que agora ele vai todo para você?

– Nominalmente vai para mim, mas em última instância é para a Catedral. Sou apenas um conduto. A Catedral é de importância suprema. É muito mais crucial do que qualquer indivíduo. A obra da Catedral é a única coisa que importa. A *única* coisa.

Gurney se perguntou se estaria ouvindo uma ameaça não muito sutil nessa prioridade enfática. Mas em vez de mergulhar de cabeça nessa questão, decidiu mudar de rumo:

– Você ficou surpreso com o assassinato do Carl?

A pergunta provocou a primeira hesitação perceptível de Jonah. Ele juntou as pontas dos dedos das duas mãos diante do peito.

– Sim e não. *Sim* porque a princípio sempre ficamos pasmos com essa forma definitiva de violência. *Não* porque o assassinato não era uma surpresa considerando a vida que Carl levava. E eu podia facilmente imaginar alguém próximo a ele sendo levado a esse extremo.

– Até alguém como Kay?

– Até alguém como Kay.

– Ou alguém como você?

Jonah adotou uma expressão de seriedade antes de responder:

– Ou alguém como eu.

Então ele olhou, não muito disfarçadamente, para o relógio.

Gurney sorriu.

– Só mais duas perguntas.

– Eu farei uma transmissão ao vivo daqui a dez minutos, mas vá em frente, por favor.

– O que você achou de Mick Klemper?

– Quem?

– O investigador-chefe do atentado contra Carl.

– Ah, sim. O que achei dele? Achei que ele podia ter problemas com bebidas alcoólicas.

– Ele entrevistou você?

– Eu não chamaria aquilo de entrevista. Ele me fez algumas perguntas básicas naquele dia no cemitério. Pegou meus contatos, mas nunca mais me procurou. Ele não me pareceu particularmente meticuloso... ou confiável.

– Você ficaria surpreso se soubesse que ele é culpado de adulterar provas?

– Não posso dizer que seria um choque. – Jonah inclinou a cabeça para o lado com curiosidade. – Está dizendo que ele usou meios ilegais para condenar Kay? Por quê?

– De novo, por enquanto isso é confidencial, faz parte do processo de apelação. Mas levanta um ponto importante. Presumindo que Kay não tenha matado Carl, obviamente outra pessoa fez isso. O fato de o verdadeiro assassino estar por aí, livre, preocupa você?

– Quer dizer, pela minha segurança? Nem um pouco. Carl e eu estávamos de lados opostos em todas as decisões empresariais, em cada ação proposta para a Imobiliária Spalter e em todas as questões pessoais. Nunca tivemos os mesmos amigos, os mesmos objetivos, nada. É tremendamente improvável que tivéssemos os mesmos inimigos.

– Uma última pergunta. – Gurney fez uma pausa, mais para efeito dramático do que por alguma indecisão. – O que você diria se eu contasse que a morte da sua mãe pode não ter sido acidental?

– Como assim? – retrucou ele, piscando repetidamente, parecendo atônito.

– Surgiram evidências ligando a morte dela à do Carl.

– Que evidências?

– Não posso dizer. Mas parecem convincentes. Você consegue pensar em algum motivo para que a pessoa que desejava matar Carl também quisesse matar sua mãe?

A expressão de Jonah foi congelada numa mistura de emoções. A mais reconhecível era o medo. Mas seria o medo do desconhecido? Ou o medo de *o desconhecido tornar-se conhecido*? Ele balançou a cabeça em uma negativa.

– Eu... não sei o que responder. Olhe, preciso saber o que... quero dizer, de que tipo de *evidência* você está falando?

– Neste momento isso é parte sigilosa da apelação. Garantirei que você seja informado o mais cedo possível.

– O que você está dizendo é... absolutamente bizarro.

– Sim, imagino que lhe pareça bizarro. Mas se lhe ocorrer alguma explicação, alguma hipótese que você ache que pode conectar as duas mortes, por favor me informe no mesmo instante.

A única reação visível do sujeito foi uma pequena confirmação com a cabeça.

Gurney decidiu acrescentar outra mudança súbita de direção:

– O que você acha da filha do Carl?

Jonah engoliu em seco, remexeu-se na cadeira.

– Está perguntando se ela poderia... se poderia ter matado o pai? E a avó também? – Ele pareceu perdido. – Não faço ideia. Alyssa não... é uma pessoa sã, mas... *o próprio pai? A avó?*

– Não é sã em que sentido? Poderia ser mais específico?

– Não. Agora não. – Ele olhou para o relógio, como se estivesse

perplexo com a informação que o objeto marcava. – Preciso ir. Mesmo. Sinto muito.

– Última coisa: quem mais poderia matar o Carl?

Ele levantou as palmas das mãos num gesto que revelava frustração pela pergunta.

– Qualquer pessoa. Qualquer um suficientemente próximo para ver a podridão por trás daquele sorriso.

– Obrigado pela ajuda, Jonah. Espero que possamos nos falar de novo. Aliás, qual é o assunto da sua palestra?

– Desculpe, minha o quê?

– Sua palestra.

– Ah. – Ele pareceu transtornado. – O assunto de hoje é “Nosso Caminho para a Alegria”.

Capítulo 47

Ainda desaparecida

Gurney usou os quinze minutos antes da chegada de Hardwick e Esti para digitar e imprimir três cópias do que havia anotado no dia anterior num bloco de papel: os pontos fundamentais do caso.

Esti foi a primeira a aparecer, mas um minuto depois Hardwick também chegou. Enquanto estacionava seu Mini Cooper azul junto ao canteiro de aspargos, o GTO vermelho de Hardwick passou rugindo pelo celeiro.

Ela saiu do automóvel e sua camiseta, o short jeans com a barra cortada e o sorriso tranquilo proclamavam um dia de folga. A pele caramelo brilhava ao sol da manhã. Enquanto se aproximava da porta lateral, ela lançou um olhar curioso para as pedras que demarcavam a sepultura do galo.

Gurney abriu a porta de tela e trocou um aperto de mão com ela.

– Ei – disse Esti –, está um dia tão lindo que a gente deveria ficar o tempo todo aqui fora.

Gurney devolveu o sorriso.

– Seria ótimo. O problema é que tem uns vídeos que eu gostaria que você e o Jack assistissem.

– Foi só uma ideia. O sol está batendo gostoso na pele.

Hardwick parou o carro ao lado do dela, saiu e fechou a porta pesada. Sem se dar ao trabalho de cumprimentar Esti ou Gurney, protegeu os olhos com a mão e começou a examinar os campos e encostas ao redor.

Ela lhe deu um olhar enviesado.

– Está procurando alguém?

Ele não respondeu, apenas continuou o que estava fazendo.

Gurney acompanhou seu olhar até chegar à colina Barrow, percebendo o que estava na mente dele.

– É o lugar mais provável – disse.

Hardwick assentiu.

– No topo daquela trilha estreita?

– Na verdade é uma estrada de terra coberta de mato.

Hardwick continuou concentrado na colina.

– É uma boa distância daqui até lá. Uns 350 metros? Ele teria de ser muito, muito bom.

– Talvez um pouco mais. Não é muito diferente de Long Falls.

Esti pareceu alarmada.

– Vocês estão falando de um atirador de elite?

– De um local possível para um – respondeu Gurney. – Há um lugar perto do topo do morro que seria minha escolha se eu quisesse atingir alguém que morasse nesta casa. Oferece uma visão direta da porta lateral, uma visão direta dos carros.

Ela se virou para Hardwick.

– Em todo lugar aonde você vai agora, é isso que você fica verificando? Locais para atiradores?

– Com duas balas na lateral da minha casa, sim, isso não sai do meu pensamento. Áreas cercadas por bons locais encobertos me preocupam.

Esti arregalou os olhos.

– Então, quem sabe, em vez de ficarmos aqui feito patinhos de tiro ao alvo, olhando para um lugar de onde podemos ser atingidos, seria bom entrar, não acham?

Hardwick parecia a ponto de fazer um comentário engraçadinho sobre o que ela havia sugerido, mas apenas riu e acompanhou-a

para dentro da casa. Depois de mais um olhar morro acima, Gurney se juntou a eles.

Pegou no escritório o laptop e a lista de assuntos e os três se acomodaram em volta da mesa de jantar.

– Por que não começamos atualizando todos os pontos? – sugeriu Gurney. – Você e Esti ficaram de ligar para algumas pessoas. Temos algum fato novo?

Esti falou primeiro:

– Parece que o tal mafioso grego, Adonis Angelidis, é um figurão, segundo meu amigo da FTCCO. Discreto em comparação com os italianos e russos, mas muito influente. Trabalha com todas as famílias. O mesmo acontecia com o Gurikos, o cara que teve a cabeça cravejada de pregos. Ele acertava grandes atentados para grandes figuras. Tinha conexões importantes. Muito confiável.

– Então por que foi morto? – perguntou Hardwick. – O seu coleguinha da força-tarefa tinha alguma ideia?

– Nenhuma. Segundo a FTCCO, Gurikos mantinha todo mundo feliz. Macio feito seda. Era um senhor recurso.

– É. Bom, alguém não concordava.

Ela assentiu.

– Pode ter sido como o Angelidis contou ao Dave: Carl pediu ao Gurikos para comandar um atentado contra alguém, o alvo descobriu e contratou Panikos para matar os dois. Faz sentido, não?

Hardwick virou as palmas das mãos para cima, num gesto de incerteza.

Esti se voltou para Gurney.

– Dave?

– De certa forma, eu gostaria que a versão do Angelidis fosse verdadeira. Mas não parece certa. Como se *quase* fizesse sentido.

O problema é que não explica os pregos na cabeça do Gus. Um atentado prático, preventivo, contra Carl e Gus é uma coisa. Um alerta sinistro para guardar segredos é outra. As duas não se encaixam.

– Eu tenho o mesmo problema com a mãe – disse Esti. – Não entendo por que ela precisava ser morta.

Hardwick parecia inquieto.

– Não é um mistério tão grande assim. Era para obrigar o Carl a estar no enterro, exposto, fazendo o discurso fúnebre.

– Então por que o Panikos não esperou até ele estar parado junto ao pódio? Por que atirar antes que ele chegasse lá?

– Quem diabo pode saber? Talvez para impedir que ele revelasse alguma coisa durante o discurso.

Gurney não conseguia ver a lógica nisso. Por que tanto esforço para armar uma situação em que alguém estaria programado para fazer um discurso se você tinha medo do que a pessoa poderia dizer?

– Tenho uma última informação – disse Esti. – Sobre os incêndios em Cooperstown. Descobri uma coisa interessante, mas estranha. Todos os quatro dispositivos incendiários usados na casa do Bincher eram de tipos e tamanhos diferentes. – Ela olhou de Hardwick para Gurney, e de volta. – Isso diz alguma coisa a vocês?

Hardwick deu de ombros.

– Talvez fosse isso que o pequeno Peter tinha na caixa de brinquedos na ocasião.

– Ou talvez o que o fornecedor tinha disponível. Alguma ideia, Dave?

– Só uma possibilidade, um tiro no escuro: ele estaria experimentando.

– *Experimentando?* Com que objetivo?

– Não sei. Talvez avaliando dispositivos diferentes tendo em mente algum uso futuro.

Esti fez uma careta.

– Esperemos que o motivo não seja esse.

Hardwick se remexeu na cadeira.

– Mais alguma coisa, querida?

– Sim. O corpo decapitado encontrado no local foi identificado. – Ela fez uma pausa dramática. – Lex Bincher. Com certeza.

Hardwick a encarava com cautela.

Esti continuou devagar:

– A cabeça... ainda está desaparecida.

O músculo do maxilar de Hardwick estremeceu.

– Meu Deus! Isso parece uma porra de um filme de terror.

Esti fez uma careta.

– Não entendo por que você está tão abalado. A tal história sobre como você e Dave se conheceram envolveu uma mulher cortada ao meio, certo? Ouvi dizer que você riu daquilo, ficou contando piadas idiotas, não foi?

– Foi.

– Então por que, quando surge esse assunto da cabeça, você fica tão perturbado?

– Ora, pelo amor de Deus... – Ele levantou as mãos num gesto de rendição, balançando a cabeça. – Uma coisa é achar um corpo esquartejado. Um corpo cortado em dez pedaços. Depois de algum tempo trabalhando como policial, você se acostuma com esse tipo de coisa. Acontece. Mas há uma grande diferença entre achar uma cabeça cortada e *não* achar. Está sacando? A porra da cabeça está

sumida! O que significa que está sendo guardada por alguém em algum lugar. Por algum motivo. Para algum uso sinistro que a pessoa tenha em mente. Acredite, essa porra vai aparecer quando a gente menos esperar.

– “Quando a gente menos esperar?” Acho que você está assistindo a séries demais. – Ela lhe deu uma das suas piscadelas afetuosas. – De qualquer modo, por enquanto são só essas as novidades que eu tenho. E você? Tem alguma coisa?

Hardwick esfregou as palmas das mãos no rosto com força, como se estivesse tentando afastar um pesadelo, tentando começar o dia de novo.

– Consegui localizar uma das testemunhas desaparecidas, o Freddie, cujo testemunho situou Kay no apartamento da Avenida Axton na hora do tiro. O nome dele é Frederico Javier Rosales. – Hardwick lançou um olhar para Gurney. – Alguma chance de arranjar um café para a gente?

– Claro.

Gurney foi até a cafeteira na bancada da pia para fazer uma jarra nova.

Hardwick continuou:

– Eu e Freddie tivemos uma conversa amigável. Nos concentramos na pequena diferença entre o que ele realmente viu e o que Mick Cacete disse a ele que ele viu.

Esti arregalou os olhos.

– Ele admitiu que Klemper lhe disse o que falar no banco de testemunhas?

– Não apenas Klemper lhe disse o que falar, como afirmou que era melhor ele falar aquilo.

– Ou então o quê?

– Freddie tinha problemas com drogas. Traficante miúdo sustentando um vício grande. Uma condenação a mais renderia vinte anos automaticamente, sem direito a condicional. Quando alguém está nessa situação, um sacana como o Mick tem uma boa vantagem.

– E por que ele se abriu com você?

Hardwick deu um sorriso contrafeito.

– Um cara como Freddie tem um espaço de atenção bem curto. Sempre vê a maior ameaça como a que está à sua frente no momento, e essa ameaça era eu. Mas não entenda mal. Fui muito civilizado. Expliquei que o único modo de ele evitar as penalidades substanciais por ter cometido perjúrio num processo de assassinato seria voltar atrás no depoimento. Eu falei que ele poderia escapar do atoleiro de merda em que estava prestes a mergulhar caso afirmasse que seu testemunho tinha sido totalmente concebido pelo Mick Cacete.

– Ele colocou isso no papel?

– E assinou. Tenho até a porra das digitais dele no documento.

Esti pareceu satisfeita, mas com uma dose de cautela.

– Freddie acha que você é do Departamento de Investigações Criminais?

– É possível que ele tenha ficado com a impressão de que minha conexão com o departamento é mais real do que realmente é. Na verdade não ligo a mínima para o que ele pensa. Você liga?

Ela balançou a cabeça.

– Não se isso ajudar a prender o Klemper. Você tem alguma pista das outras duas testemunhas que sumiram, Jimmy Flats e Darryl, o namorado da Kay?

– Ainda não. Mas a declaração do Freddie, junto com a gravação

da conversa de Dave com Alyssa, deve selar a questão do desvio de conduta policial, que por sua vez deve validar a questão da apelação.

A rimazinha raspou o cérebro de Gurney como unhas num quadro-negro. Mas então ocorreu-lhe que seu incômodo podia ter outro motivo – a questão não solucionada da culpa de Kay, um ponto desvinculado do fato de seu julgamento ter sido justo ou não. Quase não havia mais dúvida quanto à adulteração das provas e dos testemunhos. Mas nenhuma dessas ilegalidades tornava Kay Spalter *inocente*. Enquanto a identidade da pessoa que contratara Petros Panikos para matar Carl Spalter permanecesse um mistério, Kay continuaria uma suspeita viável.

A voz de Esti interrompeu sua linha de raciocínio:

– Você disse algo sobre alguns vídeos que tinha para mostrar?

– Ah, sim. Além da minha conversa com Jonah pelo Skype, tenho duas sequências das câmeras de vídeo da Avenida Axton, uma visão em close de alguém entrando no prédio antes do tiro e uma de longa distância de Carl sendo atingido e caindo. – Ele olhou para Hardwick. – Você contou a Esti como eu consegui os vídeos?

– As coisas aconteceram um pouco rápido demais. E não havia muitas informações naquele recado de trinta segundos que você deixou.

– E você decidiu ignorar qualquer informação que houvesse, certo?

– Que diabo você quer dizer com isso?

– Minha mensagem para você foi clara com relação ao ponto fundamental. Eu tinha dito ao Klemper que as coisas ficariam mais fáceis para ele se o vídeo desaparecido viesse parar nas minhas mãos. Mas aí você apareceu chutando o balde no *Conflito Criminal* e arrasando o detetive “completamente corrupto” por ter acusado

Kay a partir de testemunhos falsos. Todo mundo sabe que o detetive do caso era Mike Klemper, então foi como se você tivesse citado o nome dele com todas as letras, ignorando totalmente minha situação com ele.

A expressão de Hardwick estava ficando sombria.

– Como eu disse, as coisas aconteceram rápido demais. Eu tinha acabado de vir do incêndio no lago, sete pessoas mortas, Dave, *sete*, e eu estava muito mais concentrado na batalha principal do que nas sutilezas da sua conversinha com Mick Cacete. – Hardwick continuou, lembrando a Gurney que promessas ambíguas e mentiras rotineiras eram os alicerces ocultos do sistema de justiça criminal. Terminou com uma pergunta um tanto retórica: – Por que diabo você está preocupado com um merda feito o Klemper?

Gurney optou por uma resposta prática e simplista, motivada por sua lembrança do odor de álcool no sujeito e da mensagem quase incoerente que ele deixou em sua caixa postal no dia seguinte.

– Minha preocupação se deve ao fato de Mick Klemper ser um bêbado raivoso que está sendo acuado, e ele pode estar num nível de desespero suficiente para fazer alguma estupidez.

Quando Hardwick não disse nada, Gurney continuou:

– Por isso estou mantendo minha Beretta mais perto que de costume, só para garantir. Vamos dar uma olhada nos vídeos, então. Vou rodar primeiro a sequência da visão da rua, depois o plano aberto do cemitério.

Capítulo 48

Montell Jones

Depois de assistirem duas vezes aos vídeos das câmeras de segurança, Hardwick perguntou:

– Nós podemos provar que Klemper tinha esse material em mãos na época do julgamento?

– Não sei se podemos provar que ele teve isso em qualquer momento. O dono da loja de eletrônicos pode ser convencido a fornecer uma declaração dizendo que entregou os vídeos, mas ele é mais escorregadio que o Klemper. E além disso...

Esti interveio:

– Mas você pediu as gravações ao Klemper e ele entregou.

– Eu disse a ele que, se conseguisse as imagens, as coisas poderiam melhorar para o seu lado. E no dia seguinte elas apareceram na minha caixa de correio. Você e eu sabemos o que isso significa. Mas, legalmente, falta um longo caminho para provar a posse. De qualquer modo, o importante não é quem tinha as gravações ou em que momento. O importante é o que está nelas.

Hardwick pareceu pronto para questionar, mas Gurney continuou:

– A importância da sequência do cemitério mostra Carl levando o tiro no local exato em que todo mundo disse que isso aconteceu, o que essencialmente confirma a impossibilidade de que o disparo tenha partido da janela de onde a equipe do Klemper diz que ele partiu.

Esti pareceu incomodada.

– Esta é, sei lá, a quarta vez que ouço você falar sobre a questão

da bala, a contradição com relação ao lugar de onde ela partiu. Qual você acha que é a resposta?

– Honestamente, Esti? Nesse ponto estou andando em círculos. As provas no apartamento onde encontraram a arma do crime indicam que a bala deve ter sido disparada de lá. A linha de visão da vítima indica que não pode ter sido assim.

– Isso me lembra da confusão com o Montell Jones lá em Schenectady. Lembra, Jack? Há cinco ou seis anos?

– O traficante? A grande controvérsia para saber se foi uma morte justificada?

– Isso. – Ela se virou para Gurney. – Um jovem policial estava fazendo a ronda num bairro cheio de pontos de drogas, dia claro, ensolarado, quando recebeu um chamado para verificar “tiros disparados” num local a uns dois quarteirões de onde ele estava. Dez segundos depois ele chegou e desceu do carro. As pessoas na rua apontaram para um beco largo entre dois armazéns, dizendo que foi ali que ouviram dois tiros alguns minutos antes. Ele foi o primeiro policial a chegar, deveria esperar algum apoio, mas não esperou. Em vez disso, tirou sua 9 milímetros do coldre e entrou no beco. Virado para ele, a uns 5 metros, estava Montell Jones, bandido local, traficante violento, extensa ficha criminal. Pelo modo como o policial contou, ele viu que Montell estava armado com sua própria 9 milímetros, e começou a levantá-la devagar na direção do policial, que gritou para o sujeito largar a arma. O cara continuou levantando a arma. O policial disparou um tiro. Montell caiu. Outras viaturas começaram a chegar e encontraram Montell sangrando por um buraco na barriga. A ambulância chegou para levá-lo, e ele foi declarado morto ao chegar ao hospital. Tudo parecia totalmente certo. O jovem oficial foi um herói durante cerca de 24 horas. Aí foi tudo para o inferno. A procuradoria convocou-o e ouviu o relato do acontecido. Ele não teve dúvida de nada. Tudo estava claríssimo: ele estava virado para Montell, dia ensolarado, visibilidade perfeita,

a 9 milímetros do sujeito subindo para apontar para ele. O policial disparou, Montell caiu. Fim da história. O entrevistador da procuradoria perguntou de novo. Ele repetiu tudo. E de novo. Tudo foi gravado. A história toda foi transcrita, impressa, assinada por ele. Então eles soltaram a bomba. “Temos um problema aqui. O legista diz que o ferimento na barriga foi de saída, e não de entrada.” O policial ficou sem fala, sem conseguir entender o que ouviu, e perguntou que diabo eles estavam falando. A resposta era simples: ele atirou em Montell pelas costas. E agora eles queriam saber por quê.

– Parece o pior pesadelo de qualquer policial – disse Gurney. – Mas pelo menos o tal Montell tinha uma arma carregada, certo?

– Tinha. Essa parte estava certa. Mas a bala nas costas era um grande problema.

– O policial tentou usar a boa e velha explicação do “Ele se virou de costas no instante em que eu puxei o gatilho”?

– Não. Continuou dizendo que o tiro aconteceu exatamente como ele tinha descrito. Até insistiu que Montell *não* se virou, que estava encarando-o do início ao fim.

– Interessante – retrucou Gurney, com uma luz pensativa nos olhos. – Qual é o desfecho?

– Montell tinha mesmo levado um tiro nas costas alguns minutos *antes*, disparado por um desconhecido, daí a denúncia original de disparos à qual o policial respondeu. Depois de ser deixado para morrer no beco, Montell conseguiu se levantar bem a tempo da chegada do nosso herói. O cara provavelmente estava em choque, nem sabia o que estava fazendo com sua arma. O policial disparou, *errou Montell completamente*, e Montell caiu de novo.

– Como a procuradoria chegou à verdade?

– Uma busca meticulosa no local encontrou uma bala na sarjeta

do lado de fora do beco com um traço do DNA de Montell, a sarjeta *atrás* de onde o policial estivera, o que significava que a bala original tinha vindo da direção oposta.

– Que sorte encontrar isso – comentou Gurney. – Poderia ter acabado de outro modo.

– Não descarte a sorte – observou Esti. – Às vezes é tudo o que lhe resta.

Hardwick estava tamborilando com os dedos na mesa.

– O que essa história do beco tem a ver com o tiro contra Spalter?

– Não sei. Mas por algum motivo me veio à mente. Então, talvez tenha alguma relação.

– Como? Você acha que o tiro que atingiu o Carl veio de um local diferente? E não do prédio residencial?

– Não sei, Jack. Por acaso me lembrei da história. Não sei explicar. O que *você* acha, Dave?

Gurney respondeu, hesitante:

– É um exemplo interessante de duas coisas acontecendo de um modo que todo mundo presume que está ligado, mas não está.

– Que duas coisas?

– O policial atirando em Montell e Montell levando o tiro.

Capítulo 49

Completamente satânica

Enquanto terminavam a segunda rodada de café, Gurney rodou o vídeo da conversa com Jonah Spalter pelo Skype.

Quando terminou, Hardwick foi o primeiro a falar:

– Não sei quem é o merda maior: Mick Cacete ou esse escroto.

Gurney sorriu.

– Paulette Purley, gerente residente do Willow Rest, está convencida de que Jonah é um santo decidido a salvar o mundo.

– Todos esses santos que querem salvar o mundo deveriam ser moídos para fazer adubo. Merda é bom para o solo.

– É melhor para o solo do que para a alma, certo, Jack?

– Pode crer, meu irmão.

– Ele ganhou 50 milhões de dólares como consequência da morte do irmão? – perguntou Esti. – É verdade?

– Ele não negou – respondeu Gurney.

– Tremenda motivação – disse Hardwick.

– Na verdade – continuou Gurney –, ele não pareceu interessado em negar nada. Pareceu confortável admitindo que havia lucrado tremendamente com a morte do Carl. Não teve problema em admitir que odiava o sujeito. Ficou feliz em listar todos os motivos pelos quais todo mundo deveria odiá-lo.

Esti assentiu.

– Chamou-o de “monstro”, “sociopata”, “megalomaníaco”...

– Também falou que a expressão nos olhos dele era “completamente satânica” – acrescentou Hardwick. – O contrário de

si mesmo, que ele gostaria que nós víssemos como sendo completamente angelical.

Esti continuou:

– Ele admitiu que faria *qualquer coisa* pela Catedral do Ciberespaço. *Qualquer coisa*. Na verdade pareceu que estava contando vantagem. – Ela fez uma pausa. – É estranho. Ele admitiu todos esses motivos para o assassinato como se isso não importasse. Como se sentisse que não poderíamos colocar as mãos nele.

– Como alguém que tem conexões poderosas – observou Hardwick.

– A não ser no fim – disse Gurney.

Esti franziu a testa.

– Está se referindo à parte sobre a mãe dele?

– A não ser que ele seja o melhor ator do mundo, acredito que tenha ficado realmente perturbado nesse ponto. Mas não sei se estava perturbado ao descobrir que ela pode ter sido assassinada ou pelo fato de nós sabermos disso. Também acho curioso que ele tenha ficado ansioso para saber que prova nós tínhamos, mas em nenhum momento fez a pergunta mais básica: “Por que alguém mataria minha mãe?”

Hardwick mostrou os dentes num riso sem humor.

– De certa forma dá a impressão de que na verdade o caloroso e maravilhoso Jonah pode estar cagando e andando para todo mundo. Inclusive a mãe.

Esti pareceu confusa.

– E o que fazemos agora?

O sorriso gélido de Hardwick se alargou. Ele apontou para a lista

de questões não resolvidas que Gurney pusera na mesa ao lado do laptop aberto.

– Isso é fácil. Seguimos o mapa de pistas e perguntas inteligentes do ás dos detetives.

Cada um pegou uma cópia que Gurney havia imprimido. Leram em silêncio os oito pontos.

À medida que Esti passava os olhos pela lista, sua expressão ia ficando mais preocupada.

– Essa lista é... deprimente.

Gurney perguntou o que lhe dava essa sensação.

– Ela torna dolorosamente claro que neste momento não sabemos muita coisa, não tanto quanto eu gostaria. Não concorda?

– Sim e não – respondeu Gurney. – Ela enumera um monte de perguntas não respondidas, mas estou convencido de que descobrir a resposta a qualquer uma delas fará com que todas as outras surjam.

Ela assentiu de má vontade, mas não pareceu convencida.

– Ouvi o que você disse, mas... por onde vamos começar? Se pudéssemos coordenar os esforços das agências relevantes, DIC, FBI, FTCCO, Interpol, Departamento de Segurança Interna, Departamento de Veículos Motorizados etc., e colocar um bom número de pessoas trabalhando no caso, talvez pudéssemos viabilizar o rastro desse tal Panikos. Mas, do modo como está... o que podemos fazer? Afora o Panikos, simplesmente não temos mãos, pés e tempo suficiente para examinar todos os outros relacionamentos e conflitos na vida de Carl, Jonah, Kay, Alyssa... isso sem considerar Angelidis, Gurikos e sabe Deus quem mais.

Ela balançou a cabeça num gesto de impotência.

Seus comentários produziram o mais longo silêncio da reunião.

A princípio Hardwick não demonstrou reação. Parecia estar comparando os polegares, estudando o tamanho e o formato dos dois.

Esti o encarou.

– Jack, você tem alguma coisa a dizer com relação a isso?

Ele levantou os olhos e pigarreou.

– Claro. Temos duas situações aqui. Uma é o processo de apelação de Kay, que, segundo o sócio do Lex, está em ótima forma. O outro é o esforço para responder à pergunta “Quem matou Carl?”, o que é muito mais complicado. Mas o nosso hábil Sherlock tem uma expressão otimista nos olhos.

Esti virou-se com um olhar ansioso para Gurney.

– Otimismo? Você está otimista?

– Na verdade, sim, um pouco.

Ao mesmo tempo que dizia isso ele ficou pasmo por sua rápida mudança de postura no curto tempo desde que fizera sua lista de perguntas e reagira a ela com frustração devido à complexidade do projeto e da falta de recursos policiais que um dia considerara garantidos. Exatamente do que Esti estava reclamando agora.

Nem a complexidade nem a questão da falta de recursos haviam sumido. Mas finalmente ele percebeu que não precisava de respostas para uma série interminável de perguntas desconcertantes para chegar à solução.

Esti parecia cética.

– Como você pode ser otimista quando há tantas coisas que não sabemos?

– Talvez ainda não tenhamos muitas respostas, mas... temos uma pessoa.

– Temos uma *pessoa*? Que pessoa?

– Peter Pan.

– Como assim, *temos*?

– Quero dizer que ele está aqui. Nesta área. Alguma coisa na nossa investigação o está mantendo aqui.

– Que “coisa” seria essa?

– Acho que ele está com medo de descobrirmos o seu segredo.

– O segredo por trás dos pregos na cabeça do Gus Gordo?

– É.

Hardwick começou a batucar com os dedos na mesa.

– O que faz você pensar que o segredo é do Panikos, e não de quem o contratou?

– Uma coisa que o Angelidis me disse. Ele falou que o Panikos só aceita contratos de morte abrangentes. Sem restrições. Sem instruções especiais. Se você quiser que alguém seja morto, pague o cara e espere que a pessoa seja morta. Mas os detalhes quem decide é ele. De modo que, se os pregos na cabeça do Gus Gordo estavam dando um recado, era um recado do Panikos, algo importante para *ele*.

Hardwick fez sua careta de desgosto.

– Parece que você está dando bastante crédito ao que o Angelidis contou. Um mafioso que mente, trapaceia e rouba para viver.

– Ele não teria vantagem alguma em mentir sobre o modo como Panikos faz os negócios. E todo o resto que ficamos sabendo sobre Panikos, sobretudo a partir do que seu amigo da Interpol falou, sustenta o que Angelidis disse. Peter Pan trabalha com regras próprias. Ninguém pode lhe dizer o que fazer.

– Está sugerindo que o garoto pode ser meio fanático por controle?

Gurney sorriu diante desse eufemismo.

– Ninguém ordenou que ele cortasse a eletricidade da sua casa, Jack. Ele não recebe ordens desse tipo. Não acredito que alguém o tenha mandado queimar aquelas casas em Cooperstown, ou sair com a cabeça de Lex Bincher numa bolsa de lona.

– De repente você parece ter uma tremenda certeza sobre essa merda.

– Pensei bastante nisso. Já era hora de eu começar a ver pelo menos uma peça com clareza.

Esti levantou as mãos, perplexa.

– Desculpe, talvez eu esteja sendo meio tapada, mas o que é que você está vendo com tanta clareza?

– A porta aberta que estava bem na nossa frente o tempo todo.

– Que porta aberta?

– O próprio Peter Pan.

– Sobre o que você está falando?

– Ele está reagindo às nossas ações, à nossa investigação sobre o assassinato do Carl. Uma reação equivale a uma conexão. Uma conexão equivale a uma porta aberta.

– Reagindo às nossas ações? – Esti pareceu incrédula, quase com raiva. – Quer dizer, atirando contra a casa do Jack? Matando Lex e os vizinhos dele em Cooperstown?

– Ele está tentando impedir o que estamos fazendo.

– Então nós investigamos e a reação dele é atirar, queimar e matar. É isso que você está chamando de porta aberta?

– Isso prova que ele está atento. Prova que ainda está *aqui*. Ele não saiu do país. Não voltou para seu esconderijo. Isso prova que podemos alcançá-lo. Só precisamos descobrir como fazer isso de

um modo que provoque uma reação com a qual possamos trabalhar.

Esti estreitou os olhos, com a expressão mudando de incredulidade para especulação.

– Quer dizer, tipo usar a imprensa, talvez aquele escroto do Bork, para oferecer a Panikos algum tipo de acordo para revelar quem o contratou?

– Bork poderia representar um papel, mas não para oferecer esse tipo de acordo. Acho que o nosso pequeno Peter Pan opera numa frequência diferente.

– Que frequência?

– Bom... veja o que sabemos sobre ele.

Esti deu de ombros.

– Sabemos que é um assassino profissional.

Gurney assentiu.

– O que mais?

– É caro, especializado em contratos difíceis.

– Serviços impossíveis, que mais ninguém aceita, segundo o que Donny Angel disse. O que mais?

– É um psicopata?

Hardwick interveio:

– O psicopata do inferno. Com pesadelos. Pelo que vejo, esse escrotinho é uma máquina de matar tremendamente motivada, raivoso, maluco, sedento de sangue e sem a menor chance de mudar de vida tão cedo. E você, Sherlock? Tem alguma outra ideia para nós?

Gurney bebeu o resto do seu café morno de um gole só.

– Estive tentando juntar tudo isso e ver no que dá. A absoluta

insistência dele em fazer tudo a seu modo, sua grande inteligência combinada com uma absoluta falta de empatia, sua fúria patológica, suas habilidades de matador, seu apetite para o assassinato em massa, tudo isso junto poderia tornar o pequeno Peter o exemplo máximo do fanático por controle saído do inferno. E há o último elemento explosivo: a ponta solta, o segredo, o que quer que ele esteja desesperado para esconder e com medo de que possamos descobrir. Ah, e mais uma coisa que o Angelidis me disse, que quase esqueci de mencionar. O pequeno Peter gosta de *cantar* enquanto está atirando nas pessoas. Junte tudo isso e parece a receita para um interessante final de jogo.

– Ou uma porra de desastre sem precedentes – disse Hardwick.

– Acho que esse seria o lado negativo.

Capítulo 50

Cutucando o maluco

– Existe um lado positivo?

Esperança e apreensão disputavam o controle da expressão de Esti. A apreensão estava ganhando.

– Acho que sim. – O tom de Gurney era casual. – O que sinto com relação ao Panikos é que sua motivação definitiva é o ódio, provavelmente direcionado contra todo ser humano sobre a face da Terra. Mas sua tática, seu planejamento... esses aspectos são firmes e bem pensados. Seu sucesso na profissão depende de manter um equilíbrio delicado entre o grande apetite por matar e o frio processo de planejamento. Isso é evidente no comportamento que estamos vendo, e Donny Angel me disse a mesma coisa. Por fora, Panikos é um empresário confiável que aceita tarefas difíceis com equidade. Por dentro é um monstro feroz cujo maior prazer, talvez o *único* prazer, é o assassinato.

Hardwick soltou sua risada parecida com um latido.

– O pequenino Peter poderia ser uma tremenda experiência para um terapeuta da “criança interior”.

Gurney deu uma risadinha involuntária.

Esti se virou para ele.

– Então ele é em parte planejador e em parte psicopata. A motivação é louca, mas o método é racional. Digamos que você esteja certo. Aonde isso nos leva?

– Como esse equilíbrio delicado entre loucura e lógica parece funcionar bem para ele, precisamos desestabilizá-lo.

– Como?

– Atacando seu ponto fraco mais acessível.

– Que seria...?

– O segredo que ele está tentando proteger. Essa é nossa porta de entrada para o modo de pensar dele. E para entender o assassinato do Carl, e quem o ordenou.

– Seria bom se soubéssemos qual é a porra do segredo precioso – observou Hardwick.

Gurney deu de ombros.

– Só precisamos fazer com que ele *ache* que sabemos, ou que estamos para descobrir. É um jogo que precisamos fazer dentro da cabeça dele.

– E qual é o objetivo desse jogo? – perguntou Esti.

– Atrapalhar o cálculo cuidadoso com o qual ele conta para seu sucesso e sua sobrevivência. Precisamos martelar uma cunha entre o cerne lunático e seu sistema de apoio racional.

– Não estou entendendo.

– Vamos pressioná-lo de um modo que ameace seu senso de controle. Se a maior obsessão dele é a manutenção do controle, também é sua maior fraqueza. Se você tirar a sensação de controle de um louco por controle, o resultado serão decisões induzidas pelo pânico.

– Está ouvindo o que o cara está dizendo? – perguntou Hardwick. – Ele planeja cutucar o olho de um assassino em massa com um espeto afiado, para ver o que acontece.

Era um modo de se expressar que parecia corresponder à ansiedade crescente de Esti. Ela se virou para Gurney.

– Suponha que o que acontecer depois de aplicarmos essa "pressão" seja o Panikos matar mais seis ou sete pessoas. E aí? Aplicamos *mais* pressão? E se ele trucidar mais uma dúzia de vítimas aleatórias? E aí?

– Não estou dizendo que não há risco. Mas a alternativa é deixar que ele volte para as sombras. Neste momento nós já o puxamos para perto da superfície. Está quase ao alcance. Quero mantê-lo ali, provocar seu medo, levá-lo a fazer alguma coisa idiota. Quanto ao seu potencial para trucidar pessoas inocentes, podemos tirar o fator aleatório da decisão dele. Vamos lhe dar um alvo específico e usar isso para fazê-lo cair na armadilha.

– Alvo? – indagou Esti com os olhos cor de chocolate arregalados.

– Precisamos deixá-lo concentrado no ponto em que nós o queremos. Não basta apenas aumentar o nível de ameaça e levá-lo a fazer uma loucura. Precisamos ser capazes de conter a reação que provocarmos, mantê-la direcionada para um caminho administrável, com uma janela temporal administrável.

Ela não pareceu convencida.

Gurney continuou:

– Nós armamos para ele, geramos a reação que queremos, depois puxamos o anzol no momento e num lugar de *nossa* escolha.

– Você fala como se fosse fácil. Mas é muito arriscado, não é?

– É, mas não tão arriscado quanto a alternativa. Jack descreveu o Peter Pan como uma máquina de matar. Concordo. É o que ele faz. Sempre foi. Desde que era criança. Sempre fará, se puder. Ele é como uma doença fatal para a qual ninguém descobriu a cura. Não vejo nenhuma opção sem riscos. Ou deixamos a máquina de matar continuar funcionando, transformando pessoas em cadáveres, ou fazemos o que pudermos para provocar um defeito nela.

– Ou podemos entregar tudo o que temos ao Departamento de Investigações Criminais agora mesmo e deixar que eles cuidem disso – sugeriu Esti, hesitante. – Eles têm os recursos. Nós, não. E esses recursos poderiam...

– Foda-se o Departamento de Investigações Criminais! – rosnou Hardwick.

Esti deu um pequeno suspiro e se virou para Gurney.

– Dave? O que você acha?

Gurney não disse nada. Sua mente fora emboscada por uma lembrança nítida demais. Uma pancada enjoativa. Um BMW vermelho fugindo do local... indo embora por uma rua comprida de uma cidade... virando uma esquina cantando pneus... desaparecendo... para sempre. A não ser em sua lembrança. A vítima do atropelamento caída, retorcida, na rua. O menininho de 4 anos. Seu Danny. E o pombo que Danny havia perseguido, sem pensar, para o meio da rua, voando para longe, assustado mas incólume, fugindo.

Por que ele não havia confiscado algum carro ali mesmo na rua?

Por que não tinha perseguido o assassino na mesma hora até os portões do inferno?

Às vezes a lembrança provocava lágrimas. Às vezes só um nó na garganta. E às vezes uma raiva terrível.

O que ele estava sentindo agora era raiva.

– Dave?

– O quê?

– Você acha que pode ser a hora de entregar o caso ao DIC?

– Entregar? E parar de fazer o que estamos fazendo?

Ela assentiu.

– Na verdade está no âmbito deles...

Ele a interrompeu:

– Não. Ainda não.

– Como assim, *ainda* não?

– Acho que não devemos deixar o Panikos escapar. E, se pararmos agora, é isso que vai acontecer.

Qualquer vontade de discutir que ela ainda pudesse ter pareceu ir embora. Talvez tivesse sido a determinação na voz de Gurney. Ou a obstinação nos olhos dele. A mensagem era clara. Ele não iria entregar nada a ninguém.

Não enquanto o assassino ainda estivesse ao alcance.

Não enquanto o BMW vermelho ainda estivesse à vista.

Depois de uma pausa para verificarem e responderem a mensagens de texto e de voz, Gurney fez uma terceira jarra de café e abriu a porta dupla para deixar entrar o ar ameno de agosto. Como sempre, ficou surpreso pelas fragrâncias de terra, capim, flores silvestres. Era como se ele fosse incapaz de se lembrar do cheiro da natureza.

Quando todos estavam acomodados de novo ao redor da mesa grande, o olhar de Esti encontrou o dele.

– De nós três, você é que parece ter certeza de como devemos prosseguir. Tem alguma ação específica em mente?

– Primeiro precisamos decidir o conteúdo da nossa mensagem ao Panikos. Depois o canal de comunicação, a identidade do alvo em que desejamos que ele mire, o momento, os preparativos necessários e...

– Devagar, por favor, uma coisa de cada vez. O conteúdo da mensagem? Quer dizer, falar para ele que sabemos alguma coisa sobre o segredo que ele está protegendo?

– Isso. E que vamos revelá-lo num momento específico.

– E o canal? Quer dizer, como vamos fazer essa mensagem específica chegar a ele?

– Você mesma disse hoje cedo. *Conflito Criminal*. Brian Bork.

Aposto que Panikos viu a entrevista de Bork com Lex, e provavelmente também viu a entrevista com Jack depois dos incêndios em Cooperstown.

Esti fez uma careta.

– Sei que eu mencionei o Bork, mas agora, pensando bem, não imagino nosso assassino psicopata sentado assistindo à TV.

– Ele pode ter algum sistema de clipping para certos nomes: Spalter, Gurikos, Bincher. Então, se algum noticiário ou outro órgão de mídia divulgar algo relacionado ao caso, ele ficaria sabendo.

Esti assentiu com a cabeça, inquieta.

Havia um brilho de empolgação nos olhos de Hardwick.

– Eu tenho um convite aberto do Escroto Bork para fornecer atualizações sobre o caso. Então, posso plantar qualquer mensagem que a gente quiser.

Esti se virou para Gurney.

– O que nos leva à parte que não me agradou sobre o que você disse. “O alvo.” O que você quis dizer com isso?

Hardwick interrompeu:

– Simples, meu bem. Ele quer fazer o pequenino Peter mirar em *nós.*

Ela piscou.

– Dave? Foi isso que você quis dizer?

– Só se tivermos certeza de que podemos manter o controle da situação e que ele vai cair na nossa armadilha, não nós na dele.

A expressão dela era a própria imagem da preocupação.

– Mas – acrescentou Gurney rapidamente – na verdade não vou fazer com que *nós* sejamos o alvo.

Ela o encarou.

– Quem, então?

Ele sorriu.

– Eu.

Hardwick balançou a cabeça.

– Faria mais sentido *eu* ser o alvo. Fui eu que apareci no *Conflito Criminal*. Ele vai me ver como o inimigo número um.

– Mais como um inimigo da polícia estadual, se me lembro bem do seu discurso.

Hardwick ignorou a crítica e se inclinou para a frente, levantando um indicador para enfatizar o que ia dizer.

– Sabe, há outro ângulo aqui. Estive pensando nos tiros que detonaram meus fios de eletricidade e telefone. Além do alerta possível, “não ver o mal, não ouvir o mal, não falar o mal”, podia haver um segundo objetivo. Algo mais prático.

Ele fez uma pausa, garantindo que tinha toda a atenção dos outros.

Gurney teve a sensação de que sabia o que viria.

– O tal de Machete, com quem você falou e que alegou que Panikos visitou o prédio da Avenida Axton quase uma semana antes de matar o Carl. A questão é: *por quê*? Bom, me ocorreu um motivo. Um assassino profissional obsessivo-compulsivo vai querer ajustar a mira telescópica do fuzil antecipadamente, no local de ação. O que você acha?

Gurney assentiu, admirado. Às vezes gostava da confirmação de que, por baixo da superfície irritante de Hardwick, havia um detetive sólido, racional.

Esti franziu a testa.

– O que isso tem a ver com os tiros na sua casa?

– Se ele conseguiu colocar meus fios de eletricidade no centro de sua mira telescópica infravermelha e cortá-los, saberia que era capaz de colocar uma bala entre meus olhos na mesma distância a qualquer momento que eu saísse para a varanda.

Pareceu que Esti se esforçava para não se mostrar abalada.

– Treino in loco? Preparatório? Você acha que foi esse o objetivo daqueles tiros na montanha?

Pela empolgação especulativa nos olhos de Hardwick, ficou claro que era exatamente isso que ele pensava.

Então Esti disse uma coisa.

E Hardwick respondeu.

Depois ela disse outra coisa.

E ele também respondeu.

Mas nenhuma palavra se registrou na consciência de Gurney, nenhuma sílaba depois que Esti usou a expressão “aqueles tiros na montanha”.

Porque sua mente dera um salto da propriedade de Hardwick para a sua. E agora só conseguia pensar no que um tiro possível, disparado da colina Barrow, poderia fazer.

Vinte minutos depois, com a pá de jardinagem suja recentemente encostada no canto, Gurney parou junto à pia que ficava no quartinho dos casacos. Estava olhando com tensa concentração a carcaça mal lavada do galo que ele havia acabado de desenterrar de sua sepultura coberta de pedras. No escorredor enlameado junto à pia estava uma echarpe de seda de Madeleine, agora suja e manchada de sangue, que ela havia usado para enrolar o corpo de Horace.

Esti e Hardwick, não tendo recebido resposta para suas perguntas repetidas, ficaram parados junto à porta, olhando com

crescente preocupação. Gurney se curvou sobre o bicho morto, prendendo o fôlego de tempos em tempos para evitar o cheiro de podre, examinando com extremo cuidado o dano que acabara com a vida de Horace. Quando ficou satisfeito ao ver que sua autópsia informal lhe dissera o máximo possível, empertigou-se e se virou para os dois.

– Madeleine tinha um galo e três galinhas – começou a explicar. – Ela chamava o galo de Horace. – Sentiu uma leve pontada de tristeza ao pronunciar o nome. – Quando ela o encontrou caído na grama um dia desses, achou que uma doninha havia arrancado a cabeça dele com uma mordida. Alguém nos disse que esses bichos fazem isso. – Ele sentiu os lábios se enrijecendo de raiva enquanto falava. – De certa maneira, ela não estava errada. Foi uma doninha com um fuzil de atirador de elite.

A princípio a expressão de Esti mostrou apenas perplexidade. Depois percebeu a importância do comentário de Gurney.

– Ah, meu Deus!

– Puta que pariu! – disse Hardwick.

– Não sei se isso tinha a ver com ajustar a mira telescópica para referência futura ou se ele só estava me mandando um recado – observou Gurney. – Mas, o que quer que fosse, parece que eu estou entre os pensamentos do sacaninha.

Capítulo 51

O plano

O galo morto, o aparente método de execução e os motivos possíveis para isso haviam deixado o humor na reunião ainda mais sombrio.

Até Hardwick parecia abatido, parado agora junto à porta de vidro, observando a colina Barrow, do outro lado do campo oeste. Ele olhou de volta para Gurney, que estava à mesa com Esti.

– Você acha que o tiro veio daquele lugar que você mostrou antes, no topo da trilha?

– Acho.

– A disposição das coisas aqui, como a casa, o morro, a floresta, as trilhas, é meio parecida com a da minha casa. A única diferença foi que lá ele agiu à noite e aqui durante o dia.

– É.

– Você consegue pensar num motivo para isso?

Gurney deu de ombros.

– Só o óbvio. A noite é a hora mais dramática para cortar um fio de eletricidade. Mas se você quisesse matar o nosso galo, precisaria fazer isso durante o dia. À noite ele ficava trancado no celeiro.

Enquanto Hardwick parecia considerar isso, um silêncio baixou, rompido por Esti:

– Então vocês estão achando que o Panikos deu o mesmo recado aos dois? Que saíssem do caso porque ele estava com vocês na mira?

– Algo assim – respondeu Gurney.

– Bom, deixe-me fazer a pergunta mais importante: quanto tempo ele vai levar para passar da morte do seu galo para...?

Ela deixou a pergunta no ar, de propósito.

– Se ele quer mesmo que a gente retroceda, nosso recuo pode impedir alguma outra ação. Se não obedecermos, outra ação pode acontecer bem rápido.

Ela demorou alguns segundos para absorver isso.

– Certo. O que vamos fazer? Ou não fazer?

– Vamos em frente. – O tom de Gurney não poderia ter sido mais casual nem se ele estivesse falando sobre encher o saleiro. – Vamos em frente dando a ele um motivo forte para me matar. Além de um prazo urgente. Não precisamos escolher um local, ele já escolheu.

– Quer dizer... aqui, na sua casa?

– É.

– Como você imagina que ele...?

– Há um monte de possibilidades. A melhor hipótese? Ele vai tentar pôr fogo na casa, comigo dentro. Provavelmente com um dispositivo incendiário acionado por controle remoto, como os que usou em Cooperstown. Depois atirar em mim quando eu sair.

Ela estava ficando com os olhos arregalados de novo.

– Como sabe que ele vai atrás de *você* primeiro, e não do Jack? Ou de mim?

– Com a ajuda de Brian Bork, podemos colocá-lo na direção certa.

Como Gurney esperava, Hardwick questionou isso, reiterando seu argumento de que ele já havia se estabelecido como ameaça contra Panikos, de modo que seria fácil colocar-se como alvo crível.

Mas agora o argumento parecia carecer tanto de fundamento quanto de convicção.

Parecia que o galo havia inclinado o jogo na direção de Gurney.

Só faltava discutir os detalhes, as responsabilidades e a logística.

Uma hora depois, com um misto de determinação e dúvida, eles concordaram com um plano.

Esti, que estivera tomando notas durante a conversa, parecia a menos confortável com a conclusão. Quando Gurney perguntou quais eram suas preocupações, ela hesitou.

– Talvez... será que você poderia repassar tudo mais uma vez? Se não se importar?

– Se ele não se *importar*? – rosnou Hardwick. – Sherlock *adora* essa merda de estratégia. – Ele se levantou da mesa. – Enquanto vocês repassam isso mais uma vez, vou fazer alguma coisa útil, tipo dar os telefonemas necessários, por exemplo. Precisamos colocar o Bork no barco quanto antes, e precisamos garantir que a SVS tenha no estoque o material de que precisamos.

A Scranton Vigilância & Sobrevivência era uma espécie de supermercado de tecnologia e armamento que atendia a uma clientela composta de empresas de segurança, paranoicos antigoverno e uma ampla variedade de loucos por armas. Seu logotipo tinha duas cascavéis com as presas à mostra no lugar das letras S. Os vendedores usavam boinas e uniformes de estilo militar. Gurney tinha visitado o local uma vez, por curiosidade, e tivera a sensação desagradável de estar num universo paralelo. Mas era a fonte mais conveniente para o tipo de equipamento eletrônico do qual precisavam.

Hardwick tinha se oferecido para ir até lá. Mas primeiro queria saber se havia o material em estoque. Virou-se para Gurney.

– Onde você tem sinal de celular mais forte, aqui?

Depois de conduzi-lo à porta lateral e orientá-lo a ir até o ponto mais distante do quintal, Gurney voltou para perto de Esti, que ainda estava sentada à mesa, parecendo inquieta.

Acomodou-se diante dela e contou o plano que haviam passado a hora anterior criando.

– O objetivo é dar ao Panikos a impressão de que vou aparecer no *Conflito Criminal* na segunda-feira para revelar tudo o que descobri sobre o assassinato de Spalter, inclusive a informação explosiva que Panikos vem tentando manter em segredo. Jack tem certeza de que pode convencer Brian Bork e a RAM-TV a fazer chamadas para essa revelação durante toda a programação de domingo.

– Mas o que você vai fazer na segunda, quando deveria aparecer no programa? O que você vai revelar de fato?

Gurney se esquivou da pergunta.

– Se tivermos sorte, o jogo estará terminado e não teremos de participar do programa. O objetivo é a *divulgação* de nossa suposta revelação e a ameaça que Panikos vai sentir, a urgência que ele vai experimentar para me silenciar antes da hora do programa na segunda.

Esti não pareceu tranquilizada.

– O que essas chamadas para o programa vão dizer?

– Mais tarde pensamos nas palavras certas, mas a chave será fazer com que Panikos acredite que eu sei alguma coisa *fundamental* sobre o caso Spalter, que mais ninguém sabe.

– Ele não vai presumir que você compartilhou com Jack e comigo o que descobriu?

– Provavelmente *vai.* – Gurney sorriu. – Por isso estou achando que talvez você e o Jack precisem ser mortos num acidente de automóvel. Bork vai adorar fazer essa parte da divulgação.

Tragédia, controvérsia, drama, tudo isso são palavras mágicas na RAM-TV.

– *Acidente de automóvel?* De que diabo você está falando?

– Acabei de pensar nisso. Mas gosto da ideia. E definitivamente reduz as possibilidades de alvo do Panikos.

Ela lhe deu um longo olhar cético.

– Para mim isso parece loucura demais. Tem certeza que o pessoal da RAM-TV vai concordar com isso?

– Vão ficar feito moscas em volta da merda. Você está esquecendo que a RAM-TV se alimenta disso. Essas merdas aumentam a audiência. O negócio deles é vender merda.

Ela concordou com a cabeça.

– Então tudo isso é como um funil. Tudo é projetado para conduzir o Panikos em direção a uma decisão, uma pessoa, um local.

– Exato.

– Mas é um funil muito frágil. E o recipiente aonde o funil vai dar... talvez tenha furos, não é?

– Que furos?

– Digamos que o seu funil funcione: Panikos ouve as chamadas para o programa no domingo, compra a história, acredita que você sabe o segredo dele, que Jack e eu estamos mesmo fora de cena, e chega à conclusão de que seria uma boa ideia eliminar você, aí aparece aqui para fazer isso... Quando? Domingo à noite? Segunda de manhã?

– Minha aposta seria no domingo à noite.

– Certo. Digamos que ele venha atrás de você no domingo à noite. Talvez se esgueirando a pé pela floresta, talvez num

quadriciclo. Talvez com bombas incendiárias, talvez com uma arma, talvez com as duas coisas. Estou certa?

Gurney assentiu.

– E qual é a nossa defesa contra isso? Câmeras no pasto? Na floresta? Transmissores mandando imagens para a casa? Jack com uma Glock, eu com uma SIG e você com aquela sua Beretinha? Estou entendendo direito?

Ele assentiu de novo.

– Não esqueci nada?

– Tipo o quê?

– Tipo chamar a cavalaria para salvar a nossa pele! Você e o Jack esqueceram o que aconteceu em Cooperstown? Três casas enormes incendiadas, sete pessoas mortas, uma cabeça desaparecida. Você está com amnésia?

– A cavalaria não será necessária, querida – interrompeu Hardwick, voltando do quintal, rindo. – Só um pouco de pensamento positivo e o melhor equipamento de vigilância por infravermelho que existe no mercado. Acabei de alugar pelo telefone tudo de que precisamos. Além da cooperação total dos nossos coleguinhas da RAM-TV. Então o plano maluco do Davey de atrair o lobo para atacar o cordeiro pode dar certo.

Ela o olhava como se ele fosse maluco.

Ele se virou para Gurney e continuou, como se alguém tivesse pedido para ser mais claro:

– A Scranton Vigilância & Sobrevivência estará com tudo pronto para eu buscar amanhã às quatro da tarde.

– Quer dizer que você vai voltar para cá mais ou menos na hora em que estiver escurecendo – disse Gurney. – Não é o horário mais indicado para montar coisas na floresta.

– Não tem problema. Teremos o domingo de manhã para instalar tudo e depois ficar a postos. O produtor do Bork disse que vão começar as chamadas nos programas de entrevistas da manhã de domingo até o noticiário do fim da noite.

– Eles vão fazer isso? – O tom de Esti era azedo. – Assim?

– Assim, meu bem.

– Eles realmente não se importam com a hipótese de isso ser tudo uma bobagem inventada?

O sorriso de Hardwick refulgiu.

– Nem um pouquinho. Por que deveriam? Bork *adora* a sensação de crise que a situação toda gera.

Esti assentiu de leve – transmitindo mais resignação do que concordância.

– Aliás, Davey – disse Hardwick. – Se eu fosse você, tiraria aquele galo morto da pia. Aquela porra fede demais.

– Certo. Vou cuidar disso. Mas primeiro, e fico feliz por você ter me lembrado, temos um pequeno acréscimo para os anúncios da RAM-TV. Um infeliz acidente de carro.

Capítulo 52

Florence em chamas

Quando Hardwick e Esti foram embora, depois que o pequeno e ágil Mini Cooper e o ruidoso GTO haviam passado pelo celeiro e descido a estrada da montanha, Gurney ficou sentado olhando para a pilha de madeira e pensando na construção do galinheiro que ela representava.

Então sua mente passou do galinheiro para Horace. Obrigou-se a se levantar e ir pelo corredor lateral até o quartinho dos casacos.

Após enterrar o galo de novo e voltar para a casa, descobriu que qualquer sentimento de organização e controle que houvesse experimentado durante a reunião com Hardwick e Esti havia se evaporado, e ficou pasmo com o esboço capenga do que estivera chamando, ousadamente, de “plano”. Agora todo aquele empreendimento destrambelhado parecia totalmente amadorístico – motivado mais pela raiva, pelo orgulho e por suposições otimistas do que por fatos ou capacidades reais.

O que eles “sabiam” sobre Petros Panikos, afinal de contas, era pouco mais do que um monte de boatos e histórias contadas por fontes de credibilidade bastante variável. A origem incerta dos dados abria a porta para uma gama desconcertante de possibilidades.

De que ele tinha certeza?

Na verdade, de muito pouca coisa. Muito pouco além da natureza implacável do inimigo, sua comprovada disposição de fazer *qualquer coisa* para alcançar um objetivo ou provar um argumento. Se – como costumava insistir um professor de filosofia de Gurney – “o mal era o intelecto a serviço da vontade sem ser restringido pela empatia”, Peter Pan era o mal encarnado.

De que mais ele tinha certeza?

Bom, não poderia haver dúvidas do risco para a carreira de Esti. Ela havia colocado tudo em jogo ao se juntar à equipe que cada vez mais parecia um trem desgovernado.

E havia pelo menos mais um fato inegável. Ele estava de novo se colocando na mira de um matador. Sentia-se tentado a acreditar que agora era diferente – que as circunstâncias exigiam isso, que as precauções tomadas permitiam isso –, mas sabia que não poderia convencer ninguém. Nem Madeleine, nem Malcolm Claret, sem dúvida.

Na vida não há nada mais importante que o amor.

Era o que Claret tinha dito quando Gurney saía de seu consultório.

Enquanto refletia sobre essa afirmação, percebeu duas coisas. Ela era absolutamente verdadeira. E era absolutamente impossível mantê-la no primeiro plano de seus pensamentos. A contradição lhe parecia um truque maligno orquestrado pela natureza humana contra os seres humanos.

Foi salvo de mergulhar mais fundo ainda em um poço de especulações e depressão inútil pelo toque da linha fixa no escritório.

O identificador anunciava que era Hardwick.

– Sim, Jack?

– Dez minutos depois de sair da sua casa recebi um telefonema do meu colega da Interpol, provavelmente o último que vamos receber, pelo tom de voz dele. Eu estava pressionando-o bastante para obter cada detalhe que ele pudesse encontrar nos arquivos antigos sobre a família do Panikos. Acabei virando um verdadeiro pé no saco, o que não é minha natureza verdadeira, mas você queria mais informações, e eu vivo para servir aos meus amigos.

– Uma qualidade muito positiva. E descobriu o quê?

– Você se lembra do incêndio que destruiu a loja de lembranças da família no povoado de Lykonos? Todo mundo morreu queimado, menos o incendiário adotado? Bom, por acaso o lugar não era só uma loja de suvenires. Tinha um pequeno anexo, um segundo negócio, administrado pela mãe. – Ele fez uma pausa. – Preciso dizer mais?

– Deixe-me adivinhar: o anexo era uma floricultura. E o nome da mãe era Florence.

– Florencia, para ser exato.

– Ela morreu junto com o resto da família, certo?

– Se transformou em cinzas junto com todo mundo. E agora o pequeno Peter gosta de andar por aí num furgão que diz “Flores de Florence”. Tem alguma ideia sobre isso, Ás? Acha que ele gosta de pensar na mãe enquanto mata pessoas?

Gurney não respondeu de imediato. Pela segunda vez naquele dia, alguma parte de frase – antes fora o comentário de Esti sobre “aqueles tiros na montanha” – levou-o a uma digressão mental. Desta vez foi “se transformou em cinzas” de Hardwick.

As palavras lhe trouxeram à lembrança um caso antigo envolvendo um acidente de carro que pegou fogo. Era um dos exemplos que ele usara num seminário da academia intitulado “A Mente Investigativa”. O estranho era que aquela era a terceira vez, em três dias, que algo lhe trazia esse caso ao pensamento. Considerando o contexto, ouvir “se transformou em cinzas” parecia um gatilho bastante simples, mas nada tão óbvio ocorrera nas duas ocasiões anteriores.

Gurney se considerava a pessoa menos supersticiosa do mundo, mas quando algo assim – um caso específico – ficava surgindo na

sua consciência, ele havia aprendido a não ignorar. A questão era: o que deveria fazer com isso?

– Ei, ainda está aí, Ás?

– Estou. Só fiquei pensando numa coisa que você disse.

– Está pensando, como eu, que o nosso maniacozinho pode ter uns probleminhas com a mãe?

– Um monte de assassinos em série tem.

– Fato. Magia materna. De qualquer modo, por enquanto é só. Achei que você iria querer saber sobre Florencia.

Hardwick desligou, o que Gurney achou bom, já que sua mente fora tomada pelo caso do carro em chamas. Lembrou que o evento anterior responsável por provocar a mesma lembrança tinha sido a história de Esti sobre o tiro no beco. Haveria alguma semelhança entre os incidentes? Seria possível que os dois se relacionassem de algum modo com o caso Spalter? Não conseguia ver nenhuma conexão. Mas talvez Esti conseguisse.

Ligou para o celular dela. A ligação caiu na caixa postal e ele deixou um recado breve.

Três minutos depois, ela ligou de volta.

– Oi. Algum problema?

Sua voz ainda tinha uma nota da ansiedade expressada na reunião da parte da manhã.

– Não, nenhum. Talvez eu só esteja desperdiçando o seu tempo. Mas minha mente parece estar fazendo algum tipo de conexão entre os dois casos, o que você contou, do beco, e uma investigação antiga do Departamento de Polícia de Nova York, e talvez entre eles e o caso Spalter.

– Que tipo de conexão?

– Não sei. Talvez, se eu lhe contasse o caso do DPNY, você

visse algo que estou deixando escapar.

– Claro. Por que não? Não sei se posso ajudar, mas vá em frente.

Meio em tom de desculpas, ele começou a contar a história:

– A princípio a cena do acidente parecia fácil de explicar. Um homem de meia-idade descendo uma ladeira a caminho de casa depois de sair do trabalho. No final da ladeira a estrada fazia uma curva. Mas o carro seguiu direto em frente, atravessou o parapeito e parou num barranco. O tanque de gasolina explodiu. Houve um grande incêndio, mas sobrou uma parte suficiente do motorista para que fizessem a autópsia e concluíssem que ele havia sofrido um grave ataque cardíaco. Isso foi citado como a causa precipitadora da perda de controle e do acidente fatal. Seria o fim da história, se não fosse o fato de o investigador ter uma sensação desconfortável que não queria sumir. Ele foi ao local para onde o veículo tinha sido rebocado e o examinou mais uma vez. Foi quando notou que as áreas de impacto mais sério e os danos do incêndio dentro do automóvel não coincidiam com os de fora. Nesse ponto, pediu um trabalho de perícia completo no veículo.

– Espere um segundo – disse Esti. – O lado de dentro e o de fora não *coincidiam*?

– Ele notou que havia pontos de calor e amassados no espaço do passageiro que não pareciam se alinhar diretamente com os pontos de danos semelhantes no exterior. A explicação, descoberta pelo laboratório da perícia, foi que haviam acontecido *duas* explosões. Antes que o tanque de gasolina explodisse tinha havido uma explosão menor *dentro* do veículo, embaixo do banco do motorista. Foi essa que resultou na perda de controle, e também no ataque cardíaco. Outros exames químicos revelaram que a explosão inicial e a do tanque de gasolina tinham sido detonadas por controle remoto.

– De onde?

– Possivelmente de um veículo que seguia o veículo alvo.

– Hum. Interessante. Mas aonde você quer chegar?

– Não sei. Talvez a lugar nenhum. Mas esse caso fica me voltando à cabeça toda hora. Ocorreu-me logo depois de você contar a história sobre o tiro no beco. Conheço uma psicóloga que fala sobre uma coisa chamada ressonância de padrão, o modo como as coisas nos fazem lembrar de outras porque compartilham uma semelhança estrutural. E isso pode acontecer sem que tenhamos consciência de qual é a semelhança.

Esti não respondeu nada além de um “Hum” quase inaudível.

Gurney sentiu-se inquieto, até um pouco sem graça. Não se importava em compartilhar ideias, preocupações, hipóteses. Ficava muito menos confortável em compartilhar sua confusão, seu fracasso em captar alguma conexão que esperava estar presente.

Quando ela finalmente falou, sua voz saiu hesitante:

– Acho que entendo o que você quer dizer. Deixe-me pensar nisso, certo?

Capítulo 53

Uma calma terrível

A sensação de que ele havia jogado sua perplexidade injustamente no colo de Esti ainda o incomodava naquela noite. Encontrar padrões significativos em situações e relacionar uns com os outros deveria ser o *seu* ponto forte.

O sol havia se posto e as cores desbotavam nas montanhas e nos campos ao redor da casa. Passava da hora de jantar, mas ele não estava com fome. Fez uma xícara de café e tomou-o sem acompanhamentos; a única concessão à necessidade de nutrição foi uma colherada extra de açúcar.

Talvez estivesse pensando demais no problema, analisando-o intensamente demais. Talvez esse fosse outro exemplo do fenômeno da estrela de luz fraca, que ele descobrira uma noite deitado numa rede, olhando para o céu. Há algumas estrelas tão distantes que seus leves pontos de luz não se registram no centro da retina, que é um pouco menos sensível do que o resto da superfície retiniana. O único modo de ver uma dessas estrelas é olhar alguns graus para um lado ou para o outro. O exame direto do corpo celeste é invisível. Mas se você desviar os olhos, vê que ela está ali.

Um quebra-cabeça frustrante costumava ser assim. Quando o deixamos de lado por um tempo, a resposta às vezes aparece de repente. Um nome ou uma palavra que lutamos para lembrar pode vir à cabeça apenas quando já desistimos. Ele sabia de tudo isso, tinha até uma teoria sobre como o processo funcionava, mas sua tenacidade – que Madeleine chamava de teimosia – tornava difícil deixar qualquer coisa de lado.

Às vezes a decisão aparecia para ele por simples exaustão. Ou

por uma intervenção externa, como receber um telefonema – algo que aconteceu agora.

Era Kyle.

– E aí, pai, como vão as coisas?

– Bem. Ainda está em Syracuse?

– É, estou. Na verdade, acho que vou passar a noite aqui. Está tendo uma exposição de arte enorme na universidade este fim de semana, e Kim está participando com uns vídeos artísticos. Por isso pensei em ficar, tipo talvez até o almoço, depois... depois não sei bem. A princípio, quando eu estava na estrada indo para aí, tinha pensado em ir à feira, mas agora... com a sua situação...

– Não há motivo para você não ir à feira. Minha preocupação era sobre você ficar aqui na casa, e talvez até mesmo isso seja um exagero com relação à chance de algum problema de verdade acontecer. Se quer ir à feira, vá.

Kyle suspirou – um som de incerteza.

– É sério. Vá. Não há motivo para não ir.

Outro suspiro, seguido de uma pausa.

– Sábado é a noite mais importante, certo? Com todos os eventos principais?

– Pelo que sei, é.

– Bom, talvez eu dê um pulo lá quando estiver voltando para a cidade, para dar uma olhadinha. Talvez vá ver a corrida de demolição. Falo com você de novo quando decidir o que fazer.

– Ótimo. E não se preocupe com nada aqui. Vai ficar tudo bem.

– Certo, pai. Só tenha cuidado.

Apesar de ter durado menos de dois minutos, o telefonema rearrumou os pensamentos de Gurney durante a meia hora seguinte

– sobrepondo preocupações paternas às preocupações com o caso de assassinato.

Dizendo a si mesmo que o possível envolvimento de Kyle com Kim Corazón não era da sua conta, tentou concentrar-se de novo nos enigmas relacionados ao caso Spalter e a Peter Pan.

Desta vez foi a exaustão, e não um telefonema, que interveio – o tipo de cansaço que tornava impossível o pensamento linear.

Foi então que, sentado perto da porta dupla ainda aberta, olhando o crepúsculo escurecer cada vez mais até a noite cair por completo, ouviu o som familiar e fantasmagórico na floresta – aquele gemido trêmulo – seguido por um silêncio profundo, maior do que o próprio som. Em seu estado de profundo cansaço mental, aquilo era o silêncio do vazio e do isolamento.

O silêncio foi interrompido por um ronco grave, sem direção definida, que parecia vir da própria terra. Ou seria do céu? Talvez fosse um trovão a alguns quilômetros de distância, ecoado e abafado pelos morros e vales ao redor. Quando o barulho se esvaiu, como o rosnado de um cão velho, deixou um silêncio inquietante, uma calma terrível que, devido a alguma conexão no cérebro de Gurney, lhe trouxe à mente uma lembrança de infância: a imensa distância que existia entre seus pais.

Foi essa reviravolta desconcertante em seu fluxo de consciência que enfim o convenceu da tremenda necessidade de dormir e o mandou para a cama – mas não antes de trancar as portas e janelas, limpar e carregar a Beretta calibre 32 e colocar a confiável pistolazinha a seu alcance na mesa de cabeceira.

Quarta parte

Justiça perfeita

Prólogo

O rosnado do tigre

Os melros estão guinchando.

Ele ergue o olhar do celular em que estava digitando a lista especial de números. Sabe que os guinchos dos pássaros é uma defesa territorial, um alerta para a espécie deles, um chamado às armas contra o invasor.

No entanto, nenhum de seus alarmes eletrônicos está piscando, o que significa que não há intromissão humana. Mas mesmo assim ele olha através de cada uma das quatro janelas pequenas nas laterais da pequena construção de blocos de concreto, examinando o lago de castores cheio de cômoros e a floresta pantanosa.

Há corvos empoleirados no topo de três árvores mortas, com as raízes afogadas. Os corvos, conclui ele, são os invasores que incomodaram os melros, provocando seus guinchos. Ele acha a proteção que eles oferecem reconfortante, assim como degraus estalando numa escada poderiam alertá-lo com relação a algum intruso.

Ou como a pequena estrutura precária em si, no meio de cinquenta hectares de floresta baixa e pântano, é reconfortante. Quase inacessível, pouquíssimo convidativa, é seu lar ideal longe de casa. Ele tem muitos lares longe de casa. Locais para se hospedar enquanto realiza seus negócios. Enquanto cumpre os contratos. Aquele lugar específico, para o qual não existe trilha visível saindo da estrada principal, sempre pareceu mais seguro do que a maioria.

Gus Gordo havia representado outro tipo de trilha. Uma trilha de informações delicadas. Informações que poderiam ser danosas. Mas isso fora erradicado na fonte. O que tornava aquela situação

envolvendo Bincher, Hardwick e Gurney tão incompreensível. Tão enfurecedora.

Ao pensar em Bincher, seu olhar vai para um canto sombreado do cômodo parecido com uma garagem. A caixa térmica de plástico azul e branco. Ele sorri. Mas o sorriso some rapidamente.

Some porque o pesadelo continua voltando à sua mente, mais nítido do que nunca. Agora as imagens terríveis estão com ele quase o tempo todo – desde que ele vira aquela roda-gigante no parque de diversões da feira rural.

A roda-gigante estava se insinuando em seu pesadelo – misturada à música de carrossel, a gargalhada tenebrosa. O palhaço hediondo, fedendo, chiando. O rosnado grave, vibrante, do tigre.

E agora Hardwick e Gurney.

Girando ao redor dele, cercando-o cada vez mais.

A espiral se apertando, inevitável o confronto final se aproximando.

Seria um grande risco, mas poderia haver uma grande recompensa. Um grande alívio.

O pesadelo poderia finalmente se extinguir.

Ele vai até o canto mais escuro do cômodo, até uma mesa pequena. No movelzinho há uma vela grande e uma caixa de fósforos. Ele pega um palito e acende a vela.

Levanta a vela e olha a chama. Adora sua forma, sua pureza, seu poder.

Imagina o confronto, a conflagração. Seu sorriso retorna.

Volta a atenção ao celular – recomeça a digitar os números especiais.

Os melros estão guinchando. Os corvos empoleirados estão

inquietos nos topos negros das árvores mortas.

Capítulo 54

Acuado

Gurney não punha fé nos sonhos. Se pusesse, a maratona fantasmagórica daquela noite poderia ocupar uma semana ininterrupta de análise. Mas tinha uma visão solidamente pragmática – e em geral negativa – dessas procissões bizarras de imagens e acontecimentos.

Havia muito tempo que acreditava que os sonhos não passavam de subprodutos do processo noturno de preencher e indexar que o cérebro emprega para separar a experiência registrada entre a memória de curto prazo e a de longo prazo. Trechos de dados visuais e auditivos são revolvidos e misturados, fios narrativos são construídos, esboços são criados – mas sem qualquer resultado realmente significativo.

O único efeito prático de uma noite cheia de sonhos incômodos era a necessidade permanente de dormir mais – o que fez Gurney se levantar uma hora mais tarde do que o usual, com uma leve dor de cabeça. Quando enfim tomou seu primeiro gole de café, o sol, pálido em razão de uma fina camada de nuvens, já estava bem acima da montanha no leste. A sensação de inquietude que ele tivera na noite anterior depois do som fantasmagórico na floresta ainda estava presente.

Sentiu-se acuado. Acuado pela própria falta de disposição de sair do jogo a tempo. Acuado por sua fome de controle, coerência, conclusão. Acuado pelo próprio “plano” de encerrar o caso provocando o atirador e colocando-se numa posição de risco idiota e talvez fatal. Entregue a pensamentos que num minuto o levavam ao sucesso e no outro à derrota, Gurney decidiu buscar o consolo que era resultado da ação.

Naquela tarde Hardwick viria da Scranton Vigilância &

Sobrevivência com as câmeras de vídeo necessárias, e eles teriam a manhã seguinte, domingo, para instalar as unidades de modo a garantir que qualquer pessoa que chegasse a cerca de 1 quilômetro da casa de Gurney fosse detectada. O posicionamento estratégico era um fator crucial, e a seleção antecipada dos locais economizaria um tempo precioso na manhã de domingo.

Foi até o quartinho dos casacos e calçou um par de botas de borracha que iam até os joelhos – proteção contra espinhos de cardos e amoras. Notando uma reminiscência de odor da carcaça do galo, abriu a janela para deixar o ar fresco entrar, depois foi até a pilha de materiais para a construção do galinheiro e pegou uma trena, uma bola de barbante amarelo e um canivete. Em seguida, dirigiu-se à floresta do outro lado do laguinho para começar a identificar e marcar as principais localizações para as câmeras de vídeo.

O objetivo era selecionar pontos de onde uma montagem de câmeras ativadas por movimento e transmissores sem fio poderiam fornecer uma cobertura completa da floresta e dos campos ao redor da casa. Segundo Hardwick, cada câmera geraria suas próprias coordenadas de GPS, mostrando essa informação junto com o vídeo num monitor dentro da casa, de modo que a localização de Peter Pan – ou de qualquer intruso – seria conhecida de imediato.

Pensando na capacidade técnica do equipamento, Gurney experimentou, se não exatamente um otimismo, pelo menos algum alívio do medo de que o plano fosse frágil demais para dar certo. O processo lógico de medir ângulos e distâncias também tinha um efeito positivo. Com um razoável grau de disciplina e determinação, terminou o projeto de escolha dos locais em pouco mais de quatro horas.

Tinha planejado seu progresso ao longo da propriedade de vinte hectares e as partes relevantes das propriedades vizinhas de modo a terminar o circuito no topo da colina Barrow. Estava convencido de

que aquele era o lugar que Panikos escolheria. Portanto era o local, com suas várias trilhas e pontos de acesso, em que ele queria ser mais meticuloso.

Quando enfim voltou para casa, a tarde já estava no meio e as nuvens matinais haviam se adensado e conferido ao céu um tom monótono de cinza. Não havia movimento no ar, mas não existia paz na imobilidade. Quando parou no quartinho para tirar as botas, a visão da pia trouxe à mente a questão de como e quando contar a Madeleine sobre a causa da morte do galo. Se é que deveria contar isso a ela. Madeleine tinha uma preferência inata pela honestidade, e omissões significativas podiam ter um preço alto. Depois de pensar bastante, decidiu contar quanto antes, e pessoalmente.

A viagem de meia hora até a pequena fazenda dos Winkler foi preenchida por uma leve premonição desagradável. Ainda que a necessidade de revelar a verdade fosse clara, essa realidade não mudava o modo como se sentia.

A quase meio quilômetro do destino ocorreu-lhe que deveria ter ligado antes. E se todos estivessem na feira? E se os Winkler estivessem na casa e Madeleine na feira? Mas assim que virou na entrada de veículos, a viu. Estava parada num cercado, olhando para um cabrito.

Gurney estacionou perto da casa. Quando se aproximou do cercado ela não demonstrou surpresa por sua chegada – só lhe deu um breve sorriso e um olhar avaliador mais longo.

– Entrando em comunhão com o cabrito? – perguntou ele.

– Parece que eles são muito inteligentes.

– Já ouvi esse boato.

– O que você está pensando?

– Quer dizer, o que estou fazendo aqui?

– Não, quero dizer que você parece estar pensando em alguma

coisa. Estou me perguntando o que pode ser.

Ele suspirou, tentando relaxar.

– No caso Spalter.

Ela estava fazendo carinho na cabeça do cabrito.

– Alguma coisa específica?

– Algumas. – Ele optou por falar primeiro sobre o que parecia menos difícil. – O caso fica me trazendo à mente uma antiga investigação de acidente de automóvel.

– Há alguma conexão?

– Não sei. – Ele fez uma careta. – Meu Deus.

– Qual é o problema?

– Esse lugar fede a esterco.

Ela assentiu.

– Eu até gosto.

– Você *gosta*?

– É um cheiro natural de fazenda. Não há nada de errado nele.

– Meu Deus.

– Mas qual é a história do acidente de automóvel?

– A gente precisa ficar aqui com o cabrito?

Ela olhou ao redor, depois fez um gesto na direção de uma mesa velha de piquenique numa área gramada atrás da casa.

– Pode ser ali?

– Ótimo.

Ela fez mais um pouco de carinho na cabeça do cabrito, depois saiu do cercado, fechou a porteira e levou Gurney até a mesa.

Sentaram-se frente a frente e ele contou a história do acidente

explosivo – a impressão inicial equivocada sobre o que havia acontecido e as descobertas posteriores – como havia relatado a Esti.

Quando chegou ao fim, Madeleine lançou-lhe um olhar interrogativo.

– E?

– Isso fica me vindo à mente, e não sei por quê. Alguma ideia?

– Ideia?

– Alguma coisa nesse caso parece especialmente significativo?

– Não, na verdade, não. Nada além do óbvio.

– E o óbvio é...?

– A sequência.

– O que é que tem?

– A suposição de que o ataque cardíaco veio antes do assassinato e que o assassinato veio antes da explosão, em vez de a explosão acontecer antes e causar todo o resto. Mas era uma suposição razoável. Homem de meia-idade tem ataque cardíaco, perde o controle, sai da estrada, o carro bate e o tanque de gasolina explode. Faz todo o sentido.

– Faz todo o sentido, a não ser pelo fato de que estava tudo errado. Esse foi o ponto que eu levantei ao falar do caso num seminário na academia: algo pode fazer todo o sentido e estar totalmente errado. Nosso cérebro gosta tanto de coerência que confunde “fazer sentido” com a verdade.

Ela inclinou a cabeça, curiosa.

– Se você sabe tudo isso, por que está me perguntando?

– Só para o caso de você ter visto alguma coisa que eu deixei passar.

– Você veio até aqui para me contar essa história?

– Não é só isso. – Ele hesitou, depois forçou as palavras a saírem. – Descobri uma coisa sobre o galo.

Ela piscou.

– Horace?

– Descobri o que o matou.

Ela ficou sentada imóvel, esperando.

– Não foi outro animal. – Ele hesitou de novo. – Alguém deu um tiro nele.

Madeleine arregalou os olhos.

– Alguém...?

– Não tenho certeza de quem foi.

– David, não... – disse ela, com um tom de alerta na voz.

– Não tenho certeza de quem foi, mas é possível que tenha sido o Panikos.

O ritmo da respiração dela mudou e seu rosto se encheu lentamente de uma fúria mal controlada.

– O assassino maluco que você quer pegar? Ele... matou o Horace?

– Não tenho certeza. Eu disse que é possível.

– *Possível*. – Ela repetiu a palavra como se fosse um som sem significado. Seu olhar estava fixo no dele. – Por que veio aqui me contar isso?

– Achei que era a coisa certa a fazer.

– É o único motivo?

– Que outro haveria?

– É você quem tem que me dizer.

– Não sei aonde você quer chegar. Só achei que deveria contar.

– Como você descobriu?

– Que ele levou um tiro? Examinando o corpo.

– Você o desenterrou?

– Desenterrei.

– Por quê?

– Porque... porque ontem, na nossa conversa, surgiu algo que me deu a ideia de que ele poderia ter sido abatido por um tiro.

– Ontem?

– Na minha reunião com Hardwick e Esti.

– E você achou que eu precisava saber hoje? Não ontem?

– Eu contei para você assim que ficou claro para mim que deveria contar. Talvez devesse ter contado ontem. O que você quer dizer?

– Estou pensando é no que *você* quer dizer.

– Não estou entendendo.

Os lábios de Madeleine formaram um leve sorriso irônico.

– O que vem em seguida na sua agenda?

– Minha agenda? – Gurney começou a perceber aonde ela queria chegar. E que, como sempre, sem precisar de muitas evidências, ela já havia saltado rapidamente para o desfecho da história. – Precisamos capturar o Panikos antes que ele volte para o buraco que ele habita quando não está em ação.

Ela assentiu com o rosto inexpressivo.

– Desde que ele acredite que podemos prejudicá-lo de alguma forma, ele não vai sair de circulação enquanto não nos... impedir. A tentativa de fazer isso vai torná-lo vulnerável à captura.

– *Vulnerável à captura*. – Ela articulou as palavras bem devagar, pensativamente, como se elas resumissem todos os jargões enganosos do mundo. – E você quer que eu fique aqui, para que você possa arriscar a vida sem se preocupar comigo?

Ela não parecia estar fazendo uma pergunta, por isso ele não respondeu.

– Você vai ser a isca do jogo outra vez. Certo?

Também não era de fato uma pergunta.

Um longo silêncio baixou entre eles. Agora o céu estava pesado de nuvens cinzentas. Um telefone começou a tocar dentro da casa, mas Madeleine não se moveu para atender. Tocou sete vezes.

– Eu perguntei ao Dennis sobre aquele pássaro – disse ela.

– Que pássaro?

– Aquele pássaro estranho, que às vezes a gente escuta no crepúsculo. Dennis e Deirdre também já ouviram. Ele verificou com o Conselho da Vida Selvagem na Montanha. Eles disseram que é um tipo raro de pomba selvagem que só é encontrado no norte do estado e em partes da Nova Inglaterra, e só acima de certas altitudes nas montanhas. Os nativos americanos da região diziam que ela era sagrada. Chamavam-na de “Espírito que Fala pelos Mortos”. O xamã interpretava os pios. Às vezes eram acusações, às vezes mensagens de perdão.

Gurney se perguntou sobre a cadeia de associações que levara Madeleine à história sobre a ave. Às vezes, quando parecia que ela havia mudado de assunto, ele descobria que ela ainda estava falando sobre a mesma coisa.

Capítulo 55

Anel ao redor dos rosados

Na volta da fazenda dos Winkler, Gurney sentia-se ao mesmo tempo livre e preso.

Livre para prosseguir com o plano. Preso pelas limitações do próprio plano, pelas suposições frágeis em que ele se sustentava e por sua própria compulsão de ir em frente. Suspeitava que Malcolm Claret e Madeleine estavam certos, que havia algo patológico em sua atração pelo risco. Mas o autoconhecimento não é um remédio terapêutico. Saber quem você é não lhe dá automaticamente o poder para mudar.

O mais importante para ele no momento era que Madeleine pretendia ficar na fazenda dos amigos pelo menos até terça, o último dia da feira agropecuária, em segurança e fora do caminho. Ainda era sábado. As chamadas para sua participação reveladora no *Conflito Criminal* de domingo à noite começariam a ser veiculadas na manhã seguinte, nos programas de entrevistas, e sugeririam a revelação não apenas da identidade do atirador no caso Spalter, mas também do delicado segredo que o atirador tentava proteger. Se Panikos quisesse impedir que isso acontecesse, teria uma janela de oportunidade muito estreita para agir – da manhã de domingo até a tarde de segunda. E Gurney pretendia estar preparado para ele.

Subindo pela estrada em direção à sua propriedade enquanto escurecia, ele tentava se agarrar a uma sensação razoável de confiança. Mas a história enigmática de Madeleine sobre aquela porcaria de pomba-espírito se sobrepunha a qualquer pensamento pragmático que ele conseguia captar.

Enquanto passava pelo celeiro e a casa começava a aparecer, notou que a luz sobre a porta lateral estava acesa, além da luz do quartinho dos casacos. Sentiu uma rápida pontada de adrenalina do tipo luta ou fuga – que se transformou numa curiosidade desconfortável quando ele viu um brilho se refletir no cromado da moto de Kyle. Continuou a subir pelo pasto e parou perto da motocicleta.

Dentro de casa, ouviu o chuveiro aberto no andar de cima. Quando encontrou a luz do corredor e todas as da cozinha também acesas, sua inquietação foi substituída por um ligeiro déjà-vu – talvez decorrente do fato de que Kyle, quando era adolescente, morava com a mãe e visitava Gurney nos fins de semana, parecia incapaz de apagar as luzes quando saía de um cômodo.

Gurney entrou no escritório para verificar os recados no telefone fixo e no celular, que ele não tinha levado quando fora ver Madeleine. Nada no fixo. Três mensagens no celular. A primeira era de Esti, mas a transmissão estava entrecortada demais para ele entender alguma coisa.

A segunda era de Hardwick, que, em meio a uma profusão de palavrões, conseguiu dizer que estava preso na I-81 em um engarrafamento homérico devido a uma obra, “só que na verdade não há porra nenhuma de obra acontecendo, só quilômetros e quilômetros de malditos cones bloqueando três merdas de pistas!”, de modo que só conseguiria levar a porra do equipamento da SVS até Walnut Crossing lá pela “porra da meia-noite. Ou sei lá quando, porra”.

O atraso de logística era um inconveniente para Hardwick, mas não era um problema real, já que de qualquer modo eles só haviam planejado colocar as câmeras na manhã seguinte. Gurney escutou a terceira mensagem, outra de Esti, entrecortada e enfim parando totalmente, como se a carga da bateria dela estivesse acabando.

Já ia ligar para ela quando ouviu um som no corredor. Kyle apareceu à porta do escritório usando calça jeans e camiseta, com o cabelo molhado.

– E aí, pai, como vão as coisas?

– Eu dei uma saída. Fui visitar Madeleine. Fiquei surpreso quando vi sua moto aí fora. Não esperava que você estivesse de volta. Deixei de pegar algum recado?

– Não, desculpe. Meu plano era ir direto à feira. Aí, quando estava passando pelo povoado, tive a ideia de parar para tomar uma ducha rápida e trocar de roupa. Espero que você não se incomode.

– Só foi... inesperado. Estou mais concentrado do que de costume em qualquer coisa fora do comum.

– Ah, por falar nisso, seu vizinho aí embaixo na estrada é caçador, ou algo assim?

– Caçador?

– Quando eu vinha subindo a estrada vi um cara no meio dos pinheiros, perto da casa, talvez a 1,5 quilômetro do seu celeiro, com um fuzil, acho.

– Quando foi isso?

– Meia hora atrás, eu acho. – Os olhos de Kyle se arregalaram enquanto ele falava. – Caramba, você não acha...

– Qual era o tamanho do cara?

– Tamanho? Não sei... talvez acima da média. Quero dizer, ele estava longe da estrada, então não tenho certeza. E sem dúvida estava na propriedade do seu vizinho, não na sua.

– Com um fuzil?

– Ou talvez uma espingarda. Só vi por um segundo, enquanto estava passando.

– Você não notou nada de especial na arma? Alguma coisa incomum em cima do cano?

– Caramba, pai, não sei. Deveria ter prestado mais atenção. Acho que pensei que todo mundo aqui no campo fosse alguma espécie de caçador. – Ele fez uma pausa, parecendo cada vez mais consternado. – Você acha que não era o seu vizinho?

Gurney apontou para o interruptor perto da porta.

– Apague a luz um segundo.

No escuro, Gurney baixou as persianas das duas janelas do escritório.

– Pronto, pode acender de novo.

– Meu Deus. O que está acontecendo?

– É só mais uma precaução.

– Contra o quê?

– Provavelmente nada esta noite. Não se preocupe.

– Então quem... quem era o cara que estava no mato?

– Provavelmente meu vizinho, como você disse.

– Mas não é temporada de caça, é?

– Não, mas se alguém tem problemas com coiotes, ou marmotas, ou gambás, ou porcos-espinhos, a temporada não importa.

– Há um segundo você disse que provavelmente não haveria nada com que se preocupar *esta noite*. Quando você acha que *vai* haver algo com que se preocupar?

Gurney não tinha planejado isso, mas no momento a única coisa honesta a fazer parecia ser explicar toda a situação.

– É uma história complicada. Sente-se.

Os dois se acomodaram no sofá do escritório e Gurney passou

os vinte minutos seguintes colocando Kyle a par das informações do caso Spalter que ele ainda não conhecia, da situação atual de tudo e do plano que seria colocado em ação no dia seguinte.

Enquanto escutava, a expressão de Kyle ficou mais confusa.

– Espere um segundo. Como assim, a RAM-TV vai veicular as chamadas para o programa a partir de *amanhã de manhã*?

– É isso. A partir dos programas de entrevistas matinais e prosseguindo durante o dia todo.

– Quer dizer, os anúncios dizendo que você vai fazer grandes revelações sobre o caso e sobre o atirador?

– É.

– Eles devem passar *amanhã*?

– É. Por que você...

– Você não está sabendo? Os anúncios começaram a passar *ontem à tarde*. E passaram *hoje o dia inteiro*.

– *O quê*?

– As chamadas de que você está falando estão passando na RAM-TV pelo menos há vinte e quatro horas.

– Como você sabe?

– Kim fica com a porcaria da TV ligada o tempo todo. Meu Deus, eu não percebi... desculpe... não sabia que aquilo não era para acontecer. Deveria ter ligado para você.

– Você não teria como saber.

Gurney sentiu-se nauseado, absorvendo o choque, pensando nas implicações.

Então ligou para Hardwick e contou o que tinha acabado de saber.

Ainda preso no engarrafamento, Hardwick fez um som que era

algo entre um engasgo e um rosnado.

– *Ontem?* Eles começaram a passar aquela porra *ontem*?

– Ontem à tarde, ontem à noite e hoje o dia inteiro.

– Maldito Bork! Filho da puta escroto! Desgraçado! Vou arrancar a cabeça daquele filho da puta e enfiar no cu dele!

– Acho ótimo, Jack, mas precisamos cuidar primeiro de algumas questões práticas.

– Eu disse àquele desgraçado que o timing de execução do plano era crucial, que vidas estavam em jogo, que o timing perfeito era uma questão de vida ou morte! Deixei perfeitamente claro àquele saco de merda!

– Fico feliz em saber. Mas neste momento precisamos fazer alguns ajustes no plano.

– A primeira coisa que você precisa é ajustar sua saída para bem longe daí, porra. Vá embora! Tipo agora!

– Concordo que a situação precisa de ação urgente. Mas antes de pularmos do barco...

– SAIA DAÍ, PORRA! Ou pelo menos faça o que Esti queria desde o início: chame a maldita cavalaria!

– Parece que estamos prestes a fazer o que queríamos que o Panikos fizesse: entrar em pânico e cometer um erro.

– Olha, admiro muito sua capacidade de manter a frieza sob pressão, mas é hora de admitir que o plano já era, jogar as cartas na mesa e ir embora.

– Onde você está?

– O quê?

– Onde exatamente você está?

– Onde eu estou? Ainda na Pennsylvania, a uns 50 quilômetros

de Hancock. Que diferença faz onde estou?

– Ainda não sei. Só queria pensar um pouco mais nisso tudo antes de sair de casa gritando.

– Davey, pelo amor de Deus, ou saia dessa porra de propriedade agora ou chame a porra da polícia.

– Agradeço a preocupação, Jack, de verdade. Faça-me um favor e avise a Esti sobre a nova situação. Ligo de novo para você daqui a pouco.

Gurney desligou no meio de uma última objeção. Trinta segundos depois seu telefone tocou, mas ele deixou cair na caixa postal.

Kyle estava encarando-o com os olhos arregalados.

– Era o tal de Hardwick no telefone, certo?

– Era.

– Ele estava gritando tão alto que eu ouvi tudo.

Gurney assentiu.

– Ele estava meio perturbado.

– Você não está?

– Claro que estou. Mas pirar com isso é perda de tempo. Como na maioria das situações na vida, só há uma pergunta que importa: *o que vamos fazer agora?*

Kyle observou-o, esperando que ele continuasse.

– Acho que uma coisa que poderíamos fazer agora é desligar o máximo possível de luzes e baixar as persianas em todos os cômodos onde quisermos manter uma luz acesa. Vou verificar os quartos e banheiros. Vá desligar as luzes da cozinha e do quartinho dos casacos.

Kyle passou pela cozinha e foi até o quartinho, enquanto Gurney

ia para a escada. Antes que ele chegasse, Kyle disse:

– Ei, pai, venha cá um minuto.

– O que foi?

– Venha cá dar uma olhada nisso.

Gurney encontrou Kyle no corredor junto à porta lateral, apontando através do vidro para alguma coisa do lado de fora.

– Você está com um pneu furado. Sabia disso?

Gurney olhou para fora. Mesmo à luz fraca da lâmpada de 40 watts acima da porta não havia dúvida de que o pneu da frente, do lado do motorista, estava vazio. E ele não tinha nenhuma dúvida de que enquanto subia até a casa, uma hora antes, não estava.

– Você tem um macaco e estepe no porta-malas? – perguntou Kyle.

– Tenho, mas você não vai usá-los.

– Por quê?

– Por que você acha que o pneu está vazio?

– Porque você passou em cima de um prego?

– É possível. Outra possibilidade é que ele tenha sido furado por uma bala enquanto estava parado ali. E caso tenha sido a segunda opção, a questão é: *por quê*?

Kyle arregalou os olhos de novo.

– Para impedir a gente de ir embora?

– Talvez. Mas se eu fosse um atirador e meu objetivo fosse impedir alguém de ir embora, atiraria no maior número de pneus possível, e não somente em um.

– Então por que...?

– Talvez porque um pneu possa ser trocado, com um macaco e um estepe, como você disse.

– E...?

– Um macaco, um estepe e um de nós ajoelhado ali durante cinco ou dez minutos para fazer o serviço.

– Quer dizer, como um alvo fácil?

– É. E por falar nisso, vamos apagar a luz do quartinho e sair de trás da porta.

Kyle engoliu em seco.

– Porque o tal assassino pequeno e esquisito sobre quem você acabou de me contar pode estar lá fora... esperando?

– Não tenho certeza. O que sei é que uma mensagem muito provocadora andou passando na TV, uma mensagem destinada a fazer o Peter Pan vir atrás de mim. Preciso partir do pressuposto que pode ter dado certo. Também seria inteligente partir do pressuposto...

Foi interrompido pelo celular tocando no escritório.

Era Esti. Parecia estressada.

– Onde você está?

Ele disse.

– Por que ainda está aí? É melhor dar o fora antes que aconteça alguma coisa.

– Você está falando igual ao Jack.

– Estou falando igual ao Jack porque ele está certo. Você precisa sair agora. Liguei duas vezes hoje, quando fiquei sabendo da sacanagem na TV. Liguei para mandar você ir embora daí.

– Agora talvez seja um pouco tarde.

– Por quê?

– Alguém pode ter enfiado uma bala no meu pneu da frente.

– Ah, merda. Sério? Então você vai precisar de ajuda. Agora. Se

quiser que eu vá, posso chegar daqui a uns 45 minutos.

– Não é uma boa ideia.

– Certo, então ligue para a emergência.

– Como eu disse, você está falando igual ao Jack.

– Quem diabo se importa com o modo como eu falo? O fato é que você precisa de ajuda *agora*.

– Preciso pensar direito.

– *Pensar?* É isso que você vai fazer? *Pensar?* Enquanto alguém atira em você?

– No meu pneu.

– David, você é maluco, sabia? Maluco! O cara está *atirando* e você está *pensando*.

– Preciso desligar, Esti. Ligo para você daqui a pouco.

Ele desligou do mesmo modo que havia feito com Hardwick, interrompendo o telefonema no meio de um grito de protesto.

Foi então que se lembrou da mensagem que tinha sido deixada em sua caixa postal logo depois de ter desligado praticamente na cara de Hardwick. Tinha presumido que era o próprio, tentando terminar o que tinha a dizer, mas agora, ao verificar, viu que o número não era de Hardwick, mas um número desconhecido.

Ouviu a mensagem. Enquanto escutava, um arrepio subiu pelas suas costas, levantando os pelos da nuca.

Uma voz em falsete, aguda e metálica, uma voz que não era exatamente humana, cantava a cantiga de ninar mais bizarra e sem sentido da língua inglesa, uma alusão alegre e idiota às feridas de pele rosadas, às flores usadas para encobrir o fedor de carne putrefata e às cinzas dos cadáveres queimados durante uma das pragas mais mortais na Europa.

Anel ao redor dos rosados,

Bolsos com flores estufados.

Cinzas, cinzas,

E tudo cai.

Capítulo 56

Uma fúria fatal

– Pai?

Kyle e Gurney estavam parados, inquietos, perto da lareira na extremidade da sala de estar – o ponto mais distante da área da cozinha, bem longe da porta. As persianas estavam abaixadas em todas as janelas. A única luz vinha de um pequeno abajur de mesa.

– O que foi?

– Antes de o telefone tocar, você estava começando a dizer que deveríamos partir do pressuposto de que o tal Peter Pan poderia estar aí fora, em algum lugar, não é? – perguntou Kyle, lançando um olhar nervoso para a porta de vidro.

Gurney demorou um longo tempo para responder. Sua mente ficava retornando à arrepiante cantiga de ninar – e como as palavras dela refletiam não apenas sua grotesca origem, na época da peste bubônica, mas também os elementos das Flores de Florence e dos incêndios criminosos, o modus operandi de Panikos.

– Ele *pode* estar aí fora, sim.

– Você tem alguma ideia de *onde*?

– Se eu estiver certo com relação ao pneu vazio, ele vai estar a oeste de nós, e a opção mais provável seria a colina Barrow.

– Você acha que talvez ele desça até aqui, perto da casa?

– Duvido. Se minha suposição estiver correta, ele está com um fuzil especial. Nesse jogo, a distância lhe dá uma grande vantagem. Aposto que ele vai ficar...

Houve um clarão espantoso, uma explosão forte, e algo atravessou a janela da cozinha, lançando cacos de vidro em toda parte.

Kyle gritou:

– Que porra é...?

Gurney agarrou-o e puxou-o para o chão, depois sacou a Beretta do coldre do tornozelo, apagou o abajur puxando o fio da tomada e se arrastou rapidamente pelo chão até a janela mais próxima. Esperou um momento, prestando atenção, depois separou as duas palhetas de baixo da persiana e olhou para fora. Demorou vários segundos para compreender o que via. Espalhados numa grande área depois do quintal estavam os restos dos materiais da obra do galinheiro, muitos pedaços queimando.

A voz de Kyle atrás dele era um sussurro áspero:

– Que diabo...?

– A pilha de madeira... explodiu.

– *Explodiu... o que... como?*

– Algum tipo de... não sei... dispositivo incendiário?

– *Incendiário*? Que porra...?

Gurney estava concentrado examinando a área do melhor modo possível na penumbra.

– Pai?

– Só um minuto. – Com a adrenalina a toda, ele olhava pelo perímetro da área, buscando ver qualquer movimento. Também verificava as pequenas chamas, muitas das quais pareciam estar se apagando quase tão rápido quanto haviam começado.

– *Por quê?*

Havia na pergunta de Kyle um desespero que fez Gurney responder:

– Não sei. O mesmo objetivo do pneu furado, talvez? Ele quer que eu saia? Parece que está com pressa.

– Meu Deus! Quer dizer que ele estava simplesmente... *simplesmente ali fora... colocando uma bomba?*

– Talvez tenha sido antes, enquanto eu estava na fazenda dos Winkler, antes de você voltar de Syracuse.

– Meu Deus. Uma bomba? Com um temporizador?

– É mais provável que seja um detonador por celular. É mais fácil de controlar, mais preciso.

– Então... e agora?

– Onde estão as chaves da sua moto?

– Na ignição. Por quê?

– Venha atrás de mim.

Arrastando-se, Gurney guiou Kyle pelo chão e saiu da sala – agora iluminada através da porta de vidro pela trêmula luz da madeira queimando do lado de fora –, passando pelo corredor dos fundos até entrar no escritório escuro. Tateou os móveis ao redor até chegar à janela para o norte, levantou a persiana, abriu-a e, com a Beretta ainda na mão, saiu para o chão do lado de fora com muito cuidado.

Kyle fez o mesmo.

Quinze metros à frente, entre a casa e o pasto de cima, havia um pequeno bosque de madeira de lei, pouco visível na margem do círculo fraco de luz lançado pelas chamas, onde às vezes Gurney estacionava seu cortador de grama. Ele apontou para o volume preto de um carvalho gigante.

– Logo atrás daquela árvore há duas pedras, com algum espaço no meio. Entre naquele espaço e fique lá até que eu chame.

– O que você vai fazer?

– Vou neutralizar o problema.

– O quê?

– Não tenho tempo de explicar. Faça o que eu disse. Por favor. – Ele apontou de novo, com mais urgência. – Ali. Atrás da árvore. Entre as pedras. Estamos ficando sem tempo. Agora!

Kyle correu para o bosque e desapareceu no escuro. Então Gurney rodeou a casa até o canto onde a moto do filho estava parada. Tinha quase certeza de que, naquela posição, ficaria fora do campo de visão do topo da colina Barrow. Esperava que Kyle estivesse certo com relação à chave. Se não estivesse na ignição... Mas estava.

Enfiou a Beretta de volta no coldre do tornozelo e montou na moto. Fazia mais de vinte anos que subira numa motocicleta semelhante – a velha Triumph 650 que ele possuía na época da faculdade. Familiarizou-se rapidamente com a posição dos freios, da embreagem e da alavanca de câmbio. Olhando o tanque de gasolina, o guidão, o farol cromado, o para-lama dianteiro, o pneu dianteiro – tudo começou a voltar. Até a sensação física, a lembrança de equilíbrio e ímpeto – estava tudo ali, como se preservado em algum recipiente estanque na memória, vivo e completo, pronto para uso imediato.

Segurou as manoplas do guidão e começou a colocar a moto na posição de saída quando um brilho maior momentâneo das chamas na madeira iluminou alguma coisa escura e volumosa no chão perto do canteiro de aspargos. Inclinou a moto de volta no descanso, baixou a mão devagar e pegou a pistola. Pelo que podia perceber à luz oscilante, o objeto no chão não estava se mexendo. Era mais ou menos do tamanho de um corpo humano. Algo no lado mais próximo parecia um braço estendido.

Gurney levantou a arma, saiu com cautela da moto e foi até o canto da casa. Agora tinha certeza de que estava olhando o corpo

caído de um homem, e no fim do suposto braço estendido podia ver uma forma que lembrava um fuzil.

Ajoelhou-se e deu uma olhada rápida pela lateral da casa – confirmando que seu carro estava bloqueando a linha de visão entre a colina Barrow e o espaço que teria de atravessar para chegar à figura no chão. Sem esperar mais nem um instante, esgueirou-se velozmente, com a Beretta engatilhada, o olhar fixo no fuzil. Faltando cerca de 1 metro para chegar, sua mão livre pousou num trecho de terra molhado e pegajoso.

Pelo odor sutil porém nítido, percebeu que estava engatinhando numa poça de sangue.

– Argh!

A exclamação sussurrada foi um reflexo tão forte quanto o recuo brusco. Tendo começado a carreira no Departamento de Polícia de Nova York no auge do terror da aids, fora doutrinado a considerar o sangue uma toxina mortal, até prova em contrário. Essa sensação ainda o acompanhava. Lamentando a falta de luvas, mas precisando desesperadamente entender a situação, obrigou-se a avançar. A luz que vinha do monte de entulho espalhado e ainda queimando perto do canteiro de aspargos estava quase se apagando.

Alcançou primeiro o fuzil, pegou-o com força e puxou-o da mão que o segurava. Era um fuzil comum, de alavanca, para matar cervos. Mas faltavam quatro meses para a temporada de caça ao cervo. Deslizando o fuzil para trás de si, chegou mais perto do corpo, o suficiente para ver que a fonte do sangue no chão era um ferimento feio na lateral do pescoço – um ferimento tão profundo que a artéria carótida tinha sido rasgada e a morte devia ter ocorrido em segundos.

O objeto do crime ainda estava cravado ali. Parecia duas lâminas de faca unidas numa extremidade para formar uma estranha arma

em forma de U. Então reconheceu o que era. Um dos suportes de caibro que tinham sido entregues junto com a madeira. A explicação óbvia era que a explosão havia impelido aquela ferramenta medonha com força terrível contra o homem do fuzil, cortando sua garganta. Mas isso levava a outras perguntas.

Será que o próprio homem havia provocado a explosão, depois sofrera sua consequência não prevista? Mas parecia improvável que ele tivesse detonado o dispositivo enquanto ainda estava ao alcance dos estilhaços. Será que havia detonado por acidente? Ou não sabia a força da carga explosiva? Ou seria um cúmplice azarado que agira depressa demais? Mas perguntas assim levavam a uma questão mais fundamental: *quem diabo era ele?*

Violando o protocolo de cena de crime, Gurney segurou o ombro musculoso do sujeito e, com algum esforço, rolou-o para enxergar melhor o rosto.

A primeira conclusão foi que sem dúvida alguma o homem não era seu vizinho. A segunda, atrasada pela falta de luz e pelo nariz espetacularmente quebrado, talvez por ter caído de cara no chão, era que já vira aquele rosto. Demorou alguns instantes para que a identidade se registrasse.

Mick Klemper.

Foi então que Gurney notou um segundo odor, não tão sutil quanto o de sangue. Álcool. E isso o levou a uma terceira conclusão, baseada em suposições mas ainda assim plausível.

Klemper, talvez como Panikos, tinha visto – ou ficara sabendo por alguém – o anúncio do programa *Conflito Criminal*, com as promessas de revelações sensacionais, e isso o havia levado a agir. Bêbado e furioso, talvez num esforço desesperado para controlar os danos, ou levado por uma explosão de fúria contra o que certamente devia ter considerado uma promessa violada, tinha ido

atrás do sujeito que o estava traindo, o homem que iria encerrar sua carreira e a vida que ele conhecia.

Bêbado e furioso, tinha ido até ali com uma arma para pegar Gurney, ficara esperando na floresta e depois se esgueirara até a casa quando a escuridão baixou. Bêbado e furioso, não pensara duas vezes em como aquele lugar poderia ser perigoso.

Capítulo 57

Bolsos com flores estufados

Mais uma vez Gurney encontrava-se diante da questão simples e urgente: *e agora?*

Numa situação menos crítica, ele poderia escolher a opção mais sã e segura: uma ligação imediata para a polícia. Um agente do estado fora morto, por mais que seu motivo para estar no local fosse deturpado. Ainda que talvez não tivesse sido intencional, sua morte não era acidental. Ocorrera como resultado direto de um crime – a detonação imprudente do explosivo –, e era assassinato. Não relatar isso, junto com as informações pertinentes, às autoridades adequadas em tempo hábil poderia ser considerado obstrução da justiça.

Por outro lado, muita coisa podia ser justificada pela perseguição imediata de um suspeito.

E talvez houvesse um modo de trazer a polícia ao local sem ficar preso no interrogatório prolongado que certamente ocorreria e, com isso, perder o que poderia ser a última chance real de pegar Panikos e resolver o quebra-cabeça do caso Spalter.

Depois de virar o corpo de Klemper de volta à posição original – esperando que os peritos chamados não fossem espertos a ponto de discernir qualquer prova da interferência –, Gurney se arrastou de volta para trás do canto da casa e chamou Kyle em voz baixa.

Menos de 30 segundos depois o rapaz estava parado junto dele.

– Meu Deus, aquilo é... aquilo é... alguém... ali no chão?

– É. Mas esqueça isso por enquanto. Você não viu. Está com seu telefone?

– Estou, claro. Mas o que...?

– Ligue para a polícia. Conte tudo o que aconteceu aqui até o ponto em que saímos pela janela: o pneu furado, a explosão, minha crença de que o pneu foi furado com um tiro. Diga que sou ex-policial do Departamento de Polícia de Nova York, que mandei você se esconder na floresta, que peguei sua moto e saí perseguindo quem estava lá em cima. E é só isso que você sabe.

O olhar de Kyle ainda estava no corpo de Klemper.

– Mas... e o...?

– Nossas luzes estavam apagadas, está escuro, seu pai mandou você se esconder naquela floresta. Você não viu o corpo. Deixe que os policiais descubram sozinhos. Você pode ficar tão surpreso e perturbado quanto eles.

– Surpreso e perturbado. Deve ser bem fácil.

– Fique na floresta até vir a primeira viatura subindo pelo pasto. Depois saia devagar e deixe que eles o vejam. Deixe que vejam suas mãos.

– Você ainda não contou o que aconteceu... com ele.

– Quanto menos você souber, menos vai precisar esquecer, e mais fácil será parecer surpreso e confuso.

– O que *você* vai fazer?

– Depende da situação no alto do morro. Vou pensar no caminho até lá. Mas, o que quer que aconteça, precisa ser agora.

Ele montou de novo na moto, ligou-a o mais discretamente que pôde, virou-a e deu a volta devagar pelos fundos da casa. Confiando em que a construção fornecia cobertura suficiente, ligou o farol e guiou a moto com um ronco suave, indo na direção de uma antiga trilha de gado que levava ao campo que separava sua propriedade da colina Barrow.

Tinha quase certeza de que o caminho tortuoso que estava

fazendo impediria que qualquer pessoa no topo da colina visse o farol da moto se aproximando. Então poderia subir pela trilha do lado norte, um caminho de retorno sem visibilidade direta a partir do topo.

Tudo isso parecia razoavelmente bom. Mas não o suficiente. Muitos fatores eram desconhecidos. Gurney não conseguia evitar a sensação de estar entrando num jogo em que o oponente não apenas tinha cartas melhores, como também um assento melhor e uma arma maior. Para não mencionar um passado de vitórias.

Sentia-se tentado a pôr a culpa de tudo nos sacanas cínicos, mentirosos, da RAM-TV, cujo “erro” no timing das chamadas para o programa *Conflito Criminal* tinha sido quase com certeza uma decisão deliberada. Mais promoção significava uma audiência maior, e uma audiência maior era seu objetivo número um. De fato, era o único objetivo. Se alguém morresse em resultado dessa decisão, bem... isso criaria o maior estímulo de audiência de todos.

Mas era complicado colocar toda a culpa neles, por mais vis e mercenários que fossem, porque Gurney sabia que parte do problema era culpa sua. Ele fingira, principalmente para si mesmo, que o plano fazia sentido. Agora estava impossível sustentar essa ilusão – enquanto lutava para manter a motocicleta de pé, percorrendo um caminho tortuoso em meio a moitas de espinheiros, arbustos e tocas de marmotas que tornariam a borda externa do campo um desafio mesmo com visibilidade perfeita. Numa noite escura isso era um pesadelo.

Enquanto se aproximava do pé da colina, o terreno ficou mais difícil de percorrer e os movimentos do facho do farol pelo mato preenchiam a área à frente com sombras erráticas. Gurney já havia enfrentado situações desafiadoras no final de uma batalha com um oponente perigoso, mas aquilo era pior. Sem tempo para pensar, para avaliar os prós e contras e os níveis de risco, sentia-se obrigado a agir.

Obrigado não era exagero. Agora que estava a uma distância de onde seria possível alcançar Panikos, era impensável deixar que ele escapasse. Quando estava tão perto assim de sua presa, a adrenalina da caçada ditava suas ações e a avaliação racional do risco ficava impossível.

E havia outra coisa. Algo muito específico.

O eco do passado, suscitando dentro dele uma força muito maior do que a razão.

A memória lancinante de um carro em fuga, Danny esparramado, morto, no asfalto. Uma lembrança que originava uma convicção ferrenha de que nunca mais – *nunca mais, qualquer que fosse o risco* – um matador tão próximo escaparia dele.

Era algo que ia muito além das amenidades da racionalização. Era algo que a perda insuportável gravara a ferro e fogo nos circuitos do cérebro.

Ao chegar à abertura para a trilha norte, ele precisava tomar uma decisão imediata, e nenhuma das opções era encorajadora. Como era provável que Panikos estivesse equipado com uma mira telescópica em infravermelho e um binóculo de luz infravermelha, qualquer esforço de Gurney para alcançar o topo do morro poderia se mostrar fatal muito antes que ele conseguisse alcançar a Beretta e usá-la. O único modo em que podia pensar para neutralizar a vantagem tecnológica do outro seria fazê-lo correr. E a única forma para obrigá-lo a fazer isso seria levá-lo a pensar que estava diante de um número maior de homens e armas – o que não era uma impressão fácil de causar sem ajuda. Por alguns instantes pensou em acelerar ao máximo subindo pela trilha de trás, gritando ordens para colegas imaginários, berrando respostas simulando outras vozes. Mas descartou isso como sendo um ardil muito óbvio.

Então ocorreu-lhe que havia uma solução viável. Apesar de não ter um grupo de apoio verdadeiro, a *aparência* poderia bastar – e

uma aparência bastante concreta logo entraria em cena. Uma ou duas viaturas, quem sabe três, talvez com todas as luzes piscando, deveria subir a trilha do pasto a qualquer minuto, em resposta à ligação de Kyle para a emergência. A chegada seria nitidamente visível da posição provável de Panikos perto do laguinho no topo do morro – e a visão dos carros deveria convencer o sujeito a recuar pela trilha de trás até a Beaver Cross Road.

Mas tudo isso de nada adiantaria, claro, se Panikos estabelecesse uma distância suficiente entre ele e Gurney para sumir na noite – ou, pior, sair da trilha sem ser observado e esperar numa emboscada. Para evitar essa possibilidade, Gurney decidiu manobrar a motocicleta da forma mais silenciosa possível até um local a cerca de três quartos do caminho da subida de trás, esperar a chegada dos carros ao pasto e depois improvisar, dependendo da reação de Panikos.

Não precisou aguardar muito. Cerca de dois minutos depois de ter chegado à posição pretendida na trilha – a uma distância de onde poderia alcançar o topo rapidamente –, viu as luzes coloridas oscilando por entre as árvores do lado oposto do campo. E quase de imediato ouviu o som que esperava – um quadriciclo, a princípio um ruído alto, depois começando a recuar –, indicando que, pelo menos por enquanto, Panikos estava se comportando conforme ele havia previsto.

Gurney acelerou a moto e manobrou o mais rápido que pôde pela distância restante da trilha. Quando chegou à pequena área aberta perto do laguinho, desacelerou por um instante para ouvir o quadriciclo e avaliar sua posição e sua velocidade. Achou que não estaria a mais de 100 metros descendo pela trilha de trás.

Enquanto se virava para o início da trilha e varria a clareira com o farol, seu olhar captou primeiro uma coisa estranha, depois outra. Na pedra de superfície plana que oferecia a melhor linha de visão para a casa de Gurney havia um buquê de flores enroladas em

papel de seda amarelo. Eram de um vermelho amarronzado, cor típica de sangue seco – e também a cor mais comum dos crisântemos da região.

Não pôde deixar de pensar se o buquê – as “flores” da cantiga de ninar – era destinado a ele, talvez como uma mensagem final para ser deixada junto ao seu corpo.

A segunda coisa estranha era um objeto de metal preto, da metade do tamanho de um maço de cigarro, no chão entre Gurney e o buquê. Sua reação ao objeto foi brusca: ele deu uma guinada para a direita e acelerou. A moto girou rapidamente, formando uma chuva de terra e pedrinhas no escuro, e partiu pela beira do laguinho.

Se não tivesse saído tão depressa, a explosão que veio em seguida iria matá-lo. Mas, graças aos reflexos dele, o único estrago que ela causou foi um jato doloroso de terra e pedrinhas contra suas costas.

Em resposta ao atentado contra sua vida, ele gritou em sua melhor voz de líder de equipe:

– Todas as unidades, convergir para a encosta de trás da colina Barrow. Explosão por controle remoto. Sem baixas.

A ideia era aumentar a pressão. Fazer com que Panikos ficasse descuidado, cometesse erros, perdesse o controle. Talvez batesse numa árvore, caísse numa vala. O objetivo era fazê-lo parar de um modo ou de outro.

Deixar que ele escapasse seria imperdoável.

Assim como tinha sido permitir que o BMW vermelho partisse para longe e desaparecesse para sempre.

Não. Isso não iria acontecer. *Não importa como, isso não vai acontecer de novo.*

Não podia deixar que Panikos se afastasse muito. A 200 metros, por exemplo, talvez ele tivesse o espaço e o tempo necessários

para parar subitamente, dar meia-volta, firmar a arma e dar um bom tiro enquanto Gurney ainda estivesse longe demais para ter qualquer chance com a Beretta.

Com a atenção se alternando com rapidez entre as luzes traseiras do quadriciclo e a trilha esburacada, Gurney não estava ganhando nem perdendo terreno. Mas a cada segundo que passava na moto ele podia sentir a memória física de motociclista retornando. Como esquiar depois de um longo tempo parado, descer aquela trilha estava trazendo de volta seu timing e sua coordenação. Quando emergiram na Beaver Cross, com o quadriciclo ainda uns 100 metros à frente, Gurney sentiu confiança para acelerar ao máximo.

O quadriciclo parecia estranhamente veloz – talvez construído ou modificado para corridas –, mas a motocicleta de Kyle era mais rápida. Em 1,5 quilômetro Gurney havia reduzido a distância entre eles para 50, talvez 40 metros – ainda longe demais para um tiro de pistola disparado em movimento. Achou que dentro de mais 1 ou 2 quilômetros estaria perto o suficiente.

Talvez pressentindo a mesma possibilidade no ponto de vista oposto, Panikos saiu da estrada pavimentada para um caminho de terra quase paralelo, que seguia à beira de um milharal. Gurney fez o mesmo, para o caso de o sujeito decidir adentrar no milharal.

Mais esburacada ainda do que o caminho da colina Barrow, a trilha rural impunha seu próprio limite de velocidade a 50 quilômetros por hora, tirando a vantagem da motocicleta em estrada aberta e preservando a dianteira de Panikos – até mesmo aumentando um pouco, já que os amortecedores de seu quadriciclo eram mais adequados à superfície do que os de Gurney.

A trilha e o milharal desciam até o terreno relativamente mais plano, porém ainda bastante irregular, do vale do rio. No fim do caminho, Panikos continuou por um pasto abandonado que, pelo

que Gurney sabia, pertencera à maior fazenda leiteira da região. Agora o lugar parecia uma colcha de retalhos de grandes ondulações cobertas de capim e córregos lamacentos, e dava ao quadriciclo uma vantagem nítida sobre a motocicleta, aumentando a dianteira de Panikos até os 100 metros originais e um pouco mais, impelindo Gurney a acelerar a uma velocidade insana através do caminho em zigue-zague sem qualquer iluminação. Havia uma simplicidade primitiva na perseguição, que anestesiava o medo e suprimia qualquer cálculo razoável de risco.

Além das luzes vermelhas de ré em que ele mantinha o olhar fixo, Gurney começou a captar vislumbres de outras luzes mais à frente no vale. Luzes coloridas, brancas, algumas aparentemente fixas, outras em movimento. A princípio elas tiveram um efeito desorientador sobre ele. Onde será que estava? Fileiras de luzes fortes eram tão incomuns em Walnut Crossing quanto cotovias em Manhattan. Então, ao ver um arco de luzes alaranjadas rodando devagar, ele percebeu.

Era a roda-gigante da Feira de Verão da Montanha.

Panikos ainda estava aumentando a dianteira através de uma depressão úmida de terreno lamacento que separava o antigo pasto do campo seco, com 2,5 quilômetros quadrados, que era o lugar da feira e de seus estacionamentos. Durante alguns segundos de desespero, Gurney pensou que tivesse perdido Panikos de vista em meio ao mar de veículos junto da cerca ao redor da feira. Mas então viu as familiares luzes traseiras movendo-se ao longo de uma pista de estacionamento externa, na direção da entrada dos expositores.

Quando Gurney chegou a essa entrada, o quadriciclo já a havia atravessado. Três mulheres jovens usando braçadeiras com a inscrição SEGURANÇA DA FEIRA, evidentemente encarregadas de controlar aquele ponto de entrada, pareciam perplexas. Uma falava num walkie-talkie, outra num celular. Gurney parou perto da terceira.

Montado na moto, mostrou suas credenciais de aposentado do Departamento de Polícia de Nova York para ela e falou:

– Um quadriciclo passou agora mesmo por esse portão?

– Passou! Um garoto num quatro por quatro camuflado. Você está atrás dele?

Gurney hesitou por meio segundo ao ouvir a palavra “garoto”, antes de perceber que, visto de relance, Panikos daria exatamente essa impressão.

– É, estou. Que roupa ele estava usando?

– Usando? Meu Deus... eu... talvez uma espécie de jaqueta preta e brilhante? Tipo um daqueles agasalhos de náilon? Não tenho certeza.

– Certo. Você viu para onde ele foi?

– Vi, sim, aquele sacaninha! Foi bem por ali – disse ela, apontando para uma travessa improvisada entre uma das barracas principais e uma longa fileira de trailers.

Gurney atravessou o portão, entrou na passagem estreita e foi até a outra extremidade, onde ela se ligava a um dos principais corredores da feira. A expressão despreocupada da multidão não sugeria que alguém tivesse acabado de ver um quadriciclo a toda a velocidade, o que significava que Panikos provavelmente havia saído por um dos muitos espaços entre os trailers e agora podia estar em qualquer ponto da feira.

Gurney girou a motocicleta e acelerou de volta pelo beco até a área do portão, onde viu que um policial de rosto azedo havia se juntado às três jovens em sua consternação – sem dúvida era um dos policiais da cidade fazendo um extra como segurança.

Grisalho e pançudo, esticando um uniforme que podia ter servido nele dez anos antes, o sujeito olhou para a motocicleta com um misto óbvio de inveja e desprezo.

– Qual é o problema aqui?

Gurney mostrou sua identificação.

– O cara que passou pelo seu portão há alguns minutos está armado e é perigoso. Tenho motivos para acreditar que ele atirou num pneu do meu carro.

O policial estava olhando a identidade como se fosse um passaporte da Coreia do Norte.

– Você está armado?

– Estou.

– Esta identificação diz que você é aposentado. Está com documento de porte de arma?

Gurney virou rapidamente a parte da carteira que mostrava o porte.

– Temos um problema de tempo aqui, policial. O cara do quadriciclo é um sério...

O agente o interrompeu:

– Tire isto da carteira e me entregue.

Gurney obedeceu, levantando a voz:

– Escute! O cara do quadriciclo é um fugitivo suspeito de assassinato. Perdê-lo agora não seria nada bom.

O policial examinou o documento.

– Devagar... *detetive*. Você está muito longe da Maçã Podre. – Ele franziu o nariz com aversão. – Esse seu fugitivo tem nome?

Aquela não era uma porta que Gurney queria abrir, mas agora não via alternativa.

– O nome dele é Petros Panikos. É um assassino profissional.

– É o *quê*?

As três jovens responsáveis por tomar conta do portão estavam enfileiradas atrás do policial, com os olhos arregalados.

Gurney se esforçava para manter a paciência.

– Petros Panikos matou sete pessoas em Cooperstown esta semana. Pode ter causado a morte de um policial há meia hora. Está na sua feira agora mesmo. Consegue entender isso?

O policial pôs a mão no cabo de sua arma no coldre.

– Quem diabo é você?

– Meu documento diz exatamente quem eu sou: David Gurney, detetive de primeira classe, aposentado do Departamento de Polícia de Nova York. E eu disse que estou perseguindo um suspeito de assassinato. Agora vou dizer outra coisa: você está criando uma obstrução desnecessária à captura do criminoso. Se sua obstrução resultar na fuga dele, sua carreira acabou. Ouviu o que eu disse, policial?

A hostilidade nos olhos do policial estava se transformando em algo mais perigoso. Seus lábios se repuxaram, revelando as pontas de dentes amarelos e encavalados. Ele deu um passo lento para trás. Com a mão pressionando a arma, o movimento era muito mais ameaçador do que um passo à frente.

– Acabou. Desça da moto.

Gurney olhou para além dele e falou com as três mulheres boquiabertas, em voz alta e veemente:

– Chamem o chefe da segurança! Tragam-no a este portão. AGORA!

O policial se virou, levantando a mão num gesto de *parem*.

– Não precisam chamar ninguém. Ninguém. Não precisam chamar. Eu cuido disso sozinho.

Gurney percebeu que essa poderia ser sua única chance. *Dane-*

se o risco. Perder Panikos não era uma opção aceitável. Girou rapidamente o acelerador, virou o guidão para a direita, fez uma manobra de 180 graus e, com o pneu traseiro deixando uma nuvem de fumaça atrás de si, partiu pela travessa atrás dos trailers. Na metade da distância até o corredor principal, fez uma virada brusca, entrou entre dois dos veículos enormes e se pegou tentando passar por um labirinto de trailers de todos os tamanhos e formas. Logo saiu num dos corredores mais estreitos da feira, ao longo do qual havia barracas de expositores que vendiam de tudo, desde chapéus peruanos coloridíssimos até esculturas de ursos feitas com motosserras. Abandonou a motocicleta num espaço meio escondido entre duas barracas, uma que vendia suéteres de Walnut Crossing e outra chapéus de caubói de palha.

Num impulso, comprou um de cada, depois parou num banheiro mais à frente, no mesmo corredor, para cobrir a camisa escura de mangas curtas que estava usando com o suéter cinza-claro. Passou a Beretta do coldre do tornozelo para o bolso do suéter e verificou sua aparência no espelho. A mudança, junto com a aba do chapéu de caubói cobrindo os olhos, convenceu-o de que estaria menos reconhecível, pelo menos a distância, tanto por Panikos quanto pelo policial encrenqueiro.

Ocorreu-lhe então que Panikos poderia estar fazendo algo semelhante para se camuflar no ambiente ao redor, e isso levantou uma pergunta óbvia: quando começasse a procurar o sujeitinho na multidão, que características deveria buscar?

A altura, estimada entre 1,47 metro e 1,57, o colocava no nível da maioria dos alunos dos últimos anos do ensino fundamental. Infelizmente, os alunos do ensino fundamental representavam centenas dos cerca de dez mil visitantes da feira. Será que havia outros critérios que poderiam estreitar esse perfil? Os vídeos de segurança tinham sido úteis em estabelecer alguns fatos, mas para definir a aparência de Panikos não haviam servido para quase nada,

já que boa parte do cabelo e do rosto do criminoso estava coberta com óculos escuros, faixa de cabelo, echarpe. O nariz e a boca eram visíveis, mas pouco, não o suficiente para facilitar o rápido exame de rostos numa multidão em movimento.

A garota estressada no portão tinha dito que achava que ele estava usando uma jaqueta preta, mas Gurney não deu muita importância a isso. Ela não parecera ter certeza e, mesmo que tivesse, com frequência os relatos de testemunhas sob pressão eram mais errados do que certos. E, independentemente do que estivesse usando ao passar pelo portão, Panikos poderia ter alterado a aparência com tanta rapidez e facilidade quanto Gurney. Assim, pelo menos por ora, ele estava procurando uma pessoa baixa e magra com nariz afilado e boca infantil.

Como para enfatizar a ineficácia dessa descrição, um grupo animado de uns dez garotos – de 10 a 12 anos, talvez – atravessou o corredor logo à frente dele. Talvez metade estivesse fora dos parâmetros de tamanho por causa da altura ou da silhueta, mas Panikos poderia facilmente se misturar à outra metade.

E se ele *tivesse* se misturado de fato? E se Panikos estivesse no meio deles, bem ali, à sua frente? Como Gurney poderia identificá-lo?

Era um desafio desencorajador – em particular porque todo o grupo tinha pintado o rosto em alguma barraca da feira, escondendo as feições sob imagens do que Gurney supôs serem super-heróis de quadrinhos. E quantos grupos semelhantes haveria, todos circulando pela feira naquele momento, tendo Panikos como um acompanhante potencial?

Foi então que Gurney notou o que os membros daquele grupo específico estavam fazendo. Aproximavam-se de outras pessoas, sobretudo adultos, com buquês de flores. Ele acelerou o passo e

acompanhou-os até o corredor maior, para ver com mais atenção o que estava acontecendo.

O grupo vendia as flores – ou melhor, dava um buquê de brinde a quem fizesse uma doação de, no mínimo, 10 dólares para o Fundo de Combate às Enchentes de Walnut Crossing. Mas o que atraiu sua atenção – cem por cento da sua atenção – foi a aparência dos buquês.

As flores eram crisântemos vermelho-ferrugem, e as hastes estavam embrulhadas em papel-seda amarelo – aparentemente idênticas às deixadas por Panikos na pedra perto do laguinho na montanha.

O que isso significava? Pensando nas implicações, Gurney logo chegou à conclusão de que era provável que as flores perto do lago tivessem vindo da feira, o que queria dizer que Panikos estivera ali antes de ir à colina Barrow, o que levantava uma pergunta interessante:

Por quê?

Sem dúvida ele não fora à feira para comprar um buquê e levá-lo à propriedade de Gurney – já que não teria como saber que as flores estariam disponíveis lá e uma floricultura local seria uma escolha muito mais óbvia. Não, ele fora à feira por outro motivo, e os crisântemos eram secundários.

Então qual tinha sido o motivo primário? Decerto não fora pela diversão rústica, pelo algodão-doce e o bingo. Então, por que diabo...?

O toque de seu telefone interrompeu os pensamentos.

Era Hardwick, tremendamente agitado.

– Puta que pariu, cara! Você está bem?

– Acho que sim. O que houve?

– É isso que eu quero saber! Onde você está, porra?

– Na feira. Panikos também.

– Então que diabo está acontecendo na sua casa?

– Como você sabe...?

– Estou na estrada principal, chegando perto da saída para a sua propriedade, e tem uma porra de um comboio indo para lá: duas viaturas, o carro do xerife e um utilitário do Departamento de Investigações Criminais. Que diabo está acontecendo?

– Klemper está lá, perto da minha casa. Morto. É uma longa história. Parece que os primeiros policiais a chegar encontraram o corpo e pediram ajuda. O comboio que você está vendo deve ser a segunda leva.

– Morto? Mick Cacete? Morto como?

Gurney colocou-o a par o mais rápido que pôde, desde o pneu furado até a explosão das tábuas de madeira, o corte fatal no pescoço de Klemper e as flores na colina Barrow, até chegar às flores na feira.

Relembrar tudo isso enfatizou a urgência de ligar para Kyle o quanto antes.

Hardwick ouviu totalmente em silêncio a narrativa dos acontecimentos.

– Você precisa vir aqui para a feira – disse Gurney. – Você assistiu aos mesmos vídeos que eu, então sua chance de reconhecer Panikos é igual à minha.

– Ou seja, quase zero.

– Eu sei. Mas precisamos tentar. Ele está aqui, em algum lugar. Ele veio aqui por algum motivo.

– Que motivo?

– Não faço ideia. Mas ele esteve aqui antes, hoje, e agora voltou. Não é coincidência.

– Olha, sei que você acha que o Panikos é a chave de tudo, mas não esqueça que alguém o contratou, e estou achando que foi o Jonah.

– Você descobriu alguma novidade?

– Só o que meu conhecido me contou. Mas tem alguma coisa estranha com aquele sacana escorregadio.

– Alguma coisa além do motivo de 50 milhões de dólares?

– É, acho que sim. Acho que ele é sorridente demais, maneiro demais.

– Talvez seja só a adorável genética da linhagem dos Spalter.

Hardwick deu uma gargalhada catarrenta.

– Eu não gostaria de fazer parte dessa linhagem.

Gurney estava ficando ansioso para falar com Kyle, ansioso para começar a procurar Panikos.

– Certo, Jack. Venha depressa. Me ligue quando chegar.

Enquanto desligava, Gurney ouviu a primeira explosão.

Capítulo 58

Cinzas, cinzas

Ele havia reconhecido o som como o ruído abafado de um pequeno dispositivo incendiário.

Assim que chegou ao local, dois corredores adiante, sua impressão foi confirmada. Uma barraca pequena estava envolta em chamas e fumaça, mas dois homens com identificação de seguranças da feira corriam para lá com extintores de incêndio, gritando para os espectadores ansiosos se afastarem do caminho. Duas mulheres da segurança chegaram e começaram a ir para trás da barraca, gritando: “Tem alguém aí dentro? Tem alguém aí dentro?” Um veículo de emergência com as luzes piscando e a sirene tocando estava indo pelo meio do corredor.

Ao ver que não havia qualquer colaboração imediata que pudesse dar, Gurney se concentrou nas pessoas mais próximas do fogo. Os incendiários têm a conhecida tendência de ficar observando sua obra, porém qualquer esperança de identificar alguém parecido até mesmo com a descrição mais genérica de Peter Pan logo se evaporou. Mas então notou outra coisa. A placa chamuscada acima da barraca dizia COMBATE A ENCHENTES DE WALNUT CROSSING. E no meio dos entulhos espalhados pela explosão no corredor havia buquês de crisântemos vermelho-ferrugem levemente queimados.

Parecia que Panikos tinha um relacionamento de amor e ódio com os crisântemos, ou talvez com todas as flores, ou com qualquer coisa que o fizesse se lembrar de Florencia. Mas apenas isso não podia explicar sua presença na feira. Havia outra possibilidade, claro. Uma mais apavorante. Os grandes acontecimentos públicos atraíam declarações inesquecíveis.

Seria possível que o objetivo da visita de Panikos à feira naquele

dia fosse preparar o terreno para algo assim? Mais especificamente, será que ele poderia ter minado o local com explosivos? Será que a destruição da barraca de flores seria apenas a primeira frase de sua mensagem?

Gurney precisava compartilhar essa hipótese com a segurança da feira? Com o Departamento de Polícia de Walnut Crossing? Com o Departamento de Investigações Criminais? Ou a tentativa de explicar sua teoria demoraria mais do que valeria a pena? Afinal de contas, se fosse verdade, se estivessem de fato enfrentando o que ele estava supondo, quando Gurney conseguisse contar o que sabia a fim de convencer as pessoas a acreditarem nele, já seria tarde demais para impedir qualquer coisa.

Por mais que a conclusão parecesse insana, Gurney decidiu que o único caminho viável era prosseguir sozinho. Era um caminho que dependia da identificação de Peter Pan – uma tarefa que ele percebia ser quase impossível. Mas não havia outras opções.

Então começou a fazer a única coisa possível. Passou a andar pela multidão usando a altura de Panikos como o primeiro filtro, o peso como o segundo e a estrutura facial como o terceiro.

Enquanto passava pelo corredor seguinte, verificando não somente os indivíduos na multidão que fluía, mas também os compradores em cada estande e barraca, um pensamento irônico lhe veio à mente: o lado bom do pior cenário – a possibilidade de Peter Pan ter ido à feira para explodi-la em pedaços – era que o homenzinho ficaria ali por algum tempo. E enquanto ele estivesse ali, seria possível capturá-lo. Antes que Gurney pudesse se debater com a complicada questão moral de quanta destruição ele estaria disposto a trocar pela possibilidade de pôr as mãos em Peter Pan, Hardwick telefonou, avisando que havia chegado ao portão principal. Queria saber onde deveriam se encontrar.

– Não precisamos nos encontrar – disse Gurney. – Podemos ser

mais rápidos separados.

– Ótimo. Então o que eu faço? Só começo a procurar o anão?

– Do melhor modo que puder, baseado na lembrança das imagens capturadas nos vídeos de segurança. Talvez você deva prestar atenção especial aos grupos de garotos.

– Por quê?

– Ele vai querer passar despercebido. Um adulto com 1,50 metro atrai atenção, mas um garoto desse tamanho não, de modo que há uma boa chance de ele ter se disfarçado de garoto. A pele do rosto pode revelar a idade, por isso acho que ele vai arranjar um modo de dificultar isso. Muitos garotos estão com o rosto pintado, e essa seria uma solução óbvia.

– Entendi, mas por que ele estaria num grupo?

– De novo, para passar despercebido. Um garoto sozinho atrai mais atenção do que em grupo.

Hardwick deu um suspiro cético.

– Parece conjetura de mais para mim.

– Não tenho como discordar. Mais uma coisa: parta do pressuposto que ele está armado, e pelo amor de Deus não o subestime. Lembre-se, ele está vivo e bem de saúde, e um monte de gente que atravessou o caminho dele está morta.

– O que eu faço se achar que o identifiquei?

– Mantenha-o na mira e me ligue. Eu vou fazer o mesmo. Esse é o ponto em que vamos precisar do apoio um do outro. Aliás, ele explodiu uma barraca de flores logo depois do seu último telefonema.

– *Explodiu?*

– Pareceu uma bomba incendiária de baixo impacto. Provavelmente igual às de Cooperstown.

– Por que uma barraca de flores?

– Não sou psicanalista, Jack, mas as flores, sobretudo crisântemos, parecem ter um significado especial para ele.

– Sem dúvida tem alguma coisa a ver com a mãe, certo?

– É, mas...

Uma série de explosões rápidas interrompeu a resposta – despertando o instinto de Gurney e impelindo-o a se agachar. Ele sentiu que os estrondos tinham vindo de algum lugar acima.

Examinando rapidamente a área ao redor, levou o telefone de volta ao ouvido e escutou Hardwick gritar:

– Meu Deus! O que ele explodiu agora?

A resposta veio numa segunda série de explosões semelhantes, com linhas geométricas de luz e jorros de fagulhas coloridas riscando o céu noturno. A tensão de Gurney foi liberada numa risada aguda, de apenas uma sílaba.

– Fogos de artifício! São só os fogos de artifício da feira.

– Fogos de artifício? Por que, porra? O Quatro de Julho foi há um mês.

– Vai saber... É uma tradição da feira. Eles fazem isso todo ano.

Uma terceira série explodiu – mais alto e mais espalhafatosamente.

– Babacas – murmurou Hardwick.

– Isso. Enfim. De qualquer modo, nós temos trabalho a fazer.

Hardwick ficou em silêncio por alguns segundos, depois mudou de assunto de forma abrupta:

– E o que você acha do Jonah? Você não reagiu quando eu levantei esse tema. Acha que estou certo?

– Sobre ele ter sido o contratante do assassinato do Carl?

– Ele tinha todas as vantagens. Todas. E você precisa admitir que ele é um sujeito escorregadio.

– O que Esti acha disso? Ela concorda com você?

– Não, nem um pouco. Ela pôs toda a mira na Alyssa. Está convencida de que tudo foi uma vingança por ter sido estuprada pelo Carl, mesmo não havendo prova disso. Tudo não passou de boato, pelo Klemper. O que me lembra que preciso falar com ela sobre o falecimento do Mick Cacete. Garanto que ela vai começar a pular de alegria.

Gurney demorou alguns segundos para tirar essa imagem da mente.

– Certo, Jack, precisamos cuidar do assunto mais imediato. Panikos está aqui. Com a gente. Ao alcance. Vamos encontrá-lo.

Enquanto desligava, uma última sequência ensurdecedora de fogos de artifício iluminou o céu. Isso o fez pensar, pela vigésima vez nos últimos dois dias, no caso do carro que explodiu. O que o fez pensar de novo nos acontecimentos do tiroteio no beco descrito por Esti. O que o fez pensar, de novo, no elemento revelador que eles poderiam ter em comum com o caso Spalter. Mas, por mais importante que a questão parecesse, não poderia deixar que ela desviasse sua atenção agora.

Voltou a caminhar pela feira, fixando-se no rosto de cada pessoa baixa e magra que encontrava. Era melhor examinar de mais do que de menos. Se alguém do tamanho certo estivesse olhando para outro lado, ou se as feições estivessem escondidas por óculos, barba, pela aba de um chapéu, ele seguia o indivíduo discretamente até conseguir vê-lo melhor.

Com uma esperança crescente, acompanhou uma criatura minúscula, sem idade nem gênero óbvios, usando uma calça jeans preta e larga e um suéter frouxo, até que um homem magro, queimado de sol e usando um boné de propaganda da John Deere,

cumprimentou-a calorosamente numa barraca patrocinada pela Igreja Evangélica do Cristo Renascido, chamou-a de Eleanor e perguntou sobre a situação de suas vacas.

Mais duas “possibilidades” que ele avistou nos dois corredores seguintes e que terminaram de forma semelhante estavam acabando com suas esperanças, enquanto a letra anasalada de uma música country vinda do telão gigantesco de quatro lados no cruzamento central da feira saturava a atmosfera com um sentimentalismo desorientador. Havia uma combinação de odores igualmente desorientadora, dominada por pipoca, batata frita e esterco.

Enquanto virava a esquina onde uma unidade de refrigeração do tamanho de uma sala, com uma vitrine de vidro, mostrava uma enorme escultura bovina feita de manteiga, ele encontrou o mesmo bando de cerca de dez garotos com rosto pintado que tinha visto antes. Acelerou o passo para se aproximar deles.

Aparentemente eles tinham sido bem-sucedidos em trocar suas flores por doações. Apenas dois integrantes do grupo ainda carregavam buquês, e não pareciam ter pressa de se desfazer deles. Enquanto os observava, avistou o policial que o interceptara no portão dos expositores vindo pelo corredor, na direção oposta, com o que pareciam dois colegas não uniformizados.

Gurney se enfiou por uma porta e se viu no salão de exposição do Clube 4-H, cercado por mostruários de legumes grandes e viçosos.

Assim que a equipe de busca passou, ele voltou para fora. Estava se aproximando de novo do grupo de garotos quando levou um susto devido a outra explosão, não muito longe. Foi um barulho poderoso – estilo bomba incendiária –, talvez com o dobro da força da que havia destruído a barraca de flores. Mas o ruído passou praticamente despercebido pela massa de pessoas que

caminhavam pela feira, talvez porque os fogos de artifício tivessem sido mais barulhentos.

Mas atraiu a atenção dos garotos de rosto pintado. Eles pararam e se entreolharam boquiabertos – como se a explosão tivesse acordado seu apetite para o desastre –, em seguida se viraram e dispararam de volta pelo corredor, na direção da origem do som.

Gurney os alcançou dois corredores depois. Eles haviam se juntado a uma multidão maior, procurando a origem da explosão. Subia uma fumaça da arena onde todas as noites aconteciam as corridas de demolição. Algumas pessoas estavam correndo para lá, enquanto outras recuavam para longe, com crianças no colo. Havia ainda as que perguntavam às outras, com os olhos arregalados de ansiedade, o que estava acontecendo. Algumas pegavam celulares e faziam ligações. Uma sirene começou a uivar ao fundo.

E então, quase impossível de ser discernido acima da balbúrdia geral, houve outro barulho.

Apenas alguns membros do grupinho em que Gurney estava concentrado demonstraram uma reação imediata, e pareceram estar repassando a notícia aos demais. Isso pareceu dividir o grupo: alguns tinham ouvido a última explosão e queriam ver o que havia acontecido e outros achavam a agitação diante deles mais interessante. De qualquer modo, três garotos se separaram do restante e foram na direção da última cena de destruição.

Ele mesmo curioso com o padrão do ataque provocado por Panikos, Gurney decidiu seguir o grupo que se separou. Enquanto passava pelos que permaneceram junto com a multidão de espectadores inquietos, tentou dar uma boa olhada em cada rosto pequeno, para avaliar a compatibilidade com as imagens mentais dos vídeos.

Não vendo qualquer semelhança convincente o bastante para

exigir um exame mais próximo, continuou atrás dos três que se afastavam.

Seu progresso era dificultado pelas pessoas que começavam a sair da arena. Pelo que ouvira dizer, concluiu que o público nas arquibancadas não chegara nem perto de entender o significado do que tinha acabado de testemunhar – a explosão enorme, feroz, de um dos carros na corrida final, a imolação horrível do piloto e os ferimentos múltiplos em outros motoristas. Pareciam atribuir tudo isso a algum defeito num tanque de gasolina ou ao uso de um combustível proibido. A sugestão mais sombria era que poderia ter havido alguma sabotagem decorrente de uma rixa familiar.

Assim, duas bombas incendiárias haviam explodido num período de vinte minutos e ainda não existia pânico. Isso era bom. A notícia ruim era que o único motivo para não haver pânico era que ninguém entendia o que estava acontecendo. Gurney se perguntou se aquele terceiro barulho que ouvira mudaria as coisas.

Cerca de 200 metros à frente, um carro de bombeiros tentava abrir caminho pela multidão buzinando sem parar. Acima, a fumaça era soprada ao vento – vinda da área para onde o carro de bombeiros se dirigia. Era uma noite nublada, sem lua, e a fumaça estava estranhamente iluminada pelas luzes do corredor, embaixo.

Pessoas começavam a demonstrar sinais de inquietação. Muitas seguiam na mesma direção do carro de bombeiros – algumas andando rápido ao lado do veículo, outras correndo na frente dele. Suas expressões percorriam toda a gama de emoções entre a apreensão e a empolgação. As três figuras pequenas que ele estava seguindo foram engolidas pela massa de corpos em movimento.

Virando a esquina para o corredor transversal cerca de 100 metros atrás do carro de bombeiros, Gurney viu chamas contra o céu escuro. Vinham do teto de uma estrutura térrea e comprida de madeira que ele reconheceu como o principal abrigo dos animais

que participavam das várias demonstrações e competições. À medida que se aproximava, viu alguns cavalos e vacas sendo levados para fora da construção por seus jovens tratadores.

Então outros animais, sozinhos e ariscos, começaram a sair por diferentes portas – alguns hesitando e batendo os cascos no chão, outros disparando pelo meio da turba, provocando gritos de alarme.

Um sujeito obeso, com um infeliz senso de dramaticidade, gritou:

– Estouro da boiada!

Um sentimento de pânico, cuja ausência Gurney havia notado alguns minutos antes, agora parecia infectar grupos na multidão. Pessoas se acotovelavam para chegar ao que provavelmente imaginavam ser locais mais seguros. O barulho aumentava. O vento também. As chamas no teto do celeiro estavam sendo lançadas de lado. Painéis de lona soltos nas barracas de exposição ao longo do corredor balançavam com violência.

Parecia que uma súbita tempestade de verão podia estar chegando. Um clarão de luz nas nuvens e um ribombar nas montanhas confirmou a impressão. Instantes depois, o raio espocou mais forte e o trovão soou mais alto.

Capítulo 59

E tudo desmorona

Agora mais seguranças corriam para o local. Alguns tentavam afastar as pessoas do celeiro e do carro de bombeiros, para fora do caminho da equipe que espalhava as mangueiras. Outros lutavam para recuperar o controle dos cavalos, vacas, porcos, ovelhas e um par de bois gigantes, todos em fuga.

Gurney observou que a notícia das duas explosões incendiárias anteriores estava se espalhando, produzindo um nível crescente de medo e confusão. Pelo menos um terço das pessoas estava agora grudado aos telefones – falando, mandando torpedos e fotografando o fogo e o tumulto ao redor.

Examinando a massa de rostos em busca do trio que havia sumido de vista, ou de mais alguém que pudesse lembrar Panikos, Gurney ficou pasmo ao vislumbrar Madeleine saindo do celeiro. Virando-se para ter uma visão mais clara, percebeu que ela puxava duas alpacas pelos cabrestos, um em cada mão. E Dennis Winkler vinha logo atrás, puxando outras duas do mesmo modo.

Assim que estavam fora da área imediata ocupada pela equipe de bombeiros, pararam para conversar alguma coisa – Winkler falando mais, Madeleine assentindo séria. Depois continuaram, Winkler agora à frente, seguindo por uma espécie de passagem aberta em meio à multidão pelos seguranças, para a evacuação dos animais.

Isso os levou para perto de Gurney.

Winkler o viu primeiro.

– Ei, David, quer ser útil?

– Desculpe. Não posso ajudar agora.

Winkler pareceu ofendido.

– Tenho uma tremenda emergência aqui.

– Todos temos.

Winkler o encarou, depois foi em frente com um comentário em voz baixa que se perdeu sob o som de um trovão.

Madeleine parou e olhou com curiosidade para Gurney.

– O que você está fazendo aqui?

– O que *você* está fazendo aqui?

Ao mesmo tempo que ele falava, a aspereza em sua voz o alertou que deveria ir com calma.

– Ajudando Dennis e Deirdre. Como eu disse que faria.

– Você precisa sair daqui. Agora.

– *O quê?* Qual é o seu problema?

O vento estava soprando o cabelo dela para a frente, em volta do rosto. Com as duas mãos nos cabrestos, ela balançava a cabeça para manter os fios longe dos olhos.

– Aqui não é seguro.

Ela piscou, sem entender.

– Por causa do incêndio no celeiro?

– Do incêndio no celeiro, do incêndio na arena, do incêndio na barraca de flores...

– Do que você está falando?

– O homem que eu estou perseguindo... o homem que queimou as casas em Cooperstown...

Houve um clarão de relâmpago e o trovão mais alto até o momento. Ela se encolheu e levantou a voz:

– O que você está dizendo?

– Ele está aqui. Petros Panikos. Hoje, agora. Acho que pode ter colocado explosivos na feira toda.

Os cabelos dela ainda estavam sendo soprados contra o rosto, mas agora ela não fazia nenhum esforço para contê-los.

– Como você sabe que ele está aqui?

– Eu o segui.

– Desde onde?

Outro relâmpago, outro trovão.

– Da colina Barrow. Eu o persegui até aqui na motocicleta do Kyle.

– O que aconteceu? Por que...

– Ele matou Mick Klemper.

– Madeleine! – A voz impaciente de Dennis Winkler os alcançou, vindo de onde ele estava esperando, a uns 10 metros dali. – Madeleine! Venha logo! Precisamos ir.

– *Klemper?* Onde?

– Perto da nossa casa. Não tenho tempo para explicar. *Panikos está aqui.* Está explodindo coisas, incendiando coisas... Preciso que você saia logo daqui.

– E os animais?

– Maddie, pelo amor de Deus...

– Eles morrem de medo de fogo.

Ela olhou para trás, perturbada, para seu par de alpacas estranhamente pensativas.

– Maddie...

– Está bem, está bem... só me deixe levar essas duas para algum lugar seguro. Depois vou embora. – Era óbvio que ela estava achando a decisão difícil. – E você? O que vai fazer?

– Estou tentando achá-lo e fazê-lo parar.

Um medo absoluto finalmente encheu os olhos de Madeleine, e ela começou a objetar, mas ele a interrompeu:

– Eu *preciso* fazer isso! E *você* precisa dar o fora daqui, *por favor*, agora.

Por um momento ela pareceu imobilizada pelos próprios pensamentos apavorantes, depois largou os cabrestos e foi na direção dele. Abraçou-o com uma espécie de desespero, virou-se sem dizer mais nada e levou os animais pelo corredor até onde Winkler estava esperando. Os dois trocaram algumas palavras, depois foram andando rápido, lado a lado, pela passagem que tinha sido aberta em meio à multidão.

Olhando-os pelos poucos segundos que levaram até sumir, Gurney sentiu a pontada de uma emoção que não conseguiu nomear. Eles pareciam tão domésticos, tão compatíveis, como pais cuidadosos de crianças pequenas, correndo para encontrar abrigo da tempestade.

Fechou os olhos, torcendo por um modo de sair daquela confusão.

Quando os abriu, um instante depois, os três garotos estranhos com rostos pintados tinham reaparecido, aparentemente vindos de lugar nenhum. Estavam passando por ele, na mesma direção em que Madeleine e Winkler seguiram. Gurney teve a impressão – poderia ser sua imaginação – de que um dos rostos pintados estava sorrindo.

Deixou que se afastassem uns 15 metros antes de ir atrás. O corredor adiante era uma confusão de correntes em conflito. A curiosidade atraía bandos de pessoas insensatas para o celeiro em chamas, enquanto os seguranças faziam o máximo para mandá-las de volta e manter um canal aberto para os animais e seus

tratadores, que se moviam na direção oposta, até uma série de currais do outro lado da feira.

Para além do raio da visibilidade do incêndio e de seu poder primitivo de atração, a ameaça de um temporal convencia bandos de pessoas a trocar os corredores de pedestres pelas barracas de exposição ou por seus carros. A menor quantidade de pessoas tornava mais fácil para Gurney manter o trio à vista.

Após um trovão enorme que reverberou pelo vale, ele percebeu que seu telefone estava tocando.

Era Hardwick.

– Já viu o desgraçado?

– Talvez uma ou duas possibilidades, nada concreto. Que área você conseguiu cobrir até agora?

Não houve resposta.

– Jack.

– Espere um instante.

À medida que os segundos passavam, Gurney se pegou dividindo a atenção entre o trio que seguia e os telões gigantescos que dominavam o centro da feira e forneciam uma sequência incessante de música country para o pesadelo em curso. Enquanto esperava o retorno de Hardwick ao telefone, não conseguia se desligar do coro edipiano sinistro de uma canção chamada “Dia das Mães”, sobre um cara que trabalhava duro, bebia muito, dirigia uma picape e nunca tinha encontrado uma mulher tão amorosa quanto sua mamãezinha.

– Voltei.

– O que está acontecendo?

– Estou seguindo um bando de vagabundos, não queria perdê-

los. Vestindo alta-costura da ralé. Uns dois têm aquela merda de pintura na cara.

– Alguma coisa especial neles?

– Parece ser um grupo fechado, e há uma espécie de acompanhante.

– Acompanhante?

– É. Como se estivesse com o bando, mas não fizesse parte de verdade.

– Interessante.

– Certo, mas não se empolgue. Em todo grupo sempre há algum garoto que fica meio de *fora*. Não necessariamente isso quer dizer alguma coisa.

– Você viu o que está pintado na cara dele?

– Preciso esperar até que ele se vire.

– Onde você está?

– Passando na frente de uma barraca que vende esquilos empalhados.

– Meu Deus. Alguma referência maior?

– Tem uma construção mais à frente com a foto de uma abóbora enorme na porta, perto de um fliperama. Na verdade o grupinho de vagabundos acabou de entrar no fliperama.

– E o acompanhante?

– É, ele também. Estão todos lá dentro. Quer que eu entre?

– Acho que não. Ainda não. Veja se só tem uma entrada, para não perdê-los.

– Espera aí, eles acabaram de sair. Estão andando de novo.

– Todos? O acompanhante também?

– É. Me deixa contar... oito, nove... É, todos.

– Para que direção estão indo?

– Passaram pela construção da abóbora na direção do fim do corredor.

– Isso quer dizer que vamos convergir. Eu estou no corredor do outro lado, indo na mesma direção, seguindo uma procissão de animais e outra trupe de caras pintadas.

– Animais?

– Os animais que estavam no celeiro estão sendo levados para os currais atrás da roda-gigante. O celeiro está pegando fogo.

– Puta que pariu! Ouvi alguém falando de um celeiro incendiado. Achei que só estavam confusos com o incêndio na arena. Certo, vou desligar. Preciso prestar atenção aqui... mas espera! Você tem alguma novidade sobre o que está acontecendo na sua casa?

– Preciso ligar para o meu filho e descobrir.

– Me avise quando souber.

Enquanto ele desligava, Madeleine e Winkler entravam numa espécie de corredor circular que envolvia o parque de diversões e os currais. Um minuto depois os três garotos que Gurney seguia foram na mesma direção, e quando ele chegou ao cruzamento eles estavam se encontrando com o grupo de nove que Hardwick descrevera.

Andando no meio dos animais e dos grupos de pessoas que continuavam ignorando o desastre que se desdobrava e não se abalavam com a ameaça de tempestade, os doze meninos desafiavam os esforços de Gurney para identificar algum que não fizesse parte da turma, qualquer miniadulto monstruoso disfarçado de criança. Enquanto observava, eles foram até o gradil que separava o corredor curvo do parque de diversões.

Madeleine, Dennis e as alpacas estavam passando junto aos brinquedos, tomando a direção dos currais. Gurney se posicionou de forma que pudesse ver o mais longe possível na direção dos currais ao mesmo tempo que mantinha uma visão clara do grupo que se reunia perto do gradil. Viu Hardwick onde o segundo corredor reto se ligava ao circular. Em vez de se juntar a Hardwick e falar com ele diretamente, Gurney pegou o celular e ligou para ele.

Quando atendeu, Hardwick estava olhando para Gurney.

– Que chapéu de caipira é esse?

– Camuflagem improvisada. Longa história para outra ocasião. Mas me diga: você viu mais alguém interessante ou nossos candidatos principais estão aqui na nossa frente?

– São eles. E você pode descartar mais ou menos metade, baseado no fator pança.

– Fator o quê?

– Alguns desses garotos são gordos demais. Pelo que vi nos vídeos, nosso pequeno Peter tem aparência magra e faminta.

– Então isso nos deixa com talvez seis deles?

– Eu diria que dois ou três. Além do fator pança, há o fator altura, e o fator da estrutura facial básica. O que deixa talvez um do seu grupo e dois do meu. E até esses parecem forçação de barra.

– De que três você está falando?

– O mais próximo a você, com um boné de beisebol ridículo, a mão no gradil. O que está ao lado dele, com capuz preto, mãos nos bolsos. E o mais perto de mim, usando o uniforme azul de beisebol três números maior. Você tem alguma opção melhor?

– Deixe-me olhar mais de perto. Ligo de volta.

Ele enfiou o telefone no bolso, examinando os doze garotos junto ao gradil, com atenção particular para os três indicados por

Hardwick. Mas uma expressão que o sujeito usara havia ficado em sua mente: *forçação de barra.*

Era forçação de barra, sem dúvida. Na verdade, Gurney tinha uma sensação incômoda, debilitante, de que havia algo absurdo em toda aquela ideia – a noção de que um daqueles garotos agitados, vestidos com roupas descombinadas, poderia de fato ser o Peter Pan. Enquanto mudava de posição para ver melhor o rosto deles, sentiu-se tentado a abandonar de vez a tarefa, aceitar a probabilidade de que seu alvo tivesse conseguido escapar da feira e estivesse indo naquele momento para algum lugar desconhecido, para longe de Walnut Crossing. Com certeza era uma ideia que fazia mais sentido do que acreditar que uma das pessoinhas junto daquele corredor – aparentemente fascinadas pelos rugidos e estalos dos "brinquedos" – fosse um carrasco implacável.

Seria concebível que o homem a quem a Interpol creditava mais de cinquenta atentados, que havia estourado o crânio de Mary Spalter na borda da banheira, martelado pregos nos olhos de Gus Gurikos, matado sete pessoas queimadas em Cooperstown, cortado a cabeça de Lex Bincher, estivesse agora se fazendo passar por uma daquelas crianças? Enquanto Gurney caminhava perto deles como se tentasse enxergar melhor a enorme roda-gigante, achou muito difícil imaginar alguém ali como assassino profissional – e não apenas assassino, mas um homem especializado em contratos que outros consideravam impossíveis.

Esse último pensamento fez Gurney retornar a uma questão que ele havia considerado várias vezes nos últimos dias, mas na qual não se detivera por tempo suficiente. Provavelmente era a pergunta mais enigmática de todas:

O que havia de tão difícil no atentado contra Carl Spalter?

Qual era o aspecto "impossível"? O que o tornava um serviço para Panikos, para início de conversa?

Talvez a resposta a esta pergunta desenredasse todos os outros segredos do caso. Gurney decidiu pensar nisso ali mesmo até que a solução surgisse. A simplicidade da pergunta o convenceu de que era a pergunta certa. Isso até lhe restaurou um modesto senso de otimismo. Ele achou que estava no caminho certo.

Então uma coisa espantosa aconteceu.

Ocorreu-lhe uma resposta tão simples quanto a pergunta.

A princípio teve medo de respirar – como se a solução fosse tão frágil quanto fumaça e a respiração pudesse soprá-la para longe. Porém, quanto mais a examinava, quanto mais testava sua solidez, mais convencido ficava de que estava certo. E, se estava certo, o assassinato de Spalter enfim estava solucionado.

Enquanto a explicação espantosamente simples tomava forma em sua mente, ele sentiu a empolgação arrepiante que sempre acompanhava a chegada da verdade.

Repetiu a pergunta-chave para si mesmo. *O que era tão difícil no atentado contra Spalter? O que o fazia parecer tão impossível?*

Então gargalhou.

Porque a resposta era, simplesmente, nada.

Nada o fazia parecer impossível.

Enquanto voltava passando pelas figuras perto do gradil, verificou mais uma vez a validade de sua ideia e todas as implicações perguntando-se que outros mistérios do caso sua conclusão resolvia. Seu ânimo se intensificou enquanto uma dúvida depois da outra se dissolvia.

Enfim entendeu por que Mary Spalter precisava morrer.

Sabia quem havia ordenado o tiro que acabara com a vida de Carl Spalter. O motivo era claro como o dia. E mais escuro do que uma noite no inferno.

Sabia qual era o segredo terrível, o motivo para os pregos no crânio de Gus, e o que a matança em Cooperstown deveria provocar.

Agora via como Alyssa, Klemper e Jonah se encaixavam no quebra-cabeça.

O mistério do tiro que partira de um lugar de onde não poderia ter sido disparado não era mais um mistério.

Na verdade, de repente tudo no assassinato de Spalter era simples. Nauseantemente simples.

E tudo enfatizava uma verdade inevitável. Peter Pan precisava ser detido.

Enquanto Gurney pensava nesse desafio final, seu raciocínio acelerado foi interrompido por outro estrondo.

Capítulo 60

Peter Panzinho perfeitinho

Algumas pessoas que passavam por ali pararam, inclinaram a cabeça, olharam umas para as outras com expressões ansiosas. Mas ninguém junto ao gradil deu sinal de notar qualquer coisa fora do comum. Talvez, pensou Gurney, estivessem envolvidas demais no barulho dos brinquedos e nos gritos felizes dos que se divertiam. E se alguém daquele grupo fosse responsável por aquela última explosão – se o sujeito havia preparado a bomba com um temporizador ou tinha mandado um sinal eletrônico com um detonador remoto –, com certeza não estava fazendo nada para revelar esse fato.

Reconhecendo que aquela era provavelmente a melhor, e talvez a última, oportunidade de decidir sozinho se um daqueles indivíduos merecia mais atenção ou se havia chegado a um beco sem saída em sua "perseguição acalorada" a Panikos, Gurney se dirigiu ao gradil para ter uma visão razoavelmente boa dos perfis.

Deixando de lado as considerações feitas por Hardwick, examinou cada parte de rosto exposta e cada forma corporal. Dos doze, podia ver nove com clareza para fazer uma avaliação confiável, e descartou todos eles. Dentre os nove estavam os três que ele próprio seguira antes, o que lhe deu uma breve sensação de tempo perdido – mesmo sabendo muito bem que isso fazia parte do trabalho investigativo.

De qualquer modo, restavam apenas três indivíduos para ser avaliados. Por acaso eram os três mais próximos dele, mas estavam todos de costas, usando os uniformes desalinhados da juventude rebelde.

Como muitas outras cidadezinhas do interior que por anos haviam permanecido numa espécie de dobra temporal de seriado de

TV dos anos 1960, feita de costumes e aparências antiquadas, Walnut Crossing estava aos poucos sendo infiltrada – como já acontecera com Long Falls – pela cultura tóxica composta de rap vagabundo, roupas estilo *gangsta* e heroína barata. Os três jovens que Gurney vigiava pareciam exemplificar essa tendência. Mas ele esperava que dois deles fossem meramente idiotas e que o terceiro...

Por mais que o pensamento parecesse bizarro, ele esperava que o terceiro fosse o mal encarnado.

Também esperava não ter dúvidas quanto a isso. Seria bom se tudo fosse claro no olhar – se ele pudesse, após uma boa avaliada, identificar o mal com tanta facilidade quanto conseguia excluí-lo. Mas temia que não fosse assim, que fosse necessário mais do que a simples observação para chegar a um julgamento tão crucial. Quase certamente precisaria contar com alguma forma de interação, algum modo de gerar uma série de desafios que exigissem uma variedade de respostas. As respostas podiam assumir muitas formas – palavras, tons, expressões, linguagem corporal. A verdade é cumulativa.

A questão agora, claro, era como fazer isso.

As opções foram simplificadas quando um dos três indivíduos que estava de costas se virou na direção de Gurney o suficiente para revelar uma estrutura facial muito diferente da que aparecera nos vídeos de segurança. Ele disse algo aos outros dois sobre a roda-gigante – a princípio parecia estar adulando-os, depois provocando-os a ir com ele. Na verdade dava a impressão de os estar desafiando a ir com ele e com os outros nove, que agora partiam empolgados pela abertura no gradil que levava direto à fila do brinquedo. Finalmente, depois de gritar que eles eram umas porras de mariquinhas, ele abandonou os dois e entrou na fila.

Foi então que um desses dois, o que estava mais perto de

Gurney, enfim virou a cabeça na sua direção. Ele usava um capuz preto que escondia o cabelo e boa parte da testa e sombreava os olhos. Seu rosto estava pintado num amarelo esverdeado. Um sorriso pintado, cor de ferrugem, obscurecia os contornos da boca. Só uma característica era nitidamente perceptível. Mas esta prendeu a atenção de Gurney.

Era o nariz – pequeno, afilado, meio adunco.

Ele não poderia jurar que era totalmente igual ao que vira nos vídeos, mas sentiu que a semelhança era suficiente para qualificar aquele indivíduo como *possível*. Mas seria necessária mais alguma coisa para passar de *possível* a *provável*. E Gurney ainda não conseguira uma visão decente do acompanhante dele.

Quando Gurney ia mudar sua posição, esse outro jovem simplificou a situação virando a cabeça o suficiente para ser eliminado por conta de seu rosto largo e chato. Estava dizendo algo ao do capuz preto, que Gurney só ouviu em parte. Não teve certeza, mas parecia algo como:

– Você tem mais bagulho?

A resposta de Capuz Preto foi inaudível, mas não havia nada de ambíguo no desapontamento no rosto do outro.

– Vai conseguir mais?

De novo a resposta foi inaudível, mas o tom não era agradável. O que perguntou ficou obviamente pasmo, e após uma hesitação desajeitada recuou, em seguida se virou e entrou rápido no corredor mais perto de Hardwick. Depois de uma breve hesitação, Hardwick foi atrás dele, e logo estavam fora de vista.

Capuz Preto ficou sozinho junto ao gradil. Tinha se virado de volta para os brinquedos e agora olhava, com uma espécie de especulação sonhadora, para as luzes espalhafatosas da roda-gigante. Houvera uma fluidez comedida em seu movimento, e agora

havia nele uma calma que Gurney considerou mais adulta do que infantil.

Capuz Preto (como Gurney o chamava mentalmente, não querendo lhe dar o nome do assassino antes da hora) estava com as mãos nos bolsos da frente do agasalho – o que podia ser um modo conveniente de mantê-las escondidas sem a esquisitice de usar luvas em pleno verão, já que a pele das mãos é um poderoso revelador da idade. Sua altura – não mais de 1,5 metro – combinava com a do Peter Pan, e ele parecia ter o mesmo tipo de corpo magro que deixava o gênero como uma questão em aberto. Havia manchas de lama na calça de moletom preta e nos tênis, o que batia com uma corrida num quadriciclo pelo pasto lamacento perto da feira. A sugestão de que ele podia estar fornecendo drogas naquela noite, captada naquele trecho de diálogo com o companheiro junto ao gradil, explicaria como um estranho fora aceito tão rápido no grupinho.

Enquanto Gurney olhava a figura vestida de preto e avaliava as provas circunstanciais, a música country ao fundo parou de repente. Seguiram-se vários segundos de estática ruidosa e finalmente um anúncio:

> *Senhoras e senhores, prestem atenção, por favor. Este é um anúncio de emergência. Por favor, permaneçam calmos. Este é um anúncio de emergência. No momento, estamos combatendo vários incêndios de origem desconhecida. Para a segurança de todos, vamos cancelar os eventos programados para esta noite. Vamos evacuar a área da feira de modo seguro e ordeiro. Qualquer atividade que esteja acontecendo nos brinquedos será a última desta noite. Pedimos que todos os expositores comecem a fechar seus estandes e barracas. Todos devem seguir as instruções da equipe de segurança, dos bombeiros e dos médicos. Este é um anúncio de emergência. Todos os visitantes da feira*

devem começar a ir de forma ordenada para as saídas e os estacionamentos. Repito, estamos tentando combater vários incêndios de origem desconhecida. Para a segurança de todos, neste momento precisamos começar uma evacuação organizada da...

O anúncio foi interrompido pela explosão mais barulhenta até então.

O pânico se espalhava. Berros, mães gritando pelos filhos. Pessoas olhando ao redor desesperadamente, algumas atarantadas e imóveis, outras se movendo de modo errático.

Capuz Preto, junto ao parapeito, olhando a colossal roda-gigante, não demostrava qualquer reação. Nem choque, nem curiosidade. Na avaliação de Gurney, esta era a prova mais condenadora até aquele momento. Como aquela pessoa conseguia não reagir, a não ser que os acontecimentos não fossem surpresa para ela?

Mas, como costumava acontecer no raciocínio de Gurney, a convicção crescente trazia junto uma cautela crescente. Ele tinha plena consciência de como nossas percepções podem começar a reunir dados para uma conclusão específica. Assim que um padrão começa a tomar forma, por mais errôneo que seja, a mente favorece, de forma inconsciente, qualquer informação que o corrobore e descarta todo o resto. Os resultados podem ser desastrosos e fatais, sobretudo com relação à justiça.

E se Capuz Preto fosse apenas mais um patético preguiçoso, totalmente chapado, mais absorvido pelas luzes do parque de diversões do que por qualquer perigo real? E se fosse apenas mais uma pessoa de nariz pequeno e adunco dentre as milhões que havia no planeta? E se a lama espirrada na calça já estivesse ali desde a semana anterior?

E se o que parecia cada vez mais um padrão não fosse padrão algum?

Gurney precisava fazer alguma coisa, qualquer coisa, para resolver o impasse. E precisava fazer isso sozinho. E rápido. Não restava tempo para sutilezas. Ou para trabalho em equipe. Só Deus sabia para onde Hardwick tinha ido. E não havia chance de obter a cooperação da polícia local, que provavelmente já estava fatigada tentando lidar com o pandemônio incipiente – para não mencionar o obstáculo por ele ter transformado um policial em inimigo. Se os abordasse agora tinha mais probabilidade de ser preso do que de obter ajuda para resolver a situação.

Os brinquedos ainda rugiam e guinchavam em seus confinamentos mecânicos. A roda-gigante girava devagar, e seu tamanho e o relativo silêncio de suas engrenagens dotavam-na de uma majestade peculiar no meio das geringonças menores e mais barulhentas. As pessoas ainda se moviam nas duas direções no corredor circular. Pais ansiosos começavam a se reunir junto ao gradil, presumivelmente para pegar os filhos assim que desembarcassem dos brinquedos.

Gurney não podia esperar mais.

Apertou a Beretta no bolso frouxo do suéter, soltou a trava e foi andando junto ao gradil, até pouco mais de 1 metro atrás de Capuz Preto. Agora usando pouco mais do que o instinto e o impulso, começou a cantar baixinho:

Anel ao redor dos rosados,

Bolsos com flores estufados.

Cinzas, cinzas,

E tudo cai.

Um homem e uma mulher parados perto de Gurney lançaram-lhe olhares estranhos. Capuz Preto não se mexeu.

Um brinquedo chamado Giro Maluco parou com um som guinchado que lembrava unhas gigantes riscando um quadro-negro.

Liberou algumas dezenas de crianças risonhas, muitas das quais foram levadas com rapidez por adultos que esperavam – consequentemente evacuando a área ao redor de Gurney.

Com a Beretta escondida apontada para as costas da figura diante dele, voltou a cantar com voz quase inaudível, mantendo a melodia idiotamente ritmada da cantiga de ninar e acrescentando sua própria letra:

Peter Panzinho perfeitinho

tinha um plano perfeitinho

até que a trama deu defeito.

Peter, palhaço perfeito.

Cinzas, cinzas, e tudo desmorona.

Capuz Preto virou a cabeça ligeiramente, talvez o bastante para ter um vislumbre periférico do tamanho e da posição de quem estava atrás, mas não disse nada.

Agora Gurney podia ver várias marcas circulares, de um vermelho-escuro, mais ou menos do tamanho de ervilhas, pintadas na lateral do malar, de um modo que lembrava as tatuagens em forma de lágrimas que membros de gangues costumavam ter naquele mesmo lugar – às vezes como lembranças de amigos assassinados, às vezes como anúncios de assassinatos que eles haviam cometido.

Então sentiu um pequeno frisson ao perceber que não eram apenas pequenas marcas, ou mesmo lágrimas vermelhas.

Eram flores minúsculas.

As mãos de Capuz Preto se moveram ligeiramente dentro dos volumosos bolsos da frente de seu agasalho.

Em seu próprio bolso, o indicador direito de Gurney passou sobre o gatilho da Beretta.

No corredor atrás dele, a uma distância que avaliou como não mais que 200 metros, houve outra explosão – seguida por gritos, berros, palavrões, o clamor agudo de vários alarmes de incêndio disparando ao mesmo tempo, mais gritos, alguém uivando o nome “Joseph”, o som de muitos pés correndo.

Capuz Preto permaneceu perfeitamente imóvel.

Gurney sentiu uma raiva crescente enquanto imaginava a cena atrás, a cena que estava provocando aqueles gritos de sofrimento e terror. Deixou a raiva impulsionar as palavras seguintes:

– Você é um homem morto, Panikos.

– Está falando comigo?

O tom da pergunta era totalmente despreocupado. O sotaque era vagamente urbano, com uma atitude presunçosa. A voz não tinha idade, era infantil de um modo estranho, e o gênero era indefinido como o corpo do qual provinha.

Gurney examinou o pouco que podia ver do rosto pintado de amarelo no capuz preto. As espalhafatosas luzes do parque, os gritos de consternação e confusão vindos dos locais das explosões e o odor acre da fumaça soprada pelo vento estavam transformando a criatura diante dele em algo que não era terreno. Uma imagem em miniatura do Anjo da Morte. Um ator mirim fazendo o papel de um demônio.

Gurney respondeu em tom tranquilo:

– Estou falando com o Peter Pan desastrado, que atirou no homem errado.

O rosto dentro do capuz se virou lentamente para ele. Então o corpo começou a acompanhá-lo.

– Pare aí mesmo – disse Gurney. – Não se mexa.

– Preciso me mexer, cara. – Uma perturbação chorosa havia se

imiscuído na voz de Capuz Preto. – Como posso não me mexer?

– Pare agora!

O movimento parou. Os olhos que não piscavam no rosto amarelo estavam concentrados no bolso em que Gurney segurava a Beretta, pronto para atirar.

– O que você vai fazer, cara?

Gurney não disse nada.

– Vai atirar em mim?

O estilo da fala, o ritmo, o sotaque, tudo parecia quase consistente com um moleque valentão.

Mas, de algum modo, pensou Gurney, não se encaixava. Por um momento ele não conseguiu identificar o problema, mas depois percebeu o que era. Parecia a entonação de algum tipo de garoto de rua genérico, não característico de qualquer parte específica de uma cidade específica. Era como a deficiência dos atores de língua inglesa representando moradores de Nova York. O sotaque variava de um bairro a outro. Em última instância, eles eram de lugar nenhum.

– Se vou atirar em você? – Gurney franziu a testa, pensativo. – Vou atirar se você não fizer exatamente o que eu mandar.

– Tipo o que, cara?

Enquanto falava, ele começou a se mexer de novo, como se quisesse encarar Gurney de frente.

– Pare!

Gurney empurrou a Beretta para a frente no bolso do suéter, tornando sua presença mais óbvia.

– Não sei quem você é, cara, mas você é totalmente maluco – disse ele, virando-se mais alguns graus.

– Mais um centímetro, Panikos, e eu puxo o gatilho.

– Quem diabo é Panikos?

Subitamente o tom era cheio de perplexidade e indignação. Talvez cheio demais.

– Quer saber quem é Panikos? – Gurney sorriu. – É o maior cagão do ramo.

Nesse momento notou uma mudança fugaz naqueles olhos frios – algo que apareceu e desapareceu em menos de um segundo. Se tivesse de classificar, diria que era um brilho de puro ódio.

Foi substituído por uma demonstração de nojo.

– Você pirou, malandro. Pirou de vez.

– Talvez – disse Gurney, com calma. – Talvez eu esteja maluco. Talvez, como você, eu vá atirar no homem errado também. Talvez você leve um balaço só porque estava no lugar errado na hora errada. Esse tipo de coisa acontece, certo?

– Isso é papo furado, cara! Você não vai atirar em mim a sangue-frio na frente de mil pessoas nessa porra dessa feira. Se fizer isso, vai ser o fim da sua vida, cara. Não tem escapatória. Imagine a porra da manchete: “Policial Maluco Atira em Garoto Indefeso”. É o que você quer que a sua família veja no jornal, malandro?

O sorriso de Gurney se alargou.

– Estou entendendo o que você quer dizer. É muito interessante. Me diga uma coisa: como você sabia que eu era um policial?

Pela segunda vez aconteceu uma coisa naqueles olhos. Dessa vez não era ódio, era mais como um engasgo de um segundo num vídeo antes que a imagem se normalizasse e continuasse a rodar.

– Você só pode ser polícia, tá legal? Só pode ser polícia. É óbvio, beleza?

– O que faz com que seja óbvio?

Capuz Preto balançou a cabeça.

– Só é óbvio, cara. – Ele deu uma risada sem humor, revelando dentes pequenos e afiados. – Quer saber de uma coisa? Vou lhe dizer uma coisa. Esta conversa é papo furado. Você é pirado demais, cara. Esta conversa acabou.

Num giro rápido, ele se virou até ficar de frente para Gurney, os cotovelos se levantando ao mesmo tempo como as asas de um pássaro, os olhos arregalados e insanos, as duas mãos ainda escondidas nas dobras do agasalho preto e folgado.

Gurney sacou sua Beretta e disparou.

Capítulo 61

Caos perfeito

Depois do estalo agudo da pistola, enquanto a figura magra e vestida de preto caía no chão, o primeiro som que Gurney percebeu foi o grito de angústia de Madeleine.

Ela estava parada a cerca de 5 metros de distância, evidentemente a caminho dos currais. Sua expressão refletia não apenas o choque natural por testemunhar um tiro, mas a situação pavorosamente incompreensível de seu marido ser o atirador e a vítima ser, de acordo com as aparências, uma criança. Com a mão na boca, ela pareceu imobilizada, como se o esforço para entender o que via a ocupasse de forma tão completa que nenhum movimento fosse possível.

Outras pessoas no corredor estavam confusas, algumas recuavam, outras se inclinavam para ver melhor, perguntando-se o que havia acontecido.

Gritando “Polícia!” várias vezes, Gurney tirou sua carteira e abriu-a com a mão livre, levantando-a acima da cabeça para mostrar as credenciais do Departamento de Polícia de Nova York e reduzir a possibilidade de algum cidadão armado intervir.

Enquanto se aproximava do corpo no chão para confirmar a neutralização de qualquer perigo e verificar os sinais vitais, uma voz atrás dele atravessou as falas ansiosas dos espectadores:

– Parado aí!

Gurney parou de imediato. Era um tom que ele ouvira muitas vezes no serviço, uma pequena camada de raiva cobrindo uma atitude de nervosismo. O caminho mais seguro era não fazer nada a não ser obedecer a todas as instruções depressa e com precisão.

Um óbvio policial à paisana apareceu do lado direito de Gurney,

segurou seu antebraço com força e tirou a pistola de sua mão. Ao mesmo tempo, alguém atrás dele pegou a carteira de sua mão direita levantada.

Alguns instantes depois, presumivelmente após examinar a identificação, a voz nervosa anunciou:

– Porra, é o cara que estávamos procurando.

Gurney reconheceu-a agora como a voz do policial uniformizado que estava trabalhando como segurança da feira.

Ele passou para a frente de Gurney, olhou para ele, em seguida para o corpo no chão, depois de volta para Gurney.

– Que diabo é isso? Você atirou nesse garoto?

– Ele não é um garoto. É o fugitivo sobre quem lhe contei. – Gurney falava em voz alta e clara, desejando que o maior número de pessoas possível testemunhasse sua descrição da situação. – É melhor checar os sinais vitais dele. O ferimento deve ter sido entre o ombro direito e a cavidade pleural direita. Mande o paramédico verificar o quanto antes algum sangramento arterial.

– Quem diabo você é? – O policial olhou de novo para o corpo. Uma perplexidade estava se infiltrando em sua hostilidade, sem diminuí-la. – Ele é um garoto. Está desarmado. Por que você atirou nele?

– Ele não é um garoto. O nome dele é Petros Panikos. Você precisa contatar o Departamento de Investigações Criminais em Sasparilla e o escritório do FBI em Albany. Ele é o assassino profissional que atirou em Carl Spalter.

– Assassino profissional? Ele? Está brincando comigo, porra? Por que atirou nele?

Gurney deu-lhe a única resposta aceitável legalmente. Por acaso, também era a verdadeira.

– Porque acreditei que minha vida corria perigo imediato.

– Por parte de quem? De quê?

– Se você tirar as mãos dele dos bolsos, com certeza vai achar uma arma em uma delas.

– É mesmo? – Ele olhou para o policial à paisana, que parecia estar concluindo uma discussão com alguém pelo walkie-talkie. – Dwayne? Ei, Dwayne! Quer tirar as mãos dele dos bolsos? Para a gente ver o que ele está segurando? O cara aqui está dizendo que você vai achar uma arma.

Dwayne falou mais algumas palavras pelo walkie-talkie e prendeu-o de volta no cinto.

– Sim, senhor. Sem problema. – Ele se ajoelhou junto à figura diminuta. Os olhos de Capuz Preto ainda estavam abertos. Ele parecia consciente. – Você tem uma arma, garoto?

Não houve resposta.

– Não queremos que ninguém se machuque, certo? Por isso só vou verificar, ver se talvez você tem uma arma aí, da qual se esqueceu. – Enquanto batia de leve no bolso da frente do grosso agasalho preto, ele franziu a testa. – Parece que você pode estar com alguma coisa aí, garoto. Quer me dizer o que é, para ninguém se machucar?

Os olhos de Capuz Preto estavam agora fixos no rosto de Dwayne, mas ele não disse nada. Dwayne levou as mãos aos dois bolsos ao mesmo tempo, segurou as mãos escondidas e puxou-as para a luz bem devagar.

A mão esquerda estava vazia. A direita segurava um celular cor-de-rosa, incongruentemente feminino.

O policial uniformizado deu a Gurney um olhar exagerado de falsa compaixão.

– Aaah, isso não é bom. Você atirou nesse garotinho porque ele tinha um telefone no bolso. Um telefonezinho inofensivo. Não é nem um pouco bom. Temos uma séria questão de “perigo iminente” aqui. Ei, Dwayne, verifique os sinais vitais do garoto, chame os paramédicos. – Ele olhou de volta para Gurney, balançando a cabeça. – Nada bom, moço, nem um pouco.

– Ele está armado. Tenho certeza. Vocês precisam olhar melhor.

– *Certeza*? Como diabo você pode ter *certeza*?

– Se você trabalha na delegacia de homicídios da cidade durante mais de vinte anos, tem uma boa ideia de quem está armado.

– É mesmo? Estou impressionado. Bom, acho que ele estava armado, certo. Só que não com um revólver – acrescentou com um sorriso ofensivo. – O que muda um pouco a situação de modo desfavorável para você. Seria difícil justificar esse tiro, mesmo se você ainda fosse policial, coisa que, claro, não é. Acho que vai precisar vir conosco, Sr. Gurney.

Gurney notou que Hardwick havia retornado e se posicionado do lado de dentro do crescente círculo de curiosos, não longe de Madeleine, que agora parecia menos paralisada porém não menos amedrontada. Os olhos de Hardwick haviam assumido uma gélida imobilidade de husky siberiano que sinaliza o perigo – o perigo específico que resulta da indiferença ao perigo. Gurney teve a sensação de que, se fizesse um pequeno gesto com a cabeça na direção do policial antagônico, Hardwick colocaria calmamente um balaço de 9 milímetros no esterno do sujeito.

Foi então que um som cantarolado atraiu a atenção de Gurney – um canto quase inaudível em meio ao clamor do incêndio e das equipes médicas se movendo em todas as direções pela feira. Enquanto ele se esforçava para identificar a fonte, o som incongruente ficou mais forte, com um padrão mais perceptível. E então o padrão se tornou reconhecível.

Era a cantiga “Anel ao redor dos rosados”.

Gurney reconheceu primeiro a melodia, depois a fonte. Vinha dos lábios ligeiramente abertos da pessoa ferida no chão – os lábios ligeiramente abertos no centro do sorriso vermelho-ferrugem. O sangue, só um pouco mais vermelho que o sorriso, estava começando a encharcar a área do ombro do casaco com capuz preto e manchar a calçada empoeirada. Enquanto todo mundo que podia ouvir olhava, a melodia cantarolada foi se transformando nas palavras da letra:

Anel ao redor dos rosados,

Bolsos com flores estufados.

Cinzas, cinzas,

E tudo desmorona.

Enquanto cantava, ele levantou lentamente o celular cor-de-rosa que ainda estava em sua mão.

– Meu Deus! – gritou Gurney para os dois policiais quando entendeu a verdade. – O telefone! Pegue! É o detonador! Pegue!

Quando nenhum deles pareceu entender o que ele estava dizendo, Gurney lançou-se para a frente e deu um chute violento no telefone, enquanto os dois policiais pulavam em cima dele. Seu pé acertou o celular, fazendo-o girar pelo chão, no instante em que ele era derrubado pelos homens.

Mas Peter Pan já havia apertado o botão ENVIAR.

Três segundos depois, houve uma rápida série de seis explosões violentas – estrondos agudos, quase ensurdecedores, não os sons abafados das bombas incendiárias anteriores.

Os ouvidos de Gurney zumbiam, suplantando todos os outros sons. Enquanto os policiais que o haviam derrubado lutavam para se levantar, houve um tremendo impacto no chão, muito perto.

Gurney olhou em volta desesperadamente, procurando Madeleine, e viu-a agarrada ao gradil, atordoada. Correu na direção dela, com os braços estendidos. Quando a alcançou, ela gritou, apontando por cima do seu ombro para algo atrás dele.

Gurney se virou e começou a piscar sem parar, tentando registrar o que seus olhos viam.

A roda-gigante havia se soltado dos suportes.

Mas continuava girando.

Girando. Não no lugar, em volta do eixo, cujos suportes de aço pareciam ter sido explodidos, e sim rolando pesadamente numa nuvem de poeira sufocante, para longe da base de concreto partida.

Então as luzes se apagaram – em toda parte – e a escuridão súbita amplificou e multiplicou de imediato os gritos de terror ao redor, perto e longe.

Gurney e Madeleine agarraram um ao outro enquanto a roda monstruosa passava rolando, arrebentando o gradil que a cercava, silhuetada por um relâmpago nas nuvens baixas, a estrutura bamboleando e emitindo não apenas os berros das pessoas nos balanços, mas também os sons medonhos de metal se retorcendo contra metal, raspando, estalando feito chicotes de aço.

A única iluminação que Gurney podia ver na feira era fornecida pelos raios intermitentes e pelos incêndios espalhados, soprados pelo vento. Numa cena felliniana do inferno em terra, a roda-gigante solta estava rolando numa espécie de câmera lenta de pesadelo na direção do corredor central – quase totalmente no escuro, a não ser quando era iluminada pela estroboscópica luz branco-azulada de um relâmpago.

Os dedos de Madeleine cravaram-se no braço de Gurney. Sua voz estava falhando.

– O que, em nome de Deus, está acontecendo?

– É uma falha de energia – disse ele.

O absurdo do eufemismo golpeou os dois no mesmo instante, provocando uma risada compartilhada.

– Panikos... ele... ele minou esse lugar com explosivos – conseguiu acrescentar Gurney, olhando ao redor desesperadamente.

A escuridão estava cheia de fumaça de cheiro forte e gritos.

– Você o matou? – gritou Madeleine, como alguém poderia perguntar se a cascavel à frente estava morta.

– Eu atirei nele. – Gurney olhou para onde o embate havia acontecido.

Esperou que um clarão de raio iluminasse a forma preta no chão, e então percebeu que o vulto estava no caminho que a roda-gigante estava tomando. O pensamento do que poderia ver lhe provocou um jorro de náusea. O primeiro clarão o encontrou relativamente perto, com Madeleine ainda grudada em seu braço. O segundo clarão revelou o que ele não queria ver.

– Meu Deus! – gritou Madeleine. – Ah, meu Deus!

Pelo visto um dos aros de aço da roda-gigante, com várias toneladas, havia rolado por cima do corpo, praticamente cortando-o ao meio.

Enquanto estavam parados na escuridão entre os clarões de fração de segundo e os estrondos dos trovões, começou a chover, e logo se formou um aguaceiro. Os relâmpagos mostravam uma massa de pessoas em movimento, tropeçando. Era provável que só a escuridão e o dilúvio as impedissem de sair correndo pisoteando umas às outras.

Aparentemente Dwayne e o policial uniformizado tinham se afastado do corpo de Panikos em razão da movimentação da roda-gigante – que agora seguiam até o corredor principal, sem dúvida

atraídos, impotentes, pelos gritos terríveis das pessoas presas nos assentos.

Uma medida do espantoso caráter infernal da cena – com toda a sua sobrecarga sensorial, mental e emocional – era o fato de poderem abandonar um recém-homicida sem ao menos olhar para trás.

Madeleine parecia fazer um esforço sobre-humano para falar com calma:

– Meu Deus, David, o que devemos fazer?

Gurney não respondeu. Estava olhando para baixo, esperando que o clarão seguinte mostrasse o rosto no capuz preto. Quando a claridade chegou, a chuva forte havia lavado boa parte da tinta amarela.

Viu o que esperava ver. Todas as dúvidas foram apagadas. Teve certeza de que a boca delicada, em forma de coração, era a mesma que vira nos vídeos de segurança.

O corpo mutilado aos seus pés era mesmo de Petros Panikos.

O fabuloso carrasco não existia mais.

Agora Peter Pan não passava de um patético saco de ossos quebrados.

Madeleine puxou Gurney para longe da poça de sangue que se espalhava e da chuva, e continuou puxando-o para trás até chegarem ao gradil partido. Os clarões dos raios e os trovões – pontuando as pancadas, os guinchos metálicos e os gritos humanos vindos da roda-gigante que ainda rolava – tornavam quase impossível o pensamento racional.

Os esforços de Madeleine para se controlar estavam se esvaindo, sua voz começando a embargar.

– Meu Deus, David, meu Deus, as pessoas estão *morrendo*,

estão *morrendo*... o que podemos fazer?

– Só Deus sabe. Qualquer coisa que pudermos... mas primeiro... agora... preciso pegar aquele telefone... o celular que o Panikos usou... o detonador... antes que se perca... antes que o aparelho dispare mais alguma coisa.

Uma voz familiar, quase um grito em meio à balbúrdia, pegou Gurney de surpresa:

– Fique com ela. Eu pego.

Atrás dele, atrás dos restos do gradil, onde a roda-gigante estivera montada, a plataforma de madeira que as pessoas usavam para entrar e sair dos balanços irrompeu subitamente em chamas. À luz laranja e desigual lançada pelo novo incêndio ele viu Hardwick, sob a chuva inclinada, indo na direção do corpo no chão.

Quando chegou, ele hesitou antes de se abaixar para pegar o celular cor-de-rosa que ainda estava na mão de Panikos. Era cedo demais para o rigor mortis ter enrijecido as juntas dos dedos, de modo que não deveria ter sido problema pegar o telefone. Mas quando Hardwick tentou tirá-lo, o braço e a mão de Panikos subiram junto.

Mesmo à luz fraca do incêndio, Gurney pôde ver por quê. A ponta de um barbante curto estava presa ao telefone, e a outra enrolada no pulso da figura diminuta. Hardwick agarrou o telefone com firmeza, puxando o barbante. O movimento levantou mais o braço de Panikos. No instante em que o membro estava totalmente estendido, ouviu-se um disparo alto de pistola.

Gurney escutou um grunhido forte vindo de Hardwick, enquanto ele caía de cara em cima do pequeno cadáver.

Um policial estava correndo com a ajuda de uma lanterna pelo corredor curvo na direção da roda-gigante, que rolava pesadamente. Ao ouvir o tiro, ele parou de forma abrupta, com a mão livre no cabo

da arma no coldre, o olhar movendo-se, tenso, de Gurney para os corpos cruzados no chão, e de volta para Gurney.

– Que diabo é isso?

A resposta veio do próprio Hardwick, esforçando-se para sair de cima de Panikos, a voz numa mistura sibilante de agonia e fúria, forçada para fora através dos dentes trincados:

– Esse filho da puta morto acabou de atirar em mim.

O policial ficou olhando numa perplexidade compreensível. Então, quando chegou mais perto, sua reação foi além da simples perplexidade.

– Jack?

A resposta foi um grunhido indecifrável.

O policial olhou para Gurney.

– Esse é... esse é o Jack Hardwick?

Capítulo 62

Um truque da mente

Às vezes, no meio do apocalipse de um campo de batalha, quando o ataque aos recursos mentais de Gurney pareciam mais devastadores, um possível caminho para a segurança se apresentava de repente. Desta vez apareceu na forma do policial J. Olzewski.

Olzewski reconheceu Hardwick de um curso sobre medidas especiais da Lei Patriótica ministrado para várias agências policiais. Ele não sabia que Hardwick havia saído do Departamento de Investigações Criminais, o que tornou mais fácil obter sua cooperação.

De forma bastante resumida devido ao caráter emergencial da situação, Gurney relatou ao policial tudo o que havia acontecido e conseguiu que ele concordasse em isolar a área ao redor do corpo de Panikos, em assumir a custódia oficial do celular do morto e convocar o pessoal da supervisão de seu próprio departamento, em vez da polícia local, para realizar pessoalmente a busca da arma escondida que havia disparado quando o braço de Panikos fora erguido e também para garantir que a arma passasse à custódia do departamento do xerife.

Ainda que fosse arriscado mover Hardwick, todos concordaram que seria bem mais arriscado esperar uma ambulância para atendê-lo.

Apesar do ferimento de bala sangrando na lateral do corpo, Hardwick estava totalmente decidido a ficar de novo em pé – o que conseguiu com a ajuda de Gurney e Olzewski e uma explosão de palavrões – e ir para o portão por onde os veículos de emergência chegariam. Como para endossar essa decisão, um gerador foi ligado e parte das luzes do corredor voltou a se acender – ainda que

apenas numa pequena fração da claridade normal. Pelo menos a mudança tornou possível a movimentação fora dos limites dos incêndios e dos clarões dos relâmpagos.

Hardwick mancava e fazia caretas, sustentado por Gurney de um lado e Madeleine do outro, quando a roda-gigante – a parte superior meio visível sobre o topo da barraca principal do corredor ao lado – começou a tremer e bambolear com o som de metal se partindo e objetos pesados batendo no chão. Então, numa espécie de câmera lenta surreal, a enorme estrutura circular se inclinou para longe, fora do campo de visão do outro lado da barraca, e um segundo depois, ouviu-se um estrondo capaz de sacudir o solo.

Gurney ficou nauseado. Madeleine começou a chorar. Hardwick emitiu um som gutural que poderia exprimir horror ou dor física. Era difícil dizer até que ponto da calamidade ao redor ele estava absorvendo.

Mas enquanto continuavam na direção do portão de veículos, algo o fez mudar de opinião a respeito de encontrar uma vaga numa ambulância.

– Tem muita gente ferida aqui, a pressão é muito grande para os médicos. Não quero tomar o lugar de ninguém, atrapalhar ninguém a pedir ajuda. Não quero isso – disse ele numa voz baixa que não passava de um sussurro fraco.

Gurney se inclinou para garantir que estava ouvindo direito.

– O que você quer fazer, Jack?

– Um hospital. Fora do raio disso aqui. Tudo aqui vai estar caótico. Os médicos não vão conseguir dar vazão. Cooperstown. Em Cooperstown vai estar melhor. Vamos direto à emergência. Que tal, Ás? Acha que consegue dirigir o meu carro?

Gurney achou que era uma ideia terrível: transportar um homem com um ferimento de bala por quase 90 quilômetros, seguindo por

estradas de terra sinuosas num carro comum sem equipamento de primeiros socorros. Mas concordou. Porque deixar Hardwick à mercê de um sistema de emergência sobrecarregado, no meio de uma tragédia diferente de tudo o que a estrutura médica local já havia enfrentado, parecia uma ideia mais terrível ainda. Só Deus sabia quantas vítimas mutiladas, praticamente mortas devido à roda-gigante, para não mencionar as vítimas das várias explosões e dos incêndios anteriores, teriam de ser tratadas antes dele.

Então, passaram com dificuldade pelo portão de veículos – que também funcionava como entrada dos expositores – perto do qual Hardwick havia estacionado seu velho e poderoso Pontiac, na beira da estrada. Antes que entrassem nele, Gurney tirou a camisa que estava usando por baixo do suéter e rasgou em três pedaços. Dobrou dois em chumaços volumosos e colocou sobre os ferimentos de entrada e saída na lateral do corpo de Hardwick. Amarrou o terceiro com força em volta da cintura, para manter os outros no lugar. Junto com Madeleine, colocou-o no banco do carona, reclinando-o o máximo possível.

Assim que se recuperou o suficiente da dor desse processo, Hardwick pegou seu celular no bolso, apertou um número da memória, esperou e deixou uma mensagem numa voz absolutamente exausta mas alegre, presumivelmente para Esti.

– Olá, meu bem. Probleminha. Fui descuidado, levei um tiro. Constrangedor. Levei um tiro de um defunto. É difícil explicar. Estou indo para a emergência em Cooperstown. O chofer é o Sherlock. Amo você, docinho. Falamos depois.

Isso lembrou Gurney de ligar para Kyle. O telefonema também caiu na caixa postal.

– Oi, filho. Só para dar notícias. Segui o cara até a feira. O inferno se abriu. Jack Hardwick levou um tiro. Estou levando-o ao

hospital em Cooperstown. Espero que tudo esteja bem por aí. Ligue assim que puder. Amo você.

Assim que ele desligou, Madeleine se sentou no banco de trás, Gurney se acomodou no do motorista e eles partiram.

A massa de veículos fugindo da área da feira criou uma espécie de engarrafamento que parecia surreal num lugar onde em geral havia mais vacas do que carros e os raros momentos de obstrução eram provocados por carroças de feno circulando devagar.

Quando chegaram à estrada principal do condado, a precipitação da tempestade havia passado para o leste, na direção de Albany, e os helicópteros da imprensa estavam chegando, varrendo o vale com suas luzes de busca – evidentemente tentando encontrar as partes mais graves da catástrofe. Gurney quase podia ouvir o relato ofegante e criativo da RAM-TV sobre “a fuga em pânico, pela noite, para longe do que alguns podem suspeitar que tenha sido um ataque terrorista”.

Assim que se livrou do engarrafamento, Gurney dirigiu o mais rápido que pôde. Com o velocímetro marcando entre 80 e 150 quilômetros por hora na maior parte do caminho, chegou à emergência do hospital de Cooperstown em cerca de 45 minutos. Espantosamente, ao longo do caminho nenhuma palavra foi dita. A combinação preocupante de velocidade excessiva inclusive nas curvas e o rugido mal abafado do grande motor V8 parecia impedir qualquer possibilidade de conversa – não importando quão relevantes e prementes eram as questões em aberto e as perguntas sem resposta.

Duas horas depois a situação era bem diferente.

Hardwick fora examinado, entrevistado, radiografado, picado, costurado e enrolado; passara por uma transfusão de sangue e fora colocado no soro com antibióticos, analgésicos e eletrólitos; depois fora internado no hospital geral para observação. Kyle havia

chegado inesperadamente e se juntara a Gurney e Madeleine no quarto de Hardwick. Os três estavam sentados em cadeiras perto da cama.

Kyle colocou todos eles a par do que ocorrera desde a chegada da polícia à casa de Gurney e Madeleine até a remoção do corpo de Klemper e a suspensão abrupta do processo investigativo inicial quando, junto com todos os outros policiais e o pessoal das emergências num raio de 80 quilômetros, os homens que tinham atendido ao chamado foram convocados à feira – deixando uma grande área do lado de fora da casa isolada por fitas amarelas da polícia. Nesse ponto, após ter entreouvido o suficiente das conversas dos policiais para ter uma ideia do desastre que acontecia, Kyle havia trocado o pneu furado do carro pelo estepe e se encaminhado para a feira. Foi então que olhou o telefone e viu a mensagem do pai dizendo que estava indo para o hospital de Cooperstown.

Quando ele terminou o relato, Madeleine deu uma risada nervosa.

– Creio que você achou que, se um louco estava explodindo a feira, era onde seu pai estaria, não é?

Kyle pareceu desconfortável, olhou para Gurney e não disse nada.

Madeleine sorriu e deu de ombros.

– Eu iria supor a mesma coisa. – Depois fez a pergunta a ninguém em particular, e num tom enganosamente casual: – Primeiro foi Lex Bincher. Depois Horace. Depois Mick Klemper. Quem deveria ser o próximo?

Kyle olhou de novo para o pai.

Hardwick estava encostado numa pilha de travesseiros, descansando mas alerta.

Gurney enfim deu uma resposta tão evasiva que não chegava a ser uma resposta:

– Bom, o principal, o importante, a única coisa que interessa, é que tudo acabou.

Neste momento todos o encararam – Kyle curioso, Hardwick cético, Madeleine perplexa.

Hardwick falou devagar, como se fosse doer se falasse mais rápido:

– Porra, você só pode estar brincando.

– Na verdade, não. O padrão finalmente está claro – disse Gurney. – A sua cliente, Kay, vai ganhar a apelação. O atirador está morto. O perigo foi neutralizado. O caso se encerrou.

– Encerrou? Você se esqueceu do corpo no seu gramado? E que não temos prova de que o anão em quem você atirou é mesmo o Peter Pan? E que aqueles anúncios na RAM-TV prometendo suas grandes revelações no caso Spalter vão deixar todos os policiais a fim de arrancar a sua pele?

Gurney sorriu.

– Eu disse que o *caso* está encerrado. As complicações e os conflitos vão demorar para ser resolvidos. Os ressentimentos vão infeccionar. As recriminações vão permanecer. Vai demorar um tempo para que os fatos sejam aceitos. Mas agora, neste ponto, uma parte muito grande da verdade veio à tona para que alguém tente enterrá-la de novo.

Madeleine o olhava com atenção.

– Está dizendo que, para você, o caso do assassinato do Spalter acabou?

– É exatamente o que estou dizendo.

– Você está se afastando dele?

– Estou.

– Simples assim?

– Simples assim.

– Não estou entendendo.

– O que você não está entendendo?

– Você nunca se afastou de um quebra-cabeça que ainda tivesse uma peça importante faltando.

– Isso mesmo.

– Mas está fazendo isso agora?

– Não. Pelo contrário.

– Quer dizer que terminou porque você solucionou? Sabe quem contratou Peter Pan para matar Carl Spalter?

– O fato é que ninguém o contratou para matar o Carl.

– Como assim?

– O Carl não deveria ter sido morto. Todo esse caso foi uma comédia de erros, ou uma tragédia de erros, desde o início. Vai acabar sendo uma grande ferramenta de ensino. O capítulo no livro didático sobre investigação criminal vai se chamar “As consequências fatais de se aceitar suposições razoáveis”.

Kyle estava se inclinando à frente na cadeira.

– *Carl não deveria ter sido morto?* Como você chegou a essa conclusão?

– Me debatendo com todas as outras peças do caso que não faziam sentido tendo o Carl como alvo. A hipótese da promotoria, da esposa que matava o marido, desmoronou praticamente assim que olhei melhor. Parecia muito mais provável que Kay, ou talvez outra pessoa, tivesse contratado um profissional para matá-lo. Mas até mesmo essa hipótese tinha aspectos estranhos, como o lugar de

onde o tiro foi disparado, a complexidade geral do atentado e a peculiaridade de contratar um profissional caro mas incontrolável como o Peter Pan para uma ação que deveria ser muito simples. Isso nunca pareceu fazer sentido. E havia alguns casos antigos que sempre me vinham à mente: um tiroteio num beco, uma explosão de automóvel...

Os olhos de Kyle estavam se arregalando.

– Esses casos estavam ligados ao assassinato do Carl?

– Não de forma direta. Mas os dois envolviam suposições errôneas sobre o timing e a sequência. Talvez eu tivesse sentido que as mesmas suposições poderiam estar ocultas no caso Spalter.

– Que suposições?

– No tiroteio no beco, duas suposições importantes: que o tiro disparado pelo policial acertou o suspeito e o matou, e que o policial estava mentindo sobre para que lado o suspeito estava virado quando ele o acertou. As duas eram bastante razoáveis. Mas estavam erradas. O ferimento de bala que acabou matando o suspeito havia acontecido *antes* que o policial chegasse ao local. E o policial estava dizendo a verdade. No caso do carro, a suposição foi de que ele explodiu porque o motorista perdeu o controle e saiu da pista até bater. Na verdade o motorista perdeu o controle e saiu da pista até bater porque o carro havia explodido.

Kyle assentiu, pensativo.

Hardwick fez uma das suas expressões de incômodo.

– E o que isso tem a ver com o Carl?

– Tudo: sequência, timing, suposições.

– Que tal dizer isso em linguagem simples para um camponês como eu?

– Todo mundo presumiu que o Carl tropeçou e caiu porque levou

um tiro. Mas imagine que ele tenha levado o tiro porque tropeçou e caiu.

Hardwick piscou, seus olhos revelando que estava repensando rapidamente as possibilidades.

– Quer dizer que ele tropeçou e caiu na frente da vítima pretendida?

Madeleine pareceu não se convencer.

– Não é forçar demais a barra? Ele levou um tiro *acidentalmente* porque tropeçou na frente da pessoa em quem o assassino estava mirando?

– E foi exatamente isso que todo mundo *viu* acontecer, mas depois todos mudaram de ideia, porque a mente deles reconectou os pontos no mesmo instante, de um modo mais convencional.

Kyle estava perplexo.

– Como assim, “foi exatamente isso que todo mundo viu acontecer”?

– Todas as pessoas que estavam no enterro e foram entrevistadas disseram que a princípio acharam que o Carl havia tropeçado ou virado o tornozelo, perdendo o equilíbrio. Um pouco depois, quando o ferimento a bala foi descoberto, todos repensaram suas percepções originais. Basicamente os cérebros estavam, de forma inconsciente, avaliando a probabilidade relativa de duas sequências possíveis e preferindo a que em geral teria mais chance de acontecer.

– Não é isso que nosso cérebro deve fazer?

– Até certo ponto. O problema é que, quando aceitamos uma certa sequência, neste caso “levou um tiro, tropeçou e caiu” e não “tropeçou, levou um tiro e caiu”, tendemos a descartar e esquecer a outra. Nossa *nova* versão se torna a *única*. A mente é construída para saltar da suposição razoável para a verdade presumida, sem

olhar para trás. Claro, se a suposição razoável for inexata, tudo o que for construído sobre ela mais tarde é absurdo e, por fim, desmorona.

Madeleine estava exibindo o franzido impaciente na testa com que recebia a maior parte das teorizações psicológicas de Gurney.

– Então em quem Panikos estava mirando quando Carl entrou no caminho?

– A resposta é fácil. Seria a pessoa cujo papel como vítima faz com que todas as outras estranhezas do caso façam sentido.

O olhar de Kyle estava fixo no pai.

– Você já sabe quem é, não sabe?

– Tenho um candidato que satisfaz meu critério, mas isso não quer dizer que eu esteja certo.

Madeleine continuou:

– A coisa que mais escuto você falar, a “estranheza” que mais o incomoda, é o envolvimento do Peter Pan, que supostamente só aceitava contratos muito difíceis. Então só há duas perguntas. Primeiro, “quem estava no enterro de Mary Spalter e seria o mais difícil de matar?” E, segundo, “Carl passou na frente dessa pessoa enquanto ia para o pódio?”

A reação exclamativa de Hardwick pareceu cheia de certeza, apesar da fala um tanto engrolada.

– A resposta à primeira pergunta é “Jonah”. A resposta à segunda é “sim”.

Gurney chegara à mesma conclusão quase quatro horas antes, no corredor perto da roda-gigante, mas era tranquilizador ver outra mente chegar à mesma resposta. Tendo Jonah como a vítima pretendida, todas as peças tortuosas do caso se organizavam. Jonah era algo entre difícil e impossível de ser localizado

fisicamente, o que o tornava o desafio perfeito para Panikos. Na verdade, o enterro da mãe podia ser o único acontecimento capaz de garantir sua presença num local previsível numa hora previsível, motivo pelo qual Panikos a matara. A posição de Jonah, sentado junto à sepultura, resolvia o problema da linha de visão a partir do apartamento na Avenida Axton. Carl não poderia ser atingido enquanto passava por Alyssa, mas poderia, com facilidade, ser acertado por uma bala destinada a Jonah enquanto tropeçava para o chão diante dele. Essa hipótese também explicava a incoerência que havia incomodado Gurney desde o início: como Carl conseguira percorrer mais de 3 metros *depois* de uma bala ter destruído o centro motor em seu cérebro? A resposta simples era que isso não havia acontecido. E, por fim, o resultado absurdo – o "Mágico" ter atirado no homem errado, podendo se transformar em motivo de piada nos próprios círculos em que sua reputação importava – explicava seus esforços mortais posteriores para manter em segredo esse fato desastroso.

A pergunta seguinte veio de forma natural.

Kyle a verbalizou, incomodado:

– Se Jonah era o alvo real, quem contratou Panikos para matá-lo?

Segundo uma simples perspectiva de "quem se beneficiava", para Gurney a resposta parecia óbvia. Só uma pessoa se beneficiaria significativamente com a morte de Jonah, e de modo *muito* significativo.

A expressão dos quatro deixou claro que a resposta era óbvia para todos eles.

– Sujeitinho sacana – murmurou Hardwick.

– Meu Deus...

Parecia que a visão da natureza humana por parte de Madeleine

tinha levado um duro golpe.

Todos se encararam, como se imaginassem se poderia existir uma explicação alternativa.

Mas parecia que não havia como escapar da verdade abominável.

O homem que pagara pelo atentado que matou Carl Spalter só poderia ser ninguém menos do que o próprio Carl Spalter. Em seu esforço para eliminar o irmão, tinha selado seu próprio destino terrível: a morte lenta, com a consciência de sua total responsabilidade.

Era ao mesmo tempo horrível e ridículo.

Mas tinha uma simetria terrível, inegavelmente satisfatória.

Era o carma agindo com força total.

E finalmente fornecia uma explicação adequada para a expressão de pavor e desespero no rosto do homem agonizante no tribunal, um homem que já estava no inferno.

Nos quinze minutos seguintes a conversa oscilou entre observações soturnas sobre fratricídio e os futuros esforços para enfrentar as difíceis questões práticas da situação em que estavam emaranhados.

Como colocou Hardwick, devagar mas decidido:

– Deixando de lado a situação trágica estilo Caim e Abel, precisamos pensar em que pé estamos. Vai ter início agora uma suruba legal e policial gigantesca, com cada participante se esforçando ao máximo para comer e não ser comido.

Gurney assentiu com a cabeça.

– Por onde você quer começar?

Antes que Hardwick pudesse responder, Esti surgiu junto à porta,

sem fôlego e parecendo ao mesmo tempo temerosa, aliviada e curiosa.

– Olá, docinho – O sussurro áspero de Hardwick foi acompanhado por um sorriso suave. – Como conseguiu vir até aqui com todo o inferno se abrindo?

Ela ignorou a pergunta, simplesmente correu até a beira da cama e pegou a mão dele.

– Como você está?

Ele deu um sorrisinho torto.

– Tudo bem. Bala escorregadia. Atravessou direto, sem acertar nada vital.

– Ótimo! – exclamou Esti, parecendo alarmada e feliz ao mesmo tempo.

– Então me diga, como você se livrou?

– Eu não me *livrei*, pelo menos oficialmente. Só fiz um desvio enquanto estava indo ajudar no trânsito. Vocês acreditam que agora temos mais idiotas vindo para a área do que tentando sair dela? Que gente escrota, que adora uma tragédia!

– Então eles estão colocando investigadores para cuidar do trânsito?

– Estão colocando todo mundo em todas as funções. Você não imagina a confusão que está acontecendo por lá. Tem um monte de boatos rolando. – Ela deu um olhar expressivo a Gurney, que estava sentado ao pé da cama. – Estão falando sobre um assassino maluco explodindo tudo. Sobre um detetive do Departamento de Polícia de Nova York que atirou num garoto. Ou talvez tenha atirado no assassino maluco. Ou num anão não identificado. – Ela olhou de volta para Hardwick. – Um dos policiais me disse que o anão era Panikos, e que foi ele que atirou em você, e que de algum modo fez isso depois de morto. Estão entendendo o que eu quero dizer? Todo

mundo está falando sobre tudo, mas ninguém fala algo que faça sentido. E além de tudo isso há uma disputa de poder entre o pessoal do xerife do condado, o pessoal da cidade, a polícia estadual, e em breve talvez os federais. Por que não? Quanto mais gente, mais animação, não é? E tudo isso está acontecendo enquanto pessoas enlouquecidas no estacionamento batem nos carros umas das outras, todas tentando sair primeiro. Fora os babacas mais malucos ainda tentando entrar, talvez para tirar fotos, colocar no Facebook... Resumindo, é assim que estão as coisas por lá. – Ela alternou o olhar entre Hardwick e Gurney. – Vocês estavam lá. Que história é essa do garoto? Você atirou nele? Ele atirou em você? Que diabo vocês estão fazendo aqui, para começo de conversa?

Hardwick olhou para Gurney.

– Fique à vontade para explicar tudo. Para mim está ficando difícil falar agora.

– Certo. Vou ser rápido, mas preciso começar do início.

Esti ouviu num espanto ansioso o rápido relato de Gurney sobre os principais acontecimentos da noite – desde a explosão na pilha de madeiras e a morte de Klemper perto do canteiro de aspargos até a perseguição de motocicleta e a morte de Peter Pan no meio da destruição indiscriminada na feira.

Depois de um silêncio perplexo, a primeira pergunta dela foi:

– Você tem como provar que a pessoa em quem atirou era mesmo o Panikos?

– Sim e não. Podemos provar definitivamente que a pessoa em quem eu atirei é a mesma que provocou a série de explosões, e cuja arma escondida disparou acertando o Jack. O pessoal do xerife está com a custódia do corpo, da arma e do celular que ele estava usando como detonador remoto. Os registros da torre de celular mais próxima vão mostrar que ele ligou para uma série de números

naquele mesmo local. E não tenho dúvida de que os horários dessas ligações vão se relacionar precisamente com os horários das explosões, o que pode ser verificado pelos registros de segurança da feira. Se tivermos sorte, os fragmentos de bombas vão incluir pedaços de sistemas de detonação por celular, e os sistemas vão ser iguais aos usados na casa do Bincher. E é quase certo que teremos uma combinação entre as fórmulas incendiárias químicas usadas na feira e na casa do Bincher. Se a arma escondida no corpo de Panikos foi utilizada em outro lugar, isso pode abrir outra porta. Ligar o corpo e o DNA à identidade de Panikos na Europa será trabalho para a Interpol e seus parceiros interessados. Enquanto isso, as fotos de pré-autópsia do rosto, que estava intacto na última vez em que vi, podem ser comparadas com as feições capturadas nos vídeos de segurança que estão conosco.

Enquanto Esti assentia devagar, num esforço evidente para absorver e lembrar tudo isso, Gurney concluiu:

– Tenho cem por cento de convicção de que o corpo pertence a Panikos. Mas numa perspectiva puramente legal, com o objetivo de tirar o rabo da reta, isso não tem importância. Podemos provar que o corpo pertence a um indivíduo que foi responsável pela morte de só Deus sabe quantas pessoas apenas nas últimas duas horas.

– Na verdade, não é só Deus que sabe. A última contagem está entre cinquenta e cem.

– O quê?

– Foi o último número que ouvi enquanto saía para cuidar do trânsito. E deve aumentar. Queimaduras sérias, duas construções desmoronadas, uma disputa fatal no estacionamento, crianças pisoteadas. E o maior foi o colapso da roda-gigante.

– *De cinquenta a cem?* – sussurrou Madeleine com horror.

– Meu Deus!

Gurney se recostou na cadeira, fechando os olhos. Podia ver a roda-gigante tombando, caindo lentamente, desaparecendo atrás da barraca. Podia ouvir o estrondo chocante, os gritos rasgando a balbúrdia medonha.

Houve um silêncio prolongado no quarto, rompido por Hardwick:

– Poderia ter sido pior, talvez muito pior – resmungou ele –, se o Dave não tivesse parado o sacaninha naquela hora.

Diante dessa observação, todos assentiram com ar sombrio.

– Além disso – acrescentou Hardwick –, no meio de toda aquela merda horrível, ele conseguiu solucionar o caso do assassinato do Spalter.

Esti ficou espantada.

– Solucionou... como?

– Conte a ela, Sherlock.

Gurney repassou a hipótese tendo Carl como o vilão trágico que deu início à trama que saiu pela culatra.

– Então o plano dele era eliminar o irmão, assumir o controle da imobiliária Spalter, liquidar os bens para uso próprio?

Gurney assentiu.

– É como eu vejo.

Hardwick também assentiu.

– Cinquenta milhões de dólares. Mais ou menos a quantia necessária para comprar a mansão do governador.

– E ele achou que nunca iríamos descobrir que ele era o responsável? Meu Deus, que filho da puta arrogante! – Ela olhou curiosamente para Gurney. – Você está com uma expressão estranha. O que é?

– Só estou pensando que um atentado contra o irmão poderia ter

sido uma grande vantagem na campanha do Carl. Ele poderia tratar isso como um esforço da máfia para assustá-lo e afastá-lo da política, um esforço para impedir que um homem íntegro assumisse o governo do estado. Fico imaginando se isso faria parte de seu plano o tempo todo, apresentar o assassinato do irmão como prova da própria virtude.

– Gosto disso – observou Hardwick com um brilho cínico nos olhos. – Cavalgar a porra do cadáver como um cavalo branco, direto até a posse!

Gurney sorriu. Considerava a ressurgência da vulgaridade de Hardwick um indicador muito positivo de saúde.

Esti mudou de assunto:

– Então Klemper e Alyssa eram apenas pequenos abutres podres tentando faturar, depois do fato, às custas de Kay?

– Pode-se dizer que sim – respondeu Gurney.

– Na verdade – disse Hardwick com algum prazer –, mais parece uma abutrezinha podre chamada Alyssa e um idiota comedor de abutre chamado Mick Cacete.

Depois de olhá-lo durante vários longos segundos com o carinho dolorido que alguém poderia sentir por uma criança adoravelmente incorrigível, Esti segurou a mão dele e apertou-a.

– É melhor eu ir. Deveria estar interceptando e desviando o tráfego formado pelos idiotas que estão indo da interestadual para a feira.

– Atire nos sacanas – sugeriu ele, solícito.

Depois que ela saiu, os restantes debateram a história por mais algum tempo e o assunto evoluiu para teorias sobre culpa e autodestruição, e tudo isso parecia estar provocando sono em Hardwick.

Kyle se lembrou de algo que tinha aprendido numa aula de psicologia na faculdade: a teoria freudiana dos acidentes – a ideia de que esses acontecimentos poderiam não ser “acidentais” de fato, mas que teriam um propósito: impedir ou punir uma ação com relação à qual a pessoa está em conflito.

– Fico imaginando se algo assim poderia estar por trás do tropeço de Carl, como aconteceu, na frente do irmão.

Ninguém pareceu interessado em continuar com o assunto.

Como se procurasse alguma estrutura organizacional em que pudesse encaixar os acontecimentos caóticos, ele levantou a questão do carma:

– Não foi somente o Carl que sofreu com as próprias ações malignas se voltando contra ele. Quero dizer, pensem bem. A mesma coisa aconteceu com o Panikos quando foi esmagado pela roda-gigante que *ele* explodiu. E vejam o que aconteceu com o Mick Klemper quando foi atrás do meu pai. Até Lex Bincher, que deu uma surtada com aquela ego trip enorme na RAM-TV, reivindicando o crédito por toda a investigação, e acabou sendo morto por isso. Cara, tipo... esse negócio de carma é *real*.

Kyle parecia tão sério, tão empolgado com essa ideia, tão *jovem* – lembrando tanto seus momentos de entusiasmo na adolescência –, que Gurney sentiu uma ânsia de abraçá-lo. Mas agir de forma tão espontânea assim, obedecendo a um impulso, especialmente em público, não fazia parte da sua natureza.

Pouco depois, dois auxiliares de enfermagem apareceram para levar Hardwick à Radiologia, para exames adicionais. Enquanto o acomodavam na maca, ele se virou para Gurney.

– Obrigado, Davey. Estou... estou achando que talvez você tenha salvado minha vida... me trazendo para cá tão depressa.

Numa atitude rara em Hardwick, ele disse isso sem qualquer

ironia.

– Bom... – murmurou Gurney, desajeitado, jamais confortável com agradecimentos. – Você tem um carro veloz.

Hardwick soltou uma risadinha – que terminou com um gemido sufocado, em razão da dor que ela produziu – e os auxiliares o empurraram para fora.

Madeleine, Kyle e Gurney ficaram no quarto, de pé em volta da cama vazia. Todos talvez quase à beira de um colapso, todos sem nada para dizer.

O silêncio foi rompido pelo toque de um telefone. Era o de Kyle. Ele olhou para o identificador de chamadas.

– Meu Deus – disse a ninguém em particular, depois olhou para o pai. – É a Kim. Eu falei para ela que iria ligar, mas com tudo isso... – Depois de um momento de indecisão, acrescentou: – É melhor falar com ela.

Ele saiu do quarto e, no corredor, afastou-se do alcance da vista e da audição dos outros.

Madeleine estava olhando para Gurney com uma expressão que era ao mesmo tempo cheia de enorme alívio e grande cansaço – as mesmas características que estavam em sua voz.

– Você acabou se saindo bem – afirmou. Depois acrescentou: – É o principal.

– É.

– E resolveu o mistério. De novo.

– É. Pelo menos acho que sim.

– Ah, não há dúvida.

No rosto dela havia um sorriso gentil, indecifrável.

Um silêncio se instalou entre eles.

Além de uma profunda onda de exaustão emocional e física, Gurney começou a sentir uma dor e uma rigidez se espalhando pelo corpo – que, depois de um momento meio confuso, ele atribuiu ao fato de ter sido derrubado pelos dois policiais durante os esforços para chutar o celular da mão de Panikos.

De repente estava cansado demais para pensar, cansado demais para sequer ficar de pé.

Por um momento, parado no quarto do hospital, Gurney fecha os olhos. Quando faz isso, vê Peter Pan – todo de preto, de costas para ele. O sujeitinho começa a se virar. Seu rosto é de um amarelo-esverdeado, o sorriso vermelho-sangue. Virando-se. Virando-se para ele, levantando os braços como as asas de um pássaro predador.

Os olhos no rosto amarelo-esverdeado são os de Carl Spalter. Cheio de horror, ódio e desespero. Os olhos de um homem que deseja nunca ter nascido.

Gurney se encolhe diante da visão, tenta focalizar Madeleine.

Ela sugere que ele se deite na maca do hospital. Oferece-se para massagear seu pescoço, os ombros e as costas.

Ele concorda e logo se vê num estado de semiconsciência, sentindo apenas o calor e a pressão gentil das mãos dela.

A voz de Madeleine, suave e tranquilizadora, é a única outra realidade da qual ele tem consciência.

Entre a exaustão e o sono há um local de profunda libertação, simplicidade e clareza, onde ele quase sempre encontrou uma espécie de serenidade incapaz de achar em qualquer outro lugar. Imaginava que a sensação deveria se parecer com o barato de heroína, um jorro de paz completa, impenetrável.

Normalmente era um estado de isolamento de todos os estímulos sensoriais – trazendo uma incapacidade abençoada de

dizer onde seu corpo terminava e o resto do mundo começava –, mas nesta noite era diferente. Nesta noite o som da voz de Madeleine e o calor penetrante das mãos dela se incorporaram ao casulo.

Ela está falando sobre um passeio na costa da Cornualha, os campos verdes inclinados, os muros de pedra, os penhascos altos sobre o mar...

Andar de caiaque num lago turquesa no Canadá...

Passear de bicicleta nos vales das Catskill...

Colher mirtilos...

Construir casas para os azulões na borda do pasto alto...

Atravessar um riacho numa trilha de terra nas Terras Altas da Escócia...

A voz dela é suave e calorosa como o toque de suas mãos nos ombros dele.

Gurney pode vê-la de bicicleta, com tênis brancos, meias amarelas, short fúcsia e casaco de náilon lilás tremeluzindo ao sol.

O sorriso dela é o sorriso de Malcolm Claret. Sua voz é a voz dele.

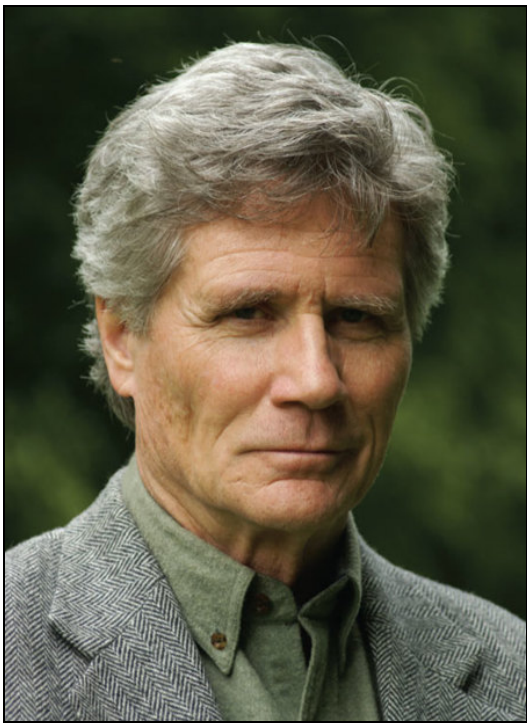
– Na vida não há nada mais importante que o amor. Nada.

Agradecimentos

A série de Dave Gurney continua a se beneficiar enormemente da orientação e do apoio cruciais da melhor agente do mundo, Molly Friedrich – junto de suas notáveis sócias, Lucy Carson e Nichole LeFebvre, que se esforçaram tanto para tornar a série um sucesso internacional. E mais uma vez estou em dívida com meu grande editor, Rick Horgan, cujos comentários e sugestões incisivos tornam tudo o que escrevo tão melhor. Finalmente, um obrigado especial ao meu bom amigo Porter Kirkwood, por tirar um tempo para ler um rascunho inicial deste romance e me corrigir com relação às questões jurídicas gerais envolvidas na trama. Ele é responsável pelo que consegui acertar. Qualquer erro que possa ter se esgueirado no livro é de minha inteira responsabilidade.

Sobre o autor

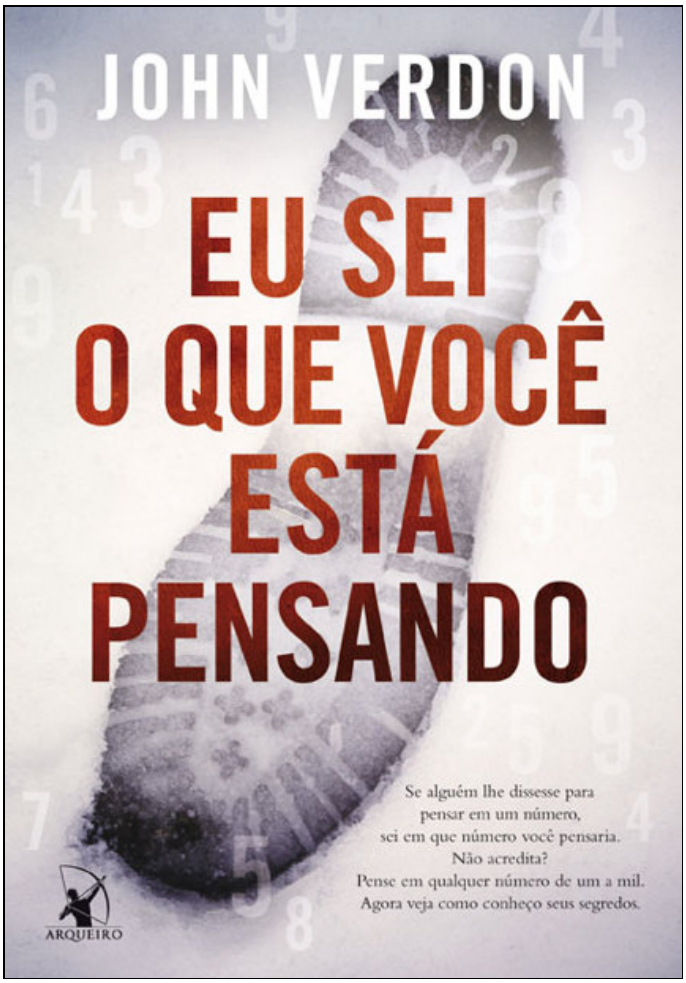
© Naomi Fisch



Depois de uma carreira bem-sucedida no ramo publicitário, John Verdon se mudou com a esposa, Naomi, para as montanhas Catskills, na região rural do estado de Nova York.

Para mais informações, visite www.johnverdon.net.

CONHEÇA OUTROS LIVROS COM O DETETIVE DAVE GURNEY



Eu sei o que você está pensando

Eu sei o que você está pensando propõe um enigma que parece insolúvel. Um homem recebe pelo correio uma carta provocadora que termina da seguinte forma: “Se alguém lhe dissesse para pensar em um número, sei em que número você pensaria. Não acredita? Vou provar. Pense em qualquer número de um a mil. Agora veja como conheço seus segredos.”

O destinatário, Mark Mellery, pensa no número 658 e, ao abrir um envelope que acompanha a mensagem, descobre que o autor

da carta previu corretamente o número que ele acabara de escolher de modo aleatório. Como isso seria possível?

Desesperado com os bilhetes ameaçadores que se seguem à carta, Mark, um guru da autoajuda, procura um velho colega de faculdade, o brilhante detetive David Gurney, recentemente aposentado do Departamento de Polícia de Nova York.

Aos 47 anos, 25 deles dedicados a desvendar terríveis casos de homicídio, David acaba de se mudar com a esposa, Madeleine, para uma fazenda no interior do estado e tenta se adaptar a um novo estilo de vida. Mas sua mente, extremamente lógica, é fisgada pelo quebra-cabeça apresentado por Mark.

O “superdetetive”, apelido que ganhou da imprensa no auge da carreira, percebe que encontrou um vilão à sua altura quando as estranhas ameaças terminam em morte. Tudo leva a crer que o assassino, além de ser clarividente, cometeu um crime impossível, deixando pistas sem sentido e desaparecendo no meio do nada.

Consumido pelo desafio de encontrar uma resposta lógica para o caso, David aceita trabalhar como consultor na investigação, colocando em risco seu já debilitado casamento e até mesmo sua vida.

Considerado uma revelação, John Verdon criou em seu livro de estreia um personagem denso, cerebral, capaz de resolver crimes dignos de Hercule Poirot e Sherlock Holmes. Aclamado pelo público e pela crítica, *Eu sei o que você está pensando* foi vendido para 24 países.



Feche bem os olhos

David Gurney sempre foi viciado em resolver enigmas. Mesmo dois anos depois de ter trocado a carreira policial pela pacata vida no campo, sua mente investigativa não consegue resistir a uma boa charada. Foi assim com o caso do Assassino dos Números, um ano antes. Agora, a história se repete quando ele é convidado para trabalhar como consultor e ajudar a polícia a desvendar um instigante homicídio.

Jillian Perry, uma jovem de 19 anos, foi morta de maneira brutal no dia do próprio casamento. Todas as pistas apontam para um misterioso jardineiro, só que nada mais na história se encaixa: o

motivo, o lugar onde a arma do crime foi deixada e, principalmente, o *modus operandi*.

A princípio, David reluta em aceitar o convite, preocupado em preservar seu casamento, já que sua esposa, Madeleine, é totalmente avessa ao seu envolvimento em qualquer assunto policial. Porém, recusar-se a participar da investigação seria ir contra sua essência e David acaba se convencendo de que não conseguirá dormir em paz enquanto o criminoso estiver à solta.

Quando começa a entrevistar parentes e conhecidos de Jillian e a avançar no caso, fica claro que o assassino é não só mais inteligente e implacável do que ele esperava, como também destemido o suficiente para atacar seu ponto fraco. David terá que pensar além das evidências para desvendar o quebra-cabeça mais sinistro com que já se deparou.

Com uma voz narrativa arrebatadora e personagens irresistíveis, John Verdon constrói um suspense vertiginoso, que reserva uma surpresa a cada página. *Feche bem os olhos* tem tudo para alcançar o mesmo sucesso de *Eu sei o que você está pensando*, aclamado pelos leitores e pela crítica.



Não brinque com fogo

No ano 2000, um criminoso que ficou conhecido como Bom Pastor matou seis pessoas em estradas, dentro de seus carros em movimento. Na época, ele enviou um manifesto à polícia no qual deixava claras suas motivações: uma cruzada solitária contra a ganância. Após o sexto assassinato, no entanto, encerrou a matança e nunca foi descoberto.

Dez anos depois, uma jovem estudante de jornalismo está fazendo um documentário sobre os familiares das vítimas quando coisas estranhas começam a acontecer em sua casa. Objetos são

trocados de lugar, maçanetas são afrouxadas, luzes se apagam sozinhas.

Assustada, ela contrata Dave Gurney como consultor. Depois de ler o material sobre o caso – incluindo o perfil psicológico do assassino elaborado pelo FBI –, o detetive coloca em dúvida toda a lógica da investigação.

Ao confrontar os agentes responsáveis, porém, Dave percebe que está mexendo em um ninho de vespas, o que fica evidente quando até pessoas que o apoiaram no passado se voltam contra ele.

Agora seu único aliado é o antigo parceiro Jack Hardwick, um policial grosseirão e debochado que não esconde seu desprezo pelas autoridades. Com sua ajuda, Dave tem acesso aos relatórios confidenciais do caso e começa a própria investigação. Mais uma vez, ele se colocará em risco enquanto tenta provar seu ponto de vista e capturar o criminoso.

Além de reunir todas as qualidades da série Dave Gurney – personagens bem construídos e uma admirável engenhosidade narrativa –, *Não brinque com fogo* vai além: é um lembrete do poder da fé em si mesmo num mundo onde isso é cada vez mais raro.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.

 www.editoraarqueiro.com.br

 facebook.com/editora.arqueiro

 twitter.com/editoraarqueiro

 instagram.com/editoraarqueiro

 skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

Créditos
Prólogo
Primeira parte
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19

Segunda parte
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39
Terceira parte
Capítulo 40
Capítulo 41

Capítulo 42
Capítulo 43
Capítulo 44
Capítulo 45
Capítulo 46
Capítulo 47
Capítulo 48
Capítulo 49
Capítulo 50
Capítulo 51
Capítulo 52
Capítulo 53
Quarta parte
Prólogo
Capítulo 54
Capítulo 55
Capítulo 56
Capítulo 57
Capítulo 58
Capítulo 59
Capítulo 60
Capítulo 61
Capítulo 62
Agradecimentos

Sobre o autor
Conheça outros livros com o detetive Dave Gurney
Informações sobre a Arqueiro